

**Programação de Teatros Municipais.
Três estudos de caso no distrito de Aveiro: Cineteatro Alba,
Cineteatro de Estarreja e Centro Cultural de Ílhavo.**

Rafael Figueiredo Vieira

**Trabalho de Projecto de Mestrado
em Práticas Culturais para Municípios**

Dezembro de 2015

Programação de Teatros Municipais.
Três estudos de caso no distrito de Aveiro: Cineteatro Alba,
Cineteatro de Estarreja e Centro Cultural de Ílhavo.

Rafael Figueiredo Vieira

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Práticas Culturais para Municípios realizado sob a
orientação científica do Professor Carlos Vargas

Dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Trabalho dedicado à Sandra e ao Prof. Carlos Vargas, que foram o pilar da minha vida
ao longo da elaboração do trabalho.

Agradeço também ao André e à Catarina pela amabilidade e guarida;

à minha Mãe e à Patrícia, pelo apoio eterno;

à Teresa;

à Isabel Pinto e ao Luís Portugal;

ao José Pina;

ao Pedro Teixeira;

a todos os técnicos dos Teatros que me receberam amavelmente;

a todos os docentes de PCM, que tanto admiro intelectualmente;

aos colegas de PCM, pela partilha de experiências.

RESUMO

A programação cultural nos municípios portugueses, no âmbito das artes do espectáculo, concretiza-se essencialmente através dos teatros municipais. Nesse sentido considera-se pertinente investigar junto de quem gere e programa os Teatros Municipais, o que significa programar um Teatro Municipal, quais os objectivos e critérios de programação, e analisar os dados programáticos.

No presente trabalho apresentam-se três estudos de caso de municípios contíguos e periféricos em relação à capital de distrito: Albergaria-a-Velha, Estarreja e Ílhavo. A intenção é analisar a programação e identificar estratégias comuns e distintas de actuação dos três Teatros Municipais – Cineteatro Alba, Cineteatro Estarreja e Centro Cultural de Ílhavo - que apresentam programação regular desde que reinaugurados e inaugurado.

Palavras-Chave: Aveiro; Albergaria-a-Velha; Estarreja; Ílhavo; Teatro Municipal; Programação; Artes do Espectáculo.

ABSTRACT

The cultural programming in portuguese municipalities, within the performing arts, takes place, above all, in the Municipal Theaters. In this sense it is considered pertinent to investigate with whom manages and programmes Municipal Theatres, what means to programm a Municipal Theatre, which are the programming objectives and criteria, and to analyse the programming.

In this work we present three case studies of contiguous municipalities and peripherals in relation to the district capital: Albergaria-a-Velha, Estarreja and Ilhavo. The objective is to analyze the programming and identify common and distinct strategies of the three Municipal Theatres - Alba Theater, Estarreja Theatre and the Cultural Centre of Ílhavo - that have been regularly programming since reopened and opened.

Keywords: Aveiro; Albergaria-a-Velha; Estarreja; Ílhavo; Municipal Theatre; Programming; Performing Arts

O presente trabalho não respeita o Novo Acordo Ortográfico.

Índice

Índice de Figuras	VII
Lista de Abreviaturas	VIII
Introdução	1
Apresentação do tema.....	1
Critérios de selecção dos estudos de caso e do intervalo de tempo	2
Objecto de estudo.....	3
Objectivos do trabalho de projecto:	3
Instrumentos de investigação.....	3
1. Para uma definição de Teatro em contexto municipal.....	4
1.1 Os Teatros Municipais em Portugal continental no fim do séc.XX e início do séc.XXI	4
1.2 Teatro em contexto municipal	5
1.3 Aprofundar o conceito de Teatro Municipal	7
2. Programar um Teatro Municipal	11
2.1 Portugal dotado de Teatros Municipais	11
2.2 Programar um Teatro Municipal	11
3. Caracterização sócio geográfica dos municípios de Albergaria-a-Velha, Estarreja e Ílhavo	15
3.1 Albergaria-a-Velha.....	15
3.2 Estarreja	16
3.3 Ílhavo	17
4. Três estudos de caso	18
4.1 Cineteatro Alba.....	20
4.1.1 Caracterização	20
4.1.2 O que é programar o Cineteatro Alba	22
4.1.3 Análise da programação do Cineteatro Alba (2012-2014)	23
4.2 Cineteatro de Estarreja.....	30
4.2.1 Caracterização	30
4.2.2 O que é programar o Cineteatro Estarreja	32
4.2.3 Análise da programação do Cineteatro Estarreja (2005-2014)	33
4.3 Centro Cultural de Ílhavo.....	41

4.3.1 Caracterização	41
4.3.2 O que é programar o CCI	42
4.3.3 Análise da programação do Centro Cultural de Ílhavo (2008-2014)	43
Considerações Finais.....	51
Bibliografia	55
Anexos	61

Índice de Figuras

Fig. 1 - Objectivos de um Teatro (esquema Rafael Vieira, 2015)	9
Fig. 2 - Objectivos de um Teatro Municipal (esquema Rafael Vieira, 2015)	10
Fig. 3 – Mapa do distrito de Aveiro. (Rafael Vieira, 2015)	15
Fig. 4 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2012-2014.	24
Fig. 5 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2012-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)	24
Fig. 6 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2005-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)	34
Fig. 7 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2005-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)	34
Fig. 8 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2008-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)	44
Fig. 9 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2008-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)	44
Fig. 10 - Valor absoluto de acções, com excepção de cinema, por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)	52
Fig. 11 - Esquema de objectivos alcançados. (Rafael Vieira, 2015).....	54

Lista de Abreviaturas

- ARMAB - Associação Recreativa e Cultural Amigos da Branca
- CCA – Cineclube de Avanca
- CCGN – Centro Cultural da Gafanha da Nazaré
- CCI – Centro Cultural de Ílhavo
- CIRA – Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro
- CMA – Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha
- CME – Câmara Municipal de Estarreja
- CMI – Câmara Municipal de Ílhavo
- CMJ – Conservatório de Música da Jobra
- CTA – Cineteatro Alba (Albergaria-a-Velha)
- CTE – Cineteatro de Estarreja
- DASECD – Divisão de Acção Social, Educação, Cultura e Desporto
- DeCa – Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro
- DGArtes – Direcção Geral das Artes
- GAVE – Guia das Artes Visuais e do Espectáculo
- LAC – Laboratório de Aprendizagem Criativa
- NUT – Nomenclatura de Unidades Territoriais
- OAC – Observatório das Actividades Culturais
- POC – Programa Operacional de Cultura
- RUCI – Rede da Comunidade Interurbana de Aveiro
- SAC – Serviço de Aprendizagem Criativa
- SEMI – Serviço Educativo do Município de Ílhavo

Introdução

Apresentação do tema

A programação cultural nos municípios portugueses concretiza-se, essencialmente, em equipamentos culturais sob gestão autárquica, como são o caso das bibliotecas municipais, dos museus municipais, dos arquivos municipais e dos Teatros Municipais. De entre os equipamentos municipais a programação das artes do espectáculo encontra nos Teatros Municipais o palco principal. Os Teatros Municipais constituem-se como pólos privilegiados para apresentar ao público e à comunidade espectáculos em circulação nacional e internacional.

No âmbito do mestrado de Práticas Culturais para Municípios torna-se pertinente estudar a programação de Teatros Municipais com a principal finalidade de analisar os modos de actuação. A programação, com maior ou menor regularidade, é o pilar vital que define um Teatro Municipal e consequentemente enuncia a dinâmica cultural de determinado núcleo urbano. Porém, programar um Teatro Municipal é um conceito de ténue objectividade e que varia consoante a entidade e modelo de gestão.

Nesse sentido considera-se uma mais-valia investigar junto de quem gere e programa os Teatros Municipais, o que significa programar um Teatro Municipal, quais os objectivos e critérios de programação, e analisar os dados programáticos.

No presente estudo verifica-se, logo no primeiro capítulo, a necessidade de definir Teatro em contexto de município enquanto equipamento com diferentes designações. Por outro lado distingue-se Teatro Municipal enquanto equipamento cultural de Teatro Municipal como instituição cultural ao serviço do município; distinção que se revela imprescindível para contextualizar a investigação e a análise da programação. Definir o que é programar um Teatro Municipal corresponde a mais uma etapa fundamental da fase de investigação, que se desenvolve no segundo capítulo. O terceiro capítulo remete para a caracterização sócio-geográfica dos municípios em estudo. O quarto capítulo centra-se nos três estudos de caso - Cineteatro Alba, Cineteatro Estarreja e Centro Cultural de Ílhavo -, no qual se caracteriza cada Teatro, se descreve a perspectiva do que é programar cada instituição e se analisa a programação. Por último, nas considerações finais, reflecte-se sobre as principais diferenças e semelhanças de modelos operativos de cada Teatro e comparam-se dados programáticos.

Critérios de selecção dos estudos de caso e do intervalo de tempo

Os Teatros Municipais distribuem-se pelo território continental português e arquipélagos, quer em áreas metropolitanas quer em cidades de pequena e média dimensão. Com a perspectiva de tomar contacto com as práticas culturais de comunidades que se fixam fora dos grandes centros urbanos, excluíram-se, como hipóteses de estudo, os municípios que integram as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Por incompatibilidade geográfica também se excluiu qualquer município dos arquipélagos.

O intuito de analisar os conteúdos programáticos e os critérios que os definem declinou que a investigação se centrasse num território que abrange localidades com características comuns e semelhantes. A escolha do distrito de Aveiro deve-se à identificação de 14 Teatros Municipais¹ que apresentam actividade regular.² Na perspectiva de comparar a dinâmica cultural do Teatro da capital de distrito com Teatros de municípios periféricos, de menor escala territorial e populacional, optou-se por estudar os Teatros de Aveiro, Estarreja e Ílhavo. A resposta negativa por parte do município de Aveiro para que se estudasse a programação do Teatro Aveirense³ originou o convite ao Teatro de Albergaria-a-Velha, quer por apresentar programação regular quer pela proximidade geográfica, motivando uma alteração na finalidade do estudo, que passou a centrar-se na análise da programação de três Teatros de municípios contíguos e periféricos em relação à capital de distrito – Aveiro.

Não se revelou profícuo delimitar um intervalo de tempo para o estudo da programação que fosse comum aos três Teatros devido ao facto de se verificar que iniciaram actividade em anos distintos. Para um intervalo de tempo comum apenas seria possível estudar a programação dos três Teatros desde 2012, ano em que foi reinaugurado o Cineteatro Alba – Albergaria-a-Velha. Nesse contexto decidiu-se estudar a programação de cada Teatro desde o respectivo reinício ou início de actividade regular.

¹ Teatro Aveirense - Aveiro; Centro Cultural de Ílhavo; Cineteatro de Estarreja; Cineteatro Alba – Albergaria-a-Velha; Quartel das Artes – Oliveira do Bairro; Centro de Artes e Espectáculos de Sever do Vouga; Centro de Arte de Ovar; Cineteatro São Pedro – Águeda; Auditório de Espinho; Cineteatro António Lamoso – Sta.Maria da Feira, Casa da Criatividade – São João da Madeira, Auditório Municipal de Castelo de Paiva, Cineteatro Caracas – Oliveira de Azeméis, Cineteatro Municipal Messias – Mealhada.

² Para efeito deste trabalho considera-se actividade regular como um conjunto acções planeadas num período de tempo.

³ “Não podemos aceder à sua solicitação, dado que o Teatro Aveirense se encontra num processo profundo e complexo de reestruturação em termos institucionais, organizativos, nomeadamente ao nível da gestão financeira e de recursos humanos, pelo que nesta fase e durante os próximos meses não podemos aceder a este tipo de pedidos.” Eng. José Ribau Esteves, Presidente da C.M. Aveiro; resposta enviada via email a 18/01/2015.

Objecto de estudo

O objecto de estudo do presente trabalho é a análise da programação de três Teatros Municipais do distrito de Aveiro – dos municípios de Albergaria-a-Velha, Estarreja e Ílhavo – que apresentam programação regular desde que reinaugurados e inaugurado. O objecto de estudo relaciona-se com duas questões de partida inseparáveis: *O que é um Teatro Municipal?* e *O que é programar um Teatro Municipal?*

Objectivos do trabalho de projecto:

- apresentar e desenvolver o conceito de Teatro Municipal;
- descrever o que é entendido por programar um Teatro Municipal, segundo diversos autores e as instituições em estudo;
- identificar objectivos e critérios de programação de cada um dos Teatros;
- compilar e apresentar um conjunto de dados trabalhados (gráficos e tabelas) com base nas agendas municipais e culturais de cada município e Teatro em estudo;
- analisar a programação cultural de três Teatros Municipais estudos de caso;

Instrumentos de investigação

A leitura de fontes impressas e digitais referentes a dissertações, trabalhos de projecto, artigos, ensaios, crónicas, legislação, bem como a leitura de fontes institucionais apenas em formato digital - websites municipais e estatais, websites de periódicos nacionais e regionais - constituíram-se como os primeiros instrumentos de investigação a que se recorreu e aqueles que se revelaram indispensáveis à elaboração e desenvolvimento de conceitos

As metodologias privilegiadas no processo de investigação de dados e critérios de programação dos Teatros incidiram na recolha de fontes municipais - agendas municipais e culturais, dados estatísticos e outros documentos oficiais dos municípios -; mas sobretudo em entrevistas presenciais e questionário por via de correio electrónico aos responsáveis pela programação de cada instituição e ainda a outros técnicos autárquicos.

O acesso aos dados sobre programação do Cineteatro de Estarreja foi concedido por duas vias: documento interno disponibilizado e agendas e outros documentos de acesso público, enquanto que nos casos do Cineteatro Alba e Centro Cultural de Ílhavo recorreu-se apenas a agendas disponíveis publicamente.

1. Para uma definição de Teatro em contexto municipal

1.1 Os Teatros Municipais em Portugal continental no fim do séc.XX e início do séc.XXI

No âmbito do presente trabalho torna-se indispensável aludir a alguns estudos que contextualizam os resultados da reconstrução de Teatros e Cineteatros em Portugal, embora se considere prescindível uma descrição detalhada dos acontecimentos. A contextualização restringe-se a um diagnóstico das principais alterações que se fizeram sentir no mapa dos Teatros Municipais na última década do séc.XX e início de séc.XXI, na medida em que os Teatros em estudo contribuíram para o desenho desse novo mapa.

O estudo de Ana Rita Sousa (2013) contempla uma introdução que remete para a realidade mencionada. A autora refere que em 1996 surgiu um Despacho Normativo para o Programa de Adaptação e Instalação de Recintos Culturais⁴. Todavia, é em 1999 que o Ministério da Cultura, através do Programa Operacional de Cultura estabelecido com o apoio mecenático da Tabaqueira, S.A.⁵, impulsiona programas de descentralização cultural: *Rede Municipal de Espaços Culturais* e *Rede Nacional de Teatros e Cineteatros*.⁶ Nesse contexto um grande número⁷ de autarquias beneficiou⁸ da possibilidade de recuperar o edifício correspondente ao Teatro do município⁹ ou, em casos específicos, de construir um equipamento cultural de raiz.¹⁰ Um cenário que se desenhou, no final do séc.XX e início do séc.XXI, com a recuperação de antigos Teatros e Cineteatros, mas também com a construção de novos equipamentos – salas de espectáculos, auditórios, centros culturais -, muitos com características multidisciplinares, isto é, com condições técnicas para criação e apresentação de distintas obras artísticas e diversas tipologias de espectáculos. (Sousa, 2013)

O quadro de Teatros e Cineteatros existentes em Portugal continental tornava-se bastante diferente, sobretudo a nível de paisagem edificada nos municípios do interior do país e periféricos relativamente aos núcleos urbanos de Lisboa e Porto. Segundo dados da Arteemrede (2009) apresentados por Sousa (2013), entre 2002 e 2006, assistiu-se à

⁴ Despacho Normativo nº46/96 (1996), que “visa a constituição de um conjunto de salas em que as actividades das artes do espectáculo sejam preponderantes e com valências técnico-funcionais que permitam assegurar o acolhimento de espectáculos de natureza profissional, sem prejuízo das actividades de carácter local e, eventualmente, amador. Procura-se, desta forma, promover a recuperação e a construção de recintos que assegurem uma utilização artística permanente (...).” (Sousa, 2013, p.21).

⁵ Sobre o apoio mecenático da Tabaqueira, S.A. leia-se Cruz (2008).

⁶ Leia-se Santos & Araújo (2004).

⁷ Tome-se em atenção Vargas (2011).

⁸ Tome-se em atenção POC (2007)

⁹ Como sucedeu em Estarreja e Albergaria-a-Velha.

¹⁰ Como sucedeu em Ílhavo.

reabertura de mais de cento e trinta Teatros Municipais em cidades capitais de distrito e em localidades de média e pequena dimensão. Pode-se afirmar que relativamente a infra-estruturas físicas e equipamentos técnicos estavam reunidas as condições para as autarquias dinamizarem o tecido cultural local, facto que se revelou pouco ou nada homogéneo. A vida de grande parte dos Teatros estava agora dependente da política cultural dos municípios.

O contexto levou o poder político de determinadas cidades de pequena e média dimensão a adoptar estratégias para o sector cultural que colocassem o município no mapa cultural da região e do país. Sobre o assunto, e o novo mapa de recintos culturais, diversos autores¹¹ têm apresentado as suas lógicas reflexivas, das quais se pretende realçar as perspectivas de João Teixeira Lopes e do Observatório de Actividades Culturais (OAC).

Teixeira Lopes descreve que na primeira década do séc.XXI, são as cidades de “(...) média dimensão a revelar uma franca aposta no sector da cultura, a que não será alheio, por um lado, o estímulo que resulta de um ambiente de feroz competitividade entre cidades” (Lopes, 2000, p.85) .

Uma ideia partilhada por autores de estudos do OAC, que também realçam a crescente relevância do sector cultural enquanto factor de coesão social mas indissociável de modelos de desenvolvimento económico locais, na tentativa de que os concelhos sejam economicamente competitivos através da criação de uma imagem forte e identitária, muitas vezes com vista ao desenvolvimento do turismo local (Gomes, Lourenço, & Martinho, 2006).

Dinâmicas que tornaram os Teatros Municipais como *equipamentos âncora*¹² da vida cultural dos municípios, possibilitando ao poder político local responder aos desafios enunciados pelos autores.

1.2 Teatro em contexto municipal

O estudo da programação de Teatros Municipais torna incontornável definir o que é um Teatro Municipal. O primeiro passo recaiu na pesquisa de referências legisladoras, com o intuito de verificar se estes equipamentos são regulados por normas demarcadas pelo estado central, concluindo-se que não existe qualquer lei ou programa estatal que defina o que é um Teatro Municipal e que regule o seu funcionamento, ao contrário do que acontece com outros equipamentos culturais municipais, como são o caso dos museus¹³ e das

¹¹ Tome-se em atenção as reflexões de Costa (2007), Ribeiro (2011), Grande (2006), Depputter (2009), Rodrigues (2009), Ramos (2009).

¹² Expressão utilizada pelos programadores dos Teatros Municipais em estudo (ver Anexos 5.1, 5.2, 6.1, 6.2, 7.1, 7.2).

¹³ Lei nº 47/2004 publicada em Diário da República nº 195, de 19 de Agosto de 2004.

bibliotecas.¹⁴ A ausência de legislação incitou ainda mais a necessidade de recorrer a estudos académicos e científicos, ensaios e artigos, em que o conceito de Teatro Municipal é definido, abordado, discutido ou analisado.

Em primeiro lugar importa realçar as duas lógicas de Teatro Municipal: Teatro e Teatro em contexto municipal. A palavra Teatro tem origem na palavra grega *Théatron* que significa “lugar onde se vê um espectáculo” (Costa, 1987, p.1594)¹⁵, sendo a partir desta definição que se passa para a perspectiva do Teatro como um palco cultural pertencente a um município.¹⁶ Ou seja, um Teatro geograficamente localizado em determinado concelho e que é gerido pela respectiva autarquia.¹⁷

Para efeito do presente trabalho é considerado o paradigma enunciado por Sousa (2013), de que um Teatro Municipal é um equipamento que pode possuir diferentes características e designações: Teatro, Cineteatro, Auditório ou Centro Cultural, mas que em comum se definem como um espaço cultural destinado à apresentação de espectáculos de natureza artística sob gestão municipal. Em Portugal correspondem a edifícios reabilitados ou construídos no âmbito de programas referidos anteriormente e que se desejam que sejam um factor motivador à fruição cultural e à prática das artes nos diversos municípios.

O Teatro Municipal enquanto espaço cultural ao serviço de um município constitui-se como uma mais-valia no quadro de equipamentos locais, que em muitos casos, a par do museu, biblioteca e arquivo, formam uma rede municipal de equipamentos culturais.¹⁸

Os Teatros Municipais são equipamentos privilegiados para assegurarem o acesso das populações às artes do espectáculo, tornando-se lugares de “concertação entre os interesses dos seus diversos destinatários – o público, os artistas, o poder político, os responsáveis pela programação”.¹⁹ Na óptica do público e dos artistas o Teatro Municipal provoca a comunicação e a aprendizagem (de linguagens, formas, conteúdos artísticos, culturas e ideias) entre ambos, e na perspectiva da autarquia o Teatro constitui-se como um espaço de mediação entre o poder local e a população.²⁰

Ana Rita Sousa, no seu estudo, pormenoriza que os Teatros Municipais por serem

¹⁴ Através da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas criada pelo Decreto-Lei nº 92/2007, publicado em Diário da República nº 371, 30 de Março de 2007, e respectivo Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais, de 2009.

¹⁵ in Sousa (2013, p.8).

¹⁶ É possível complementar a definição de *Teatro* a partir de Houaiss, A. (2002, p.3472).

¹⁷ A propósito da definição de *Municipal* tome-se em atenção Houaiss, A. (2002, p.2568).

¹⁸ Para além da possibilidade de integrarem as redes municipais, há Teatros Municipais que integram redes regionais ou nacionais de programação.

¹⁹ A.A.V.V. (s/d, p.7).

²⁰ Sobre o assunto leia-se Lopes (2010) e Brujó (2015).

parte integrante dos serviços autárquicos devem “ser espaços vividos pelos munícipes, espaços impulsionadores de desenvolvimento local, e agentes fundamentais na dinâmica cultural do município.” (Sousa, 2013, p. 43).

1.3 Aprofundar o conceito de Teatro Municipal

A definição de Teatro Municipal enquanto equipamento cultural no contexto de um município é insuficiente para o presente estudo, na medida em que interessa a referência de Teatro Municipal enquanto instituição cultural, ou seja, muito mais que um espaço destinado à apresentação de artes do espectáculo sob gestão de um município.

A existência de um espaço onde decorrem espectáculos culturais não é um factor para que o mesmo se torne uma organização cultural. A fronteira é ténue, mas a acrescentar à programação, mesmo que regular, considera-se indispensável acrescentar outros factores: a) constituição de uma equipa multidisciplinar que integre um responsável pela programação; b) pessoal especializado em equipamento técnico; c) equipa de comunicação; d) promoção de diversos serviços, em especial o serviço educativo; e) acolhimento de companhias residentes ou grupos pontuais. O modelo de actuação referido salvaguarda a designação de instituição.

Na lógica de instituição municipal a leitura de estudos e ensaios de determinados autores remete para uma perspectiva comum relativamente à missão de um Teatro Municipal: prestar um serviço público que potencie o acesso de todos os cidadãos à cultura – direito definido na Declaração Universal dos Direitos do Homem²¹ e na Constituição da República Portuguesa.²² Não obstante, torna-se essencial esclarecer que o conceito de Teatro Municipal abordado ao longo do presente trabalho não se reduz a esta perspectiva de democratização, considerando-se que serviço público no âmbito de um Teatro Municipal é promover o desenvolvimento cultural do território; proporcionar à comunidade local²³ o acesso à fruição cultural mas, também, o estímulo à criação artística e respectiva

²¹ Declaração Universal Direitos Humanos. Artigo 27º 1. “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.”

²² Capítulo III, Artº 73. 1 – “Todos têm direito à educação e à cultura”.

²³ Para efeito do presente estudo define-se *comunidade local* como um grupo de indivíduos que habitam o mesmo território - município - e que partilham as respectivas características - recursos, normas, legados culturais e históricos, apesar das múltiplas vivências actualmente existentes no seio da comunidade (Sousa, 2013). Uma definição a partir de Ferdinand Tonnies in Gazeneuve & Victoroff (1982), que encara comunidade como relações pessoais, espírito emocional, cooperação e costumes num território comum (família, aldeia, meios urbanos) e na partilha da mesma língua, religião, etnia ou profissão.

apresentação; promover o encontro e partilha de experiências entre artistas, público²⁴ e comunidade local; e potenciar parcerias com agentes locais e regionais. Um percurso de serviço público que vai ao encontro do que descreve Ana Rita Sousa:

Os Teatros Municipais “(...) à semelhança de outras instituições culturais, e não só, sentindo a premência de um novo paradigma social, adaptam-se aos novos desafios, dirigindo as missões, objectivos, estratégias e políticas culturais para o cumprimento das exigências da sociedade contemporânea.” (Sousa, 2013, p. 52).

Todavia, é de notar que não é legítimo que um serviço público de cultura se concretize somente nos grandes centros urbanos. Como afirma Américo Rodrigues (2009), os direitos dos habitantes de pequenas e médias cidades do interior do país são os mesmos dos cidadãos que vivem na capital, não apenas no âmbito de acesso a espectáculos mas também na possibilidade de criação e crítica cultural e artística.

A perspectiva de serviço público prestado por um Teatro Municipal que se contempla no âmbito do presente estudo revê-se na dimensão de democracia cultural defendida por alguns autores, isto é, aproxima-se da ideia de *criação* e *crítica* que Américo Rodrigues enuncia. De notar que um serviço público que promova a democratização cultural é, muitas vezes, confundido com democracia cultural.²⁵ A democratização da cultura, como forma de proliferação cultural massiva e extensão generalizada de bens culturais, não significa necessariamente um contributo à diversidade e heterogeneidade cultural e artística, e, menos ainda, à participação-activa das gentes. Com base nesta ideia considera-se que um Teatro Municipal deverá partir da democratização cultural mas com o intuito de alcançar a democracia cultural.²⁶

Neste contexto, o Teatro Municipal não se limita à incitação do consumo passivo mas privilegia também a participação e a criação, partindo do pressuposto de envolvimento da comunidade local.

Com o intuito de envolver a comunidade são dinamizadas determinadas acções que se revelam estratégias profícuas, sobretudo através de serviços promovidos pelas

²⁴ Para efeito do presente trabalho entende-se *público* na perspectiva de António Firmino da Costa. “Uma relação das pessoas com as instituições . uma relação de generalidade ou de uma grande parte das populações com as instituições especializadas da modernidade avançada (...)” Costa in LOPES (2007, p.98).

²⁵ A propósito de democratização cultural e democracia cultural considera-se relevante aludir para a diferença entre os conceitos segundo a percepção de Victor Ventosa: “Democratización cultural (...) es conseguir el reparto más amplio posible de los bienes culturales para que lleguen al mayor número de gente. El medio básico para llevar a cabo esta política es el de la difusión cultural (...)”. No processo de democracia cultural “(...) la cultura ahora no es solo un bien de consumo sino sobre todo se revela como ámbito de desarrollo personal y de participación social, (...) con la democracia cultural se le da al ser humano la posibilidad de trascender los límites de un determinado tipo de cultura impuesta (...)” (Ventosa, 2002, p.39-42).

²⁶ A propósito de democratização cultural e democracia cultural leia-se também Lopes (2007, p.80-86).

instituições. Sobre o assunto leia-se Toni Puig (2004), em que o autor esclarece que uma programação regular não é sinónimo de aproximação da instituição à comunidade, podendo os serviços culturais constituírem-se como um complemento fundamental. Todavia, acrescenta o autor, “Fabricar servicios no es coser y cantar: es construir relaciones, es facilitar vida ciudadana mejor.” (Puig, 2004, p.194).

Um acto de mediação que poderá ajudar a afastar a imagem elitista com que muitas instituições culturais são catalogadas pela própria população. Os Teatros Municipais que apenas actuam para a comunidade e que não envolvem a comunidade parecem seguir um paradigma obsoleto. É neste âmbito que importa definir Teatro Municipal numa lógica que se aproxima de centro comunitário, em que a instituição está ao serviço das potencialidades e necessidades da comunidade local.

Com base nos documentos bibliográficos anteriormente referidos, e para efeito do estudo apresentado, enunciam-se os objectivos de um Teatro e os objectivos específicos inerentes ao conceito de Teatro em contexto municipal. (Fig. 1 e Fig. 2)

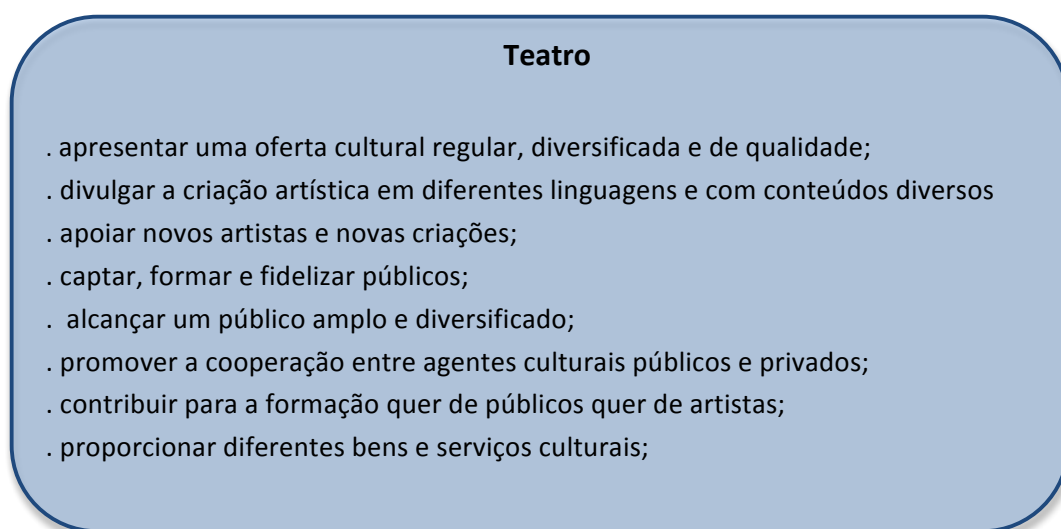


Fig. 1 - Objectivos de um Teatro (esquema Rafael Vieira, 2015)

Teatro em contexto municipal

- . apresentar uma oferta cultural regular, diversificada e de qualidade;
- . divulgar a criação artística em diferentes linguagens e com conteúdos diversos
- . apoiar novos artistas e novas criações;
- . captar, formar e fidelizar públicos;
- . alcançar um público amplo e diversificado;
- . promover a cooperação entre agentes culturais públicos e privados;
- . contribuir para a formação quer de públicos quer de artistas;
- . proporcionar diferentes bens e serviços culturais;
- . **qualificar e desenvolver o tecido cultural e artístico local;**
- . **estimular as realidades artísticas locais através do confronto com as realidades nacionais e internacionais;**
- . **contribuir para o desenvolvimento cultural da população e da região bem como para a valorização da sua imagem;**
- . **promover a participação activa da comunidade;**

Fig. 2 - Objectivos de um Teatro Municipal (esquema Rafael Vieira, 2015)

De modo a alcançar os objectivos mencionados cada Teatro assegura o seu modelo de actuação enquadrado numa política de intervenção cultural e comunitária, cuja programação regular se constitui como a estratégia privilegiada.

2. Programar um Teatro Municipal

2.1 Portugal dotado de Teatros Municipais

Nos primeiros anos do séc.XXI constata-se que Portugal é um país dotado de Teatros Municipais, recuperados ou construídos; realidade que se tornava potencial factor de desenvolvimento e descentralização cultural. Porém, como reflectido anteriormente, a existência de um equipamento cultural municipal dedicado à difusão das artes do espectáculo nem sempre traduz vitalidade cultural e artística de determinada cidade. Na primeira década do séc.XXI os municípios em Portugal deparavam-se com novos desafios para os Teatros Municipais, com a incógnita de quem geria, quem programava e o que programar.

Autores diversificados têm reflectido criticamente em torno destas problemáticas, dos quais se destacam, no presente trabalho, João Teixeira Lopes e Américo Rodrigues.

“Construído o Teatro é necessário pô-lo a funcionar, dinamizá-lo, ligá-lo à comunidade. Mais uma vez através do POC, é apoiado o primeiro ano de programação. (...) a seguir deixa de haver apoios à programação por parte do Ministério da Cultura, na maioria dos Teatros Municipais do país. Ou seja, o MC esquece-se que os Teatros prestam um serviço público (...).”(Rodrigues, 2009, p. 77).

O autor menciona ainda que às entidades que ficaram responsáveis pelos Teatros Municipais “quase nada foi exigido”. Desse modo os critérios de programação ficaram reféns, no caso dos Teatros geridos pelas autarquias, da vontade e capacidade de investimento do poder local.

A crítica de Rodrigues é pertinente; porém, algumas autarquias conseguiram contrariar o paradigma da ausência de programação e de públicos nos Teatros Municipais. João Teixeira Lopes (2007) faz referência ao facto de municípios periféricos e de pequena dimensão, como são os casos de estudo, sentirem necessidade de criar estratégias de programação, “(...) a que o *marketing* territorial não é alheio (...)” (Lopes, 2007, p.74), e de afirmação identitária em relação a centros urbanos de maior escala, como é o caso de capitais de distrito, por exemplo Aveiro.

2.2 Programar um Teatro Municipal

O acto de programar um Teatro Municipal requer, em primeiro lugar, considerar o que se entende por Teatro em contexto municipal. Em segundo lugar a dimensão do que é programar uma instituição cultural. Neste sentido, destaca-se a perspectiva de António Pinto

Ribeiro (2011).

Programar “(...) implica uma série de opções que partiram do conhecimento de uma realidade cultural que abrange não só o contexto social, os limites e as possibilidades orçamentais, os espaços a programar, mas também as ofertas dos produtores (aquilo que se pode designar “mercado”), as propostas dos artistas, dos espectadores, do ambiente local.” (Ribeiro, 2011, p. 149).

O autor alude para a programação enquanto processo de escolha, o que inevitavelmente sugere também exclusão de propostas. O acto de escolha está envolto num procedimento mais amplo, que envolve planear, diagnosticar, propor, calendarizar, concretizar e, acrescenta-se, avaliar. Programar revela-se uma estratégia cultural da entidade, pressupondo-se que é muito mais que apresentação de um conjunto de actividades. A programação “(...) tem subjacente uma visão do mundo, uma visão de um grupo que se auto-representa e representa os outros.” (Ribeiro, 2011, p.155), que no caso de um Teatro Municipal é a autarquia.

Sobre programar um Teatro Municipal o Guia das Artes Visuais e do Espectáculo (GAVE) defende uma ideia de programação que é muito mais que a mera aquisição regular de produções.

“O teatro que julgar que programar é apresentar um conjunto avulso de espectáculos, sem uma estratégia cultural previamente definida, não cumpre em nada, ou cumpre pouco, a sua função cultural – transfigura-se facilmente numa sala de distribuição, num circuito administrativo, sem identidade cultural própria (...).”²⁷

Por outro lado, em contexto de município, a programação do Teatro caracteriza-se pela abrangência das disciplinas artísticas que são promovidas e pela diversidade das formas de expressão de cada uma das áreas. Mark Deputter²⁸ (2009) alerta para que a programação de um Teatro Municipal não se dedique a uma “monocultura”, sob pena de não prestar um serviço público. Salvaguardada a abrangência e a diversidade torna-se imperativo que a programação não despreze o município²⁹ e não se concretize apenas com espectáculos. Programar regularmente espectáculos não é sinónimo de intervir na cidade e de aproximação do Teatro à comunidade - por vezes confundida com cedência de espaço aos agentes associativos locais. A proximidade e a envolvência surgem através de acções que promovem a participação-activa.

Toni Puig partilha a sua ideia, de que *“Basta pues, programaciones estereotipadas,*

²⁷ A.A.V.V. (s/d).

²⁸ Director Artístico do Teatro Municipal Maria Matos – Lisboa.

²⁹ O Teatro Municipal “Relaciona-se com a vida da cidade, é da cidade e quer intervir na cidade.” (Rodrigues, 2009, p.85).

sosas, sólo bonitas, vacías, hamburguesadas (...)” (Puig, 2004, p.19). Nesse sentido, procura-se indagar se a programação dos Teatros em estudo vai ao encontro de uma programação com critérios definidos, que não seja aleatória e oportunista, pelo contrário, que pressuponha uma estratégia programática numa óptica de desenvolvimento artístico e cultural do município.

A perspectiva de Ribeiro complementa a ideia, ao expressar que programar é “(...) mais do que fazer suceder espectáculos a espectáculos, filmes a filmes, exposições a exposições, edições a edições! É então desejável que (...) haja programações amadoras, alternativas, exposições em sítios não convencionais (...). Estas acções “(...) podem activar o sentido lúdico e festivo de comunidades que muitas vezes não eram parte activa e consumidora de programas culturais.” (Ribeiro, 2011, p.49)

É neste contexto que a formação é essencial que integre a programação de um Teatro Municipal. Através da componente pedagógica e artística das actividades promovem-se hábitos culturais e possibilita-se o envolvimento na criação, representando múltiplos interesses e ideias. Iniciativas como ateliers, workshops, oficinas, conferências, debates, exposições, ou textos de sala, ao integrarem a programação – em particular do serviço educativo – revelam-se uma estratégia complementar à difusão das artes do espectáculo. Ou seja, programar um Teatro Municipal numa lógica de democracia cultural e de mediação. Programar um Teatro Municipal também é mediar; e é através das práticas enunciadas que se provoca o diálogo entre os agentes culturais e o potencial público, entre a instituição e a comunidade local.

A regularidade da programação de Teatros Municipais é reflexo de diversos critérios que influenciam a forma e os conteúdos da dinâmica institucional. De entre os aspectos basilares que condicionam a estratégia programática destaca-se a política cultural do município, o contexto territorial e a autonomia do programador em relação à vereação e presidência.

Como refere Depputter, nem todos os Teatros Municipais são programados por técnicos especializados, como é o exemplo inesperado de alguns equipamentos municipais programados pelos vereadores da cultura - casos que não contemplam o conceito de Teatro Municipal abordado no estudo. De notar que o mais comum é a programação de um Teatro Municipal ficar a cargo de um programador cultural – responsável pela programação – cujos seus critérios definem as acções desenvolvidas.

”O programador deve estar muito bem informado sobre a terra onde o Teatro se insere, as suas dinâmicas sociais, a sua história e o seu imaginário. Deve estar ciente de que o trabalho que desenvolve a partir do Teatro se deve enquadrar numa política cultural e numa estratégia de desenvolvimento da cidade.” (Rodrigues, 2009, p. 99).

Aspectos que condicionam a programação de um Teatro Municipal a par de determinados factores internos que também interferem na programação. Mencione-se as características físicas do equipamento, que influenciam a possibilidade de concretização de determinados projectos, o número e as características dos elementos que integram a equipa, e, claro, os recursos à disposição da instituição, sejam comunicacionais, materiais mas sobretudo financeiros. Todavia, também não é possível abstrair dos factores externos, que inesperada, involuntária e incontrolavelmente perturbam a programação.

“Com as pressões a que uma instituição pública está sujeita, sejam externas ou internas, e que vão no sentido da rentabilização a todo o custo, isso leva os programadores a construírem uma estratégia de equilíbrio entre propostas artísticas ditas de risco (...) e propostas artísticas de grande público.” (Costa, 2004, p. 99)

Independentemente da área artística e dos conteúdos, Cláudia Madeira (2002) esclarece que os Teatros Municipais programam de acordo com as seguintes matrizes: produção, co-produção, iniciativa, selecção, acolhimento, encomenda.³⁰ De modo a aplicarem-se os modelos programáticos expostos por Madeira e com o intuito de se alcançarem os objectivos definidos com a programação, a lógica de programar em rede constitui-se, muitas vezes, como uma mais-valia para as instituições municipais.³¹

Na procura de interpretar o que é programar um Teatro Municipal revelam-se essenciais os contributos dos autores referenciados anteriormente. Para efeito deste estudo destaca-se a perspectiva apresentada pelo GAVE, de que programar um Teatro em contexto municipal vai além da difusão e apresentação regular de espectáculos, sendo imprescindível definir estratégias programáticas que tenham em consideração a política cultural que se pretende desenhar, com a comunidade, para o município.³²

³⁰ Para uma definição de cada modelo programático leia-se o respectivo estudo de Madeira (2002, p.11).

³¹ A propósito de programação em rede leia-se Centeno (2010) e Dâmaso (2013).

³² Complemente-se esta dimensão com a percepção de oferta cultural descrita por Ander-Egg: “No que diz respeito à intencionalidade/modalidade da oferta cultural, esta pode ir desde oferecer cultura para o seu consumo passivo até à realização de programas que implicam a participação da gente nos projectos culturais.”(Ander-Egg, 1999, p.55).

3. Caracterização sócio geográfica dos municípios de Albergaria-a-Velha, Estarreja e Ílhavo

3.1 Albergaria-a-Velha

Albergaria-a-Velha é uma cidade sede de concelho que se situa na região (NUTS³³ III) de Aveiro, distrito de Aveiro. Localiza-se a cerca de 23km da capital de distrito, a cerca de 17km de Estarreja e a 30km da cidade de Ílhavo. (Fig. 3)

A população residente no concelho de Albergaria-a-Velha é cerca de 25 000 habitantes, número que apresenta um decréscimo insignificante entre 2012 e 2014.³⁴ Apesar da freguesia urbana - Albergaria-a-Velha e Valmaior - corresponder à

freguesia com maior área e maior número de população³⁵, a maioria dos habitantes reside nas restantes cinco freguesias.³⁶ A densidade populacional do concelho no intervalo de tempo em estudo é cerca de 155 habitantes/km²³⁷, o que representa um valor maior que a média em Portugal continental mas menor que o valor médio da região de Aveiro.³⁸

A actividade económica do concelho assenta essencialmente na agricultura e indústria, com mais de metade da população activa empregada no sector secundário.³⁹

Na área da cultura os equipamentos municipais são: a Biblioteca Municipal, a Casa Municipal da Juventude, o Centro Cultural da Branca⁴⁰ e o Cineteatro Alba. De entre os



Fig. 3 – Mapa do distrito de Aveiro. (Rafael Vieira, 2015)

³³ Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos.

³⁴ 24 998 em 2012 e 24 652 em 2014. Dados recolhidos em <<http://www.pordata.pt>> e <<http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Albergaria+a+Velha+%28Munic%C3%ADpio%29-6409>> [consultados em 15/01/2015].

³⁵ Cerca de 10 500 habitantes segundo o sítio de internet do município <http://www.cm-albergaria.pt//Templates/GenericDetails.aspx?id_object=3063&divName=1979s1998&id_class=1998> [consultado em 15/01/2015].

³⁶ Alquerubim; Angeja; Branca; Ribeira de Fráguas; São João de Loure e Frossos.

³⁷ 157,4 h/km² em 2012 e 155,2h/km² em 2014. Dados recolhidos em <<http://www.pordata.pt>> [consultado em 15/01/2015].

³⁸ <<http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Albergaria+a+Velha+%28Munic%C3%ADpio%29-6409>> [consultado em 15/01/2015].

³⁹ Mais informação em <http://www.cm-albergaria.pt//Templates/GenericDetails.aspx?id_object=3061&divName=1979s2141&id_class=2141> [consultado em 15/01/2015].

⁴⁰ Espaço destinado exclusivamente às actividades do Conservatório de Música da Jobra (CMJ).

agentes culturais locais destacam-se o Conservatório Música da Jobra (CMJ), as bandas filarmónicas do concelho⁴¹ e a associação CulturAlba.⁴²

3.2 Estarreja

Estarreja é um concelho que se situa na região (NUTS III) de Aveiro, distrito de Aveiro. A cidade localiza-se a cerca de 22km da capital de distrito, a cerca de 17km de Albergaria-a-e acerca de 25km de Ílhavo. (Fig. 3 – Mapa do distrito de Aveiro. (Rafael Vieira, 2015)

O número de residentes do concelho no séc.XX tem decrescido tenuemente desde cerca de 28 000 para 26 000 habitantes.⁴³ O concelho é composto por cinco freguesias⁴⁴, das quais se destaca a União de Freguesias de Beduído e Veiros que integra a cidade de Estarreja e que é a mais populosa, com cerca de 10 000 habitantes.⁴⁵ A densidade populacional de Estarreja entre 2001 e 2013 apresenta valores ligeiramente superiores à média da região de Aveiro, com um decréscimo de cerca de 259 para 246 habitantes/km² no intervalo de tempo mencionado.⁴⁶

O concelho de Estarreja caracteriza-se pela dinâmica empresarial – destaque para o projecto do Ecoparque Empresarial -, e pela actividade industrial, com um dos maiores complexos químicos do país. O ano de 2005 foi marcante para o concelho com a criação do Parque Municipal do Antuã, reinauguração do Cineteatro e elevação de Estarreja a cidade⁴⁷.

A rede de equipamentos de cultura e lazer do município integra a Biblioteca Municipal, a Casa Municipal da Cultura, a Casa-Museu Egas Moniz, a Casa-Museu Marieta Solheiro Madureira e o Cineteatro de Estarreja (CTE). Os agentes locais que assumem uma relação de maior proximidade com o CTE são o Cineclube de Avanca, a Big Band Estarrejazz - formada a partir de uma masterclass em 2013 -, bem como o Agrupamento de Escolas do concelho e a Cerciesta.⁴⁸

⁴¹ Banda da Associação Recreativa e Cultural Amigos da Branca (ARMAB); Banda Velha União Sanjoanense; Banda Recreativa União Pinheirense; Filarmónica. Angejense; Banda Filarmónica do Grupo Desportivo e Cultural de Ribeira de Fráguas.

⁴² Associação de Artes, Recreio e Cultura de Albergaria-a-Velha.

⁴³ Mais detalhes em <<http://www.pordata.pt>> e <<http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Estarreja+%28Munic%C3%ADpio%29-6512>> [consultados em 15/01/2015].

⁴⁴ Avanca; União de Freguesias de Beduído e Veiros; União de Freguesias de Canelas e Fermelã; Pardilhó; Salreu

⁴⁵ Dados recolhidos na página oficial da CME <http://www.cm-estarreja.pt/seccao.php?s=beduido_veiros> [consultado em 15/01/2015].

⁴⁶ Mais detalhes em <<http://www.pordata.pt>> [consultado em 15/01/2015].

⁴⁷ Mais informação em <<http://www.cm-estarreja.pt/seccao.php?s=caracterizacao>> [consultado em 15/01/2015].

⁴⁸ Não são agentes exclusivamente ligados à área da cultura, mas que mantêm uma dinâmica cultural regular junto do Cineteatro de Estarreja.

O Festival de Cinema de Avanca e o Estarrejazz constituem-se como dois projectos culturais consolidados no concelho e reconhecidos a nível nacional.

3.3 Ílhavo

O concelho de Ílhavo integra duas cidades – Ílhavo e Gafanha da Nazaré – e situa-se na região (NUTS III) de Aveiro, distrito de Aveiro. É um concelho da orla litoral sul do distrito e integra a área da Ria de Aveiro. A cidade de Ílhavo dista menos de 10km da capital de distrito – a norte - e de Gafanha da Nazaré – a litoral. (Fig. 3 – Mapa do distrito de Aveiro. (Rafael Vieira, 2015)

A população residente no concelho de Ílhavo, entre 2008 e 2014, caracteriza-se por uma rigorosa estabilidade, com cerca de 38 000 habitantes⁴⁹ distribuídos por quatro freguesias.⁵⁰ A freguesia de São Salvador, que integra a cidade de Ílhavo, e a freguesia de Gafanha da Nazaré acolhem quase toda a população do concelho, a primeira com mais de 16000 habitantes e a última com cerca de 15 000 residentes.⁵¹ A densidade populacional neste concelho é enorme - superior a 520 habitantes/km² desde 2009 - sobretudo se comparada com a densidade registada nos outros municípios em estudo e com a média em Portugal continental e na região de Aveiro.

Cerca de 30% de território do concelho é agrícola, embora o comércio marítimo, a indústria e o turismo sejam as áreas basilares da actividade económica. De notar que, para além do território estar associado à Marca Turística da Ria de Aveiro, grande parte do Porto de Aveiro está localizado na freguesia de Gafanha da Nazaré e a Zona Industrial da Mota em Gafanha da Encarnação.⁵²

Na área da cultura o concelho de Ílhavo é dotado de diversos equipamentos para além dos centros culturais de Ílhavo (CCI) e da Gafanha da Nazaré (CCGN): o Museu Marítimo de Ílhavo, o Museu da Vista Alegre, o Navio-Museu Santo André, a Casa Gafanhosa-Museu Municipal, a Biblioteca Municipal e o Centro de Documentação de Ílhavo. Os agentes locais com uma relação próxima e regular com o CCI são: a Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo, a associação Chio-Pó-Pó, as casas do povo de Ílhavo e de Gafanha da Nazaré, a

⁴⁹ Dados recolhidos em <<http://www.pordata.pt>> e <<http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/%C3%8Dilhavo+%28Munic%C3%ADpio%29-6552>> [consultado em 15/01/2015].

⁵⁰ São Salvador, Gafanha da Nazaré, Gafanha da Encarnação, Gafanha do Carmo.

⁵¹ Informação recolhida na sítio de internet do município <<http://www.cm-ilhavo.pt/pages/116>> [consultado em 15/01/2015].

⁵² Mais detalhes em <<http://www.cm-ilhavo.pt/pages/118>> [consultado em 15/01/2015]; para informações complementares visite-se <<http://www.cm-ilhavo.pt/pages/123>> [consultado em 15/01/2015].

4 . Três estudos de caso

A análise da programação dos Teatros Municipais em estudo requereu a distinção de áreas de actuação e conseqüente definição de tipologias artísticas. Embora as catalogações apresentadas em agenda por cada instituição tenham sido tomadas em consideração, tornou-se fundamental e profícuo adaptar uma definição comum a todos os Teatros, sem desprezar as características de cada linguagem artística. Assim, para a elaboração do presente trabalho, e com o auxílio de descrições de Manuel Portela (2009), apresentam-se as seguintes tipologias em análise:

.Oficinas: tipologia que inclui workshops e ateliers. Iniciativas que motivam à participação-activa do público através da aprendizagem. Estas acções caracterizam-se por não induzirem à passividade e ao mero consumo cultural. Os participantes tornam-se agentes activos, orientados por um formador que motiva à criação e apresentação de uma obra artística concebida individualmente ou em grupo. É comum serem promovidas pelo serviço educativo.

.Cinema: projecção de todo o género de obras cinematográficas, desde curtas-metragens a longas-metragens, ficção, documentário ou cinema de animação.

.Circo: no presente âmbito esta tipologia está relacionada com o designado novo-circo, que apresenta performances baseadas essencialmente na expressão corporal e no malabarismo, de carácter contemporâneo e sem recurso a animais domesticados.

.Dança: inclui reportórios desde o folclore, dança clássica e contemporânea.

.Exposições: apresentação de obras no âmbito das artes visuais e/ou plásticas, como a fotografia, o vídeo, a pintura, a escultura, a instalação, ou documentos de arquivo; incluem-se nas acções de exposições as visitas organizadas pela instituição.

.Literatura: incluem-se recitais e lançamentos de obras com espaço para o debate.

.Multidisciplinar: todas as actividades que não se incluem em nenhuma área artística, como são exemplo os congressos e conferências, festividades escolares e associativas, audições e gravações, debates e apresentações públicas; por norma são acções promovidas pelos agentes locais mas que integram a programação dos Teatros.

.Música: todos os sub-géneros de música.

.Stand-up: actividade de representação sem guião encenado, por norma é um espectáculo de comédia e com destaque para a improvisação.

.Teatro: todas as criações, desde o teatro comercial ao teatro declamado.

A análise detalhada de todas as acções dos Teatros Municipais em estudo permite identificar que na área da música há uma grande diversidade de sub-géneros apresentados, o que motiva uma exposição de dados pormenorizada de cada um dos sub-géneros, com o intuito de se entender melhor a estratégia programática dos Teatros, em especial na área da música.

O número de acções apresentado é contabilizado da seguinte forma: cada acção não representa literalmente uma criação, na medida em que a mesma obra ou o mesmo espectáculo poderão ser apresentados em diversas datas ou horários para um público distinto. Exemplifique-se: são contabilizadas três acções referentes a um filme que seja projectado em três dias; por outro lado, é contabilizada apenas uma acção referente a uma determinada oficina de teatro anual, dirigida sempre aos mesmos participantes. Neste sentido, é muito importante ter em consideração que a contabilização das acções, para além da margem de erro associada à investigação⁵³, poderá revelar conclusões que deturpem a realidade programática de cada instituição. Tome-se em atenção o caso das oficinas, cuja simples contabilização de acções não fornece dados conclusivos⁵⁴ sobre a promoção da participação-activa do público.

Alerta-se, ainda, que nem sempre o número absoluto de acções por cada área está directamente relacionado com a percentagem a que corresponde cada uma das tipologias, ou seja, há anos em que o número de acções poderá ser maior mas a percentagem corresponder a um valor menor.

A programação em rede no âmbito da Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) abrange encomendas a artistas e companhias para integrarem a programação dos Teatros da região, a par de projectos que promoveram o envolvimento das comunidades concelhias.⁵⁵

⁵³ limitada aos dados fornecidos pelas instituições e agendas online.

⁵⁴ Por exemplo: um workshop é contabilizado como uma acção, porém, essa acção poderá ser dinamizada diversas vezes em datas distintas e estendendo-se por vários meses. A mesma contabilização acontece para um atelier dinamizado apenas num dia e com duração de 2h, por exemplo.

⁵⁵ Os responsáveis pela programação destacam os mesmos benefícios e desvantagens da programação em rede promovida no âmbito da CIRA. O benefício de maior realce é a possibilidade dos Teatros programarem projectos que fora do âmbito da rede não seria possível. Um dos aspectos a ser reavaliado tem que ver com a apresentação dos mesmos espectáculos noutros Teatros da região em datas próximas e que, em alguns casos, tem impacto na afluência de público. (Ver anexos 5.1; 5.2; 6.1; 6.2; 6.3; 7.1; 7.2)

4.1 Cineteatro Alba

4.1.1 Caracterização

Sobre o Cineteatro Alba (CTA) informa-se, em primeiro lugar, que o actual equipamento corresponde a uma recuperação do anterior Cineteatro⁵⁶ – com a mesma designação – reinaugurado em 2012. Com uma história semelhante a inúmeros Teatros em Portugal, o Alba a partir da década de oitenta do séc.XX assume o cinema como a sua actividade principal. Posteriormente, em 1995, é adquirido pela autarquia, sobretudo destinado a cedências de espaço pontuais aos agentes locais. Em 2002 assiste-se a uma nova fase, com o município de Albergaria-a-Velha a estabelecer contactos com o Estado com o intuito de obtenção de apoios técnicos e financeiros para a concretização de um novo projecto. Em 2012 concluem-se as obras e o CTA assume uma nova etapa, nomeadamente com reflexos na regularidade da programação.

O edifício recuperado é composto por diversos espaços com características distintas, dos quais se destacam: a sala principal, com 503 lugares; a sala de exposições; a cafetaria; o espaço café-concerto; a sala-estúdio; e os gabinetes de trabalho.⁵⁷

A entidade responsável pela gestão é a autarquia. O financiamento, informa Pedro Teixeira⁵⁸, advém:

“quase 100% (...) do orçamento municipal, orçamento anual, que é retirado para este equipamento; inclui manutenção do equipamento e programação. (...) Depois, há um retorno de mecenato⁵⁹, mas isto sendo Teatro Municipal é captado pelo Cineteatro. As pessoas – quatro ou cinco, não sei precisar, de três níveis distintos - investem a nível de mecenato, que eu agora não sei precisar o valor, mas é uma boa quantia, e o mecenato entra nas contas do município geral; mas é claro que é canalizado para a programação.” (Anexo 5.1).

Acrescente-se que segundo Pedro Teixeira a programação corresponde a cerca de metade do orçamento total do CTA, não conseguindo objectivar a quanto corresponde o retorno proveniente da bilheteira.

No que respeita a lógica de redes de programação, por Albergaria-a-Velha ser

⁵⁶ O primeiro edifício correspondente ao Teatro de Albergaria-a-Velha tem data de 1924, embora a inauguração do edifício do Cineteatro Alba remonte a 1950 - construído no mesmo local foi impulsionado por um projecto a cargo da empresa Alba, cujo o investimento se deveu à decisão daqueles empresários locais. Para informações históricas detalhadas visite-se <<http://www.cineteatroalba.com/cine-teatro-alba/historia/>> [consultado a 20/01/2015] e CMA (2012)

⁵⁷ Mais detalhes em <<http://www.cineteatroalba.com/cine-teatro-alba/os-espacos/>> [consultado a 20/01/2015].

⁵⁸ Responsável pela programação do CTA.

⁵⁹ Para mais detalhes visite-se <<http://www.cineteatroalba.com/parceiros/>> [consultado a 20/01/2015].

município integrante da CIRA⁶⁰, o CTA beneficiou da rede Rede da Comunidade Interurbana de Aveiro (RUCI)⁶¹, que desenvolveu uma programação cultural em rede em onze municípios da CIRA.⁶² As parcerias estabelecem-se de formas distintas: as protocoladas, destacando-se duas contínuas - renováveis anualmente - com o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro (DeCa) e com o CMJ; as parcerias pontuais; e as de co-produção que estão a ser delineadas para 2016. Com a Orquestra Filarmonia das Beiras há um compromisso para três acções anuais, e, para além das parcerias referenciadas, há “(...) coisas que se vão fazendo com as instituições locais, que acabam por ser parcerias de espectáculo (...)” (Anexo 5.1).

O modelo de gestão do CTA obedece a uma linha hierárquica com base na presidência da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha (CMA), depois a Vereação da Cultura e ainda a Divisão de Acção Social, Educação, Cultura e Desporto (DASECD). A programação do CTA corresponde a grande parte da programação cultural do município e alguns serviços municipais, como é o caso do serviço educativo – Serviço de Aprendizagem Criativa (SAC)⁶³ -, são sobretudo dinamizados no CTA, seguindo um modelo de funcionamento em rede entre os diversos equipamentos do concelho.⁶⁴

Os elementos constituintes da equipa do CTA são técnicos da autarquia, com excepção para os prestadores de serviços que colaboram pontualmente nas acções do Teatro.⁶⁵ Pedro Teixeira informa que a equipa técnica que trabalha quase em exclusivo para manutenção e programação do CTA é composta por dois administrativos, um responsável pela segurança e manutenção do espaço; três técnicos que asseguram a produção, uma técnica do SAC, e o responsável pela programação.⁶⁶ No âmbito do estudo da programação

⁶⁰ A CIRA definiu como estratégia para a cultura, entre outras, a criação de uma rede de programação cultural em onze municípios. Para mais informações visite-se o site <http://www.regiaodeaveiro.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28168> [consultado a 10/02/2015].

⁶¹ A RUCI definiu uma Nova Agenda para a Cultura, com destaque para a programação cultural em rede, e que financiava, parcialmente, determinadas acções que as instituições quiseram integrar na programação. Para mais informações visite-se o site http://www.regiaodeaveiro.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=29289&projectId=12 [consultado a 10/02/2015].

⁶² Segundo pesquisa no sítio de internet da CIRA, a programação através da RUCI deu-se entre 2011 e 2013.

⁶³ Visite-se o sítio de internet do SAC, em que se apresentam os objectivos do serviço e os modelos operativos <<http://www.cineteatroalba.com/sac/>> [consultado a 22/02/2015].

⁶⁴ CTA, Centro Cultural da Branca; Biblioteca Municipal; Arquivo Municipal; Casa Municipal da Juventude.

⁶⁵ Exemplos: assistentes de sala - que correspondem a um outsourcing - que colaboram somente quando há acções no CTA que justifiquem; colaboradores externos que dinamizam acções promovidas pelo SAC.

⁶⁶ De notar que as funções nas áreas especificadas não são assumidas unicamente pelos técnicos referidos, ou seja, as funções poderão estar a cargo de diversos funcionários, o que leva a afirmar que a fronteira de responsabilidades não é estanque. No sítio de internet do CTA é apresentado um número distinto de técnicos que, na realidade, correspondem a técnicos do município que colaboram com o Cineteatro.

do CTA destaca-se a função de Pedro Teixeira, que é o principal responsável pela programação, embora designe o seu cargo como *interlocutor cultural* (Anexo 5.1) por dar resposta a uma estratégia cultural do município.⁶⁷ Quando questionado sobre o que é ser um *interlocutor cultural* de um município, Pedro Teixeira afirma:

“Um provocador que tem que pôr o Teatro a vibrar, o Teatro e não só o Teatro, o município culturalmente a vibrar, porque o Teatro não consegue viver hermeticamente; ou seja, tanto nas ideias de criação que dá aos municípios, como no que pede às instituições, na maneira como junta as instituições, nas criações que traz cá que possam interessar a essas instituições ou o público, tentar perceber as correntes, ouvir as pessoas, ver os espectáculos, sentir o público, ouvir, provocar e organizar-se muito bem, e pensar a longo prazo (...).” (Anexo 5.1).

Apesar de se considerar que Pedro Teixeira é o programador do CTA, é relevante referir que, como o próprio indica, a sua autonomia não é total. Embora cada vez mais autónomo nas suas tomadas de decisão, não deixa de ser apenas um técnico do município que responde ao organograma municipal, que tem no topo o presidente, seguido do vereador e chefia da DASECD.

4.1.2 O que é programar o Cineteatro Alba

Tome-se em consideração o que é programar um Teatro Municipal, em específico o CTA, no entendimento do município de Albergaria-a-Velha e do programador.

No sítio de internet do CTA apresenta-se o equipamento como um espaço destinado à “(...) apresentação, produção, acolhimento e criação de projetos artísticos amadores e profissionais (...)”⁶⁸ em articulação com os outros equipamentos culturais do município. A missão do CTA é apostar na formação, qualificação e fidelização de públicos através de projectos que tenham em consideração as potencialidades do território e com reflexos na mediação entre público e criação artística contemporânea.

Acrescente-se que o município assume a pretensão do CTA “Ser uma referência de produção artística e fruição cultural na Região e no País”.⁶⁹ A programação do CTA dirige-se ao público local, embora haja o intuito de:

“(...) atrair o mais possível, e articulado com os seus parceiros e outros da CIRA, o público regional, e a nível nacional, nem que seja em acções de promoção de espectáculos que cá vêm, (...) consoante o que nos interessa (...)”⁷⁰ (Anexo 5.1).

< <http://www.cineteatroalba.com/cine-teatro-alba/a-equipa/> > [consultado a 22/02/2015].

⁶⁷ Pedro Teixeira, que também assume a coordenação do SAC, começou a programar o CTA apenas em 2013.

⁶⁸ Visite-se <<http://www.cineteatroalba.com/cine-teatro-alba/missao-visao/>> [consultado a 22/02/2015].

⁶⁹ Idem

⁷⁰ De notar que Pedro Teixeira afirma que o público local, em determinados espectáculos, se revela

Sobre os destinatários, Pedro Teixeira acrescenta que a programação do Teatro é para um público familiar, desde o infantil ao sénior, para toda a comunidade, com projectos em que todas as faixas etárias podem ser intervenientes.⁷¹

O programador considera que um Teatro, quando municipal, poderá arriscar numa pequena especialização, tornando-se referência nacional em determinada área. Contudo, Pedro Teixeira afirma que programar o CTA não segue essa lógica. Pelo contrário, considera-se que programar o CTA é apostar numa programação o mais eclética possível, elevando a qualidade através de oportunidades que surgem no panorama nacional e internacional. Não obstante, elucida que determinados trimestres caracterizam-se pela grande percentagem de acções de uma área específica, por norma, associados a datas celebrativas.

A instituição não se revê numa perspectiva de programação que se esgote na apresentação de espectáculos que abranja diversas disciplinas artísticas e destinados a diferentes públicos.

“Aumentar, sempre que possível, a participação, nem que seja de comunidade para comunidade, neste caso, se pudermos chamar assim, dar palco aos criadores ou às colectividades com cariz mais criativo, sejam elas amador, semi-profissionais ou até profissionais.” (Anexo 5.2).

Apesar do conceito de democracia cultural não ser enunciado no discurso do programador, a lógica de actuação descrita por Teixeira sugere essa dimensão.

4.1.3 Análise da programação do Cineteatro Alba (2012-2014)

Para analisar a programação do CTA há que ter em consideração que em 2012 o mapa de acções é referente a cerca de 8 meses.⁷² Outro dado indispensável de ser mencionado tem que ver com a estratégia de programação adoptada pela instituição, que segundo Pedro Teixeira é delineada especificamente para cada uma das áreas.⁷³

A leitura dos gráficos 1 e 1.2 (Fig. 4 e Fig. 5) indicam que a programação do CTA, no intervalo de tempo 2012-2014, abrange todas as tipologias definidas, embora se denote um desequilíbrio acentuado entre algumas das áreas. Os gráficos retratam uma disparidade na programação entre a área da música e as restantes disciplinas.

insuficiente, e que é com o público do distrito e da região que conseguem encher a sala principal.

⁷¹ No entanto, Pedro Teixeira assume que a programação não se tem destinado ao público adolescente e universitário, revelando-se por isso um público ausente.

⁷² Em 2012 o CTA iniciou a actividade no final do mês de Abril pelo facto de ter sido inaugurado a 27 desse mês.

⁷³ Note-se o exemplo do Ciclo de Fado, resultado de uma estratégia definida para a área da música.

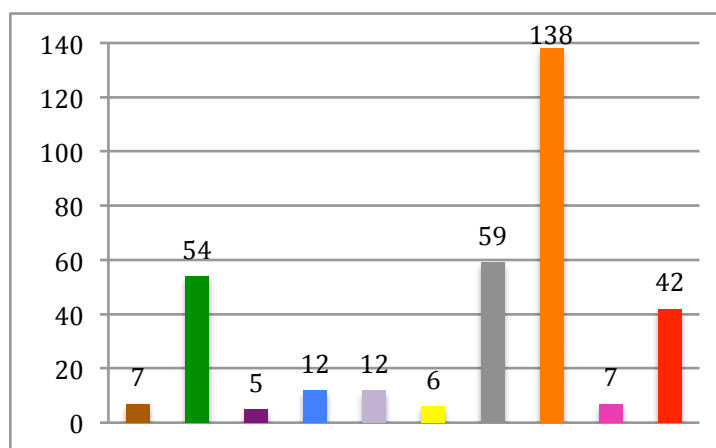


Fig. 4 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2012-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

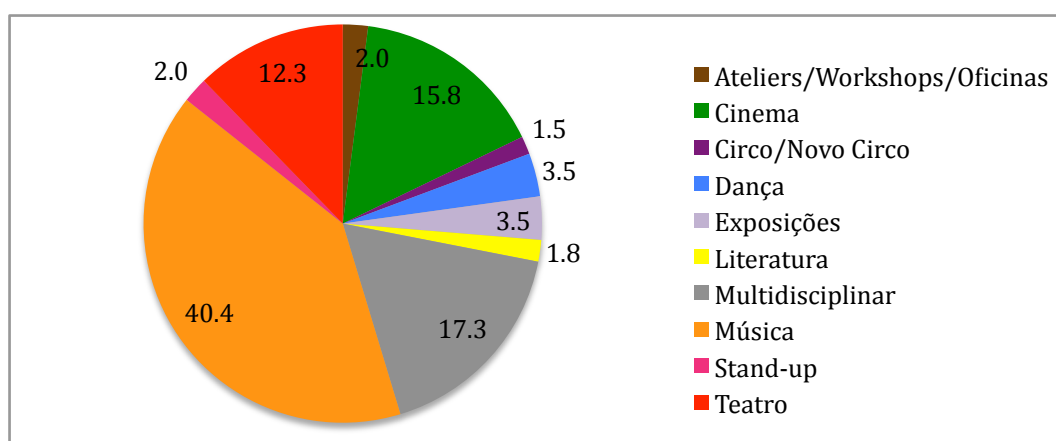


Fig. 5 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2012-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

As acções de música correspondem a cerca de 40% da actividade do CTA. A área multidisciplinar surge como a segunda tipologia com maior número de acções, seguida do cinema e do teatro, formando um grupo com valores percentuais próximos, desde os 12,3% - para o teatro - e 17,3% - para a área multidisciplinar. As restantes tipologias formam um segundo grupo que corresponde às áreas com menor representatividade na programação, no qual se contempla a dança, que representa apenas 3,5% da programação do CTA e as exposições com os mesmos valores. As oficinas, o circo, a literatura e o stand-up correspondem, cada uma das áreas, a cerca de 2% da programação.

As artes do espectáculo de maior relevância na programação - a música, o teatro e a dança - assumem-se como mais de metade da programação da instituição, cerca de 56%. O cinema surge como a terceira aposta da instituição. Os mesmos gráficos permitem verificar que as oficinas assumem uma relevância ténue na programação, pelo menos no que diz respeito ao número de acções distintas. Por outro lado, as exposições apesar de não corresponderem a mais de 3,5% do total da programação, são a quinta tipologia mais

representada nos gráficos.

O quadro 2 (Anexo 1.1) remete para um crescente número de acções do CTA desde 2012 a 2014, com especial destaque para a subida registada em 2013. Em 2014, apesar de uma escalada menor, o número absoluto volta a aumentar. A música, o cinema, a dança, as exposições e a literatura acompanham proporcionalmente a tendência, o que não acontece com o teatro.

Os gráficos 13 e 13.1 (Anexo 1.9) esclarecem o crescimento da área de música, que no ano de 2014 corresponde a quase metade da actividade - cerca de 46% da programação. Pedro Teixeira assume que a música é a área “mais forte” e com “mais público”, um facto que não difere da realidade do “resto do país” (Anexo 5.2). A predominância da tipologia música deve-se, para além da maior oferta e de maior número de público, dos diversos protocolos celebrados com entidades locais e regionais, que o programador do CTA considera uma forma de programar. No caso da d’Orfeu Associação Cultural⁷⁴ o acordo⁷⁵ permite que haja um conjunto de propostas para o ciclo *Outonalidades*, em que a equipa do CTA escolhe os artistas e datas consoante os seus critérios, embora no âmbito do *Festim*, apesar do CTA definir as datas, as propostas da associação são menos negociáveis. Os projectos apresentados pelo CMJ e pelo DeCa são, por norma, de componente formativa e o programador do CTA considera que não seria correcto interferir no plano de actividades das entidades referidas, para além de assumir que o Teatro somente consegue programar semanalmente o Café-Concerto devido a estas parcerias. Tome-se em atenção que o valor contabilizado de acções de música é, em grande parte, resultante das iniciativas concretizadas semanalmente no Café-concerto. O envolvimento da comunidade em projectos de música é intenção do CTA. Pedro Teixeira alude para um exemplo:

“(…) uma espécie de concerto comunitário (...) onde se fazem inscrições e depois são chamados um ou dois músicos, coreógrafos, maestros, encenadores, digamos assim, para produzir ou criar o espectáculo”, embora haja consciência de que “o nível que tem sido menos trabalhado é o que recebe a comunidade, trabalha e faz um espectáculo.” (Anexo 5.2)

Através dos gráficos 17 e 17.1 (Anexo 1.13) constata-se que a programação de música do CTA apresenta uma distribuição equilibrada pelos diferentes sub-géneros. Não obstante, denota-se que a música pop/rock constitui a maior aposta da área musical,

⁷⁴ Associação do concelho de Águeda que promove espectáculos (sobretudo na área da música) protocolados com os três Teatros em estudo, através da apresentação de um conjunto de artistas ou bandas que depois são escolhidos e distribuídos para integrarem a programação dos Teatros.

⁷⁵ Acordo tripartido entre DGArtes, município de Albergaria-a-Velha e d’Orfeu Associação Cultural.

correspondendo a cerca de ¼ da programação de música. Pedro Teixeira revela que a programação de música do CTA inclui, pelo menos, uma vez por mês um “grande concerto” de pop/rock, isto é, um nome de “referência”. Depois o destaque vai para a música clássica/erudita, com percentagem de 18%, para a qual contribuem os concertos anuais protocolados com a Orquestra Filarmonia das Beiras e as acções sob responsabilidade do DeCa e do CMJ. Com a d’Orfeu Associação Cultural também estão protocolados espectáculos no âmbito do *Festim*⁷⁶ que colocam a música do mundo como o terceiro sub-género mais programado pelo Teatro. Com menor incidência, mas com um número de actuações próximo, surge a música jazz, a música de bandas filarmónicas, que se distribui por todos os trimestres com actuações de bandas filarmónicas do concelho, e a música fado.⁷⁷ A música infantil/juvenil, tradicional/popular e coral revelam-se os sub-géneros com menor incidência.⁷⁸

A dança (Gráficos 9 e 9.1, Anexo 1.5) também apresenta uma evolução ascendente, sobretudo de 2013 para 2014. Porém, a representação em 2013 é regressiva relativamente a 2012, para depois atingir mais de 5% em 2014. O programador do CTA esclarece que na área da dança promove-se um a dois espectáculos por trimestre. Os dados apresentados revelam uma realidade coerente com a perspectiva descrita, na medida em que se verifica que o CTA programa em média um espectáculo por trimestre.⁷⁹ A primeira aposta incide numa “companhia de referência a nível nacional” e no caso de haver possibilidade de programar dois espectáculos abre-se espaço a “uma companhia da região ou da comunidade” (Anexo 5.2). Os critérios para a menor aposta na dança são o público e a oferta.

“Também tem a ver com a oferta e da região onde estás, porque todos os Teatros fazem uma criação de dança também por trimestre (...) Agora imagina eu fazer três, não tenho público na região para isso (...)” (Anexo 5.2)

O teatro (Gráficos 15 e 15.1, Anexo 1.11) apresenta uma tendência distinta, denotando-se que a percentagem das acções decresce abruptamente em comparação com outras áreas - de 20,7% em 2012 passa apenas a representar 8,8% da programação no ano de 2014.⁸⁰ Segundo o programador do CTA, a instituição intenta programar três projectos de

⁷⁶ Concertos de projectos de música do mundo de iniciativa da associação mas organizado pelo CTA.

⁷⁷ Os espectáculos de música fado estão concentrados no primeiro trimestre num ciclo de fado.

⁷⁸ De notar que não foi possível catalogar algumas acções contempladas na programação fornecida, que equivalem à tipologia “Música (não especificada)”.

⁷⁹ Não significa integralmente um espectáculo por trimestre; corresponde a uma estimativa média tendo em conta o número total de acções de dança dividido por trimestres.

⁸⁰ Não foi possível descortinar as razões por que se assiste a uma queda da percentagem de acções de Teatro. Não se obteve resposta a um grupo de questões enviado por correio electrónico (Anexo 5.4).

teatro por trimestre de âmbitos distintos, em que um deles baseia-se num texto de autor de relevo, outro é protagonizado por um actor ou companhia de valor artístico ou reconhecido do público, e outro com agentes de criação - do concelho, distrito ou região (Anexo 5.2). O decréscimo da percentagem de acções não significa uma representação de teatro menor que a indicada pelo programador, pelo contrário, em 2013 o CTA apresenta, em média, quatro espectáculos por trimestre. De realçar que o género *revista* não integra, consciente e voluntariamente, a programação do CTA.

O cinema (Gráficos 7 e 7.1, Anexo 1.3) apresenta um cenário semelhante à área da música, embora com valores menores e uma subida menos acentuada, sobretudo de 2013 para 2014, em que é mínima. Duas sessões por mês, por norma de filmes que estrearam há três ou quatro semanas, é a estratégia de cinema que o programador tem para o CTA. No entanto, apenas no ano de 2014 os números de sessões correspondem à ideia enunciada, pois nos anos anteriores esse número é menor - com grande discrepância no ano inaugural. A subida do número e percentagem de acções explica-se por o cinema revelar-se a área que “acaba por se pagar a ela própria” (Anexo 5.2), sobretudo as sessões de cinema infantil. “Para promover a vinda ao CTA das famílias e também porque é rentável, é dos mais rentáveis, temos aí sessões que esgotam, 500 lugares vendáveis. (...)” (Anexo 5.2). Os critérios na programação de cinema assentam em filmes de cartaz na maioria das salas do país, sem espaço para cinema de autor dirigido a um público cinéfilo.

“(...) nós não nos podemos dar ao luxo de abrir uma sala destas para quatro pessoas ou para cinco; o que não quer dizer que não possamos fazer - inserido em determinado ciclo ou festival (...)”, que no intervalo de tempo estudado não se verifica. (Anexo 5.2)

As oficinas (Gráficos 6 e 6.1, Anexo 1.2) revelam-se uma aposta intermitente e com um número diminuto de acções contabilizadas. O ano de 2014 é o que apresenta mais actividades distintas, que correspondem a cerca de 3,2% da programação no respectivo ano.⁸¹ Pedro Teixeira informa que o teatro e a dança são as áreas privilegiadas na programação de oficinas, visto que na área da música há muita oferta no concelho.⁸² De referir que não foi possível esclarecer como o CTA envolve a comunidade nos projectos de criação artística com o número reduzido de oficinas que apresenta.⁸³ Mas realce-se que o programador do CTA considera que há diversas formas de motivar a comunidade a

⁸¹ De notar que grande parte destas iniciativas dinamizadas pelo CTA são planeadas no âmbito do SAC e que somente estão contabilizadas as que se concretizam no Teatro.

⁸² Sobretudo através do CMJ.

⁸³ Não se obteve resposta a um grupo de questões enviado por correio electrónico.

participar, através de iniciativas como por exemplo: assistir a *sound-checks*, visitas aos bastidores, participação na concepção de guarda-roupa, e ainda a apresentação de espectáculos ou obras criados por agentes locais.

“No âmbito de SAC há sempre um a dois espectáculos que fazemos para a infância e famílias, ou pelo menos que criem hábitos do público mais jovem vir ao Teatro (...) ou seja, que potencie já hábitos de crítica artística, nem que seja em família; os workshops e as oficinas no âmbito da programação; mediação do que está programado, como seja o caso das visitas-guiadas, visitas-jogo ou visitas-danças (...).” (Anexo 5.2)

Os gráficos da área multidisciplinar (Gráficos 12 e 12.1, Anexo 1.8) remetem para um decréscimo relevante da referida tipologia em 2013 e 2014 em comparação com 2012. Com uma representação de 37,5% de toda a programação da instituição no ano inaugural passa-se a cerca de 10% em 2014. Esta tipologia remete, essencialmente, para iniciativas promovidas por outras entidades que requerem a cedência de espaço, e que Pedro Teixeira confirma: “há várias situações em que algumas instituições (...) requisitam a sala, com o apoio municipal, para realizar as suas actividades, e pelo menos a cedência da sala é gratuita (...).” (Anexo 5.2).⁸⁴ A diminuição das actividades multidisciplinares no mapa programático do CTA é consequente da crescente aposta nas iniciativas de música, dança e cinema.

A tipologia exposições (gráficos 10 e 10.1, Anexo 1.6) descreve uma linha ascendente, que em 2014 representa mais de 5% da actividade do CTA.

“Começámos por fazer três por trimestre, mas o horário em que o Cineteatro está aberto a exposição nem respira, quase não se tem conhecimento, e estamos numa periodicidade de duas por trimestre.” (Anexo 5.2)

Das duas exposições apresentadas uma aposta no âmbito documental e outra nas artes plásticas, embora seja assumida a dificuldade em expor arte contemporânea, sobretudo escultura.

Sobre os espectáculos de índole internacional o programador informa que o CTA não tem agendado acções nesse âmbito, com excepção dos projectos inseridos em iniciativas específicas, como é o caso do *Festim*.

Os dados de acções apresentados contemplam a programação em rede da RUCI que se concretizou através da CIRA e que criou a oportunidade do CTA programar projectos a partir de uma bolsa de programação que de outro modo não seria possível.

Relativamente à escolha dos artistas, grupos ou companhias que integram a

⁸⁴ O programador esclarece ainda que o município de Albergaria-a-Velha destaca verbas suficientes para o orçamento do CTA para que nunca tenham recorrido a alugueres de sala como modo de programar o Teatro e integrar a agenda municipal.

programação do CTA, e quando questionado o programador sobre se a intenção passa por apresentar projectos desconhecidos do público ou se, pelo contrário, é dada primazia a projectos que se sabe serem do seu agrado, Pedro Teixeira indica que:

“É um equilíbrio entre os dois. Se tu só disponibilizares o que é desconhecido cria distância entre as pessoas e se o código for muito distante o público não se identifica e não vem (...) Assim como também se tu só dás aquilo que as pessoas sugerem (...) vais acabar por não estar a fazer um serviço público (...).” (Anexo 5.2).

Acrescenta ainda que ao programar pensa-se no público e a provável quantidade que irá assistir a determinado espectáculo. Um processo que não considera simples e cujos critérios têm que ver com: a área artística; a ligação com o território e comunidade; o orçamento disponível; o curriculum e a qualidade do artista ou companhia; a contextualização com o que acontece no concelho - datas festivas ou outros eventos, por exemplo -; expectativas do público; aval político; e, conscientemente, o gosto pessoal do programador. A calendarização para programar determinados projectos é outro dos critérios de programação do CTA, quer seja através da intenção de distribuir equilibradamente as diversas tipologias pelos trimestres, quer tendo em consideração a proximidade temporal de apresentação de determinados projectos nos Teatros da região.

A análise da programação do CTA permite concluir que as acções programadas vão ao encontro do que a própria instituição entende por programar um Teatro Municipal no que diz respeito às variáveis possíveis de constatar no âmbito do presente estudo. A abrangência de diversas tipologias, a programação de criadores de referência nacional e a aposta em projectos emergentes de âmbito local e regional, caracterizam a programação do CTA, que apesar de não descuidar o cuidado com a taxa de ocupação não está refém desse parâmetro.

4.2 Cineteatro de Estarreja

4.2.1 Caracterização

O Cineteatro de Estarreja (CTE), à semelhança do CTA, corresponde a uma recuperação do anterior equipamento⁸⁵, constatando-se diversas adaptações às novas exigências técnicas. Em 2005 o CTE reabriu com a mesma designação.⁸⁶ Com uma história de programação dedicada, sobretudo, ao teatro de revista e ao cinema, o Teatro de Estarreja assistiu a um decréscimo de actividade e de presença de público, tendo sido adquirido pela autarquia em 1993, disponível para acolher agentes locais até ao encerramento em 1999. Após candidatura a financiamentos para recuperação do edifício e consequentes benefícios que obtiveram dos fundos comunitários⁸⁷, o CTE reabriu em 2005 com as obras de recuperação concluídas e com a gestão da programação a cargo da autarquia.

O actual equipamento contempla espaços com características distintas, destacando-se: a sala principal, com capacidade para 508 lugares; a cafetaria, que corresponde ao espaço café-concerto; o *foyer*; os gabinetes de trabalho.

O CTE tem favorecido de apoios à programação⁸⁸, mas segundo Isabel Pinto⁸⁹ mais de metade do financiamento advém do orçamento municipal dedicado ao gabinete do CTE. Acrescente-se que também o município de Estarreja integra a CIRA, factor que se repercutiu na integração do CTE na anteriormente mencionada rede de programação impulsionada pela comunidade intermunicipal.

“Nós no ano passado (2014) e há dois anos tivemos um projecto apoiado pelo MaisCentro, PO Centro, que foi uma candidatura da CIRA – rede de programação cultural. Tivemos um financiamento de 85% de um investimento de 36 000 e qualquer coisa euros. Portanto nos últimos dois anos o financiamento que tivemos foi basicamente esse (...) que terminou no final de 2014. (...) Basicamente havia uma bolsa de espectáculos em que (...) os municípios (...) poderiam programar com aquela bolsa de programação. Portanto, se quisermos, aí estávamos um bocadinho limitados (...)” (Anexo 6.1)

⁸⁵ O primeiro Cineteatro da vila de Estarreja remonta à década de 40 do séc.XX, embora tenha sido em 1947 que se deu início à construção de um novo Cineteatro promovido pela Empresa Cinematográfica Aveirense, inaugurado em 1950. Mais detalhes em <<http://www.cineteatroestarreja.com/espaco.php?s=passado>> [consultado a 01/10/2014].

⁸⁶ O CTE está classificado como Imóvel de Interesse Municipal.

⁸⁷ Financiamento obtido através do programar FEDER III QCA: P.O.R Centro e P.O. Cultura (Anexo 8).

⁸⁸ “(...) no que respeita a programação o CTE esteve envolvido em redes/programas de financiamento, como protocolos com a D.G.Artes (acordos tripartidos), nomeadamente com a d’Orfeu – Associação Cultural, e as candidaturas de programação cultural em rede (Cultrede, Teatro Contemporâneo, RUCI)” (Anexo 6.5). No sítio de internet do CTE apresentam-se as entidades apoiantes <<http://www.cineteatroestarreja.com/apoios.php>> [consultado em 01/03/2015].

⁸⁹ Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente da CME e co-responsável pela programação do CTE (Ver entrevistas em Anexo 6.1 e 6.2).

No que diz respeito a apoios privados não há qualquer protocolo para um modelo sistemático, sendo apenas consumados apoios pontuais; porém, como afirma Isabel Pinto, há uma pretensão nesse sentido. As parcerias, nenhuma formalizada, estabelecem-se sobretudo com os agentes culturais locais através de “(...) situações pontuais de projectos que vão surgindo, desafiando as associações a colaborarem connosco (...)” (Anexo 6.1).

A gestão do CTE apresenta-se com um modelo semelhante ao CTA, com uma pirâmide hierárquica com base na presidência da Câmara Municipal de Estarreja (CME), depois vereação da cultura e em paralelo o gabinete de gestão do CTE e a Divisão de Educação, Acção Social, Coesão Social e Cultura. A programação do CTE - equipamento *âncora*⁹⁰ da cultura do município - corresponde a uma parte da programação do município que é articulada entre os equipamentos culturais municipais⁹¹, nomeadamente através do Laboratório de Aprendizagem Criativa (LAC).⁹² O LAC, enquanto serviço do município que desenvolve acções educativas e artísticas, torna-se um elo de ligação entre os equipamentos que fundam uma *rede de programação intramunicipal*.⁹³

A equipa do CTE é composta por técnicos do município e por prestadores de serviços. Os colaboradores do município que exercem funções como membros integrantes da equipa do CTE são: a responsável administrativa, o responsável técnico e de produção⁹⁴, um funcionário com funções múltiplas, e a própria chefe do gabinete de apoio ao presidente que assume a gestão da política cultural do município. Os restantes membros da equipa do CTE não integram o quadro autárquico, ou seja, a relação profissional com a CME e o CTE concretiza-se através da prestação de serviços. É o caso do responsável pela programação cultural do município, em especial do CTE - Luís Portugal⁹⁵-, da responsável pela área da comunicação⁹⁶, os dois luminotécnicos, o projeccionista, o electricista - de carácter pontual - e os membros da equipa de frente de casa. De notar que nenhum técnico tem

⁹⁰ Desse modo caracterizado por Isabel Pinto (Anexo 6.1).

⁹¹ CTE, Biblioteca Municipal; Casa Municipal da Cultura; Casa-Museu Egas Moniz; Casa-Museu Calheta Solheiro Madureira; e, segundo o programador, acrescenta-se o Agrupamento de Escolas.

⁹² O LAC tem como finalidade “(...) a captação, formação e fidelização de públicos, sempre tendo por base estes dois princípios de educação pela arte e a aprendizagem ao longo da vida, daí termos também trabalhado muito com o público sénior neste último ano, e naturalmente com ligação às escolas.” (Anexo 6.1). Mais detalhes sobre o LAC em <<http://www.cm-estarreja.pt/lac>> [consultado a 10/02/2015].

⁹³ De referir que o LAC foi criado apenas em 2014, e do que foi possível constatar ao longo da investigação, somente após a criação do LAC é que os equipamentos municipais iniciaram um trabalho em rede. (Anexo 6.2). Todavia, antes de 2014 o município promovia um serviço educativo, sobretudo com base no CTE.

⁹⁴ Hugo Gamelas (Anexo 6.7).

⁹⁵ Luís Portugal integra a equipa municipal somente desde 2014 (Anexo 6.3).

⁹⁶ Catarina Vasconcelos (Anexo 6.4).

responsabilidades exclusivas ao CTE, todos assumem funções relativas ao município.⁹⁷

Desde 2005 tem-se assistido a algumas mudanças na forma de programar o CTE, sobretudo no que respeita a quem assegura a programação, apesar de as deliberações finais serem sempre aprovadas pela presidência da CME em conjunto com a vereação da cultura. Isabel Pinto assumiu a responsabilidade de programar o CTE em 2013 - ano em que foi contratada pelo município de Estarreja.⁹⁸ Porém, devido à incompatibilidade das suas responsabilidades como chefe de gabinete e de acompanhamento e gestão do CTE, decidiu-se que Luís Portugal seria, a partir de 2014, programador cultural do município. Luís Portugal descreve a responsabilidade do seu cargo:

“É conseguir virar este espaço para a cidade, neste caso para o concelho; conseguir, sendo um Teatro Municipal, que seja muito interventivo em termos da comunidade (...) e ter uma equipa a funcionar. (...) Sempre com ligação ao executivo, ao município, neste caso à vereação, à Dra. Isabel Pinto também, (...)” (Anexo 6.3).

Quer Isabel Pinto em relação à vereação e presidência, quer Luís Portugal em relação a Isabel Pinto e à vereação, afirmam sentirem-se autónomos nas suas funções e decisões, embora sejam regularmente comunicadas e discutidas com o executivo.

4.2.2 O que é programar o Cineteatro Estarreja

A perspectiva sobre a programação do CTE apresenta-se no sítio de internet do Teatro enquanto estratégia que visa tornar o Teatro Municipal um espaço destinado a “(...) oferta cultural diversificada, de aprendizagem, de discussão, de apoio aos eventos e artistas da comunidade, de cruzamento de propostas e formas de criação artística”⁹⁹, em que os espectáculos são a forma privilegiada perante o público. Refere-se ainda que:

“Visando o desenvolvimento de públicos (sua captação, qualificação e fidelização), a programação do CTE conta prioritariamente com propostas culturais enriquecedoras ao nível individual e colectivo, devidamente complementadas com actividades paralelas (workshops, conferências, seminários, exposições, etc).”¹⁰⁰

Isabel Pinto esclarece que uma das pretensões é atrair públicos locais, regionais e até nacionais, através de uma programação abrangente, eclética e diversificada, não esquecendo de mencionar a relevância das acções de carácter formativo. Captar, formar e fidelizar públicos, sobretudo a nível local, considera ser uma finalidade da programação do

⁹⁷ Equipa do CTE em <<http://www.cineteatroestarreja.com/contactos.php>> [consultado a 01/10/2014].

⁹⁸ De referir que anteriormente Isabel Pinto integrava a equipa do município de Albergaria-a-Velha na fase de candidatura a fundos comunitários com vista à reabilitação do CTA.

⁹⁹ Visite-se <<http://www.cineteatroestarreja.com/espaco.php?s=presente>> [consultado a 01/10/2014].

¹⁰⁰ Idem

CTE que se atinge com acções educativas - desafiando os artistas - no âmbito do LAC. Luís Portugal, quando questionado sobre os objectivos da programação do CTE, também privilegia o discurso em torno da formação de públicos. O programador considera que a programação deve intentar criar hábitos culturais, de aprendizagens que não sejam efémeras - como algumas acções - mas uma aprendizagem cultural com repercussões a longo prazo.

“E depois temos também outra prioridade que é dinamizar acções de desenvolvimento da comunidade, portanto, tentar programar espectáculos que envolvam a comunidade.” (Anexo 6.2)

Neste contexto, verifica-se a vontade de definir uma estratégia programática que privilegia a democracia cultural.

4.2.3 Análise da programação do Cineteatro Estarreja (2005-2014)

O intervalo de tempo em estudo para a programação do CTE, 2005-2014, corresponde a cerca de 9 anos e meio.¹⁰¹ Outro aspecto relevante a ter em consideração tem que ver com a estratégia adoptada pelo CTE para a programação. Segundo Luís Portugal, apesar de as acções serem pensadas por trimestres, a lógica de programação das disciplinas artísticas é global.¹⁰²

A observação dos gráficos 19 e 19.2 (Fig. 6; Fig. 7) permite concluir que a programação do CTE no intervalo de tempo 2005-2014 é diversificada, apesar de não abranger duas das tipologias definidas no estudo - exposições e literatura. De entre a diversidade de áreas que integram a programação denota-se um desequilíbrio no que concerne à distribuição, nomeadamente entre o cinema e as restantes tipologias.

¹⁰¹ O CTE foi reinaugurado a 18 de Junho de 2005.

¹⁰² Mas é importante realçar que a perspectiva do programador entrevistado não é garantia de que corresponda à mesma lógica dos responsáveis anteriores pela programação em análise.

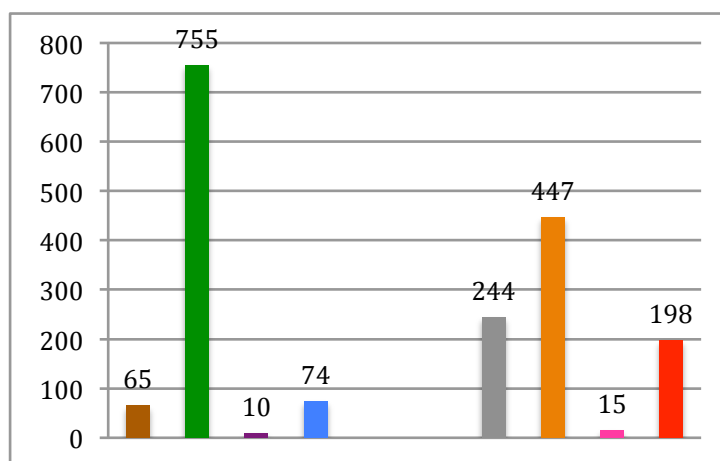


Fig. 6 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2005-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

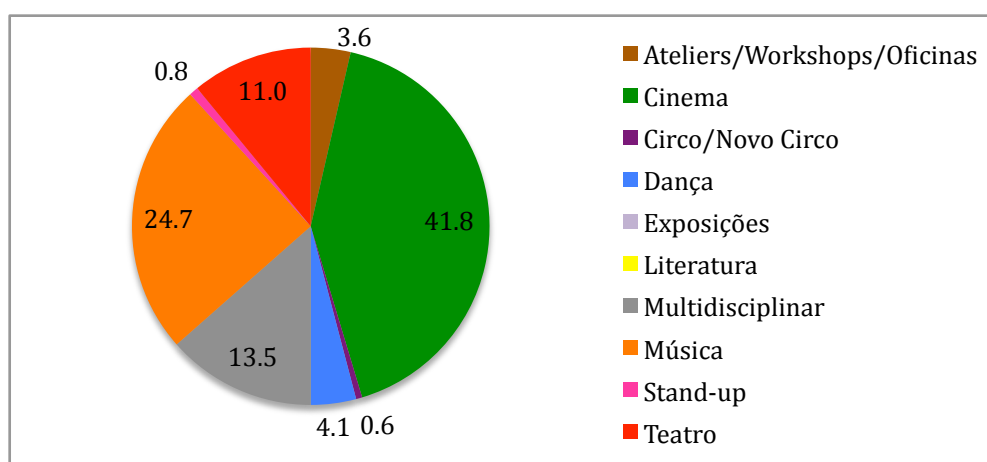


Fig. 7 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2005-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

As artes do espectáculo – música, teatro e dança – apesar de isoladamente não se revelarem, em comparação com o cinema, a aposta principal, correspondem a cerca de 40% de toda a programação. De entre as artes do espectáculo destaca-se, claramente, a música, que ocupa lugar privilegiado na programação do CTE, correspondendo à área artística com o segundo maior número de acções. O teatro apresenta um valor superior a metade da área da música. A dança concretiza-se em número reduzido na programação do CTE, sendo uma das áreas com menos apresentações junto do público.

O cinema é a área de maior destaque na programação do CTE, correspondendo a quase metade das acções desenvolvidas na instituição. A área multidisciplinar surge com menor destaque apenas em relação ao cinema e à música. As oficinas apresentam um reduzido número de acções, que representa menos de 4% da programação total. O circo e o stand-up são as áreas mais discretas da programação, não ultrapassando 1,5% do total de acções. Tendo em consideração os dados recolhidos e tratados não se detecta espaço na

programação do CTE para qualquer acção na área da literatura e exposições¹⁰³ no intervalo de tempo estudado.

O quadro 19 (Anexo 2.1) remete para uma oscilação do número total de acções do CTE entre 2005 e 2014. Em primeiro lugar assinala-se um crescimento entre 2005 e 2007, depois denota-se um decréscimo de 2007 até 2010, novamente uma escalada até 2012 e por fim um novo decréscimo até 2014, ano em que o número de acções aproxima-se do valor de 2005¹⁰⁴. De notar que o cinema é a única tipologia que acompanha directamente esta tendência, o que significa que o número total de acções apresentado no estudo em cada ano está rigorosamente dependente do número de sessões de cinema realizadas em cada ano.¹⁰⁵

O programador do CTE descreve um mapa das acções distribuídas metade pela área da música e depois pela dança e teatro. Observando o gráfico 19.2.1 (Anexo 2.1) - ou seja, excluindo-se o cinema - verifica-se que a música corresponde a cerca de 42% da programação do CTE e que as artes do espectáculo representam cerca de 68%. Neste contexto, a perspectiva do programador aproxima-se da realidade apenas se a programação for analisada excluindo-se a área do cinema. Mas ao analisar-se toda a programação verifica-se que as acções de música não correspondem a mais de ¼ do total da actividade do CTE.

Ao observar-se as barras correspondentes à área da música (Gráficos 36 e 36.1, Anexo 2.7), constata-se que o número de acções e a percentagem mantêm-se relativamente estável, embora com uma tendência crescente até ao ano de 2012, em que representa cerca de 34% da programação nesse ano, enquanto que em 2005 rondava os 19%. O número de espectáculos de música acompanha a tendência geral da programação do CTE. O programador declara que a música é a área mais apelativa para o público, não apenas no caso de Estarreja. Se excluído o cinema, a música é a tipologia de maior destaque na programação pela razão mencionada por Luís Portugal, acrescentando as contribuições das potencialidades da região.¹⁰⁶

Na área da música (Gráficos 40 e 40.1, Anexo 2.11), o sub-género pop/rock tem

¹⁰³ De notar que o edifício do CTE, ao contrário dos outros equipamentos estudados, não contempla qualquer espaço pré-destinado a exposições. Acrescente-se que há outros espaços municipais pré-destinados a esse fim, como é o caso da Casa Municipal da Cultura. Contudo, Isabel Pinto refere que há lugar a exposições no espaço do CTE (Anexo 2).

¹⁰⁴ Em 2014 contabilizam-se 155 acções em 12 meses e em 2005 contabilizam-se 128 acções em menos de 7 meses.

¹⁰⁵ A apreciação do gráfico 20 e dos gráficos 31 a 38 permite uma percepção mais pormenorizada do modo como o CTE programou cada uma das áreas entre 2005 e 2014.

¹⁰⁶ O festival *Estarrejazz* e a Big Band Estarrejazz; a d'Orfeu Associação Cultural que contribui para a concretização do *Outonalidades e Festim*, com incidência na música do mundo; as bandas filarmónicas.

especial destaque na programação do CTE, correspondendo a cerca de 35% dos espectáculos de música e com uma disparidade importante relativamente aos outros géneros musicais. Contudo, há lugar na programação para variadas formas de exhibir a música, desde a infantil/juvenil - com menor incidência – à música jazz – com uma expressividade a rondar os 16% da programação musical. Entre a música filarmónica, a música clássica e erudita, música do mundo e música coral, verifica-se uma distribuição equilibrada. O programador do CTE elucida sobre a consciência de determinados sub-géneros serem programados menos vezes por atraírem menos público. Mas afirma também que “(...) se calhar é nesse tipo de eventos que nós temos que incidir mais a nossa programação (...)” (Anexo 6.3), através de uma distribuição das acções de música ao longo do ano, de modo a que não haja concentração de um sub-género em determinado período e que provoque um contacto com o público somente no ano seguinte. Acrescenta ainda que há objectivos específicos que se pretendem alcançar com a programação de cada um dos sub-géneros de música, incluindo a apresentação de projectos internacionais que se apresentem, por exemplo, apenas em Lisboa, Porto e Estarreja.

Quanto à aposta no teatro (gráficos 38 e 38.1, Anexo 2.8) é visível uma valorização até ao ano de 2009, para depois se denotar um decréscimo do número de acções e da representatividade até 2014, ano em que os valores voltam a ser menores que em 2006.

No caso do teatro e da dança Luís Portugal esclarece:

“Hoje em dia há, talvez, dificuldade em conseguirmos ter alguns eventos ligados ao teatro e à dança que gostaríamos de ter. (...) Por um lado, as companhias de dança que existem não são estanques de composição das mesmas (...). E no teatro acontece a mesma coisa (...)”, acrescentando que se assiste a uma “parca oferta de qualidade (...)” (Anexo 6.3).

As questões orçamentais do Teatro também exercem influência, embora não tenha sido possível esclarecer os critérios que influenciaram o decréscimo da aposta em teatro a partir de 2009 (Anexo 6.6).¹⁰⁷ O número de acções de dança (gráficos 34 e 34.1, Anexo 2.5), por ser reduzido comparativamente com as restantes áreas do espectáculo apresenta uma estabilidade praticamente imaculada desde 2005 a 2014. Mas, contrariamente ao que acontece com a música e o teatro, o número de projectos apresentados no primeiro ano¹⁰⁸ é maior que nos dois anos seguintes, representando quase 5% em 2005 e 1,2% e 2,1% em 2006 e 2007, respectivamente. A partir de 2009 o número de acções não oscila mais que um

¹⁰⁷ O programador somente assumiu funções a partir de 2014.

¹⁰⁸ A programação contabilizada nesse ano corresponde apenas a um período de 7 meses – Junho a Dezembro.

valor absoluto e percentual.

O cinema (Gráficos 32 e 32.1, Anexo 2.3) é a tipologia com maior representação na programação do CTE, mas revela-se uma aposta que não segue uma linha programática idêntica às outras áreas. A grande percentagem de acções de cinema explica-se por três razões: o modelo de quantificação das acções definido para o presente estudo que contabiliza as várias sessões, na mesma semana, do mesmo filme; a projecção de cinema infantil em sessão dupla todos os primeiros domingos de cada mês; e a projecção semanal de sessões promovidas pelo Cine-Clube de Avanca (CCA).¹⁰⁹ O número de acções no intervalo de tempo em estudo é oscilante, embora se denote, sobretudo através dos valores percentuais, que a aposta no cinema tem vindo a ser expressivamente reduzida, com especial incidência a partir de 2009.¹¹⁰ A observação dos gráficos 20, 32 e 32.1 (Anexos 2.1 e 2.3) permite concluir que a programação do CTE nos três primeiros anos em estudo - de 2005 a 2007 - assenta, em grande parte, na aposta em sessões de cinema que correspondem a mais de metade da programação total do Teatro.¹¹¹

Observando os gráficos 31 e 31.1 (Anexo 2.2) verifica-se que as oficinas apresentam um número reduzido de sessões distintas comparativamente com outras áreas. Nos anos de 2007 e 2008 o CTE dinamizou mais acções desta tipologia, que representam entre 6% e 7% da programação da instituição, mas em todos os outros anos a tipologia representa apenas entre 2% e 3% da actividade do CTE. Segundo Isabel Pinto e Luís Portugal há a preocupação em articular estas iniciativas entre os artistas convidados e os agentes locais, dos quais Luís Portugal destaca os grupos de teatro jovem e escolas de dança do concelho e distrito. O programador do CTE ao referir-se à programação que promove a participação da comunidade local apresenta a sua perspectiva.

“Eu acho que o número de eventos que nós levamos aqui a palco, se calhar os de intervenção da comunidade local, muitas vezes, há trimestres, em que pode até ultrapassar os outros eventos.” (Anexo 6.3)

Apesar de ser comum que as oficinas se caracterizem pelo fomento da participação activa da comunidade não é, contudo, possível apurar com rigor a percentagem das acções

¹⁰⁹ Associação sediada na freguesia de Avanca e que promove as sessões de cinema às 5^{as} feiras.

¹¹⁰ Há uma ligeira subida dos valores nos anos de 2011 e 2012, embora sem alterar a tendência geral referida.

¹¹¹ Isabel Pinto informa que o cinema se mantém como uma das prioridades devido ao investimento do município na tecnologia digital (Anexo 6.2). De referir que os filmes programados pelo CCA incidem essencialmente em cinema de autor, cinema europeu e projectos cuja produção é assegurada pelo cineclubes. As sessões promovidas pelo CTE são o “reverso”, com cinema de circuito comercial duas a três semanas após a estreia nacional.

de intervenção comunitária. O número reduzido pode não significar uma ténue aposta neste género de actividades, pois no caso do CTE muitas destas iniciativas prolongam-se no tempo, como são os casos dos projectos de formação contínua do Grupo de Teatro Juvenil do CTE e a Big Band Estarrejazz.¹¹² Indubitável é o terceiro ano de actividade do CTE - 2007 - revelar uma maior aposta nesta tipologia, que segundo Luís Portugal provavelmente se deve à necessidade de captação, formação e fidelização de públicos, associada ao início da programação do CTE - atendendo que o Teatro Municipal reabriu em 2005.

O envolvimento da comunidade poderá estar, também, implícito em alguns espectáculos, mas que não são possíveis de contabilizar no âmbito do presente estudo.¹¹³ A integração dos agentes culturais locais na programação do CTE dá-se, sobretudo, através das actividades da tipologia multidisciplinar; o que não significa que, integralmente, promovam a intervenção da comunidade a que Luís Portugal se refere. A área multidisciplinar (gráficos 35 e 35.1, Anexo 2.6) começa por ter uma expressão quase nula na programação do CTE - veja-se os anos de 2005 e 2006 - tendo, a partir de 2007, crescido, estabilizado e ganho espaço na programação. De destacar o ano de 2013, em que a área multidisciplinar se revela como a tipologia mais representativa, correspondendo a quase 30% da programação do CTE nesse ano, "(...) provavelmente por uma questão de gestão orçamental." (Anexo 6.6).

Apesar de não ter sido possível detectar qualquer acção de literatura e exposições com base nos documentos acedidos, Isabel Pinto informa que a programação do CTE integra ambas as áreas, embora sem regularidade (Anexo 6.2). Luís Portugal complementa e indica que, esporadicamente, estão patentes exposições no *foyer* ou no Café-concerto, e na área da literatura foram apresentados alguns espectáculos de promoção da língua portuguesa.

A apresentação de projectos internacionais rege-se por critérios semelhantes à promoção de artistas ou companhias nacionais. No entanto, os factores que influenciam a presença no CTE são distintos, nomeadamente a disponibilidade e os recursos financeiros, embora o programador saliente que, por vezes, há projectos de cariz internacional financeiramente mais acessíveis que determinados projectos nacionais (Anexo 6.3). No que respeita aos objectivos, Isabel Pinto esclarece que há distinção, pois ao programar-se um projecto internacional pretende-se abranger um público mais vasto, para além do contexto

¹¹² Foi contabilizada apenas uma acção por cada ano lectivo, embora as sessões decorressem semanalmente. Luís Portugal acrescenta que em 2015, no âmbito do LAC, têm duas a três oficinas por trimestre dirigidas aos públicos infantis, jovens e seniores; e ainda duas oficinas de teatro que decorrem também semanalmente: *Teatro do Desassossego* (para 12-18 anos) e *Trama* (para crianças dos 6 aos 11 anos). (Anexo 6.3)

¹¹³ Em <<http://www.cinetatroestarreja.com/imprensa.php?id=446>> [consultado em 10/12/2015] são mencionados alguns exemplos referentes ao ano de 2014.

regional, e valorizar o CTE no panorama dos Teatros Municipais em Portugal (Anexo 6.2). No que respeita a co-produções, segundo Isabel Pinto, integraram a estratégia programática do CTE no intervalo de tempo em estudo, contudo, não é possível apresentar dados no âmbito do presente trabalho.¹¹⁴

A programação em análise contempla projectos escolhidos no âmbito da rede de programação da CIRA e que se baseiam nos princípios mencionados anteriormente. Na perspectiva do CTE a repetição de determinados espectáculos considera-se prejudicial a todos os Teatros envolvidos, porém há determinados projectos cuja apresentação em outros Teatros da região não interfere minimamente com a programação do CTE, particularmente os que são promovidos no âmbito do serviço educativo e dirigidos ao público escolar.

Os critérios que definem a escolha das áreas e dos projectos a programar são orientados, primeiramente, tendo em consideração os vários públicos do CTE. Sobre o assunto Isabel Pinto afirma que a programação do Teatro assenta na seguinte dualidade:

“(…) por um lado dar aquilo que as pessoas esperam, por outro lado apresentar aquilo que são abordagens diferentes, dar-lhes a conhecer, tornar acessível, outro tipo de espectáculos que as pessoas não estão à espera.” (Anexo 6.2).

Luís Portugal corrobora, mas acrescenta que a política financeira é, cada vez mais, fundamental e que por isso têm que programar espectáculos “mediáticos” de modo a que haja retorno como contrabalanço da promoção de projectos dirigidos, por exemplo, à comunidade escolar, que se constitui como um investimento do município. O programador acrescenta a relevância da época lectiva, sobretudo associada aos períodos escolares, que se define como um critério que influencia a programação em cada trimestre.

De entre os artistas e companhias que integram a programação, alguns apresentam-se por iniciativa própria ou de uma entidade promotora, designando-se por cedência de sala¹¹⁵ ou por acolhimento.¹¹⁶ Ambos os casos são considerados como programação do CTE, mesmo quando se tratam de propostas de iniciativa do Teatro¹¹⁷ e apesar de o público ser informado através de uma nota na divulgação. Isabel Pinto acrescenta que, por vezes, há acolhimentos que são recusados por se considerar que não se enquadram na lógica programática da instituição.

¹¹⁴ O programador acrescenta que é intenção do CTE retomar a política de co-produções, mas alerta para as dificuldades inerentes aos processos logísticos e financeiros.

¹¹⁵ Por norma quando se disponibiliza o espaço para os agentes locais.

¹¹⁶ Quando o Teatro acolhe determinado grupo ou artista, por norma, mediante o aluguer de espaço.

¹¹⁷ “(…) espectáculos que gostaríamos de ter cá e em termos orçamentais não conseguimos, normalmente a proposta que fazemos é: cedemos a sala.” (Anexo 6.2).

A análise à programação permite anunciar que a programação do CTE é, como caracterizada pelo programador, transversal a diversas tipologias, com a intenção de equilibrar os conteúdos contemporâneos com os clássicos, os conteúdos de cariz emergente e os populares.¹¹⁸ Nesse sentido, a estratégia programática do CTE intenta, segundo Isabel Pinto, na realização mensal de “um espectáculo, no mínimo, de teatro, música, dança e um espectáculo mais no âmbito formativo, portanto no âmbito do LAC.” (Anexo 6.2), dirigido sobretudo ao público infantil. Para além disso “Tentamos pelo menos uma vez por mês ter um espectáculo no Café-concerto. É essencialmente música, mas pode não ser”, acrescentando que a programação se complementa com as sessões de cinema, com os espectáculos de acolhimento e as cedências de sala aos agentes locais (Anexo 6.2).

Uma actuação que abrange diversas áreas e com uma calendarização cuidada, é como Isabel Pinto caracteriza a programação do CTE e que os dados compilados demonstram ser uma perspectiva inquestionável. Porém, uma abordagem pormenorizada das acções apresentadas contraria a lógica de que o cinema complementa a programação de música, teatro, dança e acções formativas. Na realidade a programação do CTA, no intervalo de tempo em estudo, assenta sobretudo nas áreas de cinema e música, revelando-se o teatro e a dança como as tipologias que complementam a programação, diversas vezes através de acolhimentos e cedências de sala, no último caso aos agentes locais.

¹¹⁸ Luís Portugal encara popular como conceito “(...) mais ligado ao tradicional, às nossas origens, inclusive às coisas que se vão fazendo por aqui, à própria vida e tradições e recordações, o abrir alguns caminhos, para que esse popular se torne realmente tradicional e não popularucho. (...) Por outro lado, quando às vezes falo no popular falo em nomes que estão muito mais presentes na memória das pessoas, que devido aos media nos entra pela casa adentro quase todos os dias (...)” (Anexo 6.3).

4.3 Centro Cultural de Ílhavo

4.3.1 Caracterização

Sobre o Centro Cultural de Ílhavo (CCI) torna-se indispensável começar por referir que o equipamento em estudo contempla dois edifícios distintos – o Centro Cultural de Ílhavo localizado no centro da cidade de Ílhavo, e o Centro Cultural da Gafanha da Nazaré (CCGN) situado na freguesia de Gafanha da Nazaré – e que ambos são parte integrante da instituição municipal Centro Cultural de Ílhavo¹¹⁹ - designação considerada no âmbito do presente trabalho. O edifício actual correspondente ao CCI, antagonicamente aos Cineteatros Alba e de Estarreja, é um projecto construído de raiz e inaugurado em 2008.¹²⁰ O CCGN foi inaugurado em 2010 após obras de recuperação.¹²¹

O CCI dispõe de um auditório com capacidade para 500 lugares, um *foyer* amplo, uma sala de ensaios, uma sala de exposições, gabinetes de trabalho, e ainda do vasto espaço da praça do CCI como espaço integrante do Centro Cultural. O CCGN¹²² dispõe de um auditório com 377 lugares, uma sala de conferências, uma sala de ensaios, uma sala de exposições, e ainda espaços com capacidade para acolher companhias ou grupos residentes.

O financiamento do CCI advém em exclusivo do orçamento municipal que é canalizado para a instituição, das receitas provenientes da bilheteira e dos alugueres de espaços no CCI e CCGN. À semelhança dos outros Teatros em estudo, também o CCI beneficiou de apoio à programação em rede pelo facto do município de Ílhavo integrar a CIRA. Sobre parcerias José Pina¹²³ esclarece:

“Nós temos três tipos de parcerias. Temos uma a nível de hotelaria com o Hotel de Ílhavo, que é um parceiro nosso. (...) Temos parcerias ao nível da divulgação, através do jornal da região, que é o Diário de Aveiro; e também com uma empresa que faz a gestão de espaços publicitários, ao nível do apoio da divulgação (...). Depois temos uma parceria com duas entidades privadas (...) que apoiam a realização de duas acções durante o ano aqui no Centro Cultural.”¹²⁴ (Anexo 7.1).

¹¹⁹ A propósito da designação de Centro Cultural, e não de Teatro Municipal, José Pina expressou: “(...) parece-me que é um termo que se enquadra bem naquilo que é a sua filosofia de acção e naquilo que representa, porque efectivamente não se limita a uma área específica.” (Anexo 7.1).

¹²⁰ Projecto de arquitectura destinado especificamente às práticas culturais e artísticas e que corresponde ao maior investimento financeiro do município de Ílhavo, embora com benefícios provenientes do Programa Operacional de Cultura do QCA 2000/2006. Mais detalhes em

<<http://www.centrocultural.cm-ilhavo.pt/pages/30>> [consultado a 01/10/2014].

¹²¹ Investimento do município de Ílhavo com apoios de Fundos Comunitários do Programa Operacional da Região Centro. Mais detalhes <<http://www.centrocultural.cm-ilhavo.pt/pages/36>> [consultado a 01/10/2014].

¹²² O equipamento incorpora no seu espaço o Fórum Municipal da Juventude da Gafanha da Nazaré e o Pólo de Leitura da Biblioteca Municipal de Ílhavo.

¹²³ Programador do CCI (Anexos 7.1 e 7.2).

¹²⁴ Pelo facto do CCI não ser um entidade autónoma, as parcerias formalizadas com entidades privadas são estabelecidas com o município de Ílhavo. Visite-se o sítio de internet <<http://www.centrocultural.cm->

A relação com as associações é estabelecida através do município - que reconhece a relevância associativa e social em benefício da comunidade – para que o CCI operacionalize as solicitações de espaços, os acolhimento de projectos, mas também, em alguns casos, colabore na construção de conteúdos e impulsione evoluções técnicas.

Sendo o CCI uma instituição do município, a programação do Centro Cultural enquadra-se na política cultural que a autarquia define para o concelho.¹²⁵ O serviço educativo do município de Ílhavo (SEMI)¹²⁶ dinamiza-se em articulação com diversas instituições municipais¹²⁷, sendo que as acções de criação e formação artística são dinamizadas sobretudo no CCI.

O modelo de gestão do CCI é idêntico aos Cineteatros Alba e de Estarreja. Todavia, é reconhecida maior autonomia do programador. São comunicadas determinadas decisões à vereação da cultura e presidência de câmara, sobretudo planos e objectivos anuais, porém, José Pina assume autonomia para gerir o equipamento e a programação com base no orçamento anual delineado para o CCI. José Pina, que se define como *programador e gestor cultural* do CCI clarifica as suas funções:

“É exactamente fazer as funções que fazem parte dessas duas componentes distintas, portanto, a programação e a gestão. Cabe-me a mim pensar num desenho de programação, uma linha de orientação a nível artístico que consiga atingir os objectivos que são estipulados por mim e pela câmara para o equipamento, e depois materializar esses objectivos num conjunto de acções que na minha perspectiva possam, de uma forma mais eficaz, cumprir com essas metas que nós identificamos.”
(Anexo 7.1).

A equipa do CCI, composta em exclusivo por técnicos do município, tem-se caracterizado, desde 2008, pela estabilidade. O programador esclarece que a equipa é ainda composta por uma funcionária administrativa, um funcionário responsável pela bilheteira, dois técnicos de produção¹²⁸, um técnico de som e um responsável pela direcção técnica.

4.3.2 O que é programar o CCI

O entendimento sobre a missão do CCI segundo o respectivo município encontra-se

ilhavo.pt/pages/13> [consultado a 01/10/2014].

¹²⁵ No município de Ílhavo a divisão de cultura, turismo e juventude responde à vereação da cultura que consequentemente responde à presidência.

¹²⁶ Para um esclarecimento acerca de objectivos e outras informações visite-se <<http://www.cm-ilhavo.pt/pages/430>> [consultado a 01/10/2014].

¹²⁷ CCI, Biblioteca Municipal, Museu Marítimo de Ílhavo, Centro de Educação Ambiental, Escola Municipal de Educação Rodoviária, Navio-Museu Santo André, e Centro de Documentação de Ílhavo.

¹²⁸ Catarina Mano (Anexo 7.3).

expresso no sítio de internet do Centro Cultural, em que se define:

“(...) como um espaço de criação e de difusão artística, contribuindo ativamente para o reforço da política cultural, assente na opção estratégica da cultura como elemento de desenvolvimento socioeconómico do Município de Ílhavo.”¹²⁹

A criação artística enunciada é proposta à comunidade local e regional, essencialmente através de carácter associativo mas também do sector privado; o que não condiciona os objectivos do CCI de contribuir para a afirmação do município de Ílhavo como referência nacional na área da cultura.

A programação do Centro Cultural torna-se a estratégia que intenta na concretização da missão e no alcance dos objectivos. Nesse sentido, o município declara que programar o CCI é abranger as diversas áreas de criação artística e valorizar as novas tradições e linguagens culturais. José Pina esclarece que se trata de apresentar ao público os projectos contemporâneos de criação nacional e internacional e apoiar os agentes locais e nacionais.

No que respeita aos objectivos da programação do CCI, o programador refere que há dois objectivos principais:

“O primeiro é tentarmos formar públicos e fazer com que através da cultura e dos actos culturais as pessoas do município possam ficar com competências de forma a terem uma leitura e uma interpretação diferente não só sobre a nível cultural e artístico, mas também sobre a vida em geral, (...) a outra é de criar hábitos, criar hábitos culturais de forma regular (...), de entrar num espaço cultural.”(Anexo 7.2)

Programar o CCI é também envolver o público de todas as faixas-etárias e de todos os meios sócio-económicos, e só desse modo, afirma José Pina, se presta um serviço público. Todavia, esclarece-se que serviço público prestado por um Teatro Municipal não se confunde com programar todo o género de projectos que há no mercado, “porque nós não somos o Estado português” (Anexo 7.2), e o Centro Cultural tem de cumprir os objectivos estipulados por quem paga a programação – a Câmara Municipal de Ílhavo.

4.3.3 Análise da programação do Centro Cultural de Ílhavo (2008-2014)

Para a análise da programação do CCI importa referir que o tempo de estudo é de 6 anos e 9 meses, respeitante ao intervalo 2008-2014.¹³⁰ Por outro lado é fundamental ter em consideração que o modelo programático do CCI assenta numa estratégia transversal a todas as tipologias: “Eu não defino objectivos específicos para cada uma das áreas” (Anexo 7.2). O modo como a programação se distribui pelos trimestres é fruto dessa estratégia

¹²⁹ Visite-se <<http://www.centrocultural.cm-ilhavo.pt/pages/30>> [consultado a 01/10/2014].

¹³⁰ O CCI iniciou a sua actividade no final do mês de Março de 2008.

global, mesmo quando determinados compromissos são definidos anualmente.

Os dados fornecidos pelos gráficos 42 e 42.2 (Fig. 8 e Fig. 9) evidenciam que a programação do CCI no intervalo de tempo 2008-2014 abrange todas as tipologias referidas no estudo e com equilíbrio entre determinadas áreas. Em primeiro lugar a música e o cinema correspondem a cerca de metade da programação total do CCI; depois, também com valores próximos entre ambos, o teatro e a área multidisciplinar. As oficinas - com maior incidência – e sobretudo as exposições e a dança apresentam valores semelhantes, entre os 6% e os 9% da aposta programática da instituição. Por último, de forma discreta, o stand-up, a literatura e o circo, que representam menos de 3% das acções do CCI.

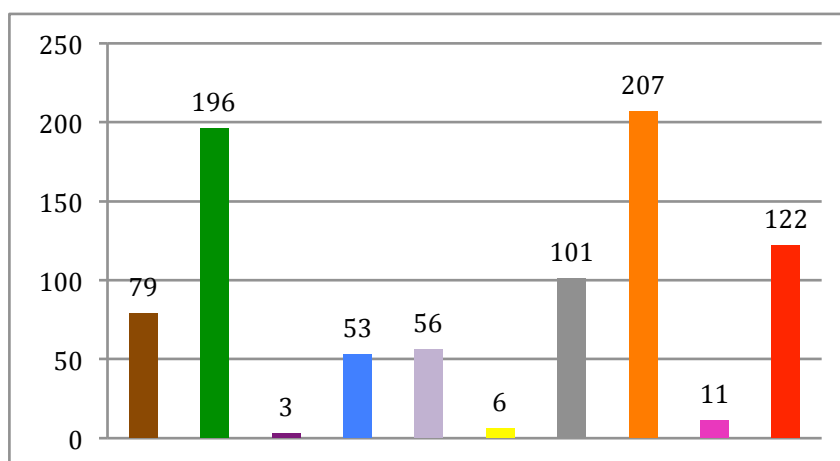


Fig. 8 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2008-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

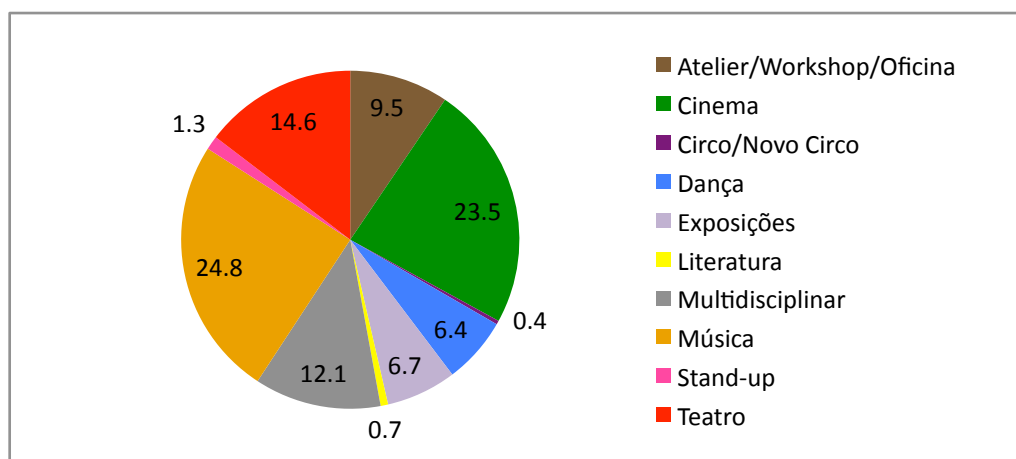


Fig. 9 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2008-2014. (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

Observando o caso das artes do espectáculo, embora a música constitua cerca de $\frac{1}{4}$ de toda a programação, há que realçar que o teatro também assume relevância na dinâmica do centro cultural, sendo a terceira área privilegiada e representando cerca de 15% da programação. As acções de dança surgem ligeiramente abaixo do número de exposições.

O cinema, com número de sessões próximo da música e representando 23,5% do total de acções, revela-se uma disciplina artística em destaque na programação do CCI. De entre as outras tipologias de maior aposta verifica-se que a área multidisciplinar representa cerca de 13% da actividade da instituição, seguida das oficinas, cerca de 10%, e das exposições, cerca de 7%. A apreciação do gráfico 43 remete para a seguinte constatação: salvo alguns casos excepcionais, é notório o crescimento do número de acções em cada uma das áreas até ao ano de 2010 e depois um decréscimo acentuado, sobretudo a partir de 2012, do número total de actividades apresentadas. Este facto é mais evidente com a música (com excepção em 2014), cinema e teatro.¹³¹ O quadro 42 (Anexo 3.1) clarifica a curva ascendente de 2008 a 2010 e descendente de 2011 a 2014.¹³² O programador considera que provavelmente se deve ao “(...) efeito de consolidação e de descoberta do centro após o primeiro ano de actividade completa (12 meses) que aconteceu em 2009.” (Anexo 7.4).

A junção das áreas de música, teatro e dança, demonstram como as artes do espectáculo correspondem a quase metade da programação do CCI, cerca de 46% do total de acções. José Pina afirma que o Centro Cultural pretende apresentar uma distribuição equilibrada, mas com consciência de que “Tem sempre mais coisas de música do que teatro e dança, e tem sempre mais coisas de teatro do que dança”. No caso da música há pragmatismo sobre o critério que define o destaque desta tipologia, sobretudo de música pop/rock, e que tem que ver, simplesmente, com opções programáticas da instituição.

Os gráficos referentes à área da música (Gráficos 58 e 58.1, Anexo 3.9) ilustram como o ano de 2010 também corresponde ao maior pico de actividade da referida área. A música constitui-se como a tipologia privilegiada da instituição, cuja percentagem de acções corresponde sempre a mais de 20% da programação, com especial incidência no ano de 2014, em que assume quase 30% da actividade do CCI nesse ano. A área da música (gráficos 62 e 62.1, Anexo 3.13) divide-se entre a aposta no pop/rock, que constitui quase metade da programação de música do CCI - mais de 43% - e todos os outros sub-géneros. O *Festival Rádio Faneca*¹³³ constitui-se como um contributo para o destaque que a música pop/rock tem na programação do CCI, especialmente no ano de 2014. Não obstante, a programação contempla todos os sub-géneros de música. A música fado corresponde a cerca de 14% da estratégia programática da área musical, seguida de um notório equilíbrio entre a

¹³¹ Tome-se em atenção que o ano de 2010 é coincidente com a reabertura do CCGN.

¹³² De notar que 2013 apresenta-se como o ano de menor actividade.

¹³³ Festival que promove diversas áreas artísticas, mas cuja base programática assenta em concertos de música pop/rock. Realizou-se em 2012, 2014 e 2015.

música clássica e erudita¹³⁴, com valor próximo dos 9%, e a música de bandas filarmónicas, a música infantil/juvenil, a música coral e a música jazz, com representatividade a rondar os 6%. A música tradicional/popular e a música do mundo são os sub-géneros menos expressivos da programação de música do CCI.¹³⁵

No que diz respeito ao teatro e à dança, segundo o programador, os projectos baseiam-se no estilo contemporâneo, clássico e de autor. A aposta na dança é menor em relação ao teatro “(...) por uma questão de escala de projectos; há menos projectos, há menos projectos interessantes, há menos público, tudo isso se cruza” (Anexo 7.2).

Os gráficos alusivos ao teatro (Gráficos 60 e 60.1, Anexo 3.11) reflectem com precisão o que foi mencionado anteriormente. A única diferença em relação à música é a queda de acções registada em 2014. No entanto, o decréscimo não é sinónimo de menor representatividade.¹³⁶ Na verdade, a tendência do teatro é bastante estável, o que se comprova através dos valores percentuais que não oscilam para além dos 12,3% e os 17,5%. Os gráficos 54 e 54.1 (Anexo 3.5) remetem, primeiramente, a aposta na dança para uma lógica semelhante. Todavia, numa análise mais cuidada, constata-se uma diminuição abrupta de 2011 para 2012, embora em 2013 os espectáculos de dança voltem a aumentar e cheguem a corresponder a cerca de 9% da programação desse ano. De um modo geral a aposta na dança revela-se equilibrada no intervalo de tempo em estudo. Quando questionado sobre o decréscimo das acções de dança e teatro a partir de 2012, José Pina esclarece que se deve a opções programáticas e constrangimentos financeiros, embora o teatro seja, em 2013 e 2014, a terceira área com maior representatividade na programação.

O cinema (gráficos 52 e 52.1, Anexo 3.3) atinge o maior número de sessões em 2009 e 2010 e após 2011 denota-se uma queda significativa que se mantém até 2014. Nos dois primeiros anos de actividade do CCI o cinema é a tipologia que regista maior número de acções. Em termos percentuais a tendência é o decréscimo da relevância do cinema na programação do CCI, que a partir de 2010 passa a corresponder a cerca de 22% da programação em cada ano, enquanto que em 2008 representa mais de 30%. José Pina justifica pela redução de filmes disponíveis, mas também por opção da instituição (Anexo 7.4). Apesar do cinema se constituir como a segunda área de maior destaque na

¹³⁴ É mencionado que os elevados custos das estruturas de orquestras é um critério que impossibilita uma aposta maior na música clássica (Anexo 7.2).

¹³⁵ De notar que não foi possível catalogar algumas acções contempladas na programação fornecida, que equivalem à tipologia “Música (não especificada)”.

¹³⁶ No ano de 2013 denota-se precisamente o inverso – o número de acções decresce mas a representação do teatro revela-se a mais alta no período 2008-2014.

programação, a selecção de filmes ficava a cargo de outro elemento da equipa do CCI, após validação de José Pina, e caracterizava-se pela aposta em cinema “comercial”.¹³⁷

As tipologias que, por norma, fomentam o envolvimento da comunidade – oficinas e multidisciplinar - representam mais de 21% das acções do CCI. Relativamente às oficinas dinamizadas pelo CCI, José Pina lembra que o objectivo é promover a participação-activa dos destinatários e contribuir para o enriquecimento pessoal a nível cultural e social. O programador destaca a relevância das oficinas por permitirem criar:

“(…) um conjunto de ferramentas de mediação cultural com estas pessoas (participantes) que facilita, hoje, a nossa comunicação, a nossa ligação à comunidade e a nossa base de recrutamento, de opções, para construir conteúdos que sejam feitos localmente para e com as pessoas.” (Anexo 7.2).

Os gráficos 51 e 51.1 (Anexo 3.2) mostram que 2009 é o ano de maior aposta nesta tipologia - quase 16% da programação desse ano.¹³⁸ Em todos os outros anos o número de acções revela-se estável e os valores representativos estabilizam, sobretudo nos últimos três anos em análise, entre 10% e 11% de percentagem da programação. As oficinas são, por norma, dinamizadas pelo SEMI e dirigidas ao público infantil. Segundo o programador, desenvolvem essencialmente a área da música, do teatro e da dança, mas nem sempre com o equilíbrio desejado. São parte integrante, e fundamental, da programação, revelando-se o principal pólo mediador entre a instituição, a comunidade e o público.¹³⁹

A área multidisciplinar (Gráficos 56 e 56.1, Anexo 3.8) apresenta um aumento gradual de acções até que se verifica uma redução, sem retorno, do espaço destinado às iniciativas multidisciplinares, mas com a particularidade do pico atingir-se em 2011 - e não em 2010, como acontece com outras tipologias - e de em 2012, a par da música, ser a tipologia com maior representação, cerca de $\frac{1}{4}$ da programação do CCI. As razões descritas por José Pina para a curva ascendente são o “(...) acréscimo na procura do espaço e porque começamos a ter mais condições de responder a estes acolhimentos do ponto de vista técnico e de equipa”.¹⁴⁰ Contudo, não fica explícito por que se assiste, em 2013 e 2014, a um decréscimo da representação da área multidisciplinar na programação do CCI.

O número e a percentagem de exposições apresentados nos gráficos 55 e 55.1 ,

¹³⁷ De referir que em 2015, ano de realização das entrevistas, o CCI já não contemplava cinema na programação. “O investimento para passar ao cinema digital é muito grande e nós estamos numa região que a 5km tem salas com todas as condições e a universidade também tem cinema de autor e cineclubes. Apesar de o cinema ser uma das nossas áreas de trabalho essa não é a nossa prioridade.” (Anexo 7.2).

¹³⁸ Saliente-se que no âmbito do estudo não foi possível apurar os critérios para a maior aposta no referido ano, bem como não há informação que permita apresentar o número de acções de carácter contínuo.

¹³⁹ Perspectiva partilhada também pelo CTA e CTE.

¹⁴⁰ Acrescente-se que em Junho de 2010 assiste-se ao reinício de actividade do CCGN.

(Anexo 3) permitem afirmar a posição de relevo na programação do CCI, correspondendo a cerca de 7% da actividade total. A valorização da tipologia exposições comprova-se pela referência no sítio de internet da instituição: “Dotado de um excelente espaço expositivo, o Centro Cultural desenvolve igualmente um programa de exposições bastante atrativo e diversificado”.¹⁴¹ Contudo, a percentagem de exposições apresentadas é reduzida nos últimos três anos, sobretudo se comparada entre 2008 e 2010. Em relação aos critérios de programação desta tipologia, o programador indica que são definidos a três anos pelo próprio, mas que a escolha dos conteúdos fica a cargo de uma técnica do município que é responsável pela parte expositiva da CCI e do Museu Marítimo.¹⁴²

A apresentação de projectos internacionais rege-se pelos mesmos critérios da promoção de projectos nacionais. No entanto, há a consciencialização de que a programação de projectos desta natureza posicionam o CCI perante a comunicação social, a sociedade e o público, nestes casos de contexto nacional. José Pina acrescenta que a programação de projectos de índole internacional não assume o objectivo da formação de públicos, tratando-se somente de oferta cultural. As co-produções constituem-se como outra das estratégias de acção do CCI, bem como as parcerias e as encomendas, cujo envolvimento do Centro Cultural se concretiza através da disponibilização de espaços, do apoio financeiro, ou ambos.¹⁴³

Sobre as iniciativas programadas no âmbito da rede da CIRA, José Pina esclarece que “(...) foram importantes para nós, mas não condicionam a nossa actividade, ou seja, elas ou têm enquadramento ou simplesmente não são programadas.” (Anexo 7.2). De entre as possibilidades destaca os projectos e encomendas relacionados com a formação de público e associados à contemporaneidade artística.¹⁴⁴

A distribuição da programação entre o edifício do CCI e do CCGN pretende-se que seja equilibrada mas, segundo José Pina, assume-se que o espaço prioritário é o CCI. Porém, como se observa no gráfico 61 (Anexo 3) não se alcança o equilíbrio pretendido. O que se denota é um desequilíbrio acentuado entre as acções que se realizam no CCI, mais de 80%, e

¹⁴¹ <<http://www.centrocultural.cm-ilhavo.pt/pages/30>> [consultado a 01/10/2014].

¹⁴² As acções de literatura, circo e stand-up são as áreas com menor expressividade na programação do CCI, sendo que a literatura e o circo, para além de uma representação quase nula, são programadas de modo irregular. Relativamente à literatura José Pina considera que missão do CCI “(...) não é bem essa, é mais para a biblioteca.” (Anexo 7.2).

¹⁴³ De salientar que o edifício do CCGN apresenta condições para acolher residências artísticas.

¹⁴⁴ Apesar dos benefícios, José Pina alerta que a linha programática do CCI não se adaptou às propostas da rede e que nada surgiu *forçado* (Anexo 7.2).

no CCGN¹⁴⁵, cerca de 11%. O programador do CCI acrescenta que outro dos critérios tem que ver com as condições técnicas inerentes a determinados espectáculos e a perspectiva da quantidade de público a que se dirige cada evento.¹⁴⁶

Os critérios de programação do CCI não descuram o equilíbrio financeiro da instituição, porém, José Pina não considera que o planeamento das acções esteja refém do retorno financeiro dos projectos. O público que se pretende motivar em determinado trimestre, ou semestre, e os objectivos que se desejam atingir, são os principais aspectos a ter em consideração quando se define a programação. Simultaneamente faz-se o diagnóstico de exequibilidade financeira, técnica e de produção.

Depois “(...) é perceber se estamos, com base num desenho que decidimos programar, (...) numa cadência correcta ou não, por exemplo se estamos a sobrepor actividades, se estamos a fazer muitas coisas de música ou teatro, ou com uma veia artística muito próximas.” (Anexo 7.2).

Tais critérios não condicionam a apresentação de projectos quer sejam conhecidos do público quer sejam desconhecidos, na medida em que ambos integram a programação sem especial preferência do programador. As acções que requerem a envolvência da comunidade, apesar da relevância que assumem na estratégia da instituição, sabe-se que se concretizam em menor número comparativamente com as iniciativas dirigidas ao público.¹⁴⁷ A programação do CCI rege-se ainda por outros critérios específicos, que vão de encontro ao conceito de qualidade definido pelo programador e que estão relacionados com a dimensão artística.¹⁴⁸ Acrescente-se que a programação é condicionada por factores externos, nomeadamente a disponibilidade dos artistas ou companhias para se apresentarem na altura pretendida ou a proximidade temporal em que determinados espectáculos se apresentam nos Teatros da região. Contudo, esclarece-se: “Eu faço a minha programação sem estar a tentar perceber o que vai fazer Aveiro, Estarreja ou Albergaria.” (Anexo 7.2).

De entre as acções apresentadas algumas tratam-se de acolhimentos.¹⁴⁹ Há propostas que são recusadas, excepto quando se trata de um aluguer de sala na íntegra, em

¹⁴⁵ inclui todos os espaços do edifício, como sala principal, sala de exposições, *foyer*, exterior e outros.

¹⁴⁶ Nas palavras de José Pina o CCGN tem vindo gradualmente a tornar-se o espaço dedicado a projectos da comunidade e de agentes culturais locais, embora não haja um convite forçado nesse sentido.

¹⁴⁷ O *Festival Rádio Faneca* é o maior projecto de envolvência da comunidade local, antes e no decorrer da iniciativa.

¹⁴⁸ No caso do teatro, por exemplo, é tido em consideração o texto, o encenador, os actores, ou seja, o conhecimento das fichas técnicas (Anexo 7.2).

¹⁴⁹ Poderão corresponder a cedências de sala com percentagem mínima de bilheteira para o CCI, “(...) como alugamos a sala, como fazemos uma partilha de responsabilidade financeira do projecto, como fazemos uma partilha entre o lado financeiro e o lado da sala.” (Anexo 7.2).

que o promotor é o único responsável pelo evento. Nesses casos, apenas integram a agenda do CCI os projectos cujos conteúdos a instituição considere que se enquadram na sua linha programática. Os outros géneros de acolhimento, aos quais o CCI está associado e que mais interessam à instituição, sobretudo de agentes locais, são divulgados se acordados antecipadamente. Porém, verificou-se que há uma agenda informal do CCI que contempla diversas actividades que não integram a agenda oficial.¹⁵⁰

A análise à actividade do CCI fornece fundamentos para caracterizar a programação do Centro Cultural, no que às tipologias diz respeito, coerente com a perspectiva do programador, ou seja, é transversal, regular e, acrescenta-se, equilibrada entre determinadas áreas. De acordo com José Pina, a actividade do CCI pode integrar quase todos os conteúdos artísticos, independentemente de ideologias políticas ou religiosas, da companhia, do autor, do intérprete ou coreógrafo, desde que tenha qualidade e que seja comportável financeiramente – incluindo os custos indirectos de produção e logística. A programação do CCI define-se também como autoral, na medida em que o programador assume que as escolhas são quase exclusivamente suas e que todas estão-lhe associadas, o que não significa que nutra um gosto pessoal por tudo o que programa.

¹⁵⁰ Através de conversa informal com um dos técnicos de produção do CCI.

Considerações Finais

A definição de Teatro Municipal, a identificação dos objectivos e o entendimento do que é programar um Teatro em contexto municipal, constituíram-se como o ponto de partida para o presente estudo. A leitura do mapa de Teatros Municipais remeteu para os municípios do distrito de Aveiro, com o intuito de se caracterizar a programação de Teatros Municipais em contexto de municípios de pequena e média dimensão, nomeadamente periféricos em relação à capital de distrito. Nesse contexto, surgiu a oportunidade de estudar os Teatros de Albergaria-a-Velha, Estarreja e Ílhavo que interessaram por serem limítrofes da capital de distrito. Analisar se as estratégias programáticas dos Teatros se assemelham ou distinguem revelou-se outra intenção da investigação.

Uma análise geral da programação dos três Teatros Municipais em estudo permite identificar uma uniformização das linhas estratégicas que cada município define para a programação, sobretudo no que respeita às áreas de actividade promovidas. Todavia, observa-se modelos de actuação que se distinguem na quantidade de acções programadas em cada ano e na representação que cada área assume na programação de cada instituição.

O gráfico 64 (Anexo 4) demonstra que entre 2009 e 2011 o CTE e o CCI apresentaram uma quantidade similar do total de acções e que em 2013 e 2014 a aproximação verifica-se entre o CTE e o CTA - em ambos os casos, quase sempre, com maior dinâmica do CTE. No gráfico 65 (Fig. 10) constata-se que, se retirada a área do cinema de cada um dos Teatros, o equilíbrio acentua-se, e que o CCI - em 2010 e 2011, e o CTA - em 2014 -, demonstram uma maior capacidade de programar.

A aposta na artes do espectáculo, com grande incidência sobre a música, em especial a pop/rock, revela como a programação dos três Teatros em estudo não demonstra diferenças significativas dos conteúdos programáticos. No caso da música (gráfico 69, Anexo 4), com excepção do ano 2012 que anuncia uma grande disparidade do número de acções do CTE em relação aos outros Teatros, contempla-se um cenário idêntico ao descrito anteriormente, ou seja, equilíbrio entre CTE e CCI em 2010 e 2011, e entre o CTE e CTA em 2013 e 2014. Todavia, a aposta do CTE e do CCI na área da música é ascendente e decrescente em determinados anos, mas no caso do CTA o destaque da música é apenas crescente, constituindo-se como o Teatro que maior relevância deu à música em 2013 e 2014. Outro facto fundamental de descrição é o esclarecimento de que a música é a tipologia com maior representação na actividade do CCI e, sobretudo, do CTA.

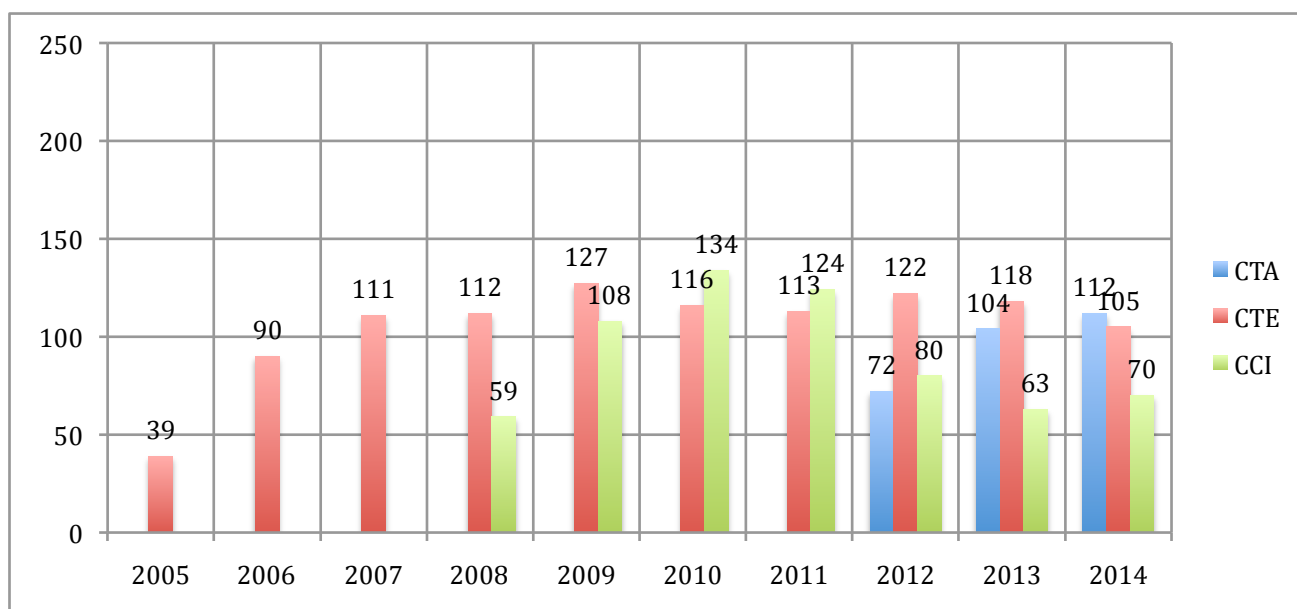


Fig. 10 - Valor absoluto de acções, com excepção de cinema, por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo (Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

As três instituições assumem que a programação incide em mais acções de teatro em comparação com a área da dança. Na tipologia teatro (gráfico 70, Anexo 4) observa-se uma curva descendente desde 2010, comum ao CTE e CCI, e uma clara aproximação do número de acções apresentado por todos os Teatros entre 2012 e 2014. Todavia, se analisada a representação da linguagem artística na programação, o CCI é a instituição que dá maior destaque ao teatro. Situação semelhante observa-se com a dança, mesmo com a crescente aposta do CTA nesta área.

As oficinas, por norma, constituem-se como o maior contributo para o processo de democracia cultural, tal como reflectido no primeiro capítulo. É, muitas vezes, através destas acções que a comunidade se envolve na criação artística. No entanto, a contabilização do número de acções nem sempre transparece a forma como o Teatro Municipal trabalha com a comunidade e o modo como reflecte as características do território onde se situa. No presente estudo somente se apresentam os dados recolhidos e a perspectiva da própria instituição. Nesta área (gráfico 66, Anexo 4) verifica-se uma clara discrepância entre o número de acções dinamizadas pelo CCI comparativamente com o CTE e CTA, sobretudo em 2009, e apesar de em 2008 ser inferior ao CTE. O espaço para as actividades multidisciplinares é cada vez menor na programação do CCI e CTA, mas no caso do CTE é intermitente.¹⁵¹

¹⁵¹ O cinema, embora se constate ser uma das áreas com maior relevo na actividade dos Teatros, não se apresenta, segundo o discurso dos programadores, como uma tipologia que enquadre as prioridades das

Uma análise geral e comparativa permite concluir que a programação apresentada pelo CCI caracteriza-se por um maior equilíbrio na distribuição dos conteúdos programáticos pelas diferentes áreas de actuação artística. A programação do CTE destaca-se pelo número de acções apresentado, nomeadamente no ano de 2012 em comparação com os outros Teatros. A actividade do CTA incide, em grande parte, na área da música e com uma aposta crescente na dança.

O presente estudo procurou também identificar se os Teatros programam segundo uma lógica de rede local, regional ou mesmo de âmbito nacional. Nesse sentido detectou-se que não há uma actuação regular da programação em rede entre os três Teatros. A programação em rede concretiza-se pontualmente através da integração dos três municípios na CIRA. Apesar da proximidade geográfica¹⁵² denota-se um distanciamento institucional entre os Teatros em estudo.¹⁵³ Sobre a lógica de proximidade entre os Teatros e a envolvente regional, sobretudo com a capital de distrito - Aveiro – os programadores referem que o público das suas acções é regional¹⁵⁴ e que circula pelos Teatros da região. Neste contexto, os Teatros, para além de programarem tendo em consideração a comunidade local, programam para o público que se sabe ser proveniente de outros municípios do distrito, nomeadamente de Aveiro.¹⁵⁵

O impacto que a programação de cada Teatro Municipal exerce sobre o território e as respectivas comunidades locais - caracterizados anteriormente - não foi monitorizado. Para além do presente estudo não ter essa intenção, os dados recolhidos e tratados também não permitiram identificar factos conclusivos. Contudo, é possível afirmar que a programação dos três Teatros é caracterizada pelas potencialidades culturais de cada município, em especial as redes municipais de programação e os agentes culturais locais.

Como referido no primeiro capítulo, a perspectiva sobre o que é programar um Teatro Municipal é múltipla e dependente da entidade gestora, em particular dos autores que desenham a programação. Os objectivos da programação dos Teatros Municipais são definidos por cada município como estratégia da política cultural para o concelho. Mas

políticas culturais definidas para os municípios e que mereça atenção criteriosa. O CTE e, principalmente o CTA, encaram com relevância o cinema enquanto disciplina artística que permite retorno financeiro.

¹⁵² Tome-se em atenção as distâncias geográficas indicadas no capítulo 3, e acrescente-se que a duração média do percurso (automóvel) entre os três municípios é cerca de 20min.

¹⁵³ Embora os três programadores expressem que a relação entre as instituições é “normal”.

¹⁵⁴ Por regional entendem todo o distrito de Aveiro e outros concelhos limítrofes. (Ver anexo 6.6 e 7.4).

¹⁵⁵ Sobre o relacionamento com a cidade de Aveiro todos esclarecem que beneficiam da proximidade com a capital de distrito no que respeita à afluência de público e que o contacto com o Teatro Aveirense – Teatro Municipal de Aveiro - também é “normal”.

importa ter em consideração os objectivos de um Teatro Municipal definidos no âmbito do presente estudo e concluir se a actividade dos três Teatros intenta na mesma lógica, embora com consciência da dificuldade inerente a um processo de natureza não objectiva e quantificável (ou processo desta natureza). Tome-se em atenção o seguinte quadro (Fig.11) no qual se identificam os objectivos que foram plenamente alcançados, os que foram alcançados parcialmente e os que não foram possíveis de identificar, com base na programação analisada no intervalo de tempo em estudo.

Objectivos plenamente alcançados	Objectivos parcialmente alcançados	Objectivos não monitorizados
.apresentar uma oferta cultural regular e diversificada	.captar, formar e fidelizar públicos	.estimular as realidades artísticas locais através do confronto com as realidades nacionais e internacionais
.divulgar a criação artística em diferentes linguagens e conteúdos diversos	.contribuir para a formação quer de públicos quer de artistas	.apresentar uma oferta cultural de qualidade
.promover a cooperação entre agentes culturais públicos e privados	.incentivar à participação-activa da comunidade	
.proporcionar diferentes bens e serviços culturais		
.qualificar e desenvolver o tecido cultural da comunidade		
.contribuir para a valorização da imagem do município		
.apoiar novos artistas e novas criações		
.alcançar um público amplo e diversificado ¹⁵⁶		

Fig. 11 - Esquema de objectivos alcançados. (Rafael Vieira, 2015)

A análise permite concluir que os Teatros Municipais são equipamentos que ao tornarem-se instituições assumem extrema relevância cultural em contexto municipal. Através da programação contribuem para a coesão comunitária do território, tornando-se pólos de mediação entre diversas entidades. Com base numa actuação de promoção, divulgação e dinamização de projectos locais, nacionais, e até internacionais, os Teatros Municipais promovem a diversidade, asseguram a diferença e combatem a homogeneização. Neste contexto, os Teatros Municipais revelam-se agentes da contemporaneidade num mundo global.

¹⁵⁶ Apesar do presente trabalho não reflectir sobre o estudo de públicos, todos os responsáveis pela programação referiram que os respectivos Teatros alcançam um público alargado e diversificado, que se deprende também pela diversidade dos conteúdos programáticos.

Bibliografia

A.A.V.V. (s/d). *Os Teatros Municipais: breves reflexões de enquadramento*. Obtido em Janeiro de 2015 de GAVE - guia das artes visuais e do espectáculo:
<http://cassefaz.com/gave/data/documentos/Teatros%20Municipais%20-%20Miss%E3o%20e%20objectivos.pdf>

Ander-Egg, E. (1999). *O Léxico do Animador*. Amarante: Edições ANASC.

ArteEmRede. (2014). Juntos mais fortes - Teatros Associados. *Arte em Rede* (04).

Bruçó, S. (2015). *O que é um teatro municipal? Estudo de caso: O Teatro Municipal Joaquim Benite em Almada (2007/2012)*. Trabalho de Projecto de Mestrado em Práticas Culturais para Municípios, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Câmara Municipal Albergaria-a-Velha. (2012). *ALBA. Memórias do Cineteatro*. Albergaria-a-Velha: Câmara Municipal Albergaria-a-Velha.

Centeno, M. J. (2010). *As Organizações Culturais e o Espaço Público - a experiência da Rede Nacional de Teatro e Cineteatros* -. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Chougnat, J.-F. (30 Agosto 2014). Como Financiar a Cultura na Europa. (A. Carita, Entrevistadora) *Expresso*, suplemento Atual.

Costa, I. A. (2003). A Vocação Formadora e Experimental de um Teatro Municipal. In Á. Domingues, & A. Gomes, *A Cultura em Acção: impactos sociais e Território* (p. 97-104). Porto: Afrontamento.

Costa, P. (2000). Centros e Margens: produção e práticas culturais na Área Metropolitana de Lisboa. In *Análise Social*, vol. XXXIV (154). (p.957-983)

Costa, P. (2007). *A cultura em Lisboa: Competitividade e desenvolvimento territorial*. Lisboa:ICS.

Costa, P., & Babo, E. P. (2007). *As Indústrias Culturais e Criativas: novos desafios para as políticas Municipais, Gestão Cultural do Território* (Vol. Coleção Públicos nº 04). Porto: Sete Pés.

Constantino, S. (2011). Os Cine-teatros no distrito de Aveiro. Materialização de um programa em Rodrigues Lima. In *Terras do Antuã – Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja*, nº5. (p.207)

Cruz, D. I. (2008). *De volta aos teatros. O contributo mecenático da Tabaqueira*. Porto: Civilização Editora.

Dâmaso, A. C. (2013). *Programação em Rede. Estudo de caso: Montijo e Palmela*. Trabalho de Projecto em Mestrado de Práticas Culturais para Municípios, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Deputter, M. (2009). *O que é um teatro municipal*. Le Monde diplomatique, Edição Portuguesa , II série (36), p. 24.

Duarte, C. (2006). *A lógica do funcionamento em rede aplicada aos teatros: rede nacional de teatros ou redes nacionais de teatros?* dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade Católica Portuguesa.

Faustino, R. (2012). *Programação Cultural do Auditório da Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro*. dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Gazeneuve, J., & Victoroff, D. (1982). *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Verbo.

Gomes, R. T., Lourenço, V., & Martinho, T. D. (2006). *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*. Lisboa: Observatorio das Actividades Culturais.

Grande, N. (2006). Museus e Centros de Arte: ícones de urbanidade, instâncias de poder. In A. Semedo, & J. Lopes, *Museus, discursos e representações*. (p. 163-179). Porto: Afrontamento.

Houaiss, A., Villar, M. d., & Franco, F. M. (2002). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Tomo V, Mer - Red). Lisboa: Círculo de Leitores.

Houaiss, A., Villar, M. D., & Franco, F. M. (2002). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo VI, Red - Zzz). Lisboa: Círculo de Leitores.

Lopes, E. R. (2010). *Programação Cultural Enquanto Exercício de Poder*. Dissertação de

Doutoramento em Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Lopes, J. T. (2000b). *A cidade e a cultura*. Porto: Edições Afrontamento.

Lopes, J. T. (2007). *Da democratização à democracia cultural*. Porto: Profedições.

Lopes, J. T. (2000). Em busca de um lugar no mapa: Reflexões sobre políticas culturais em cidades de pequena dimensão. *Sociologia - problemas e práticas*, 34, (p. 81-116).

Madeira, C. (2002). *Novos Notáveis: os programadores culturais*. Oeiras: Celta Editora.

Monteiro, M. (2009). *Estudo e caracterização das percepções dos clientes num teatro municipal*. dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Monteiro, P.F. (1994). Da importância de realizar inquéritos aos públicos. In *Análise Social*, vol. XXXIX (129). (p.1229-1243)

POC. (2007). *Projectos Financiados pelo POC*. Lisboa.

Portela, M. (2009). TAGV 2005-2008: uma experiência interrompida. In A.A.V.V., *Quatro Ensaios à Boca de Cena, para uma política teatral e de programação*. Lisboa: Edições Cotovia.

Portugal, j., & Marques, S. (2007). *Gestão Cultural do Território*. Porto: Sete Pés.

PUIG, T. (2004). *Se Acabó la Diversión*. Buenos Aires: Paidós.

Ramos, F. M. (2009). Teatro Português: para uma superação da insignificância. In A.A.V.V., *Quatro Ensaios à Boca de Cena, para uma política teatral e de programação*. Lisboa: Edições Cotovia.

Ribeiro, A. P. (2011). *Questões Permanentes, ensaios escolhidos sobre cultura contemporânea*. Lisboa: Edições Cotovia.

Rodrigues, A. (2009). A descentralização. A rede. As políticas culturais. In A.A.V.V., *Quatro Ensaios à Boca de Cena, para uma política teatral e de programação*. Lisboa: Edições Cotovia.

Santos, M. d., & Araújo, M. M. (2004). Políticas Culturais e Descentralização: Impactos do Programa Difusão das Artes do Espectáculo. *Observatório das Actividades Culturais* .

Santos, M. L. (2007). *O Valor da Cultura nas Autarquias em Portugal*. dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.

Seixas, P. (2003). Reestruturação Prudente, Reflexividade Consciente e Convivialidade Actuante. Notas para um manifesto de Gorvenância Urbana. In Á. Domingues, & A. Games, *A Cultura em Acção: impactos sociais e Território* (p. 111-119). Porto: Afrontamento.

Sousa, A. R. (2013). *Teatros Municipais e o envolvimento da comunidade local nos seus programas*. Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Artes e Design.

Sousa, D. (2010). *Políticas Culturais, Território e Planeamento: a construção de uma cartografia dos equipamentos cénicos da região centro*. Relatório de estágio, Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia.

VARGAS, C. (2011). *Construir Teatros e Cine-Teatros em Portugal: "Novos palcos para os artistas, novos espectáculos para o público"*. s/l: Observatório Político. WorkingPaper2.

Ventosa, V. J. (2002). *Fuentes de la Animación Sociocultural en Europa*. Madrid: Editorial CCS.

WEBGRAFIA

- . <http://www.cm-aveiro.pt/>
- . <http://www.aveiro.co.pt>
- . <http://www.teatroaveirense.pt/>
- . <http://www.pordata.pt/>
- . <http://www.cineteatroestarreja.com>
- . <http://www.cm-estarreja.pt/>
- . <http://www.festim.pt/>
- . <http://www.avanca.com/pt/>
- . <http://www.cm-ilhavo.pt>
- . <http://www.centrocultural.cm-ilhavo.pt>
- . <http://www.cassefaz.com/gave/>
- . <http://www.gpeari.min-financas.pt/>
- . <http://eventos.regiaodeaveiro.pt/>
- . <https://pt.wikipedia.org/>
- . <http://www.cineteatroalba.com/>
- . <http://www.cm-albergaria.pt/>
- . <http://pt.distanciacidades.com/>
- . <http://www.guiadacidade.pt>
- . <http://www.terranova.pt/>
- . <http://www.diarioaveiro.pt/>
- . <http://www.cmj.pt/pt/>
- . <http://www.orquestradasbeiras.com/>
- . <https://www.ua.pt/deca/>
- . <http://www.anmp.pt/>
- . <http://www.cm-mealhada.pt/>
- . <http://www.cm-vagos.pt/>
- . <http://www.cm-anadia.pt>
- . <http://www.cm-olb.pt/>
- . <https://www.cm-agueda.pt/>
- . <http://centrodasartesdoespectaculo-sv.blogspot.pt/>

. <http://www.cm-murtosa.pt/>
. <http://cm-valedecambra.pt/>
. <http://caracas.cm-oaz.pt/>
. <http://cao.cm-ovar.pt/>
. <http://www.cm-sjm.pt/>
. <http://www.cm-arouca.pt/>
. <http://cine teatro.cm-feira.pt/>
. <http://musica-espinho.com/auditorio/>
. <http://porbase.bnportugal.pt/>
. www.publico.pt/
. <http://www.dn.pt/>
. <http://www.gepac.gov.pt/>
. <http://www.qca.pt/>
. <http://www.dglb.pt/>
. <http://pt.monedediplo.com/>
. <http://www.dgartes.pt/>
. <http://www.jf-gafanhadanazare.pt/>
. <http://www.ramalheira.com/>

Anexos

Índice de Anexos

Anexo 1 - Gráficos da Programação do Cineteatro Alba.....	65
Anexo 1.1 - Programação 2012-2014.....	66
Anexo 1.2 - Programação Oficinas 2012-2014.....	72
Anexo 1.3 - Programação Cinema 2012-2014	73
Anexo 1.4 - Programação Circo 2012-2014	74
Anexo 1.5 - Programação Dança 2012-2014.....	75
Anexo 1.6 - Programação Exposições 2012-2014	76
Anexo 1.7 - Programação Literatura 2012-2014.....	77
Anexo 1.8 - Programação Multidisciplinar 2012-2014.....	78
Anexo 1.9 - Programação Música 2012-2014	79
Anexo 1.10 - Programação Stand-Up 2012-2014.....	80
Anexo 1.11 - Programação Teatro 2012-2014	81
Anexo 1.12 – Espaços onde decorrem as acções 2012-2014.....	82
Anexo 1.13 – Programação Sub-Géneros de Música 2012-2014.....	83
Anexo 1.14 – Espaços onde decorrem as acções de Música 2012-2014	84
Anexo 2 - Gráficos da Programação do Cineteatro de Estarreja.....	85
Anexo 2.1 - Programação 2005-2014.....	86
Anexo 2.2 - Programação Oficinas 2005-2014.....	100
Anexo 2.3 - Programação Cinema 2005-2014	101
Anexo 2.4 - Programação Circo 2005-2014	102
Anexo 2.5 - Programação Dança 2005-2014.....	103
Anexo 2.6 - Programação Multidisciplinar 2005-2014.....	104
Anexo 2.7 - Programação Música 2005-2014	105
Anexo 2.8 - Programação Stand-Up 2005-2014.....	106
Anexo 2.9 - Programação Teatro 2005-2014	107
Anexo 2.10 – Espaços onde decorrem as acções 2005-2014.....	108
Anexo 2.11 – Programação Sub-Géneros de Música 2005-2014.....	109
Anexo 2.12 – Espaços onde decorrem as acções de Música 2005-2014	110
Anexo 3 – Gráficos da Programação do Centro Cultural de Ílhavo.....	111
Anexo 3.1 – Programação 2008-2014.....	112

Anexo 3.2 - Programação Oficinas 2008-2014	123
Anexo 3.3 - Programação Cinema 2008-2014	124
Anexo 3.4 - Programação Circo 2008-2014	125
Anexo 3.5 - Programação Dança 2008-2014.....	126
Anexo 3.6 - Programação Exposições 2008-2014	127
Anexo 3.7 - Programação Literatura 2008-2014.....	128
Anexo 3.8 - Programação Multidisciplinar 2008-2014.....	129
Anexo 3.9 - Programação Música 2008-2014	130
Anexo 3.10 - Programação Stand-Up 2008-2014.....	131
Anexo 3.11 - Programação Teatro 2008-2014	132
Anexo 3.12 – Espaços onde decorrem as Acções 2008-2014	133
Anexo 3.13 – Programação Sub-Géneros de Música 2008-2014.....	134
Anexo 3.14 – Espaços onde decorrem as acções de Música 2008-2014	135
Anexo 4 – Gráficos Comparativos.....	136
Anexo 5 – Cineteatro Alba: Entrevistas e Questionários	144
Anexo 5.1 – Transcrição de entrevista a Pedro Teixeira (Programador do Cineteatro Alba) 28 de Fevereiro de 2015	145
Anexo 5.2 - Transcrição de entrevista a Pedro Teixeira (Programador/”Interlocutor Cultural” do Cineteatro Alba) 20 Abril e 25 de Junho de 2015	156
Anexo 5.3 - Transcrição de entrevista a Cristiana Pinto (Responsável pela produção do Cineteatro Alba) 25 Junho de 2015.....	176
Anexo 5.4 - Questionário a Pedro Teixeira (Programador do Cineteatro Alba). Enviado por correio electrónico a 2 de Dezembro de 2015.....	183
Anexo 6 - Cineteatro de Estarreja: Entrevistas e Questionários.....	184
Anexo 6.1 - Transcrição de entrevista a Isabel Pinto (Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente da Câmara Municipal de Estarreja) 30 Janeiro de 2015	185
Anexo 6.2 - Transcrição de entrevista a Isabel Pinto (Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente da Câmara Municipal de Estarreja/”Coordenadora” da equipa do CTE”) 21 Abril e 4 Junho de 2015.....	196
Anexo 6.3 - Transcrição de entrevista a Luís Portugal (Programador do Cineteatro de Estarreja) 21 Abril e 4 Junho de 2015	211

Anexo 6.4 - Transcrição de entrevista a Catarina Vasconcelos (Responsável de comunicação do CTE) 30 de Janeiro de 2015.....	230
Anexo 6.5 - Questionário a Isabel Pinto (Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente da Câmara Municipal de Estarreja/“Coordenadora” da equipa do CTE”) respondido por correio electrónico a 27 de Fevereiro de 2015	237
Anexo 6.6 - Questionário a Luís Portugal (Programador do Cineteatro de Estarreja) respondido por correio electrónico a 2 de Dezembro de 2015	238
Anexo 6.7 - Questionário a Hugo Gamelas (Produtor Executivo e Director Técnico do Cineteatro de Estarreja) respondido por correio electrónico a 16 de Fevereiro de 2015	241
Anexo 7 – Centro Cultural De Ílhavo: Entrevistas e Questionários.....	244
Anexo 7.1 – Entrevista a José Pina (Director do Centro Cultural de Ílhavo) 27 de Fevereiro de 2015	245
Anexo 7.2 - Transcrição de entrevista a José Pina (Director do Centro Cultural de Ílhavo/“Programador e Gestor Cultural” do CCI) 22 Abril e 21 Junho de 2015	252
Anexo 7.3 - Transcrição de entrevista a Catarina Mano (Produtora do Centro Cultural de Ílhavo) 22 Abril de 2015	268
Anexo 7.4 - Questionário a José Pina (Director do Centro Cultural de Ílhavo) respondido por correio electrónico a 2 de Dezembro de 2015	276
Anexo 8 – Mapa de participações financeiras para recuperação do Cineteatro de Estarreja.....	277

Anexo 1 - Gráficos da Programação do Cineteatro Alba

(Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

Anexo 1.1 - Programação 2012-2014

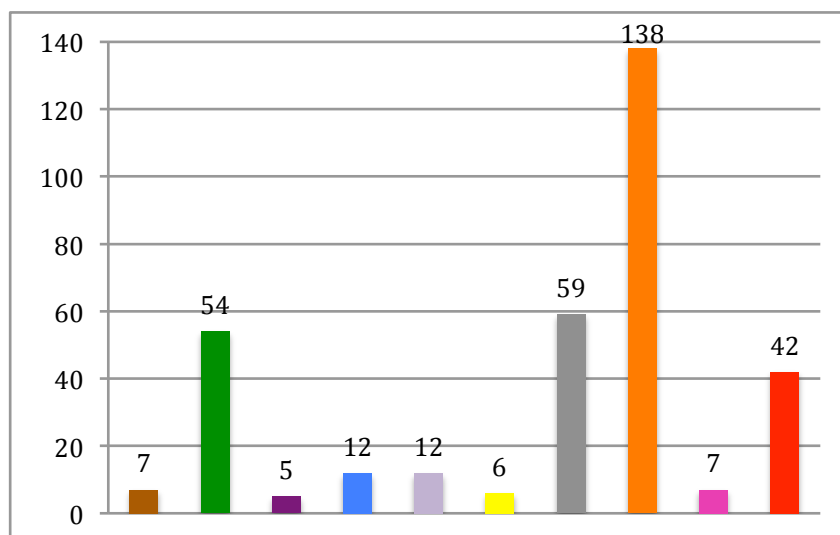


Gráfico 1 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2012-2014

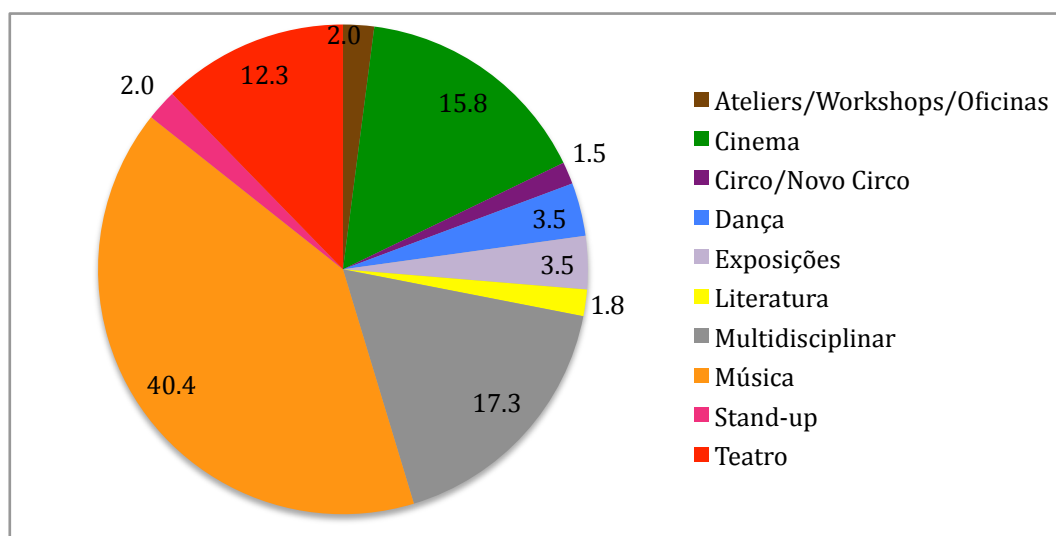


Gráfico 1.2 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 1 -Acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2012-2014

Tipologias	Número de Acções	Percentagem
Oficinas	7	2.0
Cinema	54	15.8
Circo	5	1.5
Dança	12	3.5
Exposições	12	3.5
Literatura	6	1.8
Multidisciplinar	59	17.3
Música	138	40.4
Stand-up	7	2.0
Teatro	42	12.3
TOTAL	342	100.0

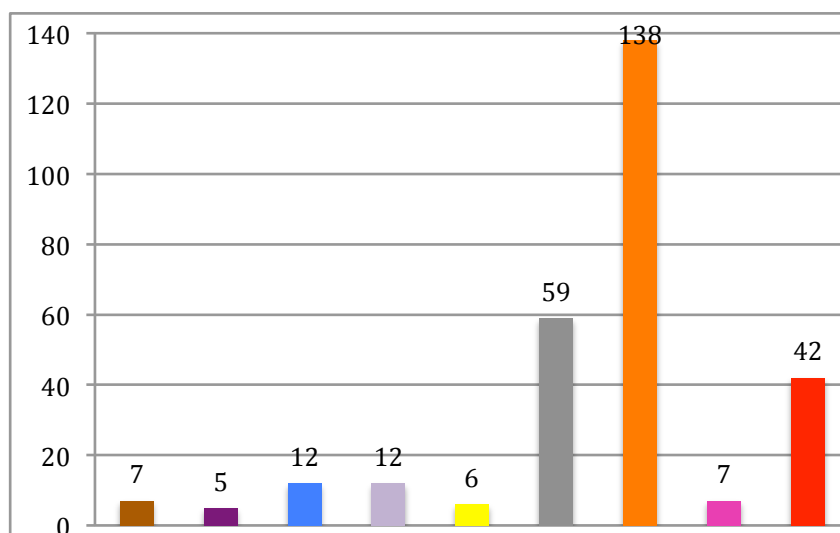


Gráfico 1.1 -Valor absoluto de acções para cada tipologia, com excepção do cinema, para o intervalo de tempo 2012-2014

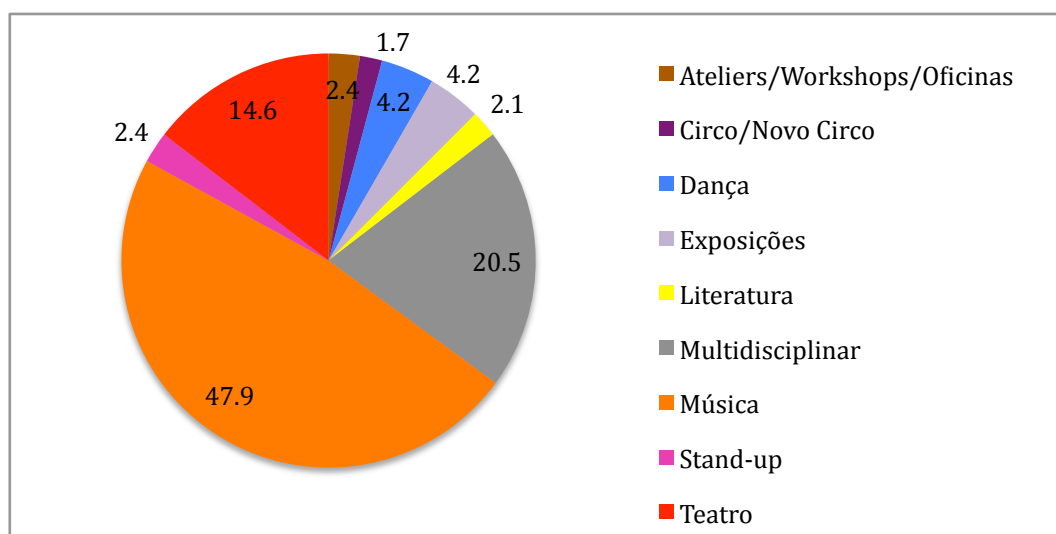


Gráfico 1.2.1- Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia, com excepção de cinema, para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 1.1 - Acções para cada tipologia, com excepção de cinema, para o intervalo de tempo 2012-2014

Tipologias	Número de Acções	Percentagem
Oficinas	7	2.4
Circo	5	1.7
Dança	12	4.2
Exposições	12	4.2
Literatura	6	2.1
Multidisciplinar	59	20.5
Música	138	47.9
Stand-up	7	2.4
Teatro	42	14.6
TOTAL	288	100.0

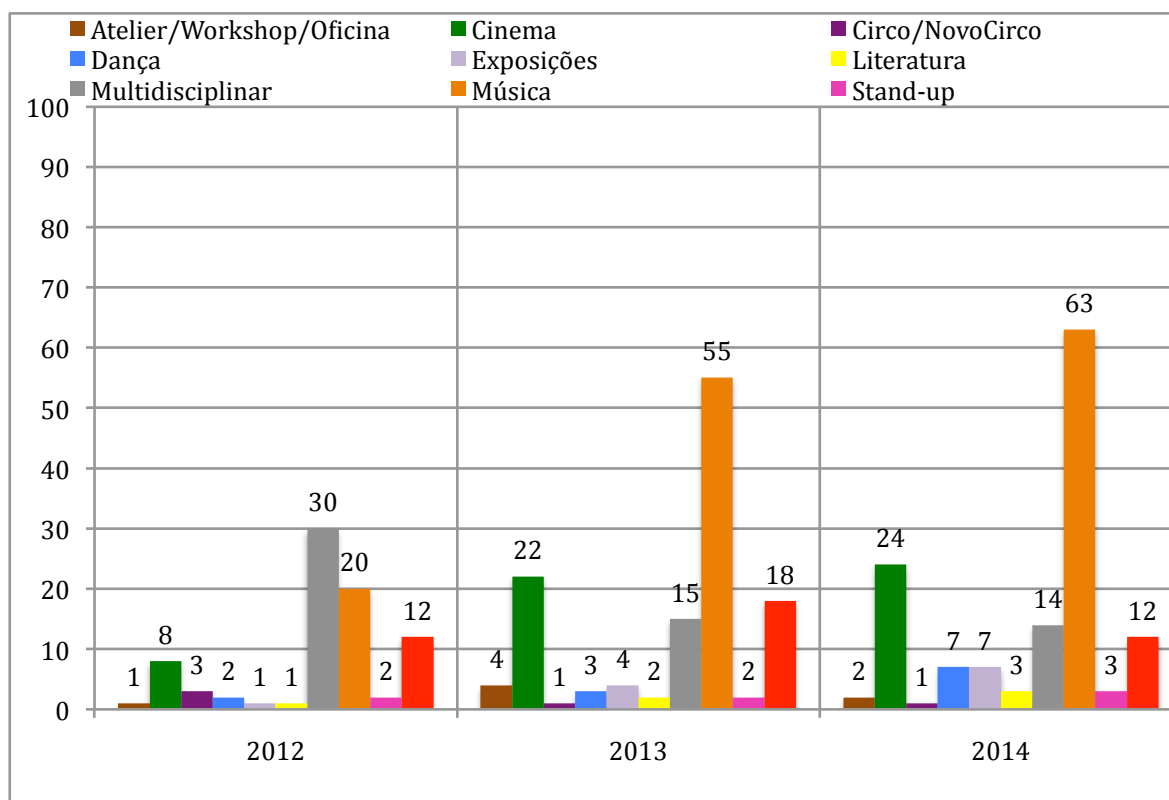


Gráfico 2 - Valor absoluto de ações para cada tipologia e por cada ano

Quadro 2 - Ações para cada tipologia e por cada ano

TIPOLOGIAS	ANO	2012	2013	2014
Oficinas		1	4	2
Cinema		8	22	24
Circo		3	1	1
Dança		2	3	7
Exposições		1	4	7
Literatura		1	2	3
Multidisciplinar		30	15	14
Música		20	55	63
Stand-up		2	2	3
Teatro		12	18	12
Total		80	126	136

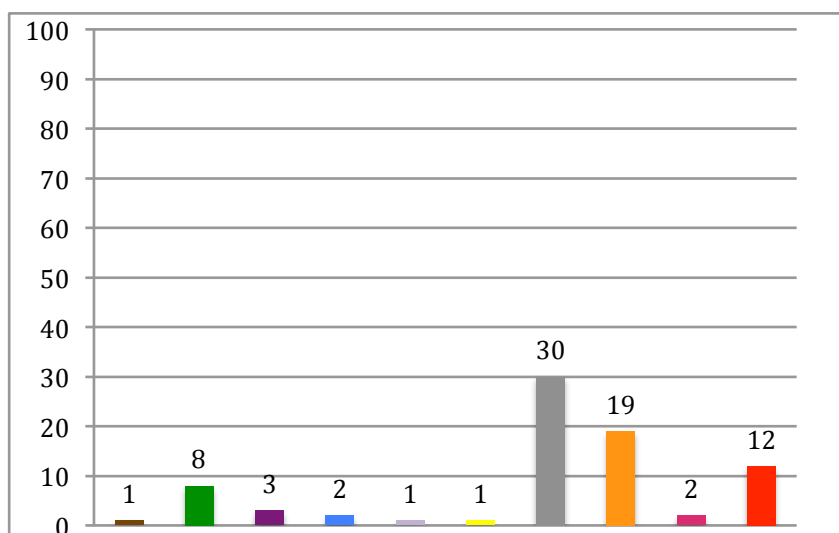


Gráfico 3 – Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2012

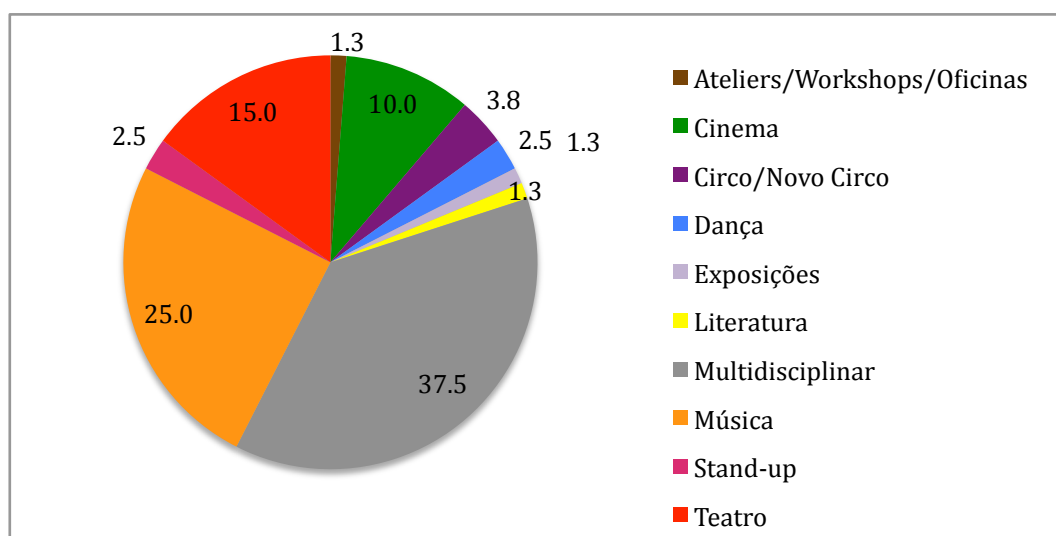


Gráfico 3.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2012

Quadro 3 - Acções para cada tipologia para o ano de 2012

Tipologias	Número de Acções - 2012	Percentagem
Oficinas	1	1.3
Cinema	8	10.0
Circo	3	3.8
Dança	2	2.5
Exposições	1	1.3
Literatura	1	1.3
Multidisciplinar	30	37.5
Música	20	25.0
Stand-up	2	2.5
Teatro	12	15.0
TOTAL	80	100.0

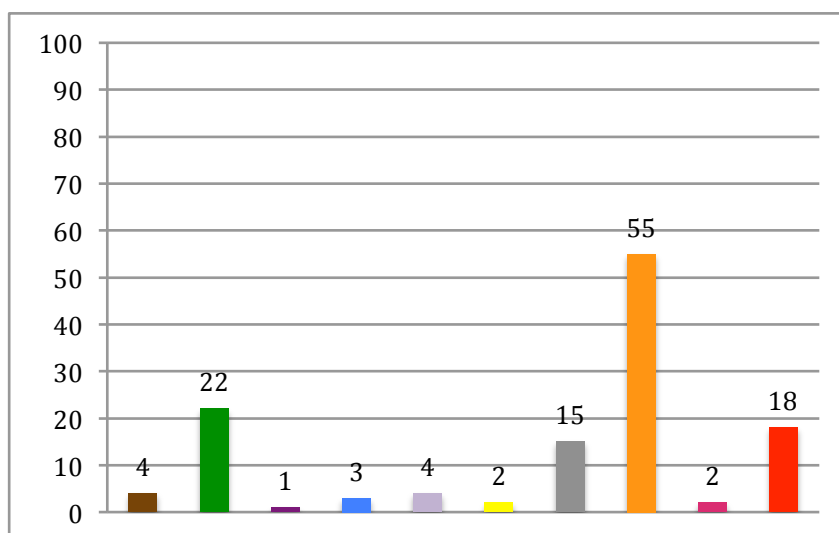


Gráfico 4 - Valor absoluto de ações para cada tipologia para o ano de 2013

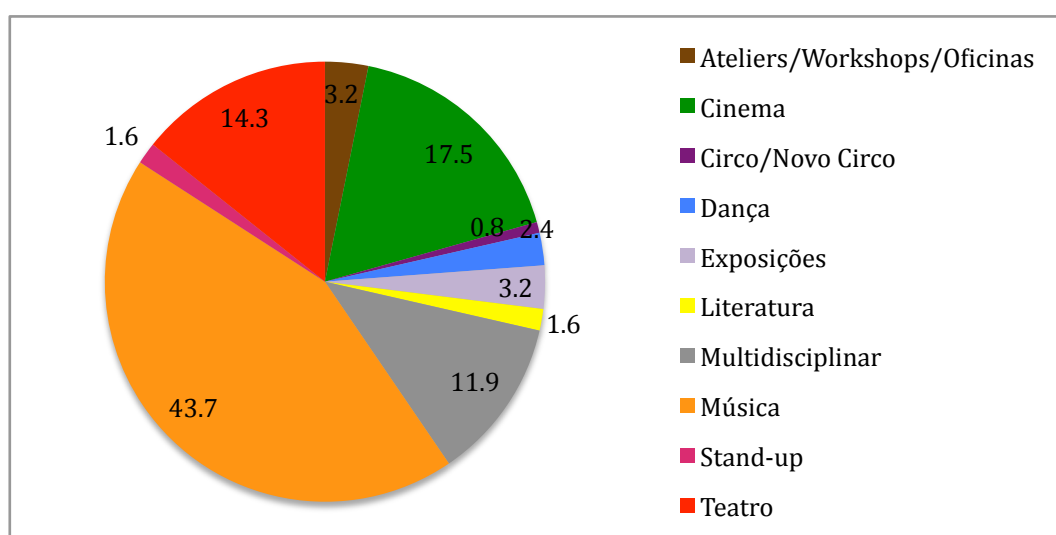


Gráfico 4.1 - Distribuição em percentagem de ações para cada tipologia para o ano de 2013

Quadro 4 - Ações para cada Tipologia para o Ano de 2013

Tipologias	Número de Ações - 2013	Porcentagem
Oficinas	4	3.2
Cinema	22	17.5
Circo	1	0.8
Dança	3	2.4
Exposições	4	3.2
Literatura	2	1.6
Multidisciplinar	15	11.9
Música	55	43.7
Stand-up	2	1.6
Teatro	18	14.3
TOTAL	126	100.0

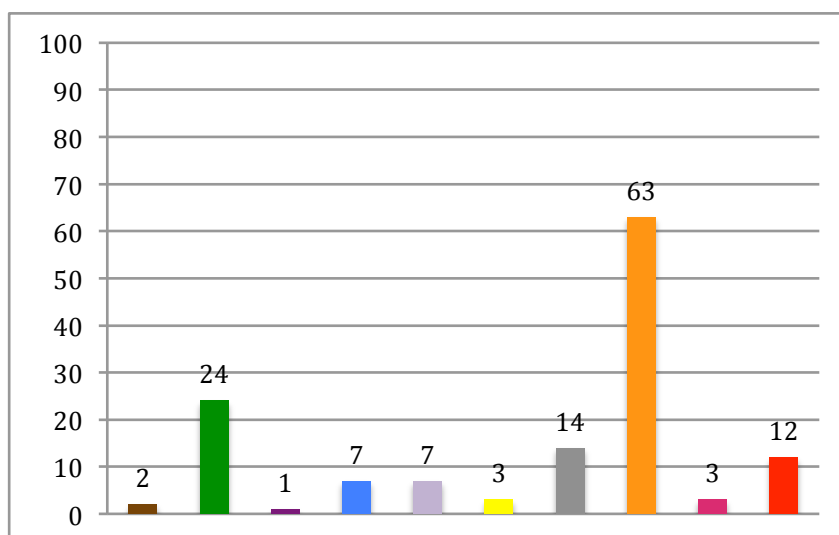


Gráfico 5 - Valor absoluto de ações para cada tipologia para o ano de 2014

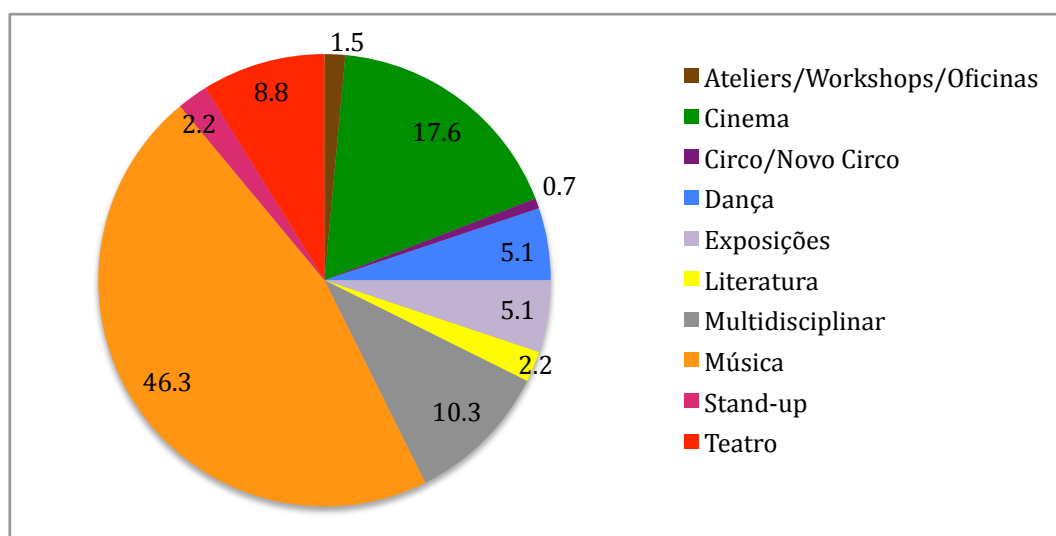


Gráfico 5.1 - Distribuição em Percentagem de Ações para cada Tipologia para o Ano de 2014

Quadro 5 - Ações para cada tipologia para o ano de 2014

Tipologias	Número de Ações - 2014	Percentagem
Oficinas	2	1.5
Cinema	24	17.6
Circo	1	0.7
Dança	7	5.1
Exposições	7	5.1
Literatura	3	2.2
Multidisciplinar	14	10.3
Música	63	46.3
Stand-up	3	2.2
Teatro	12	8.8
TOTAL	136	100.0

Anexo 1.2 - Programação Oficinas 2012-2014

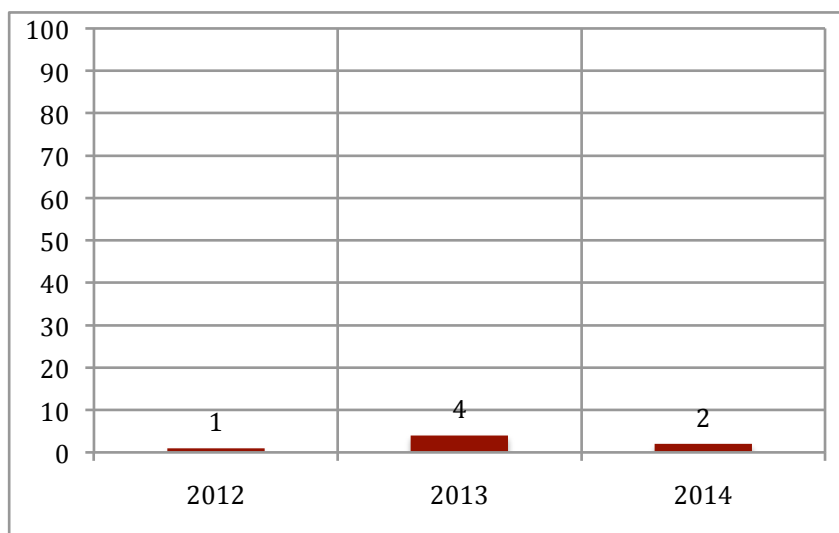


Gráfico 6 – Valor absoluto de acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2012-2014

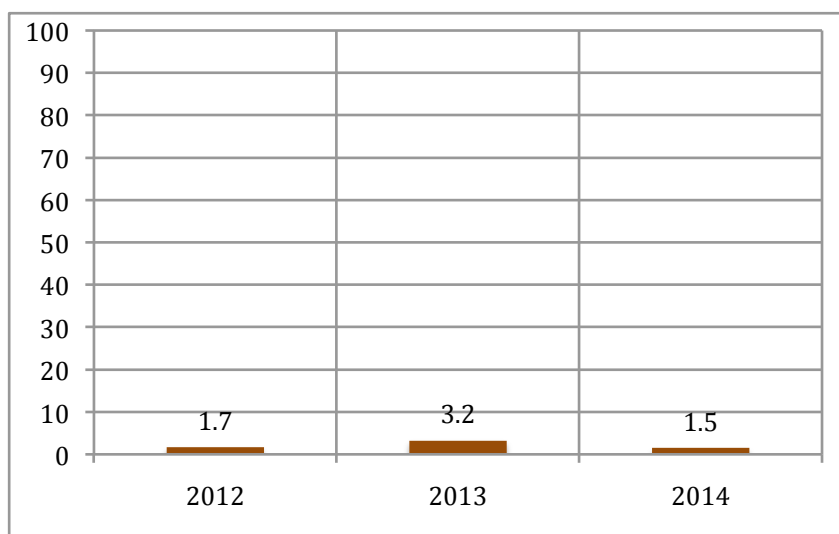


Gráfico 6.1 - Percentagem de Oficinas para o Intervalo de Tempo 2012-2014

Quadro 6 - Acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2012-2014

OFICINAS		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	1	1.7
2013	4	3.2
2014	2	1.5

Anexo 1.3 - Programação Cinema 2012-2014

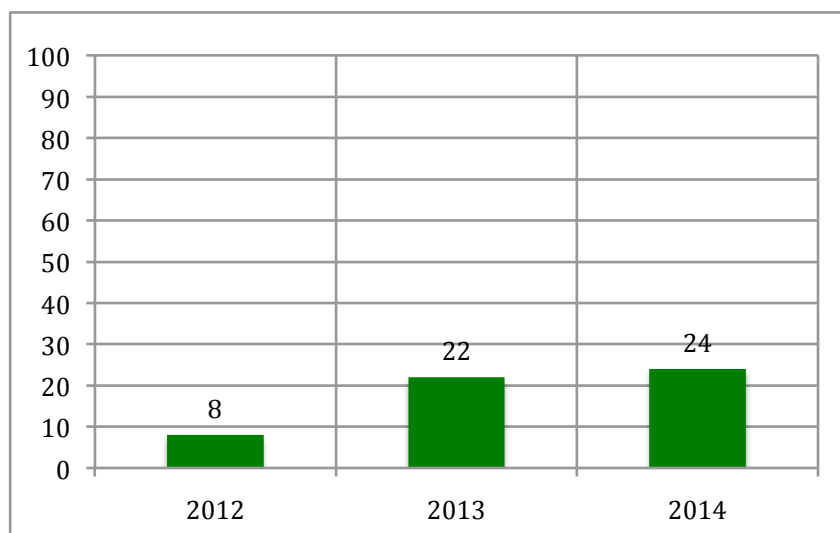


Gráfico 7 – Valor absoluto de acções de Cinema para o intervalo de tempo 2012-2014

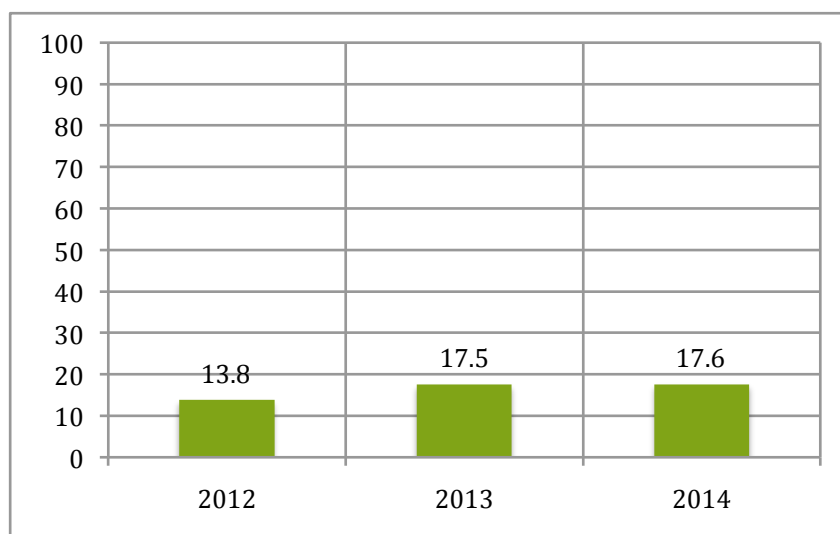


Gráfico 7.1 - Percentagem de Acções de Cinema para o Intervalo de Tempo 2012-2014

Quadro 7 - Acções de Cinema para o intervalo de tempo 2012-2014

CINEMA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	8	13.8
2013	22	17.5
2014	24	17.6

Anexo 1.4 - Programação Circo 2012-2014

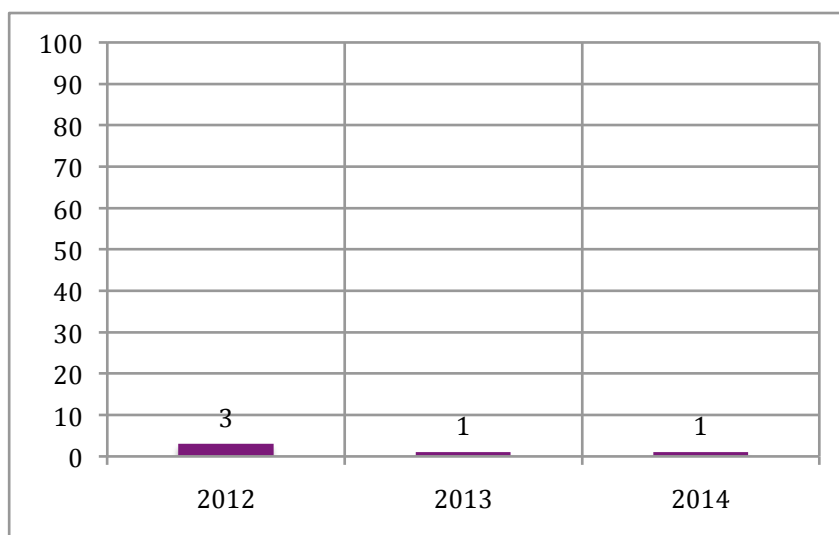


Gráfico 8 – Valor absoluto de acções de Circo para o intervalo de tempo 2012-2014

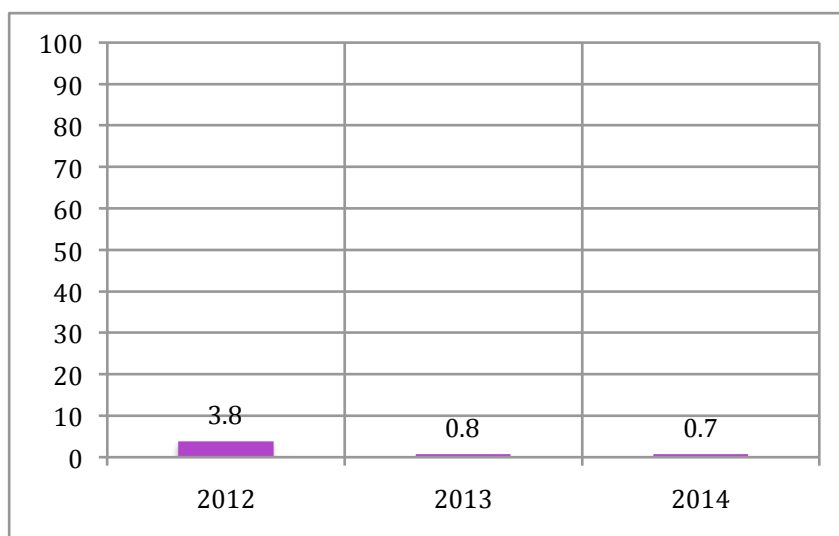


Gráfico 8.1 - Percentagem de acções de Circo para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 8 - Acções de Circo para o intervalo de tempo 2012-2014

CIRCO		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	3	3.8
2013	1	0.8
2014	1	0.7

Anexo 1.5 - Programação Dança 2012-2014

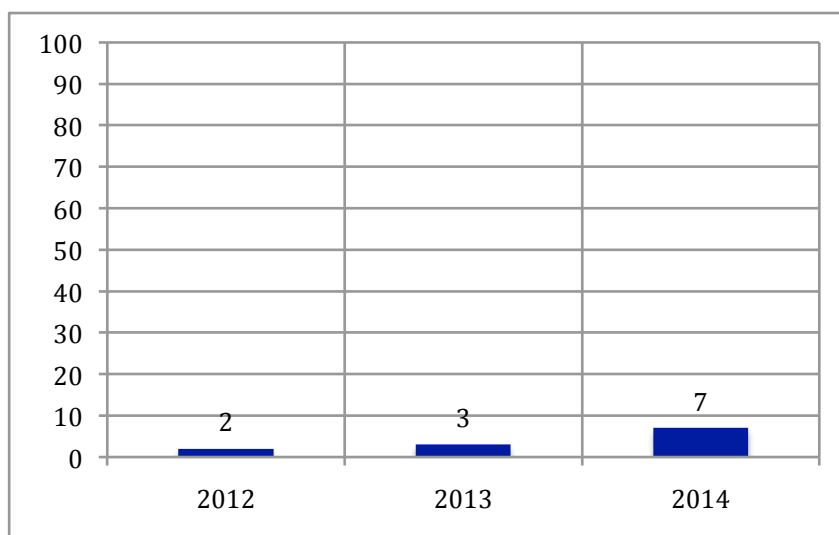


Gráfico 9 – Valor absoluto de acções de Dança para o intervalo de tempo 2012-2014

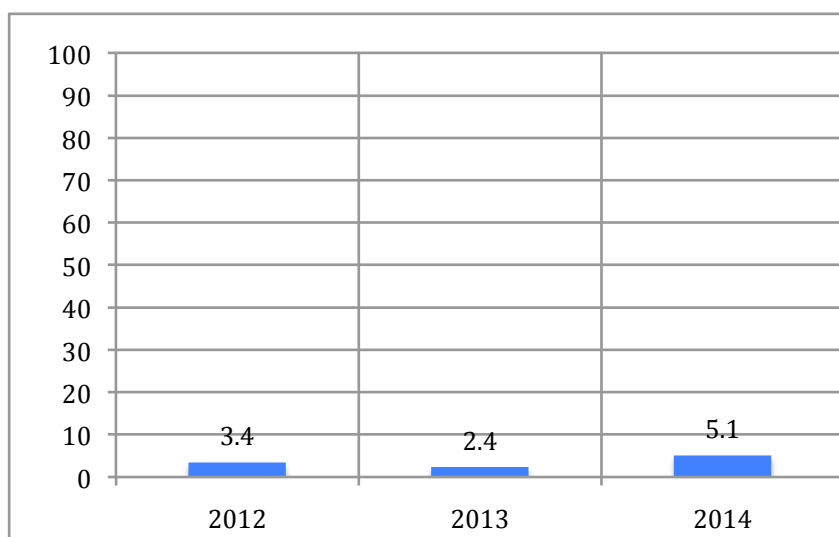


Gráfico 9.1 - Percentagem de acções de Dança para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 9 - Acções de Dança para o intervalo de tempo 2012-2014

DANÇA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	2	3.4
2013	3	2.4
2014	7	5.1

Anexo 1.6 - Programação Exposições 2012-2014

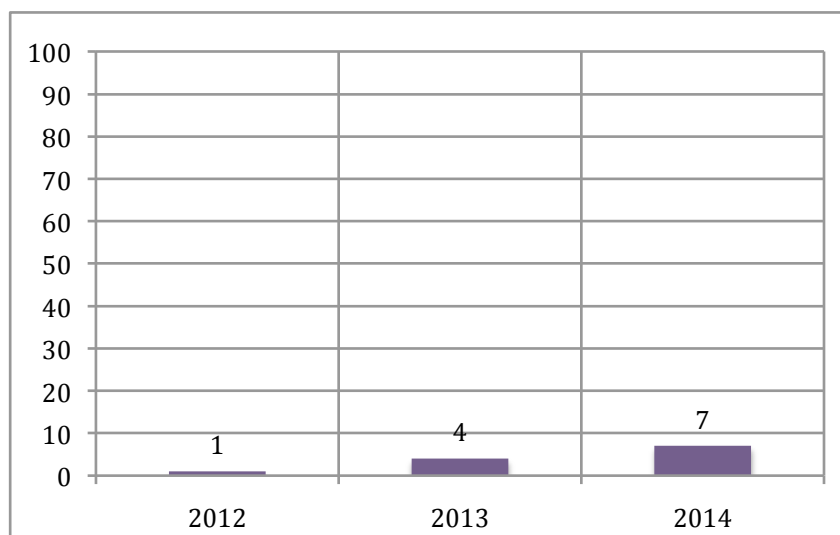


Gráfico 10 – Valor absoluto de acções de Exposições para o intervalo de tempo 2012-2014

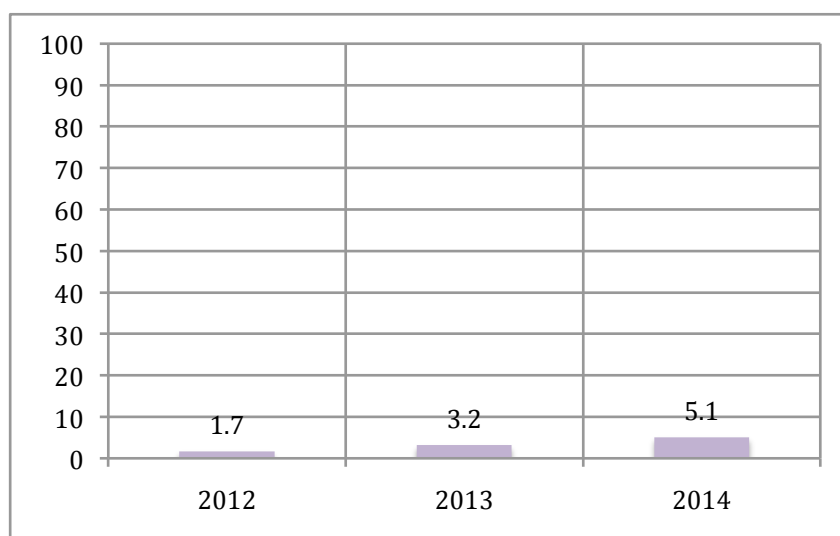


Gráfico 10.1 - Percentagem de acções de Exposições para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 10 - Acções de Exposições para o intervalo de tempo 2012-2014

EXPOSIÇÕES		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	1	1.7
2013	4	3.2
2014	7	5.1

Anexo 1.7 - Programação Literatura 2012-2014

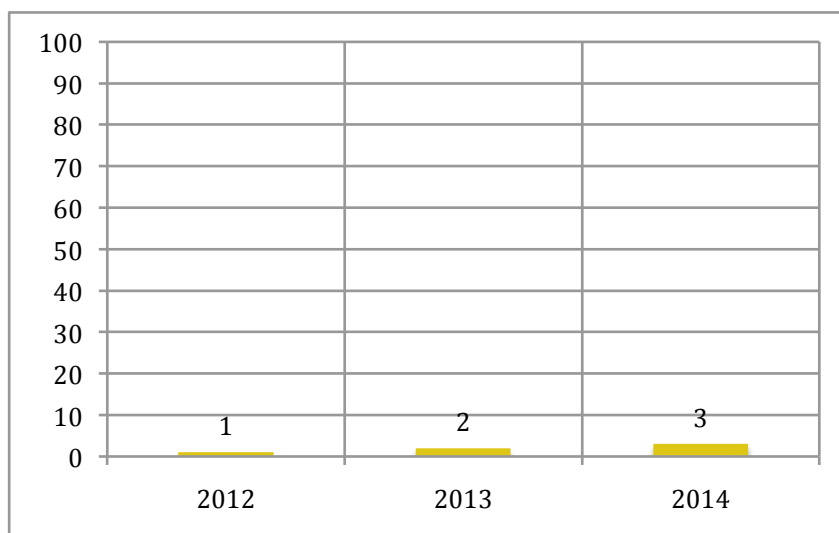


Gráfico 11 – Valor absoluto de acções de Literatura para o intervalo de tempo 2012-2014

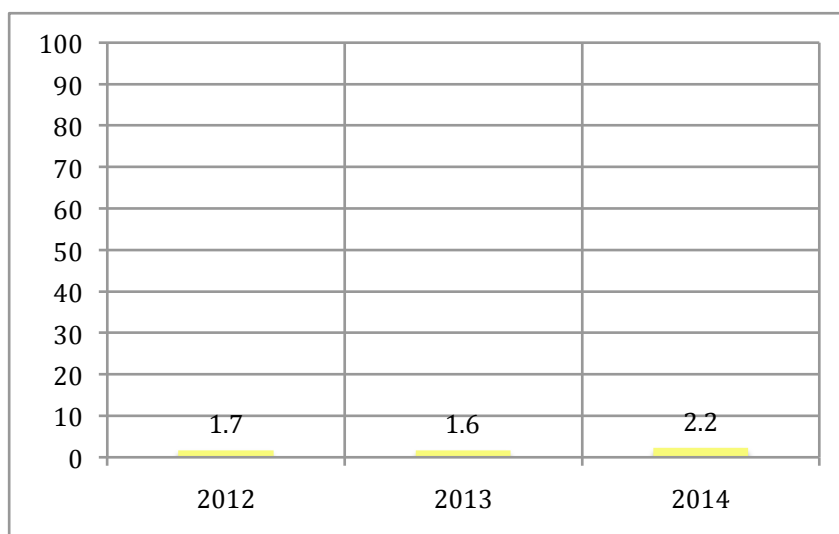


Gráfico 11.1 - Percentagem de acções de Literatura para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 11 - Acções de Literatura para o intervalo de tempo 2012-2014

LITERATURA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	1	1.7
2013	2	1.6
2014	3	2.2

Anexo 1.8 - Programação Multidisciplinar 2012-2014

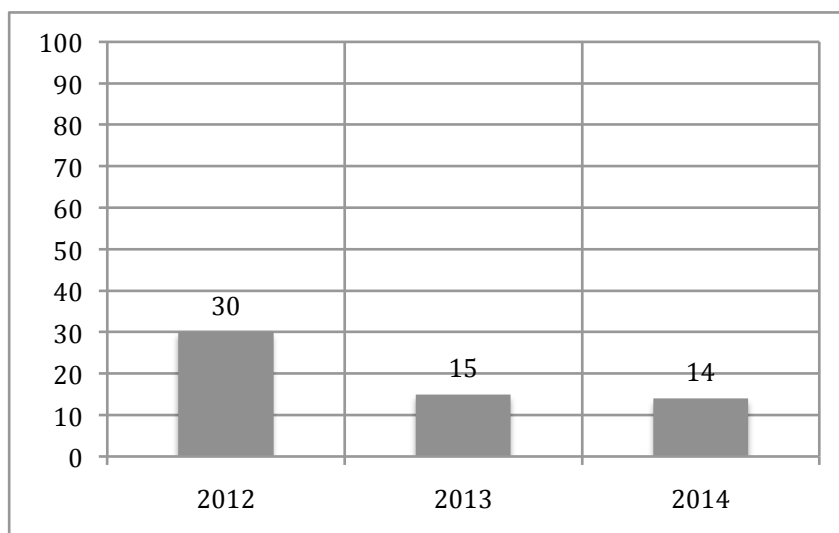


Gráfico 12 – Valor absoluto de ações de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2012-2014

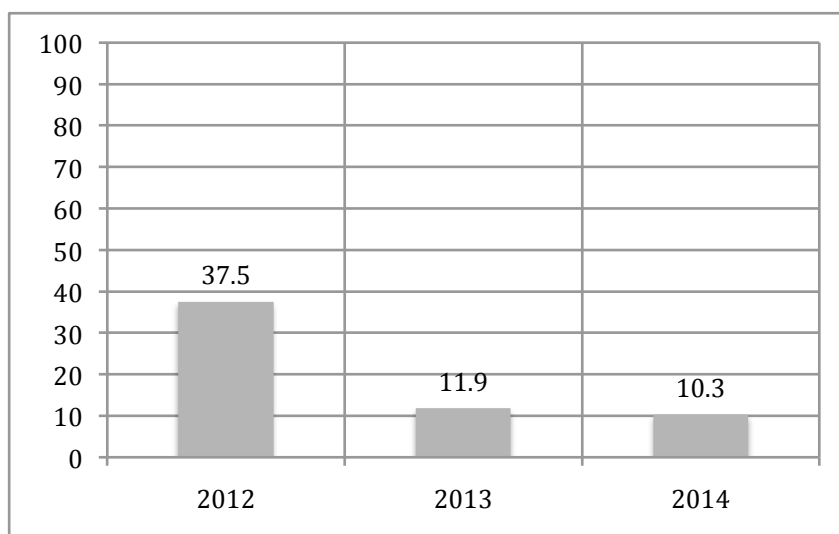


Gráfico 12.1 - Percentagem de ações de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 12 - Ações de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2012-2014

MULTIDISCIPLINAR		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	30	37.5
2013	15	11.9
2014	14	10.3

Anexo 1.9 - Programação Música 2012-2014

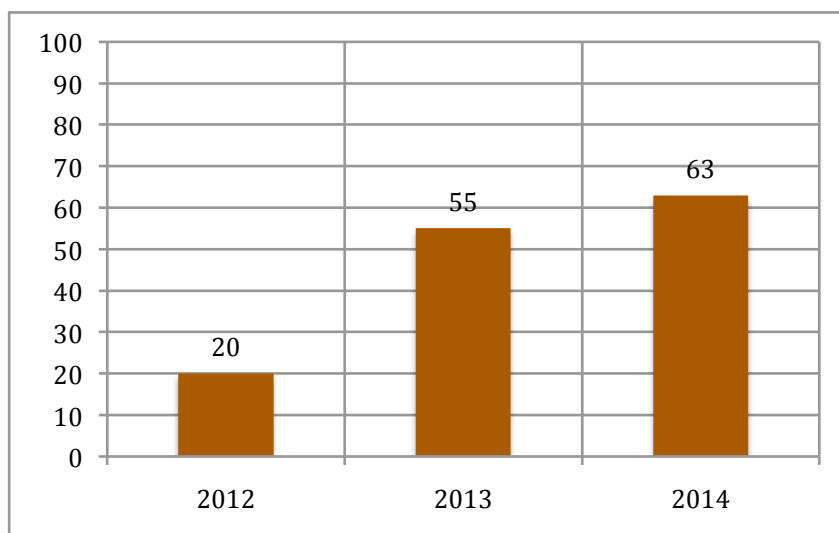


Gráfico 13 – Valor absoluto de ações de Música para o intervalo de tempo 2012-2014

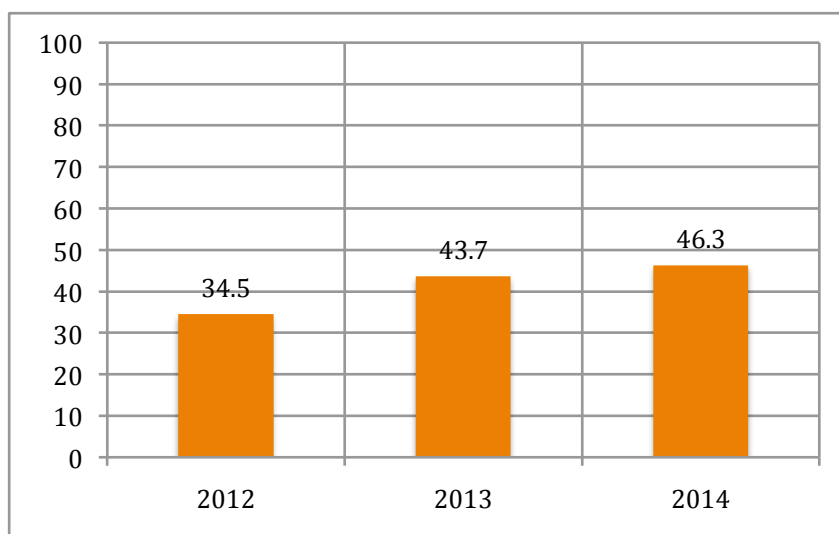


Gráfico 13.1 - Percentagem de ações de Música para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 13 - Ações de Música para o intervalo de tempo 2012-2014

MÚSICA		
ANO	Nº DE AÇÕES	PERCENTAGEM
2012	20	34.5
2013	55	43.7
2014	63	46.3

Anexo 1.10 - Programação Stand-Up 2012-2014

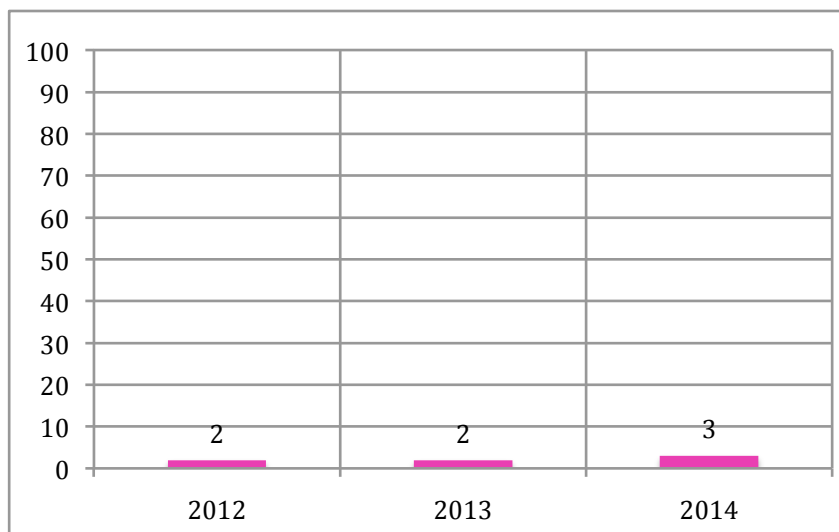


Gráfico 14 – Valor absoluto de acções de Stand-Up para o intervalo de tempo 2012-2014

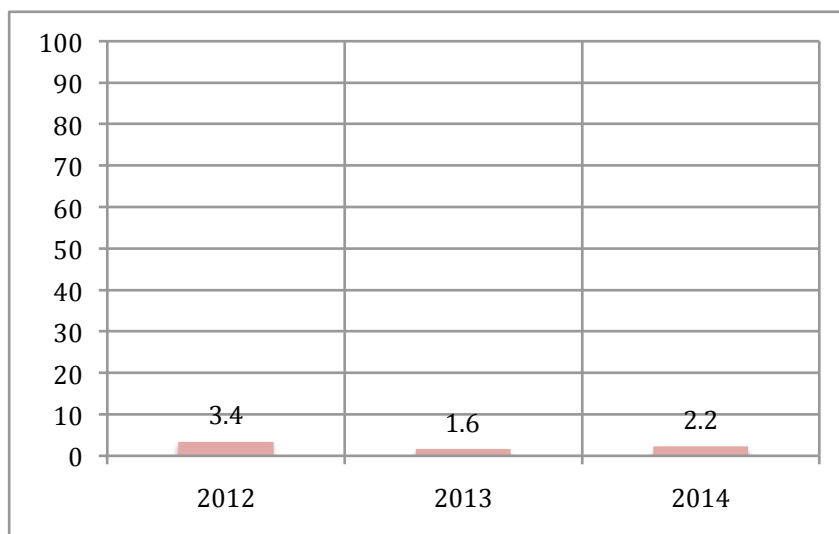


Gráfico 14.1 - Percentagem de acções de Stand-Up para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 14 - Acções de Stand-Up para o intervalo de tempo 2012-2014

STAND-UP		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2012	2	3.4
2013	2	1.6
2014	3	2.2

Anexo 1.11 - Programação Teatro 2012-2014

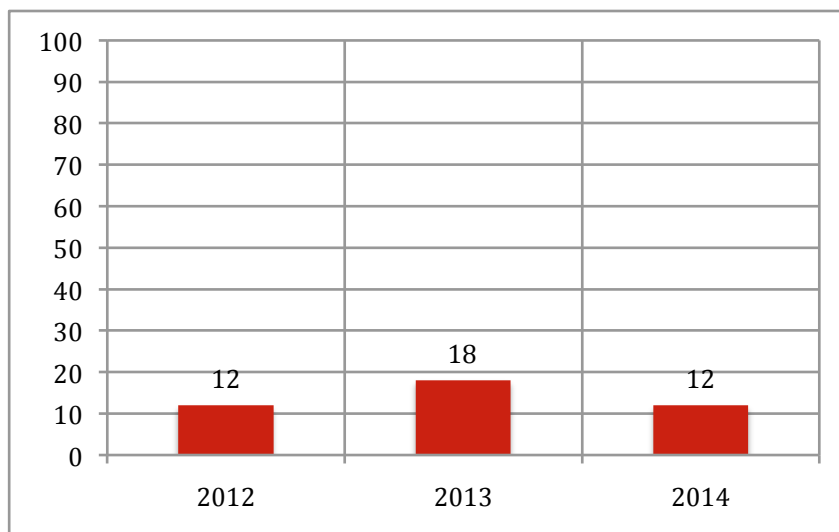


Gráfico 15 – Valor absoluto de ações de Teatro para o intervalo de tempo 2012-2014

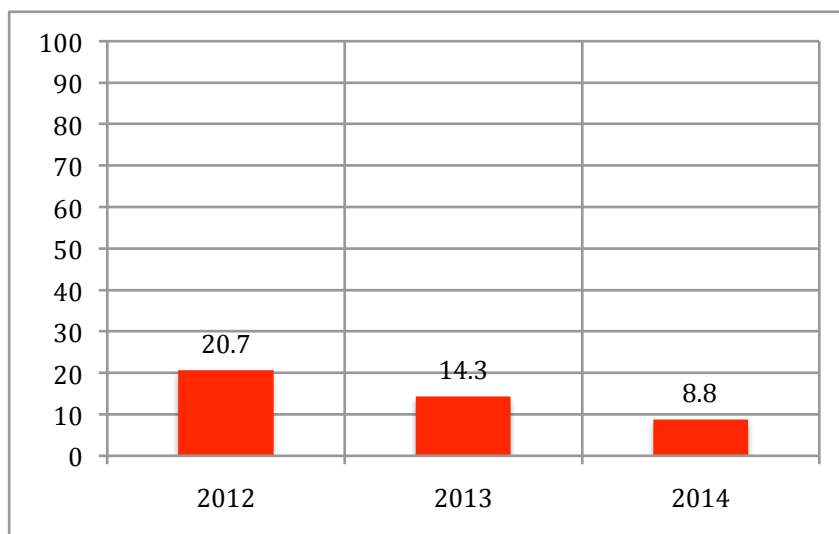


Gráfico 15.1 - Percentagem de ações de Teatro para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 15 - Ações de Teatro para o intervalo de tempo 2012-2014

TEATRO		
ANO	Nº DE AÇÕES	PERCENTAGEM
2012	12	20.7
2013	18	14.3
2014	12	8.8

Anexo 1.12 – Espaços onde decorrem as acções 2012-2014

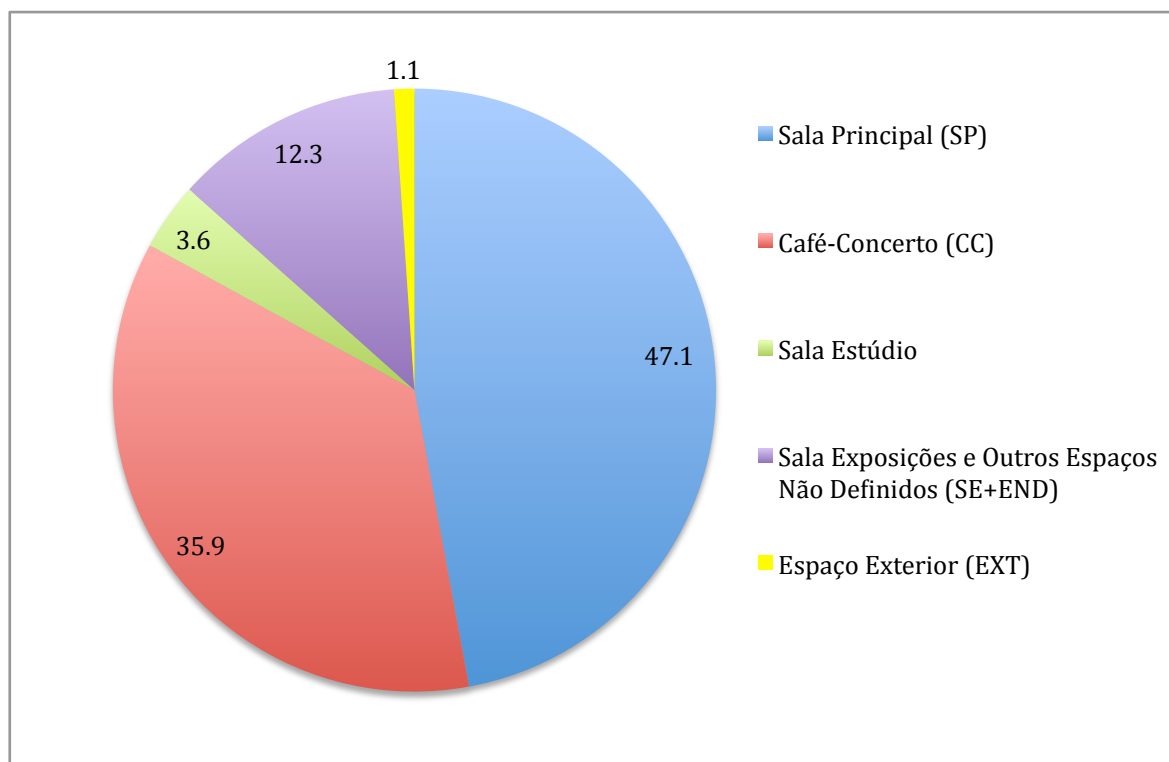


Gráfico 16 - Distribuição em percentagem das acções do CTA pelos espaços

Quadro 16 - Acções do CTA pelos espaços

Espaços	Número de Acções	Percentagem
Sala Principal (SP)	130	47.1
Café-Concerto (CC)	99	35.9
Sala Estúdio	10	3.6
Sala Exposições e Outros Espaços Não Definidos (SE+END)	34	12.3
Espaço Exterior (EXT)	3	1.1

Anexo 1.13 – Programação Sub-Géneros de Música 2012-2014

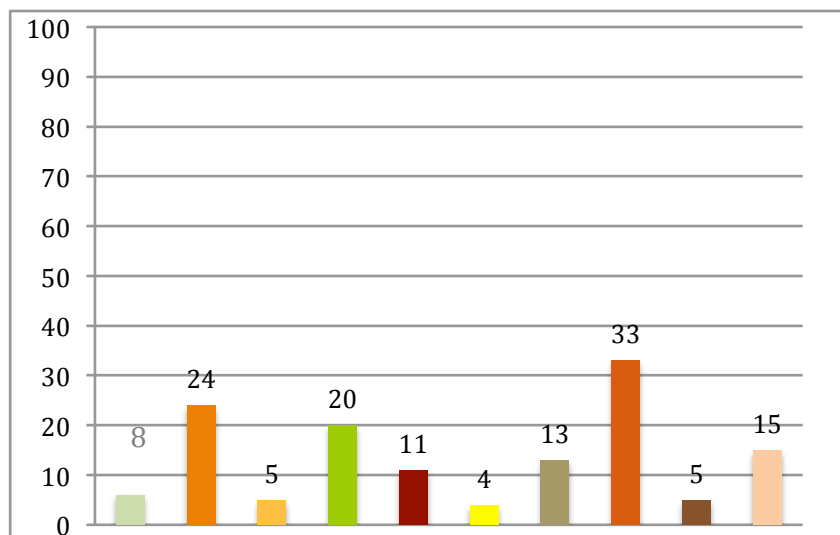


Gráfico 17 - Valor absoluto de cada sub-género de Música para o intervalo de tempo 2012-2014

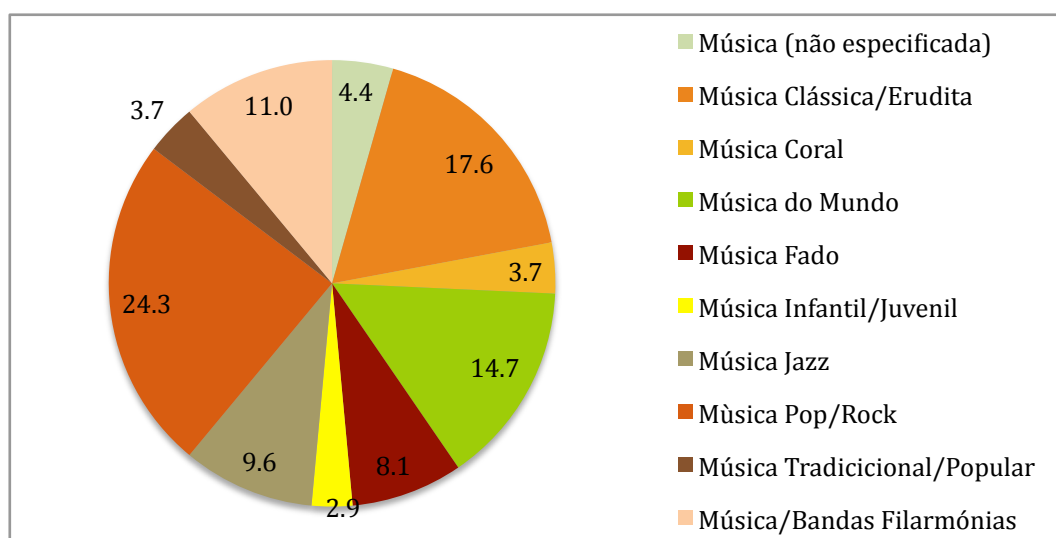


Gráfico 17.1 - Distribuição de percentagem por cada sub-género de Música para o intervalo de tempo 2012-2014

Quadro 17 - Distribuição de valor absoluto e acumulado por cada sub-género de Música para o intervalo de tempo 2012-2014

Sub-Géneros de Música	Nº de Espectáculos	Percentagem
Música (não especificada)	8	4.4
Música Clássica/Erudita	24	17.6
Música Coral	5	3.6
Música do Mundo	20	14.7
Música Fado	11	8
Música Infantil/Juvenil	4	2.9
Música Jazz	13	9.5
Música Pop/Rock	33	24.2
Música Tradicional/Popular	5	3.6
Música/Bandas Filarmónias	15	11
Total	138	100

Anexo 1.14 – Espaços onde decorrem as acções de Música 2012-2014

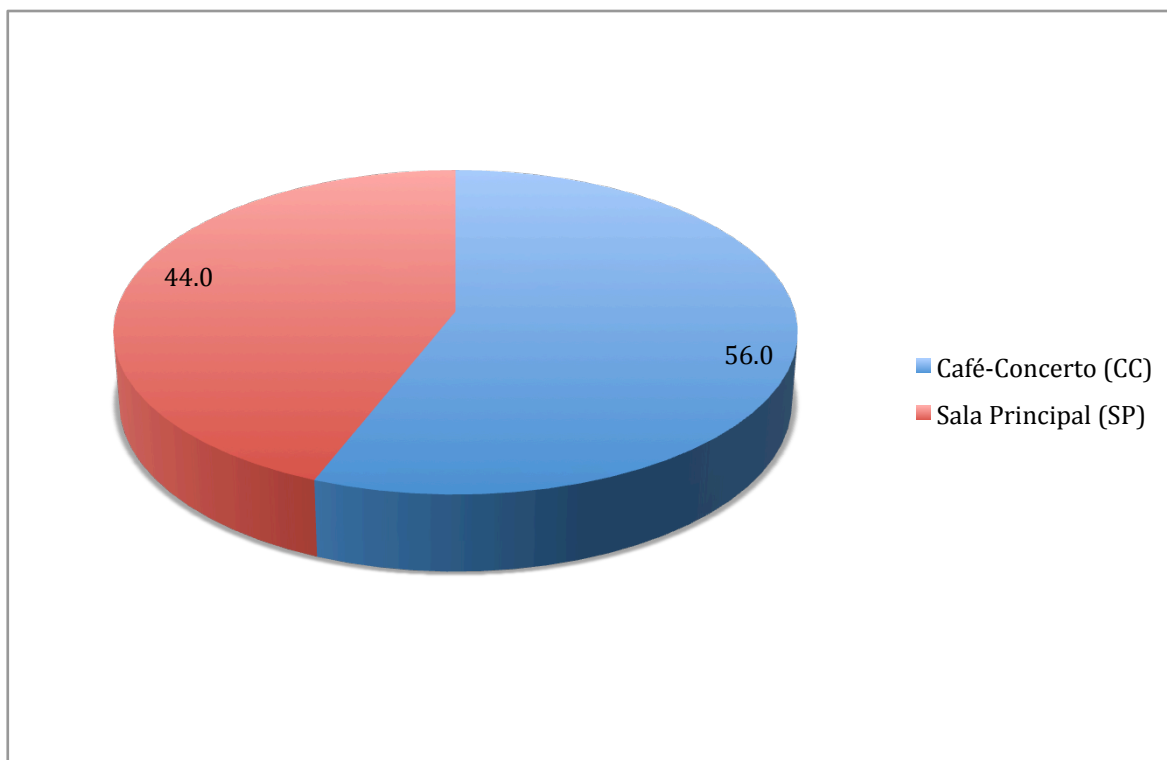


Gráfico 18 – Distribuição em percentagem dos espectáculos de Música pelos espaços

Quadro 18 - Espetáculos de Música pelos espaços

Espaços	Número de Acções	Percentagem
Café-Concerto (CC)	77	56.0
Sala Principal (SP)	61	44.0

Anexo 2 - Gráficos da Programação do Cineteatro de Estarreja

(Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

Anexo 2.1 - Programação 2005-2014

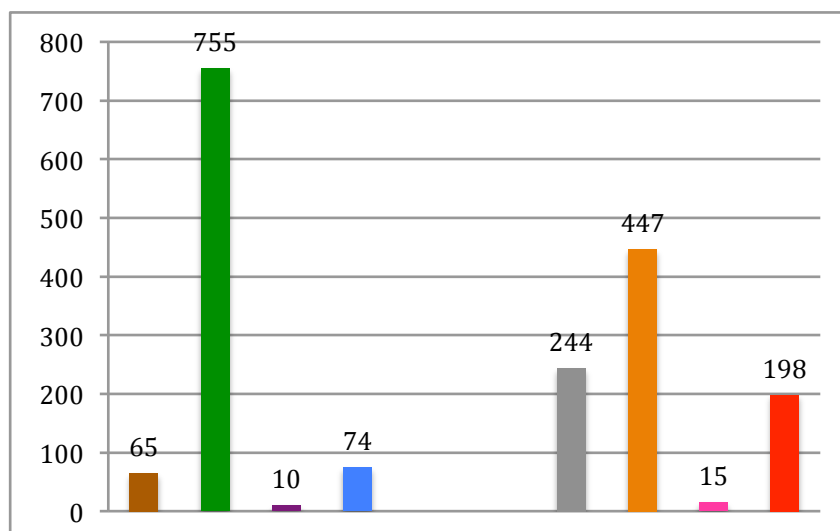


Gráfico 19 - Valor absoluto de acções para cada Tipologia para o intervalo de tempo 2005-2014

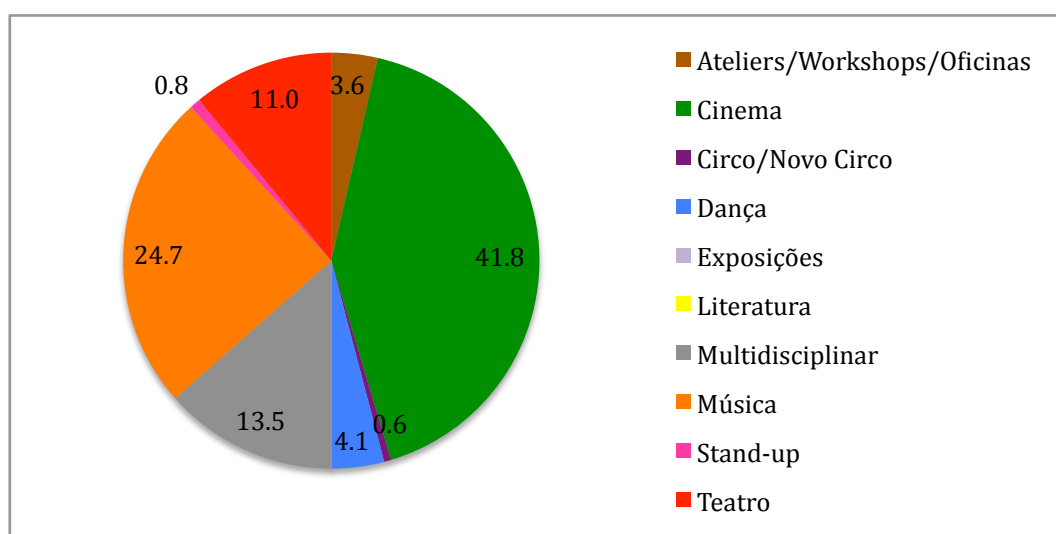


Gráfico 19.2 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 19 - Acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2005-2014

Tipologias	Número de Acções	Percentagem
Oficinas	65	3.6
Cinema	755	41.8
Circo	10	0.6
Dança	74	4.1
Exposições	0	0.0
Literatura	0	0.0
Multidisciplinar	244	13.5
Música	447	24.7
Stand-up	15	0.8
Teatro	198	11.0
Total	1808	100.0

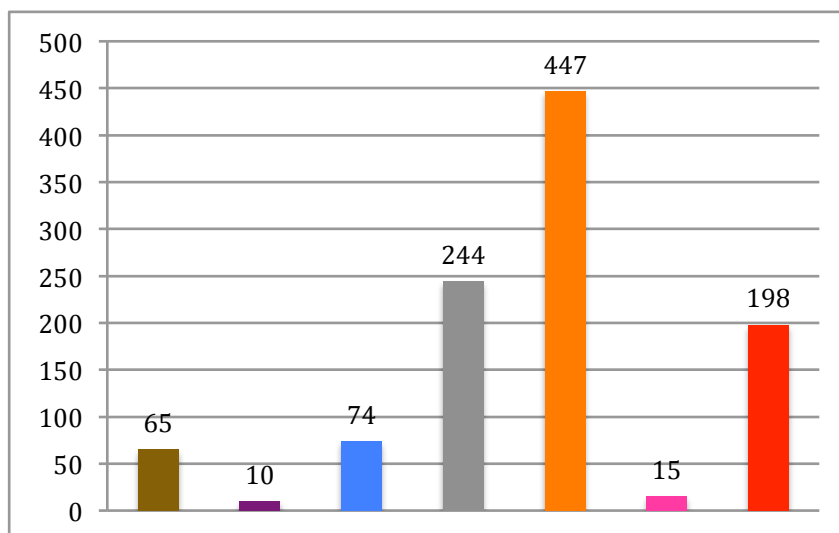


Gráfico 19.1- Valor absoluto de ações para cada tipologia, com exceção do Cinema, para o intervalo de tempo 2005-2014

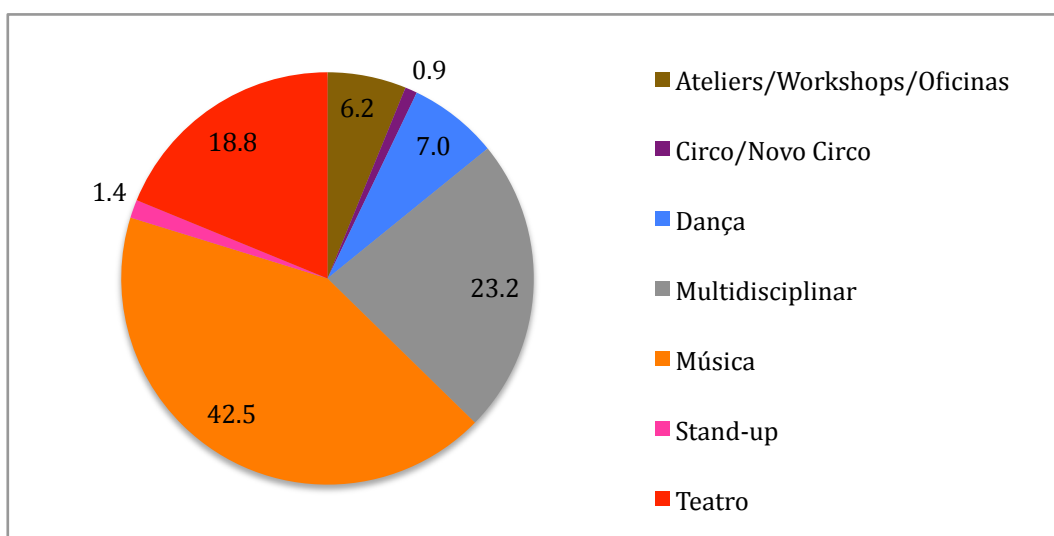


Gráfico 19.1.2 - Distribuição em percentagem de ações para cada tipologia, com exceção do Cinema, para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 19.1- Ações para cada tipologia, com exceção do Cinema, para o intervalo de tempo 2005-2014

Tipologias	Número de Ações	Porcentagem
Oficinas	65	6.2
Circo	10	0.9
Dança	74	7.0
Multidisciplinar	244	23.2
Música	447	42.5
Stand-up	15	1.4
Teatro	198	18.8
Total	1053	100.0

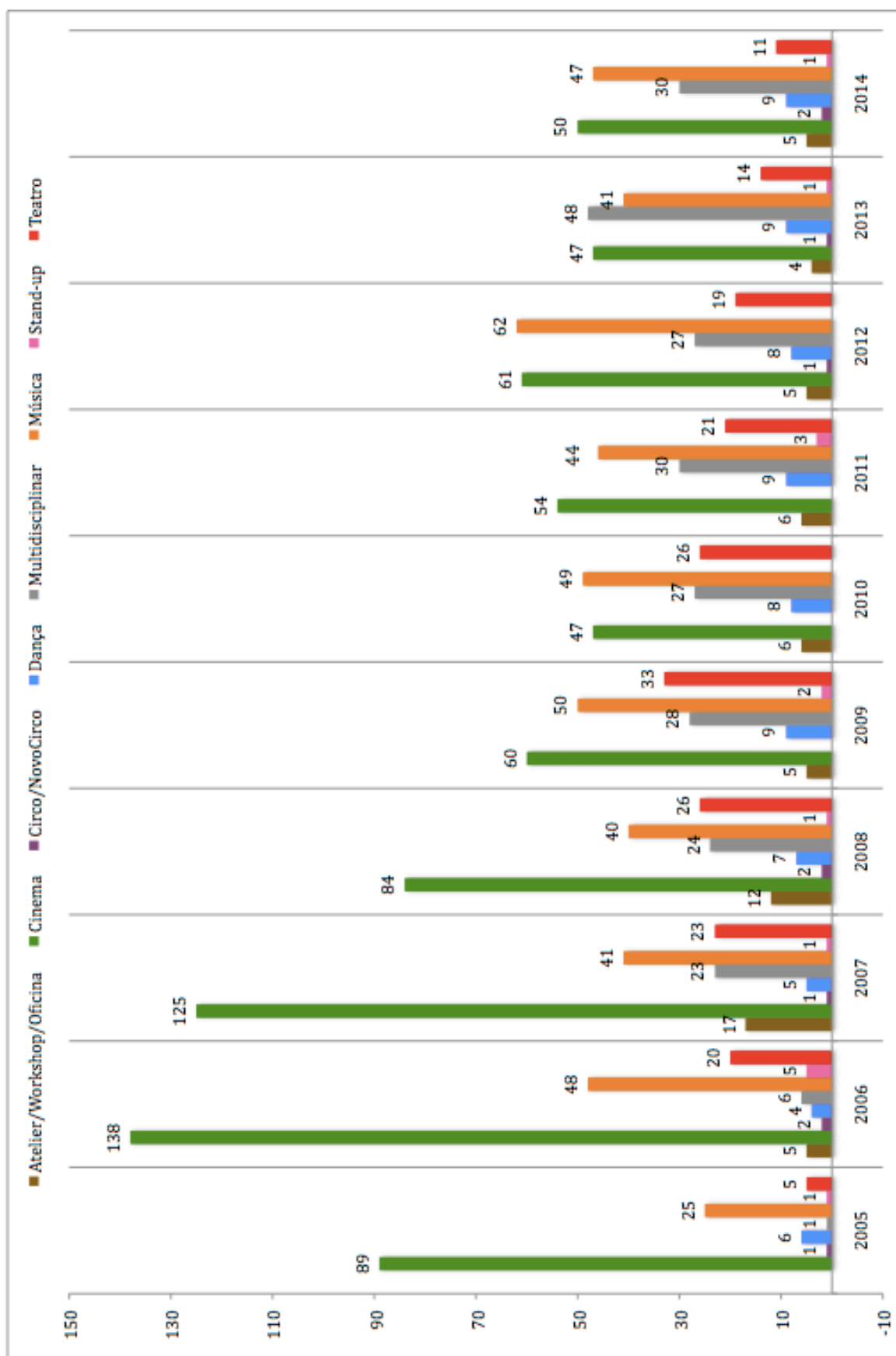


Gráfico 20 - Valor absoluto de ações para cada tipologia e por cada ano

Quadro 20 - Acções para cada tipologia e por cada ano

TIPOLOGIAS	ANO	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Oficinas		0	5	17	12	5	6	6	5	4	5
Cinema		89	138	125	84	60	47	54	61	47	50
CircO		1	2	1	2	0	0	0	1	1	2
Dança		6	4	5	7	9	8	9	8	9	9
Exposições		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Literatura		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Multidisciplinar		1	6	23	24	28	27	30	27	48	30
Música		25	48	41	40	50	49	44	62	41	47
Stand-up		1	5	1	1	2	0	3	0	1	1
Teatro		5	20	23	26	33	26	21	19	14	11
Total		128	228	236	196	187	163	167	183	165	155

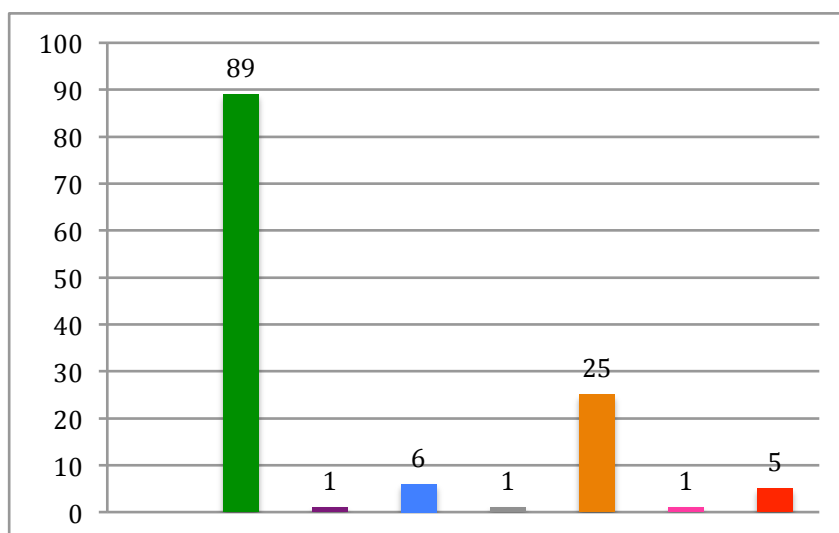


Gráfico 21 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2005

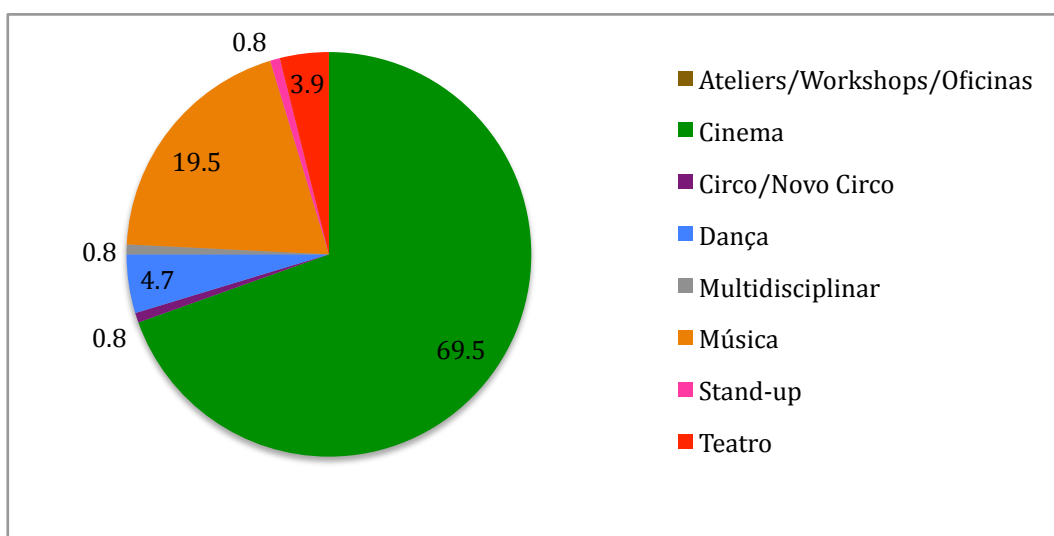


Gráfico 21.1 – Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2005

Quadro 21 - Acções para cada tipologia para o ano de 2005

Tipologias	Número de Acções - 2005	Percentagem
Oficinas		0.0
Cinema	89	69.5
Circo	1	0.8
Dança	6	4.7
Multidisciplinar	1	0.8
Música	25	19.5
Stand-up	1	0.8
Teatro	5	3.9
Total	128	100.0

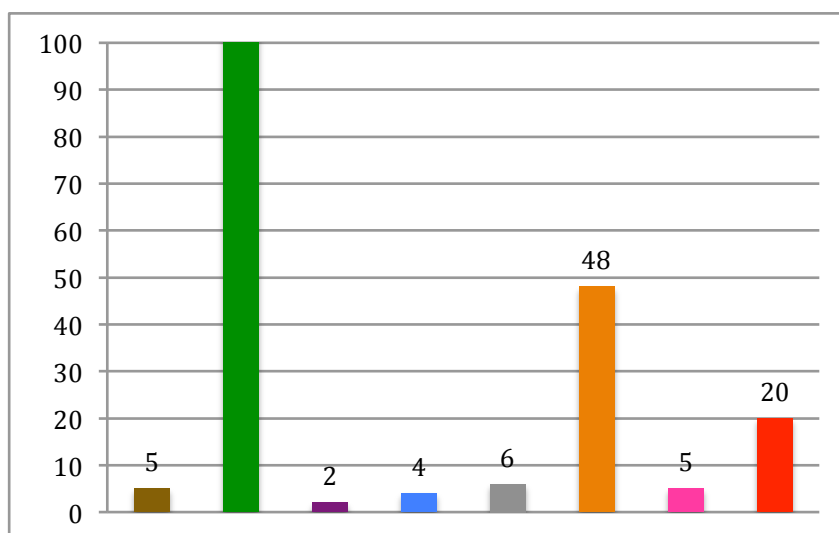


Gráfico 22 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2006

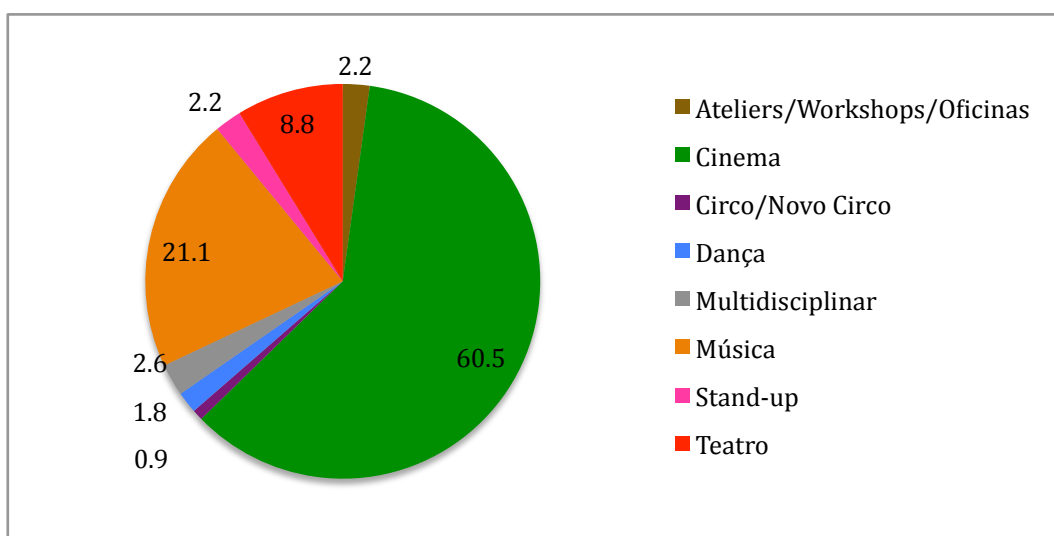


Gráfico 22.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2006

Quadro 22 - Acções para cada tipologia para o ano de 2006

Tipologias	Número de Acções - 2006	Percentagem
Oficinas	5	2.2
Cinema	138	60.5
Circo	2	0.9
Dança	4	1.8
Multidisciplinar	6	2.6
Música	48	21.1
Stand-up	5	2.2
Teatro	20	8.8
Total	228	100.0

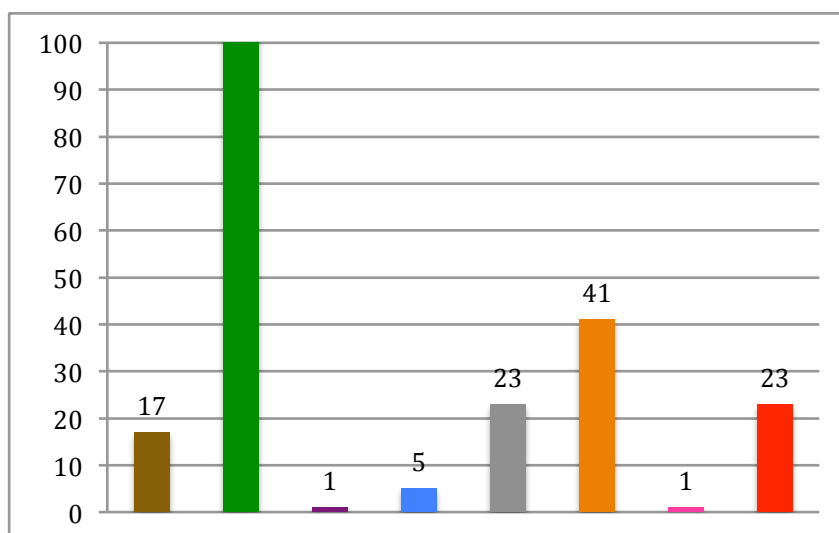


Gráfico 23 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2007

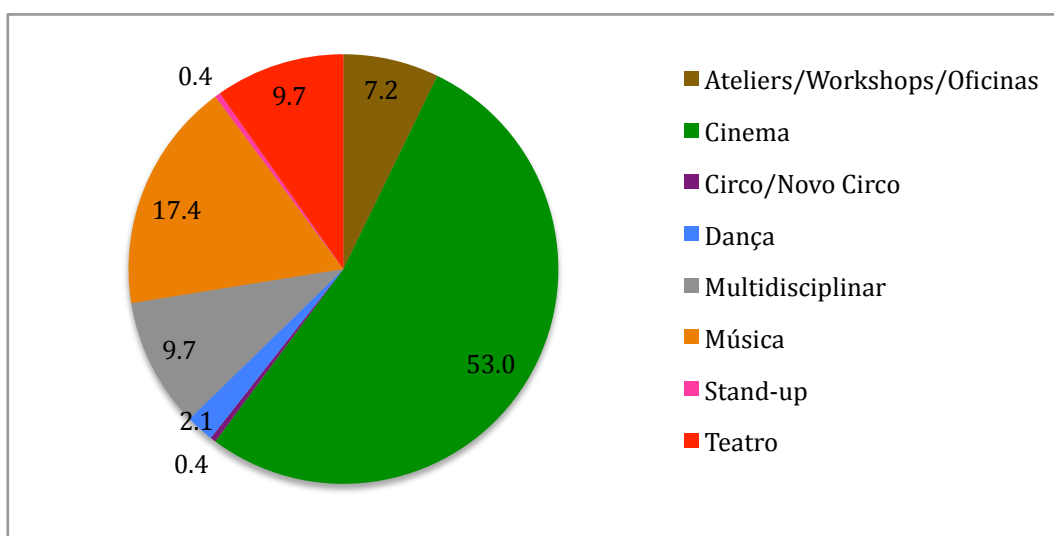


Gráfico 23.1 – Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2007

Quadro 23 - Acções para cada tipologia para o ano de 2007

Tipologias	Número de Acções - 2007	Percentagem
Oficinas	17	7.2
Cinema	125	53.0
Circo	1	0.4
Dança	5	2.1
Multidisciplinar	23	9.7
Música	41	17.4
Stand-up	1	0.4
Teatro	23	9.7
Total	236	100.0

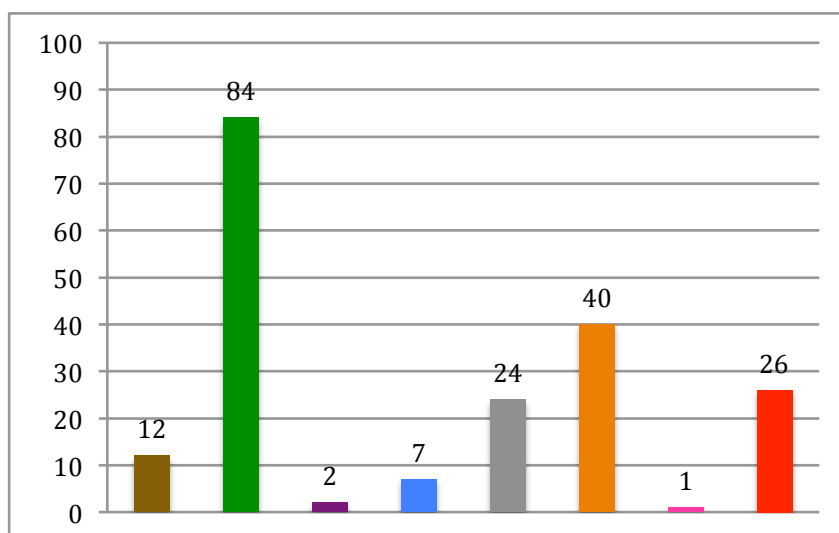


Gráfico 24 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2008

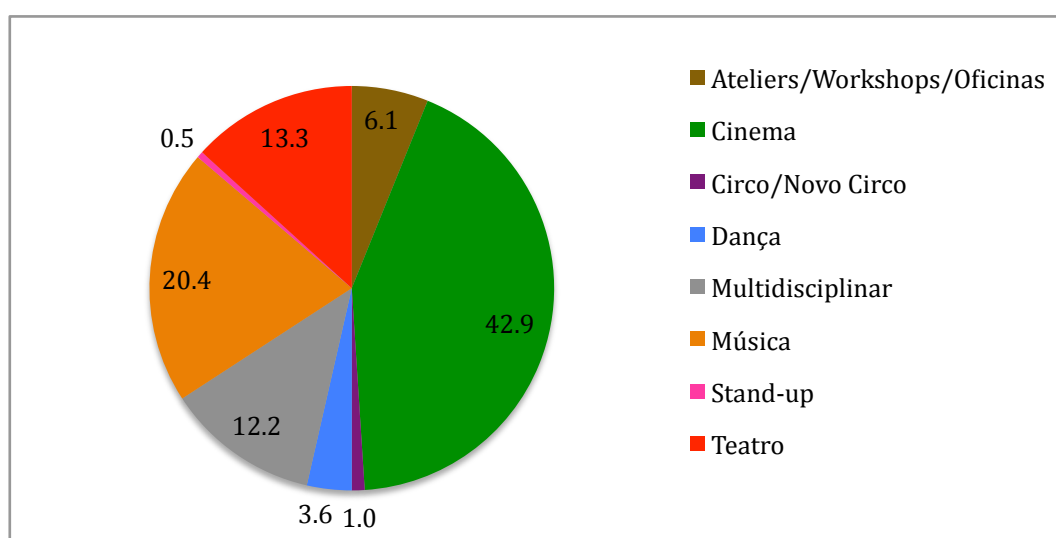


Gráfico 24.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2008

Quadro 24 - Acções para cada tipologia para o ano de 2008

Tipologias	Número de Acções - 2008	Percentagem
Oficinas	12	6.1
Cinema	84	42.9
Circo	2	1.0
Dança	7	3.6
Multidisciplinar	24	12.2
Música	40	20.4
Stand-up	1	0.5
Teatro	26	13.3
Total	196	100.0

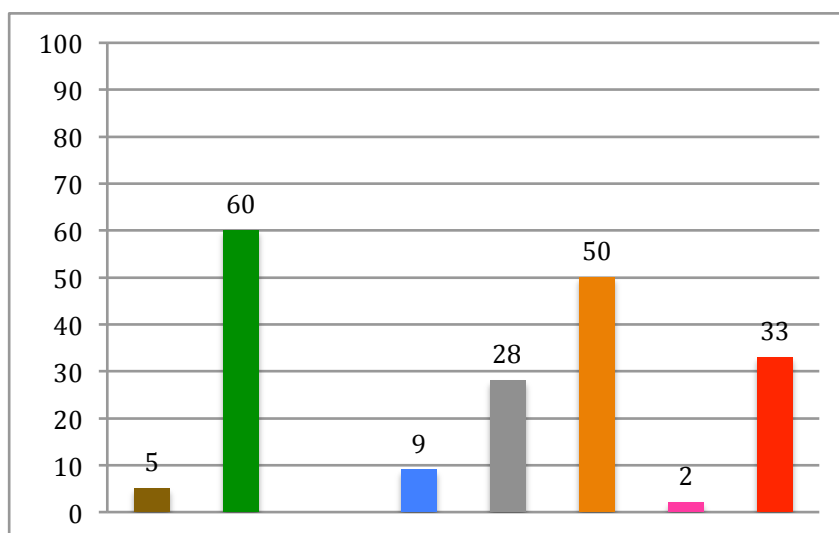


Gráfico 25 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2009

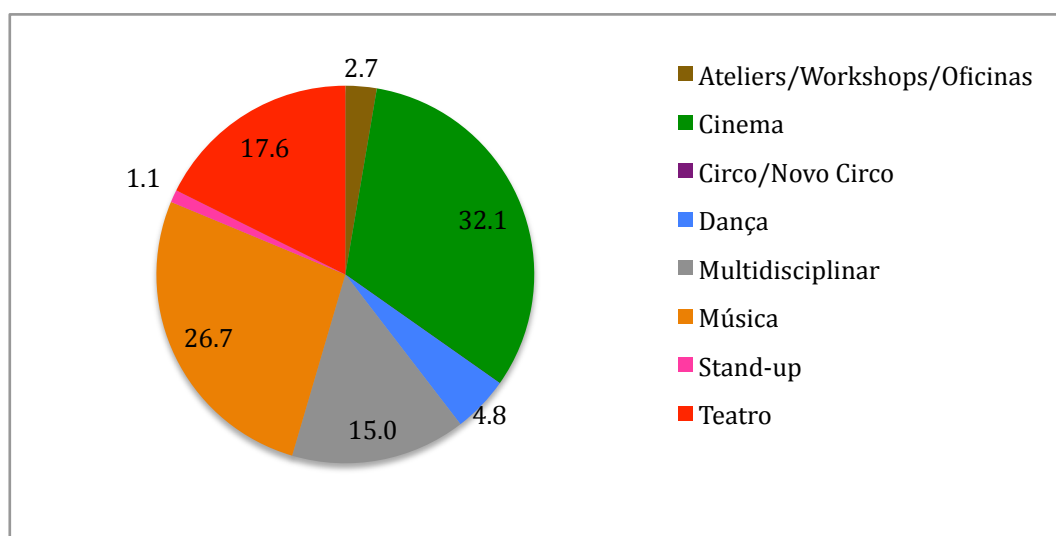


Gráfico 25.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2009

Quadro 25 - Acções para cada tipologia para o ano de 2009

Tipologias	Número de Acções - 2009	Percentagem
Oficinas	5	2.7
Cinema	60	32.1
Circo	0	0.0
Dança	9	4.8
Multidisciplinar	28	15.0
Música	50	26.7
Stand-up	2	1.1
Teatro	33	17.6
Total	187	100.0

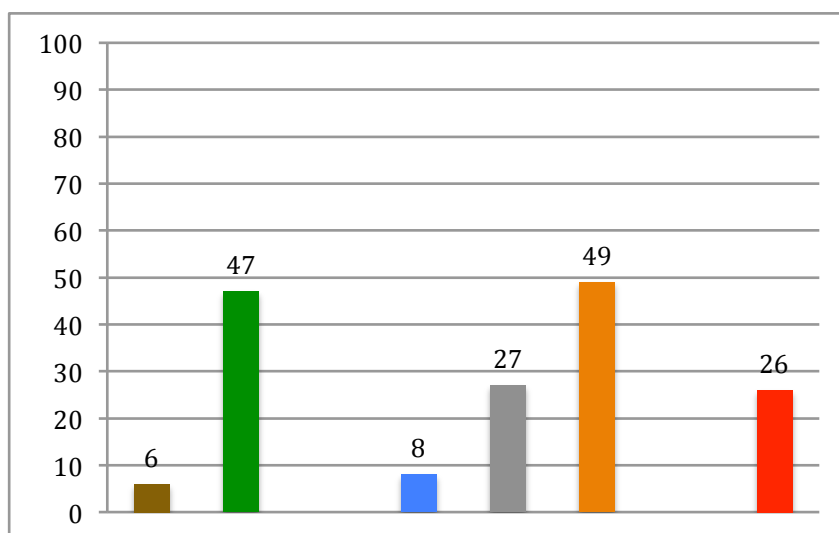


Gráfico 26 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2010

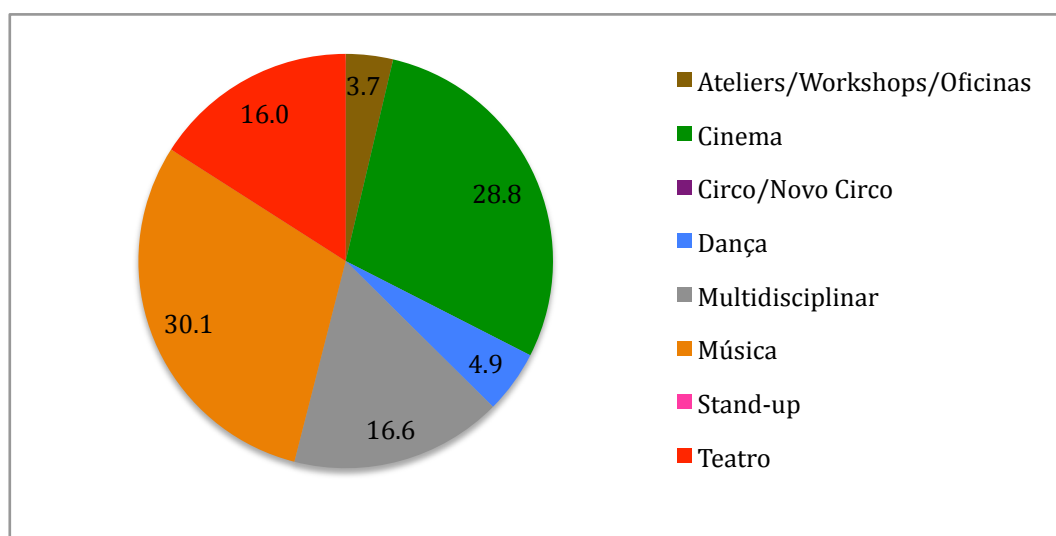


Gráfico 26.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2010

Quadro 26 - Acções para cada tipologia para o ano de 2010

Tipologia	Número de Acções - 2010	Percentagem
Oficinas	6	3.7
Cinema	47	28.8
Circo	0	0.0
Dança	8	4.9
Multidisciplinar	27	16.6
Música	49	30.1
Stand-up	0	0.0
Teatro	26	16.0
Total	163	100.0

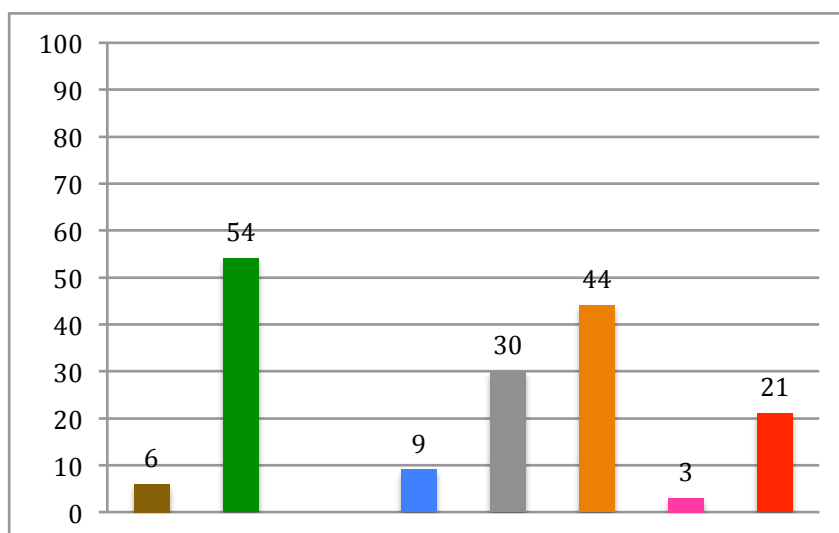


Gráfico 27 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2011

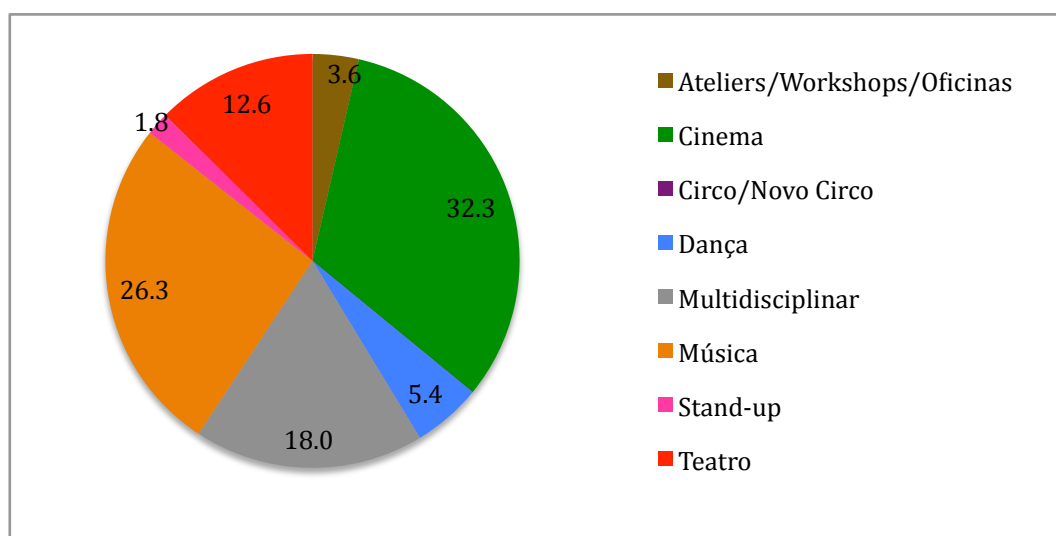


Gráfico 27.1 - Distribuição em percentagens de acções para cada tipologia para o ano de 2011

Quadro 27 - Acções para cada tipologia para o ano de 2011

Tipologias	Número de Acções - 2011	Percentagem
Oficinas	6	3.6
Cinema	54	32.3
Circo	0	0.0
Dança	9	5.4
Multidisciplinar	30	18.0
Música	44	26.3
Stand-up	3	1.8
Teatro	21	12.6
Total	167	100.0

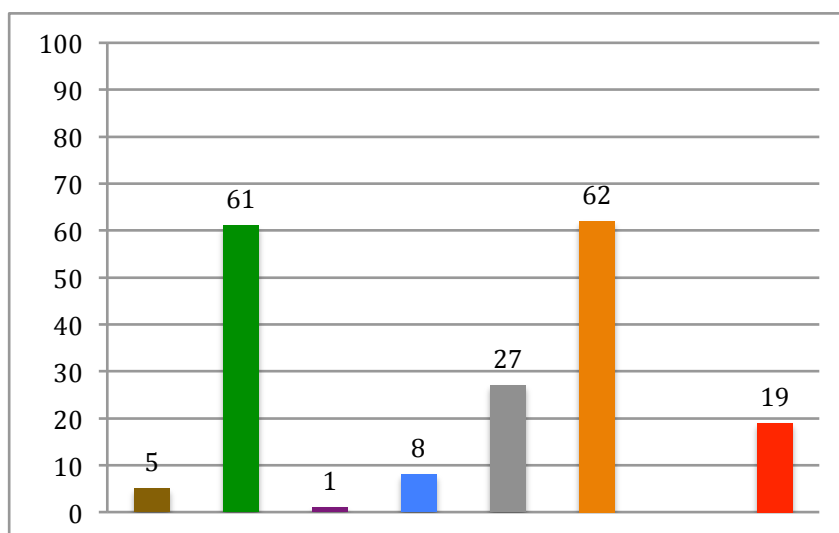


Gráfico 28 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2012

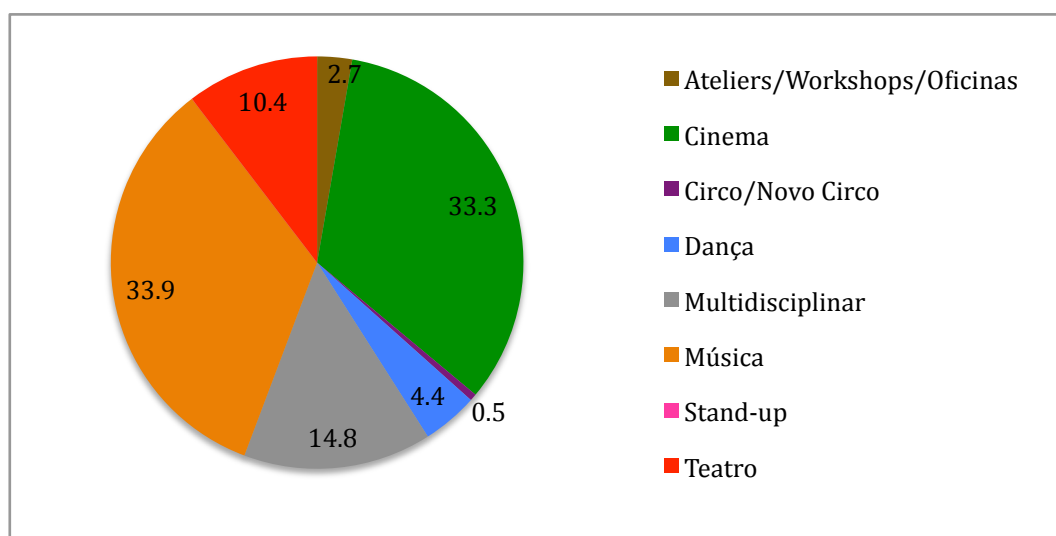


Gráfico 28.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2012

Quadro 28 - Acções para cada tipologia para o ano de 2012

Tipologias	Número de Acções - 2012	Percentagem
Oficinas	5	2.7
Cinema	61	33.3
Circo	1	0.5
Dança	8	4.4
Multidisciplinar	27	14.8
Música	62	33.9
Stand-up	0	0.0
Teatro	19	10.4
Total	183	100.0

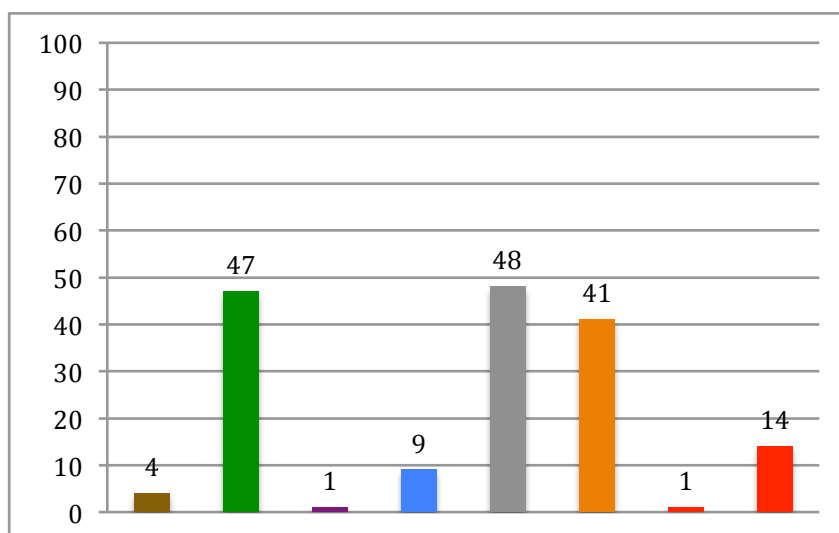


Gráfico 29 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2013

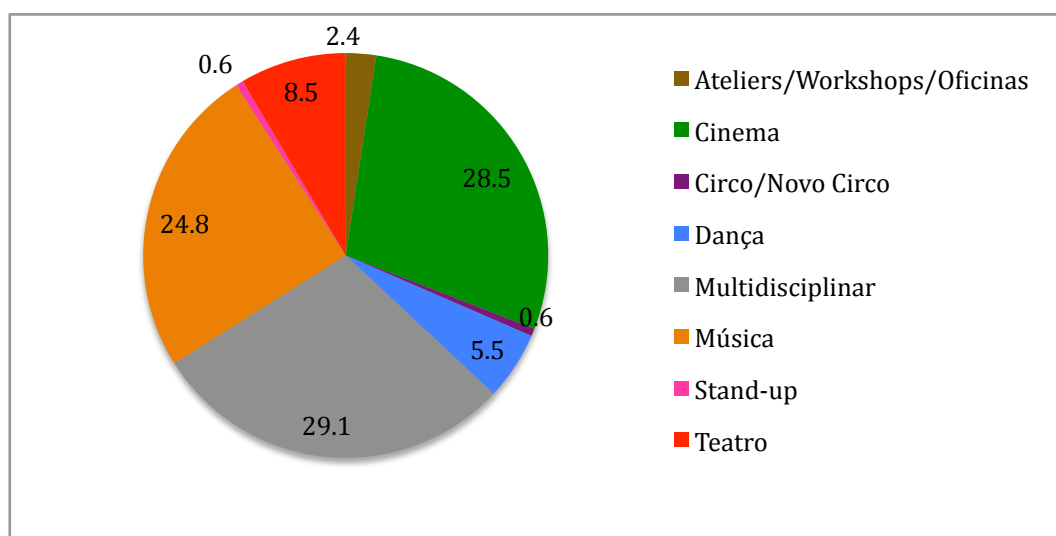


Gráfico 29.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2013

Quadro 29 - Acções para cada tipologia para o ano de 2013

Tipologias	Número de Acções - 2013	Percentagem
Oficinas	4	2.4
Cinema	47	28.5
Circo	1	0.6
Dança	9	5.5
Multidisciplinar	48	29.1
Música	41	24.8
Stand-up	1	0.6
Teatro	14	8.5
Total	165	100.0

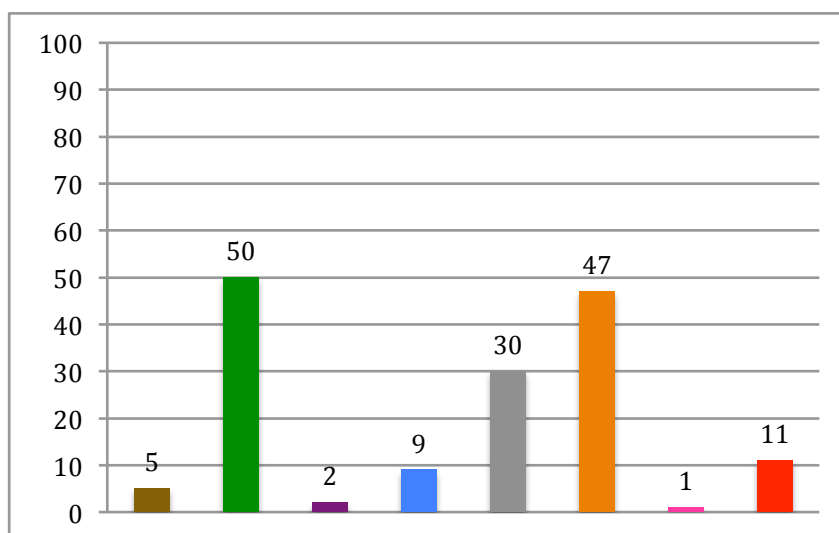


Gráfico 30 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2014

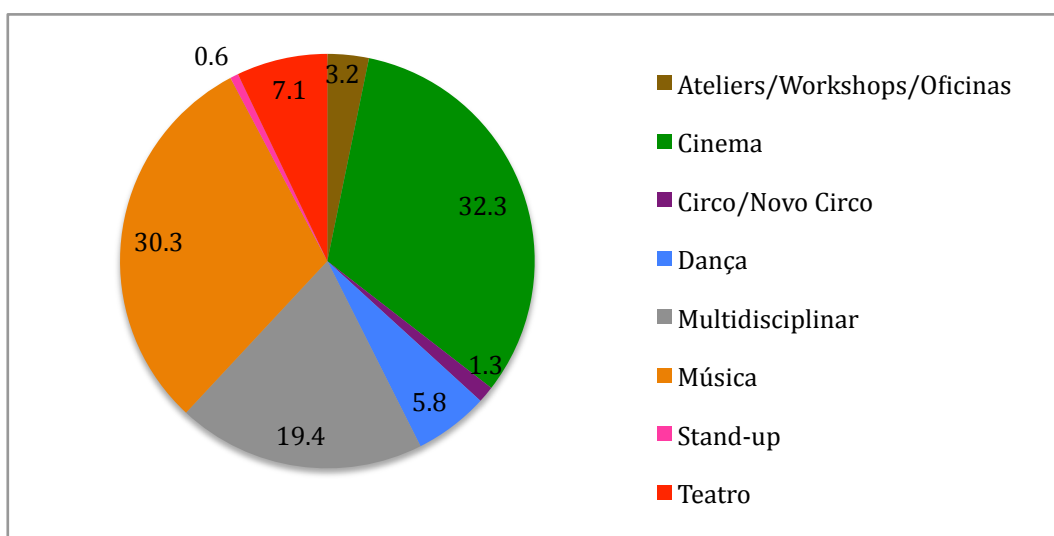


Gráfico 30.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2014

Quadro 30 - Acções para cada tipologia para o ano de 2014

Tipologias	Número de Acções - 2014	Percentagem
Oficinas	5	3.2
Cinema	50	32.3
Circo	2	1.3
Dança	9	5.8
Multidisciplinar	30	19.4
Música	47	30.3
Stand-up	1	0.6
Teatro	11	7.1
Total	155	100.0

Anexo 2.2 - Programação Oficinas 2005-2014

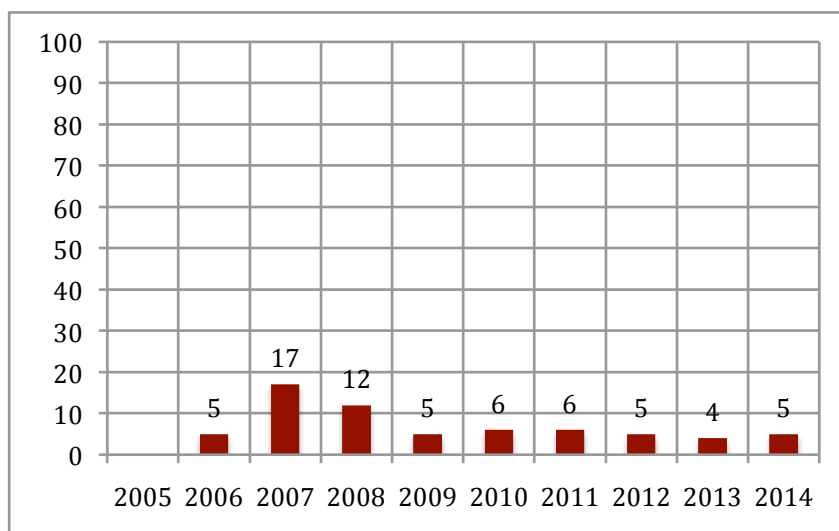


Gráfico 31 – Valor absoluto de acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2005-2014

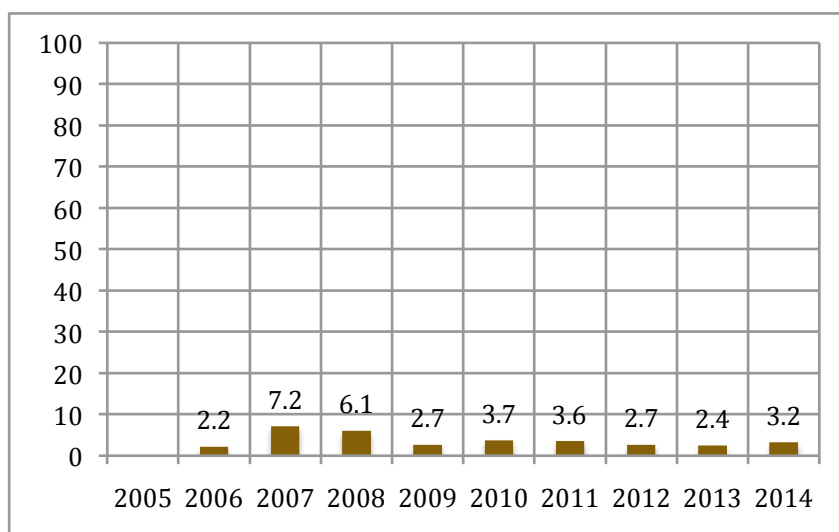


Gráfico 31.1 – Percentagem de acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 31 - Acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2005-2014

OFICINAS		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	0	0
2006	5	2.2
2007	17	7.2
2008	12	6.1
2009	5	2.7
2010	6	3.7
2011	6	3.6
2012	5	2.7
2013	4	2.4
2014	5	3.2

Anexo 2.3 - Programação Cinema 2005-2014

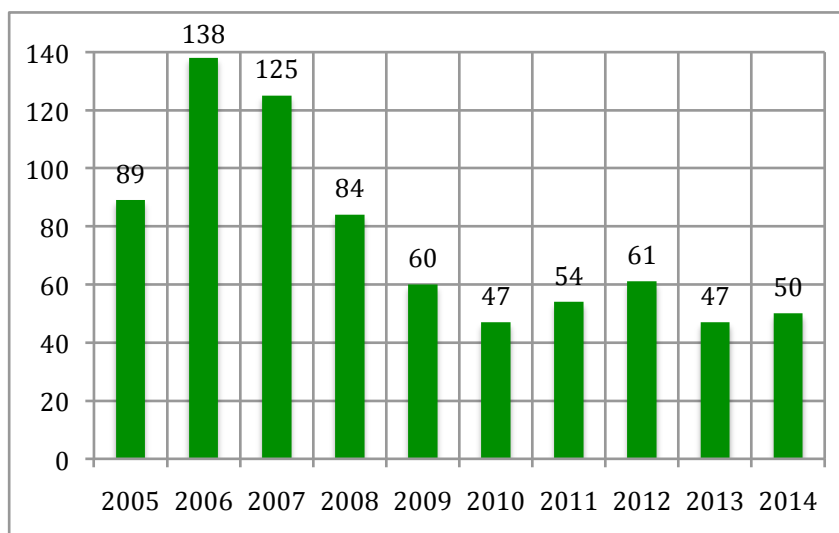


Gráfico 32– Valor absoluto de acções de Cinema para o intervalo de tempo 2005-2014

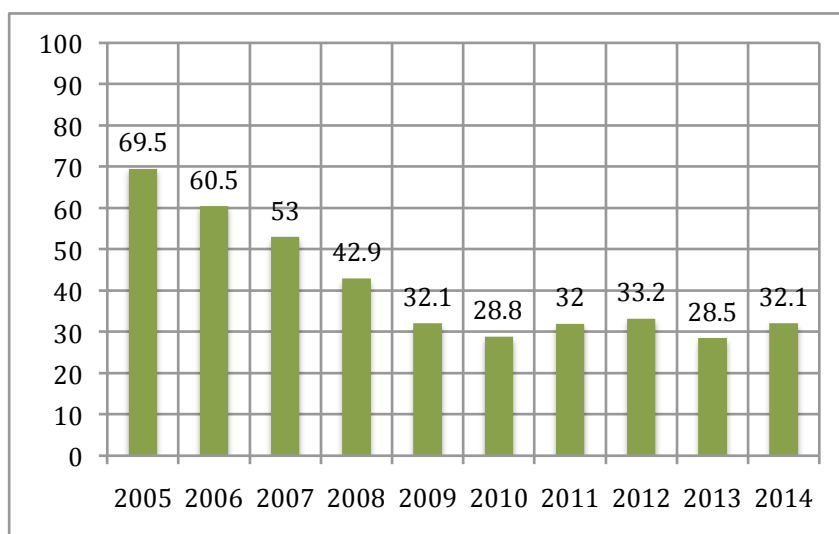


Gráfico 32.1 - Percentagem de acções de Cinema para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 32 - Acções de Cinema para o intervalo de tempo 2005-2014

CINEMA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	89	69.5
2006	138	60.5
2007	125	53
2008	84	42.9
2009	60	32.1
2010	47	28.8
2011	54	32
2012	61	33.2
2013	47	28.5
2014	50	32.1

Anexo 2.4 - Programação Circo 2005-2014

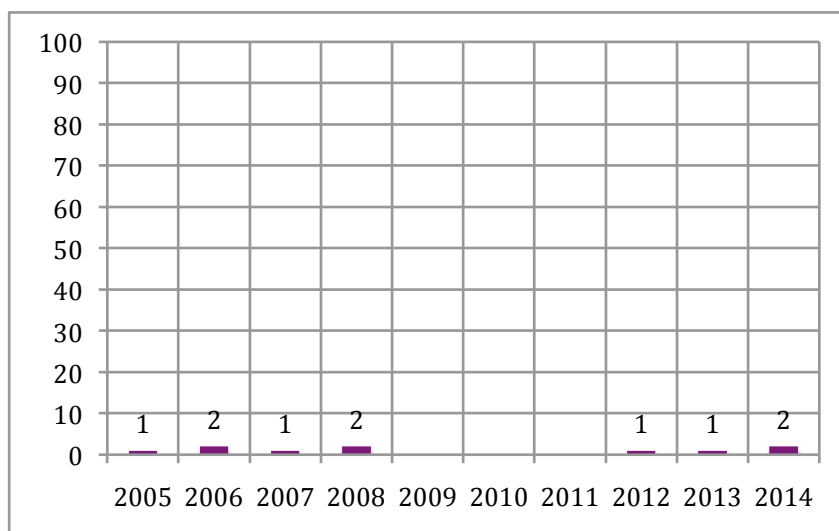


Gráfico 33 – Valor absoluto de acções de Circo para o intervalo de tempo 2005-2014

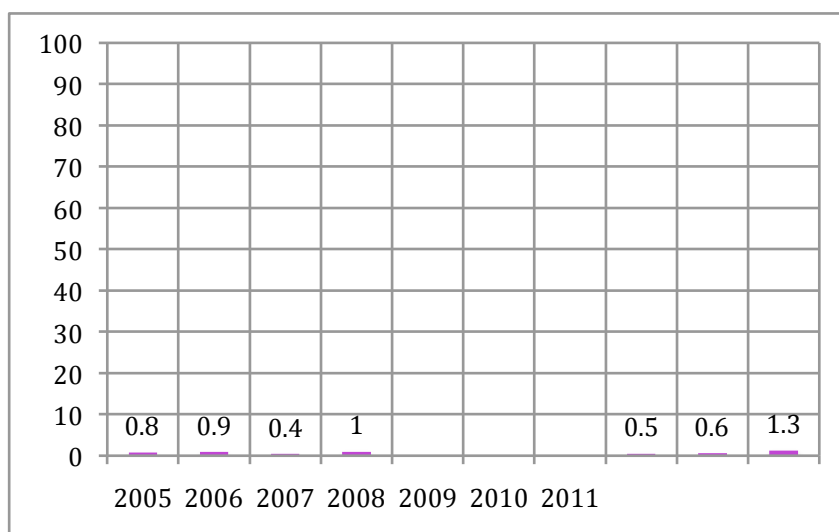


Gráfico 33.1 - Percentagem de acções de Circo para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 33 - Acções de Circo para o intervalo de tempo 2005-2014

CIRCO		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	1	0.8
2006	2	0.9
2007	1	0.4
2008	2	1
2009	0	0
2010	0	0
2011	0	0
2012	1	0.5
2013	1	0.6
2014	2	1.3

Anexo 2.5 - Programação Dança 2005-2014

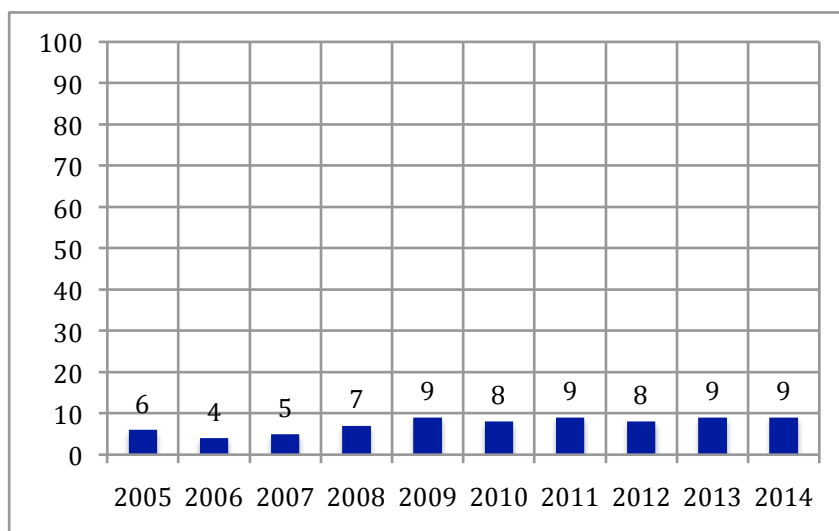


Gráfico 34 – Valor absoluto de acções de Dança para o intervalo de tempo 2005-2014

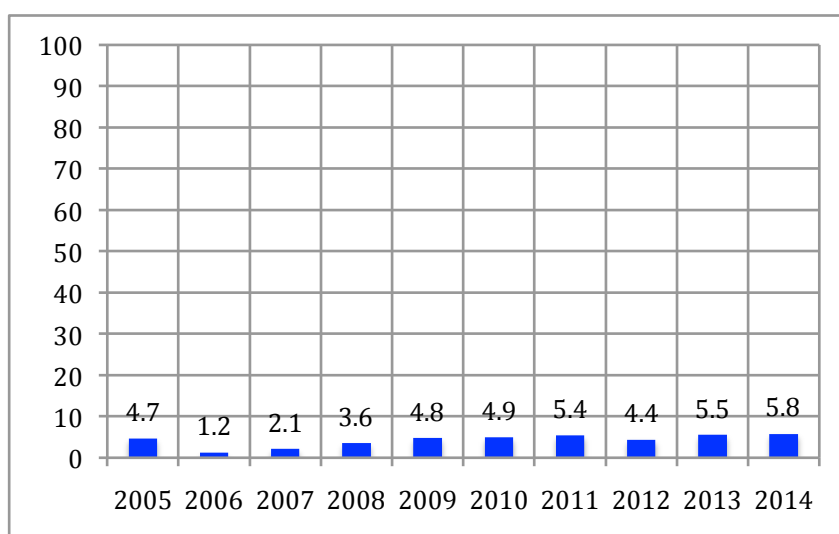


Gráfico 34.1 - Percentagem de acções de Dança para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 34 - Acções de Dança para o intervalo de tempo 2005-2014

DANÇA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	6	4.7
2006	4	1.2
2007	5	2.1
2008	7	3.6
2009	9	4.8
2010	8	4.9
2011	9	5.4
2012	8	4.4
2013	9	5.5
2014	9	5.8

Anexo 2.6 - Programação Multidisciplinar 2005-2014

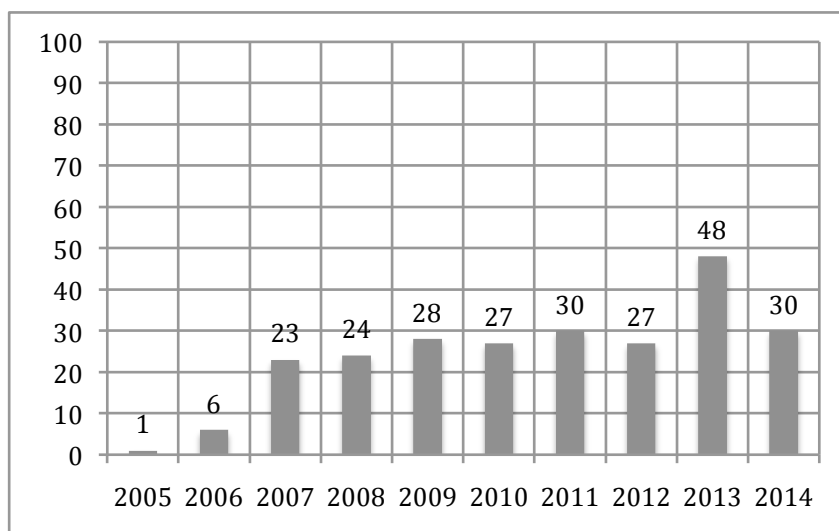


Gráfico 35 – Valor absoluto de acções de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2005-2014

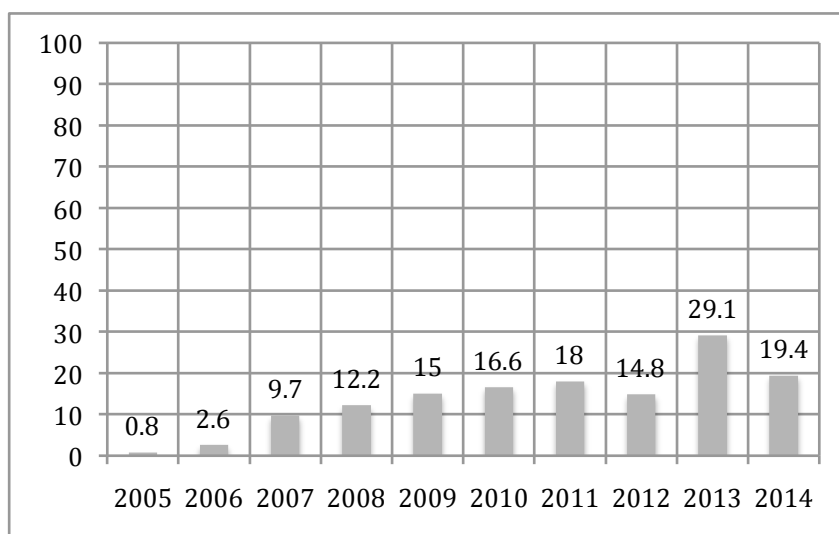


Gráfico 35.1 - Percentagem de acções de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 35 - Acções de Multidisciplinar a para o intervalo de tempo 2005-2014

MULTIDISCIPLINAR		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	1	0.8
2006	6	2.6
2007	23	9.7
2008	24	12.2
2009	28	15
2010	27	16.6
2011	30	18
2012	27	14.8
2013	48	29.1
2014	30	19.4

Anexo 2.7 - Programação Música 2005-2014

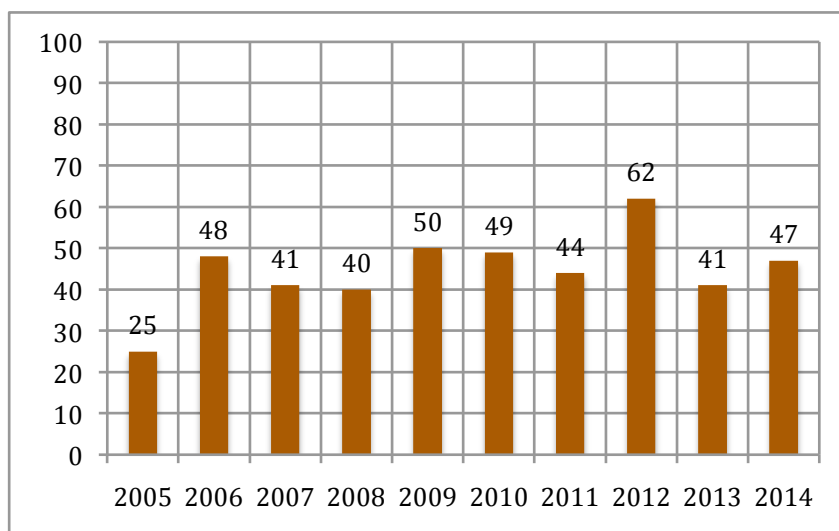


Gráfico 36 – Valor Absoluto de acções de Música para o intervalo de tempo 2005-2014

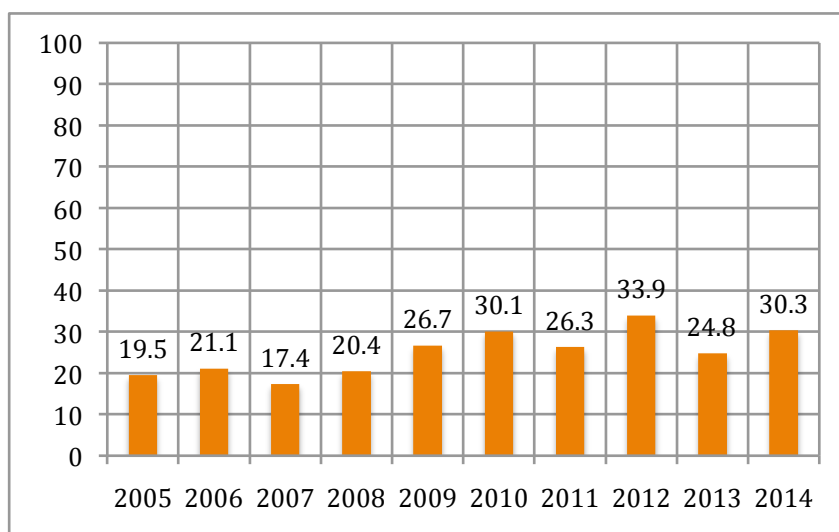


Gráfico 36.1 - Percentagem de Música para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 36 - Acções de Música a para o intervalo de tempo 2005-2014

MÚSICA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	25	19.5
2006	48	21.1
2007	41	17.4
2008	40	20.4
2009	50	26.7
2010	49	30.1
2011	44	26.3
2012	62	33.9
2013	41	24.8
2014	47	30.3

Anexo 2.8 - Programação Stand-Up 2005-2014

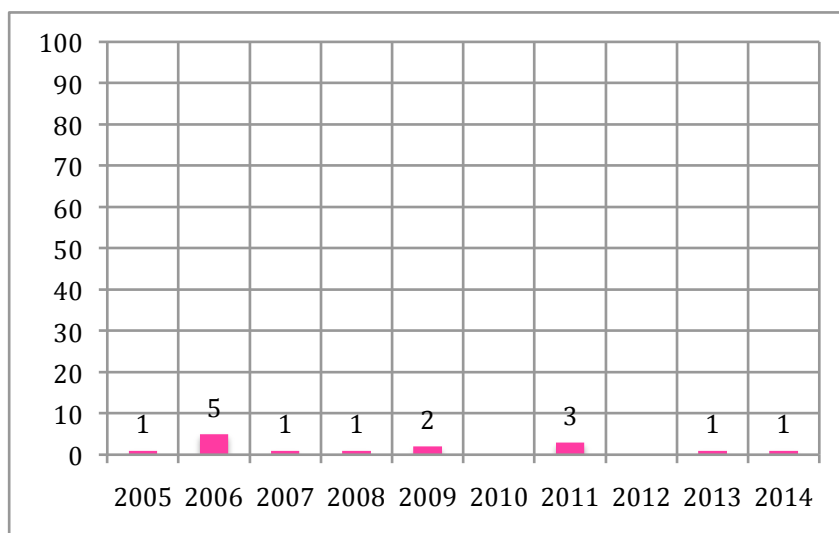


Gráfico 37 – Valor absoluto de acções de Stand-Up para o intervalo de tempo 2005-2014

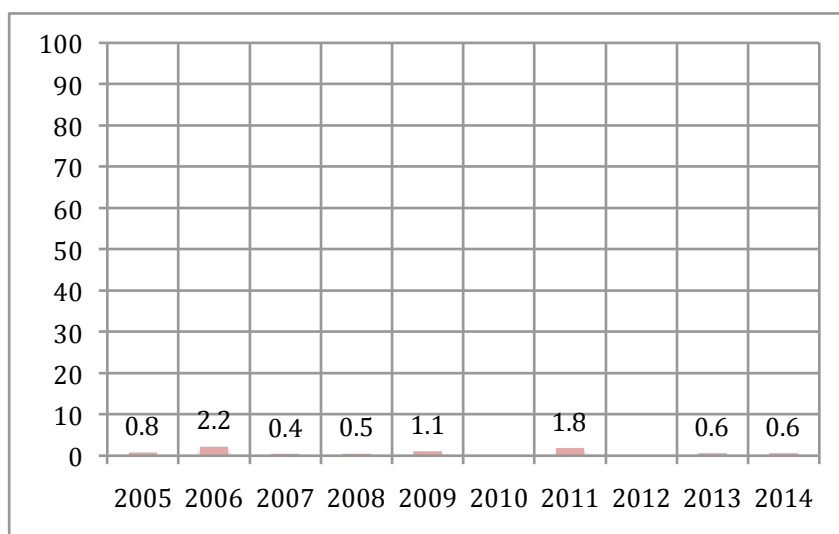


Gráfico 37.1 - Percentagem de Stand-Up para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 37 - Acções de Stand-Up a para o intervalo de tempo 2005-2014

STAND-UP		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	1	0.8
2006	5	2.2
2007	1	0.4
2008	1	0.5
2009	2	1.1
2010	0	0
2011	3	1.8
2012	0	0
2013	1	0.6
2014	1	0.6

Anexo 2.9 - Programação Teatro 2005-2014

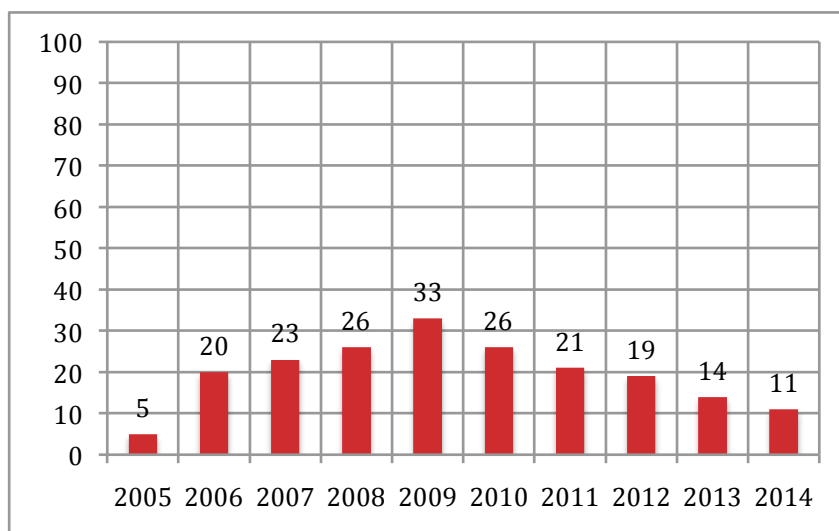


Gráfico 38 – Valor absoluto de ações de Teatro para o intervalo de tempo 2005-2014

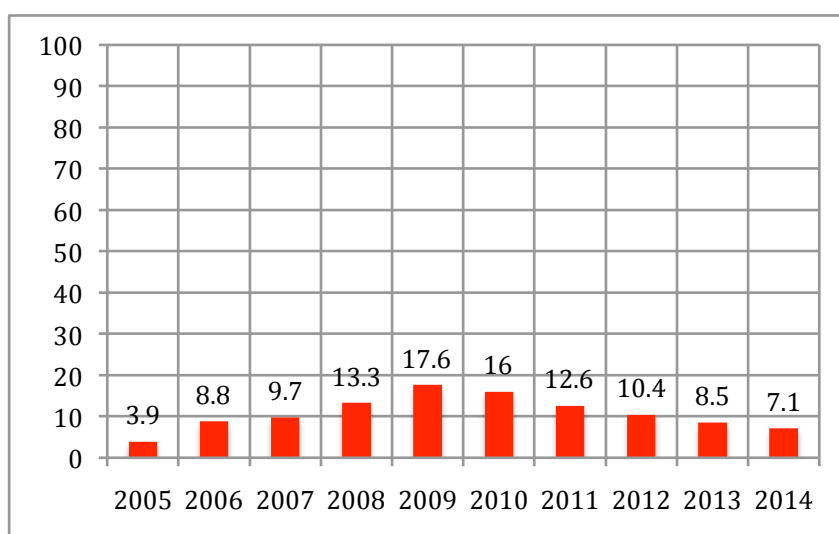


Gráfico 38.1 - Percentagem de Teatro para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 38 - Ações de Teatro a para o intervalo de tempo 2005-2014

TEATRO		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2005	5	3.9
2006	20	8.8
2007	23	9.7
2008	26	13.3
2009	33	17.6
2010	26	16
2011	21	12.6
2012	19	10.4
2013	14	8.5
2014	11	7.1

Anexo 2.10 – Espaços onde decorrem as acções 2005-2014

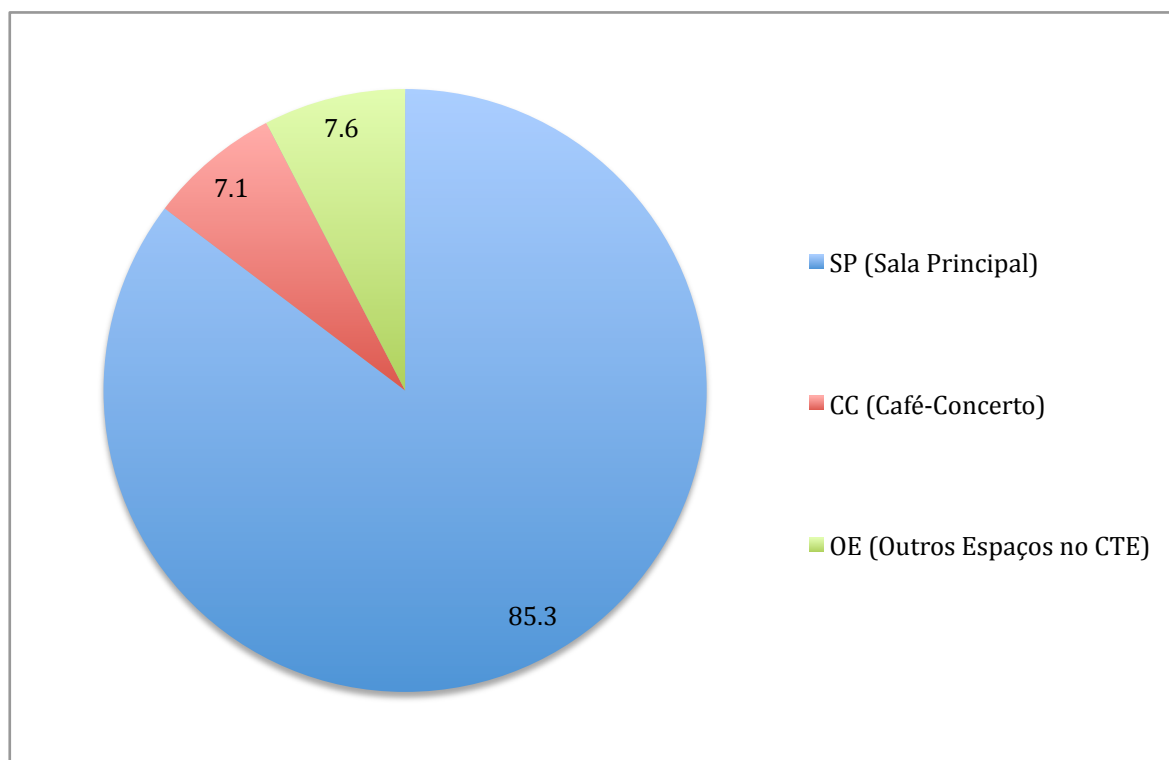


Gráfico 39 – Distribuição em percentagem das acções do CTE pelos espaços

Quadro 39 - Acções do CTE pelos espaços

Espaços	Número de Acções	Percentagem
SP (Sala Principal)	1544	85.3
CC (Café-Concerto)	127	7.1
OE (Outros Espaços no CTE)	137	7.6

Anexo 2.11 – Programação Sub-Géneros de Música 2005-2014

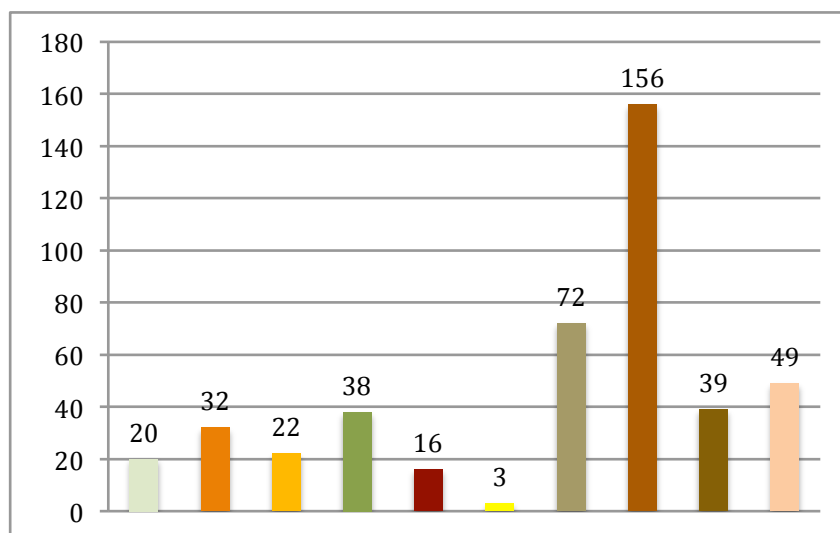


Gráfico 40 – Valor absoluto de ações de sub-géneros de Música para o intervalo de tempo 2005-2014

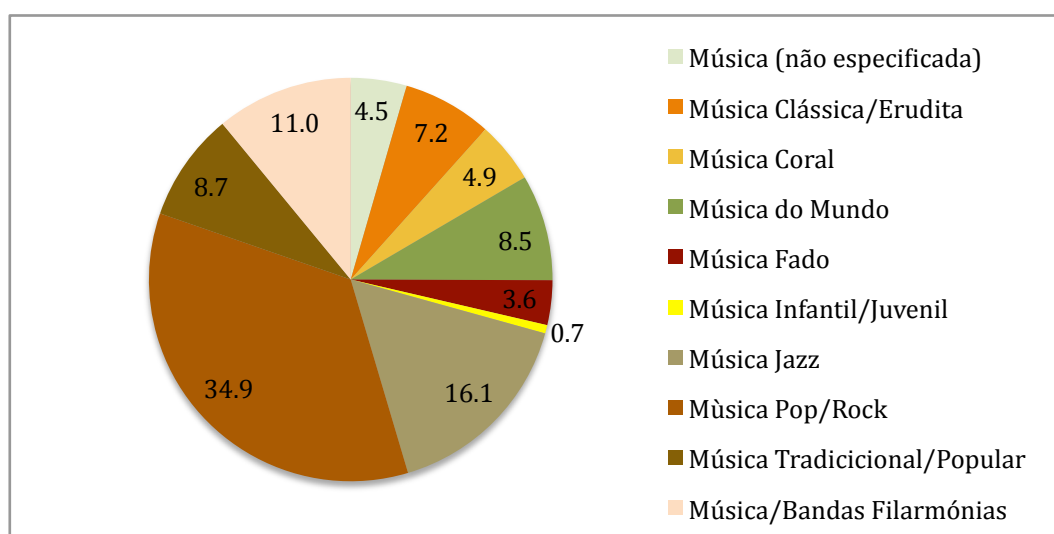


Gráfico 40.1 - Distribuição em percentagem de ações de sub-géneros de Música para o intervalo de tempo 2005-2014

Quadro 40 - Ações de sub-géneros de Música para o intervalo de tempo 2005-2014

Sub-Géneros de Música	Nº de Espectáculos	Percentagem
Música (não especificada)	20	4.5
Música Clássica/Erudita	32	7.2
Música Coral	22	4.9
Música do Mundo	38	8.5
Música Fado	16	3.6
Música Infantil/Juvenil	3	0.7
Música Jazz	72	16.1
Música Pop/Rock	156	34.9
Música Tradicional/Popular	39	8.7
Música/Bandas Filarmónias	49	11.0
Total	447	100

Anexo 2.12 – Espaços onde decorrem as acções de Música 2005-2014

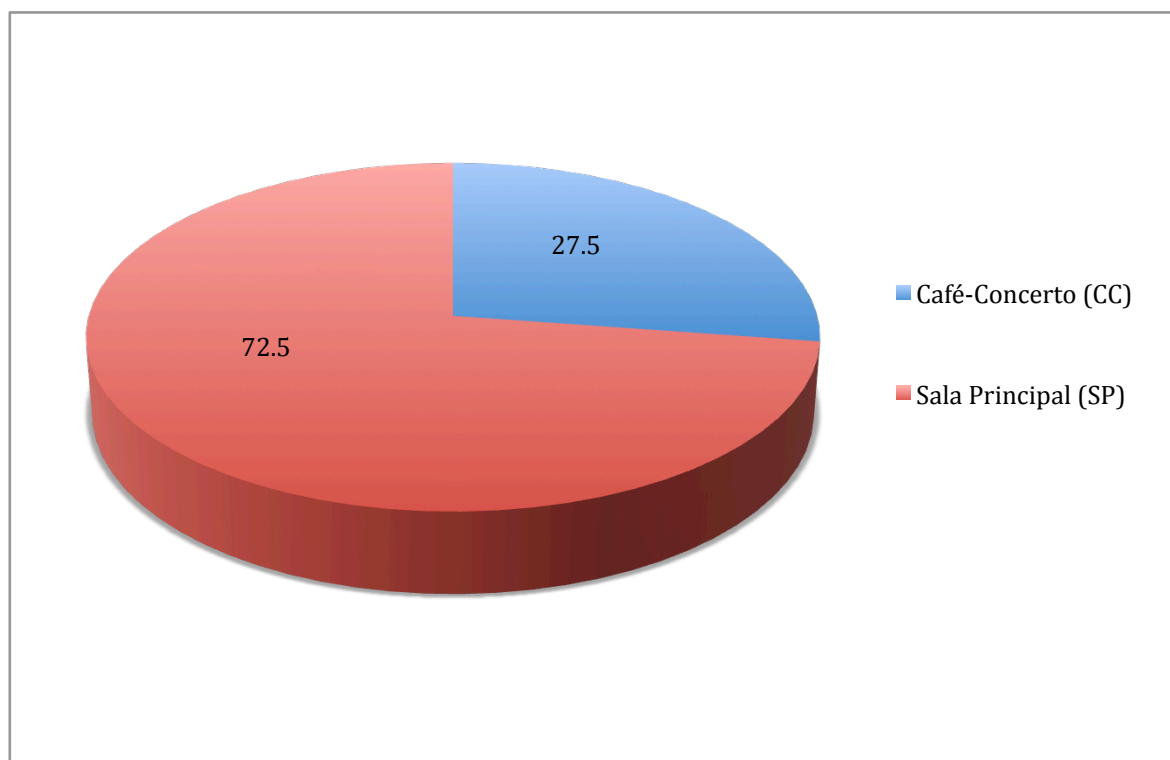


Gráfico 41 Distribuição em percentagem das acções de Música pelos espaços

Quadro 41 Distribuição de acções de Música pelos espaços

Espaços	Número de Acções	Percentagem
Café-Concerto (CC)	123	27.5
Sala Principal (SP)	324	72.5

Anexo 3 – Gráficos da Programação do Centro Cultural de Ílhavo

(Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

Anexo 3.1 – Programação 2008-2014

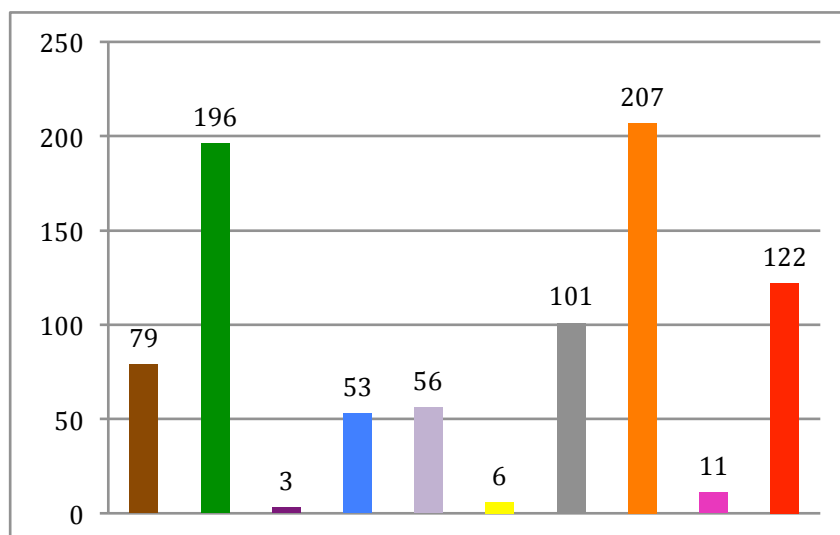


Gráfico 42 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2008-2014

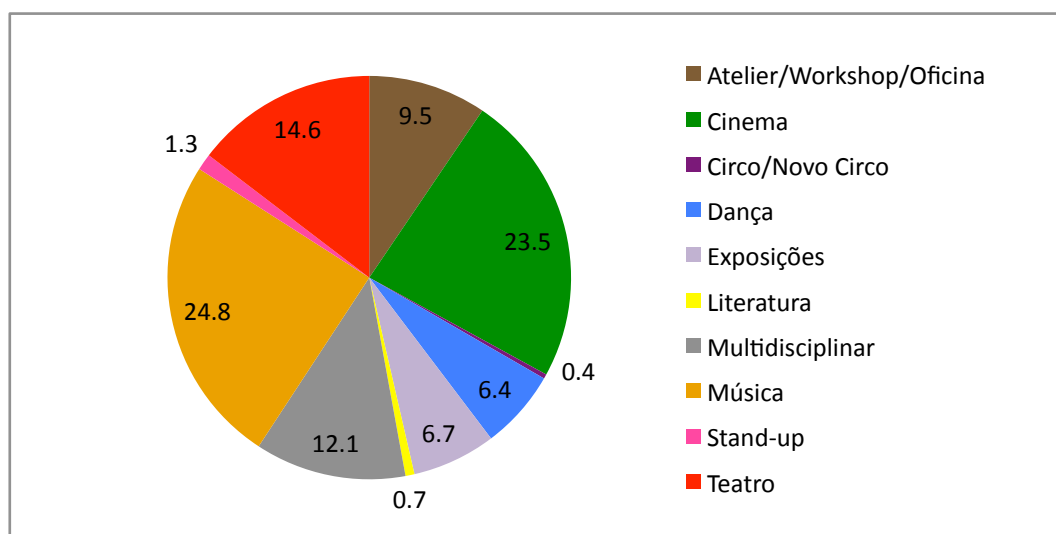


Gráfico 42.2 Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 42 - Acções para cada tipologia para o intervalo de tempo 2008-2014

Tipologias	Número de Acções	Percentagem
Oficinas	79	9.5
Cinema	196	23.5
Circo	3	0.4
Dança	53	6.4
Exposições	56	6.7
Literatura	6	0.7
Multidisciplinar	101	12.1
Música	207	24.8
Stand-up	11	1.3
Teatro	122	14.6
Total	834	100.0

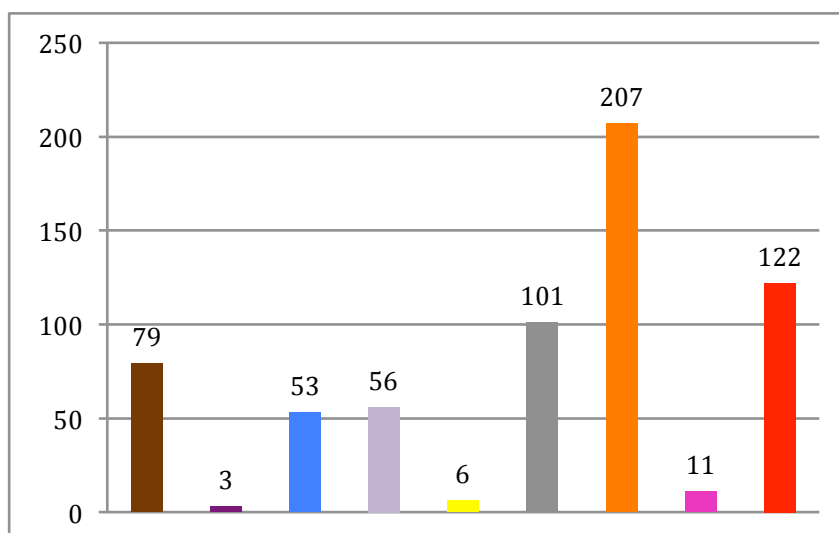


Gráfico 42.1 - Valor absoluto de ações para cada tipologia, com exceção de Cinema, para o intervalo de tempo 2008-2014

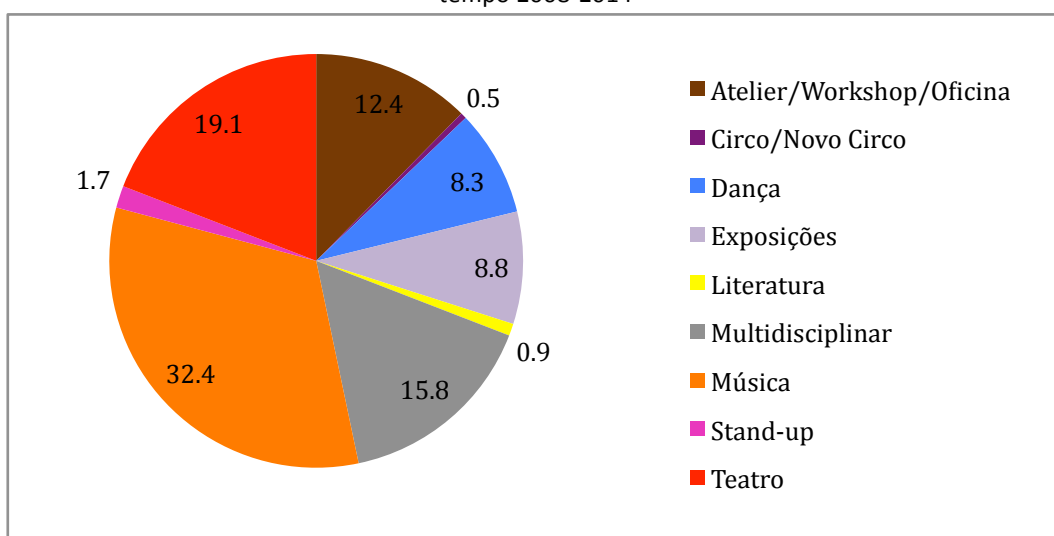


Gráfico 42.1.2 - Distribuição em percentagem de ações para cada tipologia, com exceção de Cinema, para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 42.1 - Ações para cada tipologia, com exceção de Cinema, para o intervalo de tempo 2008-2014

Tipologias	Número de Ações	Percentagem
Oficinas	79	12.4
Circo	3	0.5
Dança	53	8.3
Exposições	56	8.8
Literatura	6	0.9
Multidisciplinar	101	15.8
Música	207	32.4
Stand-up	11	1.7
Teatro	122	19.1
Total	638	100.0

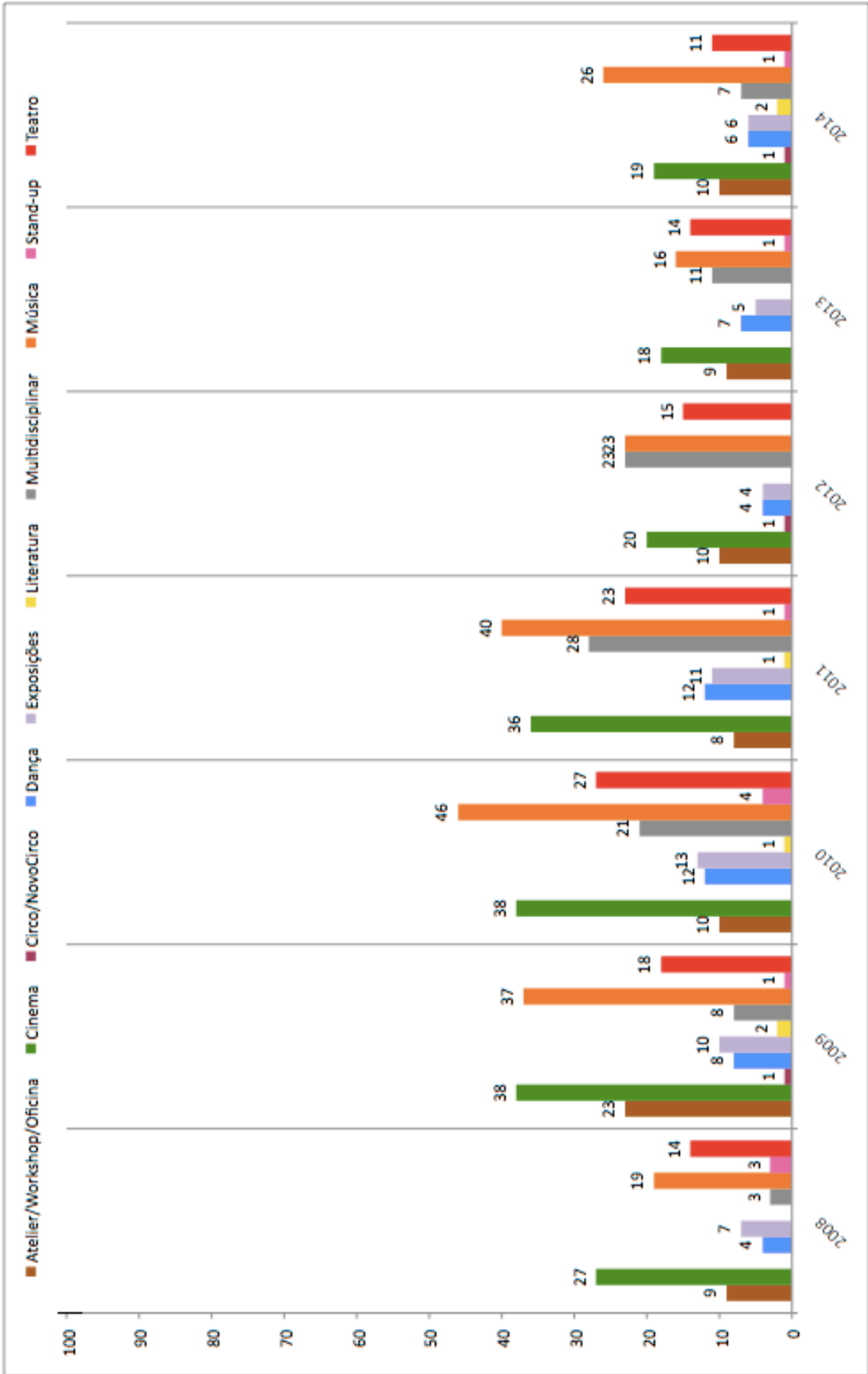


Gráfico 43 - Valor absoluto de acções para cada tipologia e por cada ano

Quadro 43 - Acções para cada tipologia e por cada ano

TIPOLOGIAS	ANO	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Oficinas		9	23	10	8	10	9	10
Cinema		27	38	38	36	20	18	19
Circo		0	1	0	0	1	0	1
Dança		4	8	12	12	4	7	6
Exposições		7	10	13	11	4	5	6
Literatura		0	2	1	1	0	0	2
Multidisciplinar		3	8	21	28	23	11	7
Música		19	37	46	40	23	16	26
Stand-up		3	1	4	1	0	1	1
Teatro		14	18	27	23	15	14	11
Total		86	146	172	160	100	81	89

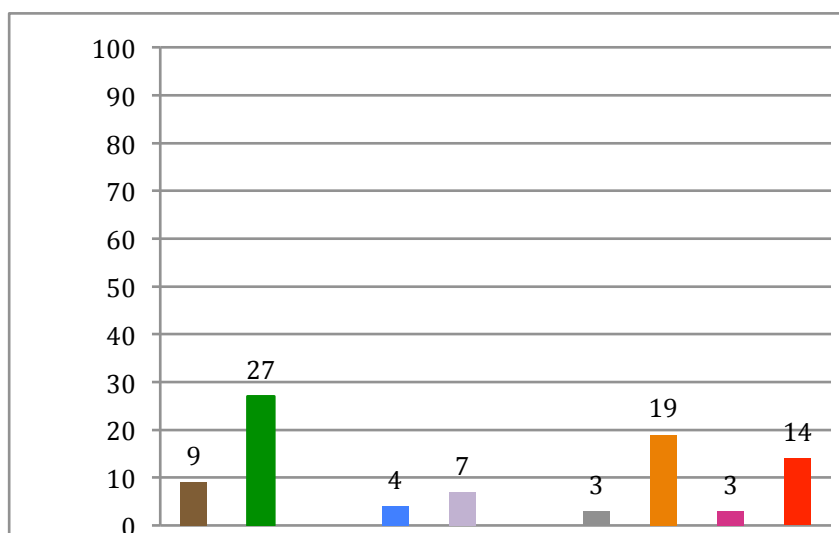


Gráfico 44 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2008

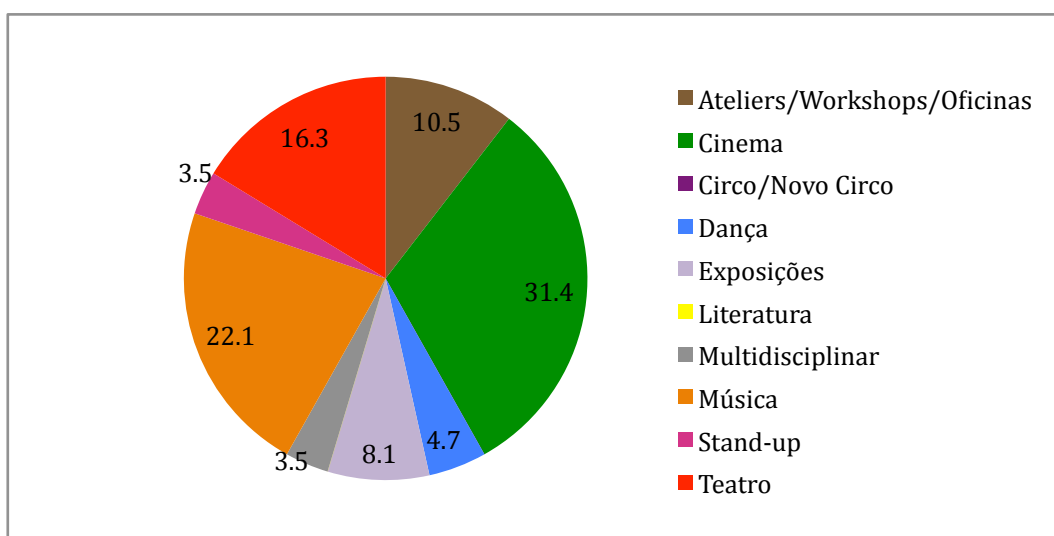


Gráfico 44.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2008

Quadro 44 - Acções para cada tipologia para o ano de 2008

Tipologias	Número de Acções - 2008	Percentagem
Oficinas	9	10.5
Cinema	27	31.4
Circo	0	0
Dança	4	4.7
Exposições	7	8.1
Literatura	0	0
Multidisciplinar	3	3.5
Música	19	22.1
Stand-up	3	3.5
Teatro	14	16.3
Total	86	100.0

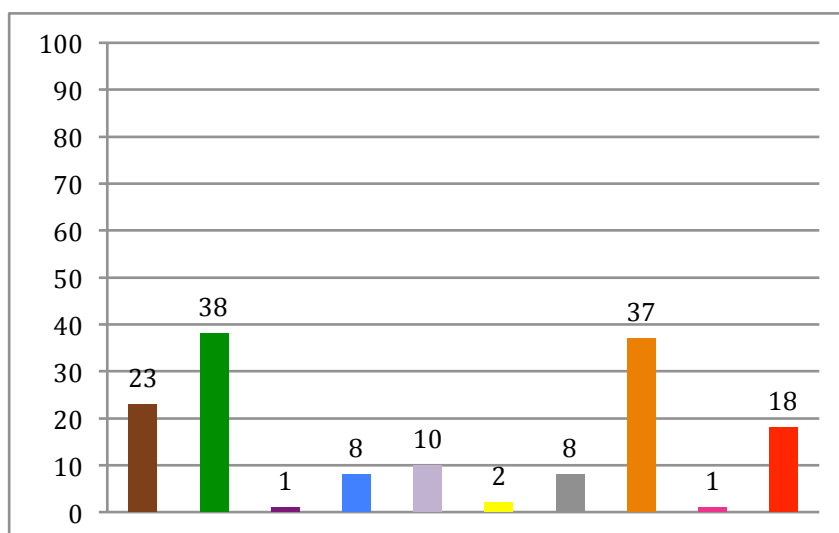


Gráfico 45 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2009

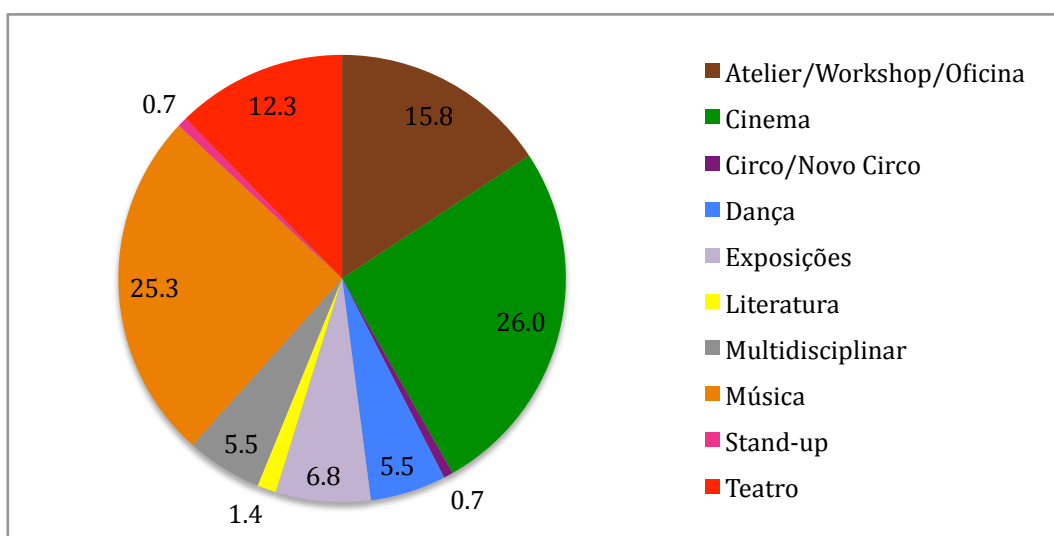


Gráfico 45.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2009

Quadro 45 - Acções para cada tipologia para o ano de 2009

Tipologias	Número de Acções - 2009	Percentagem
Oficinas	23	15.8
Cinema	38	26.0
Circo	1	0.7
Dança	8	5.5
Exposições	10	6.8
Literatura	2	1.4
Multidisciplinar	8	5.5
Música	37	25.3
Stand-up	1	0.7
Teatro	18	12.3
Total	146	100.0

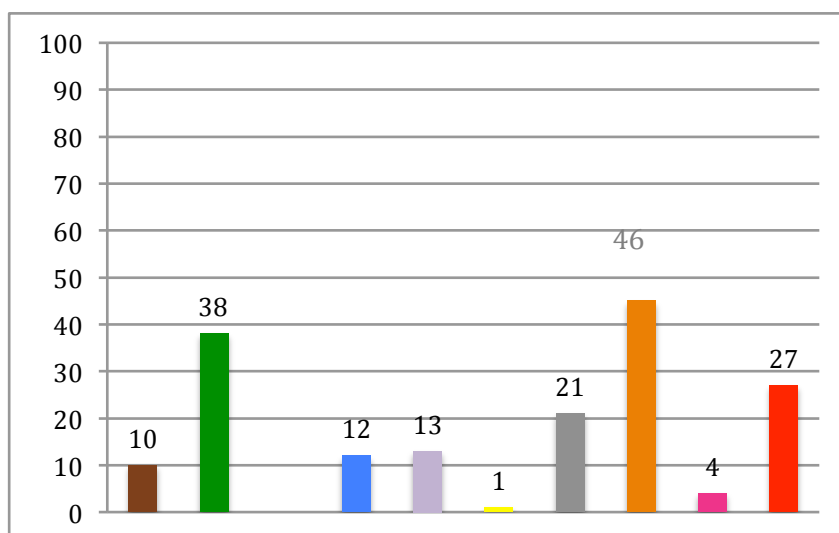


Gráfico 46 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2010

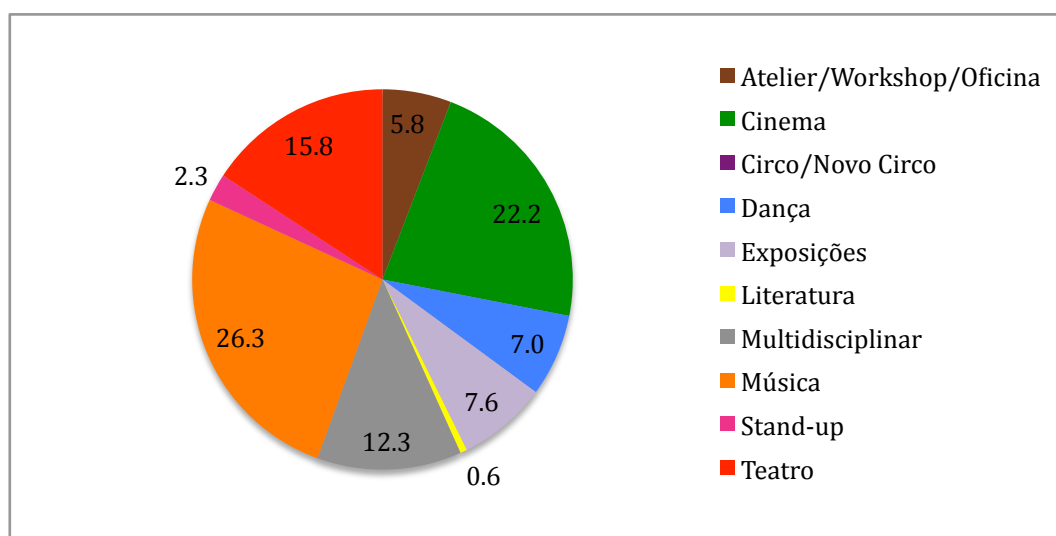


Gráfico 46.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2010

Quadro 46 - Acções para cada tipologia para o ano de 2010

Tipologias	Número de Acções - 2010	Percentagem
Oficinas	10	5.8
Cinema	38	22.2
Circo	0	0
Dança	12	7.0
Exposições	13	7.6
Literatura	1	0.6
Multidisciplinar	21	12.3
Música	46	26.3
Stand-up	4	2.3
Teatro	27	15.8
Total	172	100.0

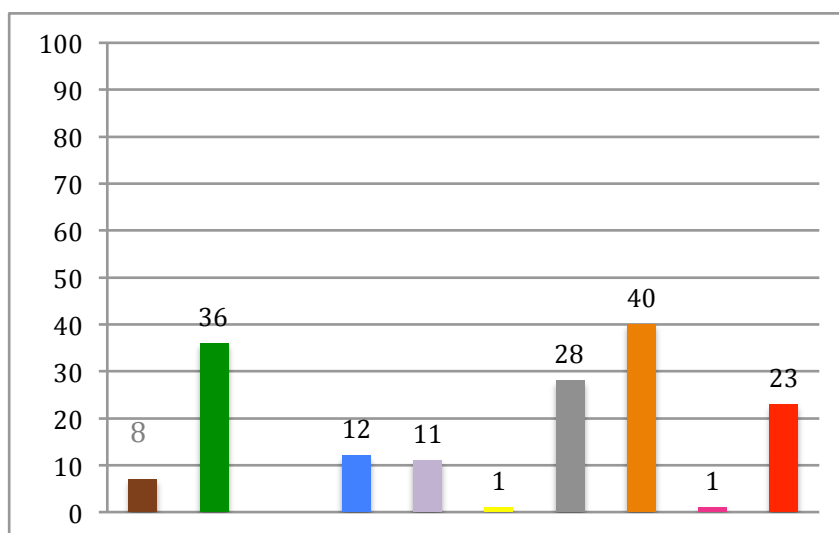


Gráfico 47 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2011

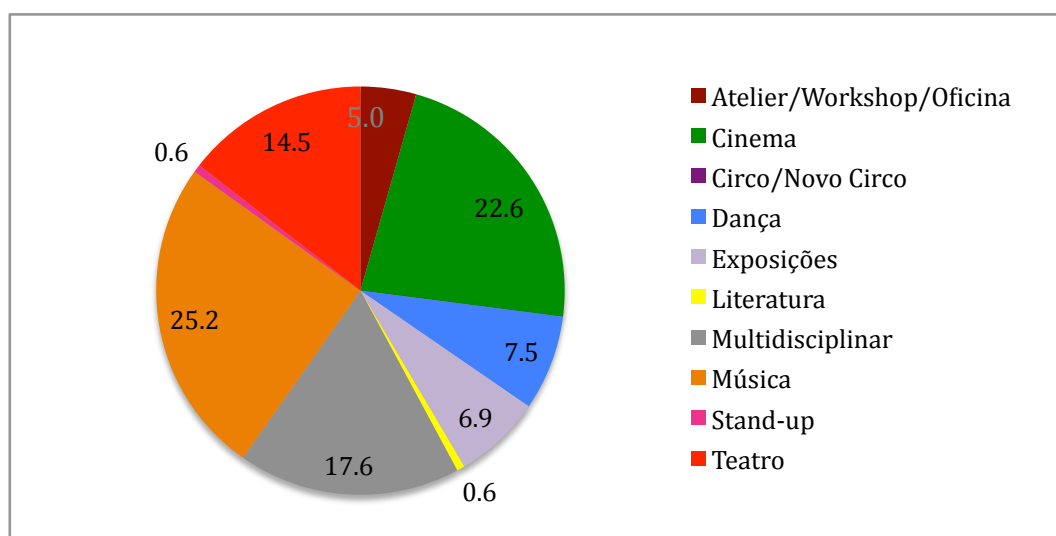


Gráfico 47.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2011

Quadro 47 - Acções para cada tipologia para o ano de 2011

Tipologias	Número de Acções - 2011	Porcentagem
Oficinas	8	5.0
Cinema	36	22.6
Circo	0	0
Dança	12	7.5
Exposições	11	6.9
Literatura	1	0.6
Multidisciplinar	28	17.6
Música	40	25.2
Stand-up	1	0.6
Teatro	23	14.5
Total	160	100.0

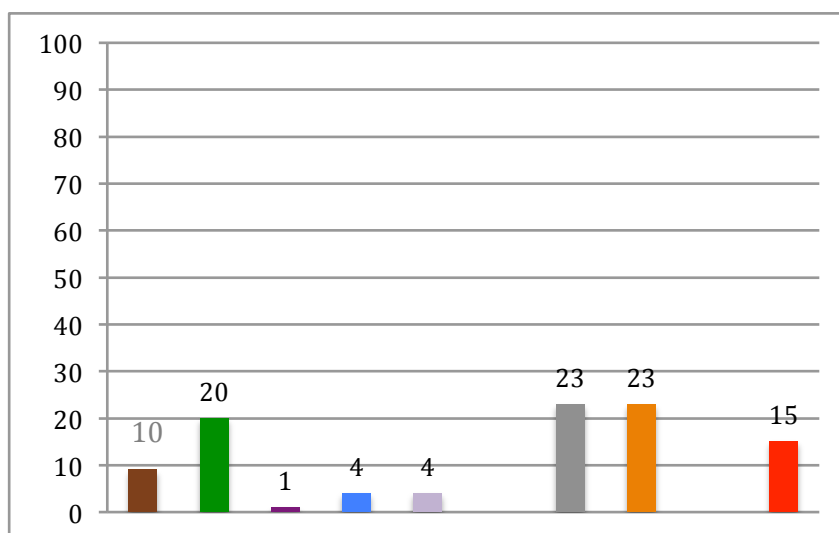


Gráfico 48 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2012

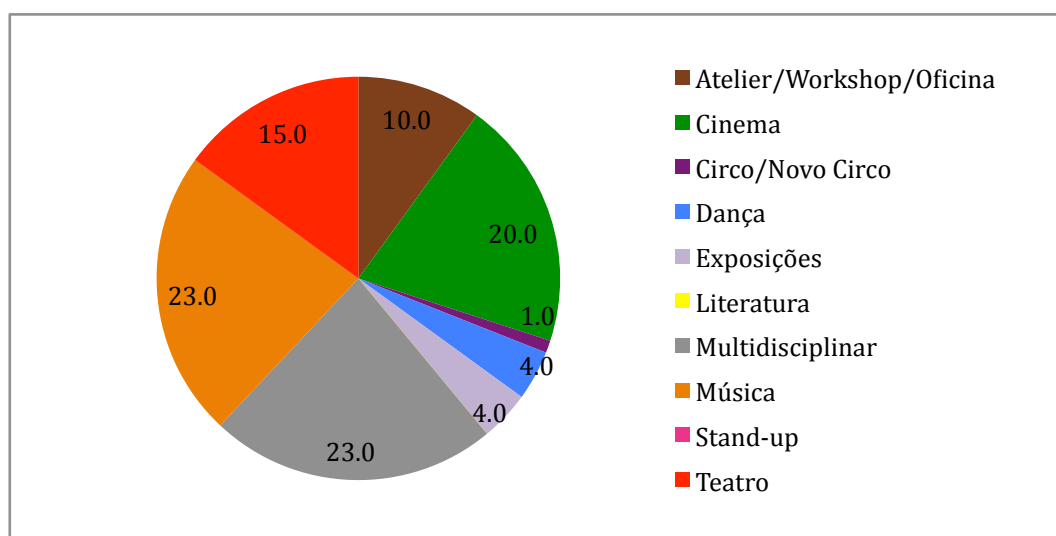


Gráfico 48.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2012

Quadro 48 - Acções para cada tipologia para o ano de 2012

Tipologias	Número de Acções - 2012	Percentagem
Oficinas	10	10.0
Cinema	20	20.0
Circo	1	1.0
Dança	4	4.0
Exposições	4	4.0
Literatura	0	0
Multidisciplinar	23	23.0
Música	23	23.0
Stand-up	0	0
Teatro	15	15.0
Total	100	100.0

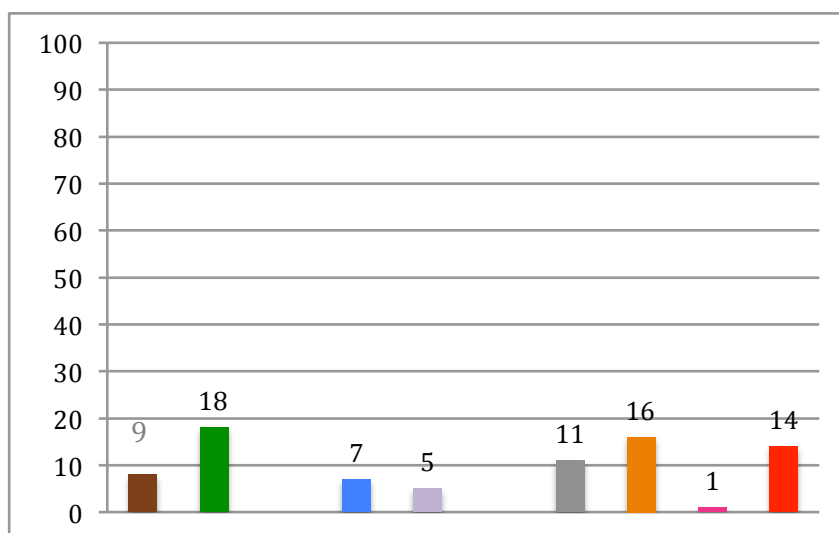


Gráfico 49 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2013

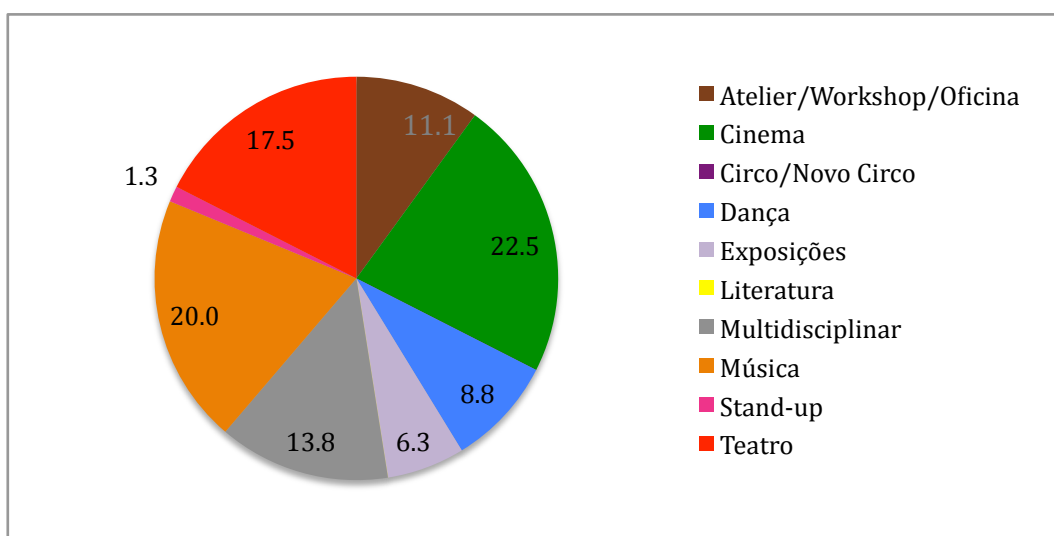


Gráfico 49.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2013

Quadro 49 - Acções para cada tipologia para o ano de 2013

Tipologias	Número de Acções - 2013	Percentagem
Oficinas	9	11.1
Cinema	18	22.5
Circo	0	0
Dança	7	8.8
Exposições	5	6.3
Literatura	0	0
Multidisciplinar	11	13.8
Música	16	20.0
Stand-up	1	1.3
Teatro	14	17.5
Total	81	100.0

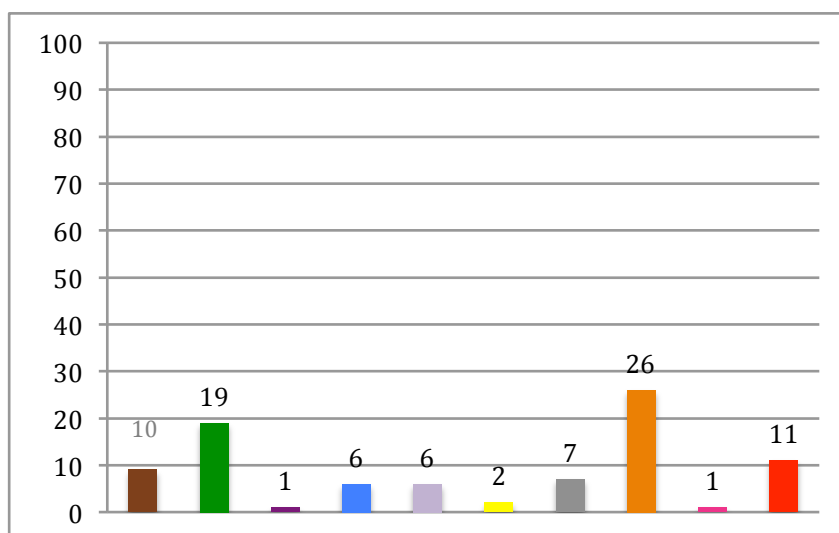


Gráfico 50 - Valor absoluto de acções para cada tipologia para o ano de 2014

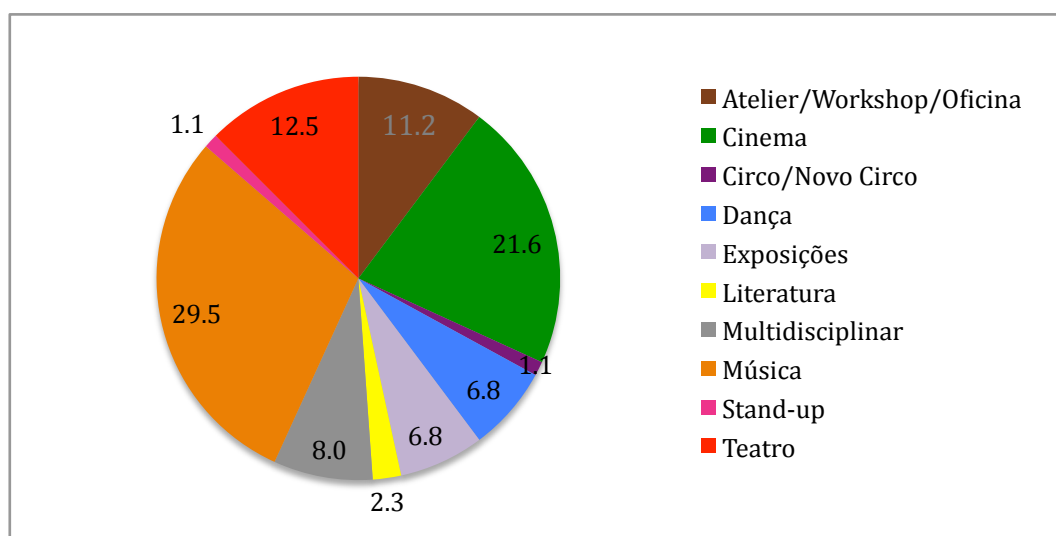


Gráfico 50.1 - Distribuição em percentagem de acções para cada tipologia para o ano de 2014

Quadro 50 - Acções para cada tipologia para o ano de 2014

Tipologias	Número de Acções - 2014	Percentagem
Oficinas	10	11.2
Cinema	19	21.6
Circo	1	1.1
Dança	6	6.8
Exposições	6	6.8
Literatura	2	2.3
Multidisciplinar	7	8.0
Música	26	29.5
Stand-up	1	1.1
Teatro	11	12.5
Total	89	100.0

Anexo 3.2 - Programação Oficinas 2008-2014

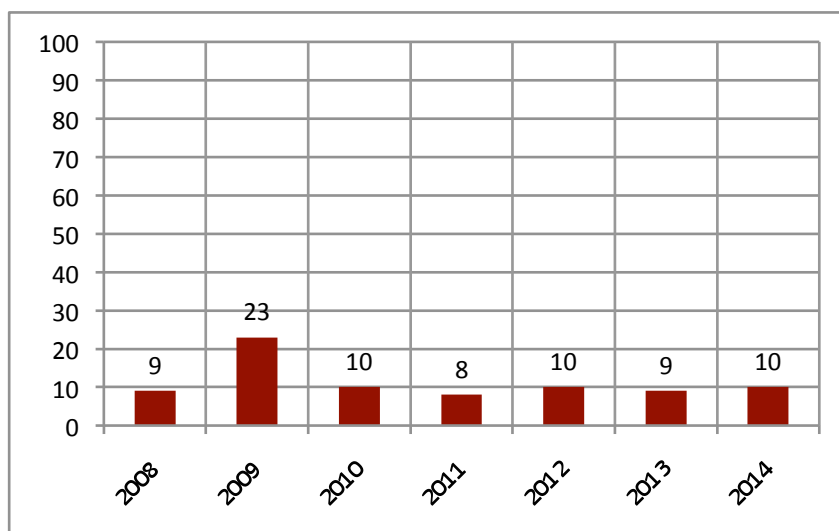


Gráfico 51 – Valor absoluto de acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2008-2014

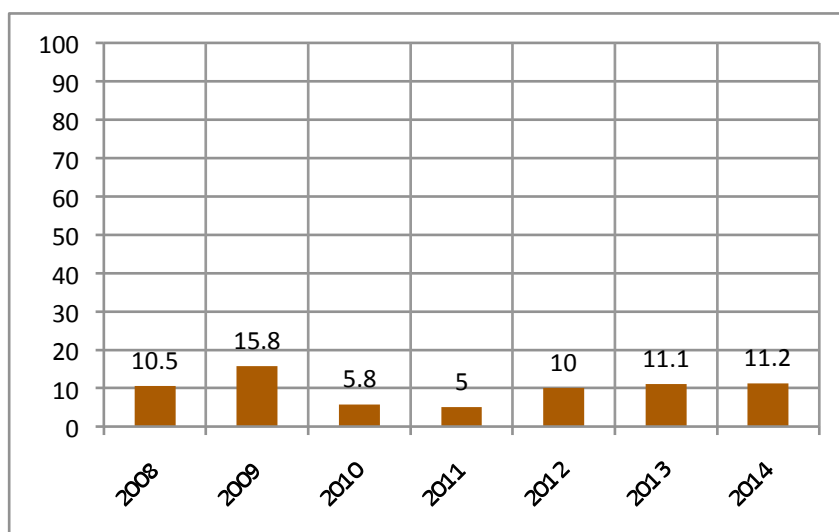


Gráfico 51.1 - Percentagem de acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 51 - Acções de Oficinas para o intervalo de tempo 2008-2014

OFICINAS		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	9	10.5
2009	23	15.8
2010	10	5.8
2011	8	5.0
2012	10	10.0
2013	9	11.2
2014	10	11.2

Anexo 3.3 - Programação Cinema 2008-2014

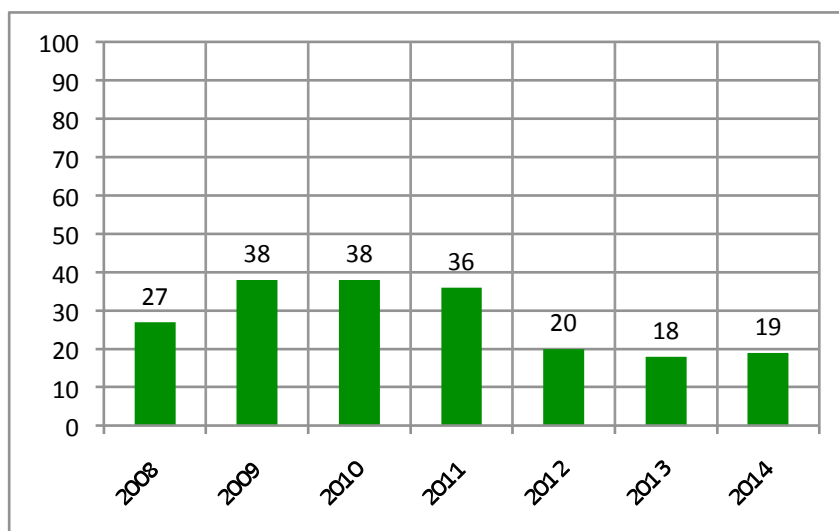


Gráfico 52 – Valor absoluto de ações de Cinema para o intervalo de tempo 2008-2014

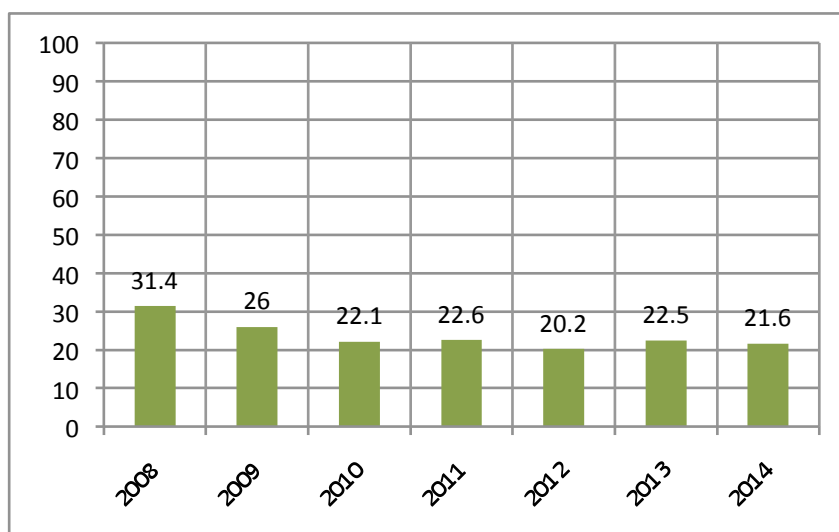


Gráfico 52.1 - Percentagem de ações de Cinema para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 52 - Ações de Cinema para o intervalo de tempo 2008-2014

CINEMA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	27	31.4
2009	38	26
2010	38	22.1
2011	36	22.6
2012	20	20.2
2013	18	22.5
2014	19	21.6

Anexo 3.4 - Programação Circo 2008-2014

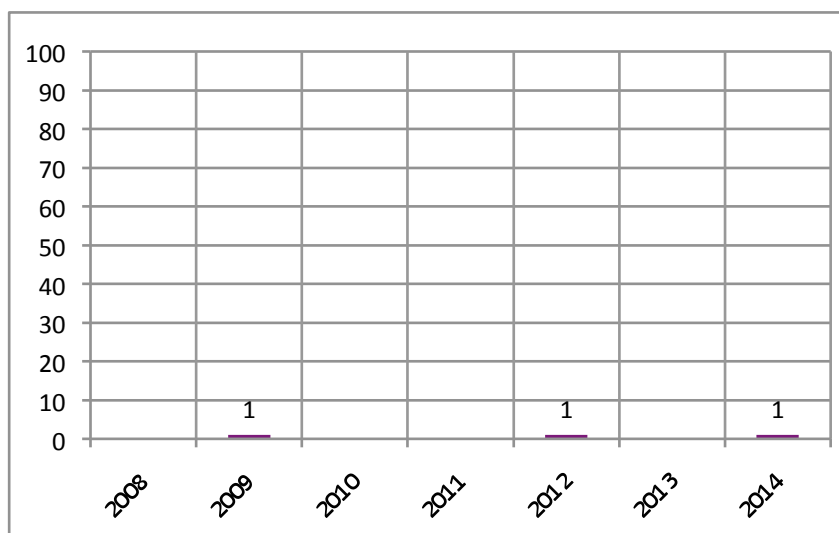


Gráfico 53 – Valor absoluto de acções de Circo para o intervalo de tempo 2008-2014

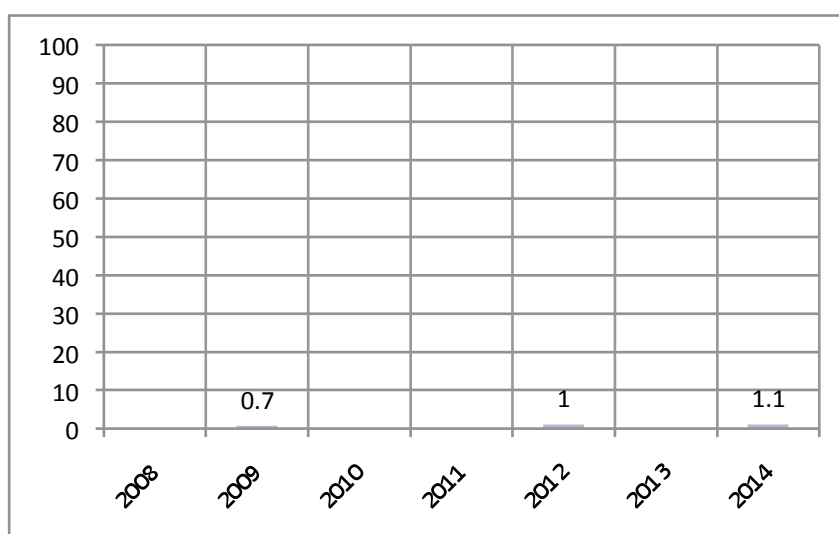


Gráfico 53.1 - Percentagem de acções de Circo para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 53 - Acções de Circo para o intervalo de tempo 2008-2014

CIRCO		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	0	0
2009	1	0.7
2010	0	0
2011	0	0
2012	1	1
2013	0	0
2014	1	1.1

Anexo 3.5 - Programação Dança 2008-2014

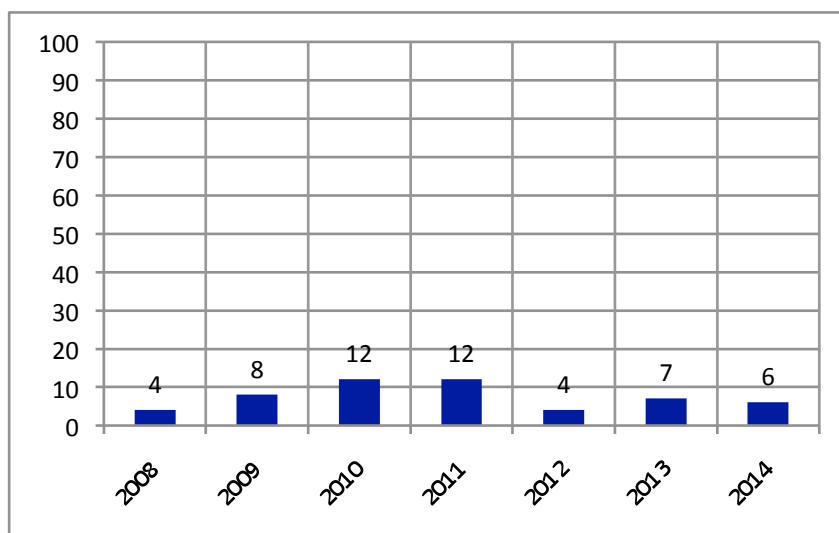


Gráfico 54 – Valor absoluto de ações de Dança para o intervalo de tempo 2008-2014

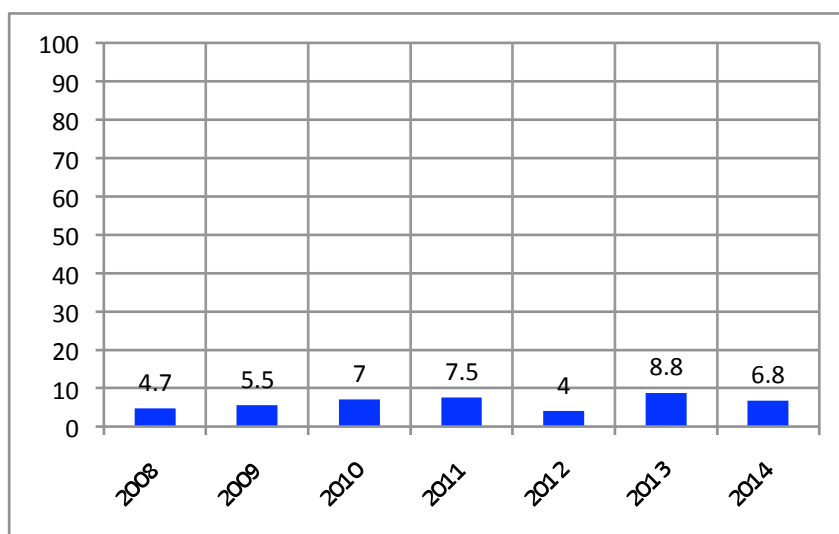


Gráfico 54.1 - Percentagem de ações de Dança para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 54 - Ações de Dança para o intervalo de tempo 2008-2014

DANÇA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	4	4.7
2009	8	5.5
2010	12	7
2011	12	7.5
2012	4	4
2013	7	8.8
2014	6	6.8

Anexo 3.6 - Programação Exposições 2008-2014

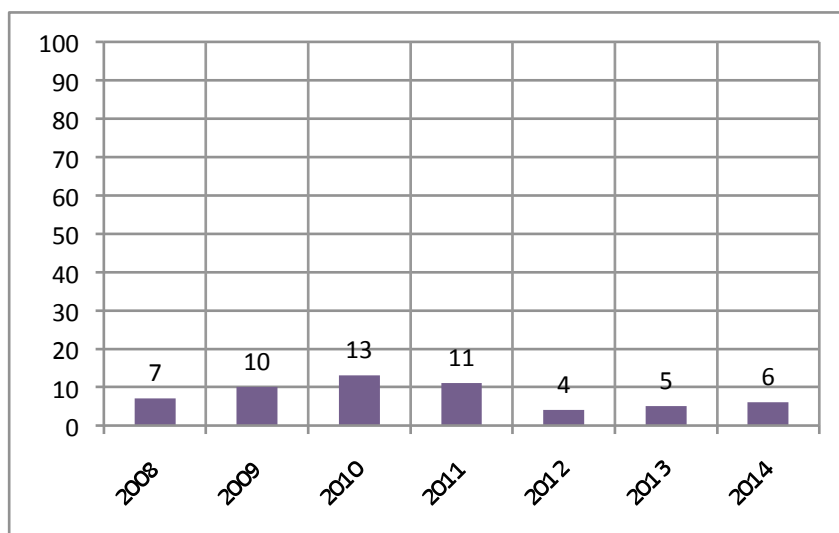


Gráfico 55 – Valor absoluto de acções de Exposições para o intervalo de tempo 2008-2014

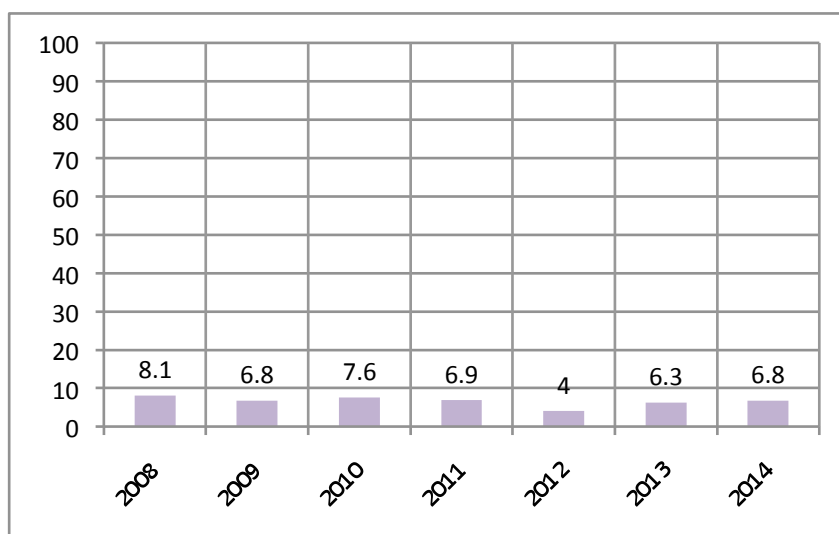


Gráfico 55.1 - Percentagem de acções de Exposições para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 55 - Acções de Exposições para o intervalo de tempo 2008-2014

EXPOSIÇÕES		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	7	8.1
2009	10	6.8
2010	13	7.6
2011	11	6.9
2012	4	4
2013	5	6.3
2014	6	6.8

Anexo 3.7 - Programação Literatura 2008-2014

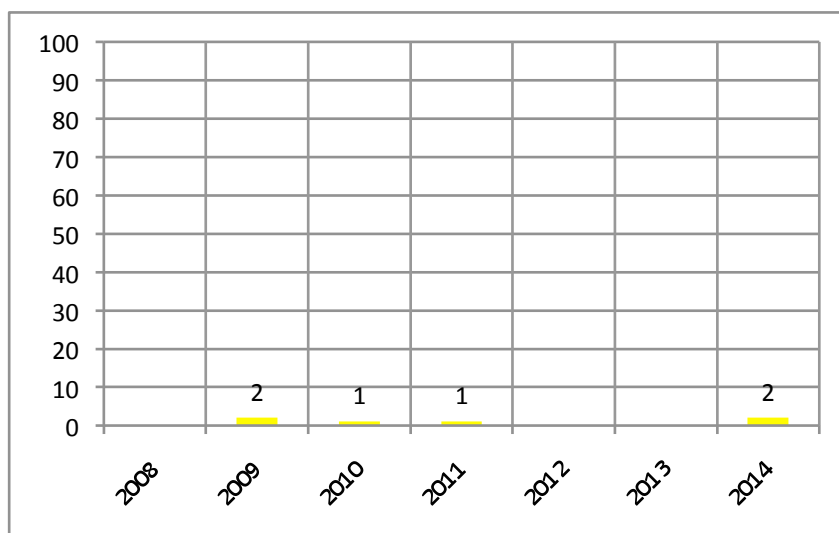


Gráfico 56 – Valor absoluto de acções de Literatura para o intervalo de tempo 2008-2014

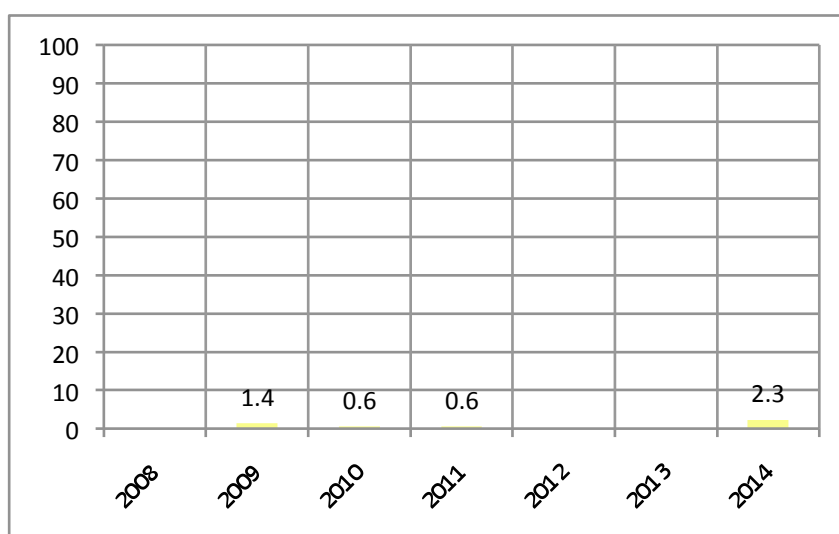


Gráfico 56.1 - Percentagem de acções de Literatura para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 56 - Acções de Literatura para o intervalo de tempo 2008-2014

LITERATURA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	0	0
2009	2	1.4
2010	1	0.6
2011	1	0.6
2012	0	0
2013	0	0
2014	2	2.3

Anexo 3.8 - Programação Multidisciplinar 2008-2014

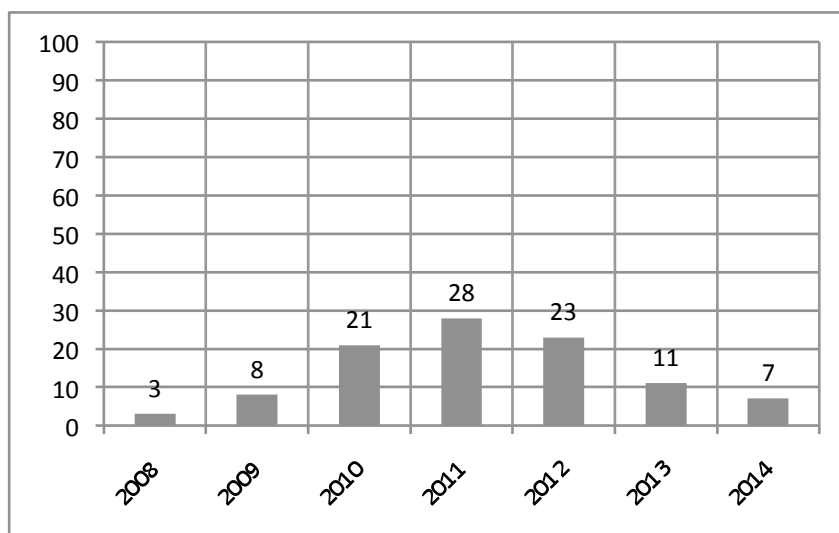


Gráfico 57 – Valor absoluto de acções de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2008-2014

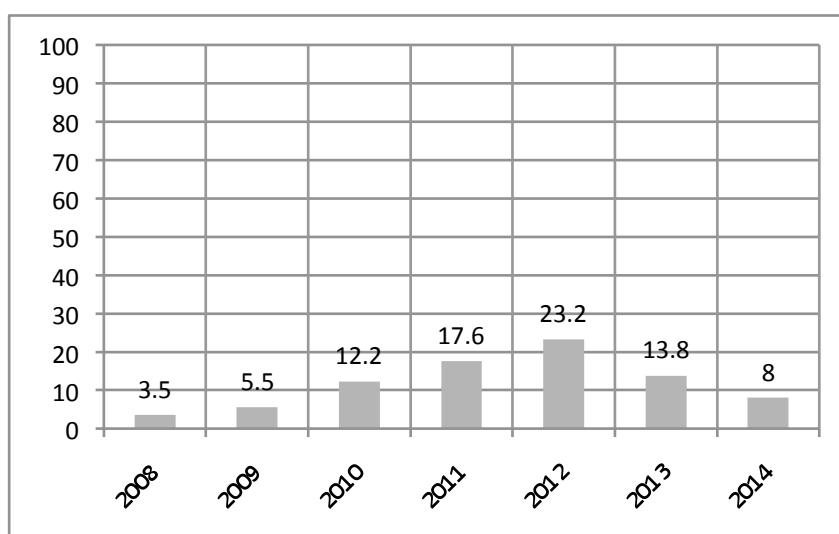


Gráfico 57.1 - Percentagem de acções de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 57 - Acções de Multidisciplinar para o intervalo de tempo 2008-2014

MULTIDISCIPLINAR		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	3	3.5
2009	8	5.5
2010	21	12.2
2011	28	17.6
2012	23	23.2
2013	11	13.8
2014	7	8

Anexo 3.9 - Programação Música 2008-2014

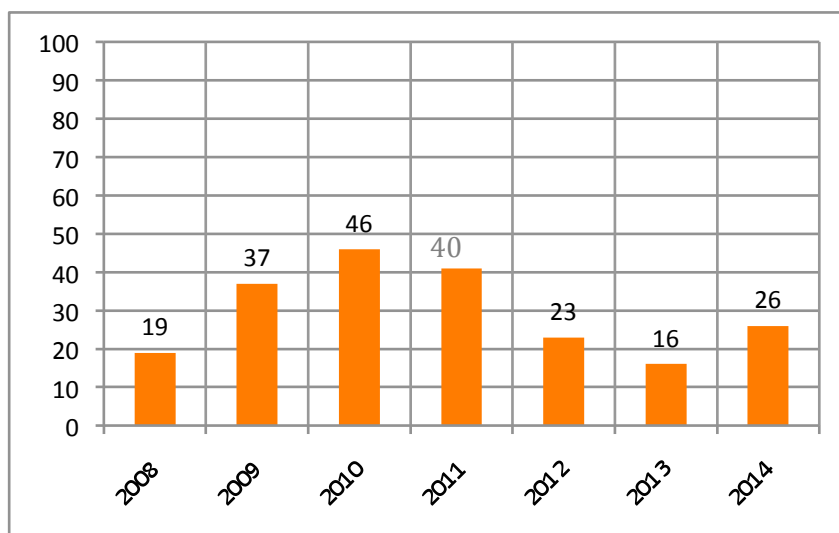


Gráfico 58 – Valor absoluto de ações de Música para o intervalo de tempo 2008-2014

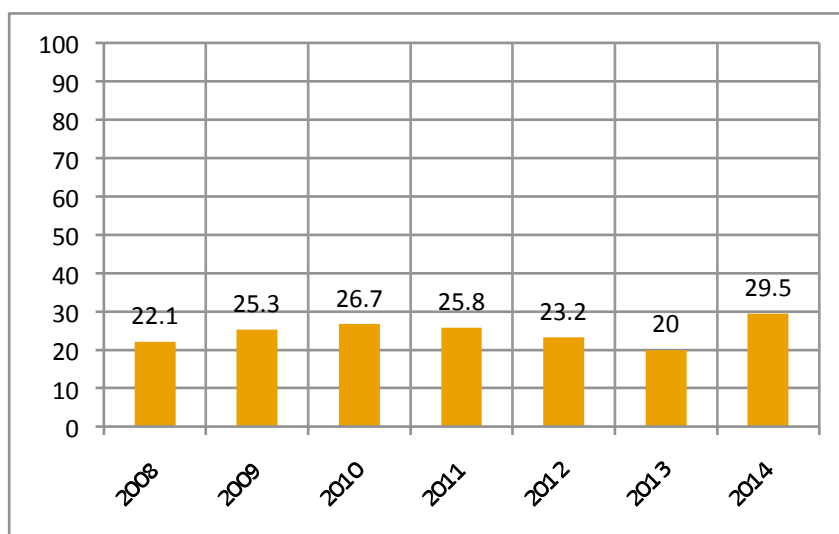


Gráfico 58.1 - Percentagem de ações de Música para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 58 - Ações de Música para o intervalo de tempo 2008-2014

MÚSICA		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	19	22.1
2009	37	25.3
2010	46	26.7
2011	40	25.8
2012	23	23.2
2013	16	20
2014	26	29.5

Anexo 3.10 - Programação Stand-Up 2008-2014

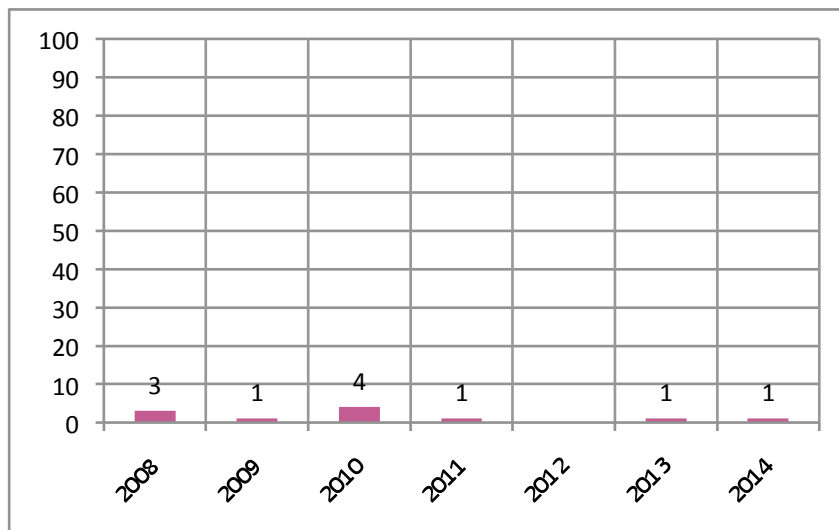


Gráfico 59 – Valor absoluto de acções de Stand-Up para o intervalo de tempo 2008-2014

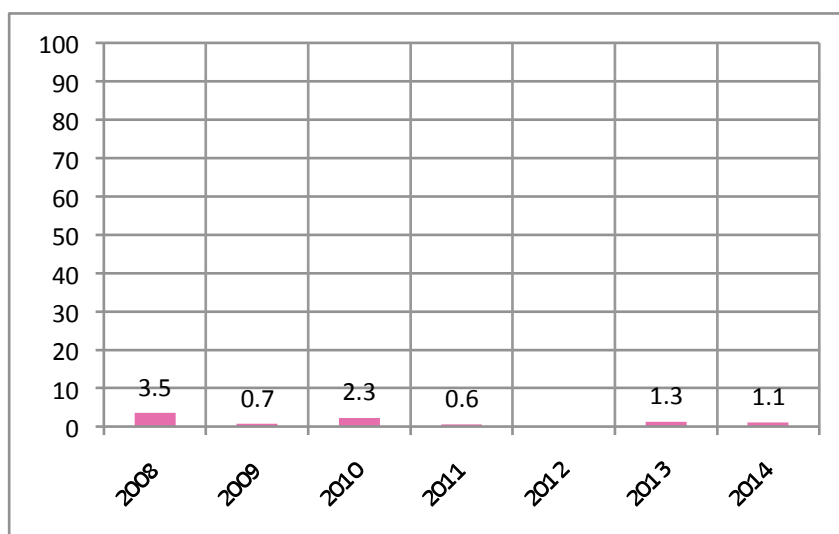


Gráfico 59.1 - Percentagem de acções de Stand-Up para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 59 - Acções de Stand-Up para o intervalo de tempo 2008-2014

STAND-UP		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	3	3.5
2009	1	0.7
2010	4	2.3
2011	1	0.6
2012	0	0
2013	1	1.3
2014	1	1.1

Anexo 3.11 - Programação Teatro 2008-2014

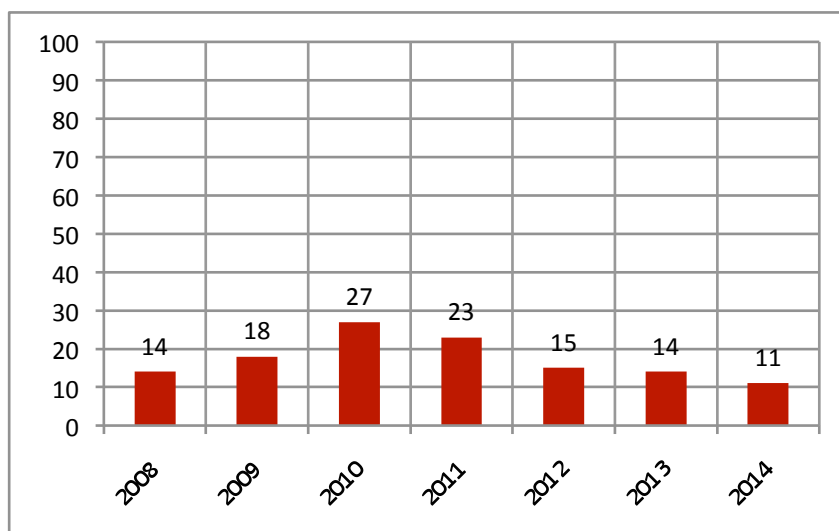


Gráfico 60 – Valor absoluto de ações de Teatro para o intervalo de tempo 2008-2014

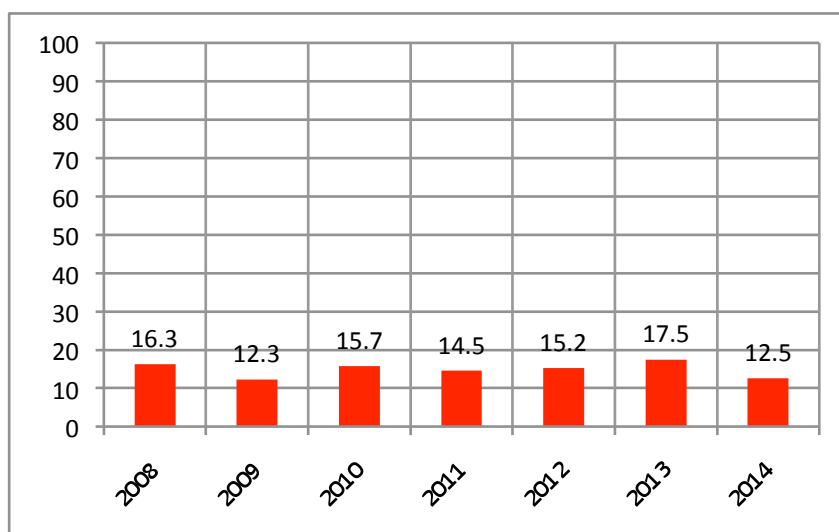


Gráfico 60.1 - Percentagem de ações de teatro para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 60 - Ações de Teatro para o intervalo de tempo 2008-2014

TEATRO		
ANO	Nº DE ACÇÕES	PERCENTAGEM
2008	14	16.3
2009	18	12.3
2010	27	15.7
2011	23	14.5
2012	15	15.2
2013	14	17.5
2014	11	12.5

Anexo 3.12 – Espaços onde decorrem as Acções 2008-2014

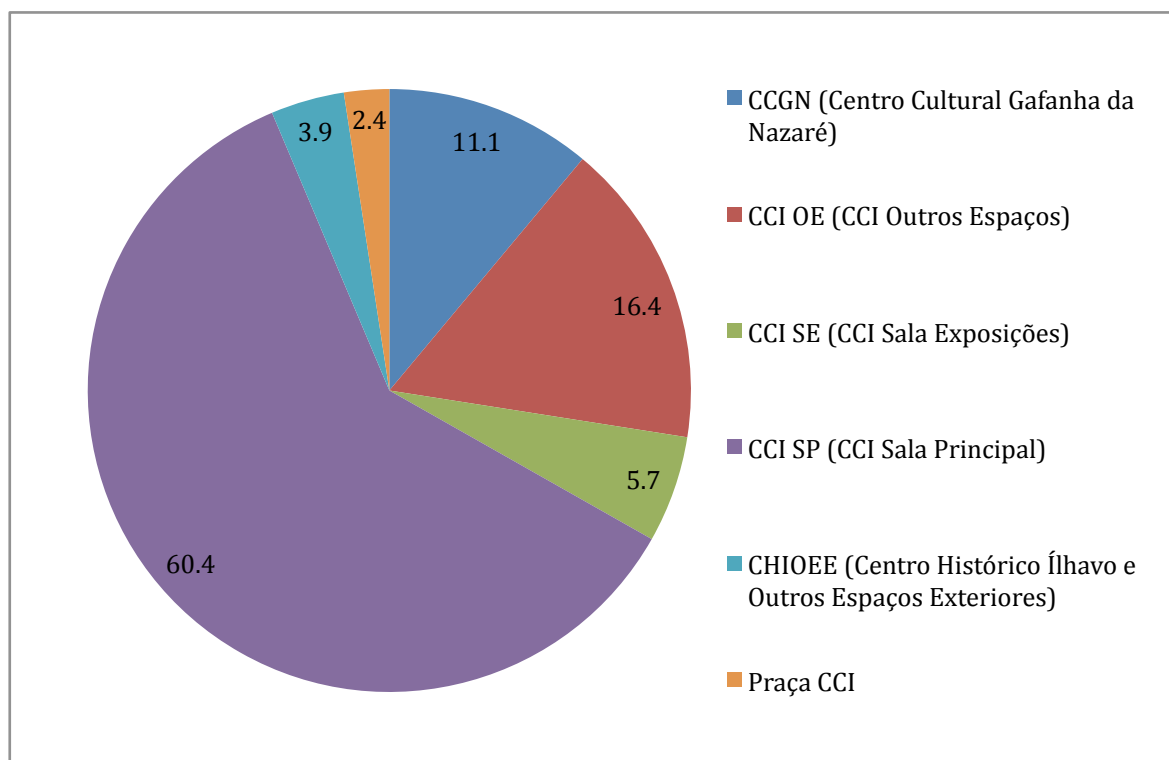


Gráfico 61 – Distribuição em percentagem das acções do CCI pelos espaços

Quadro 61 - Acções do CCI pelos espaços

Espaços	Número de Acções	Percentagem
CCGN (Centro Cultural Gafanha da Nazaré)	87	11.1
CCI OE (CCI Outros Espaços)	129	16.4
CCI SE (CCI Sala Exposições)	45	5.7
CCI SP (CCI Sala Principal)	475	60.4
CHIOEE (Centro Histórico Ílhavo e Outros Espaços Exteriores)	31	3.9
Praça CCI	19	2.4

Anexo 3.13 – Programação Sub-Géneros de Música 2008-2014

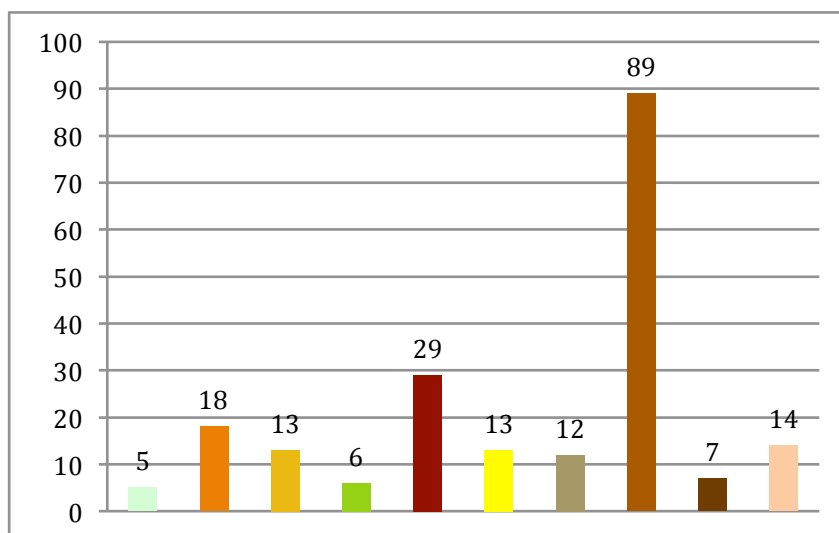


Gráfico 62 - Valor absoluto de ações de sub-géneros de Música para o intervalo de tempo 2008-2014

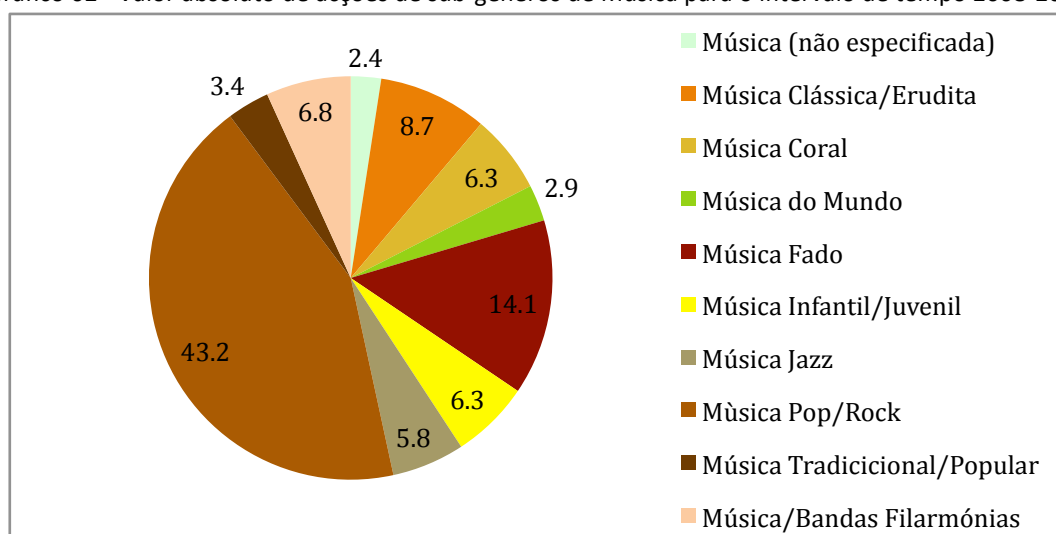


Gráfico 62.1 - Distribuição em percentagem de ações de sub-géneros de Música para o intervalo de tempo 2008-2014

Quadro 62 - Ações de sub-géneros de Música para o intervalo de tempo 2008-2014

Sub-Género de Música	Nº de Espectáculos	Percentagem
Música (não especificada)	6	2.4
Música Clássica/Erudita	18	8.7
Música Coral	13	6.3
Música do Mundo	6	2.9
Música Fado	29	14.1
Música Infantil/Juvenil	13	6.3
Música Jazz	12	5.8
Música Pop/Rock	89	43.2
Música Tradicional/Popular	7	3.4
Música/Bandas Filarmónicas	14	6.8
Total	207	100

Anexo 3.14 – Espaços onde decorrem as acções de Música 2008-2014

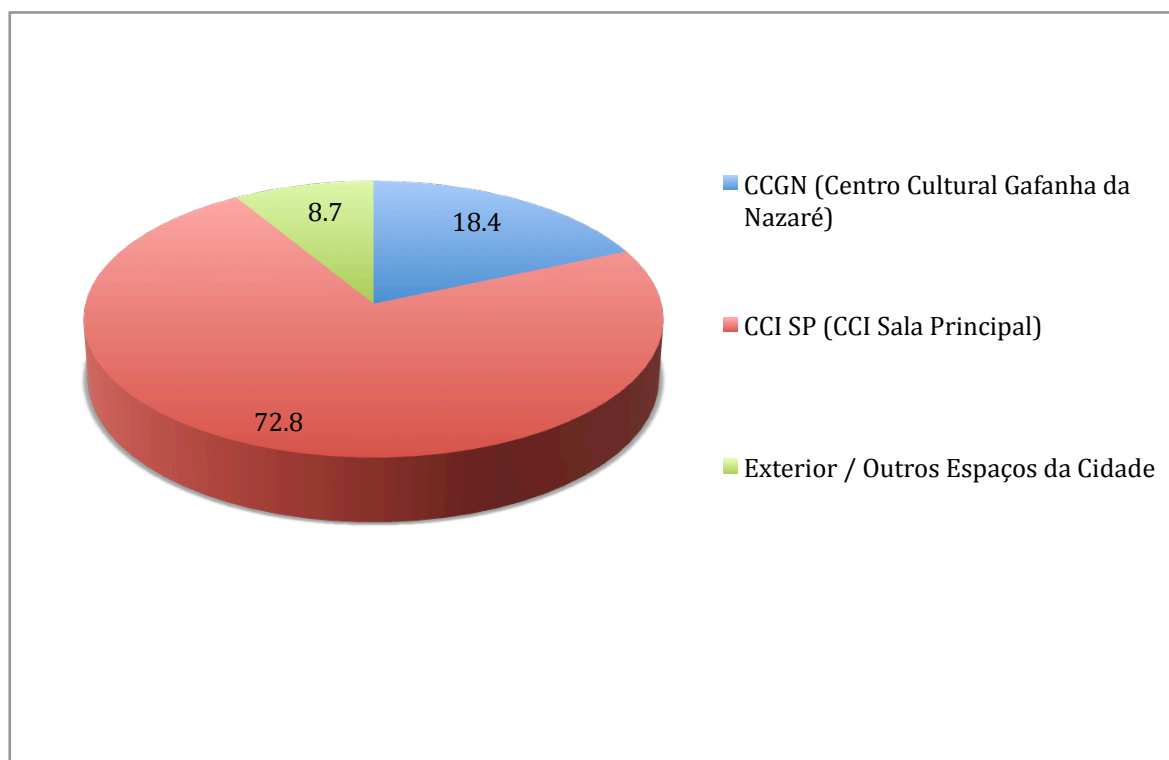


Gráfico 63 – Distribuição em percentagem das acções de Música pelos espaços

Quadro 63 – Distribuição de acções de Música pelos espaços

Espaços	Número de Acções	Percentagem
CCGN (Centro Cultural Gafanha da Nazaré)	39	18.4
CCI SP (CCI Sala Principal)	150	72.8
Exterior / Outros Espaços da Cidade	18	8.7

Anexo 4 – Gráficos Comparativos

(Dados recolhidos e tratados por Rafael Vieira, 2015)

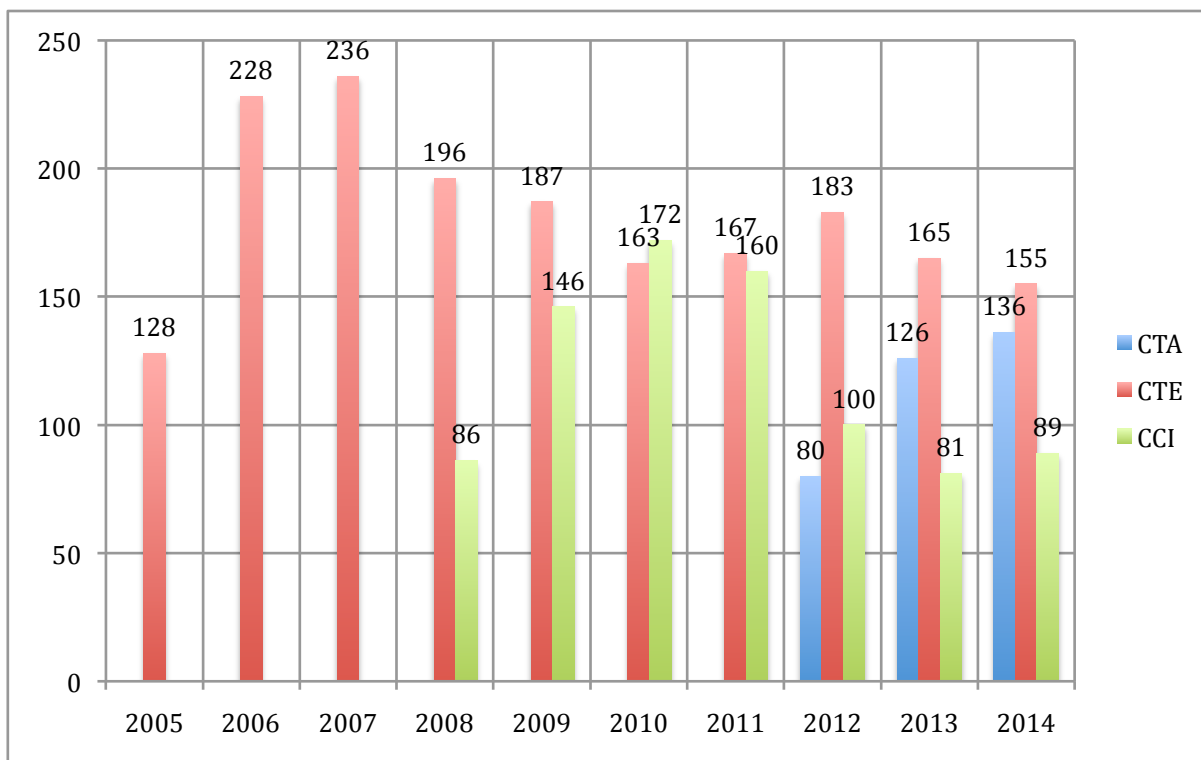


Gráfico 64 - Valor absoluto de acções por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Quadro 64 - - Acções por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Total Acções	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CTA								80	126	136
CTE	128	228	236	196	187	163	167	183	165	155
CCI				86	146	172	160	100	81	89

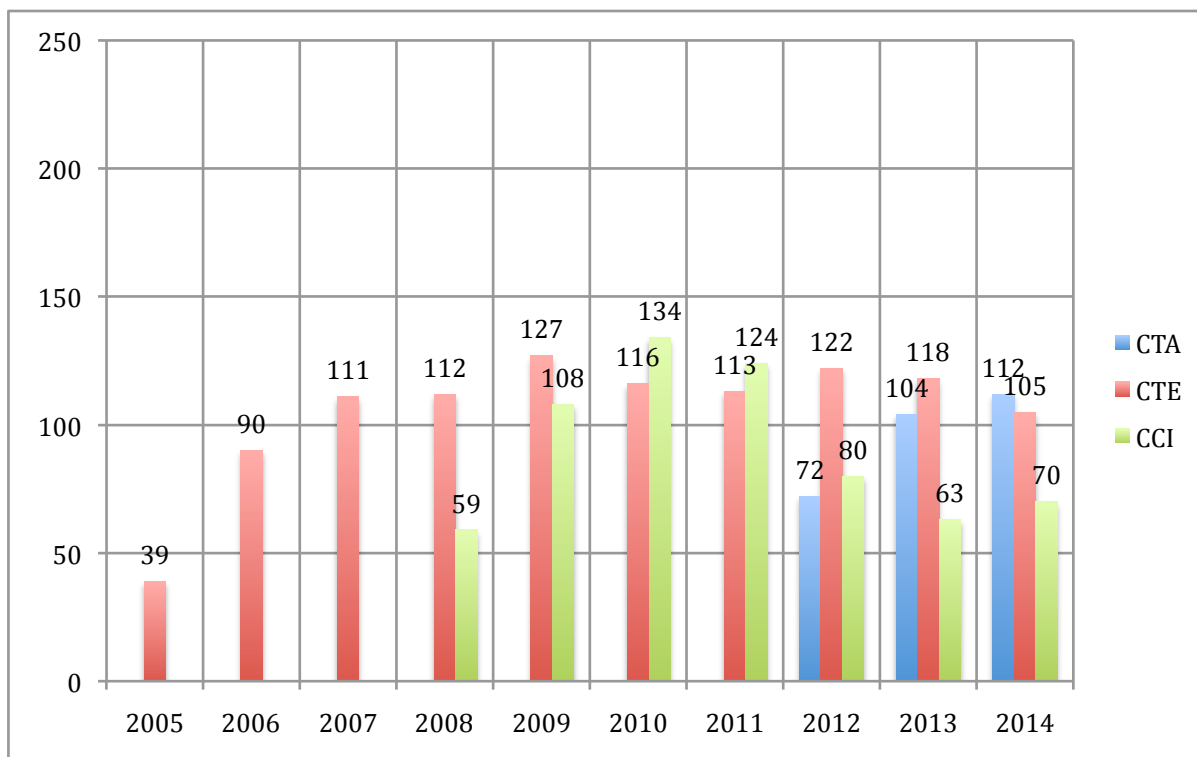


Gráfico 65 - Valor absoluto de acções, com excepção de Cinema, por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Quadro 65 - Acções, com excepção de Cinema, por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Total Acções (com excepção do cinema)	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CTA								72	104	112
CTE	39	90	111	112	127	116	113	122	118	105
CCI				59	108	134	124	80	63	70

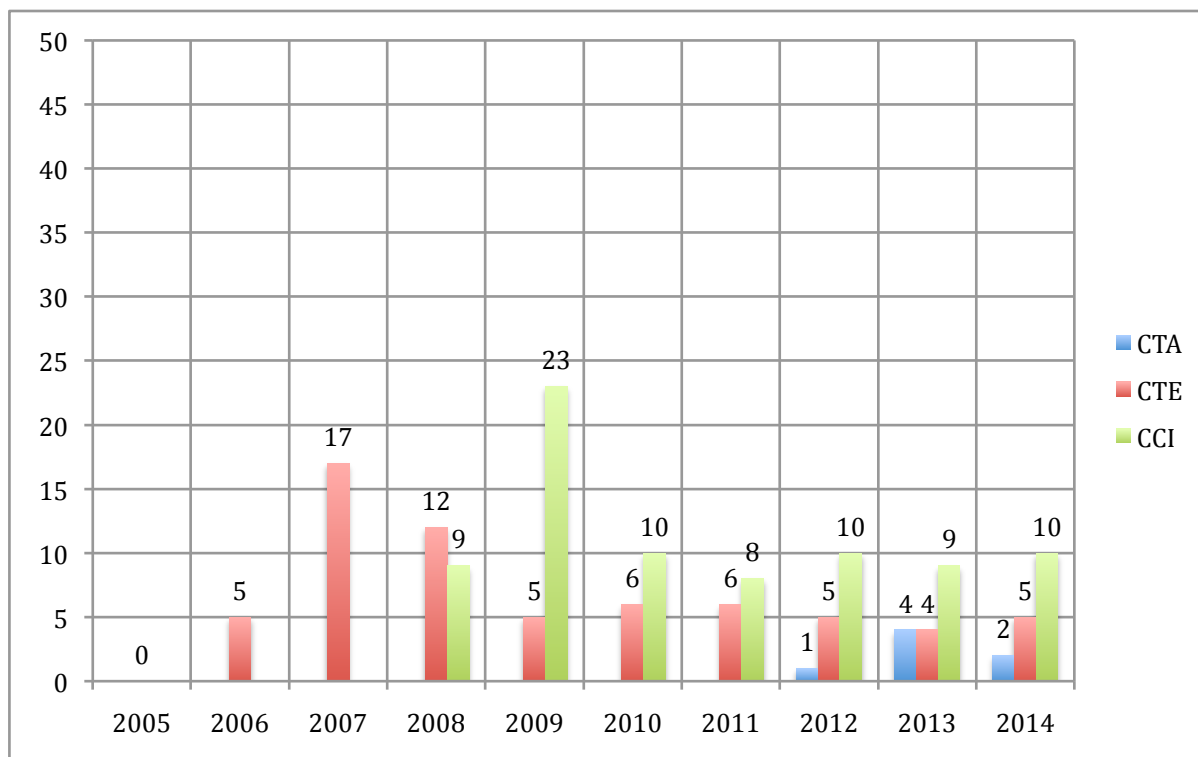


Gráfico 66 - Valor absoluto de Acções de Oficinas por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Quadro 66 - Acções de Oficinas por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Total Acções Oficinas	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CTA								1	4	2
CTE	0	5	17	12	5	6	6	5	4	5
CCI				9	23	10	8	10	9	10

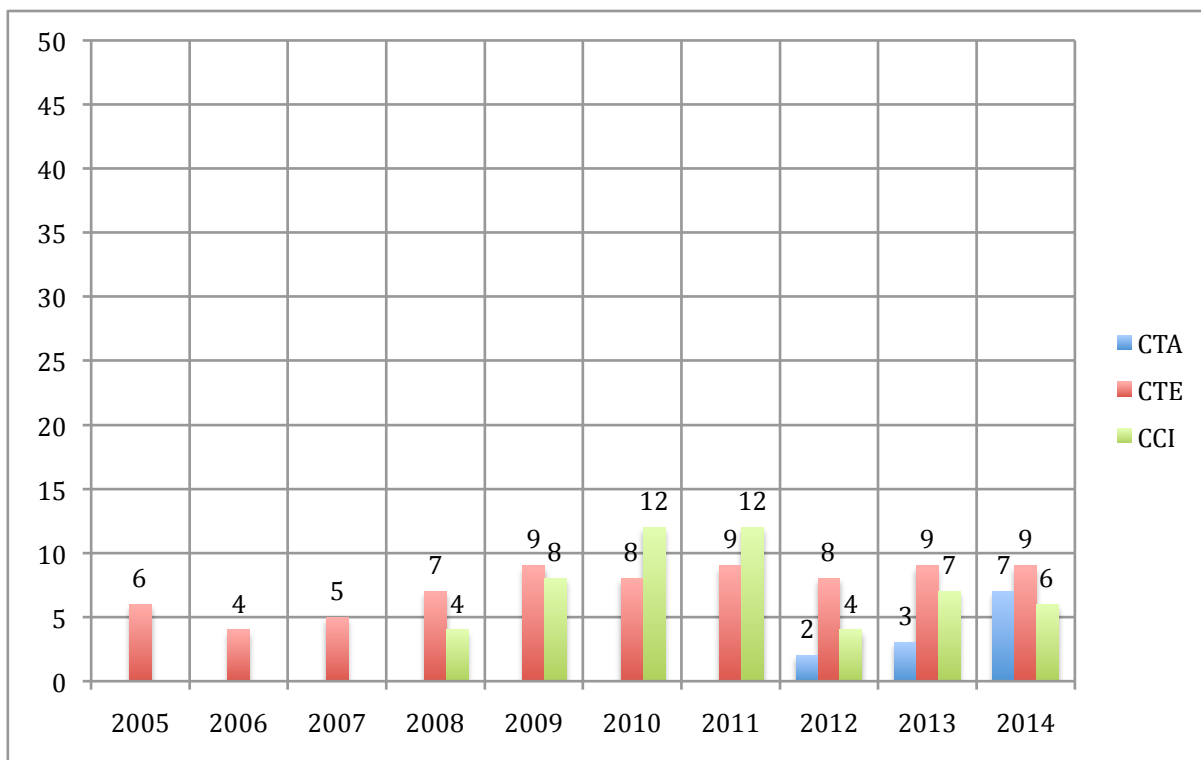


Gráfico 67 - Valor absoluto de acções de Dança por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Quadro 67 – Acções de Dança por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Total Acções Dança	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CTA								2	3	7
CTE	6	4	5	7	9	8	9	8	9	9
CCI				4	8	12	12	4	7	6

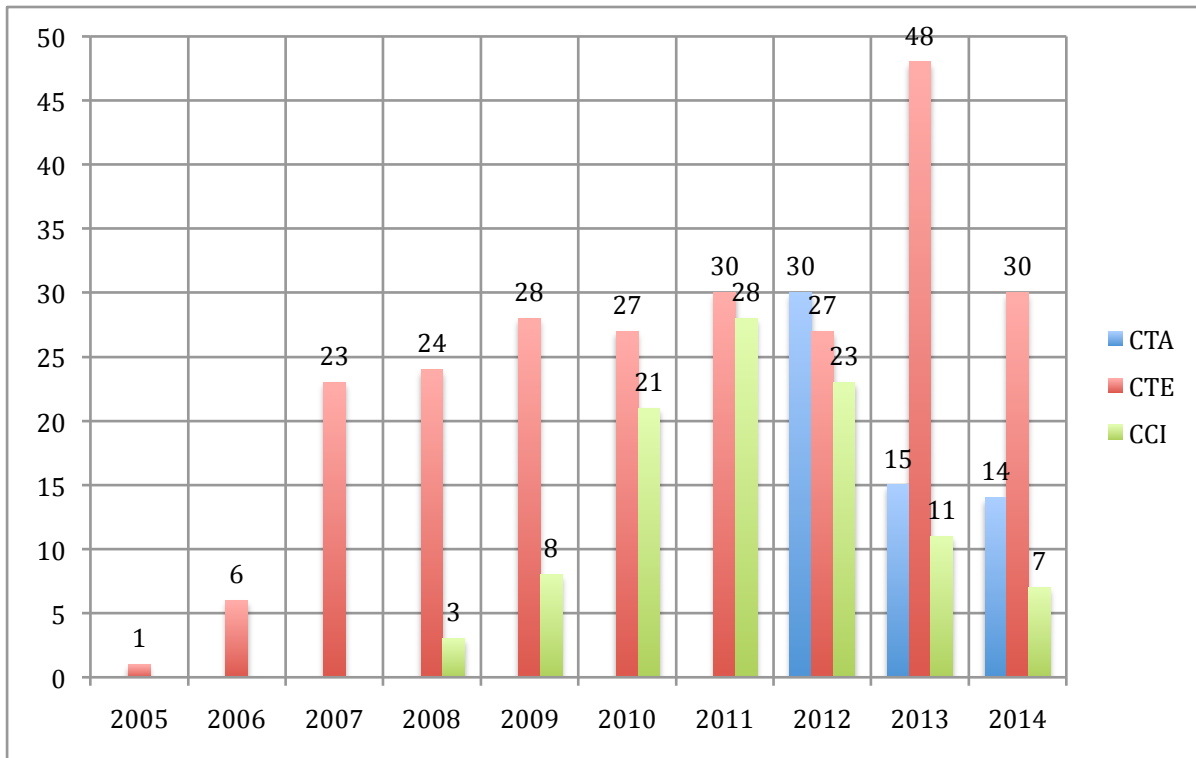


Gráfico 68 - Valor absoluto de acções Multidisciplinares por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Quadro 68 – Acções Multidisciplinares por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Total Acções Multidisciplinar	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CTA								30	15	14
CTE	1	6	23	24	28	27	30	27	48	30
CCI				3	8	21	28	23	11	7

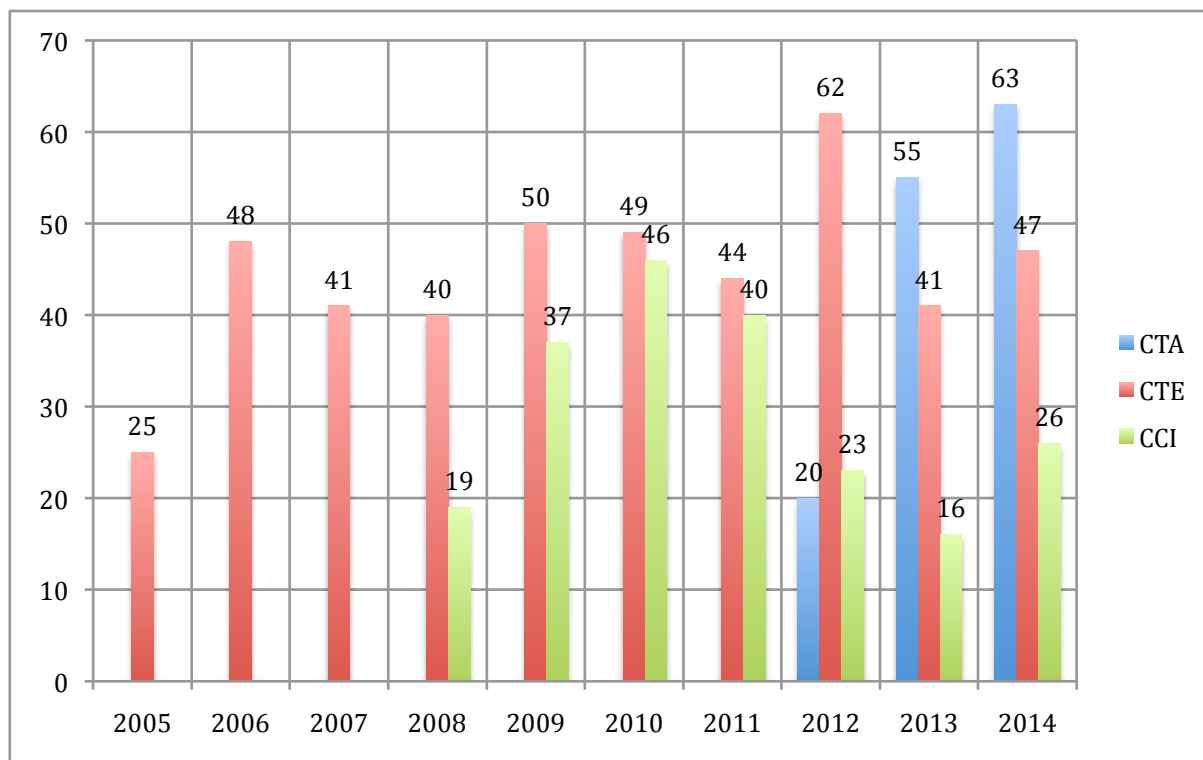


Gráfico 69 - Valor absoluto de acções de Música por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Quadro 69 – Acções de Música por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Total Acções Música	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CTA								20	55	63
CTE	25	48	41	40	50	49	44	62	41	47
CCI				19	37	46	40	23	16	26

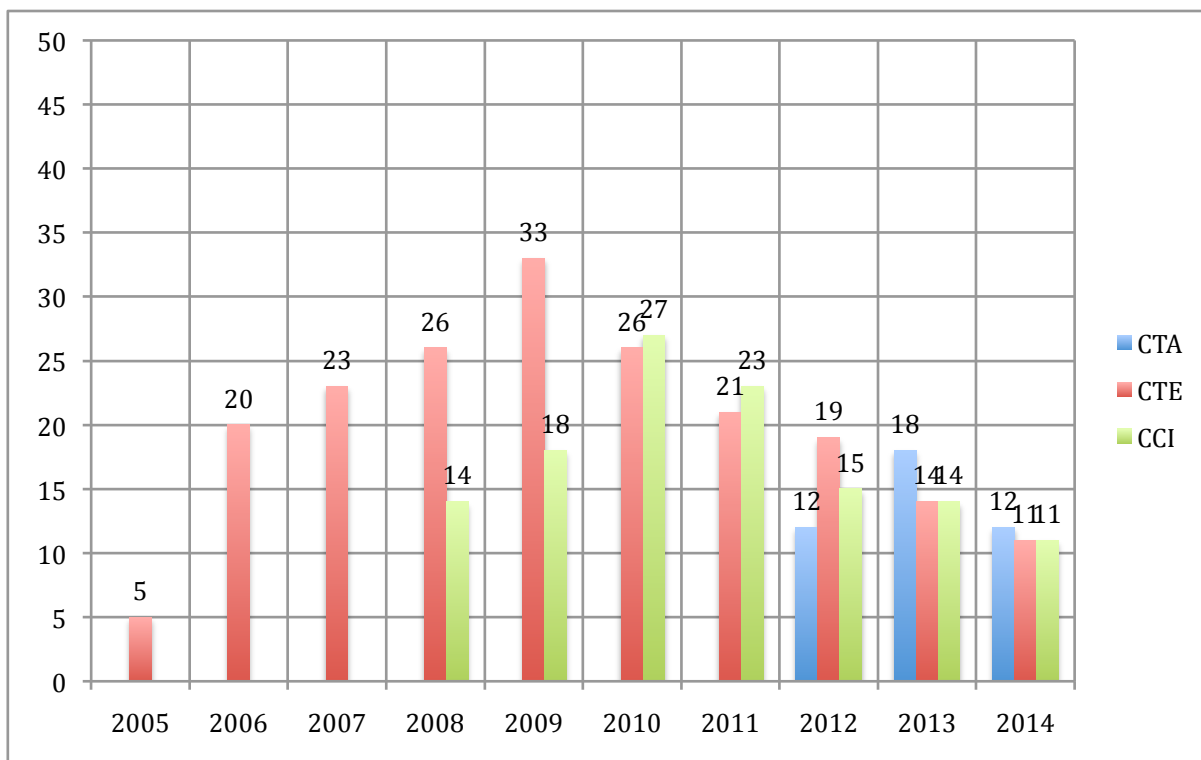


Gráfico 70 - Valor absoluto de acções de Teatro por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Quadro 70 – Acções de Teatro por cada Teatro Municipal nos respectivos intervalos de tempo

Total Acções Teatro	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CTA								12	18	12
CTE	5	20	23	26	33	26	21	19	14	11
CCI				14	18	27	23	15	14	11

Anexo 5 – Cineteatro Alba: Entrevistas e Questionários

Anexo 5.1 – Transcrição de entrevista a Pedro Teixeira (Programador do Cineteatro Alba) 28 de Fevereiro de 2015

1. Segundo um texto informativo apresentado no site do Cineteatro Alba (CTA), o executivo que presidia à Câmara Municipal em 2002 projectou a requalificação do Teatro. Porém, esta somente se consumou a partir do ano de 2010 e a reabertura em 2012. Pergunto-lhe se entre 2002 e 2010 o Teatro esteve encerrado e sem qualquer tipo de prestação de serviço?

Ora, do que eu tenho conhecimento, porque eu presto serviços ao município há cerca de 6 anos a esta parte, portanto, eu não acompanhei esse processo todo, esse período de tempo todo, mas do que eu acompanhei, antes da reabertura em 2012, em Abril, com que conta agora com programação regular, as coisas eram muito pontuais, abria-se o Teatro para situações muito pontuais, pré-anunciadas; não havia uma programação regular, todos os fins-de-semana ou todos os meses em agenda. Havia uma agenda municipal onde podia acontecer aqui umas festas de natal ou um concurso ou algo que estivesse pré-agendado e que saísse na agenda municipal e, eventualmente, um ou outro espectáculo; estou a recordar-me de um espectáculo de teatro do Fernando Mendes, mas o próprio palco e as condições do Teatro não permitiam ter grandes actividades culturais, a não ser das colectividades e da comunidade, e alguns acolhimentos eram pontuais.

E nem sequer existia uma equipa...

Não. Havia um senhor, o senhor João, que tomava conta do edifício, digamos que mantinha o edifício, era técnico de manutenção do edifício, que abria a porta, ligava as luzes, punha a sala a aquecer quando havia espectáculos; agora não estamos a falar de uma equipa com técnicos, também não havia regie nem equipamento residente; não havia técnicos, não havia assistentes de sala, não havia produção, não havia nada disso.

Esta equipa foi constituída então na reabertura?

Exactamente.

2. A reconstrução do Cineteatro foi financiada com que apoios? Que entidades suportaram os custos da reconstrução?

Isso é uma questão que o vereador responderá com mais dados concretos, mas eu tenho ideia que há uma percentagem, que eu não sei qual é, na altura não acompanhei essa candidatura, mas tem que ver com fundos do QREN, fundos europeus.

Eu não consegui, através do site, recolher essa informação...

A nível de percentagem acho que isso é público, posso tentar saber isso, não é nenhum segredo de estado, eu acho que até é público. Agora eu não sei se é totalmente financiado por fundos, eu tenho essa ideia, que isto é uma obra totalmente financiada...

Mas não sabe se foi financiado por entidades privadas?

Não me parece... de todo. Os custos ou são assumidos 100% pelo QREN, por fundos, ou x por cento do município. Não há entidades privadas; agora eu tenho quase a certeza de que é tudo financiado, que é um financiamento total, ou quase total, porque nós há uns tempos quisemos vender um equipamento, dispensar um equipamento que não nos é necessário para poder comprar outro que é mais necessário, e não podemos acho que durante cinco anos porque a isso obriga o regulamento; acho que há aí uma situação qualquer.

3. A reconstrução foi integrada em alguma rede regional ou nacional? De que programa beneficiou?

Na CIRA, quase de certeza... na região de Aveiro. É Centro Intermunicipal da Região de Aveiro.

E neste momento o CTA integra essa rede?

Sim.

E é a única rede que integra?

Para já é, é a rede CIRA, que é a rede dos Teatros do distrito de Aveiro. É uma rede particular porque é uma rede, como não há uma grande distância entre os Teatros, tem um modo de programação e assim também conseguiu-se financiamento para a programação, obrigou a umas condicionantes, e também foi uma primeira experiência que não são as mais adequadas para o território, mas já é um primeiro passo e é de salutar, e permite fazer coisas que se calhar com o orçamento próprio só não nos podíamos permitir fazer, e isso é sempre uma mais-valia. Neste momento, no seu terceiro ano de actividade, é a única rede que o Cineteatro integra.

4. Qual a razão para a actual designação de Cineteatro Alba?

Sim. Havia em mil... o vereador é que tem essas datas todas na cabeça porque ele é historiador... mas havia antes do Cineteatro Alba, não sei se já viste a exposição permanente e o folheto, se não, aconselho-te a levar, o primeiro Cineteatro Alba foi inaugurado em 1950. O dono das fábricas Alba, que era comendador Augusto Martins Pereira, e tudo o que é Albergaria está ligado a isso, às fábricas Alba, porque o comendador, a família Martins Pereira, além da parte industrial desenvolveu a parte social também... teve um papel muito importante na comunidade. Desenvolveu a parte cultural com a construção em 1950 e um Cineteatro em Sever do Vouga... E portanto isto adquiriu o nome das fábricas; por exemplo o banco que tu vês ali em exposição era feito na fábrica Alba. E o Teatro foi construído pelos trabalhadores das fábricas Alba. E portanto, teve programação regular, mais cinema, até 2002, e depois aí há o interregno para qualificação.

Em relação à denominação, sabes se ponderou alterar a denominação para Centro Cultural, Teatro Municipal, Casa das Artes...

Esta pergunta tem a ver porque há essas denominações diferentes mas, no fundo, os espaços são tão comuns...

Do que eu sei, o que me parece, porque isto passou muito também pelo executivo anterior, são decisões mais subjectivas do que propriamente se possam explicar cientificamente, ou seja, eu acho que se houvesse a construção de um outro Teatro noutra zona ou mesmo demolindo este, penso que se podia pensar num projecto de raiz com outra denominação; agora, como há uma recuperação e a história era tão rica deste Teatro, havia companhias que faziam Lisboa e Porto mas passavam pelo Alba, havia companhias que antes de estrear no Porto passavam em Albergaria, devido aos conhecimentos do comendador Augusto Martins Pereira e do seu filho também, conseguia atrair para cá boas peças e bons espectáculos; ou seja, devido à riqueza da história e à marca que era da comunidade, eu acho que foi um argumento para não se mudar, e então ficar Cineteatro Alba. Isto até se podia chamar Casa Albergaria, não é pela denominação, é a própria dinâmica que o espaço tem para as pessoas identificarem o conceito de programação, portanto eu acho que também houve esse desprendimento de vamos manter, keep it simple.

6. Como se financia o CTA? Que tipo de apoios são estatais e que apoios são provenientes de entidades privadas?

Pergunto tanto financiamento que seja para a programação como, por exemplo, seja para a manutenção do espaço...

Eu sou capaz de dizer que o orçamento quase total, 100%, do Cineteatro é municipal, da verba do orçamento municipal, orçamento anual, que é retirada para este equipamento; inclui manutenção do equipamento e programação. A programação é gerida por mim, o restante equipamento, como muita coisa depende e responde à programação, é gerida, é influenciada, por mim, vereador, a Cristiana, que está mais na direcção executiva, na coordenação de equipamento. Isto a nível de dinheiro para gerir este equipamento. Só em manutenção as coisas são bastante elevadas, porque também há muita programação, é claro que se houvesse metade da programação o edifício não estava tanto tempo aberto, a equipa não estava tanto tempo a trabalhar, etc. Depois, há um retorno de mecenato, mas isto sendo Teatro Municipal é captado pelo Cineteatro, as pessoas investem a nível de mecenato, que eu agora não sei precisar o valor, mas é uma boa quantia, e o mecenato entra nas contas do município, geral; mas é claro que é canalizado para a programação.

De empresas locais?

Sim. São neste momento, se não estou em erro, quatro ou cinco mecenatos. Há três níveis de mecenato...

Ou seja, são mecenatos para o município que depois são canalizados para o Cineteatro...

Esta contribuição era no âmbito da programação...

7. Mas há alguma entidade, ou seja, algum desse financiamento privado que seja para algo concreto, ou depois vocês gerem?

Neste momento gerimos. É claro que isso, por exemplo, podia estar aqui a falar de naming. Vamos imaginar a noite Optimus; vamos imaginar que tínhamos aqui no território a Optimus e era mecenato, depois nós acordávamos, e aqui é preciso ter cuidado porque a fronteira entre mecenato e patrocínio é muito difícil de gerir... porque é assim, o patrocínio implica uma contrapartida, se for identificado como patrocínio o retorno nas finanças é menor, enquanto que se for mecenato, como é uma contribuição de beneficência para aquele acto, sem qualquer contrapartida, dá porque acreditas naquele projecto, tem uma contrapartida maior para as empresas em sede de IRC, e portanto isso é preciso ter muito cuidado... o que eu te posso dizer é que nós temos aqui vários ciclos e dois serviços de programação, um municipal e outro já vais perceber; mas o que estamos a fazer é geral para a programação do Cineteatro, por exemplo, o serviço de aprendizagem criativa, que é municipal, podíamos fazer um mecenato só para o SAC, e esse mecenato, ou esse agradecimento ou o que publicamente quiséssemos fazer, ou outras contrapartidas que quisemos dar, em off, são operações de charme e não contrapartidas pré-acordadas, separávamos as coisas. Neste momento não há, é para tudo. Nós é que gerimos aqueles dinheiro, e as pessoa, ou as entidades, quando dão sabem que é para manter esta programação também. É basicamente isso... ah, e há também, no âmbito da programação, a integração na rede da CIRA, que tem capital, financiamento no âmbito europeu, quadro comunitário, é apoiado em cerca de 75%, portanto aí também é uma boa fatia. Neste momento está parado, há um novo quadro comunitário...

O Portugal 2020...

Exactamente... e depois retomaremos os trabalhos.

8. Em traços gerais, como se distribui o orçamento do CTA? (É possível fornecerem algum documento interno que descreva esta informação?)

Depende da organização contabilística de cada município.

Não sei se há algum documento que elucide sobre isso...

Esse documento não me parece que te possa facultar; a não ser o que é público podes sacar da net.

Para a minha aprendizagem, por exemplo, a programação corresponde a x do orçamento... os gastos com os recursos humanos...

Mas é quase 50/50... mas atenção, depois há outsourcing; a equipa técnica é um outsourcing, os assistentes de sala acabam por ser um outsourcing porque só colaboram quando há espectáculos. Continuamente aqui a trabalhar no Cineteatro sou eu, a Cristiana, o Bruno, que também tem agora um horário lectivo, e depois há dois professores, que têm meio horário lectivo por causa de uns projectos que temos no município de música nas escolas, mas depois também esses professores acabam... a Liliana mais no SAC, o Marco e o Bruno mais no âmbito da produção... e depois há dois administrativos, que é o José Rocha e a Filipa, que é mais bilheteira e serviços administrativos... a cafetaria é gerida pela comissão de trabalhadores e colaboradores do município. Portanto, a nível de recursos eles estão muito contabilizados no âmbito do município, ou seja, tirando o contrato de outsourcing com a técnica e os assistentes de sala... ah, e há o técnico de manutenção e segurança...

Desculpa interromper, mas para ter uma percepção geral, a programação corresponderá a pelo menos...

Metade, provavelmente. Metade ou um bocadinho mais.

9. As receitas de bilheteira correspondem a que percentagem de todas as despesas da instituição?

Nós não conseguimos com os preços praticados cobrir as despesas de programação. Ora, o investimento na cultura, é como investires na educação... agora não quero levar a discussão, nem te interessa, para esse lado... não se consegue. Agora a nível de percentagem depende dos espectáculos, os nossos preços, se tu vires as agendas, não ultrapassam, salvo raras excepções, os 12,5€; portanto, basta fazeres as contas à sala, nós temos lugares institucionais, lugares que damos a mecenato, mas mesmo que tenhamos 450 lugares vendáveis, há espectáculos que só paga metade. Isto estamos a falar das três áreas performativas com maior projecção: música, teatro e dança; depois no âmbito da programação de cinema é a única que até dá lucro, conseguimos em algumas situações... depois vamos gerindo, se virmos que conseguimos alguma margem de manobra apostamos mais em cinema de autor ou cinema português... mas o cinema é uma franja da programação que é auto-sustentável, daí ser mais fácil de gerir e daí que até 2002 era o que se fazia mais, cinema. Depois, a nível do serviço de aprendizagem criativa, não é de todo, até porque muitas vezes nós oferecemos os workshops, para o conhecimento ficar no território... mas não te consigo dar uma franja ou uma percentagem da rentabilidade bilheteira versus gastos de programação, não te consigo, agora assim, fazer um apanhado geral. Agora posso-te dizer que sem orçamento não se conseguia esta programação.

10. No site há informação relativa aos parceiros do Cineteatro, ainda assim pergunto com que entidades estabelece parcerias e com que fim são estabelecidas essas parcerias?

Há vários níveis de parcerias. Há as parcerias protocoladas, e temos duas, contínuas, eventualmente renováveis a cada ano. Depois há as parcerias pontuais, e depois há as parcerias tipo co-produção. As parcerias tipo co-produção, estamos agora a tentar delinear uma estratégia para 2016, para avançarmos com isso. As parcerias protocoladas continuamente, temos com a Universidade de Aveiro e com o Conservatório de Música da Jobra, que nos programam duas quintas-feiras por mês neste espaço do café-concerto. E depois há uma espécie protocolo, eu digo uma espécie de protocolo porque é um compromisso que os municípios assumiram em tempos e nem todos assumiram, com a Orquestra ... das Beiras, que consiste em três produções: uma tem sido o Música na Escola, concerto de família, concerto de natal e uma outra para gerirmos, que pode eventualmente ser uma encomenda... depois há coisas que vamos fazendo com as instituições locais que acabam por ser parcerias de espectáculo, em que eventualmente o município para apoiar a criação e a própria instituição e o convívio pelo meio de eventos culturais, acaba por ceder sala, eventualmente a técnica, e mediante a instituição preparar alguma apresentação. E há também o espectáculo anual da Jobra, que implica também uma parceria de espectáculo...

E aquelas duas que me estavas a referir que têm vindo a ser regulares...

O Conservatório de Música da Jobra tem ensino profissional de teatro, música e dança, e então também faz parte da formação dos alunos a apresentação pública dos trabalhos e nem sempre têm espaço para o fazer. É bom na medida em que recebemos essa programação também. Depois há aquele tipo de parcerias que podes fazer que não é mais que um combinar de sinergias para as coisas acontecerem, por exemplo com os agrupamentos de escolas, com professores e depois com figuras da comunidade, que têm um papel eventualmente relevante e estratégico que permitem fazer algumas criações em eventos âncora; o exemplo disso é o Sketches de Porco Preto, que vai na 3ª edição e já esgota, que é feito em parceria com o Carlos Vidal, que ganhou um concurso de talentos de humor no 5 para a Meia Noite, que é daqui de Albergaria. Ou seja, tens as formais contínuas, tens as formais esporádicas e depois tens aquelas mais informais que acabam por ser, às vezes, as que mais alimentam ao nível de público do Cineteatro do que propriamente as formais. A nível de co-produção não te posso adiantar muito porque nós ainda não estamos muito a fundo nessa matéria.

11. Como define o seu cargo? Programador Cultural? Director Artístico? Gestor Cultural?

É um bocadinho de tudo e não é nada disso. O meu caso se calhar, dos três que eu sei que estás a entrevistar, é o mais amorfo, digamos assim. Eu considero-me, basicamente, um interlocutor cultural, que tenta responder a uma estratégia do município. E muitas vezes, não estou a dizer isto de uma

forma pejorativa, sofre imensas influências e pressões que tem de saber gerir, algumas delas... há argumentos suficientes para mediante a minha subjectividade, e eu quando eu falo na minha subjectividade é naquilo que acredito que é melhor para o município ou para o público e para a estratégia regular para a alimentação pública do Cineteatro, que eu consigo dissuadir ou até atrair, às vezes são filões que tu vais buscar, que tu puxas, outras são influências fortes que tu tentas travar, e nessa interlocução é que se situa o meu trabalho. Depois há uma prospecção, de coisas novas, de tentar trazer para o território coisas que provavelmente o comum albergariense possa não conseguir ir ao Porto ou a Lisboa a outras grandes cidades ou até ao estrangeiro para ver... Portanto, o cargo de director, nem que seja pela parte remuneratória, não é. A parte artística sim, e muito, é na parte artística porque nós temos criações próprias, e eu aqui também sou coordenador do SAC, e como ele também é municipal e tem uma parte na Biblioteca, estou muito muito embebido nessa parte. Isto é um bocado como se fosse... pode-se comparar como se fosses um compositor mas não tocasses um instrumento; portanto, tu se és pelo menos um interlocutor cultural, ou a tua profissão é no âmbito da cultura, se não tens uma actividade, não tem que ser performativa, pode ser no âmbito das artes plásticas ou do que for, se não tens uma actividade desse género, acho que nunca vais entender muito bem nem o lado do público nem o lado do artista; isso é importante, estarmos sempre ligados à parte artística e não assumir só o papel só de espectador, que percebe muito de movimentos culturais ou artísticos, contemporâneos, não ilustrativos, etc e tal, e perceberes todos os conceitos de arte moderna, e depois escolheres por catálogo. Eu acho que há um outro lado de envolvimento artístico que é importante. Isto falando um bocado da profissão. Se juntares o interlocutor cultural, de que estava a falar, a parte artística, retirando o director, e a parte da gestão dos recursos, humanos, técnicos, do território, é um bocadinho disso tudo. Agora, que eu só posso fazer as minhas escolhas e fazer aquilo que eu acredito? É mentira e duvido que algum colega o faça a 100%; mas é essa gestão, na minha opinião por ser um Teatro público, e sendo saudável e aberta, neste caso entre executivo, vereação e técnico, é o que é aconselhável para um Teatro destes.

12. O que é ser ... de um Teatro Municipal?

Eu vou usar um termo que tu pões entre aspas na gravação e fica a nota: eu sou o “canuco” do sítio, porque eu só estou a programar há um ano e meio, sensivelmente, e na minha opinião, o que eu te vou dizer é só com base nesta experiência, mas o que me parece, e ouvindo e aprendendo muito com os meus colegas aqui do município, e com outras pessoas e experiência, o que me parece que um interlocutor cultural faz é ser um provocador. Um provocador que tem que pôr o Teatro a vibrar, o Teatro e não só o Teatro, o município culturalmente a vibrar, porque o Teatro não consegue viver hermeticamente; ou seja, tanto nas ideias de criação que dá aos municípios, como no que pede às instituições, na maneira como junta as instituições, nas criações que traz cá que possam interessar a essas instituições ou o público, tentar perceber as correntes, ouvir as pessoas, ver os espectáculos, sentir o público, ouvir, provocar e organizar-se muito bem, e pensar a longo prazo, é o que um interlocutor faz.

12.1. Quais as suas funções e responsabilidades? E onde terminam?

É muito difícil responder a essa pergunta. Se tu gostas de fazer muito uma coisa nunca vais conseguir responder a isso. Porque tu, mesmo que não seja da tua responsabilidade o chão estar limpo, se tu tens brilho no Teatro ou na casa da qual fazes parte dessa equipa, vais limpar o chão. Portanto, isso é muito difícil de responder. Mas olha, uma coisa que eu tenho cada vez vindo a fazer menos, porque há outros eventos fora do Teatro que eu estou a programar que me têm absorvido muito tempo, é na gestão física, ou seja, eu nunca fazia nada de limpezas de manutenção, era tudo com a Cristiana, mas parte técnica devido à equipa já estar muito oleada, já me meto cada vez menos... peço mais ajuda do que propriamente intervenho. E depois onde é que começam... começam no horário... não te sei responder a isso.

13. No seu cargo que autonomia possui relativamente à presidência e/ou vereação?

No meu caso eu sou técnico municipal, portanto, eu respondo a um organograma municipal e os meus superiores são o chefe de divisão, vereador e presidente. Portanto, eu tenho que, apesar de ser técnico superior e ser pago para pensar, analisar e planear, e apresentar soluções ou tomadas de

decisões, eu posso sempre balizar as coisas. Eu tendo as coisas balizadas já é um grau de autonomia, não balizo outras. Havendo confiança da vereação para essa baliza, depois ou eu vou estreitando-a mais consoante aquilo em que eu acredito, ou não. Mas a autonomia que eu tenho neste momento tem vindo a ser... não posso ser 100% seguro, mas posso-te dizer que é maior do que tinha há um ano atrás. É o acreditar no teu trabalho também. Mas não é totalmente autónoma, isso não é. Nós não somos uma empresa municipal em que houve um concurso para três anos, como agora o Tiago Guedes no Rivoli, e mesmo assim não sabemos se a autonomia é de 100%... porque eu acho que ninguém é livre a 100%, mas isso é filosofia... mas eu sendo técnico do município, essa autonomia nunca vai ser muito grande, mas também, neste momento, as coisas estão a correr bem.

14. No site do CTA encontra-se uma descrição de toda a equipa da instituição. Pergunto se essa informação está actualizada, isto é, se a equipa é composta pelos mesmos profissionais?

Sim, e está por áreas, não está por... se há maior responsabilidade...

Então, para o trabalho posso ter em conta o que está apresentado?

Sim, podes! E está por ordem alfabética. Agora, eu não me recordo se tem lá o gabinete de comunicação. Mas há aqui algumas coisas que é preciso ter em conta para o teu trabalho... há serviços que são comuns ao município...

Então é melhor explicares-me porque eu através do site não consigo...

Mas desempenho um serviço muito direccionado para o Cineteatro Alba, ou seja, a maior parte do volume de trabalho é para a cultura.

No fundo há uma agenda municipal, mas o Cineteatro abarca grande parte do trabalho...

Exactamente. É isso, e depois tens no âmbito do serviço de aprendizagem criativa, tens os professores que desempenham... ou seja, tu não podes dizer, pelo site, que tens aqui três professores... eles também prestam serviços no Teatro... mas eu depois posso mandar-te essa relação ou mediante o que lá está dizer-te: estes que trabalham aqui a fulltime...

Mas há pessoas que estão neste momento a trabalhar apenas com funções inerentes ao Cineteatro?

Só para o Cineteatro estou eu, a Cristiana...

Mas lá está, tu és técnico do município?

Sim!

Não estás exclusivamente a trabalhar para o Cineteatro...

Não. Há muita coisa que eu também posso fazer, e têm-me chamado, cada vez menos, no âmbito da educação. A nossa divisão é Divisão de Acção Social, Educação, Cultura e Desporto. Eu no desporto não risco nada, no âmbito da acção social também não, só se a acção social quiser organizar algo que precise da minha ajuda a nível de produção; mas a educação requer ainda algumas coisas, porque eu estava antes a coordenar o projecto musical, que agora é um projecto que está sobre carris e já não precisa tanto da minha intervenção, mas isso é uma questão que me absorve para aí 2% do meu trabalho e os outros 98% é cultura.

E a Cristiana?

É na mesma situação que eu...

Mas a Cristiana está mais responsável pela produção?

A Cristiana é responsável pelo espaço, pelo equipamento.

E em termos de produção?

Faz muita coisa a nível da produção, faz quase tudo; ou seja, marca roomings, restaurantes, e assim... também no que puder ajudar...

Mas a Cristiana está mais responsável por essa área, é isso?

Sim. Depois da negociação é a Cristiana que...

E alguém é trabalhador independente, ou seja, prestador de serviços?

Não!

Todos técnicos municipais?

Todos técnicos municipais. Uns a contrato, outros já efectivos, mas é tudo técnicos municipais, tirando a empresa técnica, que é uma prestação de serviço e os assistentes de sala.

14.3 É possível, posteriormente, enviar-me informação relativa à formação dos profissionais que integram a equipa?

É fácil, digo-te já. Eu sou licenciado em Português-Francês e tenho um curso de guitarra-jazz tirado em Aveiro e neste momento estou a frequentar o mestrado em Criação Artística Contemporânea na Universidade de Aveiro... tenho pouco tempo para ir ou quase nenhum, mas já tenho cadeiras feitas.. e depois a Cristiana, tenho que ver, mas acho que é licenciada em Sociologia, o Bruno tem uma primeira licenciatura em Gestão Desportiva e agora está a acabar Composição, o Marco tem licenciatura em Ensino de Música – 1º Ciclo, a Liliana acho que tem o Conservatório e licenciatura em Economia, mas eu não sei se a Liliana acabou o curso em Economia, isso é um dado a confirmar, o José Rocha, administrativo, tem o 12º ano, a Filipa acho que tem um técnico, de 12ºano, creio eu; o Carlos da manutenção e segurança é 12º ano, creio que fez um ano ou dois na universidade mas não quis continuar a estudar nesse âmbito... é tudo pessoal com formação superior.

15. Qual a área de influência do CTA, isto é, que comunidade considera que é a comunidade a que o Teatro se dirige?

Eu acho que isso está um bocado espalhado na missão e no objectivo, que é ser uma referência regional e, por vezes, nacional. Nacional é difícil, é difícil, é um trabalho que se tem que fazer... é difícil no sentido de tu maneres a qualidade ao longo de um grande período de tempo, e o período de tempo que eu acredito são 4 a 8 anos, mantendo sempre o mesmo nível de qualidade, porque tu podes ser uma referência a vários níveis, podes ser uma referência pela equipa técnica que tens, podes ser uma referência pela programação que tens, pelo equipamento que tens, pela arquitectura do edifício... Mas eu acho que o objectivo é pela actividade que tem, e a nível regional porque atrai público do distrito e é isso que se pretende; depois, ao nível local... relembra-me a tua pergunta...

Que comunidade consideras que é a comunidade a que o Teatro se dirige?

O Teatro, ora bem... se falarmos a nível de públicos é desde os bebés aos seniores, há programação para isso tudo, pode não haver em todos os trimestres, mas anualmente há; ou seja, desde formação, desde espectáculos para bebés, desde espectáculos para crianças, desde espectáculos para um público o mais eclético possível, para todos os públicos, desde espectáculos para seniores, com os seniores, com as crianças, em que são intervenientes, portanto o Teatro dirige-se a toda a comunidade, seja no âmbito mais erudito seja no âmbito mais abrangente...

Mas a comunidade de Albergaria ou a comunidade regional como estavas a falar?

Sim, alguns workshops atraem gente de toda a região, espectáculos também...

Mas o vosso objectivo é chegar à população da região?

Também. Até porque só a população de Albergaria, pode encher a sala, sim, mas há espectáculos em que não se consegue, só com população de fora, do distrito e de outros concelhos, é que nós conseguimos. Vou-te dar um exemplo: o espectáculo da Olga Roriz, que tivemos aí, o Terra, eu não tenho de cor os números mas sei que mais de 50% não eram de Albergaria, e foi um espectáculo com 250/280 pessoas... pode parecer pouco mas é uma boa casa. Ou seja, o Teatro tenta... tu sendo municipal podes ter uma pequena especialização, podes eventualmente ter uma área, depois depende da estratégia, podes um trimestre em que, ok, este é o trimestre onde há o dia mundial do

teatro, vamos fazer uma programação forte em teatro, este é o trimestre do dia mundial da dança, vamos fazer uma boa programação em dança, tu podes fazer assim como podes, não, eu quero que o meu Teatro seja uma referência nacional e traga aqui só grandes nomes do jazz nacional e internacional, e as pessoas sabem que se querem ver jazz de maior qualidade em Portugal têm que vir ao CTA, por exemplo, isso pode ser uma estratégia, a nível das várias artes performativas. Nós, neste momento, o que estamos a fazer, nestes três anos, é ser o mais eclético possível elevando a qualidade do que programamos, e aproveitando algumas boas oportunidades tanto no panorama nacional e até internacional... estou agora aqui a falar e há uma parceria que me esqueci de dizer, que é um acordo tripartido que assinámos com a D'Orfeu, que é uma associação de Águeda, e fazemos com eles o Festim e o Outonalidades, que é um circuito de bares e cafés-concertos e de bandas que faz zona norte de Portugal e Galiza... Ou seja, a comunidade a que se dirige, à local, tenta atrair o mais possível, e articulado com os seus parceiros e outros da CIRA o público regional, e a nível nacional nem que seja, posso dar um exemplo, em acções de promoção de bandas que cá vêm ou de espectáculos que cá vêm, o Cineteatro está a conseguir aproveitar, também consoante o que nos interessa, nós vamos ter aqui os Salto no Café-Concerto no próximo dia 5 de Março, que tem uma promoção na Antena3 e o Cineteatro Alba está a passar e Albergaria-a-Velha, isto é uma afirmação nacional.

Ou seja, nesse sentido há esse objectivo, de chegar à comunidade local mas também regional, e o público corresponde? Ou seja, poderia haver esse objectivo mas o público ser apenas local ou apenas regional...

A nível nacional é pontual, porque é assim... regional é mais frequente...

Ou seja, há esse objectivo mas também conseguem alcançar esse objectivo?

Sim, sim, é atingível.

E consegues identificar... dentro da região, o público vem mais de que concelhos?

Depende. Olha, vem menos... posso dizer-te de onde vem menos, que é ali da zona de Santa Maria da Feira, Oliveira de Azeméis, é de onde vem menos. Vem mais de Aveiro, Águeda, Sever do Vouga e Estarreja, assim como há público de Albergaria que vai a Estarreja, Ílhavo, Aveiro...

E o público local corresponde a 50%? Menos? Mais?

Depende. Por exemplo... eu posso dizer-te que no espectáculo da Carminho foi quase 100% porque a agenda chega primeiro à população de Albergaria e muita gente antecipa-se e esgota o espectáculo. Por exemplo, Correr o Fado, eu tenho quase a certeza que vai ser 70% Albergaria e 30% de fora. Olga Roriz, não tenho a certeza, mas tenho quase a certeza que tenha sido 50/50.

Segundo o que me estás a dizer há uma grande percentagem de população local...

Sim. Mas só com a local tu não manténs esta taxa de ocupação. Nós temos uma taxa de ocupação de quase 70%.

De qualquer das formas há uma grande percentagem de população local...

Sim, sim, e isso é bom. Mas gostávamos de atingir outras franjas populacionais, não estou a falar de outra área de público, estou a dizer outras franjas populacionais, e isso é trabalho.

16. Como caracteriza a comunidade envolvente?

É como todas. Olha, eu já estive fora, os meus pais eram imigrantes na Suíça, e eu estive na Suíça também, eu sou natural da Gafanha de Aquém, Ílhavo, e já trabalhei em Aveiro, portanto, já conheci bastantes comunidades e as comunidades são todas um bocadinho iguais; há aspectos muito positivos, até no âmbito cultural, e aspectos sempre muito negativos, e depois há comunidades, ou concelhos como o de Albergaria, com cerca de 25 000 a 30 000 habitantes, em que toda a gente acaba por se conhecer... Ou seja, e eu classifico, uma coisa que posso classificar, que posso dizer de Albergaria, é que é uma comunidade que não tinha, eu não sei se por culpa do Cineteatro Alba não estar com programação regular, mas não tinha grandes hábitos de criação e logo as suas instituições

são mais de cariz desportivo do que propriamente de cariz criativo, e não é fácil agora em dois anos dar esse mote, e esse é um trabalho que temos de fazer. Não posso dizer que são vícios, mas há alguns hábitos que precisam de ser mudados, há coisas novas a que temos de dar espaço para que elas apareçam. A dificuldade está em fixar criativos aqui no território, mas isso é tudo muito bonito o que estamos aqui a falar, mas se não houver emprego para uma família se fixar aqui, as pessoas vão-se embora. Neste momento Albergaria está muito bem de saúde...

A relação com a cultura...

Estava adormecida, mas tem vindo a aumentar. Nós aqui a nível do território temos a Biblioteca... espaços culturais, temos o CTA, o Centro Cultural da Branca, onde funciona lá o Conservatório de Música da Jobra... o território tem cinco Bandas Filarmónicas, que fazem um concerto por ano no CTA, no ciclo de Bandas em Concerto, uma delas é das melhores bandas a nível nacional, que é a ARMAB, com participações em concursos na Holanda, com músicos já profissionais, e nesse aspecto, a nível musical, é forte. Agora, a nível teatral, a nível da dança, há algumas coisas mas não com a qualidade que a música tem, e com a direcção que a música tem. Eu acho que para 25 000 haver cinco Bandas Filarmónicas é genial, acho que isso é incrível. Portanto, a comunidade no sector criativo é forte a nível musical, nas outras áreas performativas menos, e precisa de ser injectado e potenciada essa criação; a nível do cidadão que não tem esses hábitos de criatividade... eu acho que havia, ou foi feito um trabalho muito forte no âmbito das AEC's quando elas foram geridas pelo município na potenciação cultural, e houve muita população a ter acesso ao ensino artístico, mas esse retorno só vamos ter, na minha opinião, daqui a dez anos... mas ainda há uma franja que está distante da cultura, mas isso é local, é regional, é nacional...

Mas falando da população local, que pode ou não ser público, a relação da população com o Cineteatro, espaço e instituição.

Ora bem, a relação com o espaço, quem vem cá a primeira vez, é a mesma coisa quando tu vais a qualquer casa a primeira vez, não estás tão à vontade, não sabes muito onde hás-de sentar, depois comesas a perceber que a casa tem alguns habitues e não sabes se vais tirar o lugar a esses habitues, embora aqui nós mudamos muitas vezes a configuração e essas coisas acabam por não acontecer. Portanto, a nível do espaço e quando as pessoas cá vêm, eu acho que as pessoas são muito bem recebidas e acaba por haver muita gente que vem repetidamente, há uma franja que vem repetidamente, que se vê cá muitas vezes, e as pessoas começam a conhecer-se e isto é um espaço também de lazer e as pessoas vêm divertir-se e acaba por haver uma excelente relação. Com a comunidade escolar a relação é óptima, com os professores, mas tem sido sempre, desde o início, fruto de eu também, o Bruno, o Marco, a Liliana e a Cristiana, termos prestado serviços pelo município nas escolas, portanto essa relação é excelente, não é óptima, é excelente. Depois com as outras instituições, como elas são todas envolvidas no âmbito da programação, também é óptima. Depois, a nível institucional, passa muito pelo município, que depois é canalizado para cá. Portanto, eu acho que também com a comunidade é boa, senão nós não tínhamos conseguido o mecenato que conseguimos... estás a perceber? Não estamos a falar de enormidades de dinheiro, mas não tínhamos conseguido o mecenato, não teríamos dificuldade em responder a solicitações de pedidos de sala e de apoios, porque reconhecem que a sala é boa, que a equipa é competente, e então querem vir para aqui fazer algumas coisas, e é preciso gerir isso com muito bom senso. A única coisa que te posso dizer que tivemos que trabalhar em relação à comunidade, e que está a dar os seus frutos ao final de seis meses, foi o Café-Concerto, porque o facto de a cafetaria estar separada do Café-Concerto criava uma espécie de snobismo e não muito apelativo para quem estava habituado àquele ambiente de cafés e bares, em que vais beber uma cerveja e ver música ao vivo e se apetecer conversar conversa e se apetecer ver a banda vê a banda; aqui como o espaço está separado, o pessoal vinha para assistir e respeitava e permitia fazer aqui coisas mais eruditas, o que é para aí 20% da programação de cafés-concerto, e então nós tivemos que trabalhar isso mudando a estratégia de programação e até a configuração técnica, e essa mudança de estratégia, que não foi só ao nível de programação, acabou por trazer novas pessoas que acabam por ter acesso à agenda, que alimentam também a sala e essas novas pessoas acabam por dar uma relação do Cineteatro com

a comunidade um bocadinho mais abrangente. Isto é um exemplo. Portanto, eu acho que a relação é boa, institucional e com a comunidade...

Diz-me só uma coisa...

Se calhar eu é que não estou a perceber a tua pergunta...

Não, não respondeste. Eu é que vou acrescentar... o que vou acrescentar é: aquela população que não é público, em termos de percepção de relevância da instituição... há essa percepção? O CTA enquanto instituição relevante para o município...

Depende. Não te sei responder...

Qual é a instituição de maior relevância no município, na tua perspectiva?

Cultural? Desportiva?

Qual é? Independentemente de ser cultural ou de outro âmbito.

Não te sei dizer. Tens o Município, é a maior instituição.

Mas consideras que o CTA...

A nível de equipamento é o equipamento âncora a nível cultural...

Sem dúvida?

Ninguém tem dúvidas. A Biblioteca tem um aspecto muito forte por um horário alargado ao público, permite ter outro tipo de exposições, e nós aqui só podemos fazer documentais ou de arte contemporânea. Alongadas no tempo porque nós estamos abertos de 4ª a domingo e as pessoas só têm esse período para ver; mas o Cineteatro e a Biblioteca são os equipamentos culturais de maior relevância, sobre isso não há qualquer dúvida.

Mas destacando-se o Cineteatro?

Destaca-se o Cineteatro pela actividade que vai tendo e pela variedade de programação, claro que sim, e pelo edifício e pela equipa e as pessoas que atrai. E as pessoas conhecem, agora se dão o devido valor e a devida importância, nem toda a gente dará, isso é subjectivo a cada um.

17. Como caracteriza o público do CTA? É possível descrever, de forma generalizada, o público que costuma frequentar os espectáculos e que tem participação-activa? Idade, sexo, localidade, ocupação profissional, etc...

Não se têm vindo a aplicar inquéritos ou é apenas uma percepção que tens...

Vai ser uma percepção, até porque nós fazemos inquéritos no âmbito... há dados que dá para sacar da bilheteira, localização, códigos postais...

Ou seja, aqueles dados de que me falaste à bocado, da localidade, é com base nisso?

É com base nisso, sim. Os inquéritos que fazemos, para já só estamos a fazer, é no âmbito do serviço de actividade criativa, no âmbito do babysitting, fazemos a encarregados de educação ou acompanhantes e à criança, no âmbito dos espectáculos evitamos ao máximo, e parece-me que nos primeiros três anos não vamos fazer, só para o ano, eventualmente, e se for possível no âmbito do CIADAP. Pode-se medir um grau de satisfação, mas é muito complicado, tu por exemplo vires a um espectáculo e estares a fazer um levantamento da população. Mas posso dizer-te uma coisa: nos workshops isso é feito, e eu posso dizer que o público feminino é maior nos workshops, não sei porquê... e já fizemos de teatro, de dança, de música, e o público feminino é maior.

E a assistir aos espectáculos?

Depende. Dança, a maior parte é feminino; teatro é ela por ela; música é ela por ela; e outro tipo de espectáculos também. Mas por exemplo, vou-te dar um exemplo: nós tivemos aqui no semestre passado um texto, uma espécie de teatro que era o Boquet, e tinha um texto do Samuel Becket e outro acho que era do Tennessee Williams, e nós sabemos que as pessoas que vieram assistir, e a taxa de ocupação foi baixa, mas as pessoas que vieram assistir eram pessoas com elevado grau de

formação, conhecedoras daquela área performativa, ou seja, se aplicássemos inquérito a esse público de certeza absoluta que iria ser... o sexo é ela por ela, a nível de idades, estamos a falar de pessoas com autonomia de escolha e financeira, cerca dos 40/50, ou dos 36 aos 50 anos, quando comesas a ter alguma autonomia para escolher os espectáculos e maturidade. Depois fazes o Casados à Força com Sofia Ribeiro e tens gente de tudo e se calhar quem escolheu ver o espectáculo do Samuel Becket não veio ver esse. Nós na programação também tentamos cuidar disso. A música acaba por ser o que tem maior diversidade de pessoas. Outro exemplo: tenho a certeza absoluta, mas isto são percepções, não há dados científicos sobre isto, ou seja, se fossemos analisar o público dos Dead Combo, analisar o público da Carminho, e depois analisar o público do Luís Represas, que vai acontecer, de certeza que absoluta que ias ter uma grande franja de estudantes, uma faixa etária menor e/ou faixa etária elevada seria com maior grau académico, na Carminho tinhas a coisa mais variada possível, e o Luís Represas vais ter uma faixa etária mais elevada e a nível de formação não sei, só depois vendo quem vem e quem não vem. Mas isto é o que eu te posso dizer... Quais eram os outros dados?

Falava em idade, sexo, localidade, ocupação profissional, de uma forma generalizada...

Só me esqueci de uma questão, aqui no primeiro grupo quando falava das redes, ia perguntar-te sobre a rede municipal, ou seja, há um trabalho comum com outros equipamentos culturais?

Há. Ou seja, tens o Cineteatro, tens a Biblioteca Municipal, o Centro Cultural da Branca... mas eu também mencionei... está em processo de conclusão o Centro Cultural de São João de Loure, uma localidade mais remota e com um trabalho a ser pensado para lá no âmbito da ruralidade cultural ou cultura na ruralidade, o Arquivo... por exemplo o Arquivo foi importante na preparação desta exposição... e são estes os equipamentos...

Mas há uma rede formalizada ou há dinâmicas que são comuns e vão surgindo...

Por exemplo, não há uma rede de programação. A programação funciona em dois sentidos só com a Biblioteca, com o Arquivo há registos de documentação consertada, com o Centro Cultural da Branca, apesar de haver um auditório de 180 lugares, mal equipado, acusticamente, arquitectonicamente, e tecnicamente mal equipado, mas aquilo foi pensado para umas audições de escola, tem a programação que a escola e a Armada fazem e só funciona num sentido, aquelas duas instituições ao usarem o equipamento fazem alguma programação e replicam aqui ou só fazem aqui; nós programarmos lá, aquilo está pelas costuras, não vamos nós fazer mais programação lá até porque com tanta formação que eles têm, têm mais que coisas para programar, e interessa-nos que esse público formado venha aqui ao Cineteatro. Depois o Centro Cultural de S.João de Loure não está ainda a funcionar... e é basicamente isto, é assim que funciona a rede cultural do município. Ah, e depois há os espaços ao ar livre, não nos podemos esquecer que há eventos âncora no município, que eu te posso dizer já, o Festival Pão de Portugal, no 1º fim-de-semana de Junho, o conceito de programação é apenas local, depois tens o 1º fim-de-semana de Julho o Albergaria com Vida, o conceito de programação é Pop nacional, com a inclusão de uma das datas do Festim, com um pequeno after hours de Dj's, animação de rua na entrada da praça e animação das tasquinhas sábado e domingo; estamos aí a preparar uma coisa no âmbito da dança e da programação de rua interessante para este ano, vamos ver se conseguimos fazer tudo, depois há a animação de verão que tem toda a etnografia, a festa e romaria da Senhora do Socorro... e um Festim ao ar livre também, vamos reunir tudo num cartaz de animação de verão que decorre de 24 de Julho a 24 de Agosto, e depois há o Lugar das Cores, que é uma programação própria de Natal e de atracção... e aí também muito espectáculo de rua e de proximidade...

Tudo o que referes é promovido pelo Cineteatro ou pelo Município?

Pelo Município, mas basicamente é a equipa do Cineteatro que faz.

Anexo 5.2 - Transcrição de entrevista a Pedro Teixeira (Programador/”Interlocutor Cultural” do Cineteatro Alba) 20 Abril e 25 de Junho de 2015

Podes pôr a gravar...

Deixa-me já dizer-te uma coisa antes de começar a entrevista e que deves ter em atenção, que é... Pode ser perigoso às vezes só essa análise, tens que ter em atenção quando fazes esse cruzamento, que é... muitas vezes as agendas não são do Cineteatro ou da Biblioteca, são do município...

Sim, sim...

E muitas vezes a escolha do que vai na agenda e o que sai e a forma como sai pode não espelhar da melhor forma a maneira como foi pensada a programação. Basta isso responder a dois departamentos diferentes, ou seja, tu podes ter pensado a programação de uma forma mas a agenda municipal sofrer ajustes de todo o lado. Tu só consegues fazer isso se tiveres uma agenda exclusivamente dos eventos performativos ou dos equipamentos culturais. Estás a perceber? E depois há aquelas agendas que trazem o evento da associação x, o evento de sensibilização da exposição sobre os valores da Páscoa. É isso que tens de ter em atenção.

Claro, claro... é por isso mesmo que eu tenho de entrevistar-te e falar sobre isso. É para perceber isso... se não, para a minha tese, olhava apenas para as agendas e dizia o que é que vocês faziam. Por isso é que esta entrevista é muito importante nesse sentido...

1. Enquanto programador (ou “interlocutor cultural”, como tu próprio te defines), quais consideras serem os principais objectivos que se pretendem atingir com a programação do Cineteatro?

Acrescentar, ou seja, acrescentar algo à população, valorizar a população. Não queremos... acho que não se deve ter a pretensão de educar, mas pelo menos dar oportunidade e ter uma oferta... das pessoas poderem ver coisas que não vêem no seu dia-a-dia... Ou seja, as pessoas até podem ter, através dos meios de comunicação e informação, seja internet, televisão, rádio, o que for, ter acesso a coisas diversificadas e mundanas e mais estranhas possíveis; mas o facto de poderem vivenciar isso ao vivo é um dos nossos objectivos. E oferecer também a oportunidade de participar, e a participação é de muitas formas; tu se vieres ver um espectáculo estás a participar no espectáculo, és público, és um actor desse espectáculo. Aumentar, sempre que possível, a participação, nem que seja de comunidade para comunidade, neste caso, se podermos chamar assim, dar palco aos criadores ou às colectividades com cariz mais criativo, sejam elas amador, semi-profissionais ou até profissionais. E melhorar também a qualidade de vida das pessoas, porque nós nunca sabemos, e já me aconteceu, e eu acho que esta experiência é fantástica, que é: um espectáculo pode mudar a tua vida. Ainda não houve um espectáculo que mudasse a minha vida, mas que tenha mudado a semana ou a maneira como eu vi a semana, mudou. E às vezes a troco de 3€, que é mais ou menos o preço de uma caixa de ben-u-ron... e nós acho que também temos esse papel.

Pelo menos potenciar uma outra vivência da sociedade, ou seja, eventualmente questionar, é claro que depende do espectáculo e depende dos públicos e dos targets, mas podemos questionar a sociedade. Posso-te dizer que há uma criação agendada para o próximo trimestre que vai reflectir sobre as várias autoridades e dos vários estados, sejam eles autoritários, democráticos, anarquistas, seja o que for; e isso pode ser discutido e visto através dos meios de comunicação que temos em casa, no seio familiar, como através de um espectáculo. Também, não quer dizer que seja só... não estamos aqui para fazer política nem ter a pretensão de estar a educar... Há espectáculos puramente performativos.

2. Para ficar mais claro – e eu falei à pouco com a Cristiana – quem participa no processo de escolha dos projectos que apresentam aqui no CTA? Pode-se dizer que és tu em conjunto com a vereação, é isso?

É isso mesmo. É claro que posso sempre recorrer à ajuda de colegas, peço sempre conselhos, começo a abrir um bocadinho a parte sigilosa. Nós já sofremos assim... não é pressão, mas tanto tanto conselho, tanta proposta, que se podermos ter um bocadinho essa reserva, é importante, senão não comesças a escolher, e já assim é difícil, com a melhor objectividade; ou seja, eu acho que o processo

pode ser aberto, discutido, conversado, mas se estiver balizado toda a gente percebe e vai-te dar sempre uma opção ou uma proposta naquela baliza e não...

Não em possibilidades infinitas...

Sim... portanto neste momento sou eu e a vereação.

3. Como caracterizas a programação do CTA?

Barata (risos), eclética, variada, mas a crescer, ou seja, a amadurecer. Mas eu acho que isso é um processo que se tem de fazer com o público e não podemos dizer que a programação não pode ir mais além por causa do público mas também temos que ter essa responsabilidade. O público não pode dizer que a programação não amadurece quando nós temos que tentar ser minimamente sustentáveis... Portanto, eu classifico a nossa programação de eclética e que tenta não se pautar pela mediocridade, ou seja, o nosso fim de programação não é só a taxa de ocupação; também é mas não é só. Neste momento temos a possibilidade de ainda pensar assim, ainda temos essa possibilidade. Graças ao executivo, às opções políticas e orçamentais que eles fazem no início do ano. Sem isso era impossível. Portanto, ainda dá para manter os parâmetros que uma boa programação tem que ter: variedade das áreas performativas, criadores de referência nacional, e depois há muitas outras coisas a fazer.

Agora que falaste nisso, não era minha intenção perguntar mas parece-me interessante saber: essa programação é definida entre ti e a vereação, mas o orçamento, é definido através da vereação ou participas também?

Participo.

Ou seja, no orçamento anual para a cultura do município?

Também. Aí, entre a chefe de divisão, o departamento financeiro, a vereação, e mediante o que se fez, a análise dos gastos do trimestre anterior, eu mais na parte das questões de produção e programação e equipamento técnico, a Cristiana mais na parte administrativa... e sim, há considerações a ter, há a participação em rede já prevista. É claro... imagina que tens acordos tri- anuais, no ano seguinte fazer um orçamento zero não podes, há coisas que é preciso ir vendo... nós já temos uma coisa marcada para 2016 e outra apontada a outro projecto, pelo menos tem que se contemplar isso. Neste momento que tem isso mais presente na cabeça sou eu e é claro quando se define um orçamento, o chefe de divisão e o vereador vão-me chamar e vamos discutir em conjunto, e depois vamos ver em que é que podemos reduzir. Este ano tivemos que reduzir, e reduzimos... tentando ainda manter a qualidade nos serviços e na programação.

4. Quando se apresenta determinado espectáculo pensa-se no público a que se dirige?

Há várias maneiras. Tu podes pensar no mês que estás, na data que tens livre e se ela está inserida em alguma data festiva, nalgum mês festivo ou perto de algum tipo de programação já aqui fechada no Teatro. Portanto, tens de pensar... é uma equação, cada data é uma equação e tu não podes estar a programar um espectáculo de dança neste sábado quando tiveste um espectáculo de dança no sábado anterior.

Isso iria perguntar mais à frente... a questão da distribuição temporal...

Ou seja, mas se tiveres um espectáculo de dança de uma academia no Cineteatro, não vejo qualquer mal tu programares no fim-de-semana a seguir porque tu podes nesse fim-de-semana, que tiveste provavelmente casa cheia, a comunicação desse espectáculo através de flyers; portanto depende, mas pensa-se no público-alvo e no target de público, pensa-se para quantas pessoas será esse espectáculo.

5. Os espectáculos pretendem atingir diferentes esferas da sociedade e diferentes gerações?

Sim. Sem dúvida!

6. A programação do CTA assenta unicamente em espectáculos apresentados para o público ou faz parte da vossa estratégia programática a criação de espectáculos com o público e/ou comunidade? As duas coisas.

6.1 De que forma? Quais as estratégias programáticas para envolver a comunidade?

Ora bem, neste momento está a ser pensado... há várias maneiras; tu podes, de um espectáculo retirar com os criadores, com o criador-mor ou com elementos da companhia ou da banda, momentos de partilha de conhecimento, como workshops, oficinas ou assistir a sound-checks, concertos comentados, o que for em que área for, visitas aos bastidores, se houver um cenário enorme, se houver um guarda-roupa espectacular, podes sempre colocar a comunidade a participar nisso. Depois há aquela parte em que a comunidade participa nos ciclos que oferecemos aqui, posso-te dizer que há um que é o ciclo de Bandas em Concerto, nós temos aqui cinco bandas filarmónicas no município e criou-se aqui um ciclo em que elas têm que vir pelo menos uma vez por ano dentro de um apoio que é dado às associações para fazer um concerto, ou seja... Depois há encomendas esporádicas, ou seja, na dança é normal recebermos uma criação de uma academia aqui de dança, isto tudo com a comunidade. Depois há uma ou outra encomenda... fizemos este ano uma encomenda para o Festival do Pão a uma oficina de teatro jovem; no ano passado foi o Museu de Ceia que fez uma recriação histórica, este já nós é que sugerimos, isto vinha de um apoio que era concedido porque eles participavam, concorriam ao projecto PANOS da Culturgest, este ano eles não se identificaram muito com o que ia acontecer então nós propusemos eles fazerem algo em três actos que estreasse no fim-de-semana antes do festival do pão e que pudesse lá dividir-se em três partes para poder haver algumas recriações no evento, ou seja, é uma espécie de desafio, encomenda, digamos assim. E depois está a ser pensado uma espécie de concerto comunitário, ou seja, concerto com participação da comunidade, onde se fazem inscrições e depois são chamados um ou dois músicos, coreógrafos, maestros, encenadores, digamos assim para produzir ou criar o espectáculo. Portanto, há esses três níveis. O nível que tem sido menos trabalhado é o que recebe a comunidade, trabalha e faz um espectáculo.

Todo o processo, não é!?

Posso-te dizer, há uma Oficina de Teatro de Idade Maior que vai apresentar um espectáculo em Novembro e isso é um espectáculo com a comunidade. Agora, o projecto como fizemos...

Ou seja, não é uma associação que está a promover, são vocês...

Também, também... é isso que eu te estou a dizer, ou seja, o desafio pode partir de nós ou de uma associação. No caso da Oficina de Teatro de Idade Maior paga-se aos encenadores, mas é o município que promove, não é essa associação.

7. No fundo essas acções que envolvem a comunidade também são dirigidas a todas as gerações, não é só para crianças e jovens. Abrange todas as faixas etárias...

Mais ou menos...

Porque a maior parte são promovidas pelo SAC, correcto?

Algumas, nem todas. Por exemplo, o ciclo Bandas em Concerto é o público familiar, vem desde o neto ver o avô porque o avô está a tocar...

Essa é a acção talvez mais transversal, não é?

É. São quase todas. Até, por exemplo, tivemos agora aí uma criação do SAC que devido às características da equipa, que são músicos ou têm algumas valências, digamos assim, de representação, fizemos uma criação própria, mas isso é com a equipa interna, não se chamou ninguém da comunidade. Mas houve um espectáculo para bebés, bebés até aos 36 meses, tivemos uma actriz, uma violinista e uma professora de teoria e formação musical, que são profissionais do município, que nós contratámos para desenvolver esse projecto conosco. Aí também há essa... faz-se isso. Ou seja, aí tiveste um público diferente, bebés mas os pais tinham de vir a acompanhar. Este foi famílias, portanto tiveste pais e filhos, ou avós e netos. Para o público pré-adolescente, adolescente e universitário, digamos assim, não tem sido feito nada desse trabalho para eles; até porque é um

público muito ausente ainda. Não temos pólo universitário, quando regressam é só ao fim-de-semana e muitas vezes não têm tempo para estar a fazer este tipo de coisas. A programação no Café-Concerto, porque muitos deles também regressam às 5^{as} feiras e alguns nem estão a estudar assim tão longe, alguns estão a estudar aqui em Aveiro ou em Coimbra e outros no Porto, também tem sido muito a pensar neles. Mas criações com a comunidade e as gerações abrangidas é basicamente o público familiar. Portanto, acabas por abranger todas. Pode haver um ou outro espectáculo que é para a idade maior ou para bebés, mas basicamente é familiar.

8. De que modo são planeadas as oficinas, workshops, ateliers, debates? Fale-me um pouco acerca das intenções destas iniciativas.

Vamos entrar agora numa nova fase. Há ideia de entrar numa nova fase que é: as pessoas estão habituadas, o nosso público já se habituou, a que haja um criador de referência – o último workshop foi este fim-de-semana com o Paulo Ribeiro, ele fez um workshop na mostra educativa – mas agora vamos entrar numa nova fase, é uma coisa muito devagar ainda, vamos promover, pelo menos, mais um workshop ou um momento de partilha de conhecimento, pode não ter que ser workshop, pode ser uma conversa, um debate, uma entrevista, qualquer coisa fora do contexto da programação, ou seja, um acrescento à programação. Pode-se dar um exemplo: podíamos fazer uma conversa com um capitão de Abril, imagina isto; ou qualquer coisa que trata-se, como é que eu hei-de explicar, por exemplo um workshop de videomapping na sala principal num domingo de manhã por exemplo. Nós o que fazemos é: há um criador de referência e marca-se um workshop, se houver dois... o que for possível. Por exemplo no âmbito do teatro, da dança ou da música, embora música haja muita oferta aqui por causa do conservatório, portanto nós não precisamos de suprir essa lacuna porque eles já têm muita oferta nesse sentido. E isso é retirado da programação, ou seja, no trimestre anterior tivemos cá o “8 Mulheres” e Ângela Pinto fez um workshop que se chamava “ser actor” de 2h. Este trimestre tivemos o workshop do Paulo Ribeiro, sobre a escrita coreográfica do solo dele. E basicamente é isso.

Mas desculpa lá, para eu ficar elucidado... consideras que é parte integrante da programação ou são complementos à programação?

Neste momento é parte integrante. É parte integrante do CTA as que são programadas neste equipamento.

9. Grande parte dessas acções são promovidas pelo SAC (Serviço de Aprendizagem Criativa), que é um serviço do município comum a outras instituições, correcto?

Dos equipamentos culturais, sim. Portanto, por exemplo imagina... nesta agenda, por exemplo, há aí um workshop de dislexia, mas ele é desenvolvido no âmbito da educação, programa municipal de educação, e não no âmbito do SAC. Pretende partilhar ferramentas a uma comunidade educativa e não numa perspectiva artístico-performativa, estás a entender? E nesse caso, não. Agora, um atelier de escrita criativa, um workshop de ilustração, mesmo acontecendo na Biblioteca, é programação.

Programam como se tratasse de um espectáculo?

Sim, sim.

10. As artes do espectáculo são as áreas artísticas de destaque na programação apresentada, acrescentando o Cinema. De que forma se distribui a programação pelas diferentes áreas?

. Quais as razões que originam essa distribuição?

Ok. Então é assim, basicamente a área mais forte, com mais público e tudo e tudo é a música. Mas eu não acho que tenhamos aqui nenhum público especial e que seja diferente do resto do país; e acontece, pelo menos, uma vez por mês. Isto é, um grande concerto por mês.

O que é que consideras um “grande concerto”?

Olha, há orçamentos, há targets, há trabalhos, há nomes, há tops; percebes?! Estou a falar no âmbito do pop/rock.

Já agora desculpa interromper, no pop/rock... porque eu reparei que há muitos concertos de fado também. Consideras isso também um “grande concerto”...

Sim. Ou seja, eu não te quero falar numa perspectiva de “top+”, mas ela é incontornável. É claro que não é só o pop/rock que atinge... claro que há outros artistas fora deste contexto até se calhar mais populares, mas que, para já, não têm lugar, não temos feito.

No fundo, nomes reconhecidos nacionalmente...

Sim, há nomes que são referências, quer queiramos quer não e fazemos sempre que haja enquadramento e espaço para eles.

Mas é vosso objectivo uma vez por mês?

Sim, fazer uma vez por mês um concerto desses. É claro que depois há momentos, ou seja, o primeiro trimestre do ano civil, nós costumamos fazer um ciclo do fado, logo agregado a um grande concerto de fado ou um grande artista de fado, fazemos depois um pequeno ciclo à volta. Isso tem sido assim desde há três anos. Depois é-nos difícil fazer nos outros trimestres mais qualquer coisa sobre fado que é para garantir o sucesso naquela data.

Então com essa distribuição, depois nos outros trimestres não fazem essa aposta no fado precisamente para concentrar...

Sim. E agora estamos a tentar estabelecer um outro mas está ainda dissimulado nesta agenda que é o do jazz, que vamos começar agora, mais ou menos, em Maio; e para o ano vamos empurrá-lo um bocadinho mais para a primavera. Vamos ter o espectáculo anual do curso profissional de jazz do CMJ e no Café-Concerto a seguir vamos ter o octeto João Guimarães, um saxofonista de referência na área do jazz em Portugal, é um dos nomes maiores do jazz em Portugal e vai cá estar com o octeto... e tentámos, mas à última da hora não conseguimos, trazer uma exposição sobre o jazz em Portugal e estabelecemos vários contactos até à última, oferecemo-nos até para remontar a exposição mas não foi possível, mas é uma primeira experiência para o ano, eventualmente, alargámos. Eventualmente, para o ano, um dos grandes concertos pode vir a ser, como o do fado, ou seja, fazemos um grande concerto de jazz, vamos imaginar um Mário Laginha ou um André Fortes, ou um Óscar Graça ou uma Orquestra de Jazz de Matosinhos, um grande concerto de jazz e depois este concerto anual do conservatório, mais o Café-Concerto, mais um ou outro workshop, e nunca se sabe quando é que um pequeno ciclo destes se possa transformar num festival.

Depois, na parte do erudito, digamos assim, vai havendo os protocolos que temos com o DeCa, vai havendo aqui no Café-Concerto, mas as próprias bandas no ciclo Bandas em Concerto já têm um reportório erudito, não só festivo. É um reportório de concerto em sala, portanto há várias coisas que eles vão apresentando aqui. E nós temos três concertos protocolados com a Orquestra Filarmonia das Beiras, um concerto de natal, um concerto no âmbito do programa municipal de educação, que é o música na escola, e depois um terceiro concerto que por norma acaba por ser numa participação com uma outra banda ou um outro programa que eles têm. Portanto, o que é que resta aqui?! O pop, rock e indie, e depois aí tentamos abranger, como estávamos a falar à pouco, as várias faixas etárias. Temos desde Dead Combo ou Luísa Sobral, que canta aquele novo álbum para crianças, até ao Paulo Gonzo ou à Simone d'Oliveira, que por acaso ainda não fizemos por uma questão de opção; portanto, aí tentamos abranger os vários tipos de público.

E aí temporalmente também distribuído? Não concentrado como a questão do fado...

Sim. E se vires na programação, se calhar a mais atípica acaba por ser sempre o 2º trimestre porque nós temos quatro datas de festim protocoladas. Ou seja, tivemos os Lucky Duckies, que foi uma oportunidade - mas não podemos dizer, nem é, uma banda de referência como foi Amor Electro ou Carminho, como Pedro Abrunhosa ou Luís Represas, como vai ser Miguel Araújo ou outros que já tenhamos em mente e fechámos para o Albergaria conVida – mas foi uma oportunidade e foi uma semana difícil porque a agenda podia não estar e então estarmos a fazer um grande concerto – entraram aí outras questões –; depois o Festim, que é um protocolo tripartido em que o município entra com uma associação de Águeda, e vamos ter cá o Richard Bona. Portanto, acabámos por ir buscar três momentos em que não tivemos que programar só nós. Estás a perceber? Noutros

*trimestres tens que os fazer tu, ou seja, ir buscar esses nomes. Na música é assim que se distribui, além do Café-Concerto que agora tem uma outra estratégia e que está a resultar muito bem. No Café-Concerto do 1º trimestre tivemos aqui quase 180 pessoas. Tivemos aí um tributo a Ornatos Violeta, também era pessoal daqui de perto e trouxe público ao CTA que nunca cá tinha estado e correu muito bem. E estamos a fazer, ou projectos da região, além do que está protocolado, seja com a universidade seja com o CMJ, ou bandas emergentes sempre que possível ou inserido numa tour, uma espécie de... um bocadinho mais que a Fnac, estás a perceber?! Tentamos dar esse tipo de palco e tem corrido muito bem. Conseguimos fechar com os D'Alva, Mirror People, conseguimos fechar com os Salto. Na música é assim.
No teatro...*

Pois... eu entretanto ia perguntar se tinham uma estratégia para cada uma das áreas, mas já percebi que sim... (risos)
Já percebeste que sim (risos).

Agora pergunto é em relação às outras áreas?

Exactamente. Mas eu não te consigo dar uma resposta... Umás dependem de todas as outras coisas que eu estou a falar... Depois cabe-te a ti fazer isso... Por exemplo no teatro também são três, mas sempre que possível tentamos trabalhar uma delas com criadores locais, ou seja do município ou do distrito ou da região. E se tu reparares, nas últimas três agendas, incluindo esta, é o que acontece. Temos conseguido, é muito difícil e tentamos fazer sempre uma criação mais popular mas sem ser populista; ou seja, uma coisa é tu fazeres uma criação popular com o Bruno Nogueira mas trouxeste cá o Rosen Crants, ou fazeres com a Ana Bola mas ela vem fazer um solo, um monólogo.

Mas isso quando falas do “popular” não é como quando falas dos “grandes concertos”?

Não. Ou seja, o artista é popular é conhecido, passa na televisão atrai público. Com o Som e a Fúria, se for preciso até o texto é do prémio Nobel da literatura, é um espectáculo multidisciplinar porque traz bailarinos do Quórum Ballet, traz músicos e actores, mas de certeza que não vai atrair tanto público como o espectáculo da Ana Bola, porém o espectáculo da Ana Bola não deixa de ser sério... não estou a falar contra a revista, não é o teatro fácil que atrai pela comicidade, não é que não possa programar isso, mas tu sabes que o teu público vai ser completamente diferentes. Tu podes fazê-lo, mas nós não fazemos em consciência. E depois há a estreia do Pão Nosso de Cada Dia, que é uma encomenda nossa para o Festival do Pão. E são essas três. E fazemos também um por mês... se tu fores a ver e se contares quatro fins-de-semana, já tens o de música, o de teatro, fora o que está programado com a comunidade, fora outros eventos...

(interrupção da gravação para mudar de lado na cassete... probabilidade da recolha não ser integral)

Vamos imaginar Conversa da Treta... Conversa da Treta acaba num sítio onde começa os Sketches de Porco de Preto, um stand-up ou um Comédia a la Carte, e há ali um vazio que nós não preenchemos, onde entra um determinado tipo de companhias e de actores, e não a ver com o facto de ser revista, mas que nós não programamos, não quer que não venhamos a programar. Agora há teatros com textos fortes, isso sim, não serei eu para dizer sérios mas que são de mais difícil interpretação. Há teatros com textos mais mundanos, mais quotidianos, mais fáceis de perceber e até com um cariz muito mais cómico, e depois há a comicidade pura e crítica que é o stand-up. Depois há algumas coisas ligeiras para passar, por exemplo em matines, isso tipo de teatro não temos feito. E depois as produções ou encomendas com a comunidade entram também aqui. Na área do teatro há algumas coisas no âmbito do serviço educativo como o exemplo deste trimestre com o Opostos Bem Dispostos, por exemplo, que foi a criação para este trimestre.

Eu se calhar não usei bem a palavra popular porque não quero que tu penses que eu usei o popular na música, estás a perceber?

Sim, sim, por isso é que eu estava a falar da vossa preocupação com a questão dos textos...

Também há. Sempre que é possível. Se for um texto que é conhecido, tanto melhor, se não se conhecer o texto, conhecer-se pelo menos o autor para se perceber o texto, e sempre que for possível ver. Mas hoje em dia não dá para ver tudo, e em Albergaria-a-Velha passar a vida a ir para o Porto e Lisboa não consigo, não tenho orçamento para isso, não mo dão, não posso andar; portanto, ou me enviam o espectáculo, ou conheces pessoas, ou tens a garantia do criador, ou outra pessoa que já viu e te aconselha, ou já está falado e é uma aposta tua porque não conseguiste fazer determinada coisa mas está falado já para o próximo trimestre aquele, depende de tudo. Mas há essa preocupação, além de que também há uma oferta do curso profissional de teatro com o espectáculo anual que eles fazem cá. Portanto, ou seja, três: tentamos um texto de um grande autor, tentamos outro com um grande actor ou um actor mais conhecido ou uma companhia com actores mais conhecidos, e um com a comunidade. Isto é tudo muito lindo, mas às vezes não acontece assim.

Também temporalmente distribuídos ao longo do ano...

Um por mês, sim. Ah, ao longo do ano? Estamos a falar por trimestre. Ou seja, imaginemos três trimestres que são dois quadrimestres mas que acabam por partir meses a meio, mas imaginemos que temos três trimestres...

Falaste das estratégias para a música, teatro, e...

A Dança... Estamos a fazer um por trimestre, um a dois, sendo que um é uma companhia de referência ou um criador de referência a nível nacional, se for só um... se forem dois, é algo da região ou da comunidade, seja da escola de ballet x, do conservatório y, ou do criador xpto, seja o que for. Mas um por trimestre acontece.

Mas porquê menor predominância no caso da dança?

É uma questão de público também.

O critério é o público?

E a oferta também. Também tem a ver com a oferta e da região onde estás, porque todos os Teatros fazem uma criação de dança também por trimestre e, ou seja, tu se pensares “ok, eu tenho aqui quatro Teatros. O que é que eles têm de dança neste trimestre? Este, este, este e este. Posso ir ver os quatro.” Agora imagina eu fazer três, não tenho público na região para isso nem em Albergaria. E também tem a ver com isso. Às vezes um por mês já tem que ser bem comunicado, é difícil, e tem que ser algo que atraia bem as pessoas e que prima pelo, ou diferente e que acrescente ao que já foi feito porque se for mais do mesmo as pessoas demitem-se um bocadinho.

Depois no multidisciplinar, há aqui uma aposta no stand-up, pelo menos no Sketches de Porco Preto.

Diferencias o stand-up do teatro?

O que é difícil. Há anos em que já fizemos stand-up e teatro no mesmo mês, e já houve anos que por fazermos stand-up já não programámos o teatro.

Mas como o Sketches de Porco Preto acaba por ser quatro espectáculos num, digamos assim, porque são sets, 20min a cada um com intermediação, acaba por ser ali uma injeção de stand-up que depois num ano acaba por só haver lugar para mais uma criação de stand-up. Mas por exemplo, o Estamos Todos, do José Pedro Gomes, que eu considero teatro, cómico mas é teatro, e não é stand-up. Isto é uma das diferenças: o stand-up tem dead lines e tem muito de representação mas não há um guião encenado, e nem que seja por aí fazemos essa diferenciação.

Cinema, precisas que fale?

Sim. Era para aí que eu ia agora, porque ia perguntar se é promovido pela vossa instituição.

É, somos nós.

Não é um cine-clube ou uma outra associação e integra a vossa programação?

Exactamente. E fazemos duas vezes por mês. A estratégia é fazermos programação de cinema... nós só conseguimos três a quatro semana logo a seguir à estreia dos grandes filmes em estreia no cinema e publicitados na televisão. Mas se nós anteciparmos a comunicação quando eles estreiam, o público

– e isso também é um papel que eu acho que é um serviço público que nós oferecemos – e acabamos por não fazer uma grande concorrência por só apresentamos dois filmes por mês. Ou seja, as pessoas acabam... como antecipamos a comunicação, as pessoas, por exemplo, eu queria fechar mas já não vou conseguir fechar a programação de cinema em Maio de filmes que estão agora a estrear esta semana. Ou seja, as pessoas esperam e vêm aqui ver. Porque ir ver um filme ao cinema a Aveiro, para já são 5,5€ um bilhete, aqui são 3€, com desconto paga-se 2€, para a Aveiro tens que gastar gasóleo, aqui não gastas gasóleo, o ecrã é grande, a sala é confortável, o som é exactamente igual, e tem corrido bem. É uma área disciplinar, digamos assim, que acaba por se pagar a ela própria.

Mas pergunto o porquê de só duas vezes por mês...

Sim. Porque também tem a ver com os recursos humanos. Sabes que é muito complicado gerir os recursos, já à sexta e sábado é difícil quanto mais domingo. Há aqui um número de pessoas, de escalas, de horas extra, etc, que é difícil de gerir, por isso é que só fazemos dois domingos de cinema e mesmo assim às vezes há... por exemplo, se reparares, há domingos em que há cinema, espectáculo de SAC e às vezes há outras coisas da comunidade, portanto não há espaço para muito mais.

14. Quais os critérios de selecção de filmes?

Inverno fazemos sempre um filme infantil por mês. Para promover a vinda ao CTA das famílias e também porque é rentável, é dos mais rentáveis, temos aí sessões que esgotam, 500 lugares ou 477 vendáveis. Mesmo a 3€ rentabilizas logo o cinema e tu fazendo um trimestre rentável, que é o trimestre do inverno, em que as pessoas saem menos e vêm mais ao cinema, tu acabas por poder em determinados momentos – por exemplo este trimestre não vamos fazer porque não há aí nada de oportunidade – apostar em cinema português. Ou seja, fazemos aqui o pré-lançamento da Famel Top Secret, o pré-lançamento do Pecado Capital, conseguimos fazer isso. Este trimestre já estou aí de olho, mas provavelmente só vai estrear para início de 2016... mas os critérios são: ou laureados, tivemos aqui a Teoria de Tudo que foi o filme escolhido dos laureados, porque é um filme que mesmo que tenha passado algum tempo as pessoas pensam “olha, não fui a Aveiro mas vou agora aqui ver, vou vê-lo aqui em grande ecrã”. Mas os critérios acabam por ser: filmes conhecidos, que estejam em cartaz nas grandes salas de cinema em Portugal, porque temos um projector digital, se não fosse não podíamos fazer, e não aquele ciclo de cinema indie ou de autor para aficcionados porque nós não nos podemos dar ao luxo de abrir uma sala destas para quatro pessoas ou para cinco; o que não quer dizer que não possamos fazer - inserido em determinado ciclo ou festival - um ciclo de curtas, um ciclo de cinema português, mas inserido em algo em que se possa acrescentar isso, mas os critérios são esses, não fazemos cinema alternativo europeu ou outro.

15. A Literatura e a Artes Visuais integram a programação do CTA?

As artes visuais só se inseridas num espectáculo. Houve uma ou outra proposta, e eu sou um bocado aficionado das artes visuais, mas não tem havido tempo e... como é que eu te hei-de explicar. Gostávamos de começar, como te disse à bocado, pela formação de públicos nesse sentido, ou seja, nós fazemos aqui algumas produções locais e produções próprias ou ajudamos a produzir algumas coisas com as colectividades – também é um dos nossos papéis – mas não temos nenhuma black box, nenhuma incubadora de espectáculos, mas temos o Teatro e quando há alguma proposta a equipa acaba por tentar ajudar nessa produção. Gostaríamos de começar mais pela formação, seja na área do videomapping, seja num especialização de luz, seja o que for, para depois, integrado eventualmente, trazer uma criação que esse público pudesse usufruir e depois atrair alunos do curso de ETC da Universidade de Aveiro; mas isso é um trabalho que está por fazer, não vais encontrar nada disso nas nossas agendas porque ainda não foi feito nada nesse sentido.

É um plano futuro?

Sim. Mas quando outras coisas estiverem cimentadas. Há outras coisas que ainda são prioridade. Houve um espectáculo que tinha um denário mapeado, que foi o da Sandra Barata Telo, que foi o Morreste-me, que eram umas caixas que eram mapeadas e eu desafiei a Sandra e o iluminador a fazerem um workshop, mas não havia a possibilidade de ele vir um dia antes para fazer o workshop.

Percebemos depois, falando com ele, que era mais uma projecção mapeada do que videomapping, e ainda não conseguimos ir por aí.

Em relação à literatura, como temos uma Biblioteca com Programação forte e que tem uma programação no âmbito da apresentação de livros, conversa com autores, acho que não precisa de ser o Cineteatro a suprir isso. Agora, quando há espectáculos com esse âmbito, fazemos. Temos aqui as Palavras Possíveis, que acontece no Café-Concerto e é um espectáculo multidisciplinar acerca da poesia.

No fundo, apresentada pela forma de espectáculo. E relativamente às exposições?

Começámos por fazer três por trimestre, mas o horário em que o Cineteatro está aberto a exposição nem respira, quase não se tem conhecimento, e estamos numa periodicidade de duas por trimestre. Tentamos sempre, mas é muito difícil até porque... como é que eu te hei-de explicar isto... Pelo Teatro ser municipal há uma questão de separação de promoção de privados que é preciso ter cuidado, porque depois há critérios pelo princípio da igualdade, seja regional, do artista regional, local ou nacional, que depois podes não conseguir cumprir e então é preciso ter cuidado. E não conseguimos ter mais exposições no âmbito da arte contemporânea. Já tivemos no âmbito da pintura e do desenho, mas por exemplo da escultura não conseguimos. Tentamos sempre uma exposição documental com base no trimestre de programação - este trimestre temos uma exposição da associação José Afonso, que está lá em baixo, uma exposição fotográfica e documental do Zeca Afonso – e vamos ter agora uma que ainda está em sigilo e que está prevista para Junho mas que não saiu em agenda porque podia não se confirmar. Ou seja, a baliza é: uma documental, outra de artes plásticas. Mas nem sempre é fácil.

Então aí a estratégia mudou...

Mudou; era três passou para duas porque...

Valoriza...

Sim, valoriza. Porque repara, tu precisas de dois, três, quatro dias, isto é quase uma semana de trabalho, para montar e desmontar uma exposição; fica três semanas disponível ao público, o Cineteatro abre à 4ª feira da parte da tarde a pouca gente vem ver a exposição, depois está 5ª, 6ª e sábado, nem sempre ao domingo, mas está três ou quatro dias aberto num horário pós-laboral e há pouca gente que vem. A Biblioteca não, está aberta todos os dias, excepto ao domingo e então as exposições têm acontecido mais vezes lá. Pronto, esse é o critério das exposições aqui. E se pudermos oferecer, por exemplo tivemos aí o ciclo do teatro em Março e tivemos uma exposição do João Villaret. Tentamos sempre fazer um complemento, esse é o critério para as exposições. Ah, embora haja aqui uma exposição permanente, contínua digamos assim, que já te referenciei (na 1ª entrevista) dos 65 anos do CTA que este trimestre o SAC em conjunto com os cursos profissionais do CMJ vamos fazer uma visita dançada à exposição e uma visita encenada em Maio.

E depois há o espaço Café-Concerto e o SAC. O espaço do Café-Concerto acho que já te disse quais são os critérios de programação. São quatro 5ªs feiras num mês.

E depois tenho aqui um grupo de questões que tem a ver com o Café-Concerto, mas podes falar...

Porque o Café-Concerto também acaba por ser multidisciplinar, acabamos por programar um pouco de tudo. A grande maioria, para aí 60 a 70% é música, mas pelo que está protocolado com o CMJ acabamos por ter dança e alguns momentos de teatro no Café-Concerto. E eu também já te disse qual é a estratégia de programação no Café-Concerto. No âmbito do SAC, oficinas, workshops ou criações e produções próprias. No âmbito de SAC há sempre um a dois espectáculos que fazemos para a infância e famílias, ou pelo menos que criem hábitos do público mais jovem virem ao Teatro e não só ver cinema infantil e os Pandas e as Xanas Toctocs, ou seja, que potencie já hábitos de crítica artística, nem que seja em família; os workshops e as oficinas no âmbito da programação; mediação do que está programado, como seja o caso das visitas guiadas, visitas-jogo ou visitas-danças... e depois há as dos outros equipamentos, Aos Sábados Conto Contigo que é uma actividade de promoção e mediação da leitura e há outras actividades em eventos, ou seja, no Albergaria conVida provavelmente vão acontecer umas coisas que não te posso revelar para já, mas também não é nada

assim sigiloso, são coisas de proximidade e até de divulgação da agenda, no Festival do Pão o facto do desafio que fizemos à Oficina do Teatro Jovem que pretender trabalhar as marcas do território no âmbito da rota dos moinhos que temos em Albergaria e da farinha Alba e dos processos de manufacturação e das tradições. Isso é estratégia do SAC.

Já agora que se está a falar disso e para fechar este grupo, depois continuamos para a próxima, pergunto então, para ficar elucidado, tanto o Café-Concerto como o SAC consideras que são serviços, projectos integrantes da programação ou projectos paralelos?

Como sou eu que os penso a todos, minimamente... vamos dizer assim: o Café-Concerto, apesar de ser um espaço diferente, é um espaço alternativo, não é na sala principal, é parte integrante da programação. Acontece à 5ª e depois acontece no fim-de-semana em que está programado.

Mas é parte integrante da programação?

È parte integrante da programação.

Não consideras um serviço paralelo à programação?

Não. O SAC é um serviço como o nome indica, um serviço de mediação do código artístico, seja ele performativo ou não, ou plástico, ou de criação de hábitos, de consumo das artes do espectáculo ou consumo de cultura. Mas como tem a participação de uma equipa de vários equipamentos, ou pelo menos de outras pessoas, é mais uma questão de coordenação e programação minha do que propriamente só programação minha e do vereador; ou seja, trabalha-se muito por projectos. Uma coisa é eu retirar de um espectáculo um workshop ou um momento de partilha de conhecimentos e programar um espectáculo de criação de hábitos de consumo, tirando isso, passa muito por captação de sinergias, como é o caso da visita-dança e da visita-encenada, de contratação, ou pelo menos de motivação, digamos assim, de artistas locais para criar connosco no âmbito das nossas criações próprias, e quando mete os outros equipamentos na produção conjunta ou na partilha conjunta de todas as propostas pensadas e coordenadas mais por mim, digamos assim. Portanto, acaba por ser parte integrante do CTA, sim, mas como abarca um bocadinho de todos os equipamentos – não são assim todos porque no arquivo municipal não acontece assim tanta coisa do SAC – acaba por acontecer mais no CTA e na Biblioteca.

Já agora... começaste a conversa a referenciar que a programação no fundo é um trabalho entre ti e a vereação no processo de escolha, mas, para eu perceber, é mais os espectáculos na sala principal, é isso?

E Café-Concerto e eventos. Tu podes ver, por exemplo, o Festival do Pão e o Albergaria conVida, que são eventos fora da cidade, e depois vai haver a animação de verão, quem está a fazer essa programação sou eu e o vereador. Café-Concerto também sou eu que faço...

Com a vereação?

Sim, embora se calhar até tenha mais autonomia no Café-Concerto do que na sala principal; o vereador pouco ou nada se mete no Café-Concerto, tirando uma ou outra proposta, “veja lá se interessa”. É fácil... no SAC também tenho quase autonomia total e no âmbito dos outros eventos há uma partilha forte.

Mesmo nas exposições?

Sim, as exposições sou eu com ele. Isso sim. Mas sim, a intervenção da vereação é mais na sala principal, mas não em todas as áreas. Tem havido alguma confiança. No âmbito do SAC há uma partilha maior entre equipamentos.

19. A estratégia programática assenta na perspectiva de partilhar com a comunidade aquilo que se sabe que é do seu agrado ou, por outro lado, pretende apresentar modelos e projectos desconhecidos de grande parte da comunidade?

Acho que já respondi a isso. É um equilíbrio entre os dois. Se tu só disponibilizares o que é desconhecido cria distância entre as pessoas e se o código for muito distante o público não se

identifica e não vem. Podes ter a melhor programação mas se não houver cuidado com o território onde estamos inseridos não faz qualquer sentido. Assim como também se tu só dás aquilo que as pessoas pedem, sugerem, e não faltam sugestões e pressões e essas coisas todas, vais acabar por não estar a fazer um serviço público, no meu entender como um Teatro Municipal deve fazer. Portanto, o mais difícil neste caso é o equilíbrio, sabendo que este equilíbrio nunca vai ser uma linha recta, vai ser sempre serpenteada.

20. Como se processa a escolha dos grupos/companhias que actuam no CTA? Fala-me sobre os critérios...

É uma equação que parece muito simples, parece que é ir só ao catálogo e escolher, mas os critérios vão desde: a área artística ou área performativa, a ligação com o território e com a comunidade, orçamento disponível, historial da companhia, a aposta que o município quer, a linha e o enquadramento com o que está a acontecer neste momento no concelho, ou seja, datas assinaláveis, datas festivas, conjugação com outros eventos no município. Portanto, como nós não podemos – quer dizer podemos, mas não nos convém – programar isoladamente - não é aconselhável – tentamos ter sempre o máximo, prever o máximo e ter o máximo em questão porque tudo o que vai acontecer é impossível saber. Bom... ou seja, enquadramento, orçamento, o historial da companhia, qualidade da companhia, a veia artística, expectativas do público, gosto pessoal do programador, aval político, portanto, já te disse oito... Percebes? É tudo tido em conta e às vezes não é suficiente. Eu vou dar-te um exemplo: no próximo fim-de-semana temos aqui a Ana Bola que provavelmente é uma programação de teatro popular, não é um projecto de companhias mais independentes como os Artistas Unidos, por exemplo, não é nenhuma nova abordagem a Shakespeare, não é uma produção do DMII, não estamos a falar de algo muito erudito; porém, nós programarmos isto e de repente, passados dois ou três meses, mudam a data de um evento âncora em Albergaria, o CMJ decide fazer o espectáculo de encerramento do ano lectivo e convidar todas as famílias, e a verdade é que num concelho com 25 000 habitantes não há público para isto tudo, alguma coisa vai sofrer, todos, e provavelmente o nosso sofre mais consequências. E isto às vezes não consegues prever. Portanto, mesmo respondendo àqueles critérios de que te falei, pode acontecer isto.

21. Quais os factores internos e externos que influenciam a escolha? Por exemplo, calculo que as digressões sejam um factor externo que acabam por facilitar ou dificultar a passagem pelo CTA.

Sim, claro. Factores externos muitas vezes as criações das companhias, oportunidades que surgem, seja a nível internacional ou nacional, embora a nível internacional esteja muito ligado aos ciclos. Os internos... há uma coisa que pode influenciar sempre muito é a mudança do executivo; a outra questão que pode influenciar são as condições municipais para continuar com esta programação ou não, e não estamos a falar só de recursos financeiros, pode haver recursos humanos – imagina que há uma pessoa da equipa que adoece – mas há montes de factores que podem influenciar. No âmbito da programação, tirando aquilo que te disse e os factores externos que mencionei agora não estou a ver mais nada.

Mas diz-me uma coisa: esses oito critérios que referiste...

Mas há mais... (risos).

...esses oito critérios que referiste aplicam-se a todas as áreas artísticas e a toda a forma como é delineada a programação e até mesmo à distribuição temporal, por exemplo?

Aplicam-se às aquisições. Depois há toda a programação que feita com as instituições e associações do município – estamos a falar de bandas filarmónicas, associações de cariz criativo que possamos fomentar, suscitar ou encomendar algumas coisas no âmbito, por exemplo, do Festival do Pão - portanto, há um outro trabalho que alimenta a programação, até no âmbito do Café-Concerto com os protocolos com o CMJ e a Univ.Aveiro, com a Filarmonia das Beiras e o acordo tri-partido que temos com a D'Orfeu no Outonalidades; isto para te dizer que a programação não se cinge a datas livres e depois adquirir criações, há também essa questão e um trabalho que é feito com a comunidade. Há associações que têm conteúdos artísticos que querem apresentar, concertos que nos vêm propor em que nos pedem cedência da sala e isso traduz-se, muitas vezes, em programação

interessante para nós, ou outras coisas que a sala acolhe mas isso, digamos, não é programação cultural, ou seja, conferências, congressos, etc. Isto para te responder que as influências são também internas. Posso dizer-te, por exemplo, para o próximo trimestre vamos ter aqui um encontro de molinologia, no âmbito dos moleiros e dos moinhos em Albergaria-a-Velha, mas isso pode ser favorável para a nossa programação, ou seja, o encontro provavelmente vai ser internacional e aproveitamos esse capital humano que vai estar em Albergaria para termos uma programação a que eles podem responder favoravelmente. Portanto, isto é um factor interno porque é no âmbito de uma marca do território, externo por causa das pessoas que vai atrair, e isto influencia a programação porque se não acontecesse eu provavelmente não pensaria na programação que estou a pensar.

23. e 24. A integração de espectáculos de grupos ou companhias internacionais na programação obedece a que critérios? O que se pretende com a apresentação de projectos internacionais?

Nas funções em que estou neste momento, internacional – fora do âmbito dos acordos, dos ciclos ou das redes – eu não estou a lembrar-me que tenhamos feito. Há programação internacional, mas é feita no âmbito do Festim ou feita pela programação em rede com a CIRA.

A programação internacional é promovida em parceria com instituições...

Tem sido.

Mas vocês têm algum objectivo concreto com a programação internacional? Estão ou não preocupados com isso?

É uma questão a desenvolver. Isto porquê? Há duas maneiras de pensar a programação internacional, seja no âmbito local ou regional. Se tu tiveres uma marca turística muito forte no âmbito local, que atraia pessoas de toda a região ou de todo o país então podes pensar nisso de uma maneira local, se não tens sempre que pensar de uma maneira regional, por isso é que falava no âmbito da CIRA, ou seja, pensar em dinâmicas internacionais para atracção de público para a região, isto é uma maneira de pensar internacional; a outra maneira de pensar internacional – claro que isto é a minha opinião – é pensares o que é que podes acrescentar a nível internacional que não tenha a nível nacional, seja na complementaridade seja no que não há, e neste momento ainda há muito trabalho a fazer a nível nacional, pensamos nós sendo uma casa eclética de cultura – mas esse ecletismo não prevê nenhuma linha, por exemplo, tu separas muito bem o S.Luiz do Maria Matos, e são os dois municipais, mas nós em Albergaria não podemos fazer isso. É claro que surgem oportunidades - e já têm surgido propostas de co-produção muito interessantes – mas neste momentos não tem sido possível avançar. Ou seja, o que está pensado a nível internacional é o que eu te disse, isto é, local, regional ou de complementaridade ao que é nacional, e se for uma oportunidade interessante – como já surgiram três ou quatro – mas que foge ao orçamento... não é possível. Além disso, há o aval político, a vereação ou a presidência podem ter outro entendimento.

26. De que forma a programação do CTA está relacionada com as propostas da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro)?

A perspectiva – e que nós dissemos no âmbito dos programadores – é que nós beneficiámos sobretudo a nível financeiro porque há uma verba proposta para aquilo e nós acabamos por ter programação financiada a 75%...

75% da vossa programação?

Não. A programação que era no âmbito da CIRA é que era financiada a 75%. É diferente.

Claro.

Mas isto é uma falsa questão. A rede de programação da CIRA e esta rubrica, pelo que sei, não foi pensada no âmbito de ter financiamento para programarmos, foi pensado numa questão de região e no âmbito de ter oportunidade para se programar determinado tipo de criações que, provavelmente, nos territórios dos 11 municípios não havia oportunidade, ou seja, tentando responder à tua questão: foi benéfico para Albergaria no sentido em que se relacionou com municípios mais experientes e menos experientes e acabou por se situar neste sentido e aprender com toda a gente...

Desculpa interromper... tu, Pedro Teixeira, participaste...

Participei numa fase seguinte, não participei desde início, por causa da mudança de executivo comecei a participar.

Participaste nas tomadas de decisão em conjunto?

Na parte em que eu entrei já não havia grandes coisas a decidir, ou praticamente nada, apesar de haver um grupo de trabalho ao início.

Mas neste momento integras esse grupo de trabalho?

Não, neste momento está ainda a concurso.

Através do Portugal2020...

Só depois é que... não sei se vou integrar esse grupo. Eu não, Albergaria, não sei se vai integrar esse núcleo duro e se se vai seguir os mesmos moldes do antigo quadro.

Mas interessa-vos integrar?

Não sei, depende dos moldes, depende das condições que forem criadas. Ou seja, voltando à questão original dos benefícios...

Se quiseres falar de alguma proposta concreta...

O que eu vou partilhar foi do entendimento geral. O benefício é esse, é o enquadramento, a aprendizagem e a oportunidade de fazer programação que provavelmente não faríamos sozinhos, ter outra capacidade de atrair criações a um bom preço que oferece uma escala diferente – uma coisa é negociares um espectáculo, outra coisa é negociares quatro ou cinco - mas é preciso ter cuidado e depende dos espectáculos ou das criações, porque enquanto há espectáculos que não influencia públicos nesta região tão pequena, ou seja, se programar uma coisa aqui e se alguém programar uma coisa passado uma semana ou uma semana antes em Estarreja ou em Ílhavo pode influenciar públicos, e se tu fazes uma programação para públicos locais não influencia nada, se fazes uma programação que sabes que à partida vai esgotar também não influencia nada, se tu fazes uma programação para nicho de mercado para atrair público de outros concelhos vai influenciar e muito; isso é uma questão provavelmente a rever. Tínhamos critérios de programação que não englobava música, tirando a música clássica ou eventualmente algum jazz. Essa rede propunha encomendas que se realizaram, que foram muito bem sucedidas e que foram um sucesso: havia uma encomenda ao Pedro Tochas, à Orquestra Filarmonia das Beiras, ao Rui Horta, e todas correram lindamente. Essa rede previu também uma encomenda de uma criação a uma artista plástica para trabalhar as marcas do território, que foi a Ana Aragão, que percorreu os 11 municípios desenvolvendo um trabalho plástico neles todos e resultando numa exposição final em Aveiro. E pronto, houve também uma bolsa de programação que uns usavam mais que outros. Basicamente, para nós, foi benéfico enquanto posição na região, enquanto oportunidade de programação, enquanto aprendizagem tanto dos técnicos como dos órgãos municipais e a nível orçamental.

27. Os Teatros Municipais em estudo (de Albergaria, Estarreja e Ílhavo), próximos geograficamente e integrantes da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro), apresentam espectáculos comuns, por vezes num curto espaço tempo. Como lidam com este facto?

27.1 E de que modo o planeamento da vossa programação tem em consideração a programação dos Teatros dos municípios envolventes?

Fora ou dentro do âmbito da CIRA?

Neste caso fora, pois já confirmaste que no âmbito da CIRA isso aconteceu e porquê.

Não há qualquer problema em responder a isso porque é assim. A melhor maneira de responder é talvez dando um exemplo. Imagina o seguinte: imagina que nós programamos aqui a Carminho em Fevereiro e em Março estava em Sever do Vouga, não me preocupava muito porque a Carminho a duas semanas do concerto estava esgotado aqui, a sala em Sever é mais pequena que a nossa e

provavelmente ia esgotar também. Depende do artista, por exemplo, um exemplo que nos aconteceu, consulte o artista, orçamento, blá blá blá, tudo bem ok, vamos fechar, vou enviar um email a confirmar, vamos tratar das questões legais, passado um dia ou dois recebi um telefonema a dizer que o artista um mês antes num concelho aqui vizinho, houve uma confusão, eles tinham marcado primeiro, é um jogo que temos que jogar todos com fair-play, quem marcou primeiro marcou, mas o artista em questão, provavelmente na zona, não ia ser benéfico programar para as duas salas. Cada caso é um caso, neste caso é preferível esperar, deixar tempo, pensar de outra forma, e eventualmente fazer-se uma permuta, programarmos nós desta vez um outro artista e até oferecer uma complementaridade... e isso com alguns casos é possível fazer e pode haver um ou outro contacto, mas esse contacto nunca parte de nós, ou seja, eu não vou ligar àquela casa ou a outra casa ligar-me a saber o que é que eu estou a fazer, pode é partir é do próprio agente ou manager, saber se o espectáculo vai estar perto daqui, eles próprios também têm critérios porque têm que cuidar da assistência e do público do artista, portanto, isso é cuidado. Mas também às vezes há algumas acções espontâneas de concertação mais informal, digamos assim, de agendas; isso acontece e até é saudável. Agora numa região tão pequena oferecer complementaridade só com, e voltamos àquela questão do nacional, começa a ser muito difícil; ou há uma oferta grande de criação – e não estou a falar só no âmbito da música, estou a falar das outras coisas todas – ou começa a ser difícil complementar.

25. Ao longo dos anos há determinados artistas ou companhias que têm vindo a marcar presença regular. A que se devem determinadas repetições? E surgem em detrimento de outros projectos?

Estamos no início do quarto ano de actividade e a única repetição - tirando a comunidade, instituições da comunidade, etc – foi o Pedro Abrunhosa.

Eu tenho aqui outros casos...

Como por exemplo?

Amor Electro e Pedro Tochas.

Amor Electro só esteve cá uma vez.

Não estiveram cá em duas digressões distintas?

Não, não, só estiveram cá uma vez.

Só se eu cometi um lapso na pesquisa e peço desculpa por isso.

Então não há repetições, é isso?

Porque a ideia com que fiquei é que se davam repetições em alguns casos.

Há, dentro da comunidade, da CIRA, há repetições, bastantes. Depois houve uma repetição com Pedro Abrunhosa e já te explico porquê, os Amor Electro só vieram cá uma vez – nem no Albergaria conVida vieram – e em relação a Pedro Tochas foi uma encomenda no âmbito da CIRA e era uma encomenda em três actos que previa um work in progress, previa a preparação do espectáculo com um workshop na comunidade – uma oficina com cerca de 25 participantes que iam participar no processo criativo do espectáculo que ainda não estava feito – depois era a apresentação do espectáculo e depois era conversa sobre esse espectáculo, daí o Pedro Tochas aparecer três vezes na agenda; mas o Pedro Tochas já cá tinha estado antes da requalificação do Cine-Teatro Alba na rua. Mas isto é assim: as três vezes que ele aparece na agenda é o work in progress, a apresentação e depois tens a conversa, que até aconteceu no Café-Concerto e em que se falou de todo o processo, porque ele passou por todos os municípios e houve coisas que só aconteceram em Albergaria e outras que só aconteceram noutros sítios, e depois havia uma partilha no final.

Mas então posso colocar a questão de outra maneira: preocupam-se que não haja repetições? É um dos vossos critérios?

Também. Agora depende. Depende da atracção do público, do artista, da companhia ou da criação. Por exemplo: o António Zambujo já cá esteve, lançou um novo cd, um novo trabalho, o António Zambujo tem lugar cá outra vez? Provavelmente tem. Mas também enquadrado e bem justificada a

repetição, porque provavelmente há muito público que pensa: “eu já ouvi o António Zambujo, já não vou lá uma segunda vez.”, como há àquelas pessoas que não importa se ele viesse todas as semanas que vinham todas as semanas, e é outro trabalho, outro disco. Mas isso somos nós que vemos assim, é outro disco, é outro trabalho. Em relação ao Pedro Abrunhosa, essa repetição tem a ver com o Pedro Abrunhosa nunca cá tinha estado, foi programado no CTA, e depois apareceu uma proposta de fazermos cá a preparação da tour dele, ou seja, ele lançou o último álbum, precisava de preparar a tour, fomos consultados no âmbito da disponibilização da sala durante três ou quatro dias para ensaios da banda, montagem de back line, afinação de luzes, e foi-nos possível fazer o espectáculo em valor reduzidíssimo e provavelmente se tivéssemos feito em duas sessões teríamos esgotado porque esgotou muito rapidamente, e pudemos fazer um ensaio aberto, portanto, houve umas contrapartidas e o facto de podermos ter a exclusividade neste processo e uma espécie de ante-estreia, e como estamos num processo de posicionamento do Cine-Teatro na região nesse sentido foi uma parceria muito boa. Daí termos repetido o Pedro Abrunhosa. Agora se puder responder pessoalmente, eu não sou muito apologista das repetições injustificadas só porque atraem público e atraem bons números para a taxa de ocupação; não sou muito apologista disso sem haver uma boa justificação e que acrescente algo, seja à comunidade, ao público, ao que for, mas também não faço disto uma religião contra a repetição, longe disso.

28. De entre a programação apresentada há projectos que correspondem a parcerias ou co-produções? Se sim, pode dar-me exemplos?

29. De entre a programação que tem vindo a ser apresentada desde a reabertura, quais as iniciativas, sobretudo regulares e/ou anuais, como por exemplo ciclos ou festivais, que não são promovidos pelo CTA?

30. O Festim é integralmente organizado pela Associação d’Orfeu?

31. O Festim, e outras acções em parceria com a d’Orfeu, consideras que são programação do CTA ou são acolhimento? (O caso do Festim, é integralmente organizado e promovido pela D’Orfeu? E consideras que é parte integrante da programação?)

É uma maneira de fazer programação, isso sem dúvida. É uma parceria - podemos chamar-lhe o que quisermos – é uma parceria pública, um acordo tripartido, com o apoio da DGArtes, ou seja, DGArtes, Município de Albergaria-a-Velha e a associação D’Orfeu. É um festival inter-municipal e abarca outros municípios, no âmbito de Albergaria isto vai até ao Outonalidades, é um acordo alargado, ou seja, para vir quatro concertos do Festim e oito datas do Outonalidades e outras acções no acordo tripartido. Portanto, este tipo de parcerias acabam por ser uma oferta de programação que, fazendo as contas, se fossemos nós a programar isoladamente aquilo que é feito não sei se teríamos essa possibilidade. Em relação ao facto de as parceiras serem uma boa maneira de fazer... Como é que era? Se considerava como programação do CTA? Considero porque ainda cabe ao Município de Albergaria-a-Velha a escolha dessas parceiras e é claro que na escolha dessas parcerias estão alguns critérios na oferta artística.

Vocês escolhem os projectos?

Não. Há uma carteira, há uma proposta de datas. No âmbito do Festim é muito mais estanque, nós definimos datas e depois há uma primeira proposta que é quase vinculativa e é pouco negociável, até porque são várias casas e é difícil estar a negociar; no âmbito do Outonalidades é diferente, há uma carteira de grupos, há grupos que nós escolhemos, pré-definimos datas e depois vamos ajustando para que seja bom para os grupos - para não andarem a fazer piscinas – e que seja bom para as casas e para a associação. Ou seja, nós sabemos que no âmbito do Festim são músicas do mundo, ponto final; podemos é numa primeira abordagem definir que gostaríamos de algo muito exotérico, que vão ser duas datas ao ar-livre e outras no Cine-Teatro, gostávamos de uma coisa mais mística para ali, outra mais no âmbito de música europeia nórdica ou celta. Sabendo nós muito bem o que é que o Festim nos pode oferecer, mas nunca dizer “tragam estes, aquele, o outro queremos este, queremos aquele”, não, essa gestão está feita com a associação. Depois não há nenhuma outra parceria, tirando os protocolos com o CMJ e a Univ.Aveiro.

E nesse caso?

Nesse caso, como é programação basicamente de graça, ou seja, é no âmbito da componente formativa dos alunos dessas instituições, ou seja, nós na próxima 5ª feira vamos ter aqui o exame final do Combo Jazz da DeCa, de mestrado do departamento de música.

Ou seja, eles realizam o exame aqui...

Por exemplo. Ou então apresentam determinado tipo de trabalho, por exemplo o CMJ, eles incluem estas actividades, que acabam por ser três por trimestre no âmbito do plano de actividades deles, e como têm o curso profissional de dança, teatro, de música – clássica e jazz – eles acabam por poder trazer um combo, música de câmara e uma orquestra de coros, uma performance teatral, há muita oferta de trabalho que podem apresentar, estes alunos não podem passar o dia numa sala de aulas a ensaiar, precisam de espaço, e tendo essa possibilidade de ter público e de ter uma apresentação pública.

Mas neste caso eles têm essas datas disponíveis para usufruir do espaço e depois decidem os projectos que trazem em cada uma das datas?

Sim. E não vejo, tirando que a coisa corra muito mal, não vejo o porquê, nem vejo qualquer direito, apesar de sugerirmos e da instituição ocupar um espaço que é municipal e ter apoios municipais, mas no protocolo não está definido estarmos a interferir. Isto está feito no âmbito de um plano de actividades deles e para nós nos completa a programação, porque se nós tivéssemos que programar quatro 5ªs feiras de Café-Concerto era bem mais difícil que estarmos a programar só duas por mês. Não queremos interferir, podemos é apontar necessidades e eles mediante as possibilidades deles colmatarem-nas ou não. Só se alguma coisa correr muito mal ou ficar aquém das expectativas é que avaliamos e tentamos ajustar, mas agora não somos nós que vamos ao Conservatório ou ao departamento de da Universidade dizer “olhe, queremos orquestra de cordas, queremos combo de jazz e queremos o teatro e a dança contemporânea”, não, claro que não. Eles têm que cumprir os objectivos deles...

Mas só para terminar este assunto e respondendo de forma objectiva, esses casos também consideras programação do CTA?

Quem fez os protocolos de parceria foi o Município por isso considero programação do Cine-Teatro, sem dúvida nenhuma. Até porque nós temos sempre a possibilidade de não voltar a ter ou de continuar a ter ou de reajustar e avaliar, não vejo qualquer problema nisso.

33. De entre os espectáculos apresentados alguns não são organizados pela instituição, tratando-se de acolhimentos. Fale-me um pouco acerca do processo de acolhimento... a percentagem na programação, de quem parte a iniciativa, se enquadra na vossa programação, se há distinção na forma como promovem o espectáculo, se dão algum tipo de apoio logístico e/ou técnico, ...

O que eu posso fazer neste momento é devolver-te a questão: o que é que tu entendes por acolhimento? Porque eu acho que a questão do acolhimento é uma falsa questão. Entendes por acolhimento o facto de dar a bilheteira e diminuir o cachet? Entendes por acolhimento o aluguer de sala e fica à responsabilidade da entidade que o legou?

Neste caso considero acolhimento, e é isso que me interessava perguntar, tanto o aluguer de sala como aqueles em que não é cobrado cachet e que vêm à bilheteira.

Pronto, vêm à bilheteira: até ao momento ainda não fizemos nenhum espectáculo...

Porque acredito que tenham propostas. E vocês também propõem?

Para já não. Provavelmente vamos começar devagar a ver essas situações.

Desculpa interromper... imaginamos que há um projecto que vocês gostam muito mas que não têm orçamento para pagar aquele cachet. Nunca aconteceu vocês proporem que uma companhia venha à bilheteira?

Nós a propor não, ainda não.

Tinha ideia que isso acontecesse...

Não, ainda não aconteceu. Acontece, eu já te vou explicar em que âmbito, mas não da forma que estás a pensar. Ou seja, o facto de fazer à bilheteira, uma percentagem de bilheteira, pode ser um risco muito grande no sentido de que encarece o bilhete e não garantes o acesso do cidadão comum à programação, ou seja, não custa nada ter aqui um projecto de 20 000€ e o preço ser a 20€ e eu só tenho que gastar recursos humanos, ponto final, o resto da bilheteira é para quem vier, o risco...

E isso não se concretiza?

Não, até ao momento não. A única coisa que aconteceu foi no âmbito do protocolo de parceria de espectáculos com uma instituição com pedido ao município de cedência de sala no âmbito daquela apresentação e a câmara fez um protocolo de parceria de espectáculos nesse sentido mediante a apresentação dos custos de produção e etc envolvidos, sendo que uma parte das receitas de bilheteira eram para colmatar esses mesmos custos. Isto já aconteceu várias vezes. Agora, nós termos recebido algumas propostas do género é isto em cachet mas podemos pensar em ir à bilheteira ou por cedência, até agora não houve, até porque temos tido orçamento para programação e temos tido alguma liberdade para definirmos nós a dinâmica e o acesso da parte criativa. Nós podemos dizer: “enviem-nos uma proposta de um acordo de bilheteira em que o preço não ultrapasse x”, depois muitas vezes vêm os preços de coisas mistas x por cento de cachet e o resto é à bilheteira, ou partimos a bilheteira, 70% para vós 30% para nós e o preço do bilhete é isto, não temos feito, não fizemos até agora. Provavelmente, a partir de agora, vamos começar a equacionar isso faseadamente e progressivamente, e desde que não venha alterar muito o desenho que temos tido de programação, é fácil de perceber, basta pegar em três ou quatro agendas e as pessoas percebem a quantidade que há de música, de teatro, de dança, de Café-Concerto, de SAC, de programação com a comunidade ou associações locais, etc, é fácil de perceber.

E alugueres de sala?

Desde o início – numa perspectiva de atracção de público – tudo o que é com as associações locais, ou seja, vou-te dar um exemplo: o Ciclo de Bandas em Concerto, não faz sentido numa coisa que é programação nossa, e uma oferta de programação de um concerto das bandas no inverno, estarmos a cobrar o aluguer de sala. Aí não há aluguer de sala. Depois há várias situações em que algumas instituições que precisam da sala, ou requisitam a sala, com o apoio municipal para realizar as suas actividades, e pelo menos a cedência da sala é gratuita, com os recursos que temos e o que for.

Mas não há grandes produtoras ou agências a propor aluguer de sala?

Para já não. Não tem havido essa requisição. Neste momento, enquanto há dinheiro para programação, é muito mais fácil a produtora vender o espectáculo do que alugar a sala para vir fazer o espectáculo ou vir fazer o acolhimento. Mas há pedidos de aluguer para fazer o congresso não sei o quê das quantas e “Precisamos da sala por três horas. Quanto fica?”. É orçamentado e alugado, isso sim, já houve várias vezes. Mas para alugar a sala para fazer programação e essa programação estar em agenda e diferenciar um acolhimento de uma escolha nossa não, isso não.

Ok. Ainda bem que perguntei porque fiquei com a ideia de que alguns dos projectos que se realizam são acolhimentos.

A sério? Quais?

Na verdade é uma prática relativamente comum nos Teatros Municipais e olhando para a vossa agenda verifiquei que em muitos projectos não há um logótipo de uma produtora ou agência associado e outras vezes sim, e ao verificar que há uma produtora implícita fiquei com ideia que seriam acolhimentos, ou seja, que seriam promovidos por essa produtora.

Há situações em que faz parte do contrato, ou seja, o próprio artista anda em tour e tem o apoio de uma determinada instituição e aí sim tem aparecer na agenda e etc e tal...

O facto de aparecer na agenda não significa então que...

Não. E muitas das vezes pode escapar graficamente, pode acontecer. Estou a lembrar-me de um caso que escapou graficamente, por exemplo, Paulo Gonzo, não tinha que vir lá a agência, por acaso foi essa agência com quem tratámos das coisas do Paulo Gonzo e foi um erro de comunicação. Daí que possas ter depreendido. Agora, por exemplo, se a banda sofreu uma redução de cachet significativa porque tem o apoio da Antena3 ou do Montepio e pede que nós coloquemos no apoio da tour e etc, não há qualquer questão em relação a isso. Até porque nós vamos beneficiar dessa propaganda, ou dessa comunicação, ou dessa publicidade, isso pode acontecer. Agora por exemplo ter um espectáculo da Univ.Aveiro e ter na página UA, isso não.

Mas diz-me, essas cedências que referiste, sobretudo às instituições, são promovidas e integram a vossa agenda da mesma forma?

Há uma diferenciação. Tudo o que seja apenas de carácter artístico e performativo, ou seja, por exemplo, aquela associação tem um espectáculo e nós programamos esse espectáculo então vai para a agenda municipal – mas há algumas questões da agenda municipal, e não do CTA, que tem de ser revista, porque a nossa agenda é muito confundida com a agenda do CTA e não é vista como a agenda cultural do município, mas isto é uma discussão interna que ainda está confusa e que pode levar à confusão da leitura – neste momento o que é não performativo ou não é oferta artística ou programática não integra. Mas a melhor pessoa para te responder a isso até é o vereador, e ele provavelmente o que te vai dizer é que tudo o que é de associações não sai na agenda, e há alguns exemplos nesta programação. Agora, há ciclos, como o das Bandas em Concerto, que sai, uma ou outra situação; também depende dos casos.

Concluindo, perguntava se sabias indicar-me a percentagem de acolhimentos na programação, pode-se dizer neste caso que a percentagem é zero.

Sim, para já sim. Mas pode vir a alterar-se em 2016.

Mesmo antes de assumires o cargo nunca houve? Ou esta é uma forma de trabalhos...

Que eu tenha conhecimento... não tenho conhecimento, não tenho mesmo.

40. No que respeita a modelos e conteúdos artísticos o que é que não cabe na programação do CTA?

Nada. Tem é que ser tudo bem contextualizado. Posso dizer-te que o Nel Monteiro já aqui esteve, mas toda a gente que assistiu ao espectáculo disse que foi muito bem enquadrado, ou seja, também era um espectáculo de stand-up, foi convidado por um artista que aqui esteve. Não podemos dizer que nada tem lugar, tudo pode ter lugar, desde que devidamente contextualizado. O que é que não tem lugar aqui? Não sei. As coisas estão muito bem definidas, as balizas estão criadas, e tirando a norma do bom senso não estou a ver o que é que não possa estar. Há alguns critérios performativos, técnicos e contextuais que têm que ser respeitados, fora aqueles que eu já mencionei, a pertinência, o enquadramento com a sociedade, e tudo e tudo e tudo... agora não esperes de mim uma resposta “música pimba não, teatro de revista não”, e se eu me sinto culpado com isso porque deveria estar definida uma linha de programação, provavelmente, mas tendo que responder a um ecletismo, visto sermos uma pequena cidade e ter de programar um pouco de tudo, não podemos ir por aí. Agora, há parâmetros de qualidade, isso sim.

Pode então estar fora do parâmetro da qualidade mas pode ser enquadrado em determinado contexto, é isso? Porque estás a dizer-me que, no fundo, há essas balizas, mas pode estar fora dessas balizas.

Tu podes encenar essa falta de qualidade (risos). Percebes? O que não cabe é a visão redutora e as fronteiras curtas. O resto é tudo subjectivo e uma escolha de uma pessoas, de duas ou três e do entendimento delas, e o que às vezes pensam que está bem pode não estar, e vice-versa.

46. Quais as principais diferenças na programação apresentada actualmente comparativamente com a programação assegurada pela anterior estrutura (aquando da reabertura)?

47. E os principais aspectos em comum?

Há muito poucas. A nível de modelo há muito poucas diferenças, a única diferença que podemos dizer que há mais significativa, mas que também tem que ver com a evolução do espaço, com a evolução do entendimento da comunidade, do concelho e do município em perceber a programação, tem mais a ver com uma aposta forte nos últimos quatro trimestres no Café-Concerto. Nós estamos em crer que o espaço que temos possa vir a alimentar bastante a promoção da sala principal, e tem-se registado uma dinâmica menos formal no Café-Concerto, e estamos agora a avaliar se é positivo ou não, ainda estamos em processo de avaliação. Isso é uma diferença. Depois, a nível de programação da sala principal o modelo é praticamente o mesmo, a única diferença tem a ver com algumas situações de entendimento estratégico municipal que um município tinha e outro tem, e passa mais pelos canais de comunicação na agenda municipal do que propriamente pelo conteúdo programático. E depois é o contexto do panorama nacional de criações, que também pode influenciar. Há uma evolução, mas já havia essa intenção, no âmbito da dança - posso garantir-te que vamos ter uma companhia no próximo trimestre muito boa no panorama nacional e não das mais conhecidas – ou seja, o panorama da dança no CTA foi uma aposta que se consolidou a nível de companhias nacionais. A nível do teatro é muito a mesma linha, tirando que há um pouco mais de criações e talvez de reunião em ciclo que pode parecer que há mais quantidade de teatro mas é uma falsa questão, o que há é uma subdivisão diferente. Na música está completamente igual. Há uma ou outra coisa que não é possível fazer neste momento mas tem a ver com condições que havia dantes de decisão que agora estão um pouco diferentes. Mas eu não posso dizer que haja uma diferença significativa politicamente, então muito menos dizer para melhor ou para pior. Mas basicamente o que se pode dizer é que há uma consolidação em certos factores, há uma aposta mais forte, provavelmente na dança, e há uma mudança de estratégia na música e no teatro, e talvez o trabalho no panorama do concelho diferente. No Café-Concerto é aquela mudança de estratégia que já te disse, há um investimento maior no sentido promover também a sala principal.

No âmbito do Café-Concerto se calhar pode-se falar numa diferença de quantidade? Maior regularidade?

Não. É exactamente igual. O nível de bandas e o modelo de programação é que é diferente. Digamos que agora se assemelha mais a um modelo Fnac do que ao modelo café-concerto/bar. Está como uma oferta complementar ao que há no município, nivelado por cima, fazendo com que os outros espaços que possam ter esse tipo de programação queiram fazer igual ou melhor, há esse cariz também. A nível do SAC há uma consolidação e uma aposta em outro tipo de trabalhos que começa a ser possível fazer que não houve tempo no outro executivo anterior e que estava projectado, e isso pode dar a entender como uma diferença e outros poderão entender que era o caminho a seguir e que já estava traçado. Ou seja, não há uma grande diferença, não há um corte radical, há sim um reajustar.

41. Quais os critérios que definem o preço dos espectáculos e das oficinas, workshops, ateliers?

42. Quando o espectáculo se trata de um acolhimento, o promotor tem total liberdade para impor o preço de bilheteira ou há um preço máximo definido pela vossa instituição?

43. No caso das acções gratuitas a quem cabe essa decisão?

44. E pergunto se os artistas que dinamizam essas acções recebem cachet e se estão salvaguardadas as despesas de transporte, alimentação e estadia?

45. A percentagem de iniciativas que se realizam no Café-Concerto é significativa. A entrada é sempre gratuita. Como se financiam essas propostas?

Só falar em cifrões é redutor. Podíamos dizer “o espectáculo acima de x vai custar isto ao público; o espectáculo que custou abaixo de y vai custar isto ao público”, não há. Isto não é A B A (risos), mas funciona mais ou menos assim: digamos que há espectáculos de classe A, B e C, e isso é fácil de perceber na agenda nas várias áreas. Os workshops e as oficinas, para já, são gratuitos, limitado ao número de inscrições, no sentido de fomentar ou atrair público especializado para esse espectáculo e fomentar a participação das pessoas ou virem conhecer um código que não dominam; por exemplo: tens aqui um solo de Paulo Ribeiro – como tivemos – o Paulo Ribeiro faz um workshop com os alunos de dança do CMJ – não era apenas para os alunos do CMJ mas foram quase todos os que se inscreveram – mas eu tenho a certeza que, apesar de alunos especializados na área, havia muita

coisa que não iam perceber, e aquilo acaba por ser uma aproximação ao código; isso para já é gratuito. Depois... basicamente há espectáculos a 12€, 10€, 6€ e depois há os espectáculos do SAC que é mediante a faixa-etária.

Mas esses espectáculos de classe A, B ou C – de forma representativa, claro – estão relacionados com o cachet?

Não, não só. Depende do destaque e da projecção nacional ou internacional, do interesse do município.

Portanto o cachet não é o único factor.

Não é o único factor, também é um factor, mas não é o único.

A área artística é outra condicionante?

Também. E imagina que aquilo até consideras de alto interesse municipal, o cachet até foi bastante elevado, mas interessa-te que o maior número de pessoas venha ver, podes reduzir: não é um espectáculo de classe B mas o preço pode ser de classe B. Entendes? Sabes que nesta área o que sobrevive é o que melhor se adapta.

Vocês têm níveis já pré-definidos?

Sim, é por aí. Mas não tem que ser rígido.

Mas é definido por ti...

Entre mim e o vereador, e depois vai a reunião de câmara, os preços são aprovados em reunião de câmara, e aí, muito mais que em outras questões, a decisão é sobretudo do vereador.

Já referiste alguns dos critérios, sendo que o cachet não é o único, há também a área artística, e pensam também no público a que se dirige?

Também. Pensamos na faixa-etária, o público-alvo, os meios financeiros do público-alvo, o cachet e o interesse municipal. Isto apenas para nomear alguns, depois há outras situações... o período; tu programares um espectáculo na última semana de Janeiro tens que pensar que provavelmente as pessoas vêm de um período natalício e de passagem d'ano, e mesmo que tenham recebido a 8 de Janeiro, vão pensar duas vezes em vir; e até na programação temos cuidado, quanto mais no preço de bilheteira.

E em relação às iniciativas no Café-Concerto, tendo em conta que a entrada é gratuita – é sempre gratuita, correcto? – como é que se financiam essas propostas?

Faz parte da programação. Há uma verba e posso garantir-te que tem sido muito bem gerida, ou seja, pensa nisto: é gratuito...

Porque não há nenhum apoio canalizado para estas iniciativas do Café-Concerto, pois não?

Não. Não há apoio, quer dizer, não há é contra-partida financeira. Mas as 5^{as} feiras de Café-Concerto a pagar, isto é, em que o Cine-Teatro assume os custos de programação fora dos protocolos – do DeCa ou do CMJ – tu tens sempre uma média que ronda entre as 80 e as 120 pessoas – há um ou outro flop, já tivemos aqui noites com 180, 130 pessoas, 100, 60 – mas isso permite-nos fazer algumas coisas: divulgar a programação da sala principal, criar o hábito das pessoas virem ao Cine-Teatro, criar um núcleo de pessoas que se repetem no Cine-Teatro e alimentar assim a sala principal. Portanto, imagina que tu tens o preço de um espectáculo B por trimestre fazes a programação do Café-Concerto, e em vez de fazeres um espectáculo xpto na sala principal, acabas por poder alimentar, ou fomentar, a frequência... é uma estratégia, é um pensamento. E estamos agora a começar a avaliar se faz sentido ou não, mas essa foi a linha orientadora para o Café-Concerto, para já. Não quer dizer que daqui para a frente possam surgir algumas coisas com entrada paga ou não, vamos ver, tudo está em análise e em avaliação.

Anexo 5.3 - Transcrição de entrevista a Cristiana Pinto (Responsável pela produção do Cineteatro Alba) 25 Junho de 2015

1. Como designas o teu cargo profissional no Cineteatro Alba (CTA)?

Ora bem, eu faço um pouco de tudo aqui dentro. Mas basicamente faço mais a produção executiva, tudo o que tenha que ver com a logística do espectáculo que vai haver. Faço tudo, desde o rooming, marcar refeições e depois todos os outros equipamentos à volta que são necessários para desenvolver...

Ou seja, não só do Cineteatro, é isso?

Também.

Mas consideras-te produtora? A designação será...

Se calhar não diria produtora. Mas se calhar fazer a coordenação desses pormenores todos para acontecer, sim.

2. Desde quando?

Desde que abriu.

Ou seja, desde 2012...

Sim.

Tens sido tu a assumir essa função?

Sim.

3. Qual a tua formação?

Sociologia.

Falando nessa questão de “coordenadora”, não é, coordenas as operações de produção, na tua perspectiva o que é ser “coordenadora” num Teatro Municipal, ou seja, assumir estas funções num Teatro Municipal. Não no Cineteatro Alba, mas de uma forma generalista.

É uma responsabilidade enorme... sei lá...

Mas consideras, segundo a tua experiência, as tuas funções, que assumes aqui no CTA, parece-te que são funções que outras pessoas assumem noutros Teatros Municipais?

Sim, sim, é necessário haver em todos eles.

No fundo tratas das questões logísticas, mas não só, segundo percebi... ou seja, és funcionária da autarquia e assumes essas funções...

Em vários eventos da câmara municipal, também no Centro Cultural da Branca e depois em todos os eventos da nossa divisão. Quer dizer, todos entre aspas, não é em todos mas a todos os que nos são solicitados.

A gestão do Centro Cultural da Branca está a cargo do Município de Albergaria, é isso?

Sim. Se bem que lá não acontecem as actividades regulares que aqui temos, basicamente reside lá uma escola artística que é o CMJ e basicamente são eles que fazem a gestão daquele equipamento. Nós não temos muitas actividades municipais lá a acontecer, tirando aquelas que nos são solicitadas também pelas outras entidades que temos aqui à volta. De resto, actividades municipais é raro acontecer lá, mas isso também é uma estratégia municipal, que não sei responder muito bem...

Portanto, integras a divisão...

...Educação, Acção Social, Cultura e Desporto.

De qualquer das formas o teu trabalho é aqui? O teu escritório é neste edifício?

Sim, sim.

Já falaste um bocado, mas pergunto, de forma mais concreta, quais as tuas funções e responsabilidades? Não sei se queres falar de exemplos concretos... onde se inicia e onde termina...

Realmente essa pergunta é mesmo muito complicada porque toda a gente que me pergunta isso eu “bem, faço desde limpar até...”

Mas é uma resposta...

(risos) Mas é verdade. Passa um bocadinho também pela frente de casa. Nós temos um frente de casa, mas eu também faço quando ele não está; a gestão dos assistentes de sala. Depois tudo o que é necessário no dia-a-dia, se for preciso limpar qualquer coisa à última da hora também faço até à parte dos contratos...

Com os grupos ou companhias...

Sim, sim. Depois, tratar com a contabilidade a questão dos pagamentos, se estão em ordem se não estão.

Também és intermediária entre uma companhia, por exemplo, e a contabilidade...

Sim, passa tudo por mim. Depois a marcação nos hotéis, a marcação de refeições, sei lá... às vezes se é preciso comprar ou alugar algum equipamento para esse espectáculo, ou outro evento, também faço.

De certa forma estás a falar mais das funções, mas, por exemplo, é responsabilidade tua averiguar se é preciso comprar?

Sim.

Tens essa responsabilidade?

Sim.

Tens autonomia...

Sim. Mas claro que todos nós, e o Pedro também já deve ter falado, trabalhamos em equipa e somos uma equipa multidisciplinar e muitas das vezes há coisas que eu não sei tão bem quanto eles, mas ajudamo-nos mutuamente e depois tudo se faz.

Já que falaste da frente de casa... é uma entidade externa que assegura?

Não. Eu e outro colega, que é o José Rocha, que basicamente é ele que faz a frente de casa, mas quando ele não está, sou eu ou então quando à última da hora, se eu não estiver, temos outra colega que faz. Nós temos uma bolsa de assistentes de sala que temos de gerir, consoante as necessidades do espectáculo, se precisamos de três, dois, cinco, dez, quinze, e depois no dia somos nós que gerimos; em que posições é que ficam, o que têm de fazer.

6. Na tua perspectiva qual a instituição do município com maior visibilidade?

Não sei... se calhar dizia o CTA.

Internamente e exteriormente?

Exteriormente penso que sim. Internamente se calhar mais ali a parte do desporto... não sei. Não sei precisar. Porque aqui em Albergaria temos mesmo muita gente a fazer desporto, a praticar e a usufruir dos nossos equipamentos municipais desportivos. Relativamente ao CTA, se calhar há muitas pessoas em Albergaria que ainda não conhecem o CTA. Já nos aconteceu receber aqui muitas pessoas que, infelizmente, não conhecem o CTA. Eu fico quase espantada, “como é que é possível?”.

Mas consideras que, mesmo internamente, tem visibilidade?

Sim, sim, desde que abrimos, bastante.

7. Como é a relação institucional do CTA com os restantes equipamentos municipais?

Quais é que são os equipamentos municipais? A Biblioteca... Há Museu Municipal?

Não. Mas penso que há intenção de o fazer.

Com a Biblioteca nós temos a nossa equipa do Serviço de Aprendizagem Criativo - penso que o Pedro também já deve ter falado – e lá também temos recursos humanos afectos a essa equipa que estão lá e aqui. Nós trabalhamos muito em conjunto, quer ao nível da programação do SAC, quer ao nível da programação no seu todo para que nada colida, ou, pelo menos, se algum dia colidir que não sejam nos mesmos horários e que tenham que ver uma coisa com a outra.

Ou seja, o SAC é um serviço comum aos vários equipamentos...

Sim, aos vários equipamentos. Também o Centro Cultural da Branca, embora lá não temos, mas a Casa Municipal da Juventude e algumas actividades no desporto, mas pouco. Basicamente o bolo todo é daqui do CTA e da Biblioteca e depois actividades pontuais.

E também coordenas o SAC?

Não, quem coordena é o Pedro. Eu faço parte dessa equipa, mas quem coordena é o Pedro.

E trata das questões de produção relativas ao SAC?

Aí não tanto, é mais o Pedro. Mas ajudo em tudo o que seja necessário, claro.

8. E com os Teatros Municipais dos concelhos envolventes?

Se calhar essa pergunta não vou responder. Acho que o Pedro responderá melhor a essa questão. Mas se calhar, no meu ponto de vista, poderíamos trabalhar mais em conjunto. Mas preferia que fosse o Pedro a falar disso.

9. Qual a área de influência do CTA, isto é, que comunidade consideras que é a comunidade a que o CTA se dirige?

Nós trabalhamos muito para todos os públicos. A programação é variada precisamente para chegarmos a todos eles, mas se calhar penso que... fazemos muitas actividades para crianças e depois a outra programação mais público em geral; famílias.

Mas para a comunidade do município de Albergaria ou...

Não. Eu penso que dantes a nossa programação dirigia-se um pouco mais aqui ao público de Albergaria, agora estamos mais abertos a outros públicos de outros municípios, se bem que recebemos desde sempre sempre, desde sempre, públicos de outros locais que não só Albergaria. Pelos registos que temos na bilheteira conseguimos ver isso.

A maior afluência é de que concelho?

A maior afluência é aqui de Albergaria, do município e das outras freguesias aqui à volta, mas também recebemos pessoas de Aveiro, Águeda, Estarreja, já tivemos pessoas do Porto e Lisboa; claro que isso aí é mais pontual em alguns eventos específicos. Mas a maior parte é daqui.

11. Como caracterizas a comunidade de Albergaria-a-Velha?

Já agora, desculpa, és daqui? Nasceste aqui?

Sim, sou daqui, nasci aqui.

Eu acho que são pessoas que estão sempre à espera que algo aconteça, mas que não procuram muito. Não procuram muito e muitas vezes deixam passar os eventos, “Epá, eu realmente sabia que lá ia estar mas deixei passar”... É complicado. Mas o público daqui gosta também muito de espectáculos mais de música e teatro do que de dança. A dança nós temos tido muito pouquinho público. Se calhar, também, porque temos aqui muitas bandas municipais, muitas pessoas que frequentam essas bandas, que já vêm desde os avós, pais, netos, e temos aqui mesmo muita gente a

participar nas bandas. E temos aqui influência musical, por isso eu acho que as pessoas procuram muito mais a música.

Mas também teatro, é isso?

E o teatro também, sim. Mas mais teatro de comédia, que as pessoas percebam mais que aqueles teatros que se calhar o pessoal ainda não percebe tão bem.

12. Como caracterizas o público do CTA? É possível descrever, ainda que de forma superficial, o público que costuma frequentar os espectáculos do CTA? Idade, sexo, localidade, ocupação profissional, etc...

Nós já quisemos fazer esse estudo aqui só que não surgiu essa oportunidade... não sei muito bem... ainda não conseguimos fazer e deveríamos realmente já ter feito, ou pelo menos iniciado. Assim, sem ter alguma coisa palpável, eu acho que não consigo dizer. Mas basicamente talvez a partir dos 20 para cima. Mulheres, acho que sim... muito mais mulheres que homens. Mais não sei... sem números é difícil.

13. Na tua perspectiva, qual a relação da população da cidade com a instituição? De que forma o CTA, enquanto equipamento (espaço/edifício), está ao dispor da comunidade?

13.1. A comunidade usufrui do espaço? Como? (Que restrições?)

Temos tido muitas actividades a ocorrer aqui à volta, que nós às vezes até não temos conhecimentos delas mas que o ponto de encontro é sempre o CTA. Aliás, desde sempre que foi ponto de encontro para qualquer actividade que eu conheça do público, em geral, o encontro ser sempre assim aqui na praça em frente ao Cineteatro. Imaginemos: alguma actividade do desporto ou de uma colectividade qualquer, o ponto de encontro será na Alameda 5 de Outubro que é esta praça aqui em frente. Já tivemos também outras entidades a fazer secretariado aqui mesmo nas nossas portas, ou porque está a chover ou porque fica mais abrigado e fazem-no aqui mesmo em frente; encontro de btt's, de atletismo...

E no interior?

No interior também muitas entidades nos pedem para acolher aqui actividades.

Associações, colectividades?

Sim. Desde que nós possamos nesse dia e desde que não haja constrangimentos aqui, sim.

14. Como caracterizas a programação do CTA?

Eu acho que a nossa programação é feita para todos os públicos. Acho que é abrangente, nesse sentido. Acho também que cativa as pessoas, é cativante. Não sei... acho que se calhar mais para a frente consigo responder melhor.

Não te preocupes, já respondeste, já caracterizaste.

15. Quais as linguagens artísticas com maior predominância na programação?

Segundo então percebi a música e o teatro, é isso?

A música, e o teatro sim, mas mais a música. O que as pessoas mais procuram e o que nós mais programamos também.

16. Cada linguagem artística integra um plano estratégico de programação específico ou enquadra-se numa estratégia global de programação?

Eu preferia que o Pedro respondesse a isso. Mas sim, há uma estratégia para cada uma das actividades a ocorrer ou dessas actividades artísticas a ocorrerem, mas o Pedro... porque está mais dentro disso e articula com o nosso vereador. Eu fico um bocadinho mais à parte para poder pensar em todas as outras coisas, até porque também giro, faço a gestão deste edifício, quer dos recursos humanos e tudo isso, e depois todos os outros pedidos e solicitações para esta sala.

No fundo é uma perspectiva tua o que eu solicito...

Sim, sim. Mas há uma estratégia para que algumas destas actividades, se calhar não todas, mas a maior parte.

17. Há a preocupação de que as diferentes áreas artísticas estejam temporalmente distribuídas pela vossa agenda?

Sim. Se bem que nós às vezes temos alguns constrangimentos; ou porque alguém já marcou aquela data ou porque nos foi solicitado isto ou aquilo.

Há factores externos...

Sim, há factores externos mas pelo menos tentamos.

18. A estratégia programática assenta na perspectiva de partilhar com a comunidade aquilo que se sabe que é do seu agrado ou, por outro lado, pretende apresentar modelos e projectos desconhecidos de grande parte da comunidade?

Nós, em primeiro lugar, tentamos agradar às pessoas e ao nosso público aqui de Albergaria e da região, e depois tentamos também colocar e dar um cheirinho de outras possibilidades para as pessoas também conhecerem e open mind (risos). Para conhecerem outras coisas, se bem que muitas das vezes esses outros apontamentos não temos tanto público, mas aos pouquinhos vamos lá.

E isso também faz parte dos vossos objectivos?

Sim. E às vezes convidamos pessoas específicas para também virem assistir ou se sabemos que aquele espectáculo vai agradar a este ou àquele grupo aqui à volta, quer de teatro ou de dança, também convidamos para esse espectáculo; pelo menos alertamos “olhem que vai haver”, para procurarem.

19. Na tua perspectiva quais os principais critérios de programação?

(Como se processa a escolha dos grupos/companhias que actuam no CTA?)

Se o espectáculo tiver que ver com a dança tentamos convidar todos aqueles que, aqui à volta, conhecemos, das nossas colectividades, para virem assistir. Se for teatro fazemos relativamente ao teatro, se for a música fazemos...

Mas de uma forma mais concreta, o que é que te parece que é o critério de escolha de determinado grupo ou companhia em detrimento de outro. Não quer dizer que seja em detrimento, mas o que é que está na base da escolha desse espectáculo?

Não te sei responder.

É um assunto que o Pedro é que sabe, é?

Sim.

20. Quem define esses critérios actualmente? E quem definia anteriormente?

21. De que forma tu e os restantes elementos da equipa participam no processo de programação?

Ou seja, pelo que percebo é sempre o Pedro em coordenação com a vereação.

Sim.

E tu e os restantes elementos da equipa, de alguma forma participam no processo de programação? Estão na base dessas decisões?

Agora nem tanto. Desde que o executivo mudou não tanto. Dantes se calhar mais, agora não.

Mas antes participavas...

Sim, porque às vezes é aquela cena de nós... às vezes estamos tão empenhados numa coisa e depois não nos lembramos e alguém ao nosso lado lembra-se e trabalhávamos um bocadinho assim. Agora não tanto.

Está mais centrado nas decisões do Pedro e da vereação...

Sim. Se calhar agora liga-se um pouco mais à hierarquia e antes nem tanto. Pelo menos isto é a minha percepção. Posso estar completamente errada, mas...

22. E de que modo o planeamento da vossa programação tem em consideração a programação dos Teatros dos municípios envolventes?

Eu sei que, pelo menos o Pedro, está sempre atento a tudo o que acontece aqui à volta e conversa com outros directores artísticos... também no sentido de não haver sobreposição ou se um artista está aqui perto numa data tentar que esse não venha cá. Eu sei que há uma concertação nesse sentido, mas não sei dizer exactamente.

Sempre houve?

Sim.

24. Que alterações significativas tens verificado com as mudanças na equipa e no executivo e/ou vereação?

Lá está, se calhar o trabalho em equipa ficou um bocadinho, não é desleixado mas já não existe tanto. E se calhar muito por falta dessa coordenação que havia anteriormente e da visão global há algumas actividades, realmente, a acontecer em sobreposição ou mesmo até a concorrerem umas com as outras e não há muito essa visão agora. Não estou a dizer que somos nós aqui, mas se calhar os nossos superiores. Mas lá está, se calhar é aquilo que eles querem e nós ainda percebemos muito bem.

Mas sentes que essa situação acontece apenas no CTA ou é geral ao município?

Não, é uma questão municipal. E se calhar isso também pode levar um bocadinho depois a que as equipas dos vários equipamentos se vão desmotivando um bocadinho. Não sei explicar muito bem...

26. Em termos de marketing como é promovido o CTA, enquanto instituição, e como promove especificamente as acções?

No meu ponto de vista acho que podíamos comunicar melhor do que aquilo que comunicamos. Já conversei com algumas pessoas de outros locais aqui da zona e não conhecem o CTA. Se calhar nós, a nível nacional, não somos conhecidos. Depois lá está, a comunicação é feita pelo nosso gabinete de comunicação, nós ajudamos a dizer aquilo que queremos, pelo menos tentamos, e algumas coisas que se calhar não são feitas, mas isso não depende só de nós.

Portanto, a instituição apresenta-se mais de uma forma local...

Basicamente sim.

E regional?

Sim, regional também.

Mas como, por exemplo?

Jornais, através dos jornais, rádio e basicamente acho que é isso. E depois trabalho no facebook.

E as acções, concretas, não são promovidas? São sempre integradas na agenda municipal ou por vezes há forma de promover uma acção?

Antigamente nós fazíamos, por exemplo, imagina, tínhamos o espectáculo o Som e a Fúria e fazíamos só um cartaz de divulgação para ele e era divulgado por todo o concelho e também pela região, às vezes. Agora também foi um decisão do executivo que já não se fazia assim e fazemos um cartaz, por exemplo, onde aparecem não sei quantos eventos seguidos. O que se calhar, na minha opinião, não é a melhor forma de actuação porque vai lá no meio não sei quantas coisas e se calhar não se apercebem. Mas isso também já são outras questões... não sei se por gastos, custos associados, não sei. Mas antes fazíamos muito evento a evento, quer fora, quer aqui; mas agora nem tanto. Mas a agenda é sempre distribuída pelos concelhos limítrofes: Cever do Vouga, Águeda, Aveiro, Estarreja, Ílhavo. Vamos fazendo sempre a distribuição. E depois temos sempre o facebook, o nosso site...

Tu é que estás a coordenar esse processo?

Não. É o nosso gabinete de comunicação e o Pedro. Nós vamos dizendo “olha, gostávamos que fosse assim” ou “se calhar precisamos para aquele espectáculo” quando vemos que estamos um bocadinho aflitos e não temos público fazemos mais divulgação. Depois temos também o jornal Diário de Aveiro, o jornal Beira Vouga, a rádio Terra Nova.

Anexo 5.4 - Questionário a Pedro Teixeira (Programador do Cineteatro Alba). Enviado por correio electrónico a 2 de Dezembro de 2015

(não se obteve resposta)

- 1. Nas entrevistas falou-me de que uma das pretensões da instituição é a formação de públicos. O que entende por formação de públicos?**
- 2. Nas entrevistas referiu que a programação do Teatro é também dirigida a um público regional e, por vezes, nacional. Pode especificar melhor o que considera ser público regional? Delimite, p.f.**
- 3. Como caracteriza a relação com a cidade e a população de Aveiro?**
 - 3.1 E com o Teatro Aveirense?**
- 4. Como tem sido a vossa relação com o Centro Cultural de Ílhavo e com o Cineteatro de Estarreja?**
- 5. Nas agendas a que tive acesso denota-se um número reduzido de ateliers/workshops/oficinas (esta área não corresponde a mais de 2% do total de acções do CTA). Por que razão?**
- 6. De 2012 para 2013 denota-se um decréscimo acentuado das actividades multidisciplinares (que por norma são iniciativas promovidas por outras entidades e/ou cedências de sala). Por que razão?**
- 7. O número de sessões de cinema, de acções de dança e de exposições é crescente. Por que razão?**
- 8. O teatro assume um decréscimo de representação na programação. Por que razão?**
- 9. A música assume um destaque cada vez maior na programação. Por que razão?**
- 10. A música pop/rock e a clássica/erudita são os sub-géneros com maior representação. Por que razão?**

Anexo 6 - Cineteatro de Estarreja: Entrevistas e Questionários

Anexo 6.1 - Transcrição de entrevista a Isabel Pinto (Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente da Câmara Municipal de Estarreja) 30 Janeiro de 2015

“Apenas para perceber melhor o meu papel, importa dizer que eu sou Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente, não chefe de Gabinete da Cultura (que não existe, nem mesmo o Gab. de Programação. Existe, Sim, o Gabinete do CTE). O porquê de ter iniciado/assegurado a programação Cultural no início deste mandato, teve a ver com a saída da Fátima Alçada, que coincidiu com a minha entrada na Câmara Municipal, como Chefe de Gabinete de apoio ao Presidente, com funções distintas da programação, como deve calcular. Porém, atendendo ao vazio que se criou, alguém tinha que assegurar a programação e a gestão do CTE, sendo certo que o acompanhamento da programação e gestão do CTE já era uma missão que o Sr. Presidente me tinha dado quando me convidou para o cargo, pela minha experiência anterior. Esta situação ocorreu desde Novembro de 2013 a Março de 2014. Em Janeiro de 2014 apresentámos as nossas linhas estratégicas da política cultural deste executivo, que marca pela diferença de uma gestão em rede e articulação com os restantes equipamentos culturais, tendo sido criado o Laboratório de Aprendizagem Criativa (LAC) e, conseqüentemente uma equipa de trabalho constituída por elementos de vários sectores da Câmara Municipal, e que tem como princípio orientadores a Educação pela Arte e a Aprendizagem ao Longo da Vida. Apesar desta dinâmica, a verdade é que rapidamente se percebeu que é incompatível a acumulação das duas funções, uma coisa é o acompanhamento da programação e da Gestão do CTE, outra será a execução da programação.

Com tudo isto, e com as dificuldades de gestão das minhas variadas tarefas com a elaboração da programação, e tudo o que está inerente, em Março de 2014 entrou em funções o Luís Portugal, como programador cultural do Município e não só do CTE, sendo certo que o “grosso” da Programação é efectivamente no CTE. E eu continuo com a missão que o Sr. presidente me deu no início do mandato, final de outubro de 2013, de acompanhar e apoiar a programação e gestão cultural do CTE e de toda a política cultural em geral.”

1. Segundo um texto informativo apresentado no site do Cineteatro de Estarreja (CTE), após a década de 70 assistiu-se a um declínio (de programação e público) do CTE. A que se deveu esse declínio e como se pode descrever a situação do CTE entre a década de 70 e o ano de 2005 (reabertura)?

Envio-lhe um artigo em anexo que poderá ajudar a perceber esta questão.

1.1 Quando fechou e quando foi adquirido pela autarquia?

O CTE foi adquirido pela Autarquia em 1993/1994. Até 1998/1999, antes da requalificação, funcionava pontualmente tendo como companhias residentes, julgo eu, a companhia de Teatro ACTO e a Companhia de BCN - Ballet Contemporâneo do Norte. Entretanto fechou para obras de requalificação, por essa altura (1999) e reabriu em 2005, mantendo desde essa altura programação regular.

1.2 A partir de que ano a autarquia começou a gerir o Teatro e sua programação?

A gestão do Cine-teatro de Estarreja (que sempre se chamou assim) foi assumida pela autarquia logo após a sua aquisição, mas a gestão da programação só foi assumida pela autarquia após as obras de requalificação e reabertura a 18 de junho de 2005. Este ano comemoramos 10 anos da reabertura do CTE, sempre com programação regular.

2. A reconstrução do Cineteatro de Estarreja foi financiada com que apoios? Que entidades suportaram os custos da reconstrução?

Os apoios financeiros que o Município obteve referem-se a duas candidaturas do QCA III – Quadro Comunitário de Apoio III – Portugal 2000-2006:

- A primeira referente à empreitada de reconstrução, aprovada no âmbito do Programa Operacional Regional do Centro (POCentro);*
- Uma segunda candidatura destinada a adquirir equipamentos em falta, e que foi aprovada no âmbito do Programa Operacional da Cultura (POCultura).*

3. A reconstrução foi integrada em alguma rede regional ou nacional? De que programa beneficiou?

Como já lhe tinha referido, no que respeita a programação o CTE esteve envolvido em redes/programas de financiamento como protocolos com a D.G.Artes (acordos tripartidos), nomeadamente com a d'Orfeu – Associação Cultural, e as candidaturas de programação cultural em rede (Cultrede, Teatro Contemporâneo, RUCI). Quanto aos custos de infraestruturas e equipamentos, as verbas acima mencionadas foram as únicas participações que o Município obteve.

6. Como se financia o CTE? Que tipo de apoios são estatais e que apoios são provenientes de entidades privadas?

O grosso do financiamento do Cineteatro é, naturalmente, financiamento próprio, do orçamento da câmara municipal.

Mais de 50%?

Mais de 50%, sim. Nós no ano passado e há dois anos tivemos um projecto apoiado pelo MaisCentro, PO Centro, que foi uma candidatura da CIRA – rede de programação cultural. Tivemos um financiamento de 85% de um investimento de 36 000 e qualquer coisa euros. Portanto nos últimos dois anos o financiamento que tivemos foi basicamente esse... que eu, pelo menos, tenha conhecimento. Financiamento em termos de candidaturas, em termos estatal, digamos, neste caso de fundos comunitários.

Já terminou o projecto?

Terminou no final de 2014. Ainda estamos a beneficiar porque o pagamento... nós fizemos a nossa parte, a programação, e entretanto há os pedidos de pagamento e julgo que último ainda não foi reembolsado. Portanto, ainda havemos de ter alguns benefício que temos por receber... mas terminou no final de 2014. E vamos ver que oportunidades é que vão surgir neste novo quadro (Portugal 2020), quer ao nível da região, quer ao nível nacional, quer ao nível europeu. Estamos a trabalhar nisso.. tentar ver alguns projectos financiados directamente pela comissão europeia, que há imensos e que são, de certa forma, sob aproveitados por Portugal. Nós basicamente vamos ao programas regionais e nacionais e esquecemo-nos muito destes programas europeus que estão disponíveis. Isto implica, necessariamente, parcerias com parceiros estrangeiros... e portanto vamos ver que oportunidades vão surgir, mas queremos buscar financiamento...

E com entidades privadas?

Nós não temos propriamente um programa de mecenato; queremos também trabalhar nisso, mas não existe. O que existe é pontualmente, e tivemos o ano passado um espectáculo que foi apoiado por uma empresa local, e foi-nos dado um donativo, no caso de 1000€ para o espectáculo em causa... mas não há um financiamento privado ou apoio privado sistemático, organizado... queremos trabalhar isso, essa parte do mecenato, mas não existe sistematicamente, é pontual.

7. No caso do MaisCentro, esse financiamento era destinado ou tinham autonomia?

Nós tínhamos autonomia na escolha da programação. Basicamente este financiamento... havia uma bolsa de espectáculos em que todos os equipamentos culturais da região com programação regular ou não, todos os municípios, digamos assim, é mais fácil, poderiam programar com aquela bolsa de programação. Portanto, se quisermos aí estávamos um bocadinho limitados porque existiam aqueles espectáculos, se surgissem outros que não estavam ali...

Então esse financiamento destinava-se só à programação?

Era só para a programação, exactamente. Portanto, era limitado a isso...

10. Com que entidades estabelece parcerias e com que fim?

Os nossos parceiros privilegiados e principais... nós neste mandato definimos um conjunto de princípios estratégicos para a programação... para a política cultural, não só programação do CTE,

mas para a política cultural municipal e portanto um dos nossos principais parceiros são os agentes culturais locais; estamos a falar também das bandas, outros grupos de teatro, associações, nós queremos na perspectiva de envolvimento da comunidade, que acho que é importante num Teatro Municipal, ou um município na sua política cultural deve ter esta perspectiva de envolvimento da comunidade e fazer com que a comunidade sinta que o Teatro é seu... as pessoas sentirem-se em casa e aquilo que nós sentimos é que de facto o nosso Cineteatro tem desde há dez anos uma programação e uma vivência muito acima da média, de referência claramente, mas faltava se calhar as pessoas daqui terem mais contacto e sentirem-se mais em casa no próprio Cineteatro...

Mas não estão estabelecidos com determinadas...

Formalizadas não... nós não temos essas parcerias formalizadas Cineteatro – Associações, não temos; são situações pontuais de projectos que vão surgindo, desafiando as associações a colaborarem connosco e basicamente é por aí...

Nem mesmo com empresas locais? Para hospedagem... relacionadas com a hotelaria...

Temos; informais também. Com o hotel.. normalmente nós fazemos sempre a apresentação da programação ao director do hotel na perspectiva de fazermos um pacote turístico... Apenas falado, não está formalizado; não. Às vezes, inclusive, conseguimos preços de grupo nesse âmbito dessa parceria informal que temos com o hotel.

11. Como designa o seu cargo profissional relativamente ao CTE? Desde quando?

Eu sou chefe de gabinete de apoio à presidência e quando eu vim para cá não se colocava o cenário da anterior programadora sair. E teria sido muito gratificante poder ter trabalhado aqui directamente com a Fátima... e o objectivo, o desafio que me foi lançado pelo presidente foi muito na perspectiva de, uma vez que tenho experiência nesta área, porque acompanhei um processo de abertura, ou de reabertura de um Cineteatro, no fundo a fazer este acompanhamento. Obviamente o Vereador tem o seu papel, naturalmente, mas eu a fazer este acompanhamento, mais da gestão da equipa...

Considera-se, portanto, como a gestora?

Se calhar... mais gestão cultural do que propriamente a programação. A programação, entretanto...

Neste caso o Luís Portugal é o programador...

Exactamente. Naquele período temporal, que foi Novembro-Março, sensivelmente, claro que a programação eu tive que assegurar, mas depois... era impossível. Com tudo o que aqui, lá era impossível, daí ter vindo o Luís. Ele veio em Março e trabalhamos em equipa, totalmente em articulação; partilhamos sempre, apesar de o Luís ter essa missão da programação, vamos sempre conversando sobre a programação.

Pelo que me está a dizer penso que não será errado chamar-lhe gestora cultural...

Não sei, não sei... o meu papel aqui é acompanhar e supervisionar, digamos assim, dar o meu contributo para que as coisas funcionem em termos de equipa o melhor possível. Portanto não sei muito bem...

Vai acompanhando, coordenando...

Coordenando, exactamente, é essa a ideia. Lançando alguns desafios...

Quando temos uma equipa que trabalha há nove anos junta e que tem um modus operandi que foi sendo definido por quem lá esteve, por quem cá esteve, a introdução de mudança gera algum desconforto que é normal, e por isso é que houve algumas situações que foram... e que nós no ano passado fizemos... mexemos em algumas coisas, na forma de funcionamento da própria equipa, tentámos que as pessoas falassem mais umas com as outras, que se articulassem mais umas com as outras; lançámos alguns desafios, mesmo ao nível artístico, digamos assim... e é um bocado esse o meu papel, tentar mexer e fazer diferente, porque o facto de vir de fora ajuda a ter uma visão externa, o que também não acontece com o actual executivo porque todos os que cá estavam faziam

parte do executivo anterior... portanto é normal que haja coisas que já não se vêem... e é essa visão externa que pode enriquecer...

14. No que respeita ao CTE, que autonomia possui relativamente à presidência e/ou vereação?

Eu tenho autonomia porque converso sempre com eles, naturalmente. Nunca decido nada... há pequenas coisas que sim, de gestão diária.

Mas os aspectos mais relevantes são sempre falados?

Com certeza que sim. Aliás, nós temos aqui um forma de funcionar no executivo em que nos reunimos semanalmente e basicamente conversamos de tudo, das várias áreas e decidimos coisas em conjunto. As situações mais relevantes sim... o que é de gestão diária, tem que se andar mas as situações mais relevantes são conversadas nessas reuniões semanais que nós temos, do executivo e são decisões tomadas em conjunto.

15. Consegue descrever-me a equipa?

Nós temos, neste momento, uma responsável pela área de comunicação, que é a Catarina, que está em articulação sempre com o nosso gabinete de comunicação, e obviamente que faz tudo o que diz respeito ao Cineteatro mas garante também outras áreas de comunicação do município. Isso também foi uma novidade neste mandato... acho que a Catarina tem todas as competências e todas as potencialidades para poder fazer mais e, portanto, para além do Cineteatro tem colaborado noutros projectos e noutras situações. Depois temos dois funcionários, nesta verdadeira acepção da palavra da câmara municipal, porque depois temos o grupo de prestadores de serviços, onde está também a Catarina; que são a Irene, que é a responsável pela parte mais administrativa (contratações, procedimentos, ... depois faz a ponte com a divisão económica e financeira...); temos o Hugo Gamelas que é responsável técnico e de produção e coordena toda a restante equipa da parte técnica; e estamos a falar de... temos um luminotecnico... um, dois; um é o Hugo Martins, depois temos o Zé Machado.

Esses são os dois funcionários camarários?

Não, não, peço desculpa. Com vínculo à câmara temos a Irene, a tal responsável pelo processo mais administrativo, estamos a falar do Manuel Silva que faz basicamente um bocadinho de tudo, desde bilheteira (normalmente quando a bilheteira está aberta à tarde ele garante... faz limpeza, inclusive...)

Todos os outros são prestadores de serviços, incluindo o Luís, é isso?

Exactamente, incluindo o Luís. Portanto, temos o Manuel, que faz desde bilheteira a limpeza, distribuição de materiais de promoção (as agendas, os flyers, os cartazes, etc). Depois temos então a equipa técnica, o Hugo (responsável pela parte técnica e de produção), o Hugo e o Zé Machado (luminotecnico), temos o Hamilton que é projeccionista e faz direcção de cena e que apoia, enfim, em tudo, basicamente; temos o João Barbosa que é electricista (tem uma prestação de serviço, em termos de tempo, curta... mas para pequenas situações que por vezes surgem no Cineteatro e ele está, por norma, sempre disponível).

Considera que são todos equipa do CTE?

Exactamente.

Mesmo os que são prestadores de serviços?

Com certeza. Eu considero assim. Mas não foi isso que eu encontrei aqui...

Considera esta a equipa do CTE?

Perfeitamente, sem dúvida. Sem fazer esta distinção entre os que são funcionários e os que são prestadores de serviço...

Pois, eu sinceramente pensei que todos fossem funcionários da câmara e só na conversa com a Catarina fiquei com a percepção de que...

Não... Agora o que eu acho é que não é fácil, e muitas vezes eu já tive conversas com, incluindo a Catarina, porque este estigma, digamos assim, de ser prestador de serviço ou o que as pessoas entendem como sendo um estigma, porque há diferenças, naturalmente, em termos de vínculo profissional e das condições profissionais há diferenças, e por isso mesmo as pessoas muitas vezes entendem também que ... ah, estou a esquecer-me de duas pessoas fundamentais, que é a Carla que também faz bilheteira à noite e a Lígia, que faz frente de casa. Depois ainda temos também os assistentes de sala que vêm de um projecto que nós temos aqui, um projecto de partilha, que basicamente, embora lhes chamem aqui como movimento de voluntários, que na verdade não são, no fundo eles são ressarcidos pelo trabalho que fazem, mas é um valor simbólico, portanto quase que é voluntariado. Mas nós no ano passado fizemos uma acção de formação de assistentes de sala dirigida a todos eles e abrangemos mais algumas pessoas aqui funcionários da câmara municipal que entendemos que têm perfil para poder exercer funções de assistente de sala, e, portanto, fizemos essa formação e na verdade o que nós gostaríamos é que também eles sentissem que faziam parte da equipa do Cineteatro. Aliás, o que lhes disse a eles, na abertura dessa formação foi precisamente isso: eles são, eles, nós, todos nós somos, enfim, embaixadores do Cineteatro de Estarreja porque as pessoas que vão lá reconhecem as caras e depois vão ser vistos na rua e é normal que sejam questionados: o que é que vai acontecer?...

E todos esses elementos, inclusive da frente de casa, neste momento... é uma equipa estável?

Neste momento sim, é uma equipa estável. Sim, porque o que é que nós fizemos? Em Setembro, no início desta nova temporada, de programação, fizemos esta formação com um grupo de 30 pessoas; obviamente que eles não estão todos, todos os fins-de-semana, mas vão rodando, até porque a disponibilidade, maioritariamente estamos a falar de estudantes do ensino secundário ou do ensino universitário e muitos estão a estudar fora e nem todos os fins-de-semana estão disponíveis e por isso este grupo de 30 pessoas, por norma em espectáculos de casa cheia nós precisamos de 7/8... espectáculos com menos espectadores naturalmente precisamos de menos; portanto essa gestão é feita com a Lígia em articulação com o Luís e eu vou tomando conhecimento também disso. Mas estava eu a dizer que em Setembro fizemos esta formação e para esta temporada, Setembro 2014 – Julho 2015, este é o grupo de assistentes de sala, não entra mais ninguém, porque eu acho que é importante que as pessoas tenham formação e percebam o que é que estão ali a fazer, qual é o papel delas... às vezes parece que o estar a fazer o registo do bilhete para as pessoas entrarem é uma coisa simples, e é, efectivamente, mas é muito mais que isso...

Pretende que estejam todos no mesmo registo...

Exactamente. E eu acho que é importante que saibam receber as pessoas, saibam fazer com que as pessoas se sintam bem na nossa casa e que queiram voltar e isso é importante. E às vezes basta um simples sorriso, mesmo quando alguma coisa corre mal... quem lida com muita gente encontra de tudo, e há muita gente que reclama sem razão aparente e nós temos que saber lidar com essas pessoas assim como com outras, e por isso é importante essa estabilidade. No final desta temporada iremos avaliar se há necessidade... e também se há outros jovens que queiram entrar nesta bolsa e portanto alargar...

Já agora pergunto se são todos de Estarreja...

São todos de Estarreja, exactamente. Este programa, o projecto Partilha é dirigido a jovens de Estarreja, dos 16 aos 24. E basicamente é isto, o que queremos é que todos se sintam equipa do Cineteatro.

17. No site oficial da Câmara Municipal de Estarreja não há qualquer referência ao CTE (na área da cultura apenas é mencionado o Arquivo Municipal). A que se deve essa ausência?

Isso não é verdade. Quando é que foi a última vez que visitou o site?

Quando iniciei o processo de investigação o site não tinha qualquer referencia, na área da cultura apenas tinha o arquivo municipal. A última vez que visitei o site deve ter sido há cerca de dois meses...

Mas desde 2ª feira que já está (risos)...

Ah, então é mesmo recente... Mas perguntava-lhe qual a razão porque não estava anteriormente.

Olhe, sinceramente não lhe sei explicar porquê... Eu saber explicar até sei mas pronto; porque o Teatro vivia muito por si, embora fosse um equipamento municipal, como sempre foi, vivia muito por si.

No fundo esta questão está aqui um bocado para perceber realmente... se era uma instituição autónoma e ao mesmo tempo fechada...

Um bocado, um bocado isso, embora não autónoma, tinha uma vida muito própria, porque depende sempre da câmara municipal... e eu agora vou mostrar-lhe, mas por acaso na cultura pode ainda não estar...

Ah, o site é diferente...

É

É muito recente...

É

Ah pois...

Nós mudámos a marca institucional...

18. Na sua perspectiva qual a instituição cultural do município com maior visibilidade?

Claramente... claramente o Cineteatro é que atrai muita gente ao concelho. Não há dúvida. A seguir a Casa-Museu (Egas Moniz)

19. Como é a relação institucional do CTE com os restantes equipamentos culturais (municipais)? Há dinâmicas comuns?

Neste momento, de acordo com a estratégia que definimos...

No momento em que estava a preparar a entrevista falou-me do LAC...

O Laboratório de Aprendizagem Criativa... exactamente.

Iria perguntar de seguida se há dinâmicas comuns, já percebi que sim...

Essa foi uma das estratégias... antes funcionava tudo muito separado, o que por vezes originava com que houvesse sobreposição de programação, não houvesse rentabilização dos recursos, quer humanos quer materiais; nós temos uma equipa técnica no Cineteatro que pode ajudar, sei lá, na biblioteca, na organização de um evento que não tem equipa técnica, nem tem que ter, não há necessidade, mas se houver essa articulação nós podemos rentabilizar os recursos humanos e os meios técnicos, naturalmente, e é isso que está a ser feito há um ano sensivelmente a esta parte. Denominámos de Laboratório de Aprendizagem Criativa, em que o grande objectivo é a captação, formação e fidelização de públicos, sempre tendo por base estes dois princípios de educação pela arte e a aprendizagem ao longo da vida, daí termos também trabalhado muito com o público sénior neste último ano... e naturalmente com ligação às escolas. E esta ligação à educação, às escolas, trazer o público escolar, o nosso público escolar, as nossas escolas ao Cineteatro, pareceu-nos fundamental e, portanto, isso está a acontecer com frequência e acreditamos que desta forma estamos a formar público para o futuro e por isso...

Mas, ou seja, há aqui um novo paradigma... esta articulação...

É nova, sim. Isto pode parecer pretensioso, mas claramente é... e é com agrado... Nós constituímos...

Perceberam que as instituições...

Só podiam ser assim, e essa visão, naturalmente, é partilhada pelo executivo, portanto, só podia ser assim. Nós com esta lógica de funcionamento em rede dos equipamentos municipais, nós tínhamos que ter uma equipa constituída por pessoas de cada um destes equipamentos que, de alguma forma, articulassem também as suas actividades, a programação... e aqui o Cineteatro tem um papel fulcral, porque como equipamento “mor”, digamos assim, âncora desta rede, com programação sistemática e regular, de qualidade, tem obrigação de poder qualificar, ajudar a qualificar o que é feito nos outros equipamentos... com a sua equipa, que apesar de tudo nesta área do serviço educativo... o Laboratório de Aprendizagem Criativa passa muito por actividades de serviço educativo, de formação de públicos, de fidelização e por aí fora... e portanto nesta área eu acho que nós de facto temos aqui algumas lacunas, precisávamos de mais gente qualificada em termos de equipa para poder acudir a todas as necessidades...

Diga-me só uma coisa para terminar... o outro grupo de questões fica para a próxima... Essas iniciativas que me referenciou, por exemplo das escolas irem ao Cineteatro, também tem que ver com este projecto?

Tem, tem...

Ou seja, isso dantes também não acontecia?

Acontecia muito pontualmente. E agora...

É um projecto?

Sim, é assumidamente isto que nós queremos fazer. Por exemplo, aconteceu agora há muito pouco tempo; nós tivemos a “Viúva Papagaio”, que é um projecto da Circolando, é um texto que é trabalhado no 5º ano de escolaridade e nós trouxemos todas as escolas, todos os alunos do 5º ano a ver a peça. Isto não acontecia; acontecia pontualmente um projecto que continuamos a fazer, que é o música na escola, com a orquestra das beiras, dirigido ao 1º ciclo, 3ºs e 4ºs anos, se não estou em erro, mas depois... havia, havia projectos de ligação às escolas do ensino secundário, essencialmente; recordo-me de um que foi feito pela Fátima Alçada, que foi o Europa...

Mas foram, no fundo, delineadas novas dinâmicas...

Sim, sim... e a articulação com a escola, com a chefe de Divisão de Educação, Acção Social, Coesão Social e Cultura... e pronto, eu acho que estamos no bom caminho. Internamente as coisas estão a funcionar muito bem, as pessoas já estão pensar de forma sistémica, já se articulam, articulam as ideias quando pensam em fazer determinada iniciativa; pensam “como é que eu posso enriquecer isto a nível cultural?”, se é uma iniciativa desportiva, por exemplo, nós podemos aqui complementar com algo na vertente mais cultural e isto satisfaz-me, naturalmente, porque acho que é este o caminho, de ver as coisas de forma articulada. Nós somos um território relativamente pequeno e temos que rentabilizar aquilo que temos ao máximo e da melhor forma.

20. Qual a área de influência do CTE, isto é, que comunidade considera que é a comunidade a que o CTE se dirige?

Desde a comunidade concelhia, digamos assim, do município... cada vez mais temos trabalhado no sentido de atingir a população concelhia na sua globalidade, porque a população aqui do centro é relativamente fácil de atingir, e depois temos também fora das fronteiras concelhias. Eu acho que nós conseguimos... atingimos Aveiro, atingimos Ovar, Oliveira de Azeméis, mesmo até do Porto, mas se calhar são situações mais pontuais, mas temos públicos de várias regiões; já tivemos de Viana do Castelo, de Leiria. Mas em termos do público, da área de abrangência e de influência que o Cineteatro... eu diria que é local, naturalmente o concelho, e depois abrange a região, posso dizer a região de Aveiro na totalidade não, mas os municípios vizinhos sim; portanto Aveiro, Murtosa...

Limitrofes...

Sim... Ovar, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha... acho que essencialmente é isso.

Essa área de influência é uma constatação ou é um objectivo vosso... ou é as duas coisas?

É as duas coisas. É uma constatação e é um objectivo naturalmente. É uma constatação porque de facto temos públicos destas localidades.

E sempre foi assim? Desde 2005?

Sim. Sim sim sim. Se calhar agora, nos últimos cinco anos, sei lá, por aí, tem havido um incremento do público de Aveiro; a partir do momento em que o Teatro Aveirense teve uma quebra na programação regular e sentimos que Aveiro vinha muito para cá. Entretanto abriram outros equipamentos culturais, Ílhavo nomeadamente, e Albergaria-a-Velha, e agora Ovar, e obviamente esta existência de oferta cultural nestes municípios acaba por dividir um bocadinho mais os públicos. Mas não tem significado perda de públicos destas áreas...

Mantém-se um público móvel, é isso?

Exactamente.

Mas vocês também têm esse objectivo de chegar...

Claro. O objectivo é mesmo atingir a região.

Mas neste momento, o concelho é prioridade ou não há propriamente uma prioridade?

Eu não diria que o concelho é prioridade. Na nossa estratégia, de política cultural, definimos como prioridade os nossos agentes culturais locais e a qualificação dos nossos agentes locais e consequentemente trabalhar com a comunidade no sentido de captar mais públicos para o Cineteatro. Obviamente com isto não significa que estejamos a descorar os públicos dos outros concelhos, mas o nosso público, o público estarrejense tem uma atenção especial no que diz respeito à formação de públicos, à fidelização, que também, naturalmente, é aberta aos outros públicos. Mas virámos um bocadinho para dentro, sem esquecer o de fora, porque é importante...

Mas pegando no que a Isabel está a dizer, pergunto... este trabalho de que está a falar é mais local, mas o público que assiste, de forma mais passiva, é mais abrangente...

Eu diria que é as duas coisas... Sim, é verdade que este trabalho com a comunidade, mais no âmbito do laboratório de aprendizagem criativa, em que temos espectáculos de desenvolvimento da comunidade...

Comunidade concelhia?

Sim, embora não fechemos exclusivamente à comunidade concelhia; temos tido pessoas de Aveiro, de Ílhavo, a participar e portanto isso também nos agrada, mas obviamente queremos... a nossa prioridade nesse sentido é de facto a população do concelho de Estarreja, na perspectiva de formar públicos. Agora a verdade é que continua a haver as duas situações, temos o público de Estarreja e temos o público de fora, não há grande distinção nisso.

Já agora esta freguesia chama-se...

Actualmente Beduído e Veigos

Que é a mais habitada?

Com a agregação das freguesias... nós tínhamos sete freguesias em que Beduído, que é esta onde estamos, que é a freguesia mais urbana, era a maior e a seguir Avanca. Neste momento continua a ser a maior, mas neste momento é união de freguesia de Beduído e Veigos, e depois temos Avanca, a segunda maior.

22. Como caracteriza a comunidade estarrejense?

Eu acho que é uma comunidade que é um misto. É rural e urbana. Se pensarmos na vertente mais cultural, nós temos agentes culturais muito fortes, nomeadamente as bandas filarmónicas que têm escolas de música onde grande parte dos nossos jovens começam a estudar música, a ter o primeiro contacto com a música aí. Nós costumamos dizer, a brincar, que Estarreja é o maior fornecedor de músicos para as orquestras, por aí fora... Na verdade isso acontece com muita frequência. Nós temos

excelentes músicos, inclusive no estrangeiro que começaram aqui, nas nossas escolas das bandas, e que hoje estão na orquestra sinfónica de Berlim e por aí fora... Eu acho que há uma apetência natural para as questões culturais; temos imensas colectividades, cinquenta e tal se não estou em erro, e das mais diversas áreas, da etnografia, folclore, desportivas, recreativas, e eu acho que há uma apetência forte para as questões culturais. No entanto, acho que ainda falta um bocadinho a formação de públicos, porque uma coisa é estar preparado para ouvir um concerto de uma banda filarmónica outra coisa é estar preparado para um espectáculo de dança contemporânea ou um teatro com uma encenação mais arrojada e portanto o nosso público precisa de ser trabalhado; daí que também tenhamos definido como prioridade esse trabalho em termos locais. De resto, eu acho que é uma população esclarecida...

E em termos de sentido de pertença a Estarreja...

Eu acho que sim. Eu sinceramente ainda não tenho muito essa percepção, mas eu acho que sim, que as pessoas são bairristas, são... no fundo quando são desafiadas para participar seja no que for, elas assumem o projecto como seu e têm esse sentimento de pertença. Acho que genericamente isso acontece. Depois se calhar... mas eu não sei se isto é 100% correcto... mas às vezes têm tendência a desvalorizar um bocadinho aquilo que é seu, que sai da própria terra. Mas eu não sei muito bem... é uma percepção minha...

23. Como caracteriza o público do CTE? É possível descrever, ainda que de forma superficial, o público que costuma frequentar os espectáculos do CTE? Idade, sexo, localidade, ocupação profissional, etc...

A formação é, essencialmente, formação superior; na área da educação, temos muitos professores. Estamos a falar maioritariamente de mulheres, o que também não será de estranhar e na faixa etária dos, diria assim de repente, dos 40-50, ou 35-50, se quisermos. Há uma faixa etária de públicos que nós, de facto, não estamos a conseguir atingir... As crianças até aos 10, sim, conseguimos atingir; os adolescentes, os jovens, temos alguma dificuldade em atingir. Estamos a sentir também, cada vez mais, um incremento do público sénior. Eventualmente porque nós temos aqui o cartão sénior municipal e sempre foi possível acederem aos espectáculos através do cartão sénior; os portadores do cartão sénior poderem ter descontos e a verdade é que isso não estava a ser aplicado e portanto neste momento temos sentido algum incremento da população sénior. Por um lado, por essa questão, por outro lado temos trabalhado e desenvolvido projectos, de desenvolvimento de comunidade, dirigidos à população sénior e isso tem puxado as pessoas para o Cineteatro com a participação nesses projectos e depois, à posteriori, vão espontaneamente ver os espectáculos.

Já agora, tem a ver com isto e com o que me estava a dizer à pouco, em relação à distribuição por localidade... referiu que o vosso público é regional, mas a população estarrejense corresponde a pelo menos metade ou...

Menos, ligeiramente menos que metade. Ronda os 40 e tal por cento...

Vocês com os inquéritos estão a tentar chegar a esses dados, têm esse objectivo?

Também, sim. E queremos perceber exactamente... para já perceber o perfil do nosso público, por um lado; por outro lado perceber também o que é que, em termos da prestação do Cineteatro relativamente à... ter a avaliação do público, não é?!; quer em termos de programação quer em termos da sala em si, dos assistentes de sala, a forma como as pessoas são acolhidas, o ambiente, se é agradável se não é, as questões de limpeza, portanto tem sido um bocadinho estas vertentes que queremos avaliar com estes inquéritos. Agora... isto tem sido uma amostra... nós aplicamos, por norma, em espectáculos diferentes, das diferentes artes, mas por norma espectáculos que têm casa cheia para conseguirmos obter o máximo de respostas porque as pessoas têm dificuldade... não sei se por preguiça, se por vergonha, por vergonha não será porque os inquéritos são anónimos, mas acabam por, dos 500 que nós distribuímos, recebemos 100, cento e poucos... já é uma amostra significativa; de todo o modo estamos a fazer isto em várias... agora estamos a fazer isto também no cinema.. não sei se já começámos a aplicar, confesso, mas a intenção é fazer nas sessões de cinema também, até porque temos cinco meses, seis meses, de cinema digital, uma dinâmica completamente

diferente, que tem trazido muito mais públicos, e queremos perceber se estamos também, em termos de escolhas e de orientação da programação, se estamos a ir no caminho certo... parece que sim, mas uma coisa é aquilo que nos parece, outra coisa é aquilo que as pessoas acham.

24. Na sua perspectiva, enquanto ... da CME / do CTE, qual a relação da população da cidade com o CTE enquanto instituição?

Da população da cidade?

Da população do município. Pergunto-lhe em concreto da população... a população que pode, ou não, ser público.

Eu acho que cada vez mais o Cineteatro, enquanto instituição, se está a abrir à nossa comunidade; no fundo está a sair de portas e a nossa comunidade está a sentir que a casa é sua; cada vez mais a casa é sua, e para isso é preciso, não estamos a falar só da casa (física) mas da equipa que vai ao encontro das pessoas, que promove eventos com os quais as pessoas se identificam e eu acho que cada vez mais há uma relação de proximidade, de pertença... enfim, de acharem que a partir do Cineteatro podem desenvolver actividades que também gostariam, de alguns criativos que podem apresentar-se, ou simplesmente serem espectadores e desfrutarem de um bom espectáculo. E portanto eu acho que cada vez mais começamos a abrir e as pessoas sentem esta maior proximidade.

Mas mesmo aquelas pessoas que estejam, efectivamente, mais afastadas, que não sejam público ou que não o queiram ser, qual é que lhe parece que é a perspectiva de saber que há a instituição Cineteatro de Estarreja... Para elas, enquanto habitantes...

As que estão mais afastadas, eu acho que nós ainda conseguimos, as pessoas ainda consideram que se calhar o Cineteatro não é para elas, aquela perspectiva mais de elite, de não conseguirem lá chegar. E nós queremos desmitificar esta ideia, possivelmente também será por aí; para outras acredito que tenha alguma influência... cada vez mais, nesta altura, cada vez mais há a questão financeira... há pessoas que até gostariam mas não têm capacidade, têm que tomar opções, e a cultura acaba sempre por ser a primeira situação a ser posta de lado porque há outras prioridades. Eu vejo essencialmente por aí... haver algumas barreiras...

Mas parece-lhe que há a percepção de que é um instituição de relevo na cidade?

Isso sim, isso sem dúvida. E acho que genericamente, mesmo que não frequentem, as pessoas consideram o Cineteatro como sendo uma referência regional e até nacional, isso não tenho a menor dúvida; e valorizam, isso acho que sim...

25. De que forma o Teatro, enquanto equipamento (espaço/edifício), está ao dispor da comunidade? Não digo de uma forma individual, mas através de associações, agentes locais....

Sim, é possível. Podem fazer o pedido da cedência da sala e utilizar o espaço. Existe o pagamento de uma taxa, no caso das associações e das nossas colectividades tem um valor residual em termos de pagamento; é basicamente para garantir questões normais de funcionamento. E, portanto, utilizam sempre que possível, sempre que disponível...

Uma taxa de utilização diferente para as associações locais...

Sim, sim. As associações locais têm, no fundo, um tratamento mais privilegiado do que um produtor que venha cá e peça a sala para fazer um concerto ou um espectáculo de dança, o que seja, portanto têm condições mais privilegiadas, com outro tipo de descontos...

E depois é agilizado com a vossa programação?

Exactamente. E agora temos vindo a integrar, sempre que se enquadra nos padrões que nós entendemos que se enquadra na nossa estratégia, a programação, seja dos agentes culturais locais sejam de outros, cedências de sala, nós integramos na nossa programação, com a nota que, de facto, é promovido pela associação a,b,c ou d...

Informa-se quem é o promotor...

Exactamente...

Ok... está tudo por agora.
Agradeço-lhe imenso.
Ora essa.

Anexo 6.2 - Transcrição de entrevista a Isabel Pinto (Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente da Câmara Municipal de Estarreja/“Coordenadora” da equipa do CTE”) 21 Abril e 4 Junho de 2015

1. Enquanto “coordenadora” da equipa do CTE, quais considera serem os principais objectivos que se pretendem atingir com a programação do Cineteatro?

*É assim, o Cineteatro, no fundo, é o pólo catalisador de toda a dinâmica cultural do município, e pretende-se que assim seja, por toda a história que tem – história de sucesso, felizmente – e por tudo aquilo que nós queremos que continue a ser. No fundo é o equipamento âncora de toda a programação cultural do município. E o que nós pretendemos é que seja uma programação **abrangente, eclética, diversificada** nas várias vertentes artísticas; que atraia também públicos quer locais quer regionais e mesmo nacionais, que continue a fazê-lo, temos que ter essa preocupação; e temos também a preocupação de promover acções e actividades, incluindo na programação, naturalmente, que capte, forme e fidelize públicos, particularmente os locais, nesse caso em concreto. Ou seja, nós basicamente com qualquer espectáculo, não com todos mas com os espectáculos que programamos, o que pretendemos sempre, e que desafiamos por norma, seja actor seja os cantores ou bailarinos, tentamos fazer sempre uma vertente educativo no âmbito do Laboratório de Aprendizagem Criativa (LAC); e com isto, também, naturalmente, dar a conhecer mais sobre o espectáculo e conseqüentemente atrair mais público para aquele espectáculo em particular. E depois temos também outra prioridade que é dinamizar acções de desenvolvimento da comunidade, portanto, tentar programar espectáculos que envolvam a comunidade, tenham a participação da comunidade.*

3. Ia perguntar-lhe como é que caracteriza a programação. Já disse: abrangente, eclética, diversificada.

Sim, sim.

2. A escolha dos projectos que se apresentam no CTE está a cargo da Isabel e do Luís em igualdade? Outros elementos participam no processo?

Não, é assim... O Luís, neste momento, é ele basicamente que faz a programação. O que nós fazemos a seguir é: ele apresenta a proposta de programação, quer a mim numa primeira fase, e às vezes discutimos aquilo que pode ser ou não pode ser, ou que deve ser ou o que não deve ser, e depois naturalmente é apresentada superiormente ao senhor vereador e ao senhor presidente.

Mas a Isabel não está, neste momento,

Na escolha da programação? Sim, mas... A programação é escolhida pelo Luís neste momento. A minha fase de escolha, de programação, de contactos com os artistas, de procura, porque para programar é preciso estar, eu vou dizer, no mercado, não é este o termo correcto, mas é preciso estar no meio, é preciso procurar, é preciso conhecer, é preciso ir ver espectáculos e neste momento eu não tenho essa possibilidade e não estou a fazê-lo. Portanto, aquilo que eu faço da minha sensibilidade, dos meus conhecimentos em termos de programação, é naturalmente, e depois da visão, também abrangente do município, de todas as outras áreas do município, é discutir a programação que é pensada e estruturada pelo Luís e dar a minha opinião naquilo que eu acho que, às vezes, pode ser o caminho que me parece correcto dentro da estratégia política que foi definida, outras vezes nem por isso, e portanto discutimos a programação e definimo-la tendo sempre presente os princípios que foram definidos em termos políticos, de estratégia política. E essa é também a minha competência.

4. Os espectáculos pretendem atingir diferentes esferas da sociedade e diferentes gerações?

Sim, exactamente.

Independentemente de serem do concelho ou exteriores?

Independentemente. Aliás, eu acabei de dizer que, obviamente que o nosso target e o público que queremos atingir é, não só o local, do nosso município, e nós estamos a dar e demos inicialmente uma atenção especial porque estava esquecido, honestamente, acho que se calhar tínhamos menos público do município de Estarreja do que dos municípios da região e até mesmo do país em algumas circunstâncias...

E é, assumidamente, uma estratégia vossa alterar significativamente...

Não é alterar significativamente. Nós queremos manter o que estava, mas reforçar e mostrar que o Cineteatro é, de facto, um equipamento de Estarreja para as pessoas de Estarreja também, e que é aberto à nossa comunidade tal como é e sempre foi, também, a outras comunidades. Portanto, esta preocupação de captar, fidelizar e formar o nosso público local é fundamental, dando também atenção e valorizando o trabalho que é feito pelos nossos agentes culturais locais.

As estratégias de envolvimento da comunidade passam, sobretudo, pelas oficinas, workshops, ateliers...

Oficinas, workshops, pela programação também de alguns espectáculos em articulação com os agentes culturais locais; estamos a falar das bandas, de grupos de teatros, espectáculos que às vezes nos são propostos e às vezes são até como cedências de sala, e que entendemos que é importante incluir na nossa programação, e incluímos.

10. As artes do espectáculo são as áreas artísticas de destaque na programação apresentada, acrescentando o Cinema. De que forma se distribui a programação pelas diferentes áreas?

A nossa preocupação é, efectivamente, e fazemos a programação trimestralmente, ou é apresentada trimestralmente ainda que esteja a ser pensada mais à frente...

Não é pensada trimestralmente?

Não, não é pensada trimestralmente. Posso dizer-lhe que fechámos agora, há um mês, a programação Abril – Julho, este é um quadrimestre, e obviamente já temos coisas programadas para Dezembro, não é só pensada, ou melhor quando ela é apresentada não significa que só esteja feito aquele trimestre, muitas coisas já estão pensadas à frente, e às vezes até para o ano seguinte.

Para mim isso interessa-me... porque estou aqui para aprender; ou seja, vocês pensam anualmente?

Sim, anualmente. Tem a ver também muito com as oportunidades que às vezes possam surgir, em termos de programação de propostas de espectáculos... imagine uma tournée que esteja cá em Janeiro de 2016, se nós tivermos conhecimento neste momento e podermos assegurar, se fizer parte da nossa estratégia, se for um espectáculo que vá ao encontro daquilo que nós pretendemos, se for dentro das nossas condições e possibilidades, então agarramos e fechamos logo, sendo certo que depois só é conhecido do público mais à frente. Mas sim, as coisas são pensadas, em termos temporais, mais do que propriamente o trimestre. Não há regra definida relativamente a isso, não quer dizer que seja pensado a um ano ou a dois, mas às vezes são estas situações que fazem andar mais à frente.

Com isto entretanto perdi-me...

Estávamos em termos de distribuição...

Ah, em termos de distribuição... Por norma a nossa preocupação é, e nesta perspectiva de termos uma programação diversificada, é em cada mês termos sempre um bom espectáculo de música, com um nome mais sonante, digamos assim, um bom espectáculo de dança, um bom espectáculo de teatro, e depois cinema, naturalmente, que agora também está nas nossas prioridades até pelo investimento que fizemos, e depois... este é o esqueleto da programação...

Ou seja, tentam sempre que haja num trimestre um espectáculo de cada área...

Exactamente, o esqueleto da programação é este; e um espectáculo, também, de âmbito mais dirigido ao público infantil ou mais de âmbito de serviço educativo, do LAC, que por norma é mais

dirigido ao público infantil mas também pode ser dirigido a outros públicos, e se for um espectáculo de envolvimento da comunidade activa, de participação, em que nós chamamos a comunidade a fazer o espectáculo com a companhia que estiver - que já aconteceu - pode ser também dirigido especificamente a público com mais de 60 anos; Portanto, este é o esqueleto: música, teatro, dança...

Mas agora pergunto-lhe: falou-me em “pelo menos um bom espectáculo” de cada uma das áreas. O que é que entende por “bom”? “Bom” significa grande, ou popular, ou...

Significa mais popular, de maior atractividade de públicos. Não significa que um espectáculo que atraia muito público seja bom para toda a gente, não é?!

É que são adjectivos tão relativos, por isso é que eu lhe perguntei, com toda a sinceridade.

Pois é, é verdade. Sim, faz sentido isso. Às vezes nós temos excelentes espectáculos que acabam, em termos de público, por ter um feedback muito reduzido, não são espectáculos de massa. E quando eu falo no bom é mais nessa perspectiva de ser um espectáculo em termos de impacto...

Bom para a instituição, é isso?

É, claro que sim. Temos que ter essa perspectiva de ir ao encontro daquilo que, em termos de massas, também o público espera de nós. Portanto, por isso é que eu digo, estamos a falar de um espectáculo em cada uma das áreas que seja mais abrangente, que atinja, em termos de impacto no público, mais gente. Às vezes temos surpresas, não é... às vezes aqueles espectáculos que nós achamos “não, este espectáculo é muito bom em termos artísticos, mas em termos de público não vai ter o impacto que nós gostaríamos” e depois a coisa é ao contrário, e vice-versa.

Haverá, certamente, surpresas positivas e negativas.

Exactamente, surpresas positivas e negativas.

Mas então há essa estratégia, desses três espectáculos e depois... as outras apostas?

Outras apostas dependendo também das oportunidades que nos forem surgindo, mas o esqueleto, o desenho da programação é sempre ter um espectáculo, no mínimo, de teatro, música, dança e um espectáculo mais no âmbito formativo, portanto no âmbito do LAC. Isto num mês; e se nós pensarmos assim já temos quatro fins-de-semana preenchidos com um bom espectáculo. Depois temos também a parte do Café-Concerto; tentamos pelo menos uma vez por mês ter um espectáculo no Café-Concerto. É essencialmente música, mas pode não ser; temos programado essencialmente música, mas não significa que assim seja. E o Café-Concerto, neste momento, tem tido uma dinâmica muito interessante, desde Setembro do ano passado, desde que fizemos ali uma renovação da imagem e do próprio equipamento de som e de luz; portanto, temos tido essa preocupação. Depois, o restante tempo de programação acaba por ser preenchido com o cinema, com alguns espectáculos de acolhimento – de outras produtoras que nos propõem e pedem a cedência de sala – com os agentes culturais da nossa comunidade. E basicamente é assim, tentamos gerir em função...

12. Quais os objectivos com a programação de cada uma das áreas?

17. Eu ia perguntar-lhe se há uma estratégia específica para cada uma das áreas artísticas, mas no fundo essa estratégia é global, vocês pensam nas áreas de uma forma global. Mas depois, dentro da música há tantos géneros, e no teatro há a comédia o drama... aí pensam em estratégias específicas? Têm objectivos específicos para cada uma das áreas?

Temos, temos sempre objectivos específicos com cada uma das áreas porque acho que... e aí a diversidade é fundamental, e como diz, e muito bem, dentro da música temos géneros musicais e, portanto, nós tentamos apresentar um bocadinho de tudo, desde o pop, o rock, música clássica, jazz – nós temos essa aposta muito forte no jazz, até pelo festival que organizamos e pela nossa big band – isto na música como também nas outras áreas; no teatro a mesma coisa, tentamos ir da comédia até ao drama e às novas abordagens, as novas encenações; a dança igual, tentamos sempre ir buscar trabalhos de coreógrafos de qualidade, naturalmente, mas diferentes, com abordagens diferentes, para que o nosso público tenha acesso às diversas, dentro de cada uma das áreas artísticas, aos diversos estilos, às diversas abordagens. E portanto, que seja fácil em Estarreja poder ver um

espectáculo que seja mais... que de outra forma só poderiam ver ou no Porto ou em Lisboa e portanto tentamos fazer aqui chegar todo o tipo de programação dentro das diversas áreas. Não sei se me fiz entender...

Sim, sim, claro.

Tinha aqui um grupo de questões relativas ao cinema, mas sinceramente o Luís deixou-me bastante elucidado. O Luís explicou-me que o Cineclube de Avanca programa as sessões às 5^{as} feiras e vocês o cinema que designam Cinema em Cartaz aos domingos. Está explícito.

15. A Literatura e as Artes Plásticas, incluindo as exposições, integram a programação do CTE?

Sim. Não são as áreas privilegiadas, mas integramos. Há espaço e temos feito, não com uma frequência muito regular, mas temos feito, quer nas artes plásticas quer... essencialmente nas artes plásticas, estava aqui a pensar, é por aí. Agora, temos também - com certeza o Luís também lhe falou disso – vamos iniciar agora uma nova iniciativa que é a Montra. Ele falou-lhe disso?

Não, por acaso não.

A Montra mais não é que exactamente isto: na entrada do Cineteatro há um espaço expositivo que nós temos uns pequenos móveis, expositores, com algum merchandising nosso e pronto... o que é que... para não ser uma montra estática, ter sempre o mesmo tipo de material, queremos promover, no fundo, os novos criadores ligados às artes tradicionais, o artesanato, mas que agora estão a dar-lhe uma nova roupagem. Portanto, quer criadores locais ou regionais quer a nível nacional, estamos a convidar... vamos começar já em Maio.

Portanto, serão convites vossos...

Sim. Para já vamos iniciar por convite, pessoas que conhecemos, que fazem trabalhos interessantes...

Podem expor...

Podem expor e vender também E é uma forma de dinamizar também o átrio de entrada do Cineteatro e dar a conhecer estes novos artistas e criadores, que também é importante.

19. A estratégia programática assenta na perspectiva de partilhar com a comunidade aquilo que se sabe que é do seu agrado ou, por outro lado, pretende apresentar modelos e projectos desconhecidos de grande parte da comunidade?

As duas coisas. Eu acho que é essa... os princípios de programação e a nossa política cultural assentam precisamente nesta diversidade; por um lado dar aquilo que as pessoas esperam, por outro lado apresentar aquilo que são abordagens diferentes, dar-lhes a conhecer, tornar acessível, outro tipo de espectáculos que as pessoas não estão à espera.

Tentam criar um equilíbrio...

Um equilíbrio, exactamente.

20. Como se processa a escolha dos grupos/companhias que actuam no CTE? Fale-me sobre os critérios...

21. Quais os factores internos e externos que influenciam a escolha? Por exemplo, calculo que as digressões sejam um factor externo que acabam por facilitar ou dificultar a passagem pelo CTE.

Os critérios assentam, essencialmente, em qualidade, seja mais nesta perspectiva daquilo que as pessoas esperam de nós, que é dito mais comercial, seja no mais alternativo, naquilo que as pessoas não conhecem e que nós pretendemos dar a conhecer. A qualidade tem que estar sempre presente. Depois, naturalmente, tem a ver também com factores de preço, porque às vezes gostaríamos de ter espectáculos aos quais não conseguimos chegar em termos de orçamento...

Estamos a falar de um factor interno...

Um facto interno, sim.

Factores externos... nós também ouvimos a população e às vezes também faz sentido a opinião – faz sempre sentido a opinião da população, naturalmente – mas faz sentido ir ao encontro daquilo que pretendem. Portanto não é problema nenhum se as pessoas dizem “ah, gostava de ver aqui o concerto do artista x”; se nós conseguirmos e isto for, de facto, ao encontro daquilo que as pessoas pretendem...

Mas pergunto-lhe novamente se há essa confrontação ou não, porque falou-me...

Em qualidade, claro.

E o que é que é, na sua perspectiva... agora pergunto-lhe, ao falar em qualidade o que é que define...

Qualidade musical, qualidade artística; quer dizer não vamos estar... há espaço para todo o tipo de programação no município de Estarreja, mas não vamos...

Se calhar faz sentido um pergunta que tinha para posteriormente...

Então...

36. No que respeita a modelos e conteúdos artísticos o que é que não cabe na programação do CTE?

Isto é sempre muito perigoso dizer isto, mas o que eu acho que não cabe, efectivamente, é... aqueles espectáculos mais populares, tradicionais, que as pessoas esperam ver numa festarola ao ar-livre, o pimba não cabe, quer dizer... este tipo de programação não faz sentido.

Mas isso também é assumido por vocês, que esse tipo de espectáculos...

Sim. Eu acho que é tão óbvio que já nem sequer temos solicitações nesse sentido, seja por externos, seja por internos. Portanto, eu acho que o estilo e a linha programática do Cineteatro está clara para toda a gente. Nós temos a casa aberta, naturalmente, aos nossos agentes culturais locais, mas eles têm que ter o mínimo de qualidade, se não a nossa – lá está, a qualidade – tem de preencher aquilo que nós entendemos que faz parte dos nossos critérios para poder apresentar um espectáculo no Cineteatro. Obviamente que é nossa obrigação ajudar a qualificar estes nossos agentes locais, porque se hoje podem não reunir estes critérios que nós entendemos necessários para poderem apresentar no Cineteatro nós podemos, e devemos, eventualmente, encontrar formas de ajudar a qualificar e a apresentar um espectáculo que seja digno e que tenha essa potencialidade e esse potencial para estar no Cineteatro. Isto é difícil... eu acho que as coisas são tão claras, a linha está definida, e nós não temos tido essa dificuldade em dizer “não, aqui vocês não entram...”, porque também não existe essa solicitação.

Mas se for como acolhimento?

Se for como acolhimento...

Porque há aqui um grupo de questões que será bastante interessante para aquilo que eu estou a estudar, que é a questão dos acolhimentos. Ou seja, há diferenciação?

Não, se for como acolhimento nós temos que aceitar, dentro da disponibilidade...

Mas como acolhimento recebem ou há critérios para o conteúdo ou para a forma?

Eu acho que nós nunca tivemos dificuldade, ou nunca tivemos perante uma situação de uma proposta de um espectáculo de acolhimento em que tivéssemos que dizer “epá, isto é tão mau que não queremos cá”.

Nunca? Nunca aconteceu?

Que eu me recorde, desde tempo que estou cá - que é muito curto - nunca tivemos essa situação. É certo que nós recebemos imensas propostas, algumas delas, naturalmente, nem damos muita atenção porque, quer dizer, aqui não faz sentido, portanto... mas são propostas que caem aqui como caem em todos os Cineteatros e todos os espaços de programação. Agora, situações que cheguem,

de facto, a algum tipo de negociação, algum contacto mais directo, até ao momento não tivemos nenhuma situação que fosse clarinho “não, isto mesmo como sendo cedência de sala, mesmo nós tendo receita com este espectáculo, é preferível não o fazermos”, até hoje não...

Mas considera que faz parte integrante da vossa programação?

Sim, está dentro da agenda, faz parte integrante da nossa programação, mas informamos...

Sempre foi assim?

Sim, sempre foi assim.

Havia diferenciação mais clara, que aparecia um símbolo na agenda a dizer Espectáculo de Acolhimento.

Isso já aconteceu?

Já, já.

Mas actualmente não?

Não, actualmente o que nós fazemos é isto (mostra agenda): Espectáculo Promovido pelo CTE, pronto, isto é programação nossa; e depois temos outro exemplo, está aqui... por acaso este escapou, mas este é um acolhimento...

Ou seja, uma pequena nota do promotor...

Veja aqui: organização, neste caso. E acho que fica claro, e ficamos nós também salvaguardados por alguma questão...

Mas neste caso integra a agenda municipal e no caso dos flyers, também integra?

Também integra, sim. Nesse aspecto não fazemos diferenciação. O que pode às vezes não integrar são os destaques, ou seja, por exemplo, este espectáculo (mostra na agenda), isto é um espectáculo de solidariedade, é um espectáculo organizado pela Santa Casa da Misericórdia com o Dr. Carlos Tavares, que é o presidente da CMVM, é estarrejense, e canta também, e disponibiliza-se sempre para fazer este género de espectáculos e portanto já o tivemos no CTE muitas vezes. Se faz sentido estar nesta página da agenda, até por uma questão de apoio à SCM, de promoção deste espectáculo numa perspectiva da solidariedade, já não nos faz sentido que esteja no cartaz trimestral com os destaques da programação. Portanto, avaliamos caso a caso.

Mas são, sobretudo, propostas ou convites vossos?

Estes espectáculos de acolhimento? São propostas! Há outras situações em que, até são propostas nossas, convites nossos, não dos agentes locais que à partida não está a acontecer, mas espectáculos que gostaríamos de ter cá e em termos orçamentais não conseguimos, normalmente a proposta que fazemos é: cedemos a sala...

Como se costuma dizer, vêm à bilheteira...

Vêm à bilheteira, exactamente.

Isso também era um assunto que queria falar consigo. Mas, ou seja, isso acontece... vocês fazem os convites para que isso aconteça.

Sim, sim.

Mas também há propostas para virem à bilheteira que vocês acolhem?

Também. Lá está, são espectáculos de acolhimento que nós também temos nessa perspectiva.

Mas nesses acolhimentos, em termos de recursos humanos, vocês...

Esse acolhimento tem um custo para o promotor da cedência de sala; portanto, está definido as taxas de cedência de sala em termos dos períodos temporais em causa, portanto, o promotor paga o

aluguer da sala, digamos assim, e esse aluguer contempla todo o equipamento que existe na sala e os nossos técnicos. A contrapartida da promotora é a bilheteira, naturalmente.

E quando são vocês a convidar?

É igual. O convite passa pela perspectiva de “olha, gostávamos muito de ter cá o vosso espectáculo, não temos orçamento para isto, mas temos esta possibilidade; e portanto, felizmente, e com as referências positivas que o CTE tem, os artistas querem cá vir porque sabem que é garantia, ou quase garantia, que conseguem fazer uma boa bilheteira.

Mas vocês salvaguardam a produção, ou não?

Como assim? A produção é da parte deles, a única coisa que nós garantimos é a parte técnica: som, luz, operação desse equipamento; tudo o resto, seja dormida, refeições, é da parte de quem vem, fica do lado deles.

Frente de casa asseguram vocês?

Sim, isso asseguramos nós.

23. Por exemplo, se determinado grupo, que pretendem que integre a vossa programação. apenas tiver disponibilidade a uma terça-feira, como é que lidam com isso? E caso seja uma data próxima de um projecto de características semelhantes?

Não fazemos. Não tem acontecido...

Ou se essa disponibilidade for muito próxima de uma data de um género semelhante...

Depende do espectáculo.

Isto tem que ver com factores externos...

Sim. Nós temos que pensar quais são as dinâmicas ou como é que o nosso público reage perante determinada situação; e nós, de antemão, a menos que... por isso é que eu digo, depende do espectáculo que estivermos a falar, mas por norma sabemos de antemão que um espectáculo à 3ª feira não nos dá a receptividade que há ao fim-de-semana, por exemplo, ou até mesmo à 5ª feira – a 5ª feira já é pré fim-de-semana – agora, se me disser vamos cá ter os U2 numa 3ª feira, rapidamente digo “venham os U2”.

Mas muitas vezes há esses critérios... É um dos critérios que influencia a distribuição temporal?

Claro.

Até para determinados projectos não integram a programação?

Sim, acaba por ter influência.

Mas neste caso concreto, acabaria por ter mais influência o dia ou a semelhança com o género?

O dia, eu acho que tem mais a ver com o dia. A semelhança com o género obviamente que também influencia, mas se nós estivermos a falar de espectáculos em exclusividade, que passam por Estarreja quase em exclusividade, na região – quando falo em região estou a falar mais em região norte – não me choca que sejam feitos... que se concretizem. O dia pode ser mais problemático, acho que sim.

24. A integração de espectáculos de grupos ou companhias internacionais na programação rege-se por que critérios?

24.1 O que se pretende com a apresentação de projectos internacionais?

Os mesmos, é igual. Quer dizer temos que... os factores internos, aí, também têm muita influência, que é a questão orçamental, naturalmente. E depois tem a ver com o tipo de espectáculo em causa, as disponibilidades... é a mesma coisa. Nacionais ou internacionais é igual, os critérios são os mesmos.

Mas os objectivos também são os mesmos?

Não, naturalmente aí os objectivos são mais abrangentes. Nós tendo aqui um espectáculo internacional, nós sabemos de antemão, e queremos de antemão, atingir um público mais alargado em termos geográficos do que com... sei lá, o António Zambujo que estará em Estarreja mas também estará em Aveiro ou no Porto... é diferente. Se nós conseguirmos um espectáculo internacional, ou quando conseguimos um espectáculo internacional, que passe apenas pelas grandes salas, tipo Porto, Coimbra, Lisboa, se nós conseguirmos assim no meio...

Aí claramente o objectivo é diferente, há outras pretensões...

Sim, claramente. Bem como... começa desde logo pela potencialidade e pela capacidade desse espectáculo potenciar uma divulgação a nível nacional. Haver um cartaz.. e isso é uma das, não direi exigências, mas condições, que nós questionamos sempre, é se vai haver essa divulgação a nível nacional; e por norma um cartaz que tenha o artista x que passa por Estarreja. É estarmos no mapa das grandes salas e isso é fundamental.

Aí pensando mais na comunidade nacional ou regional do que na local.

Sem dúvida.

25. Ao longo dos anos há determinados artistas ou companhias que têm vindo a marcar presença regular. A que se devem determinadas repetições? E surgem em detrimento de outros projectos?

Eu acho que em detrimento não. Eu acho que tem que ver com a própria, muitas vezes com a própria, evolução do artista. Nós já tivemos cá artistas numa fase inicial da sua carreira e que depois acabam por evoluir naturalmente e lançam novos trabalhos, apresentam novas produções, e portanto faz sentido voltar a ter esse artista, essa companhia, cá. Eu acho que isso acontece com naturalidade e o público acolhe bem essas propostas. Se é em detrimento de outros? Eu acho que não, há espaço para tudo; portanto, é possível conciliar tudo e temos sempre novos projectos e repetindo, repetindo no sentido de ter o mesmo artista porque na verdade não há repetição...

Sim.. o espectáculo não é repetido...

O artista é que é repetido...

Mas vocês quando pensam na programação, pensam nessa questão de “esteve cá há dois anos, esteve cá há quatro, esteve cá no ano passado...”

Sim, às vezes naturalmente que sim. Nós tivemos agora, muito recentemente, um exemplo dessa repetição de sucesso. Nós tivemos o Miguel Araújo em Julho de 2013 e voltámos a ter o Miguel em Outubro de 2014; portanto, estamos a falar de um ano e pouco de diferença. Enquanto em Julho tivemos, sei lá, meia casa, em Outubro do ano seguinte tivemos lotação esgotada; portanto, fez sentido para o nosso público, fez sentido na nossa programação e, portanto, não vimos qualquer problema em repetir passado um ano e pouco. Outras situações, se calhar temos que ter mais cuidado. Quando estamos a falar de artistas ou projectos direccionados para um público mais restrito temos que ter mais cuidado, porque não faz muito sentido estar a repetir com uma regularidade ou num espaço temporal muito curto. Por isso, sim, pensamos naturalmente, “ok, eu gostava de ter cá isto outra vez, mas não faz sentido.”

De espectáculos nunca há repetição, é isso? Ou lançou um novo disco ou...

Exactamente. Ou a companhia tem uma nova peça. Exactamente, é por aí.

26. De que forma a programação do CTE está relacionada com as propostas da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro)? Que benefícios advém desta Comunidade? Pode dar-me exemplos concretos de projectos que tenham integrado a programação através desta rede?

A candidatura da Rede de Programação Cultural advém da RUCI, que é a Rede Urbana de Competividade e Inovação. O RUCI foi um projecto muito amplo da CIRA que tinha vários projectos, o A1P1, que é o da Rede de Programação Cultural e outros noutras áreas. Este, no fundo, era o projecto onde estava incluída a Rede de Programação Cultural.

Beneficia a vários níveis na minha opinião. Beneficia ou beneficiou – porque entretanto o projecto já acabou – quer a nível financeiro, porque a programação feita a partir desse projecto foi financiada a 85%, portanto, isto é um benefício objectivo e claro. Depois beneficia do facto de estarem todos os espaços de programação da região de Aveiro sentados à mesma mesa, em que temos espaços convencionais ou equipamentos culturais semelhantes ao Cine-Teatro, com todas as condições para uma programação regular, e depois temos municípios que não têm estes espaços e que a programação que fazem é ao ar-livre ou em espaços não convencionais e o facto de estarmos todos em sintonia e em articulação ajuda-nos a crescer, particularmente este municípios que não têm espaços de programação convencionais acabam por ganhar ainda mais. No nosso caso foi importante até porque nós integrámos o grupo coordenador desta Rede; inicialmente eu estava por outro Cine-Teatro, o Alba, a Fátima estava aqui por Estarreja, e depois Ílhavo, Águeda e Sever do Vouga, éramos nós, os cinco, o grupo coordenador, portanto, as pessoas mantiveram-se mas deixou de estar Albergaria e passou a estar Ovar, que é onde está a Fátima neste momento. A partilha de ideias, a partilha de programação que vai chegando a cada um de nós, a negociação em pacote, digamos assim, porque é diferente comprar um espectáculo e comprar cinco ou dez – aliás, nunca aconteceu, julgo eu, mas poderia ser possível comprar onze espectáculos, isto é, o mesmo espectáculo rodar pelos onze municípios – isto é um benefício claro, a possibilidade de ter ganhos de escala.

Havia decisões em conjunto em relação a projectos programados?

Sim. A Rede foi constituída quase como uma bolsa de espectáculos das diferentes áreas artísticas e depois todos os municípios poderiam programar a partir daquela bolsa. E a negociação foi feita sempre em função disso; primeiro foi feita uma calendarização, “OK, este espectáculo vai ser programado por Estarreja, Albergaria, Aveiro, Ílhavo, por exemplo, então vamos comprar quatro espectáculos”, se vamos comprar quatro espectáculos é diferente de comprar um. Havia uma pessoa a negociar – decidido por nós, em conjunto, quem seria essa pessoa – e obviamente negociava para os quatro. Depois, acho que outra das grandes vantagens da nossa Rede, e se calhar a que eu acho que é mais imaterial mas se calhar mais importante ou tão importante mas menos visível, que é o facto dos vários espaços de programação - os vários programadores - articularem, saber o que o outro vai fazer, articularem datas, não haver aqui sobreposição e atropelo dos vários espaços; porque na verdade estamos em espaços fisicamente muito próximos, portanto, nós queremos movimentação de públicos entre os vários concelhos da região e é esse um dos grandes objectivos desta Rede, mas para que isto aconteça tem que haver uma definição da programação com lógica, para que hoje as pessoas possam vir a Estarreja, amanhã possam ir a Ílhavo, portanto, acho que um dos ganhos muito interessante que tivemos com esta Rede foi isso, esta possibilidade de articular a programação e de nos acertarmos para benefício de todos, claramente.

Tendo em conta isso que a Isabel está a dizer... só para ficar muito claro, a Isabel quando assumiu as funções em Estarreja manteve esse cargo na CIRA...

Mantive, mantive... Até porque o projecto terminou em Dezembro de 2014, eu vim para cá em Outubro de 2014, e nessa perspectiva não fazia muito sentido estar a largar o projecto, até porque, no fundo, funcionava mais pelas pessoas e não tanto pelos espaços...

Ou seja, não tanto como em representação de uma instituição mas como Isabel Pinto que estava na equipa...

Exactamente.

E quer falar-me de alguns exemplos concretos de projectos... não sei se depois podemos falar disso por email, porque na programação que eu tenho, aqui do CTE, como é que eu posso saber que projectos beneficiaram da CIRA...

Mas isso eu posso enviar-lhe.

Mas quer falar-me de alguns exemplos concretos...

Sim, eu posso falar. É assim... nós tivemos um projecto que foi uma encomenda – que não foi a todos os municípios da CIRA, mas quase todos – que foi uma encomenda ao Pedro Tochas: um espectáculo de rua em que foi interessante a forma como ele trabalhou porque fez um work in progress, nos vários municípios que programaram esse espectáculo houve a preparação com grupos restritos, depois houve a apresentação do espectáculo e a seguir houve a avaliação. Portanto, todo este processo acho diferente, não é só programar um espectáculo, houve um envolvimento da comunidade, um trabalho claro em termos de formação de públicos.

Um projecto menos efémero...

Exactamente. E é curioso que no final de tudo na avaliação – o espectáculo foi em Setembro, o primeiro workshop terá sido em Maio e a avaliação foi em Outubro ou Novembro – em conversa com o Pedro, ele percebeu que, de facto, resultou; as pessoas que tinham estado no primeiro workshop também estiveram na avaliação, obviamente, mas também outras que viram o espectáculo, e notou-se que houve ali algo que ficou. Este é um exemplo que me parece bastante interessante. Depois houve outros projectos, mais de cariz de Serviço Educativo, também importantes, com o envolvimento das escolas.

Um dos objectivos da Rede de Programação Cultural da CIRA era também envolver os agentes culturais locais, e foi envolvida, em particular, a Orquestra Filarmonia das Beiras em que se criaram dois projectos específicos e que entretanto andam a rodar por outros espaços, que foi o concerto de tributo ao Carlos Paião - porque Carlos Paião era de Ílhavo, portanto era da região – e o concerto com os... ai, agora tive um lapso, não me recordo, um grupo de acordeões...

Danças Ocultas?

(risos) Exactamente. Danças Ocultas e Orquestra Filarmonia das Beiras também foi um concerto fantástico. Por acaso, em Estarreja, nós não programámos nenhum destes espectáculos com a Filarmonia, mas tivemos outros muito interessantes que programámos, como espectáculos de dança com o Rui Horta com uma conversa no final; aliás, privilegiámos sempre esta ligação com o público, no fim ou antes do espectáculo, um workshop ou uma conversa, no caso com o coreógrafo, o Rui Horta. Teatro também tivemos...

Mas diga-me uma coisa, de forma muito objectiva, por exemplo esse projecto do Pedro Tochas teria sido possível se a instituição não integrasse a CIRA?

Não. A essência do projecto foi pensada no âmbito da rede CIRA, claramente.

E consegue dar-me um ponto de situação actual?

Actualmente o projecto está parado. A candidatura terminou em Dezembro de 2014. Ah... mas há outro projecto de que também gostava de falar, um projecto da Ana Aragão, uma ilustradora, que foi a todos os municípios da CIRA e em que ela veio ao território, fez a sua leitura do território, conversou com várias pessoas, e depois fez ilustrações ligadas ao município e resultou numa exposição, que esteve aqui no ano passado em Dezembro, que, no fundo, era um paralelepípedo iluminado e com os vários painéis representados, e esse projecto também se perpetua, ainda na semana passada tivemos o congresso em Aveiro da CIRA e estavam os painéis de todos os municípios expostos, portanto, também se perpetua no tempo. Foi interessante e diferente, uma leitura do território, importante em termos culturais.

Ponto de situação: acabou, neste momento, essa candidatura, estamos num novo quadro comunitário, foi apresentada a candidatura para o Pacto de Desenvolvimento e Coesão Territorial pela CIRA no passado dia 21 (Maio 2015) onde consta também a possibilidade de continuidade desta rede de programação cultural, tendo também em conta a avaliação que nós fizemos deste projecto que terminou, nomeadamente houve situações em que nos apercebemos de que a raiz, o produto, do trabalho acabou por ser muito efémero, não ficava no território, e é, de facto, muito importante a vertente do Serviço Educativo no apoio à criação artística e o envolvimento da formação de públicos, bem como a qualificação dos agentes culturais locais e apoiar, também, a criação local.

27. Os Teatros Municipais em estudo (de Estarreja, Albergaria e Ílhavo), próximos geograficamente e integrantes da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro), apresentam espectáculos comuns, por vezes num curto espaço tempo. Como lidam com este facto?

Tendo em consideração o que referiu, reformulo esta questão, pois como a própria Isabel referiu a programação desses espectáculos comuns é premeditada. Tendo em conta que há públicos que são comuns porque os concelhos são próximos, faz sentido, na sua perspectiva, ter esses espectáculos num curto espaço de tempo?

Duas coisas diferentes: uma coisa é ter os mesmos espectáculos nos vários municípios num curto espaço de tempo, e isso foi fruto de avaliação da rede como factor menos positivo; outra coisa é nós termos espectáculos programados pela rede mas não os mesmos espectáculos. Portanto, o que entendo como menos positivo foi a articulação de forma a que, por exemplo, em Estarreja hoje está o Pedro Tochas e hoje está em Ovar Orquestra Filarmonia das Beiras; são públicos que não se cruzam, são tipos de espectáculos diferentes e, portanto, aquilo que nós pretendíamos era que não houvesse sobreposição para permitir alguma mobilidade dos públicos...

A repetição de espectáculos, efectivamente, foi um aspecto avaliado como menos positivo. Na verdade, chegou-se a essa conclusão. O território é pequeno, é tudo muito próximo e a repetição de espectáculos não é positiva para ninguém. Portanto, esse é um factor a melhorar, caso seja aprovado, na próxima rede.

Mas diga-me uma coisa, os projectos que não beneficiaram, ou não beneficiam, mesmos com esses denotam-se repetições. Porque é que acontece? De que forma lidam com isso?

Depende dos espectáculos. Há espectáculos que não têm qualquer interferência. Por exemplo, se estiver aqui o António Zambujo hoje e amanhã estiver em Aveiro ou Ovar ou Ílhavo, não tem qualquer interferência, tenho a certeza que Estarreja vai ter casa cheia e Aveiro, Ovar ou Ílhavo também. Não é esse tipo de espectáculos, estamos a falar de espectáculos...

Mas esses, assumidamente, não considera haver problema algum...

Não tem problema nenhum. Há público nos diferentes municípios para chegar a tudo. Por norma, e tem havido esse cuidado, até mesmo por parte das agências, se acontece já estar programado aqui e haver a possibilidade de programar noutra município aqui ao lado, há sempre o cuidado de perguntar: "Açam que não há problema?". E esta avaliação é sempre feita em função do tipo de espectáculo, e se for um espectáculo de massas, digamos assim, não há qualquer problema ou interferência. Se estivermos a falar de um espectáculo de dança ou de teatro, que é um público mais específico, ou um texto mais difícil...

Se calhar no universo pop/rock a situação é diferente em comparação com a dança contemporânea...

Exactamente, é exactamente isso.

Mas há essa comunicação entre os próprios Teatros?

Ultimamente não tem havido muita comunicação. Mas tentámos prevalecer este grupo coordenador da rede, embora não haja financiamento em curso nós tentamos manter estas reuniões periódicas para articular a programação, pelo menos uma vez por trimestre para perceber "O que é que estás a pensar fazer?", "Olha, eu aqui vou fazer isto...", para não haver estas sobreposições.

O programa mantém-se activo mas sem o benefício financeiro.

Exactamente. Sendo certo que muitas vezes a disponibilidade acaba por ser escassa e vamos adiando e a última reunião foi no mês de Março (estamos em Maio) para preparar este quadrimestre. Neste momento ainda não reunimos, mas a ideia é esta, informalmente continuarmos a fazer esta articulação dos vários projectos.

29. De entre a programação apresentada há projectos que correspondem a parcerias ou produções? Se sim, pode dar-me exemplos?

Co-produções neste momento não. Parcerias há várias.

Mas já houve co-produções, correcto?

Já, já, mas neste últimos tempos de programação não temos tido co-produções.

Desde que a Isabel está aqui, na CME, já se concretizou alguma co-produção?

Não. Já há uns três ou quatro anos que não há espectáculos em co-produção. No passado recente não tem havido.

30. De entre a programação que tem vindo a ser apresentada desde a reabertura, quais as iniciativas, sobretudo regulares e/ou anuais, como por exemplo ciclos ou festivais, que não são promovidos pelo CTE?

Estou a pensar, mas acho que não há.

O Festim não se enquadra...

Nós somos parceiros... essas redes de parceria existem, portanto, não considero que não seja promovido por nós. De resto, mesmo o Festival de Cinema (de Avanca), para além de se realizar em vários espaços e não só no CTE, nós também somos parceiros. Depois há os projectos dos agentes culturais locais, mas isso são iniciativas pontuais e não ciclos ou festivais.

31. De entre os espectáculos apresentados alguns não são organizados pela instituição, tratando-se de acolhimentos. Fale-me um pouco acerca do processo de acolhimento... a percentagem na programação, de quem parte a iniciativa, se enquadra na vossa programação, se há distinção na forma como promovem o espectáculo, se dão algum tipo de apoio logístico e/ou técnico, ...

Nós temos dois tipos de acolhimentos nessa perspectiva de sermos nós que procuramos ou os que vêm ter connosco. Falando dos agentes culturais locais, por norma são eles que nos procuram e pedem a sala e nós colaboramos com tudo – às vezes querem fazer um espectáculo, por exemplo o 25º aniversário da banda, e muitas vezes pedem-nos apoio para a produção - e obviamente é esse o nosso papel e encaramos esse apoio como uma qualificação dos nossos agentes e estamos sempre disponíveis. Outro tipo de acolhimento são espectáculos que vêm à bilheteira e nos contactam directamente, gostariam de utilizar a sala para determinado espectáculo e a bilheteira é deles e acabou.

Mas esse caso concreto de que está a falar, para si é programação do CTE? Integra a programação do CTE?

Sim, integra.

Na medida em que vocês aceitam ou recusam, é isso?

Sim, já recusámos; situações de espectáculos que consideramos que não se enquadram na lógica da nossa programação. A que acolhemos consideramos nossa programação.

E depois há ainda, também, os outros espectáculos que podemos chamar de acolhimento na perspectiva em que vêm à bilheteira ou alugam a sala e há uma percentagem que é para eles e outra para nós, mas projectos que nós procuramos porque gostávamos de ter aquele espectáculo mas não temos capacidade, em termos orçamentais para ter aquele espectáculo, então propomos estas formas de acolhimento do espectáculo; mas é nossa programação. Eu entendo que seja qual for a forma de acolhimento, seja nós a procurar ou seja uma entidade externa a procurar-nos, consideramos sempre programação do CTE.

Mas quando vos é proposto há duas modalidades: ou vêm à bilheteira ou alugam o espaço...

Exacto. Por norma nós privilegiamos o aluguer de espaço e tentamos direccionar para esse modo, mas sim, há essas duas possibilidades.

32. O LAC corresponde a um serviço que promove uma programação paralela ou essa programação é parte integrante da programação geral do CTE?

(Estão coordenadas com a programação geral do Teatro? De que forma? Pode dar exemplos?)

É parte integrante. Não é programação paralela.

E coordenadas com a programação, por exemplo, da sala principal?

Sim, não faz sentido de outra maneira. E as iniciativas promovidas pelo LAC acontecem de forma completamente articulada com a programação do Cine-Teatro e também com a programação dos restantes equipamentos culturais do município, portanto, funciona em rede.

33. E o Café-Concerto, é um espaço do CTA, é um projecto integrante da programação ou um projecto paralelo?

É parte integrante da programação. Tudo funciona articuladamente porque a gestão é toda do município, portanto, projecto paralelo poderia ser se eventualmente tivéssemos o Café-Concerto concessionado a uma entidade externa, mas neste caso não, é a CME que gere o espaço e consequentemente tem que ser integrado e articulado com tudo o resto.

35. Além da programação concretizada no próprio espaço do CTE, há outros serviços culturais promovidos pela instituição? Se sim, são parte integrante da programação do CTE?

Eu reformulo. O município de Estarreja tem a sua programação que essencialmente passa pela programação do Cine-Teatro, que, no fundo, é a âncora de toda a programação cultural do município mas, neste momento, sensivelmente desde há dois anos, a programação cultural do município é encarada como um todo, em que o Cine-Teatro é o motor, com a programação regular e depois tem há outros eventos culturais promovidos também pelo município e cuja programação é pensada pelo programador e por mim e é tudo articulado. Neste caso as Festas da Cidade vão decorrer de 5 a 14 de Junho, neste período não vai haver espectáculos no Cine-Teatro; apanha dois fins-de-semana e obviamente não faz sentido, não estamos concorrer connosco próprios.

37. Quais os critérios que definem o preço dos espectáculos e das oficinas, workshops, ateliers?

Calculo que o cachet seja sempre um critério...

É... às vezes era bom que não fosse sempre, mas é. A primeira premissa para fazer o desenho de programação é atingir os vários públicos. O desenho de programação do Cine-Teatro é sempre feito tendo em conta que naquele trimestre vamos apresentar espectáculos das várias áreas performativas e que vão ao encontro dos vários públicos que nós sabemos que temos; no fundo, é tentar chegar a todos. Depois, obviamente o cachet é uma condicionante e às vezes tentamos contornar isso com as propostas de aluguer de sala. E depois é conseguir conciliar a apresentação de um espectáculo, seja de que área for, com alguns projectos que nós temos em curso no âmbito do LAC; é sempre uma preocupação nossa, ou seja, nós vamos ter um espectáculo de teatro, com um encenador reconhecido, e tentamos, e por norma temos conseguido, associado ao cachet, acrescentando ao espectáculo um workshop que, por norma, é prévio ao espectáculo, até para preparar o público quando é uma área artística com que o público está menos familiarizado, ou então uma conversa depois do espectáculo, e já houve algumas situações em que essa conversa foi fundamental para que o público saísse de lá mais elucidado. E isto também é formar públicos.

E isso implica um acréscimo do cachet?

Não, por norma não. Pode eventualmente provocar um acréscimo na parte da produção, mais dormidas, mais uma noite no dia antes ou depois, mas em termos de cachet não tem tido acréscimo. Depois há outra coisa: estamos a tentar aproximar cada vez mais o CTE da escola, sobretudo no âmbito do LAC, em que tentamos levar, e já aconteceu com dois ou três músicos – é mais fácil fazer com músicos do que com as outras áreas – e levamos os artistas à escola e tem corrido muito bem, e isto por norma não representa qualquer acréscimo em termos de cachet. Os critérios são estes basicamente.

Mas imaginemos – vou dar um exemplo de um concerto de pop/rock – que determinado espectáculo tem o preço base de 10€ e que outro é de 12€, isso pode ter que ver com a questão do cachet?

Se for essa a diferença pode ser sim ou não (riso).

10, 15... (risos)

Sim, sim, pode ser essa a diferença. A escolha pode pender por essa razão, sim.

39. No caso das acções gratuitas a quem cabe essa decisão? E pergunto se os artistas que dinamizam essas acções recebem cachet e se estão salvaguardadas as despesas de transporte, alimentação e estadia.

Há que ver que grande parte dos workshops não são gratuitos. Nós cobramos um valor de inscrição, estamos a falar de preços simbólicos – 5€, 10€ - mais para vincular as pessoas do que propriamente pelo retorno, apesar de não ter custo para nós.

E espectáculos de grande dimensão ou outras iniciativas do género gratuitas há?

Não, isso não. Os espectáculos de grande dimensão não são gratuitos; nós cobramos sempre, até porque eu acho que é o princípio do utilizador-pagador. Assim de repente os únicos espectáculos que nós promovemos e que são de entrada gratuita – e é o único porque não me estou a lembrar de mais nenhum – é o encontro de Grupos de Reis – isto promovido por nós, porque depois há espectáculos dos agentes culturais locais que por vezes, raramente, são gratuitos, muitas têm bilheteira para angariar fundos - e este encontro junta todas as trupes de reis improvisadas que existem no concelho e, no fundo, é um dia de casa aberta; de resto, o sarau da rede de bibliotecas é dirigido à comunidade escolar e isso também é gratuito. Agora espectáculos, sejam eles quais forem, e com um cachet associado – porque estes dois que eu falei não têm cachet associado – têm um custo.

38. Quando o espectáculo se trata de um acolhimento, o promotor tem total liberdade para impor o preço de bilheteira ou há um preço máximo definido pela vossa instituição?

Na verdade essa liberdade existe porque pode acontecer o promotor dizer “se não for este o preço de bilheteira eu não posso, ou não consigo, ir aí e não vou”. O que nós tentamos fazer é sensibilizar o promotor para a nossa realidade, porque programar um espectáculo em Estarreja não é a mesma coisa que programar um espectáculo em Lisboa ou no Porto – porque ainda há pouco tempo tivemos um acolhimento em que o promotor insistiu em ter o bilhete a 25€, nós dissemos que 25€ era muito caro para o nível de vida do público daqui, embora o espectáculo fosse grandioso, e a verdade é que não cedeu e tivemos a casa a menos de meio – e a verdade é que nós tentamos fazer isso, sensibilizar os promotores – se calhar se for a 15€ vai ter mais gente e rentabilizar mais.

Mas vocês não colocam um tecto máximo?

Não está definido. Agora nós temos a liberdade de dizer, se aparecer aqui um promotor a querer vir cá e cobrar 100€, podemos dizer “isso aqui não faz sentido”... Nós temos regulamentos para tudo e mais alguma coisa, mas por acaso nesse aspecto não há nada definido.

Há essa liberdade mas também há uma sensibilização e um cuidado...

Exactamente.

40. Quais as principais diferenças entre a programação assegurada pela Isabel e o Luís e a programação apresentada anteriormente?

41. E os principais aspectos em comum?

Eu acho que a principal diferença advém do serviço educativo, advém desta criação do LAC, o funcionamento em rede, e eu acho que passa principalmente por isso, por essa preocupação constante de formarmos públicos, fidelizarmos públicos, é muito por aí, através destes projectos paralelos à programação e por aí. De resto, eu acho que nós acabámos por seguir a linha, porque a verdade é que as coisas quando estão bem feitas não há motivo para mexer; o que nós mexemos foi aquilo que, de facto, fazia sentido, e não fazia sentido o Cine-Tetaro, sendo um equipamento cultural

do município, gerido pelo município, e quase funcionar paralelamente a tudo resto e isto não faz sentido, a sobreposição de eventos – o Cine-Teatro estava a programar uma coisa e a Biblioteca estava a programar outra no mesmo dia à mesma hora – isto não faz sentido. Foi essencialmente aí que nós pegámos e mexemos de forma a harmonizar toda a programação cultural do município. Em termos de linha de programação no Cine-Teatro as coisas mantiveram-se. Nós mantivemos os ciclos, não faz sentido não manter, por exemplo, os Concertos Íntimos, que é já uma marca, o Estarrejazz, que é fundamental. Mas por exemplo no Estarrejazz o que nós estamos a tentar fazer, sendo certo que ainda não conseguimos, é levar um bocado para fora de portas, sobretudo para o público escolar. O jazz é uma linguagem que não é fácil, não é comum e, por exemplo, tivemos aqui um espectáculo da Big Band com o Mário Laginha em concerto comentado e isso é uma mais-valia para a aproximação a esta linguagem, e isso ajudou às pessoas a perceberem melhor algumas coisas e a verem de maneira diferente; e isso estamos a tentar fazer com Estarrejazz, e vamos conseguindo pontualmente, mas ainda não conseguimos como gostaríamos, mas havemos de lá chegar.

De quem partiu essa iniciativa do Mário Laginha com a Big Band?

De certo modo fomos nós. Isto é assim, o Estarrejazz tem um programador específico desde que nasceu, que é o Paulo Bandeira, que é um músico de jazz, é estarrejense e começou o Estarrejazz desde... este é o 10º ano que se vai realizar no espaço do CTE mas antes, não sei se chamava Estarrejazz mas já havia encontros e festivais noutros espaços, e a verdade é que o Paulo tem sido o programador, e nós, nestes últimos dois anos, tentámos sempre colaborar também e dar alguns inputs para a programação e preparar este trabalho prévio do festival, por exemplo este ano vai ser em Outubro – tem sido em Novembro – e isso foi outra coisa que nós alterámos porque coincidia sempre com o GuimarãesJazz, que tem um orçamento que não tem nada a ver e era impossível nós estarmos a competir com este tipo de festival, daí que nós antecipámos porque temos consciência de que não coincidindo com o GuimarãesJazz há público do Porto que vem cá e coincidindo opta por Guimarães, naturalmente, e por isso fizemos essa gestão e este ano vai ser em Outubro. E são estes pequenos pormenores que temos vindo a introduzir. A ideia do Mário Laginha surge, na verdade, em conjunto, até porque o Paulo a certa altura estava a pensar no Mário Laginha para o Estarrejazz e nós pensámos quem é que tínhamos aqui com a Big Band e acabou por ser assim; depois a questão do concerto comentado foi uma proposta nossa porque entendemos que era importante fazer este trabalho... mas as coisas vão surgindo assim. Neste caso sentamo-nos todos à mesa e as coisas surgem.

Anexo 6.3 - Transcrição de entrevista a Luís Portugal (Programador do Cineteatro de Estarreja) 21 Abril e 4 Junho de 2015

1. Como designa o seu cargo profissional no Cineteatro de Estarreja (CTE)? Programador, Director Artístico ou outra designação?

Eu assumo-me como uma pessoa que gosta de trabalhar dentro da área cultural. Não ligo minimamente à minha designação; se sou programador, se sou... faço um trabalho em equipa onde tento agilizar, digamos, o funcionamento deste espaço interventivo na área cultural; obviamente que estes cargos, entres aspas, têm que ter, isto por questões minimamente burocráticas, uma designação, e aqui eu sou designado como programador cultural do município e não do Cineteatro. Do município porque a ideia é fazer um trabalho, digamos, transversal e comum aos diferentes equipamentos culturais que existem aqui na cidade, o caso da Biblioteca, da Casa da Cultura, do próprio Agrupamento Escolar; portanto, a ideia será a ligação entre estes diferentes equipamentos para não haver atropelos e, neste caso, o calcar de eventos que muitas vezes nos dividem e tiram público.

2. Desde quando?

Desde Março de 2014. Portanto, um ano.

3. Qual a sua formação?

Eu tenho um curso de arquitectura inacabado. Cheguei ao 3º ano mas depois outros valores, neste caso valores musicais, levantaram-se; e depois tenho uma grande ligação à parte cultural, em termos de escrita criativa, de cursos que frequentei no Porto. Mas fundamentalmente, respondendo à sua pergunta, essa é a minha formação académica.

4. Percebi que não gosta muito da designação “programador”, mas pergunto-lhe o que é assumir este cargo, independentemente da designação, num Teatro Municipal. Falo de um Teatro Municipal e não tanto do município.

É conseguir virar este espaço para a cidade, neste caso para o concelho; conseguir, sendo um Teatro Municipal, seja muito interventivo em termos da comunidade, que as pessoas sintam que este espaço é delas, onde possam apresentar, ou visualizar ou intervir nos diferentes eventos culturais que nós temos aqui. Nós temos, digamos, não será uma meta, mas temos sempre, digamos, um pensamento muito presente que é preconizar a educação pela via artística. E, portanto, no fundo, é tentar de forma transversal sempre com as diferentes áreas culturais que nós gostamos de ter aqui presentes; é tentar, como eu já disse, uma ligação muito forte com a população e tentar que essa máxima, que eu há bocado aqui referi, seja posta em prática.

5. Quais as principais funções e responsabilidades?

No fundo a minha responsabilidade é ter uma equipa a funcionar, que passa pelo lado de divulgação deste eventos, por todo o lado burocrático, entre aspas porque não queria chamar-lhe burocrático...

Logístico?

Logístico também... lado técnico, no fundo é ter uma equipa eficiente que goste daquilo que esteja a fazer e, portanto, vai desde, digamos, marcação dos eventos que nós vamos tendo aqui à sua programação em termos de agenda e calendário e termina quando nós apagamos as luzes depois desse evento.

Mas é o Luís que faz essas marcações?

Sou eu que faço essas marcações. Sempre com ligação ao executivo, ao município, neste caso à vereação, à Dra. Isabel Pinto também, porque é uma pessoa que, apesar de estar num cargo de chefe de gabinete do senhor presidente da câmara, tem uma grande ligação e um grande gosto pessoal e uma grande sabedoria nesta área, portanto... aqui não trabalhamos de forma estanque, a pessoa que trata da divulgação se for preciso trata de fazer bacalhau cozido com batatas e o técnico se for

preciso trata da parte do babysitting. Eu gosto de estar numa coisa e de perceber e inteirar-me e colaborar nela em todos os seus trâmites e todos os seus passos, portanto, não é delegar... obviamente que tem que se delegar na equipa que trabalha aqui, mas no fundo, como eu estava a dizer, não parámos naquilo que é a nossa designação laboral, mas, digamos, uma participação-activa em tudo o que passa aqui.

6. Qual a área de influência do CTE, isto é, que comunidade considera que é a comunidade a que o CTE se dirige?

Nós procuramos que toda a comunidade se envolva aqui. E se falarmos em termos de faixas etárias, e não só, procuramos ser transversais a todos; agora, nós para termos público e fidelizarmos público, de certa forma também conseguimos captar público, temos que o criar e isso começa no banco da escola e portanto... se calhar juntamente com o sector de educação damos muita atenção aos mais jovens...

Diga-me uma coisa, mas a nível concelhio? É essa que consideram ser a vossa comunidade?

Exactamente. E depois há uma continuidade nesse trabalho em relação depois às faixas etárias que se vão seguindo, sabendo que hoje em dia chamam-se seniores, mas nós continuamos a dizer velhos ou idosos (risos), e pensamos que há uma ligação entre essa faixa etária aprendiz e, digamos, os mais velhos, no sentido das suas memórias e toda uma ligação que pode ser feita, e que deve ser feita, nesse acto temporal.

7. Considera que o público-alvo do CTE é especificamente a comunidade estarrejense ou dirige-se a um leque de população mais alargado? Considera que extravasa esta comunidade concelhia de Estarreja para os outros concelhos limítrofes? Há bocado fiz-lhe a pergunta sobre a comunidade, agora faço a pergunta sobre o público...

O nosso público, felizmente, não fica pelo concelho; extravasa o concelho e a nível de distrito, mesmo a nível de distritos limítrofes, somos bastante visitados. Tem a ver talvez com a dinâmica que tentamos impor aqui, com a transversalidade que nós conseguimos, pelo menos tentamos, impor; e como em tudo, ou quase tudo, quando se criam hábitos as pessoas é um pouco difícil desligarem-se deles e, neste caso, nós agradecemos que não se desliguem daqui do nosso espaço (risos).

E conseguem identificar quais os concelhos que marcam presença em termos de público, com maior assiduidade?

Sim. Nós felizmente, por um lado, temos uma rede de auditórios muito próxima e muito boa – eu penso que aqui deve ser talvez o distrito ou a zona com maior número de auditórios e todos a funcionarem bem – e se por um lado poderá haver esta rivalidade, chamemos-lhe rivalidade entre aspás, que é salutar; por outro lado permite-nos, não digo em redes, praticamente quase em redes, criar esses mesmos hábitos e, portanto, se a pessoa não encontra este fim-de-semana o evento que lhe agrada em Ovar, há-de encontrar em Santa Maria da Feira ou aqui ou em Albergaria, portanto, digamos que há sempre um passar de testemunho quase semanal em relação ao público que nos frequenta. Mas eu julgo, e também pelos inquéritos que nós regularmente vamos fazendo, que a zona de Aveiro é bastante familiar, talvez como também um pouco Albergaria, e também depois a zona de Oliveira de Azeméis, talvez não com tanta intervenção cultural por parte da sua população e daí também a necessidade das pessoas se deslocarem.

Em termos de percentagens, será que me consegue dizer se o público da comunidade de Estarreja corresponde a 50% ou mais?

Talvez um pouco mais. De uma forma generalizada, um pouco mais dos 50%.

9. Como caracteriza o público do CTE? É possível descrever, ainda que de forma superficial, o público que costuma frequentar os espectáculos? Idade, sexo, localidade, ocupação profissional, etc...

Nós aqui temos uma faixa etária que andar, de uma forma genérica, entre os 30 e os 50 anos, digamos no seu bolo maior. Porque em acções pontuais podemos falar de um público mais jovem, por

exemplo; são feitas a nível escolar e quando não é a nível familiar voltamos a ter essa faixa etária que eu estava a designar. Portanto, digamos que essa faixa será o bolo grande que nós temos aqui. Em termos académicos, eu penso que andarás entre o secundário e o superior.

E em termos de sexo, conseguem ter alguma noção?

Eu penso que mais feminino. Temos uma percentagem grande inclusive do lado feminino do casal que vem e tal, penso que... ainda não temos projecção de jogos de futebol que se calhar é isso que nos falta (risos).

10. Na sua perspectiva, qual a relação da população da cidade com a instituição?

Eu penso que tem uma boa relação. As pessoas percebem... por um lado as pessoas gostam de frequentar o espaço porque temos sempre um evento trimestral onde tentamos trazer alguém mais visível em termos dos media, e as pessoas gostam sempre de ver a, b ou c do qual têm o disco e gostam e, de certa forma, se revêem nessa pessoa; mas as pessoas sabem também que damos principal importância a intervir com a população. Mesmo quando esses nomes mais sonantes estão programados aqui para o Cineteatro, nós tentamos sempre que, aliado ao evento, haja sempre algo em que a população possa intervir, ou seja, pedimos a esse artista que antecipe a vinda para vir falar com os alunos da secundária ou então pedimos a esse artista para fazer uma pequena residência e para colaborar com os grupos locais. Portanto, damos principal importância à ligação população com esses eventos de maior monta, se assim lhes podemos chamar.

Nem toda a população será, efectivamente, público. Mesmo a população que não é público ou que não tenha proximidade com o CTE, parece-lhe que há uma noção do que é a instituição? Valorizam-na?

Quer dizer, em termos concelhios, e se calhar podemos falar de uma faixa populacional académicamente com menos atributos, menos estudos vá, ainda continua a haver algum obstáculo, quer dizer, vamos lá a ver, algumas forças que não permitem, se calhar, que a nossa programação não chegue tão facilmente a essas pessoas e essas pessoas estejam viradas para este espaço de uma forma mais aberta. Por outro lado, sendo um Teatro Municipal e tendo a preocupação de trazer até nós as associações, que fazem um trabalho mais distribuído pelo concelho e nas zonas mais rurais, as pessoas acabam por vir também.

Nesse caso as associações acabam também por fazer de elo de ligação com essas pessoas...

Exactamente.

As associações podem usufruir do espaço?

Podem usufruir do espaço. É um espaço aberto. Ainda no passado domingo tivemos aqui um grupo etnográfico chamado As Tricaninhas de Antuã, que, lá está, ajudam nessa ligação entre, digamos, a população mais carenciada e mais divorciada em termos culturais deste espaço. No próximo domingo, dia 26, também vai haver com uma associação outro evento. Portanto, tudo isso, as pessoas associam depois, ou vêm ver os seus familiares actuar e tal e isso ajuda-nos, de certa forma, também, a que o outro lado, o reverso da medalha como se costuma dizer, outro tipo de programação lhes chegue até eles, pelo menos em termos do seu conhecimento.

12. Quais considera serem os principais objectivos que se pretendem atingir com a programação do Cineteatro?

Eu já referi aqui... esta coisa de formar público é um bocado estranha; até que ponto é que uma pessoa pode e consegue formar público?! Agora se nós conseguirmos pela transversalidade da nossa programação captar a atenção do público para a cultura, para aquilo que se vai fazendo, penso que isso é importante, criar hábitos culturais, fazer uma aprendizagem cultural que não fique só por algumas datas ou grandes eventos, mas que seja uma aprendizagem cultural ao longo da vida. Pode-se aprender aos 7 ou aos 77. Portanto, acho que é fundamental isso.

13. A escolha dos projectos que se apresentam no CTE está a cargo do Luís e da Isabel em igualdade? Outros elementos participam no processo?

Nós temos ideias muito formadas, digamos, sobre esse assunto, e penso que nesse caso as ideias convergem nessa tal preocupação pela educação pela via artística e transversal e, de certa forma, lata, que vá abarcar uma enorme faixa etária. Portanto, depois poderão é haver nomes lançados...

Então são analisados pelos dois...

Eu vou analisando ponto por ponto ou então apresento depois o meu mapa programático, não sem, à medida que vou programando, dizer “olha, estou a pensar este ou aquele nome”, “olha, isto é giro e tal”, “É bom, mas se calhar já passou por aqui e não correu tão bem”, ou então nós também temos as nossas limitações orçamentais, que são importantes, e temos que nos guiar por esse factor. E depois temos o vereador que, no fundo, vão formalizar e, obviamente, também tem a sua grande importância neste tipo de escolha, apesar de, vai delegando em mim, digamos, o articular desse calendário.

Considera ter autonomia...

Sim, sim. Tenho tido.

14. Como caracteriza a programação do CTE?

Olha, tenta ser uma programação... eu acho que é fundamental que seja transversal e não se situe só num determinado nicho programático ou cultural. Não se trata de fazer uma programação populista mas sim uma programação aberta e que vá nos vá trazendo as diferentes faixas etárias ou sociais. Muitas vezes poderemos ter um evento um pouco maisosso duro de roer, ou seja, culturalmente para um nicho mais apertado, como depois poderemos ter um evento, digamos, mais popular, entre aspas, e nos traga a outra faixa académica ou etária que fica de fora às vezes dos outros eventos.

O que é que considera popular?

Fundamentalmente quando se fala do popular as pessoas têm uma ideia um bocado... vão logo para o pimba...

Daí que eu lhe pergunte o que considera popular...

Considero popular talvez mais ligado ao tradicional às nossas origens, inclusive às coisas que se vão fazendo por aqui, à própria vida e tradições e recordações, o abrir alguns espaços, alguns caminhos, para que esse popular se torne realmente tradicional e não popularucho. Essa é uma linha muito ténue e que pode descambar; portanto, nesses eventos o que nós temos que procurar é dar credibilidade a esse lado tradicional e não o lado mais popularucho. Por outro lado, quando às vezes falo no popular falo em nomes que estão muito mais presentes na memória das pessoas, que devido aos media que nos entra pela a casa adentro quase todos os dias, e, no fundo, às vezes essa ligação entre aquela pessoa que é nosso ídolo e que... acho que uma vez por outro não faz mal e só nos ajuda também a divulgar o outro lado programático que nós temos.

15. Os espectáculos pretendem atingir diferentes esferas da sociedade e diferentes gerações?

Sim, sim. Eu acho que é muito importante... eu costumo dizer que se nós só comermos feijão frade só gostamos de feijão frade, se só comermos canja só gostamos de canja;; neste caso se nós conseguirmos criar uma alimentação saudável cultural...

16. Quando se apresenta determinado espectáculo pensa-se no público a que se dirige?

(De que forma? Quais as estratégias programáticas para envolver a comunidade?

Qual a regularidade?)

Sim. Eu nunca faço a programação de uma forma directa... as minhas escolhas nunca são pelo meu gosto pessoal. Óbvio que acaba por estar implícito, de certa forma... pode não ser do meu agrado determinado artista ou espectáculo, mas perceber que em termos da nossa ligação com o público e do trabalho que nós pretendemos fazer com ele, lá está de fidelizarmos esse público, pode ser

importante a, b ou c, e nós fazemos essa programação fundamentalmente, ou a 100%, 101%, a pensar na população e nas pessoas deste concelho, e lá está das pessoas dos concelhos limítrofes.

Há quem diga que a programação de uma instituição é inevitável que seja autoral. Concorda?

Quer dizer.. às vezes pode descambar e eu sei de programações em que isso é um factor muito importante, em que se sente muito o dedo da pessoa que está a programar.

Mas aqui, no caso de Estarreja, tenta que não seja assim?

Eu tento que não seja assim. E acho que até agora, pela transversalidade que temos tido, penso que não passa isso, não se nota.

17. A programação do CTE assenta unicamente em espectáculos apresentados para o público ou faz parte da vossa estratégia programática a criação de espectáculos com o público e/ou comunidade?

Muito isso. Nós temos tido uma série de eventos - e já há bocado falei nisso – que é intervir o nosso público e a comunidade local nos mais diferentes sectores. Eu acho que o número de eventos que nós levamos aqui a palco, se calhar os de intervenção da comunidade local, muitas vezes, há trimestres, em que pode até ultrapassar os outros eventos.

Além de fazerem, fazem-no com regularidade?

Exactamente. Eu penso que é uma das formas... nós por exemplo vamos ter dois eventos que se calhar não serão eventos populares – voltamos àquela velha questão, o termo pode ser, lá está um bocado perigoso – um ligado à dança contemporânea e outro ao teatro, digamos um evento de teatro podemos chamar-lhe contemporâneo, em que nós temos a preocupação de fazer dois workshops, falando em português duas oficinas de trabalho, com agentes culturais aqui da região e não só, no caso grupos de teatro que existem aqui e são grupos de teatro jovem, grupo de teatro ligado aos serviços sociais do município, com as escolas de dança que existem aqui a nível concelhio e a nível distrital; portanto, sempre que nos é possível esse evento que poderia ser um evento onde não houvesse uma intervenção directa da comunidade acaba por o ser, por ter a comunidade também ligada por esse canal que nós gostamos sempre que exista. Acaba por ter esse lado que nós pretendemos para aqui, que é ter uma intervenção da comunidade bastante activa.

18. Os projectos que promovem a participação-activa do público e/ou da comunidade, dirigem-se a todas as faixas-etárias, ou, sobretudo, às crianças e jovens?

Não. Aos idosos também. Eu lembro-me que nós fizemos aqui um trabalho...

Eu pergunto porque grande parte são promovidas pelo Laboratório de Aprendizagem Criativa (LAC)...

Algumas delas, sim; há uma grande parte. O nosso LAC é um laboratório que pretende levar novas experiências à comunidade local, e não só, mas fundamentalmente que essa aprendizagem cultural seja feita ao longo da vida, que não seja uma aprendizagem que fique focada, ou localizada, em termos etários.

O LAC é um serviço do município?

Exactamente, é um serviço que... nós chamamos-lhe Laboratório de Aprendizagem Criativa em que o lema é celebrar os sentidos, em que nós pretendemos uma ligação entre os diferentes sectores, ou seja, educação, a parte da cultura, o desporto, o espaço bioria, e, portanto, todos esses sectores integram o nosso LAC e quando assim é todos eles metem a sua colherada.

Mas neste caso o Luís não coordena esse serviço...

Não, eu coordeno em conjunto com os outros sectores, mas passa muito pela nossa coordenação aqui.

Para eu compreender, para ficar perceptível, também se programa esse serviço, é isso?

Exactamente. Nós fazemos reuniões, por exemplo, com o serviço educativo ou com o sector da educação, em que eles nos vão dizendo das necessidades que eventualmente poderão ter, uma ou outra dificuldade que podem ter até com determinada faixa dos alunos. Por exemplo eu estou a lembrar-me agora de um trabalho que nós vamos começar a encetar para o próximo ano lectivo com a comunidade cigana local, em que há essa ligação do sector educativo com o Cineteatro no sentido de procurarmos vias que capte esses jovens que estão a ter um aproveitamento escolar deficiente, ou negativo; e, portanto, a via artística pode ser uma forma de os conseguir motivar. Quando assim acontece essa programação LAC é feita de forma conjunta; assim como eu posso pedir ajuda ao sector do desporto como o sector do desporto pede ajuda a nós para criar um evento que envolva a comunidade e que esteja dentro trâmites que nós preconizamos para o LAC.

Mas de qualquer das formas, recuando um pouco, essas oficinas, workshops, ateliers e até debates, nem sempre são promovidas pelo LAC...

Praticamente todos eles.

E considera parte integrante da programação?

Sim. Eu considero o LAC uma parte integrante da programação.

Quando são programadas as acções do LAC são programadas como qualquer outro espectáculo?

Exactamente. Como um outro espectáculo qualquer que suba ao palco, inclusive pode nem sequer acontecer aqui no espaço CTE, muitas vezes porque em termos de espaço físico não nos é permitido, porque o número de intervenientes nessas oficinas às vezes é superior àquilo que nos permite fazer aqui, também porque fora da nossa agenda municipal, onde os eventos estão noticiados, há uma série de trabalho, muitas vezes que não chega ao grande público, que é preciso fazer, trabalho técnico, de montagem, que nos ocupa esses dias que parecerão dias livres mas que acabam por ser ocupados, e muitas vezes essas mesmas oficinas terão que acontecer noutros espaços que felizmente existem aqui.

Há sempre uma série de coisas a acontecer. Pequenas intervenções, por exemplo alguma estamos a intervir nos camarins. E mesmo a limpeza mais profunda que tem de ser feita porque temos uma ocupação, felizmente, muito grande e, portanto, é preciso, por vezes, parar para conseguir que o espaço esteja condigno para receber toda a gente.

21. As artes do espectáculo são as áreas artísticas de destaque na programação apresentada, acrescentando o Cinema. De que forma se distribui a programação pelas diferentes áreas?

Ora bem... não é, se calhar, novidade nenhuma dizer que a música é a mais apelativa. A música é a que nos traz mais gente... não só aqui; em conversa com outros programadores, todos eles viram-se sempre muito mais para a área musical. Mais apelativa, talvez mais... e falamos desde a clássica e do jazz, aí já com menos incidência a nível de espectadores, mas acaba por ser.

Menos espectadores significa que se concretiza menos vezes?

Era isso que ia dizer-lhe... se calhar é nesse tipo de eventos que nós temos que incidir mais a nossa programação, ou tentar que, por exemplo o nosso evento que já é uma marca deste município, o Estarrejazz, que acontece sempre em Outubro e Novembro de cada ano, durante dois fins de semana, o jazz não fique só por aquele período temporal e depois passado um ano volta-se outra vez a falar de jazz. Nós tentamos que isso não aconteça; por exemplo, agora no dia 1 de Maio vamos ter aqui um concerto comentado do Mário Laginha com a nossa Big Band – já temos uma big band de jazz com jovens deste concelho, na sua grande maioria – e temos outro tipo de eventos que nos levam o jazz a um lado mais pedagógico, como é por exemplo O Jazz Escreve-se Com, e aqui neste espaço do Café-Concerto tenta explicar a ligação entre o instrumento e a música jazz, e lá está o LAC a funcionar. Assim como a dança contemporânea ou o teatro, digamos mais contemporâneo, de encenação mais contemporânea... hoje em dia há uma ligação entre música e teatro bastante forte ou o teatro e a dança, estas disciplinas vão-se fundindo... se calhar são os eventos que nós temos que divulgar mais e onde temos que batalhar mais, entre aspas, para conseguirmos ter o público que

esses eventos merecem e que o espaço merece também, se calhar nesses temos que incidir mais, não é; portanto, vamos tentando trimestralmente dividir a nossa programação entre essas diferentes, ou variantes, culturais. Agora, sem dúvida que a parte musical é capaz de ocupar metade da nossa programação e a outra metade divide-se entre teatro e dança... de certa forma, sim.

Mas diga-me uma coisa, há também uma distribuição temporal, correcto? Falando, por exemplo, no caso específico da música: o jazz tentam que não se concentre apenas num período mas ao longo do ano.

Ao longo do ano, exactamente. De certa forma tentamos estender ao longo do ano e não criar... a não ser que haja eventos muito específicos, o caso do Estarrejazz que sabemos que acontece sempre nessa altura, mas quando isso não acontece procuramos dividi-lo entre os diferentes trimestres.

E em relação ao teatro e à dança... Mais incidência no teatro ou na dança?

Hoje em dia há, talvez, uma dificuldade, entre aspas, em conseguirmos ter alguns eventos ligados ao teatro e à dança que gostaríamos de ter. Por um lado, as companhias de dança que existem não são estancques de composição das mesmas, ou seja, há bailarinos que vão saltando de umas para as outras, há bailarinos que trabalham fora do nosso país e vêm aqui só para alguns espectáculos, e, portanto, muitas vezes com uma antecedência grande - porque esta programação não pode ser feita em cima da data, até mesmo pela sua boa divulgação e até para conseguir valores que nos permitam fazer muitas vezes esses espectáculos – não os conseguimos ter porque as companhias não estão formadas ou não estão montadas. No teatro acontece a mesma coisa, ou seja, pelas dificuldades que estão a passar as companhias de teatro e dança - e não só, na área musical também, há muita gente que não está a passar bem – o que acontece é que há um determinado evento de teatro ou uma peça que é montada, com uma companhia de x pessoas e com o nome a, b, c e d, mas que depois, porque essas pessoas estão ligadas aos canais televisivos a fazer novelas ou porque têm contrato de exclusividade com não sei quem ou porque, por essas dificuldades vão fazendo outro tipo de coisas, e, portanto, essa peça que estreou no mês de Abril quando chega ao mês de Junho...

É muito difícil reunir...

Exacto... e muitas vezes os protagonistas já não são os mesmos, a companhia é totalmente diferente. E quando dizemos assim “bem, eu vou trazer esta peça porque me interessa por exemplo o autor ou o encenador mas também me interessam os actores que estão nesse trabalho”, quando eu tento programá-la os actores, 50, 60 ou 70% já não são os mesmos. Acaba, por vezes, por vir uma coisa a retalho que é montada só para se fazer mais algum dinheiro – que é perfeitamente lógico porque a sobrevivência das companhias hoje em dia passa por isso, pelas digressões, digamos de província, e por este circuito que felizmente existe em muitas salas – portanto, tem essa dificuldade. E depois nem tudo, digamos, que é feito nas diferentes áreas culturais, nos interessam. Isto agora faz parte de uma escolha e de inteirarmo-nos do bom ou do razoável ou mau trabalho que cada um faz. Nós tentamos fazer aquilo que nos parece ser o melhor para a nossa comunidade, para o nosso público.

Quando se refere a “o bom”, é “o bom” para o público e para a comunidade, é isso?

Sim. E nunca posso dizer que o nosso gosto não esteja um bocado intrínseco, também quer dizer... mas pomos à frente, digamos, a quem se destina; e muitas vezes deixamos de ter, trimestralmente, uma ou outra área com a intensidade que nós gostaríamos pela falta do que referi.

Isto falando no teatro e na dança...

Sim, porque em termos musicais prolifera... é muito mais abrangente e alargado, porque também estamos a falar, lá está, da clássica, do jazz, do pop/rock, do tradicional...

Mas mesmo no teatro e na dança tentam que haja vários géneros, várias formas...

Exactamente. E tentamos que essas formas aqui cheguem. Como chega, por exemplo, o Caixa Forte do comediante Fernando Mendes, também vai chegar o La Vida Es Solo do João Garcia Miguel.

28. Cada linguagem artística integra um plano estratégico de programação específico ou enquadra-se numa estratégia global de programação?

Não, não. São pensadas de forma global. Tentamos, obviamente, diversificar a programação no trimestre... e pensando às vezes no seguinte e no seguinte e pensando muito na parte educativa e pensando muito no ano lectivo; por exemplo, nós não podemos pensar em eventos para escolas em determinadas alturas do ano porque não são as mais adequadas, o início de cada ano lectivo é sempre muito conturbado, é uma etapa nova para muitos alunos, o final do ano lectivo a mesma coisa porque há exames e isto e aquilo, porque nós para termos alunos aqui temos que ter também os docentes, portanto, interessa-nos que esse trabalho seja um trabalho de ligação, portanto, temos que ver a melhor altura para o fazer, lá está a ligação entre o sector da educação, nós sentamo-nos e dizemos “o ano lectivo vai abrir em Setembro...”, e obviamente isso influencia a nossa programação também porque se não temos esses eventos temos que dirigir a outras faixas etárias, temos que os dirigir a outras faixas culturais, aproveitamos essas alturas, esses trimestres, para fazer um trabalho de maior profundidade com os idosos.

23. Quais os objectivos com a programação de cada uma das áreas?

Nós fundamentalmente procuramos, em todas as áreas, que haja uma ligação com a comunidade muito forte. Se nós temos, por exemplo... no fundo, nós procuramos com as diferentes áreas divulgar aquilo que de bom, pelo menos no nosso conceito, se faz e, no fundo, formar, cativar as pessoas, criar hábitos culturais - eu costumo dizer que devia ser como lavar os dentes todos os dias, eu gosto muito de citar um professor aqui da Universidade de Aveiro que numa conferência que eu assisti em que disse que “se tivesse uma diarreia cultural à 2ªfeira não a podia tratar, porque não havia farmácia nenhuma que estivesse aberta”, isto porquê, porque nós ainda só conseguimos ter público ao fim-de-semana. Portanto, nós vamos tentando abrir, temos a nossa programação às 5ªas feiras de cinema de autor, um cinema de cariz mais europeu, mas é muito difícil, ainda por cima numa zona de cariz muito campestre e ligado à agricultura, apesar de ter um parque industrial muito forte, mas lá está, uma zona laboral, e é muito difícil trazer as pessoas fora do seu dia de descanso. Esqueci-me da pergunta...

Estava a falar dos objectivos... portanto, independentemente de ser dança, teatro...

Sim, sim, já me recordo. São sempre os mesmos. Eu acho que o lado lúdico também tem que estar presente em tudo isto. As pessoas que vêm aqui têm que se divertir. Aprender divertindo-se acho que é muito mais salutar do que... eu não quero que uma pessoa entre aqui cabisbaixa e saia cabisbaixa também porque foi um espectáculo muito denso e não sei quê. Mas se for um espectáculo muito denso que, pelo menos, permita que esse espectáculo seja algo de uma reflexão, pelo menos, mas que a pessoa, no fundo, se divirta também.

Há pouco quando falou do “bom”, considera que é possível conciliar com o lúdico?

Sim, eu sou dessa opinião. Eu acho que o lúdico tem que estar sempre... tem que ter a sua fatiazinha, tem que ter ali o seu cantinho, e depois, então, tratamos de tudo o resto; assim como na parte do ensino – e agora fugindo aqui um pouco – eu penso que o ensino deve ser divertido e formativo, mas, quer dizer, o lado lúdico e de diversão deve estar no lado programático, nos manuais escolares, na forma como se pode dar essa matéria, que muitas vezes pode ser mais sisuda, mas que pode ser dada de uma forma muito mais leve. Eu estou a lembrar-me, por exemplo, de um evento que tenho aqui programado para o próximo ano lectivo, que tem que ver com a matemática, um evento de dança que é o Homem Que Não Gostava de Números, fazemos uma série de oficinas com os professores dessa disciplina e depois trazemos os alunos; será uma forma, se calhar, de fazer com aquele bicho papão que se diz ser a matemática, fique um pouco mais acessível, e lá está, o lado lúdico estará aí presente.

Falando agora do caso concreto da dança, não sei se vai concordar, eu agora faço uma afirmação para ver se o Luís concorda ou não: esse carácter lúdico é mais fácil com o teatro, através da comédia ou não tem que ver com isso...

Não, não tem que ver com isso.

Mas no teatro há uma grande incidência em comédias...

Sim, mas isso... como há no cinema também, por exemplo. Pela área que o absorve já a dança não é tão fácil. Mas se calhar podemos ligar o teatro à dança pela mímica e a mímica pode ter esse lado lúdico, pode ser comédia, e é; portanto, não há uma coisa estanque, pelo menos eu não gosto dessas situações estanques; se eu poder ter uma ligação... Nós tivemos aqui um bellissimo espectáculo, Fica no Singelo, da Clara Andermatt...

Foi esse que eu vi aqui... (risos)

E a ligação entre a música e a dança é muito forte.

Foi curioso que na semana seguinte foi apresentado como o melhor espectáculo de dança pelos críticos do Público, o melhor de 2014...

Pois... primeiro porque não é um espectáculo estanque. É um espectáculo que nos faz pensar e nos faz reviver as nossas tradições e até pôr em causa algumas delas...

Aí é reflexivo... considera que mesmo sendo reflexivo não deixa de ser lúdico...

Não deixa de ser porque eu diverti-me a vê-lo e penso que as pessoas também, mas questiona.

24. O Cinema é promovido pela vossa instituição? É parte integrante da vossa programação? A programação de Cinema apresenta-se segundo *Cinema em Cartaz* e *Cinema Alternativo*. Ambos são promovidos pelo CTE?

O Cineclube de Avanca, que por acaso não sei se está formado como associação ou não, promove um dos ciclos, que é o cinema às 5^{as} feiras. A programação é feita por eles, eles são produtores de algumas fitas, de alguns filmes, promovem os seus filmes, promovem mais o cinema europeu, de autor, filmes que são galardoados nos festivais mais transversais ou menos comerciais, ou seja, muitos deles que não passam pelo circuito chamado de comercial, tem lugar aqui às 5^{as} feiras.

Ok. É que na agenda que a Catarina me enviou havia a referência a *Cinema Alternativo*, mas não tinha a indicação se era uma associação que promovia...

Sim. É no Cineclube de Avanca. A selecção de filmes é feita por eles.

Avanca é uma freguesia, correcto?

Avanca é uma freguesia aqui. Tem o seu Festival de Avanca que é muito forte, em Julho, que já vai na sua 18^a ou 19^a edição, recebe muitos cineastas vindos de lá de fora, dezenas e dezenas, e durante uma semana tem o seu festival, lá está, que é um festival... digamos... não dentro dos trâmites normais dos festivais de grande dimensão, é um festival outsider, se assim lhe podemos chamar, mas de muita valia. Mas de referir também, lá está, que este Cineclube de Avanca é apoiado pelo município.

E depois, aos domingos, temos o reverso da medalha, entre aspas, temos já um cinema de circuito comercial, que somos nós que fazemos essa escolha, onde temos, sensivelmente duas a três semanas após a estreia a nível nacional, filmes aqui. Isto só a partir de Outubro porque nós só tínhamos 35mm e partir de Outubro este executivo adquiriu cinema digital, porque se não tínhamos que parar, porque os filmes acabaram em 35mm, deixaram de ser distribuídos nesse formato. Eu penso que isto foi algo que mais uma vez foi pensado para o público, porque é um grande investimento, e a indústria cinematográfica está em crise, e, portanto, foi a pensar na comunidade que o executivo fez este investimento. Também porque esta sala é designada como Cineteatro e sempre houve aqui cinema e, portanto, não é um teatro... se calhar aí, se não houvesse já este historial de cinema para trás – e até se pode ver pelas máquinas que estão expostas – se calhar era capaz de não ter continuidade. Assim não, nós vamos tentando sobreviver...

25. Quais os critérios de selecção de filmes? É o Luís que participa nesse processo?

Sim. Esse processo também passa por mim e, portanto, eu tenho antecipadamente conhecimento das estreias que vão existir e, lá está, tento fazê-lo como na restante programação de forma transversal,

não criando ciclos porque é muito difícil, nesta zona onde estamos inseridos, fazê-lo, porque não tantos cinéfilos quanto isso; mas escolhendo pelo realizador... eu lembro-me perfeitamente que o Birdman foi aqui exibido no dia em nessa noite ganhou o Óscar de melhor filme. Portanto, não vamos atrás dos oscarizados, mas, lá está, foi uma escolha que teve a ver com...

Mas aí é também assumido, como houve um grande investimento, que os critérios passam por filmes que tragam pessoas...

Sim, claro, temos que ter isso em conta. Por acaso não foi o caso do Birdman (risos), que teve muito pouca receita. Mas lá está, como eu sei que às 5^{as} feiras tenho um determinado tipo de filme aqui, já não o vou repetir aqui aos domingos, portanto, trato de trazer filmes mais populares, dentro, obviamente, de um determinado critério, neste caso até de gosto ou até muitas vezes fazendo algum estudo pelo número de espectadores que o filme vai tendo na sua estreia e muitas vezes pela divulgação pelos media, porque há filmes muito mais divulgados e que chegam mais rapidamente às pessoas; sabendo também que todos os primeiros domingos de cada mês temos um filme infantil ao domingo de manhã. Fazemos uma sessão dupla, de manhã e à tarde ou à noite mediante a época do ano; a partir da primavera a sessão é às 21h30m, no inverno é às 17h. Temos a sessão dupla nos primeiros domingos de cada mês. Isto é, temos duas sessões por mês ditas para adultos, digamos, e uma infantil no primeiro domingo de cada mês. É claro que pelo número de estreias que se verifica que nós temos que fazer uma selecção – porque não podemos trazer tudo, só dois por mês – e tentamos também que sejam diferenciados em termos de géneros ou em termos de realizadores e actores, que foquem, digamos, enredos mais ligados à história, filmes históricos, ou filmes mais direccionados para os jovens, uma vez por outra, aqueles filmes que são êxitos de bilheteira tentamos trazê-los aqui também.

26. A Literatura e as Artes Plásticas, incluindo as exposições, integram a programação do CTE?

O Cineteatro não tem muita programação nessas áreas, mas tem. Nós, pontualmente, temos exposições aqui no nosso foyer ou aqui no Café-Concerto. E o facto de não haver mais é porque o espaço não é um espaço fácil para que isso possa acontecer. De facto as obras não foram feitas para que, se calhar, nós tivéssemos mais espaço para uma galeria ou pudéssemos aqui expor... aí faríamos com mais assiduidade. No entanto, nós temos aqui o espaço da casa da Cultura que tem exposições permanentes, temos a Biblioteca que também o faz, mais ligado à área onde se trabalha. Quanto à literatura, a proximidade dos equipamentos culturais, que é praticamente atravessar a rua, permite-nos ter sempre esta ligação. No entanto, por exemplo, nós tentamos...

Mas há acções que se realizam aqui?

Há. Nós tentamos... algumas apresentações de livros são feitas aqui, no espaço onde nós estamos, vamos ter um evento, por exemplo nós vamos ter a Feira do Livro que este ano tem um envolvimento diferente porque é a Feira do Livro e da Música e vamos ter alguns showcase com a apresentação de alguns discos e vamos ter também a exposição de discos – isto um bocado pela ligação que há, hoje em dia, entre música e literatura, livros que vêm com cd's e vice-versa – e portanto, tentamos fazer esta ligação com a feira. E no último dia da feira, a feira vai decorrer numa tenda montada para o efeito na praça do município, mas no último dia vamos ter aqui no Café-Concerto um evento chamado Línguas, que tem a ver com língua portuguesa e toda a sua envolvência. Lá está, nunca estamos estanques e procuramos sempre que as diferentes áreas estejam ligadas.

E essas acções constam como programação?

Exactamente.

30. A estratégia programática assenta na perspectiva de partilhar com a comunidade aquilo que se sabe que é do seu agrado ou, por outro lado, pretende apresentar modelos e projectos desconhecidos de grande parte da comunidade?

Acho que é importante nós, até pelo LAC, promovermos experiências diferentes. Portanto, fornecermos aquilo que as pessoas já conhecem não me parece que seja relevante nem me parece que tenha grande interesse para ambas as partes...

De qualquer forma também se contempla isso...

Claro. Lá está, o tal artista que as pessoas gostam de ver e que muitas vezes me dizem na rua “então quando é que traz cá o a,b ou c”, quer dizer, mas... na balança pesa mais o facto de nós podermos levar até à comunidade novas experiências do que realmente aquilo que já interiorizado. Por exemplo, nós tivemos aqui os Contraponto, no sábado de Páscoa, que é um grupo à capela, muito jovem, de grande qualidade, de grande valia, e que eu vi fora de Estarreja e ao qual também dirigi logo um desafio, que foi o de vir aqui apresentarem-se mas trazendo ao espaço os maestros e os elementos dos quatro orfeões que nós temos aqui, no sentido de eles poderem depois colaborar e fazermos aqui um concerto de Natal com um reportório mais ligado à época, mas, acima de tudo, para que estes orfeões pudessem ter uma perspectiva diferente do que é utilizar um instrumento de voz e que tenham essa experiência diferente do trabalho que eles semanalmente fazem quando se reúnem para ensaiar.

Não sei se o Luís quer acrescentar alguma coisa relativamente a critérios de escolha e em relação a factores internos e externos...

Não... quer dizer... é a dificuldade que nós temos, por vezes... eu acho que há aí duas dificuldades: muitas vezes nós gostaríamos de ter determinado evento aqui, o que nos possibilita o tal trocar novas experiências, o enriquecimento que é muito importante, o enriquecimento cultural para quem frequenta, para quem vem aqui, mas muitas vezes há dois factores, um que foi aquele factor que há bocado falámos das companhias efémeras, que não nos permite, por vezes, trazer o que nós gostaríamos; o outro lado, é o lado, que é muito importante, que é o lado financeiro. Muitas vezes não chegamos àquilo que nós gostaríamos, eu faço papel de advogado do diabo porque conheço muita gente na área cultural e na área musical e acabo sempre por tentar fazer melhor valor ou melhor preço.

Nesse caso pode dizer-se que a questão das “companhias efémeras” corresponde ao principal factor externo e a questão financeira o factor interno...

Sim, penso que tanto um como o outro estão em pé de igualdade.

34. Por exemplo, se determinado grupo, que pretendem que integre a vossa programação. apenas tiver disponibilidade a uma terça-feira, como é que lidam com isso? E caso seja uma data próxima de um projecto de características semelhantes?

Aí, nós tentamos não fazer. Havendo proximidade... há que haver bom senso neste tipo de situações e as coisas têm que ser mais distanciadas. Depois há as situações que rompem um bocado tudo isto, que são, às vezes, nomes ou eventos incontornáveis que nós gostaríamos de ter e que sabemos que podem ser de valia para todos, tanto para nós como para o público que vem aqui, e muitas vezes rompe-se e arrisca-se...

Nesse caso nem que seja a uma 3ª feira? (risos)

Nem que seja a uma 3ª feira. E então se 4ªfeira por feriado, melhor ainda (risos).

35. A integração de espectáculos de grupos ou companhias internacionais na programação rege-se por que critérios?

O monetário é muito importante (risos). Mas eu deixo aqui uma ideia que se calhar está pré-concebida e que não é correcta. É que nós muitas vezes conseguimos espectáculos de cariz internacional mais acessíveis do que espectáculos nacionais. Portanto, caso esteja dentro de uma digressão pelo nosso país e tal, às vezes conseguimos valores, até na área do jazz, na área da música tradicional, conseguimos, realmente, ótimos espectáculos, que nos trazem sempre mais valias até pelas diferenças culturais que encerram, e conseguimos de igual forma, monetariamente, mais atractiva. Eu penso que os critérios são os mesmos que os espectáculos que nós temos aqui. Se a nós nos parecer que esse espectáculo é uma mais valia, não me interessa que seja boliviano, norte-americano ou não sei quê, mas se nos trazer algo de novo ou, lá está, uma experiência nova pela

qual o público passe, então aí tentamos. E Estarreja, ao longo destes anos, mesmo antes de eu estar aqui, é conhecida por ter esse carácter meio revolucionário nesse capítulo.

36. O que se pretende com a apresentação de projectos internacionais?

O mesmo. Os objectivos são idênticos. No caso da world music trazemos tradições, muitas vezes até concepções diferentes, utilização de instrumentos que não são utilizados aqui, da mesma forma que o fado se procura lá fora, como a guitarra portuguesa.

Mas quando se programa esses espectáculos internacionais está a pensar-se também na comunidade de Estarreja, para o mesmo público ou aí há uma diferenciação? Tenta-se...

Que o CTE se internacionalize?

Pergunto... não sei há essa pretensão ou não...

Eu continuo sempre a dizer que em qualquer situação o concelho e a comunidade está em primeiro lugar, mas é óbvio que é importante para nós que as pessoas se apercebam do trabalho e esforço que aqui, em termos culturais, se faz. E muitas vezes, nem que seja um reбуçado que é dado às pessoas que nos visitam de outras partes do país. Nós este ano, e nos anos anteriores, mas eu reporto-me mais ao tempo em que estou aqui, temos tido pessoas que nos visitam do Porto, das zonas limítrofes do Porto, mesmo acima do Porto, Guimarães, por exemplo, Braga, Pombal, temos tido algum público que vai sabendo pelas redes sociais o que aqui se vai fazendo e que nos visitam.

E esses espectáculos são pensados também para essas pessoas, é isso?

Também. E mesmo a nível de distrito. Se nós conseguirmos uma data única aqui, digamos, que o espectáculo não se repita num raio muito próximo em termos geográficos, é uma mais valia para nós. Nós vamos ter aqui, por exemplo, em Julho um concerto que está a ter uma procura muito grande por parte da comunidade e que é trazido aqui com esse intuito, lá está, de partilhar experiências diferentes. Como sabe há uma grande ligação desta terra ao Carnaval e portanto nós vamos trazer aqui um artista de eleição chamado Hamilton Violanda que é um dos bandolinistas de renome mundial, e o facto de ele vir aqui tem muito a ver com essa comunidade ligada ao Carnaval. Os grupos de samba que nós temos aqui e que têm os seus bandolinistas estão eufóricos porque é um oportunidade única. Nós estamos ainda a tentar fazer uma oficina ele, o senhor vai estar só dois dias em Portugal e a coisa está um bocado complicada, mas ainda não fechámos as portas, ainda estamos a tentar, pelo menos no dia, ou pelo menos tentar... uma das coisas que nós temos aqui no LAC, que é uma coisa chamada Bocas de Cena, que é muitas vezes abrir o ensaio à comunidade. Obviamente que não podemos encher a sala devido ao trabalho técnico que se está a fazer, mas por inscrições abrimos a 20, 30 ou 40 pessoas e podem assistir, podem conversar com os músicos; depois com o teatro também, já o fizemos, abrimos o ensaio às pessoas, podem conversar os actores, na dança a mesma coisa. E neste caso nem que seja um Bocas de Cena com ele.

De qualquer forma, no que respeita à internacionalização, os projectos incidem também, sobretudo, na música, correcto?

Sim, porque também em termos técnicos e de custos é mais fácil, apesar de que...

No caso do teatro também há a questão da língua, não é?!

Sim, claro que sim.

Mas muitas vezes aparecem companhias que são apoiadas pelo seu país e, portanto, isso facilita-nos porque não há custos de transportes, estadias, nada disso e o que eles vêm é fazer x números de espectáculos, e se percebermos que da mais valia que possa trazer esse espectáculo tentamos... Nós vamos ter, por exemplo, mais dois eventos de carácter musical aqui na sala onde estamos a fazer esta entrevista, esta conversa, que é um cantor da nova vaga de música brasileira, não tem a ver com samba nem com bossa, as novas correntes musicais também chegam ao Brasil, o indie e isto e aquilo; portanto, é o Marcelo Frota com o nome Momo, e vamos tê-lo aqui no final do mês de Maio, como em Junho vamos ter uma cantora italiana, que é a Flo, que é uma cantora siciliana e nos traz a

música tradicional da sua região. Portanto, sempre que possível tentamos abrir também os nossos horizontes.

37. Ao longo dos anos há determinados artistas ou companhias que têm vindo a marcar presença regular. A que se devem determinadas repetições? E surgem em detrimento de outros projectos?

Sim, há uma ou outra companhia...

Surgem em detrimento de outros ou outras?

Nós tentamos sempre estar actualizados e estar dentro do que se vai fazendo, procuramos visualizar, quando nos é possível, os espectáculos, e depois há companhias que pelo bom trabalho desenvolvido, mais até na área da infância, mais ligado ao lado curricular e das escolas – lembro-me que nós tivemos aqui uma belíssima peça da Virgínia Woolf para todos os 5^{os} anos, durante uma semana e depois com uma conversa com a actriz, e a conversa demorava quase tanto tempo como durava o espectáculo – quer dizer que os miúdos têm a mente muito aberta, lá está, as novas experiências. Portanto, quando nós sabemos que em termos pedagógicos essas companhias desenvolvem trabalhos de referência, não vejo problema nenhum em repeti-las.

Mesmo no caso da música, espectáculos com um determinado grupo que marca presença num ano e passados dois anos está cá novamente...

Sim. Vamos ter agora o António Zambujo que já passou aqui há uns anos atrás e que já está esgotado há não sei quantos meses, quer dizer não vejo problema nenhum nisso. É claro que, como há bocado já se referiu aqui, o leque de possibilidades na área musical é muito mais alargado, portanto, se calhar, as companhias que fazem um trabalho de referência pedagógico já é um pouco mais apertado, pelo menos aqueles que nos interessam.

Mas no caso da música tem que ver com o facto de apresentarem um novo disco...

Sim, hoje em dia um disco é muito importante para um artista para lhe criar os espectáculos, não pelas suas vendas, porque infelizmente são reduzidas; mas quando realmente aparece um disco que depois tem boa receptividade e boa divulgação e depois esse artista parte...

Portanto, também tem a ver com a receptividade do vosso público, que já o conhecem...

Do nosso público e do público em geral, porque se o trabalho não for bem mencionado por parte dos media não chega ao grande público, infelizmente. E há belíssimos trabalhos que, infelizmente, têm dificuldade, às vezes, até em termos de salas cheias porque não será um nome tão transversal ou o trabalho não foi tão divulgado... não é por isso que o escolhemos, mas...

Mas esse grupo ou artista não poderá perder o lugar em detrimento de outro que já tenha vindo há dois anos, por exemplo?

Não, tentamos sempre que não. Mas, por outro lado, nós também temos que pensar no lado financeiro, ou seja, tem que haver um retorno, nem que seja mínimo, do nosso investimento, mas às vezes poderá ser em evento suicida, que pode ser propositado, às vezes há essa consciência.

Há essa consciência?

Há consciência, sim. Interessa-nos trazer pela questão qualidade, pela questão de trazer novas experiências, mas eu penso que, hoje em dia é fundamental, sempre foi mas hoje é cada vez mais, a boa política financeira em tudo o que se faz; portanto, nós temos que ter uma grande contenção de gastos e temos que ir pensando nos espectáculos, pelo menos esses mais mediáticos de modo a que haja um retorno, porque já sabemos que ao nível dos espectáculos dirigidos à comunidade escolar esse retorno não existe, é um investimento, logo os espectáculos mais lúdicos, entre aspas, esse retorno é importante.

38. De que forma a programação do CTE está relacionada com as propostas da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro)? Que benefícios advém desta Comunidade? Pode dar-me exemplos concretos de projectos que tenham integrado a programação através desta rede?

A CIRA tem vantagens como se calhar tem desvantagens. Por um lado, haver projectos comuns permite-nos avançar para projectos de outra dimensão, que isoladamente não seria possível, se calhar, fazer por questões políticas e até mesmo por questões logísticas. É natural que a troca de ideias e até de experiência de programadores penso que é benéfica e fundamental. Houve realmente algumas encomendas feitas por parte da CIRA que resultaram em projectos comuns aos diferentes municípios – está-se agora numa fase de banho-maria à espera de um novo quadro que permita uma nova candidatura, não sei se será feita nos mesmos moldes – e nesse sentido é benéfico. E o facto de haver uma série de municípios aqui, em rede, com auditórios que permitem programação regular, permite-nos quase fazer uma oferta cultural da zona centro, e portanto se há zonas que são mais visitadas por questões que têm que ver com a gastronomia ou ecoturismo, poderá haver também turismo cultural, pensando-se numa oferta cultural quase permanente em que as pessoas podem, para além de visitarem a zona, a região, as cidades, as vilas, ficarem por aqui uma semana porque na 6ª vamos ao tal auditório, que é a 20km daqui, no sábado há outro espectáculo que nos interessa, e depois a 10km, no domingo à tarde, outro que nos interessa.

A desvantagem – isto é a minha visão pessoal – poderá ser a proximidade de tantos equipamentos culturais. Por mais que as pessoas digam que trabalhamos em rede e que há vantagens nisso, eu não acho. Quer dizer, eu acho que a proximidade de tantos equipamentos culturais não beneficia espectáculos em comum. Eu penso que não temos ainda público formado para que o mesmo espectáculo possa rodar por 3 ou 4 municípios num raio de 40km. E acho que essa rede, ou essa colaboração, deve ser feita com outros espaços com programação regular, e boa programação, o caso de Vila Real ou Braga, em que geograficamente não vamos machucar-nos em termos de público. Por exemplo, eu agora se quisesse trazer um artista x no sábado e Ovar já o tinha na 6ª feira, não me parece que isso seja benéfico, nem para nós nem para Ovar, por mais que digam “não... o público vai rodando”, vai rodando mas não é para ver o mesmo espectáculo. Eu se calhar muito mais rapidamente faria uma proposta dessas a Vila Real ou Braga ou Bragança porque aí os públicos não se cruzam.

A rede quando planeia os projectos, planeia no sentido de se realizarem nos vários municípios que integram a rede, é isso?

Exactamente.

É uma característica da rede programar dessa forma?

Exactamente. E quer se queira quer não... eu falo um bocado pelo nosso aspecto de público que nós temos, nós vamos buscar uma franja de público a Aveiro, a Albergaria, mas lá está, o público vai rodando mas se o mesmo espectáculo estiver em Albergaria os de Albergaria não vêm aqui.

39. Os Teatros Municipais em estudo (de Estarreja, Albergaria e Ílhavo), próximos geograficamente e integrantes da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro), apresentam espectáculos comuns, por vezes num curto espaço tempo. Como lidam com este facto?

40. E de que modo o planeamento da vossa programação tem em consideração a programação dos Teatros dos municípios envolventes?

Por um lado não há uma oferta tão abrangente ou tão alargada que nos permita, muitas vezes, programar coisas totalmente diferentes – oferta existe, mas se calhar não existe a oferta que nós pretendemos em termos qualitativos e pedagógicos, como para o serviço educativo – portanto, há realmente muita coisa a ser oferecida mas algumas coisas, na minha opinião, são de qualidade duvidosa. E nós, programadores, acabamos por ir quase sempre beber às mesmas coisas, ou quase. Em dança contemporânea gostamos de 3 ou 4 companhias, em teatro não sei quê, e depois há aquela questão de que hoje em dia não é fácil as companhias de teatro – que são muito camaleónicas, em que as pessoas para sobreviverem têm que trabalhar em várias companhias e muitas vezes eu programo uma peça em que metade das vezes o elenco já não é o mesmo – e isso leva-nos a recorrer praticamente aos mesmos.

Agora falando em concreto do Luís, que está aqui no CTE, quando toma essas decisões, de determinados espectáculos que se realizaram nos Teatros próximos, pensa...

Sim, penso. Tenho que ponderar. Por um lado é bocado estranho porque nós temos este trabalho em rede, mas por outro lado quando fazemos essas reuniões pomos em cima da mesa a nossa programação e dizemos “nós em Dezembro vamos ter isto...” e, de certa forma tentamos não colidirmos.

Porque muitas vezes acontece um espectáculo realizar-se primeiro em Estarreja e vice-versa... Mas não nega a hipótese de determinado espectáculo, apesar de já ter sido apresentado há uns meses atrás...

Não. Eu inclusive no último trimestre estou a ponderar ter aqui um espectáculo musical que vai passar agora, antes do Verão, num município próximo.

Num passado recente estou a recordar-me, por exemplo, da Rita Guerra que esteve aqui e em Ílhavo; o espectáculo do José Pedro Gomes, Todos, esteve também em Estarreja e Ílhavo...

Sim, quer dizer... também não há um cruzamento de público tão forte como isso, a não ser que estivéssemos a falar de um nome muito forte, mas pelo menos tentamos que... mas, por exemplo, no serviço educativo, no nosso LAC, não vejo grande problema em que o espectáculo que temos aqui passe por Ovar ou pelas suas escolas, isso é salutar, não andamos aqui em guerra; obviamente temos que apresentar números e temos o nosso investimento e tem que ter retorno. É tudo muito bonito mas há o lado monetário, e financeiro, que é muito importante para o município. E isso está acima de tudo, daí que uma pessoa tenha que ter esse cuidado; agora, dentro do serviço educativo, até acho salutar. Não vou buscar as escolas de Ovar para virem aqui e vice-versa, por isso não tem peso nenhum; aquilo que Ovar teve em Outubro eu tenho em Novembro, e vice-versa, e quando digo Ovar digo Albergaria ou outro. Agora, outro tipo de oferta cultural, mais lúdica, chamemos-lhe assim, aí se calhar essa proximidade não é benéfica.

Para que eu fique contextualizado e elucidado: o Luís chegou a participar em decisões dos projectos da CIRA?

Não. Eu quando cheguei aqui ao CTE os projectos estavam praticamente na sua fase final: era o projecto chamado Nariz Preto e outro...

Mas quando chegou esses projectos já estavam definidos?

Sim, sim. A única coisa que eu fiz foi agilizar esses projectos e moldá-los à nossa zona e à nossa região e ao nosso espaço do CTE, mais nada.

Mas se conseguirem um novo financiamento irá participar activamente nesses decisões?

Sim, claro. Obviamente que tenho interesse nisso.

41. De entre a programação apresentada há projectos que correspondem a parcerias ou co-produções? Se sim, pode dar-me exemplos?

Eu sou a favor de parcerias e co-produções e quando falo em co-produção obviamente temos que falar em residências, passa muito por aí. Um dos problemas que nós temos em relação a isso é a falta de meios para podermos fazer essas mesmas residências ou co-produções; nós a médio-prazo vamos tentar criar espaços que nos permitam acolher residências, porque de outra forma nós temos que recorrer à hotelaria...

Neste momento não se concretizam, é isso?

Não, nós temos feito; fizemo-lo com a Carla Andermatt, com o Fica no Singelo, com o Baile de Aldara Bizarro, temos em curso algumas propostas em estudo ligadas ao teatro, inclusive de fazer aqui a estreia de alguns novos trabalhos, temos também uma proposta do Jangada Teatro, de Lousada, para fazermos uma extensão do Folia, que é a 15ª edição desse Festival Internacional de Teatro, há também a possibilidade de estarmos ligados à nascente de Espinho e termos uma extensão do Cinemanina, Festival de Cinema de Animação; portanto, eu acho que isso é salutar.

Ou seja, além das parcerias há criações?

Há criações. Agora tempo e espaço onde durante uma semana ou 15 dias as pessoas estejam albergadas e que possam fazer a sua alimentação, isso não nos favorece muito porque em termos de custos essas parcerias ficam com custos extremamente elevados.

42. De entre a programação que tem vindo a ser apresentada desde a reabertura, quais as iniciativas, sobretudo regulares e/ou anuais, como por exemplo ciclos ou festivais, que não são promovidos pelo CTE?

Sim; temos o Festival de Cinema de Avanca, que todos os anos se desenvolve em Julho, e solicitam mais o nosso apoio técnico, e depois apresentamos no Verão, ao ar-livre, alguns filmes desse festival que vai na sua 9ª edição anual aqui. Esse, digamos, que será o único ciclo que se pode dizer que não é promovido pelo CTE.

E o caso do Festim?

O Festim é uma compra... poderá ser uma parceria, mas quer dizer supõe que a D'Orfeu faz uma proposta aos municípios de integrarem o Festim, e nós anualmente dispomos de uma verba para a D'Orfeu que, no fundo, apresenta-nos uma bolsa de artistas que tem.

É uma verba já predestinada para comprarem espectáculos dessa bolsa apresentada...

Exactamente. É como se fosse uma quota que é paga para integrar o Festim, e depois temos uma bolsa de artistas dos quais escolhemos fazer dois concertos ou um, ou três. A mesma coisa com o Outonalidades, que é promovido pela D'Orfeu e nós unicamente o que fazemos é agilizar a nossa escolha.

E integra a vossa programação porque também é uma escolha. Vocês escolhem o que programar, sendo distinto do festival de cinema, é isso?

Sim, sim, é isso.

43. De entre os espectáculos apresentados alguns não são organizados pela instituição, tratando-se de acolhimentos. Fale-me um pouco acerca do processo de acolhimento... a percentagem na programação, de quem parte a iniciativa, se enquadra na vossa programação, se há distinção na forma como promovem o espectáculo, se dão algum tipo de apoio logístico e/ou técnico, ...

Não é uma percentagem muito significativa, mas tem o seu peso. São propostas que nos são dirigidas mas também são ideias que nós passamos quando queremos, por exemplo, uma ligação e uma interacção com a comunidade ou achamos que uma ideia nossa pode potenciar mais a ideia que nos é apresentada, e tentamos fazer esses acolhimento e/ou essa alteração. Essa ideia muitas vezes é aceite, outras não é possível. Eu gosto muito de fazer parcerias improváveis e, portanto, muitas vezes quando tenho aqui determinado instrumentista ou cantor e digo "olha, porque é que não convidas a, b ou c.." que não tem nada, às vezes, a ver com o universo musical, mas eu acho que essas parcerias é que são salutareas, na minha opinião não é o óbvio, acho que é com essas parcerias que uma pessoa avança e consegue descobrir novos caminhos.

Mas também há muitas propostas que vos chegam, e aí há critérios também?

Sim, claro.

Recusam propostas?

Recusamos. Muitas vezes não se enquadram na nossa ideia programática, sai um pouco fora e, portanto, eu acho que aqui, apesar de fazermos uma programação abrangente e transversal, mas temos também que a balizar.

Mas a partir do momento em que acolhem, aceitam uma proposta, passa a ser programação vossa? Considera que integra a vossa programação?

Sim, e todo o processo é exactamente idêntico.

45. E o *Café-Concerto*, é um espaço do CTA, é um projecto integrante da programação ou um projecto paralelo?

*Um espaço do Cine-Teatro. É pena que este espaço onde nós estamos não tenha, às vezes, outra capacidade em termos técnicos para albergar outros projectos que eu preferia fazer aqui em vez de, por exemplo, de caixa-palco - eu sou um adepto de caixa-palco pela proximidade com o público com o evento que está acontecer e até, muitas vezes, pela dimensão de espectadores que muitas vezes esses eventos têm. Nós temos uma sala com 500 lugares, o ideal era conseguir que essa sala fosse aumentada ou diminuída consoante os eventos que temos porque posso ter um evento em que interesse que abra a 50 pessoas, e isso torna-se confortável num espaço como este do *Café-Concerto*. Eu acho que o espaço do *Café-Concerto* funciona como uma opção para esse tipo de situações, minimizando o desconforto em espectáculos com menos audiência. Mas é claro que pela arquitectura do espaço, pela parte estrutural do espaço que não é possível alterar, muitas vezes não é viável, por exemplo pela distância dos camarins; temos algumas limitações. Muitas vezes eu penso num evento qualquer para o *Café-Concerto* mas às vezes desisto porque não tenho condições para isso. O palco é mini, não dá para esconder algumas coisas pela profundidade de palco... mas muitas vezes – gato escondido com rabo de fora também não gosto – uma mudança de cenário pode ser feita à frente do público, assumida, eu sou adepto disso. Mas não faço essa distinção entre espaço A ou espaço B, o Teatro é como um todo, assim como o sub-palco é um espaço para ser aproveitado e há ideias para isso. Nós temos falta de espaço e temos material guardado lá o que muitas vezes impede, por exemplo, de fazer um espectáculo rotativo, começando aqui e acabando lá, temos essas limitações.*

Mas diga-me uma coisa: há programação que se concretiza aqui no *Café-Concerto* que é pensada propositadamente por terem este espaço e coordenada com a programação geral da sala...

*Sim, tentamos sempre. Por um lado é uma alternativa ou será uma forma de contornar os valores que nós temos para a programação. Temos que ser realistas dos valores que temos e programar para um *Café-Concerto* bandas emergentes – mas também nas outras áreas culturais – isso facilita-nos em termos valores, de cachets, permitindo que às vezes tenhamos uma programação diversificada e numericamente maior com menos custos.*

49. No que respeita a modelos e conteúdos artísticos o que é que não cabe na programação do CTE?

Tudo o que seja aculturado – não sei se este termo existe ou não (risos).

O que considera ser *aculturado*?

Considero a antítese ou o virar as costas a uma aprendizagem que se pretende ao longo da vida, que facilite o dia-a-dia, que facilite as pessoas em termos laborais, em termos das suas relações humanas, portanto, tudo o que seja contrário a isso.

O que não reflicta isso ou sobre isso?

Exactamente.

50. Quais os critérios que definem o preço dos espectáculos e das oficinas, workshops, ateliers?

Nós temos que perceber a zona onde estamos inseridos e ser realistas, e é claro que temos que fazer um contra-ponto entre a lotação e os cachets que são pedidos, por isso é que faço um bocado papel de advogado do diabo porque ando sempre a berrar a dizer que não tenho dinheiro e não consigo pagar aquilo que me pedem, para tentar chegar a um acordo e a valores que nos permitam minimamente minimizar o nosso investimento. Como estava a dizer temos que ter em conta a zona onde estamos, o aspecto social também, nós sabemos que há uma mancha muito grande da população portuguesa que é a chamada classe média ou classe média-baixa e o concelho de Estarreja não foge à regra e é para todos que nós programamos. Pode haver um ou outro espectáculo que pelos custos de produção possa ser mais elevado, mas tentamos que a nossa programação regular e semanal que isso aconteça o menos possível, uma ou duas vezes por ano, mas isso é um bocado inevitável.

Mas, por exemplo, eventos do mesmo género, por vezes acontece custar 10€ e outras custar 15€. O cachet é o principal critério ou vocês também analisam consoante as áreas artísticas?

Os custos de produção... é óbvio que há uma empatia muito maior do público com a área musical - e a programação dos outros Teatros, se o Rafael for ver, a esmagadora maioria aposta sobretudo em espectáculos musicais – e se nós queremos captar as pessoas para o teatro, para a dança, para a poesia, para as outras coisas, temos que lhes dar também esse reбуçado que é facilitar os ingressos. Infelizmente grande parte das pessoas não tem uma cultura ligada ao teatro – eu lembro-me de há uns anos haver, pelo menos uma vez por semana, teatro na RTP, e isso parecendo que não foi muito importante na divulgação e no criar o gosto; hoje em dia não há e as pessoas se quiserem ver teatro têm que se deslocar a um espaço como este – e muitas vezes por causa dos custos de produção não conseguem sair dos grandes centros urbanos – chegam à porta do D.Maria fazem as contas e voltam para trás, e no Porto a mesma coisa em relação ao S.João – e digamos que não há uma descentralização nesse sentido e os públicos da província reflectem um pouco isso, apesar de começar a haver algum trabalho fora dos grandes centros – Aveiro tem algumas companhias de teatro e nós aqui estamos a tentar fazer esse trabalho e temos dois grupos de teatro – o Trama e o Teatro do Desassossego até aos 18 anos – e tem sido proficuo nesse sentido.

Pelo que estou a perceber vocês têm em conta, independentemente do cachet, quando é uma linguagem artística com que as pessoas não estão tão envolvidas...

Sim, nós temos que ter em conta isso. Por exemplo quando é o Estarrejazz temos em conta isso, porque o jazz continua a ser uma linguagem musical pouco divulgada e nós para conseguirmos captar público não podemos pôr valores como se fosse um concerto de pop/rock.

E em relação aos workshops, oficinas, ateliers... penso que algumas iniciativas são gratuitas, pergunto como é que se pagam.

Isso passa um bocado pelos valores que nos são apresentados, porque há criadores e autores que fazem de forma gratuita essas performances e essas oficinas, e nesses casos nós não queremos ganhar dinheiro com isso – obviamente que não podemos perder – e quando há custos associados tentamos fazer uma ligação ao custo do bilhete, um ajuste de modo a que na compra do bilhete possa participar no workshop ou com a participação no workshop tem um desconto no bilhete.

51. Quando o espectáculo se trata de um acolhimento, o promotor tem total liberdade para impor o preço de bilheteira ou há um preço máximo definido pela vossa instituição?

É sempre definido pelo promotor. Há uma total liberdade sempre aconselhada por nós, ou seja, nós tentamos que os promotores desçam à terra e percebam onde Estarreja está inserido no mapa em termos de mapa social e dar-lhas a conhecer o nosso princípio de preço de ética – obviamente se forem ver a nossa agenda percebem que nós jogamos dentro de determinados valores – e fazemos ver que são capazes de ter melhores resultados se em vez de levarem 20€ - fazem as contas deles e tal – se levarem metade são capazes de encher a sala.

Neste caso, para vocês, é indiferente financeiramente, mas há uma preocupação com o vosso público.

Claro que sim.

De qualquer forma não está regulamentado um preço máximo, é isso?

Não, o preço máximo não está regulamentado. O promotor pode pedir 100€ pelo bilhete, mas podemos recusar esse acolhimento. Quando são esses valores mais elevados – que é comum quando são aquelas grandes companhias de bailado do leste, por exemplo com o Lago dos Cisnes – eu percebo que são produções que ficam caras, e muitas vezes propõem-nos preços de bilhetes inoportáveis. Não queremos, por um lado, perder essas produções, mas queremos que o nosso público possa vê-lo.

53. Quais as principais diferenças entre a programação assegurada pela Isabel e o Luís e a programação apresentada anteriormente?

54. E os principais aspectos em comum?

Começando pela última, eu penso que o aspecto em comum será a ligação grande à comunidade e esta coisa de formar públicos – que não sei se é assim tão linear quanto isso, não sei o que é formar públicos – captar pessoas e tal. É uma programação transversal de modo a atingir as diferentes faixas etárias e sociais, o facto de o CTE abrir as portas à população, não virar para dentro, penso que esse poderá ser o ponto em comum. Se calhar a programação comigo e com a Isabel é mais transversal do que a programação anterior, se calhar o gosto pessoal tinha uma importância relevante na programação – esta é a minha opinião – e nós olhamos um pouco mais para aquilo que queremos passar às pessoas, e tentamos, de certa forma, que as pessoas se revejam neste espaço e na programação apresentada. Pensamos fundamentalmente no público.

Transversal num determinado género ou nas diferentes áreas artísticas?

Nas diferentes áreas artísticas. Num determinado género não porque nós tentamos sempre, musicalmente, ter uma área alargada seguindo até as novas correntes – e quanto a mim há uma faixa etária mais difícil de captar, que são os jovens, e se calhar também pensamos um pouco nisso e tentamos atrair, por exemplo no caso do teatro não trazendo apenas os clássicos, e tentamos que se estabeleça um contacto directo com o público, por exemplo no final havendo uma conversa entre ambas as partes, artistas e público. Se calhar sendo confrontado com o autor e o autor explicar o porquê de determinadas coisas percebem e motiva a voltar. Se não aprenderem essas novas linguagens o público afasta-se. Eu penso que isso é comum a todos os programadores. Depois há uns que trabalham mais num nicho, por formação cultural ou por gosto, e há outros com linhas mais transversais e mais abertas.

Anexo 6.4 - Transcrição de entrevista a Catarina Vasconcelos (Responsável de comunicação do CTE) 30 de Janeiro de 2015

1. Como designas o teu cargo profissional no Cineteatro de Estarreja (CTE)?

Eu estou cá sou como responsável de comunicação, na sua maior abrangência, desde conteúdos, parte editorial, passando também por definição de estratégias de comunicação, ou seja, em que meios é que devemos estar, em que formatos devemos estar. Quando falo em formatos, falo em cartazes, flyers, portanto toda essa parte de comunicação outdoor e física, e offline, que agora também está muito na moda usar esses termos, assim como também os formatos online: redes sociais, etc; e quando eu falo em meios, falo em meios de comunicação, seja os locais, os regionais ou os nacionais.

Portanto, és tu que estás a gerir isso?

Exactamente. Essa alçada está comigo. Toda essa dinâmica de comunicação.

Geres e concretizas, é isso?

Exactamente. Portanto, é a parte operacional e também estratégica. E esta comunicação é, na sua maior parte, na divulgação dos eventos que aqui recebemos, seja os nossos ou de aluguer de sala; não fazemos distinção nessa parte.

Ah, não fazem...

Não. Tratamos tudo mais ou menos igual; é natural que uma ou outra coisa que é nossa e que queremos realmente que corra bem, damos outro ênfase e é natural que se gaste mais dinheiro também do que uma coisa que não é nossa, mas geralmente tratamos de tudo ao mesmo nível. Portanto, até na agenda está lá tudo, não há distinção.

Então, muitas vezes as pessoas não se apercebem disso?

É natural que não. Não sei se vais perguntar isso à frente, mas isto não foi sempre assim. Num período anterior a este, numa outra fase fazia-se essa distinção com carimbo "acolhimento". Era na mesma divulgado mas tinha esse carimbo. Alguns podiam não perceber, não era muito explícito, mas aparecia esse carimbo associado ao evento que não era nosso. Mas havia a divulgação na mesma.

2. Desde quando?

Desde Maio de 2011. Foi quando eu vim para cá através de um estágio, PEPAL, inserida no gabinete de comunicação da câmara e passado um mês, isto foi em Abril, disseram-me para eu vir para cá, para tratar então desta parte porque era uma lacuna, não havia ninguém destinado a... não era única e exclusivamente, mas com maior atenção à divulgação do Cineteatro... Havia um trabalho de comunicação feito pelo anterior, na altura, o programador deste espaço e em parceria com o gabinete de comunicação da câmara, mas não havia ninguém a pensar só nisso.

4. O que é ser responsável de comunicação de um Teatro Municipal?

É apagar fogos (risos).

Não te pergunto tanto especificamente em relação ao CTE, mas de um modo mais generalista...

Lá está... tem os dois lados. É muito motivante... traz-nos felicidade também e, por outro lado, é muita pressão, é realmente lidar com muitas pessoas, desde artistas até ao público, que é quem nós queremos a que chegue a mensagem... depois é estar atento a toda uma série de dinâmicas de públicos, que nem sempre são claras ou lineares; por exemplo um espectáculo que pode à partida ser um sucesso só por si e de repente não tem procura, portanto tem que se resolver isso, ou seja, há uma série de esforços e pensamentos que têm que se ter rapidamente para resolver esse tipo de situações. E a felicidade e a motivação, que eu referia, tem muito a ver com o facto de tudo acontece, conseguimos pôr tudo a acontecer na sua plenitude e depois vemos a cara de felicidade das pessoas que nos vêm visitar, seja ao Cineteatro seja a outro sítio qualquer, que saem com uma boa

experiência, agradadas com a experiência que tiveram; e isso é ótimo e motiva-nos para continuar o nosso trabalho, porque realmente um Teatro é um espaço que à partida oferece boas experiências, além de cultura e tudo o mais, são experiências. E é muito interessante verificar como as pessoas saem daqui com um sorriso nos lábios.

Para ficar claro... tu estás responsável pela comunicação apenas do CTE?

Também já está mais alargado, estou também com... portanto, a responsabilidade é o Cineteatro mas também colabo bastante com o gabinete de comunicação da câmara.

la perguntar de seguida quais eram as tuas funções e responsabilidades, mas de certa forma já respondeste. Tendo em conta o que disseste, que geres e concretizas, pergunto se agora estás só com isto ou se, neste momento, há alguma coisa extra que estás fazer?

Lá está, o chapéu está a alargar-se um bocadinho. Não deixa de ser comunicação, a diferença é que aqui eu sou responsável e, portanto, eu é que estou a gerir as dinâmicas de comunicação e divulgação de eventos; quando se trata de outros assuntos é mais um pedido... e eu coloco em agenda para fazer, é mais operacional do que propriamente estratégico. Agora, claro que sim, muitas vezes, isto é uma equipa, o município é uma equipa, e nós estamos apenas aqui destacados, mas há um evento em que é necessário fazer uma conferência ou um seminário ou uma apresentação de alguma coisa, e toda essa organização também me inclui para dar ideias...

E na dinâmica do próprio Teatro também?

Sim, é natural. Aí não com tanto afinco, mas é natural que partilhe ideias. Mas não é uma responsabilidade. Mas, sim, há uma opinião sempre.

6. Na tua perspectiva qual a instituição cultural do município com maior visibilidade?

É o Cineteatro de Estarreja.

7. Como é a relação institucional do CTE com os restantes equipamentos culturais (municipais)?

Houve também várias fases nessa relação. Começou por ser... eu não estou cá desde início mas do que me apercebi quando cheguei...

Claro, pergunto pela tua perspectiva desde 2011, desde que estás cá...

Portanto, havia uma autonomia maior e um pouco mais fechada. Portanto era autónomo e fechado em si mesmo. O Cineteatro tinha uma equipa própria que não articulava muito com o resto do município. Havia mais trabalho só aqui, portanto era confinado; e isso perdurou durante algum tempo, ou seja, não havia grande contacto com os outros serviços da câmara, até mesmo para articulação de públicos.

Se calhar até nas funções como estavas a referir há bocado...

Sim, isso sem dúvida. Começou-se a implementar, um bocadinho também para justificar, na altura foi mesmo essa a expressão utilizada, para justificar a minha presença cá e tudo o mais, portanto alargar um bocadinho o âmbito de trabalho. Mas, ou seja, era uma casa mais fechada em si própria; que na mesma funcionava plenamente, mas com o passar do tempo e com a mudança, principalmente agora com a entrada deste executivo houve realmente uma aposta na articulação de todos os equipamentos do município e agora sim, esse trabalho também tem vindo a ser desenvolvido, ainda vai melhorando, cada vez mais... Existe realmente articulação dos serviços todos, por exemplo...

Já agora, com quais, mais concretamente?

Por exemplo, babysitting. O serviço de babysitting que é assegurado pela divisão de educação, portanto há uma articulação aqui com a chefe de divisão e ela destaca uma pessoa para vir cá no fim-de-semana x, outra vir cá no fim-de-semana y, consoante as datas que temos babysitting, isto é um exemplo. O outro exemplo é também com o Laboratório de Aprendizagem Criativa, o LAC, que no fundo é um serviço educativo municipal, não é só do Cineteatro. Existe uma equipa multidisciplinar a trabalhar nesses projectos, na forma como os dinamiza, portanto há uma abertura nesse sentido. Mas já agora, esta articulação toda faz parte da estratégia do executivo, da política cultural que eles

querem implementar, pelo menos durante este mandato, em que o Cineteatro surge como âncora; ou seja, também por ser o que tem mais visibilidade e que tem tido mais trabalho nesta parte, é o que serve quase de protagonista e que acaba por servir também como ferramenta de capacitação de todos os outros colegas e também de públicos, a partir daqui, e tudo o resto são os tentáculos.

E quem está a coordenar isso é a Isabel Pinto?

Sim, e o Luís também. A parte do LAC é mais a Isabel e o vereador da câmara.

8. E com os Teatros Municipais dos concelhos envolventes?

A meu ver podia-se aproveitar muito mais a proximidade (geográfica) e as relações pessoais, porque as pessoas todas se conhecem; portanto, seria ainda mais fácil tirar partido disso. O que aconteceu e que também melhorou, essa relação, que na minha perspectiva é quase inexistente, foi uma rede de programação da CIRA – Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro, que se chama Cultura em Rede – é um projecto financiado...

Do distrito de Aveiro?

Não é bem do distrito, é da comunidade; são 11 municípios que pertencem à região de Aveiro, porque o distrito vai até Espinho, mas Espinho, por exemplo, já pertence à área metropolitana do Porto.

Vou pesquisar...

Podes ver no site da CIRA, no fundo é de Ovar para baixo... mas pronto, são 11 municípios, e criou-se então uma rede cultural que no fundo é uma bolsa de espectáculos, que os municípios podiam ir buscar dessa bolsa espectáculos que entendessem apresentar.

Não especificamente os Teatros mas os municípios...

Os municípios, sim; que à partida seria feito nos respectivos Teatros porque estamos a falar de coisas mais artes performativas – dança, teatro – mas não tinha que ser para os Teatros, claro que não. Pronto, e aí começou a haver reuniões em que houve partilha de experiências e de programação, também, para criar essa tal bolsa; e portanto começou a haver mais relação entre os agentes culturais municipais da região. Mas fora isso não há grande relação; e a meu ver podia haver.

Mas consideras que está numa decrescente ou ...

Está numa fase crescente por causa dessa tal relação da rede de programação cultural. Mas mesmo assim ficou por aí, não tem havido... mas, por exemplo, não sou especialista – o Luís é bem mais que eu e a Isabel – mas há aquelas questões de economia de escala, imaginando que queremos trazer aqui um grande nome internacional, se ele fizer três vai ficar muito mais barato do que se só fizer o nosso e vamos ter que pagar muito mais se ele viesse a três sítios.

9. Qual a área de influência do CTE, isto é, que comunidade consideras que é a comunidade a que o CTE se dirige?

É de fora do concelho. Portanto, nós temos feitos inquéritos que nos dizem que há menos gente de Estarreja a vir cá em comparação com os de fora; e os de fora, essencialmente, vêm do norte. Eu não sei dizer de que sítio, mas do Porto para baixo...

Mas dá para ter essa percepção...

Sim... não é uma relação... ou seja, é quase meio meio, mas os de cá, em termos de percentagem estão ligeiramente abaixo, 40 e tal por cento e os de fora 50 e qualquer coisa por cento. Sendo que a norte são os que têm mais ponderação.

Aproveito para colocar a próxima questão de outra forma... isso é um facto, mas na vossa perspectiva qual é o vosso público-alvo? Ou seja, a comunidade é diferente dos que vêm e do vosso objectivo...

O nosso objectivo é assim... não posso concretizar dessa forma porque isto por ser um Teatro Municipal toca qualquer instrumento, é um sítio que toca muitos instrumentos e isso para dizer que

nós temos que ter, obrigatoriamente, pelo menos é esse o serviço que nos prestamos – uma programação multidisciplinar, heterogénea e para todos... claro que não é para todos ao mesmo tempo mas cada espectáculo pensa em determinado público...

Mas está a pensar na comunidade de Estarreja mas também na comunidade envolvente?

Sim, sim, isso absolutamente. Claro que é natural que haja um que seja mais para os de cá porque também faz parte do serviço, enquanto que há outro que é mais abrangente e consegue captar os de fora. Mas as coisas não são feitas a pensar nos de cá ou nos de fora, é em toda a gente.

10. Parece-te que o público-alvo do CTE é a especificamente a comunidade estarrejense ou dirige-se a um leque de população mais alargado?

O que te vou dizer é com base nos inquéritos. Aquilo que captámos foi que as pessoas...

Já agora, o inquérito foi feito quando?

Foi feito várias vezes ao longo do ano passado...

Em 2014... e desde que estás cá foi a primeira vez?

Sim... fizemos só um mas não estamos a contabilizar, e entretanto reformulámos. Pronto, o resumo é: pessoas, essencialmente, com mais de 35 anos, sendo que, de entre essas, existe uma percentagem igual das que têm entre 35 e 50 e as que têm mais de 50; é uma percentagem igual. Pessoas que terminaram o ensino superior. De onde vêm... portanto maioritariamente de fora. As mulheres, são as que nos visitam mais.

Mas consegues diferenciar, ou seja, isso aplica-se a todo o género de espectáculos?

Como nós temos feito o inquérito em vários espectáculos diferentes, isto é, no fundo, o agregar de tudo. Isto é o conjunto de todos os espectáculos em que fizemos inquérito. Tinha que ver por cada espectáculo...

11. Como caracterizas a comunidade estarrejense?

A relação, na minha perspectiva que não é fundamentada, é só naquilo que ouço, é que há um orgulho muito grande em se ter este Teatro. Se ele não existisse ou se de repente fechasse era uma desgraça para as pessoas, iam ficar muito tristes.

Mesmo que não venham...

É o que eu acho, as pessoas têm muito orgulho, “ai realmente temos um bom cartaz, até porque as pessoas de fora falam...”, “ai vocês lá em Estarreja fazem e acontece...”, e as pessoas têm muito orgulho nisso e até... isto aqui é mais conhecido como o Cinema devido aos primeiros anos, porque era o cinema que tinha mais em exibição quando abriu em 1950... Mas não vêm, não vêm nem sabem o que é que há... Mas têm uma relação de muito carinho.

Não vêm mas sabem que está ali para alguém que vem...

Exactamente. E sabem que é importante, que traz artistas à cidade, e que é importante para os restaurantes, e que é importante para o hotel, para a economia da cidade. Mas “ah, o que é está lá? Não faço ideia! Não conheço, não vou!”. Não é uma relação activa, é mais de carinho.

Já agora, não estava a pensar falar disto mas aproveito... Como é que tu... dizes que muitas vezes as pessoas não sabem... como é que tu, enquanto responsável pela comunicação, tentas que as pessoas saibam ou que elas venham...

Lá está, aqui o meu papel é muito perceber quais são as comunidades. Eu acho que cada vez mais não é o cartaz ou o flyer que vai fazer a diferença – claro que tem de existir, porque tem haver divulgação em massa – mas é mais perceber as comunidades de cada local – associações, grupos de pessoas que gostam de determinada coisa e se juntam para discutir determinada coisa, órgãos, as colectividades – e tentar passar a mensagem para que os responsáveis desses grupos a divulguem. Tem sido um bocadinho por aí. Agora claro que nem toda a divulgação é captada.

Mas tu, enquanto responsável pela comunicação, gostavas que essas pessoas...

Gostava, gostava muito, claro que sim.

As pessoas com menos de 35 anos...

Mas isso pode ter que ver com a programação...

Mas tu pensas nisso enquanto responsável pela comunicação?

Mas depende sempre... por exemplo um espectáculo de António Chainho; é difícil alguém com 18 anos vir cá, porque nem sequer faz ideia. Mais vale não apostar muito; já que temos poucos recursos mais vale apostar na faixa etária que se considera que conhecerá o artista. Assim como os restantes, Rão Kyo, um moço de 18 anos dificilmente, digo eu – claro que haverá algum que saberá quem é ou que se interessará pelo trabalho do artista – portanto aqui são os com mais de 35 que poderão ter alguma proximidade com o artista... Neste caso também temos que ter calma. Por exemplo nos inquéritos, nós questionamos como é ficou a conhecer o espectáculo, a sua existência, e as pessoas vão respondendo. Geralmente é muito por amigos/familiares, o que nos deixa a pensar, a troca de palavra, não é, necessariamente, pelo formato físico e nós ficamos a pensar “estamos a gastar tanto dinheiro”, mas tem que haver alguém que veja mensagem para depois a difundir. E depois os outros que colocam nas observações que não vêm nada do que se passa... temos que ter algum sangue frio aí também porque é impossível toda a gente ver tudo... e as pessoas são muito distraídas (risos), pode lá estar chapado e mesmo assim não olham (risos)...

15. Desde que integras a equipa do CTE como caracterizas a programação?

Também há várias fases. Quando eu cheguei – eu já não conheci o antigo programador - foi portanto a Fátima Alçada que entretanto veio, houve aqui um período sem ninguém e ela veio, e depois então começou o trabalho dela, com a sua assinatura nesses dois anos seguintes; e foi marcada, à semelhança um pouco do Pedro Fernandes – mas eu não estive cá, não sei muito bem – era marcada por muitos projectos emergentes, coisas novas, música moderna, mesmo na dança, dança contemporânea, coisas muito actuais, sempre pautadas com coisas mais comerciais e transversais...

Pautado com algo mais consagrado?

Hmmm, comercial, podia não ser bem consagrado (risos). Mas era tudo coisas mais alternativas e isso também criou alguns hábitos, as pessoas de cá não eram de todo as principais – era mais pessoal de fora, do Porto, Aveiro, Ovar – e começou-se aqui também a ter outra dinâmica, malta nova, e mesmo dentro da própria comunidade artística... começou-se a criar uma referência realmente, e essa referência mantém-se. No entanto, há uma mudança, que é... agora, principalmente desde que está o Luís cá e a Isabel – mas são políticas, que podem ou não ser contestadas, como eu não tenho conhecimentos não posso contestar – constato que é mais de casa cheia, ou seja, procura-se ter casa cheia, com projectos mais comerciais, pouca coisa internacional, muito pouca...

Dantes havia mais?

Sim, havia, coisas novas, lá está, novidades... imagina, vinha cá e ia a Lisboa, ponto, não ia a mais lado nenhum.

Ou seja, para um público muito mais atento?

Sim. Exactamente. Muito mais nicho... e que vinha. Não era casa cheia mas também não se podia exigir isso. Agora é mais no sentido de “isto vai correr bem, vamos ter muita gente”, coisas mais comerciais... mas é válido.

Mas pautado...

Pouco pautado com coisas mais emergentes. Mas de vez em quando sim. Temos aqui o espaço Café-Concerto que tem funcionado um bocadinho mais nesse sentido...

Já agora, o espaço do Café-Concerto já funcionava?

Já funcionava, sim, só que não era Café-Concerto era bar.

Mas tinha programação?

Tinha programação mais regular, agora menos.

Mas a programação era para esse público muito específico?

Ainda mais...

E no grande auditório...

No grande auditório ficavam nomes mais conhecidos... mais conhecidos, lá está, para o tal nicho de pessoas atentas.

Mas se calhar o público não era assim tão diferente quanto isso...

Sim, mas acabava por trazer mais gente em comparação com o Café-Concerto. Apesar de no Café-Concerto actuarem projectos novos e mais alternativos, eram ainda menos conhecidos do que os vinham ao auditório.

Mas consideras que agora o Café-Concerto segue essa linha mais comercial ou tenta pautar...

Aí está-se a tentar pautar com trabalhos novos. Não tem que necessariamente ser alternativos, podem ser também de cariz mais comercial, mais fácil, mas tem um formato diferente. Geralmente são produções mais reduzidas... um cantor e dois instrumentistas ou qualquer coisa desse género. Mas sim, aí já se pauta mais... já chama malta mais nova. No resto é tudo muito mais comercial, mais fácil. Por exemplo, amanhã “Caixa Forte” de Fernando Mendes...

Isso nunca teria lugar na outra programação...

Não! Não! Atenção, teria lugar - e aí jogava-se era com isso – teria lugar se viessem alugar a sala...

Como sala de acolhimento...

Sim... imagina, alguém queria alugar, ok aluga-se, é dinheiro. Mas programado não. Porque havia também muito – por isso é que eu falei em assinatura – porque a programadora anterior assumia muito a programação como dela, portanto, era ela, era o nome dela que estava em causa...

Era mais autoral...

Exactamente. Era ela e ninguém tinha nada que mexer naquilo que era dela, e ela não queria estar a programar isto, para a comunidade artística... a forma como as pessoas ficam vistas no meio, é normal entre os pares... ela não queria... “então foste programar o Caixa Forte?”. Percebes? Essas coisas eram tudo acolhimentos.

E agora não há tanto essa tal distinção como tinhas falado...

Não, não.

Mas já agora... o espectáculo do “Caixa Forte” é acolhimento?

Não. Aliás, aqui aconteceram duas coisas. Portanto, a primeira sessão que estava anunciada e que está na agenda é parte integrante da nossa programação, só que depois como houve tanta afluência, tanta procura, abriu-se nova sessão domingo à tarde e essa vai ser eles a pagarem o acolhimento. Fez-se assim esta troca de favores, no fundo.

16. Quais as linguagens artísticas com maior predominância na programação?

A música.

E anteriormente também?

Aí também há outra diferença. Anteriormente - estou a falar desde 2011 até 2013/2014 – era música, muita música, realmente muita música, quase tudo, era mesmo muito pouca coisa de outras áreas,

por ser caro, por outros factores, por às vezes não passar na “censura” do executivo... imagina em três meses tínhamos, sei lá, três de performativas, um por mês, mais ou menos.

Consideras que agora está mais equilibrado, é isso?

Agora está mais equilibrado, sim. Agora há mais essa preocupação de ter música, teatro, no mesmo mês, música, dança... apesar de haver mais de música, há bastante mais variedade.

E de entre o equilíbrio, qual a que teve menor predominância?

A dança.

18. Na tua perspectiva quais os principais critérios de programação?

19. Quem define esses critérios actualmente? E quem definia anteriormente?

Actualmente, lá está, não é tanto o programador... claro que há sempre uma proposta que é apresentada aos superiores que pode sofrer alterações. Mas dantes havia muito mais luta, por exemplo a Fátima Alçada lutava muito por conseguir o espectáculo xpto, porque queria muito, porque achava que era interessante e porque tinha que acontecer para este espaço. Agora o programador, que é o Luís, discute mais; não é tanto apresentar uma proposta, antes de apresentar uma proposta vai sondando, vai percebendo, “olha, o que é que achas deste espectáculo?”. Portanto, há aqui mais um diálogo, há quase uma equipa de programação.

E contigo?

Comigo vai mostrando, sim. Vai perguntando... mas não é para dizer... claro que eu posso chegar aqui e dizer: “olha, eu vi isto e gostava que visses, vê lá.”. Posso fazê-lo. Há mais dialogo, é mais uma equipa...

Mas quais te parecem ser os critérios?

É encher (risos).

Mesmo que seja na dança, no teatro?

Lá está, são coisas mais... claro que na dança e no teatro é mais difícil ser essa a perspectiva porque não pode ser, não pode mesmo ser essa a perspectiva... claro que a ideia, o conceito mantém-se, que é de proporcionar às pessoas dinâmicas culturais, propostas culturais de qualidade, isso continua a acontecer, a qualidade está patente em praticamente tudo o que se faz, mau era. Obviamente que isso está lá, mas... há muita ponderação do sucesso, se vai estar boa casa se não vai...

Independentemente de ser mais emergente ou não...

Independentemente disso... ter sucesso e depois também ser... por exemplo dança e teatro, geralmente opta-se, por exemplo no teatro, por um actor muito conhecido, ou seja, para ter sucesso, para ser falado, para ser viral, quase; na dança também espectáculos mais pomposos, com outro nível de cenário...

Consideras que não há grande espaços para o risco?

Há pouco espaço para o risco, sim. Claro que é tudo um risco. Se formos a ver, ninguém sabe como é que as pessoas vão reagir. E há muitas surpresas nesse aspecto. Mas, ou seja, é aquilo que é mais garantido. Claro que eu acredito que há sempre, e há – eu quando estou a dizer isto, isto para mim eu acho que é válido, é uma perspectiva – e acho que há sempre essa avaliação, ora bem “isto é bom”... Claro que se houver um músico popularmente muito aceite mas que, me termos de qualidade aquilo não seja nada, seja zero, eu acho que não entra aqui.

21. Consideras o CTE uma instituição elitista ou democrática?

Agora mais democrática. Anteriormente era mais elitista.

Anexo 6.5 - Questionário a Isabel Pinto (Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente da Câmara Municipal de Estarreja/“Coordenadora” da equipa do CTE”) respondido por correio electrónico a 27 de Fevereiro de 2015

1. Segundo um texto informativo apresentado no site do Cineteatro de Estarreja (CTE), após a década de 70 assistiu-se a um declínio (de programação e público) do CTE. A que se deveu esse declínio e como se pode descrever a situação do CTE entre a década de 70 e o ano de 2005 (reabertura)?

Envio-lhe um artigo em anexo que poderá ajudar a perceber esta questão.

1.1 Quando fechou e quando foi adquirido pela autarquia?

O CTE foi adquirido pela Autarquia em 1993/1994. Até 1998/1999, antes da requalificação, funcionava pontualmente tendo como companhias residentes, julgo eu, a companhia de Teatro ACTO e a Companhia de BCN - Ballet Contemporâneo do Norte. Entretanto fechou para obras de requalificação, por essa altura (1999) e reabriu em 2005, mantendo desde essa altura programação regular.

De seguida, noutro email, envio-lhe outro artigo que poderá ajudar a perceber esta fase.

1.2 A partir de que ano a autarquia começou a gerir o Teatro e sua programação?

A gestão do Cine-teatro de Estarreja (que sempre se chamou assim) foi assumida pela autarquia logo após a sua aquisição, mas a gestão da programação só foi assumida pela autarquia após as obras de requalificação e reabertura a 18 de junho de 2005. Este ano comemoramos 10 anos da reabertura do CTE, sempre com programação regular.

2. A reconstrução do Cineteatro de Estarreja foi financiada com que apoios? Que entidades suportaram os custos da reconstrução?

Os apoios financeiros que o Município obteve referem-se a duas candidaturas do QCA III – Quadro Comunitário de Apoio III – Portugal 2000-2006:

- A primeira referente à empreitada de reconstrução, aprovada no âmbito do Programa Operacional Regional do Centro (POCentro);

- Uma segunda candidatura destinada a adquirir equipamentos em falta, e que foi aprovada no âmbito do Programa Operacional da Cultura (POCultura).

3. A reconstrução foi integrada em alguma rede regional ou nacional? De que programa beneficiou?

Como já lhe tinha referido, no que respeita a programação o CTE esteve envolvido em redes/programas de financiamento como protocolos com a D.G.Artes (acordos tripartidos), nomeadamente com a d’Orfeu – Associação Cultural, e as candidaturas de programação cultural em rede (Cultrede, Teatro Contemporâneo, RUCI). Quanto aos custos de infraestruturas e equipamentos, as verbas acima mencionadas foram as únicas participações que o Município obteve.

Anexo 6.6 - Questionário a Luís Portugal (Programador do Cineteatro de Estarreja) respondido por correio electrónico a 2 de Dezembro de 2015

1. Nas entrevistas referiu-se de que uma das pretensões da instituição é a formação de públicos. O que entendem por formação de públicos?

O Laboratório de Aprendizagem Criativa é o serviço educativo do Município, transversal aos diversos equipamentos culturais, onde o Cine-Teatro assume o papel âncora, constituindo-se, assim, como uma verdadeira rede cultural, educativa, científica e criativa e afirmando-se como um serviço municipal de referência. A democratização do acesso a bens culturais exige que os públicos possam ter uma experiência completa e transformadora no contacto com a cultura, daí a importância dos mediadores culturais em equipamentos culturais como o Cine-Teatros. Neste âmbito, o Laboratório de Aprendizagem Criativa promove e desenvolve atividades de fruição e intervenção artística e estimulação da criatividade, dirigidas aos diversos segmentos de público e nos vários equipamentos culturais, utilizando estratégias lúdico-pedagógicas das áreas das artes performativas e expressões artísticas. Tendo por base os princípios de Educação pela Arte e de aprendizagem ao longo da vida, o Laboratório de Aprendizagem Criativa pretende consolidar relações de confiança com a comunidade através da captação, qualificação e formação de novos públicos, assumindo um papel mediador e de diálogo com os mesmos, tendo em vista a sua fidelização. Em suma, e objetivamente, por formação de públicos, entende-se a promoção de atividades que despoletem os sentidos dos públicos do CTE, proporcionando novas experiências e promovendo a mediação ativa entre as artes performativas e as pessoas, desconstruindo linguagens e apontando caminhos para a seu entendimento.

2. Nas entrevistas referiu-se que a programação do Teatro é também dirigida a um público regional e, por vezes, nacional. Podem especificar melhor o que consideram ser público regional? Delimite, p.f.

O público do CTE, tal como a sua programação, é heterogéneo e eclético, quer em termos de proveniência geográfica, quer em termos de faixa etária. Quando nos referimos a público regional falamos do Município de Estarreja, dos municípios que integram a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) – Aveiro; Águeda; Albergaria-a-Velha; Anadia; Estarreja; Ílhavo; Murtosa; Ovar; Oliveira do Bairro; Vagos; Sever do Vouga – e de municípios mais a norte e a sul, como Espinho, Porto, Viana do Castelo, Braga, Coimbra, Leiria.

3. Como caracterizam a relação com a cidade e a população de Aveiro?

É ótima e temos muita população de Aveiro que é nosso público fiel.

3.1 E com o Teatro Aveirense?

Fruto do trabalho que tem sido desenvolvido no âmbito da Rede de programação Cultural da Região de Aveiro (CIRA) mantemos uma excelente relação com todos os espaços culturais, teatros, com programação regular, onde se incluem o Teatro Aveirense, o Cineteatro Alba e o Centro Cultural de Ílhavo. Esta excelente relação de trabalho, para além da excelente relação pessoal e de amizade entre todos os programadores, materializa-se pela boa prática de reuniões regulares com vista à articulação da programação, para que não haja sobreposição de espetáculos dirigidos a um mesmo segmento de públicos, promovendo, assim, a circulação de públicos na região e potenciando a capacidade de captação de públicos de todos os equipamentos culturais em causa. Para além disso, é de referir a disponibilidade mutua na cedência de equipamentos, sempre que necessário e possível entre estes três equipamentos culturais, particularmente entre o CTAlba e o CCI.

4. Como tem sido a vossa relação com o Centro Cultural de Ílhavo e com o Cineteatro Alba?

A mesma resposta da questão anterior.

5. Nos documentos e agendas a que tive acesso denota-se um número reduzido de ateliers/workshops/oficinas (esta área corresponde a menos de 4% do total de acções do CTE). Por que razão?

Não sei qual o período temporal de referência, mas nestes dois últimos anos temos estado a “afinar” a estratégia do LAC, e no presente ano letivo 2015/2016, temos um largo conjunto de ateliers/workshops e espetáculos dirigidos ao público escolar. Mas atualmente, em todos os trimestres temos 2 a 3 oficinas, dirigidas a diferentes segmentos de públicos (Crianças; jovens; e Seniores). Não nos podemos esquecer que, semanalmente, temos 2 oficinas de teatro a decorrer: “Teatro do Desassossego” (dirigido a jovens dos 12 aos 18 anos) e “Trama” (dirigido a crianças dos 6 aos 11 anos); A Big Band EstarreJAZZ também é considerada uma oficina de música JAZZ que trabalha semanalmente e, em determinados momentos tem desenvolvido trabalho específico com músicos do panorama nacional do Jazz, que lhes proporciona experiências únicas, como por exemplo como Marta Hugon; Maria João; Mário Laginha; Carlos Azevedo.

É de referir, ainda, outro tipo de trabalho que tem sido desenvolvido com os agentes culturais locais, nomeadamente com as Bandas Filarmónicas e com os grupos corais, que, não tendo o carácter formal de oficina, tem sido absolutamente fundamental para a qualificação do seu trabalho e da apropriação do projeto cultural do município como seu.

5.1 Assiste-se a mais do dobro das acções desta área em 2007 e 2008. Por que razão?

Provavelmente pela maior necessidade de captação, formação e fidelização de públicos, associada ao início de um projeto, atendendo a que o CTE reabriu em Junho de 2005 e foi necessário fazer um caminho inicial que passa, necessariamente, por uma aposta mais assertiva no trabalho de serviço educativo. Obviamente, esta aposta deve ser contínua, o que tem sido feito ao longo dos mais 10 anos de programação regular do CTE.

6. Nos documentos e agendas a que tive acesso não é possível contabilizar qualquer acção de literatura e exposições. Por que razão?

O CTE não é um espaço privilegiado para acções de literatura ou de exposições, pois o Município de Estarreja tem outros equipamentos culturais mais vocacionados para o efeito, como a Biblioteca Municipal, a Casa da Cultura ou mesmo a Casa Museu Egas Moniz. Porém, e tendo por referência apenas o período de Novembro de 2013 até aos dias de hoje, já foram promovidas várias exposições no CTE (ex: Comemoração dos 40 anos do 25 de Abril; Exposição de trabalhos de pintura...), bem como espetáculos de promoção da língua portuguesa, como o Sarau da Rede de Bibliotecas. Em breve, pretende-se também dar início a um ciclo de saraus de poesia, promovidos pelo Clube de Poesia da Biblioteca Municipal.

A lógica de funcionamento em rede dos vários equipamentos culturais do município, rentabilizando todos os recursos e fidelizando públicos numa perspetiva de política cultural de Cidade, explica esta opção.

7. Denota-se um número muito elevado de sessões de cinema em 2006 e 2007 e uma estagnação a partir de 2009. Por que razão?

Não sei responder...

8. Pelo contrário, 2006 e 2007 foram anos em que as acções de dança não ultrapassaram os 2% das acções totais. Por que razão?

Não sei responder...

9. As actividades multidisciplinares (que por norma são iniciativas promovidas por outras entidades e/ou cedências de sala), correspondem ao maior número de acções em 2013. Por que razão?

Também não sei responder... provavelmente por uma questão de gestão orçamental. Importa referir que quando chegámos ao CTE (Novembro de 2013) já toda a programação estava feita, incluindo quase todo o primeiro trimestre de 2014.

10. A música assumiu um destaque ainda maior em 2012. Por que razão?

Não sei responder....

11. A aposta na música pop/rock distancia-se bastante dos restantes sub-géneros. Por que razão?

Explica-se pelo facto de ser o género musical mais abrangente, que vai ao encontro da opção de programação eclética e heterogénea.

12. Denota-se um decréscimo da relevância do teatro na programação do CTE desde 2009. Por que razão?

Mais uma vez é difícil explicar opções de programação antes de 2014. Porém, desde 2014 temos consciência que a programação de teatro e dança tem sido percentualmente muito menos relevante que a programação da categoria de música e multidisciplinar. Relativamente ao teatro, uma das maiores dificuldades passa pela parca oferta de qualidade existente no mercado, e, muitas vezes, por questões orçamentais.

Anexo 6.7 - Questionário a Hugo Gamelas (Produtor Executivo e Director Técnico do Cineteatro de Estarreja) respondido por correio electrónico a 16 de Fevereiro de 2015

1. Como designas o teu cargo profissional no Cineteatro de Estarreja (CTE)?

Faço a direcção técnica e produção executiva do CTE

2. Desde quando?

Desde Agosto de 2005

3. Qual a tua formação?

A minha formação escolar é o 12º ano na área de humanidades. Não tenho formação específica da minha área profissional. São funções que fui desempenhando noutros locais/empresas antes de entrar para a equipa do CTE, e que fui dominando ao longo do tempo.

4. O que é ser Produtor executivo e Director Técnico de um Teatro Municipal?

Para mim fazer parte desta equipa é muito compensador. Sinto que faço parte de uma casa com uma missão muito clara, de servir a população local. Para tal encaro da mesma forma a realização de um espectáculo ultra profissional como um espectáculo de uma colectividade local. Tentamos dar sempre o máximo para que no final o resultado seja satisfatório para todos, e acima de tudo para o publico que é a nossa razão de existir.

5. Quais as tuas funções e responsabilidades?

No meu cargo tenho responsabilidades em 2 áreas, a parte técnica, e a parte de produção executiva. Após o fecho da programação analiso as necessidades técnicas e logísticas de todos os eventos, faço ajustes em ambas áreas, assim como procedo aos alugueres de equipamento e reservas necessárias em termos de estadias e alimentação ou transporte, e articulo os planos de trabalho com as equipas externas. Em relação à equipa do CTE, faço a gestão do seu plano de trabalho, assim como a gestão da manutenção do equipamento. Sou ainda a pessoa que “recebe” as equipas/comitivas que chegam ao CTE.

6. Na tua perspectiva qual a instituição cultural do município com maior visibilidade?

Sem duvida o Cine-Teatro.

7. Como é a relação institucional do CTE com os restantes equipamentos culturais (municipais)?

Com a chegada do actual executivo e do novo programador do CTE há uma maior interacção entre os vários equipamentos culturais, tentando fazer com que as ofertas se complementem. Algo que anteriormente não se verificava. A meu ver é uma óptima aposta, e que vai valorizar a oferta cultural do município.

8. E com os Teatros Municipais dos concelhos envolventes?

Não posso falar sobre a relação institucional ao nível da gestão do CTE, mas ao nível da equipa sempre que existe um pedido de colaboração tentamos dar o nosso melhor para ajudar, e já por várias vezes recorremos a empréstimos/cedências de equipamentos de teatros vizinhos, nomeadamente do CCI, do Aveirense e do Alba.

9. Qual a área de influência do CTE, isto é, que comunidade consideras que é a comunidade a que o CTE se dirige?

Neste momento creio que o CTE está mais direccionado para a comunidade Estarrejense, embora o “grosso” do nosso publico seja de áreas vizinhas.

10. Parece-te que o público-alvo do CTE é a especificamente a comunidade estarrejense ou dirige-se a um leque de população mais alargado?

O intuito do CTE é sempre servir bem a comunidade Estarrejense. No entanto desde a reabertura em 2005, sempre quisemos captar público de outros municípios, o que fez do CTE uma casa de referência a nível nacional.

11. Como caracterizas a comunidade estarrejense?

A comunidade Estarrejense é uma comunidade curiosa e activa que procura bastante a oferta cultural que o CTE tem. Contudo há ainda muito trabalho a fazer, e que está a ser feito nomeadamente a envolver os públicos desde muito cedo, quer com programação específica para crianças, como com os grupos de teatro jovem e juvenil do CTE.

12. Como caracterizas o público do CTE? É possível descrever, ainda que de forma superficial, o público que costuma frequentar os espectáculos do CTE? Idade, sexo, localidade, ocupação profissional, etc...

Não me parece possível descrever o público do CTE de forma tão simplista. A programação é bastante ecléctica, pelo que podemos ter em 3 dias (Sexta, Sábado e Domingo) uma afluência de públicos completamente distintos, e isto falando apenas em termos de idade.

13. Na tua perspectiva, qual a relação da população da cidade com a instituição?

14. De que forma o CTE, enquanto equipamento (espaço/edifício), está ao dispor da comunidade?

O CTE está ao dispor das colectividades, entidades privadas ou empresas, através de aluguer do espaço ou de cedência do mesmo.

15. A comunidade usufrui do espaço? Como? Que restrições?

A comunidade usufrui do espaço assistindo aos espectáculos da programação regular, e organizando os eventos das suas empresas e colectividade no espaço do CTE, com o auxílio da nossa equipa.

16. Desde que integras a equipa do CTE como caracterizas a programação?

Multidisciplinar e regular.

17. Quais as linguagens artísticas com maior predominância na programação?

Musica e teatro.

18. Que alterações significativas tens verificado com as mudanças na equipa de programação, nomeadamente com as mudanças dos responsáveis pela programação?

A alteração mais significativa que encontro tem a ver com o facto de se orientar mais a casa para dentro, ou para a população local. De resto o CTE sempre teve a sorte de ter executivos e programadores com visão e vontade de oferecer à população produtos culturais de qualidade e de forma regular.

19. Na tua perspectiva quais os principais critérios de programação?

Na minha opinião, a programação de um teatro municipal deve ser o mais transversal possível. Deverá ser uma programação ecléctica e de qualidade, evitando de certa forma pagar cachets a espectáculos extremamente mainstream que podem muito facilmente ser auto-suficientes funcionando bem à bilheteira. A gestão das verbas de cachets deve ser mais orientada para apresentar ao público conteúdos que de outra forma não teriam oportunidade de ver por não serem extremamente comerciais e lucrativos.

Uma casa municipal não deve enveredar por caminhos elitistas, porque a sua essência é servir a comunidade local, contudo deverá também evitar o facilitismo de programar em demasia eventos de “casa cheia”, pautando por um equilíbrio entre a oferta indie ou de nichos com a programação de massas.

20. Quem define esses critérios actualmente? E quem definia anteriormente?

Quem define actualmente é uma equipa composta pelo Vereador da Cultura, o Programador Municipal e a Chefe do gabinete do Presidente. Anteriormente estes critérios eram definidos unicamente pelo programador em consonância com o Vereador com a tutela do CTE

21. De que forma tu e os restantes elementos da equipa do CTE participam no processo de programação?

Participamos de forma informal.

22. Consideras o CTE uma instituição elitista ou democrática?

Democrática.

23. Porquê?

Basta analisar o histórico de programação para se perceber que o CTE nunca esteve fechado em nichos elitistas, sempre fomos do mais elitista jazz ou espectáculo de dança contemporânea, à mais frontal e crua revista portuguesa.

Anexo 7 – Centro Cultural De Ílhavo: Entrevistas e Questionários

Anexo 7.1 – Entrevista a José Pina (Director do Centro Cultural de Ílhavo) 27 de Fevereiro de 2015

2. Porquê a aposta num grande investimento a nível financeiro e estético na construção de um equipamento cultural de raiz em Ílhavo?

Eu posso dar-lhe a minha interpretação, mas acho que essa pergunta deve ser colocada à vereação.

Eu sou uma pessoa que foi contratada 3 meses antes disto abrir. Portanto, os pressupostos que levaram à criação deste investimento e como é que isso se insere na política municipal da câmara para a cultura e o porquê desta opção estética, eu desconheço.

Eu posso dar a minha opinião, mas não valida essa necessidade (de questionar a vereação)...

A minha opinião é pessoal...

Eu também não vou negar que gostaria de ter a sua opinião pessoal, enquanto director artístico...

Posso-lhe dizer que eu acho que a opção... tem a ver com inserir-se numa estratégia de acção cultural da câmara que passa por dotar o município de equipamentos ao nível da investigação, formação e da criação de artes culturais, de relevância nacional, não só no seu conteúdo mas também na sua componente arquitectónica e estética. E este edifício assemelha-se bastante a essa vontade e essa opção de aposta quer na cultura quer nas artes culturais, em que fazendo uma formação e mantendo sempre este enquadramento que é importante para câmara; que é estar dentro das novas tendências, das novas correntes de formação e de criação cultural, mas não esquecendo a sua raiz, a sua base identitária, que é bastante visível e está bastante reflectida no museu municipal, que entretanto foi ampliado com o aquário... Mas esse equipamento, o museu, a biblioteca e Centro Cultural de Ílhavo, fazem parte dessa estratégia. Esta é a minha opinião que levou a essa opção. A estética do equipamento insere-se com a vontade da câmara em dotar de equipamentos que por daqui a 10, 15, 20 anos, 30, eles estão com uma linguagem bastante actual e actualizada e funcionais às necessidades que poderão confrontar daqui por 15, 20, 30 anos. São equipamentos que não ficam ultrapassados no tempo.

3. Da outra vez por acaso referiu o porquê da denominação de Centro Cultural de Ílhavo, ou seja, porquê Centro Cultural e não Teatro Municipal ou Cineteatro, essa questão das denominações; pergunto-lhe se há especificidades por ser um Centro Cultural comparando com um Teatro Municipal?

Penso que não. É óbvio que quando falamos num Teatro Municipal estamos a falar de um equipamento que... se formos a uma lógica da terminologia com o espaço, um Teatro Municipal deveria ser um espaço de programação de teatro. Chama-se Teatro, independentemente de ser contemporâneo, ser clássico, de formação, mas programaria teatro, com uma base municipal. Hoje em dia o que a gente assiste é que os Teatros, à semelhança de outros equipamentos semelhantes com outras dimensões, por exemplo Cineteatros ou Centros Culturais, como é este, tem uma amplitude de programação bastante diferente para além daquilo que é o universo das artes performativas, neste caso o teatro. O Centro Cultural tem essa designação... penso que vem desde o início que foi tomada essa opção de construir o equipamento e de o baptizar... e a mim parece-me que é um termo que se enquadra bem naquilo que é a sua filosofia de acção e naquilo que representa, porque efectivamente não se limita a uma área específica, tenta ir a todas, e vai a todas, portanto tem outra amplitude de trabalho, porque também entra noutras esferas, eventualmente não tão formativas mas mais de entretenimento, em alguns casos, e tem também uma componente expositiva muito forte. Portanto a designação Centro Cultural requer uma outra abertura e outra abrangência de áreas de trabalho que supostamente um Teatro não faria. Se bem que hoje em dia os Teatros tenham uma actividade muito semelhante aos Cineteatros, aos Centros Culturais, aos espaços de programação. Tirando os Teatros Nacionais e um ou outro exemplo, todos os outros espaços são espaços de programação muito semelhantes na sua filosofia de trabalho, independentemente de se chamarem Centros Culturais ou Caixas das Artes, Cineteatros, Fóruns Culturais....

7. Quais as vantagens, e principais diferenças (a nível de estruturas físicas), pelo facto de ser um edifício construído de raiz?

Um equipamento quando é construído de raiz tem um conjunto de vantagens que uma adaptação ou uma remodelação não tem. Desde logo porque o facto de estarmos a criar algo do zero, novo, permite-nos criar um espaço que não só do ponto de vista físico, ponto de vista estético, mas do ponto de vista da sua funcionalidade, tem uma imensidão de possibilidades e oportunidades, como também para aquilo que se pretende depois como o seu conteúdo de trabalho. Ou seja, nós podemos construir um Teatro ou um espaço destes que possa ter peças que exigem uma caixa de palco, por exemplo, com uma dimensão que um equipamento que é recuperado, por si só, já não consegue albergar. E portanto, quer do ponto de vista técnico, quer do ponto de vista das funcionalidades, quer do ponto de vista do público. A criação de um espaço novo permite isso, como também permite criar uma equipa e dotar o equipamento de um conjunto de meios, e até a sua missão e objectivos, não está tão condicionado à partida como a recuperação de um edifício, porque eu poderei querer fazer ópera mas se eu tiver recuperado um Cineteatro e não tiver fosso de orquestra, dificilmente eu conseguirei fazer ópera...

No caso de Ílhavo, qual considera ser a mais-valia deste edifício?

A mais-valia desta infra-estrutura... a primeira começa por aquilo que me perguntou logo no início, que é do ponto de vista do equipamento, se olharmos para ele como um equipamento na sua globalidade que engloba o auditório, o foyer, a sala de exposições, a praça, o parque de estacionamento, portanto um conjunto de funcionalidades e possibilidades de trabalho que ultrapassam para lá a área da programação, acções como congressos, workshops, seminários, feiras; inclusive já fizemos aqui a gravação de um spot Heineken que roda pela Europa toda, e foi gravado integralmente aqui porque o nosso foyer permitiu que se fizesse uma cenografia de um aeroporto internacional de grande movimentação, portanto permite fazer isso. Essa é uma das mais-valias, a outra foi ter criado uma sala de espectáculos com um conjunto de características e de equipamentos que permitem, nos próximos anos, estar na vanguarda daquilo que é a necessidade para a apresentação deste tipo de conteúdos. Eu acho que essas são as grandes mais-valias do equipamento... é isso e depois o conforto que tem, pensado de raiz, a acessibilidade, o estacionamento, a sua localização; tudo isto foi possível porque foi uma ideia que surgiu, que foi criada, que se concretizou perante o objectivos que se queriam atingir. Portanto, acho que essas mais-valias da funcionalidade, do conforto, da capacidade técnica é o que marca o Centro.

6. O CCI e CCGN integram, neste momento, alguma rede de equipamentos culturais?

Pertence. Neste momento pertence a uma rede informal mas que funciona com muita regularidade e tem funcionado bem nos últimos dois anos. É uma rede de espaços de programação da região de Aveiro.

É a CIRA, é isso?

Sim, é a CIRA. O que faz é conjunto de parcerias, todas elas informais com outros espaços congéneres ao nosso, consoante as oportunidades de trabalho, de calendarização. Mas não faz parte de uma rede formal nessa perspectiva, tirando a rede da região de Aveiro.

8. Como se financia o CCI? Que tipo de apoios são estatais e que apoios são provenientes de entidades privadas?

O Centro é estritamente financiado pela Câmara Municipal. Portanto, as nossas grandes receitas é o orçamento que a câmara vota para o equipamento e as receitas de bilheteira que o equipamento consegue construir com base na programação que faz, como receitas de alugueres para congressos, para seminários, para feiras. Portanto, é financiado através do orçamento camarário e da sua capacidade de reutilizar os seus recursos, quer sejam os espaços...

la perguntar-lhe se há algum documento com essa distribuição orçamental? Se em termos percentuais é possível facultar-me isso...

Há. Tem que pedir por escrito à câmara.

E não sei se é possível saber, não sei se tem esses dados, por exemplo a receita de bilheteira a que percentagem é que corresponde do orçamento geral... Faço um pedido com esses dados, é isso? Ok...

E em relação ao Centro Cultural da Gafanha da Nazaré, há essa informação? Essa informação está descrita?

Está, mas vão-lhe dar essa informação como um todo

12. Com que entidades estabelece parcerias e com que fim?

Que tipo de parcerias?

Nem que sejam parcerias com o comércio local... se há parcerias...

Ah, ok.

Sei que vocês não têm um programa de mecenato...

Nós temos três tipos de parcerias. Temos uma a nível de hotelaria com o Hotel de Ílhavo, que é um parceiro nosso. Fazemos algumas campanhas, promoções, e temos uma política de preços com eles, neste caso eles connosco, diferente de um cliente normal. Temos parcerias ao nível da divulgação, através do jornal que pertence à região, que é o Diário de Aveiro, e também com uma empresa que faz a gestão de espaços publicitários, ao nível do apoio, da divulgação, de moopies, de grande e pequeno formato. Depois temos uma parceria com duas entidades privadas, ligadas à parte empresarial, que apoiam a realização de duas acções durante o ano aqui no Centro Cultural.

Eu penso que me falou disso da última vez... são acções pontuais...

Exacto!

E com associações locais?

Nós não temos uma relação directa a esse nível porque a relação do movimento associativo tem que ser feita através da Câmara Municipal. É a Câmara Municipal que tem a relação de quem são as entidades que estão referenciadas, registadas melhor dizendo, na câmara e, portanto, a quem a câmara reconhece esse mérito associativo, social, em prol da comunidade. E o que nós fazemos com as associações é... acolhemos um conjunto de acções que elas pretendem desenvolver nos centros culturais. Algumas se tiveram qualidade de emissão artística e se enquadrem no nosso sistema de programação, como fazendo parte da programação dos centros; outras sendo um acolhimento normal, em que nós temos o mesmo tipo de relação que temos com os projectos que depois são integrados na programação oficial... quer do ponto de vista técnico, da produção, do planeamento, do acolhimento, portanto, o tratamento é igual. Mas somos uma estrutura que acolhe e que, em alguns casos, consoante a situação podemos ajudar a construir conteúdo e até a evoluir tecnicamente para algumas soluções. Mas a relação directa, mais objectiva, o Centro Cultural operacionaliza essa acção.

As parcerias com as entidades privadas estão formalizadas?

Estão entre a câmara e essas entidades. Nós não temos autonomia jurídica. Nós não existimos como entidade autónoma, com número de contribuinte, morada... portanto, somos um serviço da câmara. Há procedimentos que tem que ser a câmara a seguir esse processo.

13. Como define o seu cargo? Programador Cultural? Gestor Cultural? Director Artístico?

Como programador e gestor cultural.

14. O que é ser ... de um Centro Cultural / Teatro Municipal?

É exactamente fazer as funções que fazem parte dessas duas componentes distintas, portanto, a programação e a gestão. Cabe-me a mim pensar num desenho de programação, uma linha de orientação a nível artístico que consiga atingir os objectivos que são estipulados por mim e pela câmara para o equipamento, e depois materializar esses objectivos num conjunto de acções que na

minha perspectiva possam, de uma forma mais eficaz, cumprir com essas metas que nós identificamos. E esse planeamento pressupõe pensarmos projectos, fazer os contactos, provocar muitas vezes algumas encomendas artísticas específicas, participar nesses fóruns, nesses encontros informais de programação, estar atento àquilo que é as novas tendências, e definir as acções, o público-alvo, as metas que a gente quer para cada um dos anos. Associado a essa lógica de programação há uma lógica, que não sendo 100% de um programador mas que tem que estar sempre, na minha perspectiva... se calhar vai falar com colegas meus que falam de outro missão... Mas quem está a programar tem que ter uma noção muito exacta daquilo que é tecnicamente necessário para o conteúdo que quer programar, ou para a acção que quer programar, e portanto, tem que ter um know how, uma sensibilidade para questões técnicas e de produção. Uma coisa muito importante é não só estarmos a olhar para um conteúdo artístico e perceber se ele tem qualidade, sem tem a dimensão que a gente quer, tem a estética que a gente quer; ou, quando ainda está numa fase de esboço, de projecto, conseguir perceber o que é que vai sair dali...

Mas também é a isso que chama gestão?

Mas automaticamente perceber que associado àquilo há um conjunto de questões importantes considerar: se o projecto tem uma dimensão financeira que esteja dentro daquilo que são os parâmetros e as nossas necessidades, se aquele projecto exige um conjunto de montagem, pré-montagem, de equipas técnicas e de produção que o nosso equipamento tem, ou não tem, capaz de responder a essas necessidades, porque se tiver é uma coisa, se não tiver... há que pensar aqui em coisas de gestão. Sob o ponto de vista de planeamento, se aquela acção cruza-se e é compatível, ou não, com outras coisas que possam acontecer, proximidades de calendário muito evidentes... nessa semana, nesse fim-de-semana. Portanto, o acto de programar tem que automaticamente levar isto em consideração. Parece-me que isto é essencial que aconteça. A gestão tem a ver com... pegando no acto da programação, e essa ramificação existe logo à partida, é perceber se aquele cachet, aqueles valores, se aquela necessidade de concretizar o espectáculo... imagine que o espectáculo é no sábado mas tem quatro dias de montagem com equipas de cinco/seis pessoas, o que é que isto significa, não só a nível de valor de cachet como também de toda a outra lógica que está associada a isto, que vai desde estadia a alimentação, comunicação, afectação de recursos, reforço de equipamento técnico, licenças, caterings, um conjunto de situações que tem que se reflectir no custo final do projecto, pois o projecto não é só o cachet, é toda esta lógica. E outra questão de gestão, tem a ver com a gestão financeira do equipamento, que implicam as metas que temos orientadas, que nos são dadas... estabelecer um modelo que permita que a gente vá monitorizando como é que está a ser a execução orçamental e se estamos dentro da forma que estava planeado; portanto, o planeamento é também das equipas, seja de recursos humanos, com apoio da equipa técnica, para que haja aqui uma uniformidade de tratamento entre os técnicos, para que não haja uma carga excessiva de um lado e menos do outro, a questão do descanso das pessoas, e essa questão também financeira, de recursos humanos, operacional, como qualquer entidade, seja um centro cultural seja empresa...

Mas considera que a gestão está sempre inerente à função do programador?

Sempre! Para mim não tem alternativa... porque toda a programação tem implicação ao nível da gestão, quer seja financeira, quer seja de recursos humanos, quer seja da gestão do próprio equipamento. Posso estar a programar um espectáculo e ter consciência que se calhar isso inviabiliza uma pré-montagem, ou que pode levar a uma sobrecarga de trabalho contínuo de muitas horas da equipa. Portanto, o acto de programar tem que ter associado este acto de gestão, daí eu defender, de forma convicta, que o programador tem que ser um gestor, ou o gestor tem que ser programático.

16. No seu cargo que autonomia possui relativamente à presidência e/ou vereação?

Total! Portanto, não tem interferência ao nível de programação nem tem interferência ao nível da questão financeira. O que acontece é que nós, periodicamente, com uma base semanal, fazemos análise do que é que tem sido o trabalho efectuado, o que é que se pretende fazer para o próximo trimestre ou para o próximo semestre, sempre nessa lógica de programação de gestão, validando com o poder político, com a vereação, com o senhor presidente, as opções programáticas, mas numa lógica de informação, de complementaridade, de cumplicidade... é óbvio que a questão da gestão é

algo que eu faço muita questão, por iniciativa própria, também sei que a câmara necessita e quer que haja um acompanhamento diário, semanal, do que vai acontecendo, porque ao mesmo tempo sou responsável, sinto-me responsável pelos meus actos, mas também quero ter o conforto que as minhas decisões têm essa confiança, esse acompanhamento, dos meus responsáveis hierárquicos, neste caso a vereação. Mas a esse nível tenho uma autonomia total de programação, tenho autonomia total de gestão de recursos humanos, de equipas, de meios, e financeira, sendo que, obviamente, a questão financeira eu tenho que cumprir o que me é transmitido no início do ano, e fazendo essa monitorização com o presidente ou com o vereador, de forma a que a gente não ultrapasse os orçamentos e que se perceba a casualidade da afectação dos recursos que nos dão.

17. Que profissionais integram a equipa do CCI e CCGN? E como está estruturada a equipa, no que concerne a funções e responsabilidades, que garante o trabalho desde o planeamento até à concretização dos espectáculos?

A equipa começa a exercer funções dentro dos projectos à medida que vão sendo fechados. Hipótese: se eu hoje fechar um espectáculo com o Rafael; eu fecho hoje o espectáculo, chegámos a um acordo, de verbas, de datas, e automaticamente eu remeto a informação do acordo que fiz com o Rafael para a minha técnica de produção; e que depois isto desconstrói-se...

Portanto, a equipa é constituída por...

A equipa é constituída por uma administrativa, por uma pessoa responsável pela bilheteira, duas pessoas para a produção, um para o som, um para a luz, e o de luz faz direcção técnica. Portanto, o que acontece é que em qualquer acção é fechado o projecto e é direccionado para os restantes serviços. A parte administrativa tem que tratar do procedimento administrativo, o contrato, a requisição, a facturação, de agora até ao final do projecto; a equipa técnica tem que, comigo, fazer o planeamento dessa acção, perceber quando é que chegam, o que é que necessitam, esse levantamento, fazer rider técnico, fazer o levantamento e depois transmitir pelos colegas. Há depois alguém que fica responsável pela estadia, pela alimentação, pelo acolhimento; outros que vão fazer o som ou fazer a luz, no dia do espectáculo outra pessoa faz a bilheteira; isto é um processo que é contínuo, é sempre assim, esta mecânica de serviço. Cada um tem a sua função... o processo é fechado com o Rafael, depois vai para a equipa e eles vão cumprindo com a informação que recebem e qualquer dúvida vão conversando comigo.

E esta equipa tem sido estável?

Sim, bastante.

18. Qual a área de influência do CCI e CCGN, isto é, que comunidade considera que é a comunidade a que o CCI se dirige?

Ela tem como missão, primeira e única, olhar para o território do município de Ílhavo. Os resultados que nós temos é que, efectivamente, a grande percentagem do nosso público é do município de Ílhavo...

Maior parte da percentagem...

Sim... e restantes é a região de Aveiro onde estamos inseridos, portanto os concelhos mais limítrofes, estendendo-se depois um pouco para norte, quase até ao Porto, Gaia, Espinho, Santa Maria da Feira...

Já agora, e a Sul?

A sul vamos a Coimbra...

Isso é uma percepção que têm ou têm esses dados...

Temos, temos. Os dados não são cientificamente... não são academicamente 100% correctos, mas não é só uma percepção, é uma auscultação de público. Nós fazemos com inquéritos em dias de espectáculos, fazemos com inquéritos quando recebemos pessoas na bilheteira ou fisicamente através do telefone para pedir informações e nós perguntamos como é que souberam, para termos

essa noção... é uma auscultação que nós fazemos para nossa orientação estatística. Mas é grande parte municipal, o segundo grande bloco é aqui na região de Aveiro, nesta lógica mais regional da CIRA, e depois estende-se quase, praticamente em bases muito semelhantes, para norte até Porto, portanto Gaia, Espinho, Santa Maria da Feira, Ovar, e para sul até Coimbra. Isto naqueles projectos que, digamos, estão no mercado e que circulam e acontecem um pouco por todo o país. Aqueles projectos mais específicos, que por exemplo vêm duas ou três datas a Portugal, aí, invariavelmente, temos públicos de todo o país.

Aí o público não é tão local, é um público mais abrangente...

É um público abrangente. Portanto, vai acontecer um concerto para a semana com a Banda do Mar, que temos pessoas que vêm desde Faro, Castelo Branco, Chaves... isso também acontece, de uma forma mais pontual. Tem a ver com o interesse do projecto ou do facto de terem poucas datas programadas, até temos pessoas que vêm de fora do país. Tivemos pessoas que vieram numa lowcost para o Porto para virem cá ver Peter Murphy, por exemplo.

Mas considera que o público mais regular é de Ílhavo, e esse é um objectivo vosso?

Sim, esse é o nosso grande objectivo, claro.

Não descurando a abrangência que é regional, nacional...

É regional e tem um grande impacto nacional. O ano passado tivemos aqui Olga Roriz e tivemos pessoas que vieram de todo... desde Braga, Guimarães; portanto, depende dos conteúdos, mas por norma, maioritariamente é regional.

19. Como caracteriza a comunidade envolvente (Ílhavo e Gafanha)?

É uma comunidade muito trabalhadora, humilde, muito dada, muito orgulhosa daquilo que é seu... uma pertença nas suas raízes, e que, por norma, adere às iniciativas que nós fazemos e está aberta à modernidade, à contemporaneidade, às coisas novas, apesar de ser um meio, um território de pequena dimensão. Mas é assim que eu identifico as pessoas, são trabalhadoras...

Mas identifica desse modo independentemente de ser ilhavenses ou gafanhos?

Sim, é comum.

E há um sentido de pertença, é isso?

Sim, sim...

20. Como caracteriza o público do CCI e do CCGN? É possível descrever, de forma generalizada, o público que costuma frequentar os espectáculos e que tem participação-activa? Idade, sexo, localidade, ocupação profissional, etc...

Depende muito dos espectáculos apresentados. Ocupação profissional não lhe sei dizer, mas claramente há uma maior prevalência de formação superior. Idade, prevalece o público com mais de 35 anos. Na Gafanha há um público mais jovem, dependendo dos projectos. Localidade, como lhe disse, são, maioritariamente aqui do município.

21. Na sua perspectiva, enquanto Director Artístico, qual a relação da população da cidade com o CCI enquanto instituição?

A relação da população é boa. As pessoas frequentam o Centro Cultural e gostam de vir aqui.

Independentemente de serem da Gafanha ou de Ílhavo, frequentam os dois centros culturais? Há mobilidade entre Ílhavo e a Gafanha?

Sim, a população circula dentro do concelho.

Mesmo a população que não corresponde a público, tem uma boa relação com a instituição? Valorizam-na? Têm noção da relevância do Centro Cultural para o município?

Sim. Inicialmente a relação era de maior desconfiança, sobretudo, também, devido ao edifício. Mas hoje essa relação é muito mais próxima e de confiança. Foi conquistada.

O Centro Cultural é a instituição de maior relevância no concelho?

Não, é a Vista Alegre.

E instituição cultural?

É o Museu Marítimo.

Anexo 7.2 - Transcrição de entrevista a José Pina (Director do Centro Cultural de Ílhavo/“Programador e Gestor Cultural” do CCI) 22 Abril e 21 Junho de 2015

1. Enquanto “Programador e Gestor Cultural” do CCI e CCGN, quais considera serem os principais objectivos que se pretendem atingir com a programação?

Basicamente existem dois grandes objectivos: o primeiro é tentarmos formar públicos e fazer com que através da cultura e dos actos culturais as pessoas do município possam ficar com competências de forma a terem uma leitura e uma interpretação diferente não só sobre a nível cultural e artístico, mas também sobre a vida em geral, portanto, a programação cultural desperta essa questão nas pessoas, essa vontade de descobrir, de questionar, de criar, de interagir, de ver as coisas noutra perspectiva e que não aquela que normalmente nos acontece numa actividade que é muito standartizada e que não permite essas abordagens; a outra é de criar hábitos, criar hábitos culturais de forma regular, em que, independentemente de se perceber ou de se gostar dos conteúdos que estão a ser apresentados, há uma cadência de trabalho, neste caso de apresentação de conteúdos e de programação de acções, que permitem criar esses hábitos regulares de entrar num espaço cultural, dessa fruição, que só acontece com essa qualidade. Basicamente, portanto, a programação tem esses dois objectivos; depois tem, obviamente, de mostrar ao público aquilo que se faz a nível da criação, nacional ou internacional, nas diferentes áreas de trabalho, apoiar também estruturas locais ou nacionais, consoante os interesses estratégicos que estão definidos para cada um dos equipamentos, mas basicamente é isso.

2. Como caracteriza a programação?

Epá, não é fácil estar a falar em causa própria. Se estamos a falar do ponto de vista qualitativo, a nível artístico, eu acho que a nossa programação tem um nível muito interessante. Se falarmos na cadência, na regularidade, acho que acompanha essa bitola, ou seja, tem uma regularidade óptima, porque é suficiente para as nossas necessidades, para a nossa afirmação no território, e para aquilo que nós conseguimos abranger, ou para aquilo que nós queremos abranger, é uma programação que é diversificada, que tem tido vários enquadramentos artísticos para vários públicos e não identificada especificamente com uma área ou duas áreas. É uma programação que é transversal, abrangente, a nível de públicos, com uma cadência, uma regularidade muito boa, e com um percurso artístico que eu acho muito bom.

3. Os espectáculos pretendem atingir diferentes esferas da sociedade e diferentes gerações?

Todas as faixas etárias e, do ponto de vista económico, temos tido uma política de preços que tenta um equilíbrio justo dentro daquilo que é a dimensão artística, o custo que estamos a apresentar e a sustentabilidade do equipamento com a vontade em formar públicos, criar hábitos, que é o chamado serviço público; portanto, tentar fazer este equilíbrio, percebendo sempre que o que nos move não é o equilíbrio financeiro ao ponto de chegarmos a ter retorno financeiro com os projectos, mas é claro que essa sustentabilidade passa por esse equilíbrio financeiro entre os custos da nossa actividade e a capacidade de criar fontes de receita própria, onde se inclui o preço dos bilhetes que praticamos com uma regularidade, uma vivência por parte do público e das pessoas do concelho bastante intensa ao nível da frequência do equipamento. Portanto, quando falava nesse equilíbrio falava nessas duas perspectivas.

4. Quando se apresenta determinado espectáculo pensa-se no público-alvo a que se dirige?

Sim... pelo menos eu falo por mim... há este acto simultâneo de analisar várias variáveis. Uma delas, a primeira, é primeiro definirmos qual a estratégia para aquele período de programação, quer seja um trimestre, um semestre, um ano, qual a estratégia que se pretende, o público que se pretende atingir e que objectivos é que pretendem concretizar e com base nisso pensar, ou equacionar, um conjunto de projectos que nós temos conhecimento ou que vamos pesquisar, vamo-nos informar sobre eles, que a gente sinta que preenche esse objectivo; em simultâneo a este primeiro momento do exercício há o momento de percebermos se o projecto é do ponto de vista financeiro, técnico e de produção, exequível para a nossa realidade e para aquela relação que acabei de falar, do custo benefício entre o investimento que se pretende para essa acção. Depois o outro momento é perceber

se estamos, com base num desenho que decidimos programar, se estamos a fugir dele ou não, se estamos numa cadência correcta ou não, por exemplo se estamos a sobrepor actividades, se estamos a fazer muitas coisas de música ou teatro, ou com uma veia artística muito próximas, ou se o que queremos fazer porque está definido para a criação de hábitos, de público, de sinergias, por aí fora... Há aqui outras variáveis que acontecem em simultâneo com o exercício do que é que vamos programar, que é: os públicos que vamos atingir, os objectivos que queremos concretizar, o equilíbrio financeiro e de capacidade de execução técnica e de produção por parte da estrutura da equipa e se o nosso equipamento comporta esse tipo de projecto ou não, a sua calendarização, também, e portanto são essas premissas...

Mas pensam trimestralmente ou anualmente... como é?

Por norma o nosso foco é fechar a programação por trimestre, independentemente de assumirmos alguns compromissos para o ano inteiro que se enquadram na filosofia global. Por exemplo, se sentirmos que a aposta no fado é uma aposta para fazer com regularidade, imagine dois por trimestre, não tem problema estar a trabalhar agora o trimestre de Abril, Maio, Junho e já ter assumido um compromisso de fado para Dezembro, muitas vezes até já está feito por uma questão de agenda, de comunicação, de divulgação, por aí fora.

Mas nesse mesmo trimestre poderá entrar outro espectáculo de fado?

Depois não entra. Se eu trabalhar por trimestre, quando eu me foco só nesse trimestre, sei que já tenho um compromisso de fado, não me apetece, de repente, outra coisa que me vai transtornar o meu exercício porque eu já assumi que quero ter fado uma vez por trimestre, portanto, quer seja em Outubro, Novembro ou Dezembro, é quase indiferente, desde que esse momento não seja muito próximo do momento do último trimestre. Isto assumindo que é fado, porque se eu quiser assumir que quero um espectáculo de dança contemporânea, posso já fechá-lo, mas às vezes é uma questão de oportunidade; por norma, o fecho é muito mais próximo, mas há outros projectos que já estão fechados com outra distância porque também o exigem, mas que depois não só não programo porque sabemos que já faz parte da nossa matriz de trabalho.

Falou do carácter qualitativo... claro que estes termos são subjectivos, mas na sua perspectiva, de José Pina, o que é que entende por qualitativo... há essa preocupação...

Há essa preocupação... está sempre presente.

É um critério das vossas escolhas...

Sim. É isso, é também conhecer as fichas técnicas, é conhecer um projecto, é vê-lo... há outros que têm outro tipo de objectivo... dentro do teatro temos várias possibilidades, temos o teatro de autor, as peças de autor, aquele teatro mais mainstream, que também tem que existir mas muitas vezes é feito com dimensão e com qualidade. Imagine um projecto de José Pedro Gomes, tenho muitos colegas que não programam porque acham que isso não faz parte da sua linha de programação para o espaço, isso não significa que não tenha qualidade, simplesmente não cabe naquele enquadramento programático. No nosso caso como nós não afunilámos tanto essa linha, dentro destes dois universos há que ter o bom senso de perceber se um exemplo como este que eu dei faz sentido estar cá comparado com outros que não nos dão essa certeza, desde logo pela sua apresentação, conteúdo, o texto, a história, porque às vezes não nos interessa por aquilo que é o nível de execução da performance da companhia ou do grupo.

E nesse sentido considera a programação do CCI autoral?

Não. Autoral em que sentido?

Pelo facto de ser o José Pina que assume as escolhas da programação... autoral no sentido de estar centrado naquilo que considera isso da qualidade...

Ah, sim, nesse sentido, claramente. Quando falou de autoral estava a pensar num tipo de classificação, mas não, a esse nível sim. É uma programação que tem muito a ver com a minha

filosofia de abordar uma linha que está previamente estabelecida e com determinados objectivos; isso tem interferência.

Assume?

Assumo que é minha. Tudo o que aparece é a minha cara... isto não quer dizer que eu goste de tudo o que programo, o que é diferente. Eu posso não gostar de Olga Roriz e reconhecer que é um trabalho que tem qualidade, e posso não gostar simplesmente. Na área da música se fosse a programar o que gosto as salas estavam sempre fechadas porque não tinham público, mas eu não programo o que gosto. Eu programo também com vista a determinados objectivos; é óbvio que no meio deste percurso pode haver projectos que não funcionem bem a esse nível porque, de facto, às vezes apanhamos surpresas, de tal forma que eu não consigo ver tudo o que programo e às vezes corro riscos, alguns que são mínimos, porque a gente conhece o histórico da companhia ou dos artistas, e percebemos como é que vai ser a linha – se eu tiver um espectáculo do Teatro Aberto ou dos Artistas Unidos, já sei qual é o registo, independentemente de ver o espectáculo ou não, já estou a imaginar – há outros que não temos um conhecimento tão grande das estruturas e corremos riscos; então quando estamos aqui a falar em criar ou co-produzir projectos com estruturas, aí corremos riscos porque o que temos é uma sinopse, uma orientação, não temos o trabalho final. Mas isto assume-se, faz parte da vida. Nessa perspectiva, isto sim, é de autor nessa perspectiva. Não é por oportunidade de agenda ou outros projectos que estão circular, não; nessa perspectiva é isso, portanto, neste trimestre face ao conjunto de objectivos que queremos atingir esta programação poderá ser a ideal, se calhar, temos a Rita Redshoes ou outro projecto poderia ir dar ao mesmo, mas o que gente queria era ter aqui neste momento, neste dia em concreto... nessa perspectiva, sim.

5. A programação assenta unicamente em espectáculos apresentados para o público ou faz parte da vossa estratégia programática a criação de espectáculos com o público e/ou comunidade?

Temos as duas coisas. Mas de uma forma esmagadora a primeira vertente. Nós programamos para o público, independentemente de haver acções que muitas vezes são construídas ou têm a participação de outros. Aí há várias etapas: há aqueles que têm uma abordagem prévia ao espectáculo, ou seja, estamos a falar de pouco tempo, dias, em que há uma matriz do projecto e depois há uma envolvência da comunidade no desempenho dessa acção, e há aquelas mais completas, mais profundas, que é desde a criação do projecto até à criação do elenco ou estrutura, todo o processo é um processo mais amplo de participação. Mas quer num caso quer noutra, nós temos alguma regularidade nisso, mas a maioria é apresentado para o público.

De qualquer forma há essa estratégia...

Há. Temos isso... aliás, o Festival Rádio Faneca é o nosso maior exemplo disso, é muito construído com a comunidade, é o ponto alto... e é uma iniciativa nossa, toda concebida e produzida aqui e programada aqui, com algumas acções que já vêm de alguns meses antes. Isso é um exemplo.

7. De que modo são planeadas as oficinas, workshops, ateliers, debates? Fale-me um pouco acerca das intenções destas iniciativas e dos critérios de dinamização.

Vamos começar pela intenção. O objectivo dessas iniciativas, na minha perspectiva, ou melhor, o que me leva a construir isso prende-se basicamente com uma grande causa, que é... uma coisa é nós assistirmos a um projecto ou a um conteúdo em que temos um acto de escolha, que é um acto que não deixa de ser passivo, ou seja, eu opto por ver aquele projecto, mecanicamente compro o bilhete na net ou vou à bilheteira, assisto e tive o prazer de investir x tempo e x dos meus rendimentos num conteúdo que me interessou porque acho que é importante para a minha formação ou para me divertir ou para me entreter, portanto, é um acto... depois há o outro, que é, eu quero ter um papel activo, quero ter um papel de participação e queria experimentar, porque gosto da área e porque acho interessante para o meu enriquecimento a nível da sociedade ou cultural participar nele. E este acto, este segundo acto, na minha perspectiva tem muito mais valor, numa lógica de quem pratica do que quem compra o simples bilhete. Isto permite nós termos uma ligação com essa pessoa, directa a nível de envolvência, com o projecto ou com a instituição ou com a equipa, com a nossa missão, e ajuda-nos a fidelizar essa relação; e os projectos criam uma ligação muito maior com o público e, por

outro lado, dá ferramentas, dá um contacto, uma experiência, a públicos, diferente de quem vai somente assistir ao espectáculo, o que é uma opção, não estou a pôr isso em causa, também sou muito assim.

Mas considera que tem mais influência na questão de atingir os objectivos que inicialmente referiu – da formação...

Sim, porque estas iniciativas interessam-nos, principalmente, pelo processo; porque criam, junto da pessoa, uma consciencialização do que é este tipo de trabalho, as mais-valias, a dificuldade de criar um projecto, de apresentar, a dificuldade que é estar em cima de um palco, a percepção do que estamos a fazer, aquele frenesim de entrar no palco, tudo isto enriquece e fortalece o indivíduo e permite-lhe dar uma consciência e um grau de exigência face àquilo que depois é o acto dele de escolher os conteúdos diferente de quem por norma compra o bilhete para o espectáculo. Por outro lado, cria uma relação muito mais forte, afectiva e mais directa entre a nossa estrutura e com o outro, e nós queremos e precisamos da população. Nós sentimos que quem caminha este percurso tem uma capacidade de interpretação sobre o objecto artístico, e de interpretação sobre o que é a nossa função e a nossa missão, muito mais enriquecida e profunda do que quem compra um bilhete passivo, porque não toca essa experiência, não é tocado por esse lado da criação. Por outro lado também permite que de repente se possa criar um conjunto de ferramentas de mediação cultural com estas pessoas que facilita, hoje, a nossa comunicação, a nossa ligação à comunidade e a nossa base de recrutamento, de opções, para construir conteúdos que sejam feitos localmente para e com as pessoas.

8. Grande parte dessas acções são promovidas pelo Serviço Educativo, correcto? (É um serviço do município?)

Sim. O Serviço Educativo é uma ferramenta. O Serviço Educativo tem que ser visto como a comunicação, portanto, é uma coisa transversal.

.E considera que as acções promovidas pelo Serviço Educativo são parte integrante da programação geral do Centro Cultural?

Claro que são. Aliás, o Serviço Educativo é essencial na programação porque é ele que tem que monitorizar e desenvolver este tipo de relação com o público. O Serviço Educativo existe como existe o serviço técnico ou a parte técnica ou a parte da produção e da comunicação, é transversal à nossa actividade, não é uma coisa autónoma. É uma ferramenta de trabalho que nós temos e precisamos dela para fazer este tipo de projectos. O Serviço Educativo trabalha em prol daquilo que são os objectivos da programação de cada trimestre.

9. As artes do espectáculo são as áreas artísticas de destaque na programação apresentada, acrescentando o Cinema. De que forma se distribui a programação pelas diferentes áreas?

Há áreas que são mais deficitárias do que outras. A dança é uma área deficitária porque é a que tem menos projectos...

Está a falar-me aos longo destes anos... tem sido a dança?

Sim, sim. A dança é aquela que tem tido menos incidência no nosso trabalho também por uma questão de escala de projectos; há menos projectos, há menos projectos interessantes, há menos público, tudo isso se cruza. Isso não significa que a gente se conforme com isso, aliás este ano, 2015, é o ano em que apostamos mais na dança, precisamente porque sentimos que é necessário fazer isso... mas a dança é a área mais deficitária. E área que com maior incidência é a música. Mas essa distribuição não é de uma forma matemática ou rotativa, como x percentagem nesta área, não, tem a ver com as dinâmicas que a gente cria com base nos objectivos. Este trimestre temos mais dança do que costumamos ter nos trimestres anteriores – queremos ter um focus maior na dança porque para a música temos o Rádio Faneca que tem música. A questão performativa, a questão de instalações, a ligação à comunidade, este trimestre teve um foco muito mais reduzido porque o nosso grande foco é o Festival Rádio Faneca. Depois há oportunidades que a gente não quer perder e que surgem e que às vezes até reforçam uma das áreas. Imaginemos que há oportunidade de ter uma banda ou uma

colectividade que não estava nos nossos planos mas que surgiu a oportunidade porque tem aquilo que a gente pretende para atingir os nossos objectivos naquela área e que vem a um preço imperdível ou porque vem numa tournée de enorme visibilidade e ou é agora ou não é mais; às vezes a gente faz um esforço adicional para conseguir isso. Mas tentamos fazer uma distribuição equilibrada. Tem sempre mais coisas de música do que teatro e dança, e tem sempre mais coisas de teatro do que dança.

De qualquer forma há essa consciência e vocês vão tentando equilibrar...

Sim. E as acções do Serviço Educativo dependem muito deste equilíbrio; tentamos meter algo de teatro para bebés ou para a infância, na música, na dança. Nem sempre conseguimos ter os três, às vezes por questões financeiras e de agenda...

Ou seja, pretendem que as diferentes linguagens artísticas, também nessas acções para crianças e jovens, estejam contempladas as três áreas.

Haverá sempre, depois se é teatro, dança, música, depende do equilíbrio com o que vem de trás e da nossa capacidade financeira de datas, porque aqui também se joga ao nível da nossa capacidade financeira e como nós, nos centro culturais, não fazemos só programação, também fazemos alugueres de espaço para conferências, congressos, feiras, que nos bloqueiam datas para criar este equilíbrio.

Já agora pergunto-lhe, considera *stand-up* uma área do teatro ou considera uma área distinta?

Distinta.

Mas que também integra a vossa programação?

Sim.

11. Quais os objectivos com a programação de cada uma das áreas?

12. Cada linguagem artística integra um plano estratégico de programação específico ou enquadra-se numa estratégia global de programação?

Não é cada área tem estratégias diferentes. Eu não defino objectivos específicos para cada uma dessas áreas.

Ou mesmo temporalmente, é pensado especificamente ou sempre olhando globalmente?

Sim, mas depende. Por exemplo na música... em todas as áreas tento ir a todas as vertentes. Na música tento fazer rock, fazer novas tendências ligadas à música electrónica até clássica, se bem que clássica tem muito a ver com o custo das estruturas porque ter boas orquestras, bons projectos, custa muito dinheiro, nem sempre estão disponíveis... mas tentamos fazer esses equilíbrios. Na dança e no teatro é uma coisa, dá para fazer contemporânea, clássica, de autor; mas são deste género. Portanto, tentar equilibrar a nossa capacidade de oferecer com base naquilo que sentimos que é, também, a vontade do público e vice-versa; perceber o que é que público gosta, pretende e quer, mas não nos moldarmos por aí para esse equilíbrio; não estar desatento a essa realidade, mas com essas normas. Não consideramos que queremos atingir x espectadores, com x percentagem de ocupação, isso não. Tentamos ter uma regularidade de possibilidades nessas áreas e para cada um dos públicos que cada uma tem.

Mas há sempre a preocupação com a distribuição temporal?

Sim, sim.

Porque há pouco falou-me da questão do fado... depois há a preocupação, no mesmo mês, não ter novamente fado? Como é que essa distribuição temporal é pensada? Trimestralmente? Pensa-se, por exemplo, em não concentrar dança em determinado trimestre?

É pensado. Neste trimestre nós optámos claramente por fazer dois projectos de dança, até para criar sinergias; isso é pensado a esse nível, às vezes estrategicamente ou este pensamento enquadra-se

numa questão de oportunidade. Portanto, não são por acaso. Porque é que estão aqui dois espectáculos de dança contemporânea? É por acaso? Não! Estão cá propositadamente.

Acontece, por exemplo, terem a oportunidade, imaginemos, dois grupos de jazz, mas no mesmo mês, e vocês recusarem para que seja distribuído...

Sim, sim, isso acontece. Se olhar aqui para esta agenda... na área da música tivemos um projecto que tinha três datas em três 5^{as} feiras seguidas; depois tínhamos, de música, um, dois, três projectos – este numa onda muito rockeira, este de cantautor, este aqui é um trabalho novo dirigido para a família; portanto, três estilos musicais para três públicos diferentes. É muito provável que o pai que goste de rock venha ver com o filho o espectáculo da Luísa Sobral. E depois houve esta invenção: na dança temos Olga Roriz e temos a Companhia de Dança de Évora; nós estamos a apostar na dança e é uma maneira de ter aqui esses públicos, mas há a preocupação em ter um espaço de dois meses entre ambos, não é um ciclo concentrado. Temos aqui uma peça de teatro no trimestre e temos, depois, nas acções do Serviço Educativo, integradas no Festival Rádio Faneca ou outras que não estão aqui. Tem que haver este equilíbrio, de forma a que ...

Portanto, pode-se dizer que a programação é pensada globalmente... há pouco falou em ciclos e vocês não criam esses ciclos...

É raro fazermos ciclos.

14. O Cinema é promovido pela vossa instituição?

Sim.

Não é uma associação, como cineclube, que promove? São vocês?

Sim, somos nós que temos programado o cinema desde o início, mas vai terminar este ano. É por questões de investimento financeiro. O investimento para passar ao cinema digital é muito grande e nós estamos numa região que a 5km tem salas com todas as condições e a universidade também tem cinema de autor e cineclube. Portanto, eu não tenho condições de investir 75 000€ +IVA numa área, em que na região, não é deficitária.

14.1 É parte integrante da vossa programação?

Sim, claro.

15. Quais os critérios de selecção de filmes?

Pergunto também se era o José Pina que assumia a escolha dos filmes.

Não, era um colega nosso aqui da equipa, sendo uma programação nossa, tinha sempre a minha validação, ou seja, ao contrário das outras áreas, em vez de ser eu a propor, era-me proposto. Mas era assim... não era nenhum cineclube com filmes mais alternativos, não; era cinema comercial.

16. Os dias de projecção não têm vindo a ser constantes. A que se deve essa situação?

É... porque eu nunca quis fechar datas fixas ou ciclos fechados, do género todas as sextas-feiras ou às primeiras sextas de cada mês, e isso bloqueava-me a sala para outras áreas. Apesar de o cinema ser uma das nossas áreas de trabalho essa não é a nossa prioridade.

17. As Artes Plásticas, através de exposições, integram a vossa programação. E a Literatura também?

Não, porque achamos que a nossa missão não é bem essa, é mais para a Biblioteca. O que nós pretendemos é que haja acções interligadas com a Biblioteca ou com projectos que nós fazemos. Por exemplo, tínhamos uma rubrica que era Leia um Livro Veja um Filme, ou com acções de cruzamento.

As exposições são outra área integrante da vossa programação?

Sim, sim. Nós temos a sala de exposições como parte integrante do nosso espaço, portanto, as exposições fazem parte da nossa programação regular. Nós temos as performativas, temos a música, o cinema, e as artes plásticas.

Mas pergunto, é o José que assume as escolhas relativas às exposições?

Não, é outra colega nossa que faz a parte expositiva também da Câmara e do Museu. Eu defino os critérios a três anos de exposições e depois ela faz a escolha dos projectos.

18. A estratégia programática assenta na perspectiva de partilhar com a comunidade aquilo que se sabe que é do seu agrado ou, por outro lado, pretende apresentar modelos e projectos desconhecidos de grande parte da comunidade?

Os dois. Não tenho nenhuma apetência especial por qualquer uma delas. Tanto apresentamos projectos que são conhecidos da comunidade como outros que desconhecem. Não me preocupo com essa classificação. A programação que eu proponho depende dos objectivos. Obviamente que há momentos que essa diferenciação é importante, mas ...

20. Quais os factores internos e externos que influenciam a escolha? Por exemplo, calculo que as digressões sejam um factor externo que acaba por facilitar ou dificultar a passagem pela instituição.

Os internos é a questão financeira, que pode impedir de trazer um ou outro projecto, e a questão da capacidade de resposta da equipa ou do nosso equipamento, pois podemos não estar preparados para acolher determinados projectos, por exemplo no início da actividade havia projectos que não arriscava fazer porque a equipa não trabalhava em conjunto há muito tempo, era preciso uma grande ligação entre a equipa e as estruturas externas, grande da equipa nunca tinha trabalhado no teatro; portanto, só ao fim de algum tempo, de eles perceberem esta linguagem, de perceberem estas dinâmicas e estes ritmos, é que arrisquei alguns projectos.

Ou seja, inicialmente foi um factor interno que condicionou as escolhas...

Sim, há que conhecer e perceber a equipa para executar aquele projecto e dar acolhimento e resposta de forma a que ficássemos todos tranquilos e conscientes de que estávamos a trabalhar de forma mais profissional e mais competente possível para chegar ao dia do espectáculo ou da acção e correr bem. Essa poderá ser sempre uma variável, outra será a questão financeira, mais os recursos que temos, quer técnicos, quer humanos, por aí fora. Internos não há mais nenhum, nós temos um rumo bem definido, portanto não há aqui incertezas e indecisões, já sabemos com o que temos de contar até ao final do ano.

Em relação a factores externos, tenho aqui o exemplo das digressões e porque falam dessa distribuição temporal na agenda, ou seja, por vezes há aquele carácter qualitativo que vocês querem na vossa programação, mas depois como é que lidam com...

Isso são já factores externos. Aí há outros factores, há outros factores que tem a ver com, por exemplo, nós conseguirmos ou não ter o projecto que pretendemos na altura que a gente quer ou que nos interessa; e depois podemos não ter porque, imagine, foi ao Teatro aqui ao lado e de repente é um projecto que não alberga dimensão para ter públicos em salas muito próximas, portanto, optamos por não fazer. É uma condicionante. A outra é algumas datas de projectos que quando são lançados podem ser incompatíveis com a nossa programação. Por exemplo, se um projecto for lançado com para daí a 5 meses e se nessa altura eu já tiver a programação fechada, é logo um problema. Posso querer fazê-lo mas não tenho data ou porque já tenho projectos semelhantes.

E procura, posteriormente, recuperar esse projecto ou abandona a ideia?

Se ele existir em carteira tento fazê-lo depois; não me preocupa muito buscá-lo mais tarde.

22. Por exemplo, se determinado grupo, que pretendem que integre a vossa programação. apenas tiver disponibilidade a uma terça-feira, como é que lidam com isso? E caso seja uma data próxima de um projecto de características semelhantes?

De duas formas... Se não é num dos dias convencionais de programação temos que ver qual é o dia em concreto e se isso tem interferência ou não com a gestão da nossa actividade e da nossa equipa; por exemplo um espectáculo à 3ª feira em que no fim-de-semana houve actividades na 6ª, sábado e

domingo, eu diria que é impensável, a não ser que seja daquelas coisas imperdíveis. Se me disser que é uma 5ª feira já não é tão impensável - independentemente de termos que ver se isso depois funciona com o planeamento que existe, se condiciona ou não a nossa programação e a nossa equipa – mas, por norma, há dias que são impensáveis porque não temos como dar resposta e não temos público para isso. Há outros casos que depende de projecto para projecto. Se é algo imperdível, mesmo que tenhamos de vir trabalhar à 2ª feira, não deixamos fugir essa oportunidade.

23. A integração de espectáculos de grupos ou companhias internacionais na programação rege-se por que critérios?

Não tem critério. Acontecem como os nacionais, desde que cumpram aquele objectivo ou os critérios de oportunidade e razoabilidade face àquilo que estão a propor.

Talvez nestes casos haja mais condicionantes...

Sim... mas não tenho a preocupação de ter cá com regularidade projectos internacionais só por ter, como também não tenho nada contra os ter, depende de projecto para projecto.

Mas há objectivos específicos com a apresentação de projectos internacionais?

Neste momento não. Porque não temos condições... Hoje o mundo é diferente do que era há 4 anos atrás. Há 4 anos atrás a gente tinha uma programação com alguma regularidade de projectos internacionais, mas tinha recursos e meios que hoje não tenho. Nessa altura se calhar tinha para programar um trimestre o que hoje tenho para um semestre. Portanto, isso faz toda a diferença.

Mas quais eram os objectivos quando programavam projectos internacionais?

Esta questão dos projectos internacionais prende-se, muitas vezes, com a questão de nós, por um lado, podermos dar o contacto directo ao nosso público conteúdos quase únicos ou com uma qualidade interessante, por outro lado, tem a ver com o posicionamento do equipamento perante o público, perante a comunicação social e a sociedade.

Ou seja, aí há essa diferenciação; há outro objectivo implícito...

Sim, porque isso também é importante. É importante perceber que captar públicos de fora do território de Ílhavo é também uma missão desde sempre. E essa dimensão comunicacional que está associada à dimensão artística, que tem esse lado de novidade, pouco convencional ou pouco comum, tem um peso significativo.

Porque há a consciência que esses projectos chegam a um tipo de público que não é de Ílhavo...

Sim, claro.

Pode-se dizer, então, que os critérios são os mesmos, embora haja objectivos distintos...

Sim, de certo modo, sim. Há espectáculos que são para um público, eu diria, nacional, em que se sabe que vai haver casa cheia e em que a reacção é totalmente passiva. Depois há outros, como por exemplo, o espectáculo da Olga Roriz, que é completamente diferente, tem outro objectivo, e se tem outro objectivo tem que ter um conjunto de critérios internos que tem de cumprir o máximo possível. O outro não é formação de públicos, é mais uma oferta cultural do que fazer formação.

O José está a referir isso, então tem a consciência de que esse espectáculo não vai tanto ao encontro daquele objectivo que falou da formação de públicos; será que nesse caso se confunde com entretenimento mas mantendo o carácter qualitativo?

Esse caso que eu falo é alguém que já ganhou 4 grammys, por isso tem valor a nível mundial... temos sempre esse crivo de qualidade. Quando tivemos cá o Peter Murphy é para um público muito específico, é um ícone do universo rock.

25. Ao longo dos anos denota-se na vossa programação que há determinados artistas ou companhias que têm vindo a marcar presença regular. A que se devem determinadas repetições? (Surgem em detrimento de outros projectos?)

Não surgem em detrimento de outros projectos. Não estou à espera que o projecto a, b ou c criem outros trabalhos para vir cá, O que acontece é que determinados grupos ou companhias quando criam projectos vão ao encontro dos nossos objectivos. Por exemplo no fado, a Ana Moura se vier cá de 3 em 3 anos virá sempre com um trabalho novo, estamos a falar de uma das referências mundiais do fado. Mas isso não significa que eu programe fado com outros intérpretes, eu não posso é deixar de programar aquela pessoa sobretudo se já tiver um conjunto de condições que tornem irrecusável a sua presença, do ponto de vista financeiro e do público e da comunicação, não posso ser insensível a isso. Mas não significa que não abra portas a fadistas de outra dimensão, ainda há pouco tivemos cá o Ricardo Ribeiro, a Katia, este ano vamos ter outro intérprete de outra dimensão. Isso de repetir tem muitas vezes a ver com o mérito dessas estruturas e porque cria-se uma certa fidelização.

la perguntar-lhe precisamente se tem influência o facto de anteriormente ter corrido bem...

Também tem. Já tivemos aqui peças de teatro que correu muito bem com determinados autores ou companhias e quando eles vêm cá o público volta a ver.

Mas quando há a repetição dessas companhias repetem também espectáculos?

Não, não. Em 7 anos repetimos duas ou três, que foram situações muito excepcionais.

No caso da música há um novo disco...

Sim, o mesmo artista mas com outro trabalho. Os Diabo na Cruz é a segunda vez que vêm cá, fomos dos primeiros a apostar neles a nível nacional, mas têm um novo trabalho. Por exemplo, a Luísa Sobral também já esteve cá, mas agora tem um espectáculo novo, diferente, mérito para ela que desenhou um projecto que a mim interessa-me bastante; parece que foi desenhado quase de propósito para mim. Do lado da criação, quem cria, também tem que perceber o que está a criar. Eu não vou trazer um projecto só porque gosto, também há que perceber a sua pertinência e razoabilidade. Os nossos impostos também não podem pagar a loucura da criação, tem que haver um certo equilíbrio. Este projecto cativou-me logo pela sua essência, como me cativou o dos Clã.

Mas para terminar, e em jeito de provocação, pergunto-lhe: ao apostar nos mesmos artistas, mesmo com um espectáculo diferente, não está a condicionar a tal diversidade programática?

Não.

Na medida em que o artista é o mesmo, o género é o mesmo...

Não, não sinto que esteja.

Assumidamente... percebe a minha questão, claro...

Sim, sim... eu não estou minimamente melindrado com isso. Mas eu acho que não. É preciso perceber, os Teatros Municipais, ou os recintos culturais municipais, quando são criados têm uma missão e um conjunto de valores e objectivos que têm de ser cumpridos e estão estipulados pela entidade que propõe a sua criação e que paga para isso, neste caso a Câmara Municipal de Ílhavo, e eu, enquanto director, ou a Câmara enquanto proprietária do espaço, não tenho que fazer um serviço público de oportunidade a todos os projectos que existem no mercado, porque nós não somos o Estado português. Portanto, percebo essa questão... tem um lado que tem a ver com o nosso público; por isso, colocando a questão se estamos a fazer os mesmos e a deixar de fazer outros, eu acho que não, porque se define um conjunto de método e objectivos, uma linha a caminhar, acho que isso está valorizado, está validado e está enquadrado. Agora, que isso eventualmente, ou paralelamente, retire oportunidades a outros a questão tem que ser colocada no género: há quem apresente projectos semelhantes, de qualidade, há ou não há... depois o acto de programar é um acto de opção, pessoa que programa... posso programar esta como posso programar outro.. não é um concurso, é uma escolha; não se pode dizer de outra forma. Se bem que nós temos que pensar também no outro lado da criação da produção, isso é sintomático. No entanto, há riscos, este projecto aqui (mencionado na agenda) é um risco em qualquer parte do país, e depois há outros que apesar de terem qualidade são mais mainstream e sabemos que isso traz muito público, e sobretudo com a música é mais fácil de chegar ao público Mas há aqui algo que é importante não esquecer, que é: tem

que haver um equilíbrio razoável, não fundamentalista, mas razoável, entre aquilo que nós queremos fazer, propor, e a sustentabilidade do equipamento, quer financeira, quer de públicos, quer de equipa, quer de funcionamento, e essas coisas às vezes condicionam, ou validam, o nosso campo de acção; embora eu acho que não invalida essa linha de programação e acho que a abertura de espaço a outros projectos tem a ver com aquilo que está disponível para programar com base nas orientações que estão definidas.

Já agora, diga-me, a música corresponderá a cerca de 50% da programação?

Hmmm... não lhe sei dizer, não tenho esse levantamento, nem nunca o fiz, nem me preocupo em fazê-lo. Não quero estar muito amarrado a números. Eu acho que não está desequilibrado.

26. De que forma a programação do CCI e CCGN está relacionada com as propostas da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro)?

26.1 Pode dar-me exemplos concretos de projectos que tenham integrado a programação através desta rede?

As actividades que acontecem no âmbito da CIRA, no âmbito de programação em rede, temos conseguido aquelas que se encaixam e se enquadram nos objectivos da programação e no modelo de gestão que nós temos adoptado desde início, tanto ao nível do tipo de público como da política de preços e como conceito e conteúdo dessas iniciativas. Nesse sentido essas iniciativas foram importantes para nós, mas não condicionam a nossa actividade, ou seja, elas ou têm enquadramento ou simplesmente não seriam programadas no Centro. A questão coloca-se ao contrário. Se ela tiver enquadramento, sim; têm sido importantes e têm ajudado nessa questão de termos cada vez mais programação e mais interessante dentro de uma linha, sobretudo ligada à formação de público que é muito associada à contemporaneidade artística; encaixa no nosso perfil. Caso contrário, não iríamos ter.

Ou seja, considera que houve benefícios mas que a vossa programação não se adaptou...

Não, não... de todo!

Mas quer referenciar algum projecto específico?

No âmbito da CIRA?

Sim.

Todos eles que a gente fez encaixaram nesse perfil. Portanto, eu só iria programar e escolher esses projectos se eles tivessem enquadramento, e todos eles tiveram, não houve nenhum forçado. Portanto, aquilo era uma bolsa que existia e nós fomos livres de escolher aquilo que achávamos que pudesse ser o mais interessante. Não há nenhum projecto da CIRA que tivesse lá encaixado que tenha sido forçado, ou seja, nessa perspectiva, todos eles cumpriram aquilo que eu pretendia a nível de conceito. A nível de público já são outras coisas, mas a nível de conteúdo, sim, só vinha aquilo que nós escolhíamos. Não fomos obrigados a programar A, eu escolhia completamente com base na bolsa que estava construída e que eram aspectos que encaixavam melhor nos Centros.

Sei que agora haverá uma nova tentativa de beneficiar de bolsas através do Portugal2020, pensam integrar a CIRA...

Sim, se houver o mesmo projecto vamos integrar...

Com o mesmo modelo?

Isso não sei, esse modelo não somos nós que o definimos. Quem define é a CIRA.

Mas vocês são convidados ou auto-propõe-se integrar a Comunidade?

Somos convidados.

27. As instituições culturais em estudo (de Ílhavo, Estarreja e Albergaria), próximos geograficamente e integrantes da CIRA (Comunidade Intermunicipal Região de Aveiro),

apresentam espectáculos comuns, por vezes num curto espaço tempo. Como lidam com este facto?

O ideal era que esse tipo de situações acontecesse de forma mais planeada e organizada. É óbvio que de há um ano e meio para cá tem-se dado passos, até fruto dessa bolsa de programação da CIRA, que tem potenciado de uma forma informal a Estruturas a falar umas com as outras ou têm grupo, e tentar articular projectos em comum. Mas isso é um trabalho que está muito na base, não é o ideal, não é o cenário ideal. Como é que nós lidamos com isto? Eu não posso dizer como é que os meus colegas lidam, mas posso referir-me como é que eu lido: eu desejava que isso não acontecesse – não é que um projecto viesse a mais que um sítio na CIRA, não tem que ver com isso – mas desejava que essa presença no projecto fosse articulada a nível de calendarização, uma política de preços que fosse comum ou muito semelhante, e uma comunicação que fosse também, mantendo a especificidades de cada espaço, coerente. Não tem acontecido, nem sempre acontece, ou porque nós desconhecemos que isso acontece por parte do artista, ou o colega de outro espaço também desconhece que ele vem a Ílhavo e não articulamos as coisas; e vemos a saber disso à posteriori. E aí já não temos nada a fazer, a nível de datas nem de política de preços.

Mas considera que é pejorativo, para vocês e para as outras instituições?

Pejorativo não. Pode ser prejudicial, mas pejorativo não. É normal, há que ter a noção de eu em Ílhavo, tirando o facto de poder fazer uma encomenda a um artista ou a uma companhia, não posso ter expectativa que o projecto não circule por outras salas da região. Mais cedo ou mais tarde vai acabar por circular; não posso dizer a um artista que tem aqui mais oito ou nove potenciais sítios de venda para não vender. Ou pago um preço demasiado absurdo para isso ou então trata-se de uma encomenda tem que esse requisito logo à partida – naquela região só pode ser ali. Mesmo nesses casos excepcionais não é fácil garantir que isso aconteça. Pode ser prejudicial e não pejorativo

28. Mas perguntando directamente: vocês olham para a programação dos Teatros envolventes e condiciona a vossa estratégia programática?

A mim não. Eu faço a minha programação sem estar a tentar perceber o que vai fazer Aveiro, Estarreja ou Albergaria.

Mas se verificar que há um projecto que vai estar presente numa instituição cultural próxima num curto espaço de tempo, isso para si não é...

É importante que não aconteça, mas eu não posso estar a pensar em fazer trinta projectos em três meses e com a preocupação de saber se eles todos vão estar nos Teatros à volta e quais, senão não fazia outra coisa na vida.

Mas nunca aconteceu, por exemplo: este projecto vai estar aqui então não vamos dinamizá-lo ou promovê-lo agora... talvez mais tarde...

Sim, da minha parte já aconteceu, mas depende dos projectos. Há projectos que... já aconteceu o contrário, já aconteceu eu fazer um projecto no dia a seguir ao Aveirense e articulado com eles. Porque o projecto em causa não levantava problema. Agora, por exemplo, se eu souber que estão a programar um projecto para uma sala que a região não comporta mais que uma apresentação num espaço de dois ou três meses e se está um colega meu a negociar o mesmo, das duas uma: ou eu deixo de fazer ou ele; ou então penso noutra data; mas isso é uma opção de gestão. Mas eu não estou a ver o que eles estão a fazer para tentar fazer a minha programação, ou seja, corremos esse risco de estarmos a programar o mesmo projecto, mas isso...

Mas no âmbito da CIRA isso acabava por acontecer...

Sim, mas isso era articulado. Isso era diferente. Vamos lá a ver... no âmbito da CIRA nós tínhamos um conjunto de acções muito direccionadas para o Serviço Educativo e para a formação de públicos, ou seja, eram acções micro que comportavam vir a três ou quatro sítios ou então eram projectos de espaço público, em que a questão de público não era problemática. Portanto, essa questão não se colocava muito a esse nível. Ou eram projectos que eram encomendados em conjunto, mas que em cada localidade tinham um trabalho com uma comunidade específica, portanto, em Ílhavo podia ser

com dez pessoas de Ílhavo, em Estarreja com dez pessoas de Estarreja. Essa questão não se colocava a esse nível, era uma bolsa que foi criada especificamente para isso. O resto, a programação que os Teatros fazem, cada um faz a sua programação. Em concreto troco algumas ideias com um ou outro colega meu, mas não estou à espera de saber o que eles fazem para eu planear a minha estratégia ou a programação deles vai condicionar a minha, não. Pode haver momentos em que a gente articula alguns projectos, mas não estamos dependentes uns dos outros, pelo menos eu não estou.

29. De entre a programação apresentada há projectos que correspondem a parcerias ou co-produções? Se sim, pode dar-me exemplos e falar-me do modo como se desenvolvem?

Há. Há projectos que são co-produções ou parcerias ou encomendas nossas, isso tem acontecido, sim. Ainda agora tivemos uma com a Sandra Barata Belo.

Faz parte da vossa politica ter as co-produções?

Sim, nós, sobretudo no último ano e meio, temos vindo a apostar muito em ser co-produtores e parceiros em projectos. A última foi uma ante-estreia da Sandra Barata Belo na Gafanha da Nazaré, este ano somos parceiros da tournée da comemoração dos vinte anos da Companhia Olga Roriz – estamos presentes na divulgação deles como parceiros –, temos também uma parceria com a Companhia de Teatro Garcia Miguel, e vamos ser co-produtores de um projecto da Circolando no final do ano. E em 2016 temos já assumidos alguns compromissos de co-produção. Portanto, isso tem sido uma aposta nossa.

Pode falar-me só um pouco como é que se desenvolvem essas co-produções. De que modo é que vocês participam...

Desenvolve-se, basicamente, na partilha de uma identidade do projecto quando ele é apresentado como conteúdo, ou seja, é-nos apresentado um projecto ainda sem guião e sem estrutura mas com linhas orientadoras, e nós, como cúmplices que somos, partilhamos a decisão de avançar com o projecto ou não e depois partilhamos uma parte significativa, ou interessante, do ponto de vista financeiro porque estamos a ter como contrapartida a ante-estreia ou a estreia no nosso Centro, ou a divulgação em todos os suportes de comunicação dos nossos logos e das nossas marcas; portanto, estamos sempre associados a esse projecto... também tem um custo associado que nós estamos disponíveis para o assumir. Noutros casos podemos dar como contrapartida a cedência de espaço, a utilização do nosso espaço, do nossos recursos técnicos e humanos. Também já temos feito isso, consoante a dimensão do projecto que estamos a falar. Os projectos não são iguais e as condicionantes também são diferentes. Em alguns disponibilizamos o espaço, noutros disponibilizamos o espaço e apoio financeiro, noutros só apoio financeiro, depende.

31. De entre os espectáculos apresentados alguns tratam-se de acolhimentos, correcto? Fale-me um pouco acerca do processo de acolhimento... de quem parte a iniciativa, se enquadra na vossa programação, a percentagem na programação, se há distinção na forma como promovem o espectáculo, que tipo de apoio logístico e/ou técnico...

O que é que entendes por acolhimento? Quando falas de acolhimento estás a referir-te a quê?

Refiro-me essencialmente a dois modelos: aquele em que o projecto vem apresentar o espectáculo à bilheteira ou um aluguer de sala, aluguer de espaço.

Ah, ok!

Calculo... gostaria que me confirmasse que existem acolhimentos...

Existe, existe. Existe nessa dupla possibilidade, ou noutra. Nós não estamos focados num só tipo de acolhimento, ou seja, num determinado tipo de condições de acolhimento. Tanto fazemos em que nós cedemos a sala com percentagem mínima de bilheteira para o nosso lado, como alugamos a sala, como fazemos uma partilha de responsabilidade financeira do projecto, como fazemos uma partilha entre o lado financeiro e o lado da sala, portanto, depende de cada um dos casos, não temos um modelo rígido de “só é aquele”. Temos várias possibilidades.

Normalmente é proposto pelo produtor?

Nós entramos naquela fase de processo de negociação, de chegar a um entendimento a nível de condições, e depois pode haver várias possibilidades, mas fazemos...

E vocês rejeitam algumas propostas?

Rejeitamos...

E quais é que são os critérios?

Os critérios são muito simples: se for um aluguer de sala - puro e duro – o nosso crivo é menor do que quando é uma cedência ou uma partilha. Em critério de aluguer o produtor aluga a sala, paga, é responsável por tudo, portanto paga o serviço que nós disponibilizamos. Quando é uma partilha, quer seja de percentagem quer seja de cedência, nós obviamente aqui estamos sempre associados a esse projecto, na prática assumimos isso, como se fosse um projecto que eu fosse programar mas por uma questão de gestão é mais interessante que seja uma partilha, um acolhimento; a partir daí estamos associados àquele conteúdo e o crivo aqui passa pelo mesmo que passa quando somos nós a programar a 100%. Se enquadra na filosofia de trabalho que queremos ter, se a política de preços está aceitável para aquilo que costumamos fazer, se o timing de calendarização é ideal ou interessante para aquele momento.

Mas, por vezes, essa iniciativa parte da vossa instituição?

Isto muitas vezes acontece fruto de uma consulta. Muitas vezes há condições que nós não conseguimos aguentar e depois há que chegar a um entendimento de partilha disso.

Imaginemos um caso em que há um cachet elevado de um projecto que vocês gostariam de ter, propõem...

Tanto acontece assim... imaginemos um cachet de uma companhia de 10 000€... “epá, não temos condições...”, a companhia faz uma contra-proposta, eu faço uma contra-proposta, e chegamos a um entendimento. Mas também acontece o contrário, tens o mesmo espectáculo e propões vir cá fazê-lo naquelas condições: “ora aqui está um espectáculo que eu já pensava em fazê-lo” ou não estava a pensar nele porque não tinha dinheiro mas nestas condições talvez consiga ter.

Pelo que depreendi, há mais propostas que chegam a vocês do que o inverso.

Sim.

32. Qual a razão para que determinados acolhimentos integrem a agenda e outros não? Ou seja, há acções que estão integradas na vossa agenda e outras que não?

As que não estão não fazem parte do nosso acolhimento. Ou seja, se vier um espectáculo, por exemplo, do Zé Cabra, nunca vai fazer parte da nossa programação. Ele paga a sala, faz a comunicação, não entra na nossa agenda, no nosso site. Agora um espectáculo que faça parte da nossa dimensão é promovido na nossa agenda, nos nossos flyers, nos nossos cartazes.

Ou seja, não tem que ver com o facto de ser um aluguer de sala ou não, mas sim com o conteúdo?

Exactamente.

Vocês fazem essa distinção, assumidamente?

Fazemos essa distinção. Por exemplo, o Ruca, é um projecto que nós temos uma contra-partida, pedimos um valor pela sala, mas não entra na nossa programação.

Não entra na vossa programação tem que ver com o facto de se identificarem com o conteúdo ou não?

Exactamente.

Mas aceitam o aluguer de espaço devido a condições financeiras? É essa a razão?

Claro!

E caso vocês não se identifiquem a promoção fica totalmente a cargo do produtor...

Exactamente!

32.1 Como é que o público reage? Tem noção dessa diferenciação?

Não sei porque não temos um estudo de públicos que nos permita dizer, de uma forma sem ser intuitiva, se sim se não. Mas pelo lado empírico das coisas nós achamos que as pessoas não conseguem fazer essa distinção. As pessoas vão ao CCI ver o Ruca, por exemplo, e ficam a achar que aquilo é uma actividade do CCI. Estou a falar das massas, agora aqueles que são os fiéis consumidores do Centro Cultural, que recebem a newsletter e que vão a muitas actividades, esses já começam a perceber o que é e o que não é, até pela linha gráfica, pela coerência da programação, mas o grande público, em geral, penso que não.

E vocês ao não integrarem na agenda estão a pensar nesse público mais fiel?

Claro! E para as pessoas perceberem claramente que aquilo não é uma programação nossa. Eu não posso misturar aquilo que é a nossa marca, a nossa identidade, com aquilo que não é.

É assumido?

Sim, sim.

33. Que critérios definem que determinada iniciativa se realize no espaço do CCI ou no CCGN?

Vários. O primeiro é criar um equilíbrio entre os dois espaços, considerando que o nosso espaço prioritário de programação é o CCI. Segundo critério tem a ver única e exclusivamente com questões de dimensão técnica, ou seja, há projectos que tem uma dimensão técnica que não são concretizáveis no CCGN e outros que são. Questões técnicas que podem ser, por exemplo, fazer espectáculos para público infantil no CCGN as cadeiras do auditório demonstram que não é muito bom porque é difícil aos miúdos verem visto que ainda estão muito altas para a idade que eles têm. Outro critério pode ter a ver com a utilização dos excelentes espaços em conjunto; por exemplo, se eu quiser fazer uma acção, um aluguer ou um workshop ou um seminário num dos Centros, tenho que ver se eles são passíveis, pode acontecer eu fazer um espectáculo na Gafanha ou em Ílhavo porque o outro espaço está a ser utilizado, e estamos a rentabilizar o espaço. E depois há um outro argumento, que se calhar é dos mais importantes, que é perceber se aquele projecto alberga uma sala com 500 lugares ou uma sala com 380 é suficiente. Aí, muitas vezes, fazemos por esse critério, não só por uma lógica de gestão financeira e de equipa, porque nesse caso os custos são menos, mas também numa lógica de conforto não só para o público como para a companhia ou para o artista. Se eu estou à espera de ter um espectáculo com 200 pessoas, e desde que seja possível realizar-se na Gafanha, do ponto de vista técnico, não vale a pena estar a pensar ir para Ílhavo para uma sala com 500. Vale mais uma sala com 380, o público está mais confortável, mais acolhedor.

De qualquer forma calculo que já tenha havido surpresas. Ter uma adesão maior na Gafanha e menor em Ílhavo...

Sim. Já aconteceu.

Mas confirme-me uma coisa: o CCGN é um espaço que está mais aberto às iniciativas da comunidade e das associações.

Gradualmente tem vindo a ser. Mas é um sentido que nós queremos dar, começou por não ser assim, e no último ano e meio tem levado esse caminho.

Mas é pensado? É voluntário?

Sim. Nós não forçamos as associações a irem para a Gafanha em vez de Ílhavo, mas tentámos sensibilizá-las no sentido de perceber qual é o target do público, quais as expectativas, para perceber se faz sentido que seja na Gafanha ou no CCI. Há outros claramente que só faz sentido que sejam em Ílhavo, ou pelo seu conteúdo ou pelo seu enquadramento. Há um sentido que temos vindo progressivamente a construir, como há aquele tipo de actividades das associações que só podem

acontecer em Ílhavo ou na Gafanha, aí, com base nesse exercício, encaminhamos ou não as pessoas. Agora há projectos associativos que só faz sentido se forem na Gafanha e outros em Ílhavo.

34. No que respeita a modelos e conteúdos artísticos o que é que não cabe na programação do CCI e do CCGN?

Quase nada. Ou seja, cabe quase tudo, desde que tenha duas questões: a primeira é que tenha qualidade, ou qualidade aceitável; depois que seja, do ponto de vista económico e financeiro, comportável, não só do ponto de vista financeiro como os custos indirectos, que tem a ver com a produção, com a logística, com o acolhimento. A partir daqui nós não temos qualquer filtro, nem por questões ideológicas, nem questões políticas, nem religiosas, nada. Tanto programo actores de direita como de esquerda, católicos, ateus, diferentes raças... o que há aqui é qualidade e comportável do ponto de vista do nosso modelo de gestão e do público a atingir. Desde a música ao teatro, projectos mais performativos, todas as áreas. Nós temos maior aposta na música e este ano na dança, mas é por questões de programação anual ou semestral, mas de conceito diria que cabe quase tudo desde que tenham esses três pontos. Não há nenhuma companhia, nenhum projecto, nenhum autor, nenhum intérprete ou coreógrafo que não possa vir cá.

35. Quais os critérios que definem o preço dos espectáculos e das oficinas, workshops, ateliers?

Dois critérios. Primeiro a Câmara percebendo que está a fazer serviço público na promoção, na fruição cultural, na criação de públicos, assume para si uma quota parte significativa do custo do bilhete e do custo do espectáculo; o espectáculo não é só o custo do cachet, são as licenças, a estadia, a alimentação, o tempo afecto ao projecto. Mas a Câmara imbuída do seu sentido de missão de formar públicos para a cultura, assume uma parte significativa desse custo. Essa parte é aquilo que nós achamos que é razoável que seja a diferença entre o custo real do projecto e a capacidade de receita que possa criar, de forma a que esta equação permita ter o custo do bilhete acessível àquilo que é a nossa realidade económica e social do território onde somos residentes e que seja também um custo não muito dispendioso para quem vem de fora, sobretudo para o nosso público. Fazendo esta equação, depois fazemos aqui um exercício que achamos que é razoável entre esse valor e a sua essência. Essa é uma questão. A outra é: há projectos que devido à sua natureza mais mainstream, mais comercial, que são mais de entretenimento do que propriamente de formação de públicos, o custo do bilhete ao consumidor é diferente porque aquele sentido da câmara de serviço público reflecte-se menos do que nos outros; ou seja, um projecto que a gente sinta, imaginemos Maria Rueff ou Zé Pedro Gomes, que são projectos que como formação de público não contribuem de forma significativa para essa formação, para esses hábitos, mas que são muito mais de entretenimento, aqui a nossa relação é uma relação em que o projecto tem que ser auto-sustentável, para deixarmos que o nosso esforço seja aplicado em projectos mais difíceis a nível de público. Neste tipo de projectos nós não temos essa preocupação de serviço público, tem como objectivo prioritário constituir-se como uma fonte de receita para contribuir para a despesa global de forma a que o investimento que tenha de ser feito nos projectos mais alternativos, com menos público, possa existir.

E esses critérios aplicam-se também a determinados workshops, oficinas ou ateliers?

Sim, sim. Sendo que os workshops ou oficinas, por norma, tem sempre o carácter de formação, de criação de hábitos, portanto aí esse critério é 100% assumido da nossa parte. 100% assumido no sentido em que nós temos um preço que demonstra esse equilíbrio e que não tem retorno.

E a tomada de decisão parte do José com a Vereação ou tem autonomia...

O que nós temos articulado internamente é no início do ano apresentamos à Câmara uma tabela geral de preços em valores nos quais os projectos podem enquadrar-se, e depois, a partir daí, cabe-me a mim identificar quais os projectos que cabem em cada um dos preços praticados.

É como se houvesse níveis de preços?

Sim.

36. Quando o espectáculo se trata de um acolhimento, o promotor tem total liberdade para decidir o preço de bilheteira ou há um preço máximo definido pela vossa instituição?

Quando é um acolhimento 100% externo, um aluguer de sala, é o promotor que define o preço. Quando é um acolhimento nós partilhamos essa responsabilidade, levamos também em consideração qual é a nossa opinião relativamente ao público, como é que o público reage relativamente a alguns preços, e por norma são sempre bem aceites. Ao promotor também interessa a nossa experiência, a nossa interpretação que temos do público.

O promotor pode sugerir mas vocês também podem reconsiderar e recomendar...

Imaginemos que eles querem sugerir um bilhete de 15€, nós achamos que o público ali não está disponível para pagar mais que 12€ e nós sugerimos isso, embora o risco último é sempre do promotor. Mas nós temos esse cuidado, não nos interessa ter as salas com pouca gente mesmo quando somos parceiros.

De qualquer modo, quando é alugado vocês...

Quando é aluguer nós fazemos assim: “olhe, não acha que isto é muito?” e tal...

Mas não está contemplado nos vossos regulamentos...

A nossa abordagem não é tão objectiva ou tão persistente como é quando é uma partilha de bilheteira.

Mas poderia estar regulamentado...

Sim. Pois... mas não está.

37. No caso de haver acções gratuitas a quem cabe essa decisão? E pergunto se os artistas que dinamizam essas acções recebem cachet e se estão salvaguardadas as despesas de transporte, alimentação e estadia.

É assim, o CCI desde que abriu, ou passado aquele meio ano da sua abertura, entrou depois num processo de formação normal como é hoje em dia e as iniciativas que faz são todas pagas, tirando situações muito excepcionais que estão enquadradas. Por exemplo, a semana passada houve aí um projecto com o Aldo Lima, em que eram as comemorações do aniversário da passagem de Ílhavo a cidade, uma iniciativa da Câmara e da Junta de Freguesia em que tomaram a iniciativa de que era gratuito. Mas as nossas iniciativas, mesmo de formação, têm todas um custo, nem que seja um custo simbólico para as pessoas valorizarem e comprarem. Quando são projectos de associações ou de entidades que pressuponha gratuidade, o que nós dizemos é que a nossa política tem-se pautado por isto, por este caminho, e temos vindo a sensibilizar cada vez mais as associações e outras entidades a ter um preço nem que seja simbólico, ou que a receita desse bilhete seja para uma entidade ou um fim social, numa lógica de habituar as pessoas a ter que pagar e a ter que dar um valor por aquilo que vão usufruir.

Já agora... há esses casos excepcionais que me está a referir... e o Festival Rádio Faneca tem muitas iniciativas gratuitas, correcto?

O Rádio Faneca é uma excepção porque é uma iniciativa em espaço público e optámos por não cobrar entradas.

Nesse caso é um investimento porque todas as despesas relativas aos grupos, às companhias, estão salvaguardados...

É um investimento, mas em espaço público pôr aquele evento a pagar não é opção. Portanto, é uma opção assumida por parte da Câmara. Mesmo assim algumas actividades do Rádio Faneca que aconteceram antes no Centro Cultural, como contexto formativo, tinham sempre um preço simbólico associado.

Quando se realizavam em espaço interior, é isso?

Sim.

Anexo 7.3 - Transcrição de entrevista a Catarina Mano (Produtora do Centro Cultural de Ílhavo) 22 Abril de 2015

1. Como designas o teu cargo profissional no CCI e CCGN?

Sou produtora.

2. Desde quando? Desde a inauguração?

Não. Eu estou cá desde que o CCI inaugurou, mas no primeiro ano eu estive a fazer part-time como assistente de sala, e depois frente de casa...

Integravas a equipa mas com outras funções...

Sim, era um part-time, uma vez que naquela altura trabalhava na Universidade de Aveiro e depois é que me foi feito o convite para integrar a equipa a tempo inteiro como produtora.

E assumes esse cargo desde...

Desde 2009.

3. Qual a tua formação?

Eu sou licenciada em Comunicação Social.

4. O que é ser Produtora de um Teatro Municipal?

Pergunto não especificamente do CCI mas de um Teatro Municipal, de modo generalista.

É quase o que é que é ser produtora, porque a função cruza-se com as outras, como produtora de eventos, porque nós aqui não são só os espetáculos que nós acolhemos, também temos a particularidade de pertencer a um equipamento da Câmara e temos uma panóplia de eventos que não passam só por espetáculos convencionais, e temos também alugueres de espaço, e a nossa função - falo nossa porque também é a do Vasco, nós somos produtores - e nós a partir do momento em que é programado um evento – essa é a parte que está com o Dr. José Pina – a parte da produção passa para nós. Nós tratamos de todas as questões que envolvem as necessidades técnicas e logísticas de cada evento. Se for produzido por nós, passa, por exemplo, pela marcação de estadia, de alimentação, pedidos de catering, todas as necessidades que a entidade possa ter, pedidos de raider técnico; se for organização de outra entidade, aí nós fazemos a ponte, nós damos as informações daquilo que eles precisam de tratar, como é o caso das licenças, as necessidades técnicas, e costuma ser mais complicado trabalhar com entidades que não são profissionais que muitas vezes não têm noção do que é necessário, quando é uma banda ou um espetáculo que está montado, nós pedimos o raider e é chapa 4 como se costuma dizer, eles enviam e nós executamos, e muitas vezes fazemos pré-montagem, os colegas da técnica com a nossa ajuda porque nós também temos essa competência uma vez que somos poucos, ajudamo-nos uns aos outros.

Mas já agora... quando não é promovido por vocês, são responsáveis por tratar dessa questão do alojamento ou das refeições...

Não. O que às vezes fazemos é dar apoio, como somos de cá, temos contactos e facultamos. Às vezes fazemos um pouco mais que isso, nem devíamos ser nós a fazer, e até levamos na cabeça, por exemplo nós próprios marcamos. Mas é assumido pela entidade, o que nós fazemos é facultar e tentar que os nossos fornecedores pratiquem os mesmos valores como se fosse para nós, o hotel, os restaurantes.

Ser produtora de um Teatro Municipal é isso, quando a programação está fechada...

A partir daí pegamos no processo e até à concretização está nas nossas mãos. Se quiseres mais pormenores, é tudo tudo, qualquer contratempo, e o nosso trabalho é assegurar que as coisas acontecem na hora certa...

Até ao pagamento?

Sim.

Mas diz-me uma coisa, tu és técnica do CCI e do CCGN ou do município?

Nós trabalhamos para o município, todos. Nós somos a equipa dos centros mas nós trabalhamos para o município.

E assumem funções e responsabilidades noutras iniciativas culturais do município?

Sim. Eu e os outros colegas, como é o caso do Festival do Bacalhau, o projecto Rádio Faneca, a Semana da Juventude e tudo o que vai surgindo passa muito por nós, até porque também, a partir do momento... (entrada de uma colega) aqui um parêntesis, também passa por isto, tenho aqui um equipamento de futebol que foi necessário para uma sessão fotográfica do Rádio Faneca e eu como produtora tenho de dar resposta a isso, muitas vezes valendo-me dos meus contactos pessoais, como foi este o caso. Por isso também é muito importante a nossa rede de contactos nesta área.

Tu nasceste cá?

Sim, o que também é uma mais valia. Eu sou de Vale de Ílhavo, que é a aldeia aqui ao lado, conheço muitas pessoas de Ílhavo, porque estudei cá, sempre vivi cá.

6. Na tua perspectiva qual a instituição (cultural) do município com maior visibilidade?

Eu sou suspeita, mas eu acho que neste momento o Centro Cultural.

Interna e externamente?

Sim, externamente. E o Museu Marítimo de Ílhavo, em grande parte pela actualização que foi feita, pela inauguração do Aquário de Bacalhaus. Eu acho que são os dois equipamentos com mais visibilidade.

Mas penso que o CCI... eu sou suspeita, e como trabalho aqui vou tendo uma percepção, que é a minha percepção, claro, e o feedback das pessoas, e como, por vezes, também faço acolhimento nos dias de espectáculo vou tendo uma perspectiva do tipo de pessoas e da proveniência delas e sei que às vezes temos pessoas do Porto, Guimarães, já chegámos a ter de Lisboa. E eu acho que isso mostra a visibilidade do espaço, que tem vindo a crescer a esse nível; e o feedback que nós temos da programação é muito bom. E depois há um termo de comparação que não somos nós que o promovemos, longe disso, mas que acaba por nos deixar contentes, por as pessoas que são desta zona fazem muita comparação com Aveiro, e acham que Ílhavo está muito à frente e melhor que Aveiro, e acabamos por beneficiar, indirectamente, desta estagnação em que Aveiro está neste momento. Porque as pessoas vão comentando... e nós temos umas fichas de inquérito de satisfação que entregamos às pessoas no final do espectáculo, falamos com as pessoas e recolhemos essas informação, e vamos tendo também feedback.

7. Consideras que o CCI e CCGN são uma entidade ou correspondem a duas instituições distintas?

São uma entidade. São dois espaços diferentes, mas é uma entidade. Lá está, como disse há pouco, nós trabalhamos nos dois lados. O Centro Cultural tem sempre a designação, e se fores à net vêes, de Centro Cultural de Ílhavo porque é a casa mãe, até porque nós trabalhamos neste espaço a tempo inteiro, os escritórios são aqui, às vezes vamos lá...

Mas é um espaço que pertence à instituição, é isso?

Sim.

8. Como é a relação institucional do CCI e CCGN com os restantes equipamentos (culturais) do município?

É boa e muito próxima. Há bocado eu era para falar numa das questões que colocaste... Cada vez mais nós somos solicitados, até porque neste momento como há pessoas especializadas para fazer determinados trabalhos... por exemplo a Semana Jovem: era a divisão da cultura, mas as pessoas não trabalhavam só na área da produção ou técnica, e uma vez que nós pertencemos à Câmara como é óbvio nós também fazemos essas actividades. Desde Biblioteca, Museu, sempre que há uma necessidade nessas áreas, nós damos resposta.

Tudo é dirigido pelo município...

Sim.

E o facto de serem funcionários da autarquia promove a relação institucional?

Sim. Apesar de trabalharmos no CCI e CCGN nós trabalhamos para a Câmara em primeira instância e então damos resposta a todas as necessidades.

Então consideras que essa relação com o Museu e a Biblioteca é próxima?

É muito próxima.

9. E com os Teatros Municipais dos concelhos envolventes?

Aqui há dois níveis, que é o institucional e o pessoal, e eu no institucional não tenho muito a dizer. Há uma preocupação neste momento, não sei se tens conhecimento da CIRA, e há um cuidado de programar em rede, e acho que por aí já é um grande passo em frente. Porque até aqui cada um programava por si, tinha-se que andar sempre atento para não se roubar públicos, para não roubar projectos, roubar entre aspás, claro. Mas a CIRA, este trabalho em rede, promove a ligação entre os espaços, facilita a programação e mesmo as relações entre...

Consideras que essa rede ajuda?

Completamente. Nós fazemos cedências de material, há um maior contacto, tenho vindo a reparar...

Podes falar de casos concretos?

Sim, o caso de Albergaria, de Águeda, Sever do Vouga; nós temos um trabalho próximo com Sever do Vouga – o Centro de Artes e Espectáculos – Águeda também e o Alba. Nós vamos ver projectos, eu não vou muito, a minha colega Vanessa vai mais, por questões de tempo não tenho muita hipótese de ir, mas para podermos sugerir espectáculos vamos ver e nós vamos com convite. Mas em termos pessoais, enquanto Catarina Mano como produtora, o relacionamento é muito bom, principalmente com estes três espaços, com as pessoas que estão nas mesmas áreas que eu, e sobretudo com Albergaria e Sever do Vouga, temos uma relação próxima e de desbloqueio de uma série de situações.

Em Albergaria com a Cristiana?

Em Albergaria com o Pedro.

O Pedro Teixeira... estive lá ontem a entrevistá-lo...

O Pedro, lá está, já o conhecia antes porque ele é daqui da zona e conhecia-o antes de ele trabalhar nesta área.

10. Qual a área de influência do CCI e CCGN, isto é, que comunidade consideras que é a comunidade a que se dirigem?

Chegamos muito ao público de Águeda, Águeda é muito forte, em determinados eventos até mais específicos, Aveiro, sem dúvida, Ílhavo... há um factor curioso, não sei se alguém já falou contigo, que é uma questão particular aqui da zona, que é Ílhavo e Gafanha, desde há muitos anos...

O Dr. Pina falou-me...

Eu julgo que são mais as pessoas da Gafanha que não se deslocam facilmente a Ílhavo do que o contrário, e também tenho essa percepção pelos inquéritos... os colegas conseguem arranjar-te os inquéritos da proveniência de público, mas Oliveira do Bairro, algumas pessoas do Porto, S.João da Madeira.

Quase tudo a norte de Ílhavo...

Sim, a norte.

Vocês têm esses dados em termos de percentagem? A que corresponde o público de Ílhavo...

Percentagens não temos...

Do concelho de Ílhavo...

Eu não tenho presente números, mas podemos facultar isso porque temos presenças de cada espectáculo. Mas a maioria são de Ílhavo, não te sei dizer se chega aos 50%, mas é uma grande parte.

Referes-te a Ílhavo e Gafanha?

Ílhavo e as Gafanhas, mas com mais incidência em Ílhavo.

Estás a constatar as pessoas que se deslocam aqui para as vossas iniciativas, mas, na tua perspectiva, quando se programa ou quando se pensa na programação, pensa-se em que comunidade? Pensa-se nestas comunidades ou pensa-se na comunidade ilhavense e da Gafanha e depois as outras são um acréscimo? O que é que te parece?

Pois, eu não sou a programadora e preocupo-me mais com o executar, mas há uma preocupação efectiva com as pessoas de cá, com a comunidade. Nós desenvolvemos actividades do Serviço Educativo com envolvimento da comunidade local, mas nós pensamos a nível geral, até porque preencher uma casa de 500 lugares tem... há projectos que não são pensados para esgotar salas, porque pertencendo à Câmara temos a função de formar públicos, de gerar aqui alguma predisposição para consumo da cultura, aquele papel...

Parece-te que há a preocupação de assumir esse papel?

Há, de todo. Mas também pensando num público abrangente, temos de fazer aqui um contrabalanço das duas questões, não prejudicando nunca o público local programamos também de modo generalista.

Quando falas em local, referes-te a ilhavenses...

Ílhavo e Gafanha... local é o concelho. E falo CCI e CCGN, e há também aqui uma preocupação em não segmentar públicos de acordo com os projectos. Não queremos levar para a Gafanha... porque às vezes nós também sentimos um bocadinho... acham que nós mandamos para a Gafanha determinado tipo de projectos e nós tentamos um equilíbrio.

Isso é uma questão que pretendo falar com o Dr. Pina... pretendo perceber isso, quais são os critérios para se concretizar no CCGN e aqui (CCI).

Aí há uma questão que é a lotação de espaço, que eu acho que é primordial. Aqui temos uma sala com capacidade para 500 lugares, lá com 377, mas ele melhor eu que eu poderá ajudar nisso.

12. Como caracterizas a comunidade de Ílhavo e da Gafanha da Nazaré?

Já falaste que há uma diferenciação entre os habitantes da Gafanha e de Ílhavo, mas em termos de adjectivos como é que podes caracterizar? Sabes que estas questões... foi uma das razões por que vim estudar os Teatros daqui é que eu não conheço a região, nem os Teatros nem a região, daí o meu interesse em perceber que população é que temos aqui.

Não conhecendo és completamente isento.

O público está completamente diferente, neste momento, do que estava há sete anos atrás, quando o Centro inaugurou, não tinham qualquer tipo de ligação com o Centro. A obra foi muito controversa – não sei se já ouviste falar - porque era o espaço do mercado municipal onde as pessoas se encontravam, um mercado muito à mão, e para a construção do Centro o mercado foi para uma zona que já não é tão central e o Centro foi visto com maus olhos, e depois a própria construção em si não foi bem encarada, portanto, isto era aqui um bicho, um monstro de vidro; as pessoas também não percebiam para que era preciso um espaço tão grande, algumas pessoas achavam que para consumir cultura tinham um espaço aqui ao lado, mas a alternativa ao consumo não havia.

Qual era a alternativa?

Aveiro, o Teatro Aveirense. Mas eu acho que grande parte da comunidade, para não falar de toda a comunidade daqui, tinha muito poucos hábitos de cultura e isso foi mudando gradualmente, e hoje com o desenrolar da nossa actividade, e em particular desde há três anos para cá, com a realização do Festival Rádio Faneca, um projecto que envolve de forma muito próxima a comunidade, nós começámos a chamar muitas pessoas ao Centro, não só através dos ensaios como depois o convite para assistir a algumas acções, e cada vez mais as pessoas vêm aos espectáculos; depois também organizamos eventos, como o Dia da Dança e algumas actividades com entrada livre que permitem ir conhecendo, e neste momento é completamente diferente o público e a maneira de estar, de ver a cultura, em relação há sete anos.

A relação com a instituição...

Com a instituição, com as pessoas, com a equipa. A comunidade é calorosa e próxima, neste momento podemos dizer assim, regra geral não há estranheza nem aversão, pelo contrário. Ontem eu e a Vanessa estivemos na rua a divulgar os projectos do Rádio Faneca e conhecemos metade das pessoas pelo nome, elas sabem os nossos nomes, convidam-nos a entrar nas casas...

Estás a referir-te aqui a Ílhavo...

A Ílhavo, sim. E acho que é mais em Ílhavo do que na Gafanha. Há um envolvimento também muito grande, mas lá está, nós passamos menos tempo lá, essa é a verdade...

Desculpa lá, ia perguntar adiante mas aproveito já...

15. De que forma é que os espaços, o CCI e CCGN, estão ao dispor da comunidade? Falo de associações, um colectivo, ou de uma pessoa, individualmente.

Se for uma associação de cá, comunidade local, normalmente, se não tiver fins lucrativos, há uma cedência de espaço sem qualquer custo.

Qualquer um dos espaços?

Sim. Normalmente as pessoas preferem Ílhavo pela lotação porque se vão fazer uma acção, por exemplo, de angariação de fundos, tem mais lugares logo mais bilhetes vendidos e mais dinheiro amealhado. Se for uma entidade, por exemplo escolas de dança, aí é através de aluguer, mesmo sendo de cá, porque vem para venda de bilhetes, são professores, é diferente. Mas também os casos são todos analisados um a um. Tenta-se dar uma resposta positiva a todas as solicitações, mas nem sempre é possível, e cada vez mais, porque temos muitos eventos.

Mas nesse sentido o espaço da Gafanha da Nazaré é uma ajuda, ou não?

Só que a equipa é a mesma.

Pois... (risos)

Nós por exemplo este fim-de-semana, no sábado, tivemos a trabalhar dois a dois, e já aconteceu várias vezes nós termos que nos dividir...

Mas há muitas solicitações?

Sim, sim, ainda este fim-de-semana tivemos do jornal local.

Este espaço está aberto ou fechado? O de exposições está aberto...

Sim. Isto depende do critério. Quando temos exposição cá em cima, e mais uma vez pela limitação ao nível de funcionários, temos a colega administrativa na sala dela e o colega de som e o colega de bilheteira, então para eles assegurarem as suas funções, o controlo da sala de exposições e a bilheteira, tem que ficar cá em cima. Quando não há exposição cá em cima ele passa lá para baixo para as pessoas terem acesso a todo o foyer.

E na Gafanha?

É o mesmo sistema. É nos mesmos moldes, quando há exposições está na sala de exposições, quando não há está no foyer e onde as pessoas acedem aos outros espaços.

13. Como caracterizas o público do CCI e CCGN? É possível descrever, ainda que de forma superficial, o público que costuma frequentar os espectáculos nos centros culturais? Idade, sexo, localidade, ocupação profissional, etc...

Eu acho que a nível de sexo é muito equilibrado. Temos muitos casais e mesmo em grupos de amigos costuma haver heterogeneidade. A idade depende muito da acção, mas eu diria que na generalidade o nosso público tem entre os 30 e os 60.

Claro que depois depende das acções, têm iniciativas para crianças e jovens...

Exacto, e até para bebés, vêm com as mães... temos, por exemplo, as escolíadas, que são jovens adolescentes, dos 13 aos 18. O público é abrangente porque a própria programação é abrangente. A formação ou ocupação profissional também é... sendo que nós temos aqui muitas pessoas já formadas, mas a heterogeneidade é que marca presença.

E as diferentes esferas da sociedade, conseguem envolver?

Sim. Nós pretendemos atingir todas, não significa que se atinja plenamente. Eu diria que, neste momento, atingimos, de modo geral, a classe média baixa, o que resulta também das circunstâncias dos tempos que correm. Mas depois também temos as pessoas que também têm ainda muito poder de compra. Mas notamos que apesar da flutuação de públicos a nível de lotação as pessoas também não deixam de vir, apesar de se calhar estarem piores.

16. Como caracterizas a programação?

Abrangente, como já falámos, até por comparação. As pessoas também acham, e nós fazemos um esforço para ter actividades e espectáculos para todos os públicos.

17. Quais as linguagens artísticas com maior predominância na programação?

Há predominância de alguma área artística?

Há, eu acho que sim. Há um esforço por haver diversificação das linguagens artísticas, mas a música acaba por prevalecer. Por exemplo, o Rádio Faneca é um festival de cruzamentos, temos a área da dança, multimédia, performance, teatro, mas a música acaba por assumir um papel relevante.

E além da música?

Além da música nós temos as outras áreas...

De entre as outras áreas há alguma predominância entre o teatro, a dança...

Depende... por exemplo, se nós contarmos com os alugueres ou pedidos de cedências se calhar eu diria a dança, porque aqui à volta temos muitas companhias, tanto privadas como...

De entre a música há vários espectros, consideras também abrangente?

Sim.

18. Que alterações significativas verificaste com a mudança de executivo/vereação?

Sinceramente nenhuma.

É um trabalho de continuidade?

Sim. Mantém-se a aposta... mas lá está, estou a falar enquanto produtora. Com menos dinheiro o esforço é o mesmo, manter a diversidade da programação, a aposta nas pessoas, tanto a nível da equipa como da própria comunidade. Eu acho que é um trabalho contínuo, até porque já era – não sei se sabes – o actual presidente era vereador na altura, já fazia parte do executivo camarário.

19. Na tua perspectiva quais os principais critérios de programação?

Qualidade, sem dúvida.

O que é que está na base das escolhas?

Actualidade. Estamos muito atentos, e eu também dou algum apoio a nível de programação e tento estar, desde Facebook, eu oiço a Antena3 todos os dias e gosto de estar ligada à música, e tentamos estar sempre em cima do que está a acontecer.

Mas isso relativamente a todas as linguagens?

Sim, em todas as áreas. Depois fazemos também um esforço por não coincidir espectáculos a nível geográfico com outros espaços, para não roubar públicos, ou pelo menos com determinado tempo entre elas, e também temos sempre a preocupação de trazer projectos novos e com qualidade e que tenham cachets acessíveis...

Também há esse critério...

Sim.

Não há, então, uma aposta tão grande nos clássicos, se podemos chamar assim...

Sim. A actualidade é um critério, eu acho que sim.

Parece-te que há uma perspectiva de agradar à população, ou ao vosso potencial público, ou há uma perspectiva de mostrar...

É um equilíbrio entre dar o que as pessoas querem e a aposta.

20. Quem define esses critérios? (E o papel da vereação?)

21. De que forma tu e os restantes elementos da equipa participam no processo?

Não sei se tu e o Vasco participam, de alguma forma, nesse processo de escolha, de selecção...

A um segundo nível, porque o primeiro nível é com o Dr.Pina e o vereador da cultura, o Eng. Paulo Costa, anteriormente era com o Presidente Eng. Ribau Esteves, mas agora o vereador da cultura acumulou mais funções e faz essa ponte com o Dr. Pina. Mas nós temos, felizmente e acho que só assim é que funciona, temos todos uma palavra ou somos consultados e nós próprios sugerimos projectos.

22. De que forma é promovida a instituição e as suas acções?

Formatos?

E estratégias...

O Facebook é muito forte, cada vez mais, através do Facebook institucional e pessoal, cada um tenta estabelecer com a sua rede de contactos para se fazer passar a informação, tentar direccionar para os públicos já nesta primeira fase; depois temos os muppies e os cartazes pela cidade, por Aveiro, aqui nesta zona; a agenda, que alargámos há bem pouco tempo até ao Porto.

A agenda municipal ou do Centro Cultural?

Do Centro Cultural.

Sempre houve as duas agendas, a municipal e a do Centro Cultural?

Sim. Depois em situações particulares temos flyers de eventos isolados se for um evento específico, por exemplo a Rita Redshoes no espectáculo de aniversário do porto de Aveiro, até pelo facto de ser naquele contexto específico, havia um flyer só para ela no âmbito do concerto de aniversário. Depende das acções... e tentamos agrupar...

E quem toma essas decisões?

É entre o Dr.Pina, o vereador e o nosso colega da comunicação. Depois tentamos conjugar as acções e agrupá-las, o que é Serviço Educativo, a música, também temos vindo a ter packs, tanto na área da dança, do teatro e da música, normalmente são três acções e fazemos um suporte para esse pack. Temos o site, a newsletter, e depois também é divulgada e difundida a actividade do Centro na agenda municipal e na nota informativa do município.

Essas estratégias têm-se alterado com o passar do tempo ou vão mantendo...

Vão sendo alteradas, até para podermos melhorar os resultados e sermos mais eficazes. Neste momento também temos um reforço na equipa, que é do município, na área da comunicação, para trabalhar precisamente, o Facebook, por exemplo, e dar um outro impacto e conseguirmos chegar a mais pessoas, lançando sempre a informação.

Anexo 7.4 - Questionário a José Pina (Director do Centro Cultural de Ílhavo) respondido por correio electrónico a 2 de Dezembro de 2015

1. Nas entrevistas falou-me de que uma das pretensões da instituição é a formação de públicos. O que entende por formação de públicos?

Desenvolvimento de um conjunto de projectos/acções e dinâmicas culturais que captem a atenção e participação do público, em especial, aquele com menos conhecimento e menos hábitos culturais, de forma a médio prazo, sentirmos que existe uma relação equilibrada entre a procura de bens e serviços culturais e a sua disponibilização pelos centros culturais.

Para o efeito tentamos abranger todas as faixas etárias e camadas sociais, num processo que tem sido continuo de aprendizagem e de mediação entre o público alvo da nossa acção e os centros culturais. Como? comunicando, criando laços de identificação, fidelizando, educando de forma regular e não esporádica, com conteúdos diversificados, com a criação de rotinas e de oferta pedagógica e com a criação de uma equipa profissional e multidisciplinar. Não optamos por recrutar público. Temos feito um percurso que se caracteriza pelo investimento e tentando estar ao lado das expectativas do público e da satisfação das suas necessidades, sem descuidar o novo projecto e objectivos estratégicos,

2. Nas entrevistas referiu que a programação do Teatro é também dirigida a um público regional e, por vezes, nacional. Pode especificar melhor o que considera ser público regional? Delimite, p.f.

Público da região Centro do país e da comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro.

3. Como caracteriza a relação com a cidade e a população de Aveiro?

Boa, com elevadas taxas de ocupação de público proveniente de Aveiro.

3.1 E com o Teatro Aveirense? Normal.

4. Como tem sido a vossa relação com o Cineteatro Alba e com o Cineteatro de Estarreja? Normal.

5. Denota-se um maior número de acções totais na programação em 2010 e 2011. Por que razão?

Por nenhuma razão especial, penso que será o efeito de consolidação e de descoberta do centro após o primeiro ano de actividade completa (12 meses) que aconteceu em 2009.

6. A partir de 2012 denota-se um decréscimo das acções, sobretudo de dança, teatro e exposições. Por que razão?

Questões de opções de programação global e disponibilidade orçamental.

7. O cinema constitui-se como a segunda área com maior número de acções entre 2008 e 2014. Por que razão?

Porque era a área com maior necessidade de regularidade de apresentação.

7.1 O cinema assumiu maior relevância na programação até 2011 e a partir de 2012 denota-se um decréscimo. Por que razão?

Devido ao decréscimo de filmes disponíveis para exibição e por opções de programação

8. As actividades multidisciplinares (que por norma são iniciativas promovidas por outras entidades e/ou cedências de sala), correspondem ao maior número de acções em 2012. Por que razão?

Por um maior acréscimo na procura do espaço e porque começamos a ter mais condições de responder a estes acolhimentos do ponto de vista técnico e de equipa

9. A aposta na música pop/rock distancia-se bastante dos restantes sub-géneros. Por que razão?

Por opção programática

Anexo 8 – Mapa de participações financeiras para recuperação do Cineteatro de Estarreja

MAPA DE PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS			
PROJECTOS FINANCIADOS NO ÂMBITO DO FEDER - III QCA			
Designação do Projecto	Investimento CME		Comparticipação Comunitária
	Total	Elegível Final	
P. O. R. - Centro			
Eixo I - Apoio aos investimentos de interesse municipal e intermunicipal			
Medida I.7 - Acções Específicas de Valorização Territorial			
Remodelação do Cine-Teatro de Estarreja	1 972 076,97	1 705 971,01	1 194 180,23
P. O. da Cultura			
Eixo II			
Medida 2.1			
Requalificação e Revitalização do Cine-Teatro	440 426,57	348 376,87	174 188,44
Total	2 412 503,54	2 054 347,88	1 368 368,67

Figura 1 – Quadro de apoios financeiros para a recuperação do Cineteatro de Estarreja. (Imagem enviada por Isabel Pinto através de correio electrónico a 27 de Fevereiro de 2015).